

"Emocionante! Uma história intensa sobre perda e controle, e como o amor pode ser contaminado pelos dois."

PUBLISHERS WEEKLY

ESPOSA PERFEITA

 Harper
Collins

S É R I E
WILL TRENT

KARIN SLAUGHTER

AUTORA DE FLORES PARTIDAS



"Emocionante! Uma história intensa sobre perda e controle, e como o amor pode ser contaminado pelos dois."
PUBLISHERS WEEKLY

ESPOSA PERFEITA

 Harper
Collins

S É R I E
WILL TRENT

KARIN SLAUGHTER

AUTORA DE FLORES PARTIDAS

ESPOSA PERFEITA

 Harper
Collins

Tradução
Marcelo Barbão

S É R I E
WILL TRENT

KARIN SLAUGHTER

AUTORA DE **FLORES PARTIDAS**

Rio de Janeiro, 2017



Título original: THE KEPT WOMAN

Copyright © Karin Slaughter, 2015

All rights reserved.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, eventos ou locais é uma coincidência.

Contatos:

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores De Livros, RJ

S641e

Slaughter, Karin, 1971-

Esposa perfeita / Karin Slaughter; tradução Marcelo Barbão. – 1. ed. – Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

Tradução de: The kept woman

ISBN 9788595081864

1. Ficção policial americana. I. Barbão, Marcelo. II. Título.

17-42787

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Aos meus leitores

Sumário

Prólogo

SEGUNDA-FEIRA

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

UMA SEMANA ANTES

DIA ATUAL

CAPÍTULO NOVE

TERÇA-FEIRA

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

ONZE DIAS DEPOIS: SÁBADO

CAPÍTULO CATORZE

Epílogo

Sobre a autora

Prólogo

PELA PRIMEIRA VEZ na vida, ela segurou a filha nos braços. Anos antes, a enfermeira do hospital perguntou se queria segurar o bebê, mas ela se recusou. Também havia se recusado a lhe dar um nome e assinar os papéis de adoção. Não quis se comprometer, porque era o que ela sempre fazia. Lembrava-se de ter vestido a calça jeans antes de deixar o hospital. Ainda estava molhada de quando a bolsa se rompeu. A cintura estava folgada onde antes apertava, e ela agarrou o tecido que sobrava enquanto descia as escadas dos fundos e corria para se encontrar com o cara que a esperava dentro do carro na esquina.

Sempre havia um cara esperando por ela, esperando algo dela, ansioso por ela, odiando-a. Tinha sido assim desde sempre. Aos dez anos: o cafetão de sua mãe ofereceu trocar uma refeição por sua boca. Aos quinze anos: um pai adotivo que gostava de cortá-la. Aos 23: um soldado que fazia uma guerra no corpo dela. Aos 34: um policial que a convenceu que não havia sido estupro. Aos 37: outro policial que a fez acreditar que a amaria para sempre.

Para sempre nunca durava tanto assim.

Tocou o rosto da filha. Gentilmente desta vez, não como antes.

Tão linda.

Sua pele era macia, sem marcas. Os olhos estavam fechados, mas havia um tremor por trás das pálpebras. A respiração ressonava em seu peito.

Com cuidado, colocou o cabelo da garota atrás da orelha. Ela poderia ter feito isso no hospital há muitos anos. Acariciado a testa enrugada. Beijado os dez dedinhos da mão, acariciado os dez dedinhos dos pés.

Unhas pintadas agora. Dedos dos pés longos machucados por tantos anos de aulas de balé, festas até tarde da noite e incontáveis outros eventos que preencheram sua vida agitada de órfã.

Ela tocou os lábios da filha com os dedos. Frios. A garota estava perdendo muito sangue. O cabo da lâmina que saía do peito dela pulsava com seu coração, às vezes como um metrônomo, outras como um ponteiro dos segundos preso, perdendo força.

Todos esses anos perdidos.

Ela deveria ter segurado a filha no hospital. Pelo menos uma vez. Deveria ter deixado alguma lembrança do seu toque, assim a filha não recuaria como fazia agora, afastando a

mão dela como se estivesse fugindo de alguém estranho.

Elas *eram* estranhas.

Angie balançou a cabeça. Não conseguia entender tudo que tinha perdido e por quê. Tinha de pensar como era forte; que era uma sobrevivente. Tinha passado toda a vida à beira de um abismo, fugindo das coisas que as pessoas querem: uma filha, um marido, uma casa, uma vida.

Felicidade. Alegria. Amor.

Percebia agora que tudo isso, tudo do que fugiu, a levou direto para aquela sala escura, presa naquele lugar sem luz, segurando sua filha pela primeira vez, pela última vez, enquanto a garota sangrava até a morte em seus braços.

Ouvia alguém arranhando do outro lado da porta fechada. A fresta de luz na soleira mostrava a sombra de dois pés passando.

O suposto assassino da filha?

Seu assassino?

A porta de madeira rangia na estrutura de metal. Apenas um quadrado de luz indicava onde a maçaneta costumava ficar.

Ela pensou em armas: o aço em um dos saltos que ela arrancara quando corria pela entrada. A faca saindo do peito da filha.

A garota ainda estava respirando. A lâmina da faca estava pressionada contra algo vital dentro dela, impedindo a torrente de sangue, o que tornava sua morte algo lento e difícil.

Passou os dedos pela faca por apenas um segundo antes de afastar a mão devagar.

A porta fez barulho de novo. Havia um som de rangido. Metal contra metal. O quadrado de luz diminuiu, depois desapareceu quando uma chave de fenda foi enfiada na abertura.

Clique-clique-clique, como o barulho seco de uma arma vazia.

Com delicadeza, ela pousou a cabeça da filha no chão. Ficou de joelhos, mordendo os lábios ao sentir uma dor forte nas costelas. A ferida que tinha na lateral da barriga estava aberta. Sangue escorria pelas pernas. Os músculos começavam a sofrer espasmos.

Engatinhou pela sala escura, ignorando a mistura de areia e farpas de metal que machucavam seus joelhos, a dor da ferida em suas costelas, o fluxo regular de sangue que deixava uma trilha atrás dela. Encontrou parafusos e pregos, até sua mão tocar algo frio, redondo e metálico. Pegou o objeto. No escuro, seus dedos descobriram o que estava segurando: a maçaneta quebrada. Sólida. Pesada. O eixo de dez centímetros parecia uma picareta de gelo.

Houve um último clique do trinco se abrindo. A chave de fenda bateu no chão de concreto. A porta se abriu.

Ela estreitou os olhos contra a luz que entrou. Pensou em todas as formas com que já tinha machucado os homens em sua vida. Uma vez com uma arma. Outra vez com uma agulha. Muitas vezes com os punhos. Com a boca. Com os dentes. Com o coração.

A porta se abriu mais alguns cuidadosos centímetros. A ponta de uma arma apareceu no canto.

Ela agarrou a maçaneta, com a ponta aparecendo entre os dedos, e esperou que o homem entrasse.

SEGUNDA-FEIRA

CAPÍTULO UM

WILL TRENT ESTAVA PREOCUPADO com sua cachorra. Estavam removendo o tártaro de Betty, o que parecia um gasto de dinheiro absurdo para um animal, mas, depois de o veterinário ter explicado a Will todas as coisas terríveis que a falta de higiene bucal poderia causar, ele estava disposto a vender a casa para garantir mais alguns preciosos anos para aquela coisinha.

Aparentemente, ele não era o único idiota em Atlanta que estava dando ao bicho de estimação um tratamento de saúde melhor do que muitos norte-americanos tinham. Olhou para a fila de pessoas esperando para entrar na Clínica Veterinária Dutch Valley. Um recalcitrante dogue alemão impedia a entrada na porta da frente enquanto vários donos de gatos se cumprimentavam. Will se virou para a rua. Limpou o suor do pescoço sem saber se estava transpirando pelo calor intenso do final de agosto ou pelo pânico de não saber se tinha tomado a decisão correta. Nunca tivera um cachorro antes. Nunca havia sido o único responsável pelo bem-estar de um animal. Colocou a mão no peito. Ainda conseguia sentir o coração de Betty batendo como um tamborim quando a entregou ao veterinário.

Deveria entrar lá e resgatá-la?

A buzina aguda de um carro o assustou e fez sua apreensão passar. Viu um borrão vermelho quando Faith Mitchell passou em seu Mini Cooper. Ela fez uma curva em U aberta, depois parou ao lado de Will. Ele ia pegar na maçaneta quando ela se debruçou e abriu a porta.

— Rápido — disse ela, em voz alta para ser ouvida apesar do barulho do ar-condicionado, que estava em frio polar. — Amanda já mandou duas mensagens perguntando onde estávamos.

Will hesitou antes de entrar no pequeno carro. O carro oficial de Faith, um Suburban, estava na oficina. Havia uma cadeirinha de bebê enfiada no banco de trás, o que deixava uns 75 centímetros de espaço para Will enfiar seus quase dois metros de altura.

O celular de Faith vibrou com uma mensagem nova.

— Amanda. — Ela falou o nome como uma maldição, que era como a maioria das pessoas fazia. A vice-diretora Amanda Wagner era a chefe deles na Agência de Investigação da Geórgia (AIG). Não era conhecida por sua paciência.

Will jogou o paletó no banco de trás e depois se dobrou no carro como um burrito. Inclinou a cabeça nos centímetros extras permitidos pelo teto solar fechado. O portaluvas pressionava suas canelas. Os joelhos quase tocavam o rosto. Se acontecesse um acidente, o legista teria de arrancar seu nariz de dentro do crânio.

— Assassinato — avisou Faith, tirando o pé do freio antes mesmo que ele fechasse a porta. — Homem, 58 anos.

— Ótimo — disse Will, apreciando a morte de um ser humano como só um policial poderia fazer. Em sua defesa, tanto ele quanto Faith tinham passado os últimos sete meses empurrando pedras até o topo de uma colina íngreme. Ela fora enviada a uma força especial que investigava o escândalo de corrupção nas escolas públicas de Atlanta, e ele tinha ficado preso no inferno de uma investigação sobre estupro que tinha virado o centro das atenções da imprensa.

— A central de emergência de Atlanta recebeu a ligação por volta das cinco da manhã — continuou Faith. Ela parecia sentir vertigem enquanto contava os detalhes. — Um homem que não se identificou disse que havia um cadáver perto daqueles galpões abandonados em Chattahoochee. Muito sangue. Nada da arma do crime. — Faith diminuiu a velocidade por causa de um sinal vermelho. — Não estão liberando a causa da morte pelo rádio, então deve ter sido feia.

Algo dentro do carro começou a tocar. Will tentou encontrar o cinto de segurança.

— Por que estamos trabalhando nesse caso?

A AIG não podia simplesmente assumir um caso. Tinham de receber uma ordem do governador ou ser chamados pela polícia local. O Departamento de Polícia de Atlanta investigava assassinatos o tempo todo. Geralmente não pediam ajuda. Especialmente do estado.

— A vítima é um policial de Atlanta. — Faith puxou o cinto de segurança dele e o prendeu como se fosse um de seus filhos. — Detetive Dale Harding, aposentado. Já ouviu falar dele?

Will negou com a cabeça.

— E você?

— Minha mãe o conhecia. Nunca trabalhou com ele. Ele estava em crimes de colarinho branco. Aposentou-se mais cedo por questões de saúde, depois começou a trabalhar com segurança privada. Principalmente coisas pouco civilizadas e violentas. — Faith tinha trabalhado na Polícia de Atlanta por quinze anos antes de virar parceira de Will. A mãe dela se aposentou como capitã. Conhecia praticamente todo mundo na

corporação. — Mamãe disse que, conhecendo a reputação de Harding, ele deve ter ficado no caminho do cafetão errado ou se esquecido de pagar suas apostas, então acertaram a cabeça dele com um bastão.

O carro avançou quando o sinal abriu. Will sentiu sua Glock apertando as costelas. Tentou acomodá-la melhor. Apesar do ar-condicionado forte, o suor já tinha colado sua camisa no banco do carro. A pele parecia estar sendo arrancada como um Band-Aid. O relógio no painel marcava 7h38 da manhã. Ele não conseguia parar de pensar como ficaria ao meio-dia.

O celular de Faith vibrou com uma mensagem. E vibrou de novo. E outra vez.

— Amanda — disse ela. — Por que ela separa as frases? Manda três frases em três mensagens. Tudo em letra maiúscula. Isso não está certo. — Faith dirigia com uma das mãos e digitava a resposta com a outra, o que era perigoso e ilegal, mas ela era uma dessas policiais que só viam infrações em outras pessoas. — Chegamos em uns cinco minutos, certo?

— Provavelmente uns dez, pelo trânsito. — Will agarrou o volante para evitar que terminassem na calçada. — Qual é o endereço do galpão?

Ela repassou as mensagens.

— É um terreno perto dos galpões. Beacon, 380.

O maxilar de Will travou tão forte que ele sentiu um raio de dor descendo pelo pescoço.

— É a boate de Marcus Rippy.

Faith olhou espantada para ele.

— Está brincando?!

Will negou com a cabeça. Ele nunca brincaria com Marcus Rippy. O homem era um jogador de basquete profissional acusado de drogar e estuprar uma estudante universitária. Will tinha passado os últimos sete meses construindo um caso bem sólido contra o maldito mentiroso, mas Rippy tinha centenas de milhões de dólares para gastar com advogados, especialistas e relações-públicas que garantiram que o caso nunca fosse a julgamento.

— O que um ex-policia morto está fazendo dentro da boate de Marcus Rippy menos de duas semanas depois de ele ter escapado de uma acusação de estupro? — perguntou Faith.

— Tenho certeza de que os advogados de Rippy terão uma explicação plausível quando chegarmos lá.

— Jesus.

Faith deixou o celular no porta-copos e colocou as duas mãos de volta no volante. Ficou quieta por um momento, provavelmente considerando todas as formas como a

situação se complicara para eles. Dale Harding foi um policial, mas um mau policial. A verdade sobre assassinatos na cidade grande era que, em geral, o morto raramente era um cidadão brilhante e honesto. Sem querer culpar as vítimas, mas elas tendiam a estar envolvidas em atividades — como atrapalhar cafetões e não pagar apostas — em que fazia sentido que terminassem sendo assassinadas.

O envolvimento de Marcus Rippy mudava tudo.

Faith reduziu a velocidade quando entrou no engarrafamento.

— Sei que você disse que não queria conversar sobre seu caso, mas agora preciso que fale sobre ele.

Will ainda não queria falar nada. Durante cinco horas, Rippy tinha atacado várias vezes a vítima, batendo, às vezes a estrangulando até deixá-la inconsciente. Parado ao lado da cama do hospital três dias depois, Will podia ver as linhas escuras onde os dedos de Rippy agarraram o pescoço dela da mesma forma que seguraria uma bola de basquete. Havia outras feridas documentadas no relatório médico. Cortes. Lacerações. Arranhões. Traumas por golpes. Sangramentos. A mulher só conseguia falar sussurrando, mas, ainda assim, contou sua história e continuou falando para todo mundo que quisesse ouvir até que os advogados de Rippy a calaram.

— Will? — chamou Faith.

— Ele estuprou uma mulher. Pagou para se livrar. Vai fazer de novo. Provavelmente já fez isso antes. E nada disso importa, porque ele sabe jogar basquete.

— Uau, quanta informação. Obrigada.

Will sentiu a dor na mandíbula se intensificar.

— No dia depois do Ano-Novo. Dez da manhã. A vítima foi encontrada inconsciente na casa de Marcus Rippy por uma das empregadas. Ela chamou o chefe de segurança de Rippy, que ligou para o gerente de negócios de Rippy, que ligou para os advogados de Rippy, e no final chamaram uma ambulância particular para levá-la ao Hospital Piedmont. Duas horas antes de a vítima ter sido supostamente encontrada, cerca das oito da manhã, o avião particular de Rippy partiu para Miami com ele e toda a família a bordo. Ele afirmou que as férias estavam planejadas havia muito tempo, mas o plano de voo foi entregue meia hora antes da partida. Rippy disse que não sabia que a vítima estava em sua casa. Nunca tinha visto a garota. Nunca tinha conversado com ela. Nem sabia o nome. Deram uma grande festa de Ano-Novo na noite anterior. Umas duzentas pessoas passaram pela casa dele.

— Tinha um post no Facebook de...

— Instagram — interrompeu Will, porque ele teve o prazer de navegar na internet por horas vendo vídeos da festa que as pessoas fizeram com os celulares. — Alguém na festa postou um gif da vítima gaguejando umas palavras antes de vomitar dentro de um

balde de gelo. O pessoal de Rippy mandou o hospital fazer uma análise toxicológica, que detectou maconha, anfetaminas e álcool no sangue dela.

— Você disse que ela estava inconsciente quando a levaram ao hospital. Ela deu permissão para que o pessoal de Rippy visse a análise toxicológica?

Will fez que não com a cabeça, porque não importava. A equipe de Rippy tinha pago para alguém no laboratório do hospital e vazado os resultados do exame de sangue para a imprensa.

— Você precisa admitir, ele tem o nome ideal para isso. Rapey/Rippy.* — Faith torceu a boca de lado enquanto pensava. — A casa é enorme, não?

— Quatro mil metros quadrados. — Na cabeça de Will reapareceu a planta, estudada por tantas horas que ainda parecia gravada em seu cérebro. — Tem o formato de uma ferradura com uma piscina no meio. A família vive no setor principal, no alto da ferradura. Nas duas alas de trás há várias suítes para convidados e salão de beleza, quadra interna de basquete, sala de massagem, academia, cinema e playground para os dois filhos dele. O que você imaginar, eles têm.

— Então, pela lógica, algo pode acontecer em uma parte da casa sem que alguém em outra parte fique sabendo.

— Sem que duzentas pessoas percebam. Sem que as empregadas, os mordomos, os manobristas, o pessoal do bufê, os cozinheiros, o pessoal do bar, os assistentes e quem mais estiver ali fique sabendo.

Will tinha andado por duas horas pela propriedade de Rippy com o chefe de segurança da família. Havia câmeras montadas em todos os ângulos possíveis ao redor da casa. Não havia ponto cego. Sensores de movimento detectavam qualquer coisa mais pesada do que uma folha caindo no jardim da frente. Ninguém poderia entrar ou sair da propriedade sem que alguém ficasse sabendo.

Exceto na noite do ataque. Tinha caído uma chuva forte. Estavam sem eletricidade. Os geradores eram de última tecnologia, mas, por algum motivo, o DVR externo que gravava imagens das câmeras de segurança não estava conectado à rede de energia de reserva.

— Certo, eu vi os noticiários. O pessoal de Rippy disse que ela era uma doida interessada só no dinheiro — comentou Faith.

— Eles ofereceram dinheiro. Ela recusou.

— Poderia estar esperando por uma quantia maior. — Faith bateu os dedos no volante. — É possível que as feridas dela tenham sido autoinfligidas?

Essa tinha sido a alegação dos advogados de Rippy. Eles até encontraram um especialista que estava disposto a testemunhar que as marcas de dedo gigantes ao redor do pescoço, das costas e das coxas dela tinham sido feitas pela própria mão da garota.

— Ela tinha uma marca aqui... — Will indicou as próprias costas. — Como um punho impresso entre as omoplatas. Um grande punho. Dava para ver as digitais, assim como as feridas no pescoço. Ela tinha uma contusão severa no fígado. Os médicos a deixaram de cama por duas semanas.

— Havia uma camisinha com o sêmen de Rippy...

— Encontrada no banheiro do corredor. A esposa disse que fizeram sexo aquela noite.

— E ele deixa a camisinha usada no banheiro do corredor, não no da suíte? — Faith franziu a testa. — O DNA da esposa estava na parte externa da camisinha?

— A camisinha estava no chão de azulejo que tinha sido recentemente higienizado com um produto à base de água sanitária. Não conseguimos encontrar nada na parte externa.

— Algum DNA encontrado na vítima?

— Havia alguns fios não identificados, todos femininos, provavelmente vindos do dormitório da universidade.

— A vítima disse quem a convidou para a festa?

— Ela foi com um grupo de amigas da universidade. Nenhuma delas conseguiu se lembrar de quem foi convidada primeiro. Nenhuma delas conhecia Rippy pessoalmente. Ou pelo menos nenhuma afirmou isso. E todas as quatro imediatamente se distanciaram da vítima quando comecei a bater na porta delas.

— E a vítima identificou positivamente Rippy?

— Ela estava na fila para o banheiro. Isso foi depois que vomitou no balde de gelo. Diz que só tinha tomado uma bebida, mas que a deixou mal, como se algo não estivesse certo. Rippy se aproximou dela. A garota o reconheceu na mesma hora. Ele foi legal, disse que havia outro banheiro no corredor na ala dos convidados. Ela o seguiu. Foi uma longa caminhada. Ela estava se sentindo um pouco tonta. Ele a abraçou, ajudou-a a se equilibrar. Levou-a para a última suíte de convidados no final do corredor. Ela foi ao banheiro. Saiu e ele estava sentado na cama sem as roupas.

— E depois?

— Depois ela acordou no hospital no dia seguinte. Tinha uma concussão feia por ter recebido um soco ou um golpe na cabeça. Foi estrangulada repetidamente, perdeu a consciência algumas vezes. Os médicos acham que ela nunca vai recuperar completamente as lembranças daquela noite.

— Hum.

Will sentiu o peso do ceticismo dela no tom.

— E o banheiro do corredor onde a camisinha foi encontrada? — perguntou Faith.

— Seis portas de distância da suíte de convidados, então eles passaram no caminho até lá, e ele passou depois ao voltar para a festa. Há provas em vídeo de celulares que o mostram aparecendo e desaparecendo da festa a noite toda, e ele usou isso como álibi. Metade do seu time o apoiou. Jameel Gordon, Andre Dupree, Reuben Figaroa. Estavam todos na delegacia no dia seguinte com seus advogados a tiracolo. Quando a AIG entrou no caso, todos eles se recusaram a ser interrogados de novo.

— Típico — notou Faith. — Rippy disse que não tinha visto a vítima na festa?

— Correto.

— A esposa foi bastante participativa, certo?

— Foi um megafone em defesa dele. — LaDonna Rippy foi a todo noticiário e a todo programa de TV que a convidasse. — Ela apoiou tudo o que o marido disse, incluindo que não tinha visto a vítima na festa.

— Hum — Faith parecia ainda mais cética.

— E as pessoas que viram a vítima aquela noite disseram que estava bêbada e caindo sobre qualquer jogador de basquete que passasse pela frente — acrescentou Will. — O que, se você olhar para o gif dela vomitando e combinar com o teste toxicológico, faz sentido. Mas aí você olha para o kit de estupro e sabe que ela foi brutalmente estuprada, e a vítima sabe que Rippy estava sentado naquela cama, totalmente nu, quando ela saiu do banheiro.

— Advogado do diabo?

Will assentiu, apesar de saber o que viria.

— Posso ver por que deu errado. É a palavra dela contra a dele, e Rippy tem o benefício da dúvida porque é assim que a Constituição funciona. Inocente até blá-blá-blá. E não vamos esquecer que Rippy é estupidamente rico. Se ele vivesse em um trailer, seu advogado pró-labore teria pleiteado cinco anos por falsa acusação para deixá-lo fora do registro de abusadores sexuais, fim da história.

Will não respondeu porque não havia mais nada a falar.

Faith segurou forte o volante.

— Odeio casos de estupro. Você não joga um caso de assassinato para um júri e eles perguntam: “Bom, o cara foi *realmente* assassinado ou ele está mentindo porque quer atenção? E o que ele estava fazendo naquela parte da cidade? E por que ele estava bebendo? E todos aqueles assassinos com quem ele saiu antes?”

— Ela não era carismática. — Will odiava que isso fosse importante. — A família dela é um caos. Mãe solteira viciada em drogas. Não tem nem ideia de quem é o pai. Teve problemas com drogas no colégio, um histórico de automutilação. Estava saindo de uma suspensão na faculdade. Namorava vários, passava muito tempo no Tinder e no OkCupid, como todo mundo na idade dela. O pessoal de Rippy descobriu que ela tinha

feito um aborto há alguns anos. Ela basicamente traçou a estratégia deles para o julgamento.

— Não há muita distância entre ser uma boa e uma má garota, mas quando você cruza essa linha... — Faith soltou um suspiro. — Você não imagina a merda que as pessoas falaram sobre mim quando fiquei grávida de Jeremy. Um dia eu era a estudante de honra do colégio, com a vida inteira pela frente, e no dia seguinte eu era uma Mata Hari adolescente.

— Levou um tiro por ser espiã?

— Você sabe do que estou falando. Virei uma pária. O pai de Jeremy foi mandado para viver com a família no norte. Meu irmão ainda não me perdoou. Meu pai foi forçado a deixar o clube, perdeu um monte de clientes. Nenhuma das minhas amigas falava comigo. Tive de deixar a escola.

— Pelo menos foi diferente quando você teve Emma.

— Ah, claro, uma mulher solteira de 35 anos com um filho de vinte anos e uma filha de um ano é sempre elogiada por suas excelentes escolhas na vida. — Faith mudou de assunto. — A garota tinha um namorado, certo? A vítima?

— Ele terminou com ela uma semana antes do ataque.

— Oh, mas que azar... — Faith tinha trabalhado em várias investigações de estupro para saber que o sonho de um advogado de defesa era uma vítima que quer deixar o ex-namorado com ciúmes.

— Ele a apoiou depois do ataque — disse Will, apesar de não ser fã do ex-namorado. — Ficou ao lado dela. Fez com que se sentisse segura. Ou pelo menos tentou.

— O nome de Dale Harding nunca apareceu durante a investigação?

Ele balançou a cabeça.

A caminhonete de uma rede de TV passou rápido, se enfiando pela contramão por uns vinte metros, até fazer uma curva proibida.

— Parece que as notícias do meio-dia já têm sua manchete — comentou Faith.

— Eles não querem notícias. Querem fofocas.

Até o caso de Rippy ser rejeitado, Will não conseguia sair da sede da AIG sem que algum jornalista bem-arrumado tentasse arrancar algo dele. Ele até que ficou bem, considerando as ameaças de morte e a intimidação virtual dos fãs de Rippy contra quem o acusava.

— Aposto que poderia ser coincidência — retomou Faith — Harding ter sido encontrado morto na boate de Rippy.

Will olhou para ela. Nenhum policial acreditava em coincidência, especialmente uma policial como Faith.

— Certo — ela cedeu, girando o volante para seguir a caminhonete da TV em uma curva ilegal. — Pelo menos sabemos por que Amanda mandou quatro mensagens. — Seu celular vibrou. — Cinco. — Faith agarrou o aparelho; o dedão deslizou pela tela. Fez uma curva fechada. — Jeremy finalmente atualizou o status no Facebook.

Will segurou o volante enquanto Faith digitava uma mensagem para o filho, que estava viajando de carro pelo país com três amigos naquelas férias de verão, aparentemente com o único objetivo de deixar a mãe preocupada.

Faith murmurava enquanto digitava, reclamando da estupidez dos jovens em geral e do seu filho em particular.

— Essa garota parece ter dezoito anos para você?

Will olhou para a foto de Jeremy parado perto demais de uma loira com um vestido muito curto. O sorriso no rosto dele era tristemente esperançoso. Jeremy era um jovem magricela e nerd, estudante de física na Georgia Tech. A loira era tanta areia para o caminhão dele que o garoto desaparecia ao lado dela.

— Eu ficaria mais preocupado com o cachimbo no chão.

— Oh, pelo amor de Deus! — Faith parecia querer jogar o celular pela janela. — É melhor que a avó dele não veja isso.

Will viu Faith enviar a foto para a mãe dela exatamente para que isso acontecesse.

Apontou para o próximo cruzamento.

— Aqui é Chattahoochee.

Faith ainda estava xingando a foto quando fez a curva.

— Como mãe de um menino, olho essa foto e penso: “Não a engravide.” Então, olho como a mãe de uma menina e penso: “Não se drogue com um cara que acabou de conhecer, porque os amigos dele poderiam estuprar você juntos e deixar seu corpo no armário de um hotel.”

Will balançou a cabeça. Jeremy era um bom rapaz com bons amigos.

— Ele tem vinte anos. Você precisa começar a confiar nele em algum momento.

— Não preciso, não — Faith colocou o celular de volta no porta-copos. — Não se ele quiser comida, roupas, um teto sobre a cabeça, seguro de saúde, um iPhone, videogames, dinheiro, gasolina...

Will deixou de ouvir a longa lista de todas as coisas que Faith ia tirar do pobre filho. Sua mente voltou a pensar em Marcus Rippy. A cara de convencido dele quando se sentava na cadeira com os braços cruzados e a boca fechada. Os olhares de ódio da esposa sempre que Will fazia uma pergunta. Seu agente vaidoso e seus advogados espertalhões, que eram todos intercambiáveis como os vilões de James Bond.

Keisha Miscavage, a acusadora de Marcus Rippy.

Era uma jovem durona, desafiadora, mesmo na cama do hospital. Seus sussurros roucos estavam cheios de “fodas” e “merdas”, e seus olhos estavam sempre entrecerrados como se ela estivesse questionando Will, e não o contrário.

— Não sinta pena de mim — avisara ela. — Só faça a porra do seu trabalho.

Will tinha de admitir, mesmo que só para si mesmo, ter uma queda por mulheres hostis. Odiava ter vacilado com Keisha daquele jeito lamentável. Ele nem conseguia mais ver partidas de basquete, muito menos jogar. Sempre que tocava uma bola, ele queria enfiá-la na garganta de Marcus Rippy.

— Puta merda. — Faith tinha parado vários metros atrás da caminhonete da TV. — Metade da polícia está aqui.

Will observou o estacionamento pela janela do carro. A estimativa dela não parecia longe da realidade. A cena do crime estava cheia de pessoas. Havia um veículo com as luzes acesas. Era o ônibus de investigação do Departamento de Polícia de Atlanta. Também estava ali o Laboratório Móvel da Perícia da AIG. Os carros do DPA se juntavam por todos os lados. A fita amarela de cena do crime cercava um carro queimado com fumaça saindo do asfalto quente. Havia muitos técnicos na área, colocando marcas amarelas numeradas em tudo que poderia ser prova.

— Aposto que sei quem encontrou o corpo — disse Faith.

— Viciado em crack — Will tentou adivinhar. — Frequentador de raves. Fugitivo de casa.

Ele olhou para o prédio abobadado na frente deles. A futura boate de Marcus Rippy. A construção tinha parado havia seis meses quando a acusação de estupro parecia que ia avançar. As paredes de concreto exposto estavam abandonadas e desgastadas, escurecidas debaixo de várias camadas de grafite. Havia mato brotando das rachaduras na fundação. Havia duas janelas gigantes, altas, nos cantos opostos do lado da rua do prédio. O vidro estava pintado quase de preto.

Will não invejava o trabalho dos técnicos que tinham de documentar cada camisinha, agulha e cachimbo de crack do lugar. Não havia como calcular quantas digitais e marcas de sapatos havia ali dentro. Colares e chupetas brilhantes quebrados indicavam que o espaço tinha sido usado para uma rave.

— Qual é a história da boate? — perguntou Faith.

— Os investidores cancelaram a construção enquanto esperavam que os problemas do Rippy desaparecessem.

— Sabe se eles voltaram?

Will murmurou um palavrão — não por causa da pergunta, mas porque sua chefe estava parada na frente do prédio com as mãos na cintura. Amanda olhou o relógio, depois olhou para eles, depois de novo para o relógio.

Faith também xingou quando saiu do carro. Will procurou sem olhar a maçaneta da porta, que era pouco maior que um M&M. A porta se abriu. O ar quente entrou. Atlanta estava perto do fim do verão mais quente e úmido já registrado. Sair era como caminhar direto para a boca de um cachorro bocejando.

Will saiu do carro tentando ignorar a audiência de policiais parada a alguns metros. Não ouvia as vozes deles, mas tinha certeza de que estavam apostando quantos palhaços sairiam daquele pequeno carro.

Felizmente, um dos analistas da cena do crime tinha chamado a atenção de Amanda. Charlie Reed era reconhecível com facilidade por seu bigode grosso e corpo de Popeye. Will olhou a área, procurando outros rostos familiares.

— Mitchell, certo?

Will se virou e viu um homem incrivelmente bonito. O cara tinha cabelo escuro encaracolado e uma covinha no queixo; olhou para Faith com olhos de um universitário conquistador.

— Oi. — A voz de Faith tinha um tom estranho, agudo. — Já nos conhecemos?

— Nunca tive o prazer. — O homem passou os dedos pelo cabelo flexível e juvenil. — Você se parece com sua mãe. Trabalhei com ela quando eu usava uniforme. Sou Collier. Esse é meu parceiro, Ng.

Ng fez um movimento quase imperceptível do queixo para mostrar sua indiferença. O cabelo era cortado rente, estilo militar. Estava usando grandes óculos escuros. Como seu parceiro, vestia calça jeans e uma camiseta preta escrito POLÍCIA DPA, contrastando com Will, que parecia o *maitre* de uma velha churrascaria italiana.

— Sou Trent — disse Will, endireitando os ombros, porque pelo menos ele tinha a vantagem da altura. — O que temos aqui?

— Uma confusão. — Ng olhou para o prédio em vez de olhar para Will. — Ouvi dizer que Rippy já está em um avião para Miami.

— Vocês já entraram? — quis saber Faith.

— Não subimos.

Faith esperou algo mais, depois tentou de novo.

— Podemos conversar com os policiais que encontraram o corpo?

Ng fingiu se esforçar para lembrar.

— Lembra os nomes deles, cara? — perguntou ao parceiro.

Collier negou com a cabeça.

— Olha, me deu um branco.

Faith não estava mais contente.

— Ei, *Anjos da Lei*, querem que a gente saia para vocês continuarem masturbando um ao outro?

Ng riu, mas não forneceu informação alguma.

— Pelo amor de Deus — disse Faith. — Você conhece a minha mãe, Collier. Nossa chefe é a velha parceira dela. O que acham que ela vai falar quando tivermos de pedir as informações a ela?

Collier deu um suspiro cansado. Coçou o pescoço enquanto olhava para o outro lado. O sol iluminou faixas grisalhas no cabelo dele. Havia linhas fundas nos cantos dos seus olhos. Collier devia ter quarenta e poucos anos, era um pouco mais velho que Will e isso, por algum motivo, o fez se sentir melhor.

— Certo — Collier finalmente cedeu, mas não sem antes passar os dedos pelo cabelo de novo. — Recebemos uma ligação anônima informando que havia um corpo neste local. Vinte minutos depois, chega uma unidade com dois policiais. Eles fazem a varredura do local. Encontram o corpo de um homem no andar de cima dentro de um dos quartos. Esfaqueado no pescoço. Um verdadeiro banho de sangue. Um deles reconhece Harding das idas ao bar depois do expediente: bêbado, apostador, mulherengo, típico policial da velha guarda. Tenho certeza de que sua mãe pode contar algumas histórias.

— Estávamos atendendo um problema doméstico quando recebemos o chamado — disse Ng. — Foi uma merda violenta. A garota vai passar por algumas cirurgias. A lua cheia sempre leva a essas loucuras.

Faith ignorou a história dele.

— Como Harding ou outra pessoa teve acesso ao prédio?

— Parece que com cortadores de trancas. — Collier deu de ombros. — O cadeado foi cortado de uma vez só, o que provavelmente foi feito por alguém forte. Então, achamos que foi um homem.

— Encontraram as ferramentas?

— Nada.

— Qual é a história do carro?

— Estava queimando como Chernobyl quando chegamos aqui. Chamamos os bombeiros para apagar. Disseram que um combustível foi usado. O tanque de gasolina explodiu.

— Ninguém ligou por causa do fogo no veículo?

— É, incrível — disse Ng. — Ninguém imaginaria que todos os drogados e todas as putas que invadem esses galpões não iriam querer se envolver.

Will olhou os galpões abandonados — um de cada lado da boate de Rippy. Uma placa anunciava que em breve seria construído um prédio de uso misto, mas a condição da placa indicava que o “em breve” não chegaria tão cedo. Os prédios tinham quatro andares cada um, do tamanho de um quarteirão, no mínimo. Tijolos vermelhos da

virada do século XX. Arcos góticos com vidros manchados que estavam quebrados há muito tempo.

Ele se virou. Havia um prédio comercial idêntico do outro lado da rua, com pelo menos dez andares, talvez mais se houvesse um porão. Placas amarelas na frente das portas acorrentadas indicavam que o prédio seria demolido. As três estruturas eram gigantes relíquias do passado industrial de Atlanta. Se os investidores de Rippy retomaram a iniciativa, agora que o caso de estupro virou passado, o projeto poderia render milhões, talvez bilhões de dólares.

— Conseguiram a identificação do carro? — perguntou Faith.

— Kia Sorento branco, 2016, registrado em nome de Vernon Dale Harding — informou Collier. — Os bombeiros disseram que o carro deve ter queimado por quatro ou cinco horas.

— Então, alguém matou Harding e colocou fogo no carro dele. Outra pessoa, ou talvez a mesma, ligou para a emergência cinco horas depois.

Will olhou para a boate.

— Por que aqui?

Faith balançou a cabeça.

— Por que nós?

Ng não achou que a pergunta fosse retórica. Ele apontou para o prédio.

— Isso deveria ser algum tipo de boate. Pista de dança embaixo, salas VIP ao redor do andar de cima, como um pátio em um shopping center. Achei que poderia ter uma gangue envolvida, se drogando em uma boate no meio desse bairro de merda, então liguei para minha garota, ela fez uma verificação, apareceu o nome de Rippy e eu pensei: “Ah, merda.” Então liguei para meu chefe. Ele fez uma ligação por obrigação para a escrota da sua chefe, e ela chegou uns dez minutos depois deixando nossa vida impossível.

Todos olharam para Amanda. Charlie Reed tinha ido embora e uma mulher alta com cabelo ruivo ocupava seu lugar. Ela estava prendendo o cabelo enquanto conversava com Amanda.

Ng assobiou baixinho.

— Caramba, filhão. Olha aquela ruiva linda. Fico imaginando se a cor é a mesma lá embaixo...

— Conto para você amanhã de manhã — disse Collier.

Faith olhou para os punhos fechados de Will.

— Já chega, gente.

Collier continuou sorrindo.

— Só estamos nos divertindo, oficial. — Ele piscou para ela. — Mas você deveria saber que fui expulso das Escoteiras por pegar umas menininhas.

Ng soltou uma gargalhada e Faith revirou os olhos quando se afastou.

— Ruiva. — Will contou aos detetives. — Todo mundo a chama de Ruiva. Ela é técnica de cenas de crime, mas costuma atrapalhar um pouco, então, fiquem de olho nela.

— Está saindo com alguém? — perguntou Collier.

Will deu de ombros.

— Isso importa?

— Nem um pouco — disse Collier com a extrema certeza de um homem que nunca foi rejeitado por uma mulher. Ele agradeceu a Will cheio de arrogância. — Obrigado pela aula, cara.

Will se forçou a relaxar os punhos enquanto andava na direção de Amanda. Faith estava indo para o prédio, talvez para sair um pouco do calor. A mulher ruiva estava entrando na cena do crime pelo portão da frente. Ela viu Will e sorriu, e ele sorriu de volta porque seu nome não era Ruiva, era Sara Linton, e ela não era técnica de cenas de crime, era a médica legista. E Collier e Ng não tinham nada que saber onde era ruivo e onde não era, porque três horas antes ela estava debaixo de Will na cama sussurrando tantas baixarias no ouvido dele que, por um momento, ele perdera a capacidade de engolir.

Amanda não tirou os olhos de seu BlackBerry quando Will se aproximou. Ele ficou parado na frente dela, esperando, porque era o que ela sempre o obrigava a fazer. Ele conhecia bem o alto da cabeça dela, a espiral no alto que girava e transformava seu cabelo grisalho em um capacete.

— Está atrasado, agente Trent — disse Amanda, finalmente.

— Estou, senhora. Não vai acontecer de novo.

Ela estreitou os olhos, duvidando da desculpa.

— Esse odor no ar é o cheiro de merda atingindo o ventilador. Eu já falei por telefone com o prefeito, o governador e dois promotores que se recusam a vir aqui porque não querem ser filmados pelas câmeras de TV metidos em outro caso envolvendo Marcus Rippy. — Ela olhou para o telefone de novo. O BlackBerry era seu posto de comando móvel, enviando e recebendo atualizações de sua vasta rede de contatos, muitos deles não oficiais. — Há mais três caminhonetes de TV vindo para cá, uma delas de um canal nacional. Tenho mais de trinta e-mails de repórteres pedindo declarações. Os advogados de Rippy já ligaram para dizer que vão colaborar dando todas as informações, e qualquer indicação de que estamos acusando injustamente Rippy poderia levar a um processo por

assédio. Eles só vão se encontrar comigo amanhã de manhã. Estão muito ocupados, dizem.

— Foi igual da última vez. — Will tinha feito uma reunião com Marcus Rippy, durante a qual o homem tinha ficado quase que completamente em silêncio. Faith estava certa. Uma das coisas mais irritantes sobre as pessoas com dinheiro era que elas realmente conheciam seus direitos constitucionais. — Estamos oficialmente encarregados da investigação ou o DPA está? — perguntou Will a Amanda.

— Você acha que eu estaria aqui se não estivesse oficialmente encarregada?

Will olhou de volta para Collier e Ng.

— O Capitão Furinho no Queixo sabe disso?

— Acha que ele é bonitão?

— Bem, eu não diria...

Amanda já estava caminhando para o edifício. Will teve de correr para alcançá-la, já que ela tinha o passo rápido de um pônei.

Os dois deram os nomes para o policial uniformizado que guardava o acesso à cena do crime. Em vez de entrar, Amanda fez Will ficar debaixo do sol, que começou a fritar seu cérebro.

— Conheci o pai de Harding quando era novata — contou ela. — Senior era um policial que gastava o dinheiro em prostitutas e corridas de cães. Morreu de um aneurisma em 1985. Passou o hábito de fazer apostas para o filho. Dale pediu uma licença por questões de saúde, que terminou há dois anos. Ele se aposentou antecipadamente no começo desse ano.

— Por que ele estava de licença médica?

— HIPAA — respondeu ela, referindo-se à lei que, entre outras coisas, impedia que os policiais obrigassem os médicos a contar detalhes íntimos de seus pacientes. — Estou trabalhando com alguns canais alternativos para conseguir a informação, mas isso não é bom, Will. Harding era um mau policial, mas é um policial morto, e seu corpo está caído dentro do edifício de um homem que não conseguimos prender por estupro.

— Sabemos se Harding tem alguma conexão com Rippy?

— Se eu tivesse um detetive que pudesse descobrir isso...

Ela se virou e entrou no edifício. Ainda não havia eletricidade. O interior era úmido e cavernoso, as janelas pintadas davam um aspecto fantasmagórico ao lugar. Os dois colocaram protetores para os sapatos. De repente, os geradores ganharam vida. As luzes se acenderam, iluminando cada canto do edifício. Will sentiu as retinas se encolherem em protesto.

Houve uma cacofonia de cliques quando as lanternas foram desligadas e guardadas. Os olhos de Will se ajustaram à claridade para encontrar exatamente o que esperava:

lixo, camisinhas e agulhas, um carrinho de supermercado vazio, cadeiras de jardim, colchões sujos — por alguma razão, sempre havia colchões sujos —, latas de cerveja amassadas e garrafas de bebida quebradas demais para contar. As paredes estavam pintadas com grafites multicoloridos que iam pelo menos até onde o braço de uma pessoa conseguia alcançar com uma lata de spray. Will reconheceu algumas marcas de gangues — Suernos, Bloods, Crips —, mas na maior parte havia nomes dentro de corações, bandeiras da paz e dois unicórnios gigantes bem-dotados com olhos de arco-íris. Típica arte de raves. A melhor coisa do ecstasy era que você ficava muito feliz até seu coração parar de bater.

A descrição de Ng do lugar era bastante precisa. O prédio tinha um pátio no andar de cima que se abria para o andar de baixo, como em um shopping center. Um corrimão de madeira temporário rodeava a sacada, mas havia buracos que poderiam causar problemas para uma pessoa menos cuidadosa. O andar principal era enorme, dividido com várias paredes de concreto pela metade, designando áreas privativas e um grande espaço aberto para dançar. O que deveria ser o bar fazia um arco no fundo do edifício. Duas grandes escadas em curva levavam ao segundo andar, que estava a pelo menos uns doze metros de altura. As escadas de concreto presas nas paredes davam a impressão de ser uma cobra pronta para morder a pista de dança.

Uma mulher mais velha usando um capacete amarelo se aproximou de Amanda. Ela tinha outro capacete na mão e o passou para Amanda, que o entregou a Will, que o colocou no chão.

A mulher não reclamou.

— Encontrados no estacionamento: uma sacola de plástico vazia com uma etiqueta de papel dentro. Essa sacola continha uma lona de proteção, que desapareceu da cena. A lona é da marca Handy, 1,1 por 1,7 metro, bastante comum. — Ela parou sua fala cansativa para respirar. — Também foi encontrada uma fita adesiva preta pouco usada, embalagem exterior de plástico ainda não localizada. O informe do tempo indica um dilúvio nessa área, 36 horas antes. A etiqueta de papel na sacola encerada e as pontas da fita não mostram exposição à chuva.

— Bom, acho que houve uma oportunidade, um intervalo de tempo: algum momento durante o final de semana — disse Amanda.

— Lona de proteção — repetiu Will. — É o que pintores usam.

— Correto — disse a mulher. — Nenhuma tinta ou ferramenta para pintar foram localizadas dentro ou fora do prédio. As escadas: os dois conjuntos são parte da cena e ainda estão sendo processados. Encontrados até agora: itens de uma bolsa de mulher, e algo que parece tecido. Humano, não sintético. — Ela apontou para uma plataforma

elevatória. — Vão precisar daquilo para subir. Chamamos um operador. Ele chega em 25 minutos.

— Está me zoando? — Collier tinha se aproximado deles. — Não podemos usar as escadas?

Ficou olhando cauteloso para a plataforma, que era uma máquina hidráulica que levantava uma plataforma direto no ar, meio como um elevador muito instável, aberto, com nada mais que um fino corrimão entre você e a morte certa.

— Você sabe como operar essa coisa? — Amanda perguntou a Will.

— Posso descobrir. — A máquina já estava conectada. Will encontrou a chave escondida dentro da caixa de bateria auxiliar. Ele usou a ponta da chave para pressionar o pequeno botão de reiniciar no fundo. A plataforma elevatória deu uns pulinhos para cima e para baixo, e estava pronta.

Will se agarrou no corrimão de segurança e subiu os dois degraus ao lado do motor. Amanda segurou na mão dele para segui-lo. Os movimentos dela pareciam tranquilos, principalmente porque Will fez toda a força. Ela era leve, pesava menos que um saco de boxe.

Os dois se viraram e esperaram por Collier. Ele olhou para a escada sinuosa, cujos degraus mais pareciam presas de tão pontudos.

Amanda bateu no relógio.

— Você tem dois segundos, detetive Collier.

Collier respirou fundo. Agarrou o capacete amarelo no chão. Colocou na cabeça e subiu na plataforma como um macaquinho com medo.

Will virou a chave para ligar o motor. Na verdade, ele tinha trabalhado com construção civil durante a faculdade e conseguia operar qualquer máquina daquelas. Mesmo assim, fez a plataforma balançar um pouco só pelo prazer de ver Collier agarrando o corrimão de segurança.

O motor fez um barulho estridente quando eles começaram a subir. Sara estava nas escadas ajudando um dos técnicos a coletar provas. Vestia uma calça cáqui e uma camiseta azul apertada da AIG que a deixavam ainda mais atraente. O cabelo ainda estava preso, mas uns fios tinham se soltado. Ela havia colocado os óculos. Will gostava de como ela ficava de óculos.

Ele namorava Sara Linton há dezoito meses, o que era cerca de dezessete meses e 28 dias mais do que qualquer outro período de felicidade contínua em sua vida. Ele praticamente morava no apartamento dela. Os cachorros deles se davam bem. Ele gostava da irmã dela. Entendia a mãe dela. Tinha medo do pai dela. Ela havia oficialmente entrado na AIG há duas semanas e aquele era o primeiro caso dos dois juntos. Ele ficava envergonhado por como se excitava ao vê-la.

E foi por isso que Will se obrigou a olhar para o outro lado, porque ficar admirando a namorada em uma cena de crime apavorante talvez fosse o primeiro passo dos assassinos em série.

Ou talvez ele fosse apenas um criminoso comum, porque Collier decidiu esquecer sua vertigem ao olhar para a bunda de Sara enquanto ela se abaixava para ajudar o técnico.

Will se mexeu, fazendo a plataforma balançar. Collier fez um barulho entre um ganido e um choro.

Amanda deu a Will um de seus raros sorrisos.

— Meu primeiro caso foi de um cara que caiu do alto de um andaime. Isso foi antes do Hazmat e todos aqueles regulamentos de segurança idiotas. Não sobrou muito para o legista. Tivemos de lavar o cérebro dele da calçada com uma mangueira.

Collier se inclinou para poder secar o suor do rosto no braço sem precisar se soltar do corrimão.

Eles balançaram quando Will parou a plataforma a uns centímetros da sacada de concreto. O corrimão de madeira fora arrancado. Pela abertura, havia pilhas de placas de gesso que iam até a altura do peito com uns centímetros de mofo. A forte camada de poeira nos baldes de cimento indicava que estavam ali desde que a construção parou, seis meses antes. Havia grafites por todos os lados — o chão, as paredes, os materiais de construção — com outros dois unicórnios com olhos de arco-íris parados no alto de cada escada.

Portas de madeira pesadas levavam ao que Will supôs ser as salas VIP. As portas de mogno entalhadas foram pintadas de cor de café, provavelmente na fábrica, mas os grafiteiros fizeram tudo para destruir o acabamento. Marcadores amarelos numerados apareciam em toda a área da sacada, de um conjunto de escadas ao outro. Vários técnicos com roupas brancas fotografavam e coletavam provas. Algumas das salas VIP tinham recebido luminol, um produto químico que fazia os fluidos corporais brilharem com uma luminosidade azul quando expostos à luz negra.

Will não queria pensar nos fluidos corporais que eles tinham encontrado.

Faith estava no canto da sacada, com a cabeça para trás enquanto bebia uma garrafa d'água. Usava um macacão branco Tyvek. O zíper estava aberto. Os braços cruzados. Ela tinha fingido ser uma técnica para conseguir subir até a cena do crime sem precisar esperar a carona da máquina hidráulica. Sacos de provas selados estavam empilhados na frente dela, junto com caixas fechadas de luvas, embalagens de sacos de provas e roupa protetora. A sala onde o crime aconteceu estava a poucos metros, as portas de madeira estavam abertas. Luzes piscavam enquanto a posição e o estado do corpo eram

documentados pelo fotógrafo policial. Eles não poderiam entrar antes que cada centímetro fosse registrado.

Amanda pegou o celular e leu as novas mensagens ao caminhar até a sala.

— A CNN está aqui. Terei de informar ao governador e ao prefeito. Will, você assume aqui enquanto falo com eles. Collier, preciso que veja se Harding tem família. Pelo que me lembro, ele tinha uma tia por parte de pai.

— Sim, senhora. — O ombro de Collier raspou a parede, seguindo-a de longe.

— Tire esse capacete. Parece um dos caras do Village People. — Ela olhou o celular de novo. Obviamente, tinha recebido novas informações. — Harding tem quatro esposas. Duas ainda trabalham na polícia, segundo registros. Encontre-as e descubra se há um agente de apostas ou um cafetão que apareça conectado a ele.

Collier se abaixou para deixar o capacete no chão.

— Você acha que as ex ainda falavam com ele?

— Você está mesmo fazendo essa pergunta para mim? — As palavras obviamente acertaram o alvo, porque Collier respondeu com um movimento rápido de cabeça. Ela enfiou o telefone de volta no bolso. — Faith, me diga o que você tem.

— Maçaneta no pescoço. — Faith apontou para a lateral do próprio pescoço. — Combina com as outras maçanetas aqui, então podemos supor que o assassino não a trouxe com o objetivo de cometer um assassinato. Encontraram uma G43 ao lado do carro. Está emperrada, mas pelo menos atirou uma vez. Charlie está verificando o número de série no sistema agora.

— É a nova Glock — disse Collier. — Como ela é?

— Leve, fina. O cabo é áspero, mas impressiona demais para poder carregar escondido.

Collier fez outra pergunta sobre a arma, que era fabricada especificamente para uso do governo. Will não respondeu. A arma não ia resolver aquele caso.

Ele caminhou por algumas marcas de sapatos ensanguentadas e se ajoelhou para olhar melhor a fechadura na porta. A chapa posterior era retangular, uns sete por catorze centímetros e presa na porta. Era moldada em cobre polido com um detalhe forte, em relevo, mostrando um R cursivo no centro. O logo do Rippy. Will tinha visto em todos os lados na casa dele. Ele agarrou o trinco, o comprido cilindro de metal que mantinha a porta fechada que, quando virado, permitia que ela se abrisse. Viu arranhões ao redor do quadrado vazio onde deveria estar a maçaneta. E então olhou para o chão e viu uma comprida chave de fenda com o cartão amarelo numerado ao lado.

Alguém ficou trancado dentro da sala e outra pessoa usou a chave de fenda para abrir.

Will se virou para olhar a cena do assassinato. O fotógrafo passou por cima do corpo, tentando não escorregar no sangue.

Havia muito sangue.

Borrifado no teto, esguichado e chapinhado nas paredes, brilhando contra o xadrez quase preto da competição de grafites. O chão estava inundado, como se alguém tivesse aberto a torneira da carótida de Harding e deixado vazar o sangue até secar. A luz parecia dançar no líquido escuro e solidificado. Will conseguia sentir o gosto de metal em sua boca. Também sentia o cheiro de urina que, por alguma razão, fazia com que tivesse mais pena ainda do cara com a maçaneta enfiada no pescoço como se fosse um Frankenstein.

Na área policial, não havia muita dignidade na morte.

O corpo de Dale Harding estava no centro da sala, que tinha uns 4,5 metros quadrados e um teto abobadado. Ele estava de costas, um cara grande e careca usando um terno barato e brilhante que não fechava em sua barriga ampla, mais como um policial da geração de seu pai do que da sua. A camisa estava fora da calça de um lado. Sua gravata vermelha e azul listrada estava dividida como as pernas de um corredor de competição de obstáculos. O cinto estava virado. Seu relógio Tag Heuer de aço inoxidável parecia um torniquete no pulso porque seu corpo estava inchado com os vários fluidos da decomposição. Havia um anel de ouro no dedo menor. Meias pretas esticadas ao redor dos tornozelos amarelados. A boca estava aberta. Os olhos estavam fechados. Ele tinha algum tipo de eczema. A pele ressecada ao redor da boca e do nariz parecia que havia sido salpicada de açúcar.

Estranhamente, havia somente um fio de sangue na frente do seu corpo, como se um pintor tivesse passado o pincel por ele. Havia umas poucas gotas no rosto, e mais em lugar nenhum. Nem onde se poderia esperar, ao redor do colarinho extremamente apertado de sua camisa.

— Isso foi encontrado na escada.

Will se virou.

Faith estava girando o saco de provas nas mãos para conseguir ler as etiquetas de conteúdo.

— Maquiagem Bare Minerals. MAC. Marrom-claro nas sombras dos olhos. Máscara marrom-escura. Delineador chocolate. A base e o pó são médios.

— Então, deve ser uma mulher branca — disse Amanda.

— Há também uma pomada para os lábios. La Mer.

— Mulher branca rica — emendou Amanda.

Will conhecia a marca, mas só porque Sara usava. Ele tinha visto por acaso o recibo e quase teve um ataque do coração. A pomada custava mais, por grama, do que um tijolo de heroína.

— Então, podemos presumir que uma mulher estava aqui com Harding — continuou Amanda.

— E agora não está mais — disse Faith. — Maçaneta no pescoço parece algo que uma mulher faria.

— Onde está a bolsa? — perguntou Amanda.

— Dentro da sala. Parece rasgada, como se tivesse ficado presa em algo.

— E só a maquiagem caiu?

Faith pegou os outros sacos de provas e listou os conteúdos.

— Uma chave de carro, Chevy, modelo desconhecido, nenhum chaveiro. Uma escova de cabelo com um fio marrom comprido nas cerdas. Estão indo imediatamente para o laboratório. Latinhas de Altoids, hortelã. Várias moedas com pelos da bolsa. Pacotes de lenços Puff. Estojo de lentes de contato. Um tubo de Chapstick, a La Mer da mulher pobre.

— Sem carteira?

Faith balançou a cabeça.

— O fotógrafo disse que não viu nenhuma na bolsa também, mas vamos olhar quando ele terminar.

— Então, temos um policial morto e uma mulher desaparecida. — Amanda leu a expressão de Will. — Ela não saiu da casa. Falei com ela há uma hora e verifiquei com o assistente do xerife que está estacionado do lado de fora.

Keisha Miscavage, a acusadora de Marcus Rippy. O nome dela não fora revelado à imprensa, mas ninguém ficava anônimo com a internet. Keisha foi forçada a se esconder há três meses, e ainda tinha proteção policial 24 horas por causa de sérias ameaças de morte de vários fãs de Rippy.

— E todas essas marcas de gangues? — indagou Collier. — Tem duas aqui em cima, pelo menos quatro no andar de baixo. Deveríamos chamar a força-tarefa das gangues, juntar alguns deles.

— Deveríamos juntar todos os unicórnios também? — perguntou Faith.

Amanda balançou a cabeça.

— Isso tem a ver com a mulher. Vamos supor que ela estava nessa sala. Vamos também supor que ela teve algo a ver com a disposição da vítima, se é que podemos chamar Harding de vítima. — Ela olhou para o conteúdo da bolsa. — É uma mulher branca, bem de vida, se encontrando com um policial sujo em uma parte muito perigosa da cidade no meio da noite. Por quê? O que ela estava fazendo aqui?

— Pagar é mais fácil do que casar — comentou Collier. — Talvez fosse uma prostituta, só que ele não quis pagar ou não tinha dinheiro e ela ficou doida.

— Lugar estranho para se encontrar para uma chupada — retrucou Faith.

— É uma lona pequena — disse Will, porque Amanda não passava seus fins de semana pesquisando a seção da loja de ferramentas do bairro. — O padrão seria 1,5 por 2 metros; 1,8 por 3,5 metros; mas o pacote lá fora era de 1,1 por 1,7 metro. Harding tem pelo menos cem centímetros de barriga e 1,82 de altura.

Amanda olhou para ele.

— Agora traduza isso para a nossa língua.

— Se o assassino trouxe a lona para a cena com o objetivo de se livrar do corpo, então a lona que comprou era para uma pessoa menor.

— Uma lona tamanho feminino — comentou Faith. — Ótimo.

Amanda assentiu.

— Harding se encontrou com a mulher aqui para matá-la, mas ela conseguiu virar o jogo.

— Ela está ferida. — Sara subiu as escadas. Os óculos estavam pendurados no pescoço. Usou as costas do braço para limpar o suor da testa. — Há pegadas ensanguentadas indo para as escadas à esquerda. Provavelmente de mulher, que calça 35 ou 36; são marcas que indicam que estava correndo. — Ela apontou para as escadas. — No segundo degrau, há um ponto de impacto que indica que ela caiu e bateu a cabeça, provavelmente no topo. Encontramos cabelos castanhos compridos no meio do ponto, parecido com o que encontramos na escova. — Apontou para a outra escada. — Do lado direito, temos mais pegadas caminhando e respingos passivos deixando uma trilha para a saída lateral de emergência, que desaparecem nas escadas metálicas. Respingos passivos indicam uma ferida sangrando.

— Subiu correndo e desceu caminhando? — adivinhou Amanda.

— É possível. — Sara deu de ombros. — Centenas de pessoas devem ter entrado e saído desse edifício. Alguém poderia ter feito essas marcas na semana passada e outra pessoa poderia ter deixado as gotas de sangue na noite passada. Vamos precisar analisar o DNA de toda a amostra antes de podermos falar qual pertence a quem.

Amanda fez uma careta. O DNA poderia demorar semanas. Ela preferia que sua ciência fosse mais instantânea.

— Terminado. — O fotógrafo começou a tirar o macacão de proteção. Suas roupas estavam molhadas de suor. O cabelo parecia pintado sobre a cabeça. Virou-se para Amanda. — A sala é de vocês. Vou mandar processar as fotos e fazer o upload assim que voltar.

Ela assentiu.

— Obrigada.

Sara tirou um par de luvas novas do bolso traseiro.

— Essas marcas de sapatos aqui... — Apontou para o chão, que parecia ser de um estúdio de dança. — São dos policiais que chegaram primeiro. Dois conjuntos. Um entrou na sala, provavelmente para ver o rosto. As pegadas são quase iguais. Haix Black Eagles. Calçado típico de policial.

Collier se arrepiou.

— Disseram em suas declarações que não entraram na sala.

— É melhor voltar a falar com eles. — Sara colocou um par novo de protetores de sapato enquanto explicava. — Há muito sangue. Eles reconheceram a vítima. Também é policial. É muito...

— Calma lá, ruiva. — Collier levantou a mão como um guarda de trânsito. — Não acha que deveria esperar pelo legista antes de entrar aí?

Sara o olhou da mesma forma como olhou para Will antes do que foram as duas piores horas da vida dele.

— Sou *a* legista, e prefiro que me chame de Sara ou de dra. Linton.

Faith deu uma gargalhada tão forte que ecoou pelo prédio.

Sara se apoiou na parede quando entrou no quarto. Pequenas ondas se formaram na poça de sangue. Ela pegou a bolsa no canto. A tira estava arrebentada. Havia um comprido rasgo na lateral. A bolsa era de couro preto texturizado, com zíper e fivela de latão pesado e um cadeado no fecho, o tipo de coisa que poderia ser muito cara ou muito barata.

— Não vejo nenhuma carteira. — Sara pegou um tubo dourado de batom. — Sisley, rose cashmere. Tenho o mesmo em casa. — Sobrancelhas se levantaram. — O dourado está riscado na lateral, igual ao meu. Deve ser um defeito de fabricação.

Sara colocou o batom de volta na bolsa. Ela sentiu o peso.

— Isso não parece Dolce & Gabbana.

— Não — Amanda olhou dentro da bolsa. — É falsa. Veja a costura.

— O símbolo está na fonte errada também. — Faith esticou o plástico no chão para que pudessem fazer um inventário mais cuidadoso. — Por que comprar uma D&G falsa quando há dinheiro para Sisley e La Mer?

— Bolsa de 2.500 dólares *versus* batom de cinquenta dólares? — argumentou Amanda.

— Dá para roubar um batom, mas não a bolsa — completou Faith.

— Talvez fosse uma amostra. O risco pode ter sido feito quando a etiqueta foi retirada.

Will tentou dar a Collier um sinal conspirador de “os homens não têm ideia do que elas estão falando”, mas Collier estava mais para um olhar de “quero dar um tiro na sua cara”.

Sara voltou para a sala. Aquela era sua primeira oportunidade de realmente examinar uma cena de crime. Will tinha visto algumas vezes aquele lado dela antes, mas nunca em uma investigação oficial. Ela passou um tempo explorando a sala, estudando silenciosamente os padrões de sangue, os borrifos no teto. O grafite não facilitava o trabalho. As paredes estavam pintadas de preto em alguns lugares por causa dos muitos grafites. Ela se aproximava, colocando os óculos para conseguir distinguir o que era tinta de spray e o que era sangue. Caminhou ao redor do perímetro da sala duas vezes antes de começar a examinar o corpo.

Ela não podia se ajoelhar no sangue, então se agachou na altura da cintura de Harding. Procurou nos bolsos da frente, entregando para Faith um chocolate derretido, um pacote aberto de Skittles, um maço de dinheiro preso por um elástico verde e umas moedas. Em seguida, verificou o paletó. Havia uma folha de papel dobrada dentro do bolso do peito. Sara desdobrou a página.

— Formulário de corrida. Aposto on-line.

— Cachorros? — Amanda tentou adivinhar.

— Cavalos.

Sara entregou o papel para Faith, que colocou no plástico junto com os outros itens.

— Nenhum celular — notou Faith. — Nem no Harding. Nem na bolsa. Nem no prédio.

Sara deu tapinhas pelo corpo, para ver se tinha deixado passar algo óbvio nas roupas dele. Abriu as pálpebras de Harding. Usou as duas mãos para abrir a mandíbula dele e olhar dentro da boca. Desabotoou a camisa e a calça dele. Estudou cada centímetro de seu abdome inchado. Puxou para cima os punhos desabotoados da camisa e olhou para os braços dele. Levantou as pernas da calça e tirou as meias.

— O *rigor mortis* indica que o corpo não foi movido. Então, ele morreu aqui, nessa posição, de costas. Preciso tirar a temperatura do ambiente e do fígado para ter certeza da hora da morte, mas ele está em rigor completo, o que significa que está morto há mais de quatro, mas menos de oito horas.

— Então, estamos falando de uma linha de tempo de domingo à noite até a manhã de segunda-feira — calculou Faith. — Os bombeiros estimam que o carro começou a pegar fogo há quatro ou cinco horas, o que nos dá as três da manhã de hoje. A emergência foi chamada às cinco da manhã.

— Desculpa, mas posso fazer uma pergunta sobre isso? — Collier estava obviamente ainda lambendo as feridas, mas também queria provar que era útil. — Ele tem bolor ao redor da boca e do nariz. Isso não demoraria mais de cinco horas para crescer?

— Demoraria, mas não é bolor. Poderia me ajudar a virar o corpo de lado? — pediu Sara. — Não quero que caia para a frente.

Collier pegou dois protetores de sapato na caixa. Deu um sorriso torto para Sara enquanto pisava por cima das marcas que deixara quando entrou no prédio pela primeira vez.

— Eu me chamo Holden, por falar nisso. Como no livro. Meus pais esperavam um solitário descontente.

Sara sorriu com a piada estúpida e Will queria se matar.

Collier continuou sorrindo, pegando as luvas que Sara oferecia, fazendo um show de esticar os dedos com suas mãos pequenas.

— Como você quer fazer isso?

— No três. — Sara contou. Collier fez um ruído quando levantou os ombros de Harding e tentou virá-lo de lado. O corpo estava duro e se inclinava como uma dobradiça. Ele não queria mandar Harding de cara para a poça de sangue, então precisou manter os cotovelos encostados nos joelhos para deixar o corpo na lateral.

Sara tirou o terno e a camisa de Harding para conseguir examinar as costas. Will viu que ela procurava perfurações. Ela pressionou os dedos na pele, procurando feridas abertas, mas não encontrou nada. Parecia que Harding tinha sido afundado em uma tina de óleo de motor, pelo sangue escuro que havia no chão.

— Pode aguentar mais um minuto? — perguntou a Collier.

— Claro. — A palavra saiu com uma voz estranha. Will conseguia ver as veias do pescoço de Collier começando a aparecer. Harding pesava uns 115 quilos, talvez mais. Os braços de Collier estavam tremendo pelo esforço de mantê-lo de lado.

Sara colocou um par novo de luvas. Enfiou a mão no bolso de trás da calça de Harding e tirou uma carteira grossa de nylon. O velcro fez um som como se estivesse sendo rasgado quando ela abriu.

— Canhoto de ingressos, recibos de lanchonetes, papéis de apostas, duas diferentes fotografias de uma loira nua, cortesia de BackDoorMan.com. Alguns cartões de visita.

— Ela olhou para Collier. — Pode abaixá-lo, mas com cuidado.

Collier bufou quando colocou o corpo de volta no chão.

— Vocês vão querer ver isso. — Sara passou um dos cartões para Faith. Will reconheceu o logo colorido. Tinha visto incontáveis vezes em documentos apresentados pela equipe do agente de Marcus Rippy.

— Filho da puta — murmurou Faith. — Kip Kilpatrick. É o agente de Rippy, não? Eu o vi na TV.

Will olhou para Amanda, que estava com os olhos fechados como se quisesse apagar o nome do homem de sua mente. Will sentia o mesmo. Kip Kilpatrick era o agente, advogado principal, melhor amigo e quem resolvia todos os problemas de Marcus Rippy. Não havia prova legal alguma, mas Will tinha certeza de que Kilpatrick usara seus

capangas para pagar as testemunhas da festa de Ano-Novo e intimidar uma terceira para calar a boca.

— Odeio piorar as coisas, mas a maçaneta não acertou as jugulares nem as carótidas de Harding — informou Sara. — E nem o esôfago. Ou qualquer coisa importante. Não tem sangue na boca nem no nariz. Houve pouco sangramento da ferida, só um fio que secou na lateral do pescoço. Ele não tem nenhuma outra ferida significativa. Esse sangue, ou pelo menos esse volume de sangue, não é dele.

— O quê? — Amanda parecia mais brava do que chocada. — Tem certeza?

— Sim. O sangue na parte de trás de suas roupas e na camisa são de outra pessoa. Suas artérias principais estão intactas. Não há nenhuma ferida significativa na cabeça, no torso, nos braços ou nas pernas. O sangue que vocês veem nessa sala não é de Dale Harding.

Will ficou surpreso, depois se sentiu um idiota por isso. Sara tinha analisado a cena melhor do que ele.

— Então, de quem é o sangue? — indagou Faith. — Da srta. La Mer?

— Parece provável. — Sara se levantou com cuidado para não perder o equilíbrio.

Amanda tentou entender a informação.

— Nossa mulher desaparecida bateu a cabeça na escada, deixou suas pegadas ensanguentadas enquanto fugia pela sacada e depois o quê?

— Houve uma luta violenta entre duas pessoas nessa sala. Há sinais de esguichos no teto, o que sugere que uma artéria foi furada e, como falei, não foi a do Harding. — Sara caminhou até um canto. — Vamos precisar de algumas fontes de luz alternativas porque o grafite é muito escuro, mas conseguem ver a marca na parede? É da mão de alguém, e a mão estava coberta de sangue. O formato e o espaço são pequenos, como o de uma mulher.

Will tinha notado a linha de sangue lambuzada antes, mas não que terminava em um conjunto visível de dedos. Pareciam as marcas de dedos no pescoço de Keisha Miscavage.

— Não houve nenhum tiroteio sem solução na noite passada — disse Amanda para Sara. — Estamos falando de um esfaqueamento, então?

Sara deu de ombros.

— Talvez.

— Talvez — repetiu Amanda. — Maravilha. Vou falar para os hospitais que *talvez* devam procurar por um esfaqueamento inexplicável com uma ferida grave na cabeça.

— Eu posso fazer isso — Collier começou a digitar em seu celular. — Tenho um amigo que trabalha no distrito dentro do Hospital Grady. Ele pode verificar com o pronto-socorro imediatamente.

— Vamos precisar do Atlanta Medical e do Piedmont, também.

Collier assentiu enquanto digitava.

— Sara, me ajude — pediu Faith. — A maçaneta não matou Harding, mas ele obviamente está morto. Então, o que aconteceu?

— Aconteceram más escolhas. Ele é obeso mórbido. Tem esse inchaço anormal. Seus olhos mostram sinais de eritema conjuntival. Aposto que ele tem um coração aumentado, hipertensão. Há marcas de agulha no abdome e coxas que indicam que é diabético dependente de insulina. Sua dieta era fast-food e Skittles. Não estava cuidando bem da saúde.

Collier parecia cético.

— Então, Harding convenientemente entrou em um coma diabético no meio de uma disputa mortal?

— É mais complicado do que isso. — Sara indicou a área ao redor da própria boca. — O rosto de Harding. Você achou que era bolor, mas isso normalmente cresce em uma colônia ou grupo. Pense no pão quando envelhece. Minha ideia inicial foi dermatite seborreica, mas agora tenho quase certeza de que é neve urêmica.

— Acho que senti cheiro de urina — concordou Will.

— Achou certo — Sara entregou a Collier um saco para colocar as luvas e os protetores de sapato usados. — A ureia é uma das toxinas que supostamente devem ser filtradas pelos rins. Se os rins não funcionam por algum motivo, diabetes e hipertensão são boas razões, o corpo tenta excretar a ureia pelo suor. O suor evapora, a ureia se cristaliza e isso leva à neve urêmica.

Collier assentiu como se tivesse entendido.

— Quanto tempo demora para isso acontecer?

— Não muito. Ele estava no estágio crônico no final da doença renal. Seguiu o tratamento em algum ponto. Tem um enxerto para acesso vascular no braço. A neve urêmica é bastante rara, mas mostra que, por algum motivo, ele parou de receber diálise, provavelmente na última semana ou em dez dias.

— Nossa — disse Faith. — Então, foi assassinato ou não?

— Parece que os dois tentaram se matar e os dois provavelmente conseguiram — disse Amanda. Ela se virou para Sara. — Vamos nos concentrar na mulher desaparecida. Você disse que houve uma luta violenta nessa sala, e Harding perdeu, mas não antes de conseguir ferir bastante seu agressor, como fica evidente pelo sangue. Pelas feridas dela, a mulher poderia sair andando daqui e ir embora de carro? — E emendou: — Sem “talvez”, nem “é possível”. Não está falando no tribunal, dra. Linton.

Sara continuou sua avaliação:

— Vamos começar com o impacto na escada. Se foi da cabeça da mulher desaparecida, então ela recebeu um golpe muito forte. Seu crânio deve estar fraturado. No mínimo tinha uma concussão. — Sara olhou para a sala atrás dela. — O volume de sangue perdido é o perigo verdadeiro. Eu estimaria que foram mais de dois litros, talvez uma perda de trinta a 35%. É uma hemorragia classe III. Além de parar o sangramento, ela precisaria de fluidos, provavelmente uma transfusão.

— Ela poderia ter usado a lona para estancar a hemorragia — disse Will. — A lona está desaparecida. Havia um rolo de fita adesiva no estacionamento.

— É possível — concordou Sara. — Mas vamos falar sobre a natureza da ferida. Se o sangue saiu do peito ou do pescoço, ela estaria morta. Não pode ser da barriga porque o sangue ficaria na barriga. Então, aposto nos membros. Um bom corte na virilha poderia fazer isso. Ela até poderia caminhar, mas com dificuldade. O mesmo aconteceria com o maléolo medial, a parte interna do tornozelo. Ela poderia ainda se arrastar ou engatinhar. Também tem isso... — Sara levantou os braços para proteger o rosto, as palmas para fora. — Um corte horizontal na artéria radial ou ulnar e os braços se agitam, o sangue se espalha pelo quarto como uma mangueira de jardim, que é basicamente o que a artéria viraria. — Ela olhou de novo para Harding. — Deveria ter mais sangue nele se esse fosse o caso.

— Obrigada, doutora, por essa prova de múltipla escolha — disse Amanda. — Quanto tempo temos para encontrar essa mulher?

Sara se levantou.

— Nenhuma dessas feridas são do tipo que podem ficar sem tratamento, mesmo se ela conseguir parar o sangramento. Pelo tempo de quatro a cinco horas da hora da morte e pelo volume de sangue perdido, eu diria que, sem intervenção médica, ela poderia ter mais duas ou três horas antes que seus órgãos parassem de funcionar.

— Você, continue com o morto, vamos encontrar a viva. — Amanda se virou para Will e Faith. — O ponteiro do relógio está correndo. Nosso objetivo número um é localizar essa mulher, conseguir ajuda médica, depois descobrir o que ela estava fazendo aqui.

— E BackDoorMan.com? Isso envolve o Rippy? — perguntou Collier.

— Poderia ser a tara de Harding — disse Will. — Rippy faz o gênero.

— Cabelo escuro, espertalhão, corpo de assassino — completou Faith.

— A esposa dele é loira — disse Collier.

Faith revirou os olhos.

— Eu sou loira. Ela é falsa.

— Podem discutir a cor do cabelo depois que encontrarmos a mulher. — Amanda se voltou para Collier. — Chame aquele seu parceiro e vejam as denúncias de pessoas

desaparecidas feitas nas últimas 48 horas. Mulheres, jovens, do tipo de Rippy.

Collier assentiu, mas ela não tinha terminado.

— Preciso de pelo menos dez policiais para verificar os dois galpões e o prédio comercial. Chame um engenheiro estrutural para o prédio; não parece muito seguro. Quero pés, não só olhos, em todos os andares, cada canto e buraco, nenhuma pedra no lugar. Nossa vítima-barras-assassina poderia estar sangrando ou se escondendo debaixo dos nossos narizes. Nenhum de nós quer ler essa manchete no jornal de amanhã.

Amanda se virou para Faith.

— Vá para a casa de Harding. Já vou ter o mandado assinado quando você chegar lá. Harding falava que era investigador particular. Faz sentido que estivesse investigando uma mulher, possivelmente para Rippy. Ela poderia ser outra vítima ou o estar chantageando por dinheiro, ou as duas coisas. Harding vai ter um arquivo, fotografias, notas, quem sabe o endereço da garota.

Ela apontou para Will.

— Vá com ela. Harding não deve viver no luxo. Deve ter lojas de bebidas, lugares para descontar cheques e bares de strip no bairro dele. Provavelmente vendem celulares pré-pagos. Cruze os IMEIs^{**} com qualquer câmera de segurança para ver se podemos verificar o número de telefone de Harding, depois faça o cruzamento dos números comparando com algum que esteja ligado a Kip Kilpatrick ou Marcus Rippy.

Houve um coro de “sim, senhora” de todos.

Will ouviu o ruído de metal raspando no concreto. A plataforma tinha trazido Charlie Reed para o segundo andar. Ele tinha uma cara fechada quando se aproximou.

— Fale logo, Charlie. Já estamos atrasados — disse Amanda.

Charlie pegou o celular.

— Recebi a informação da Glock 43.

— E?

Charlie olhou para Amanda.

— Talvez deveríamos...

— Mandei falar logo.

Ele respirou fundo.

— Está registrada em nome de Angie Polaski.

Will sentiu um aperto no peito. Um gosto ácido na língua.

Cabelo escuro. Espertalhão. Corpo de assassino.

Tinha a sensação de que seu rosto queimava. As pessoas olhavam para ele esperando sua reação. Uma gota de suor rolou por seu rosto. Ele olhou para o teto porque não confiava em si mesmo para olhar para outro lugar.

Foi Collier que finalmente quebrou o silêncio com uma pergunta.

— O que eu não estou pescando aqui? — Ninguém respondeu, então ele perguntou:
— Quem é Angie Polaski?
Sara precisou limpar a garganta antes de conseguir falar.
— Angie Polaski é a esposa de Will.

* N.E.: O personagem compara o nome “Rippy” com “rape”, que significa “estupro” em inglês.

** N.E.: O IMEI é um número de identificação atribuído a todo aparelho celular e serve para que operadoras e fabricantes verifiquem as características de um telefone. Também é útil para rastrear o celular em casos de roubo e perda.

CAPÍTULO DOIS

SARA VIU COMO WILL se apoiava na parede. Ela deveria fazer algo — confortá-lo, dizer que tudo ia ficar bem —, mas ficou parada ali lutando contra a faísca de raiva que sempre acompanhava qualquer menção à inconstante e detestável esposa dele.

Angie Polaski entrava e saía da vida de Will como um mosquito desde que ele tinha onze anos. Eles cresceram juntos no Orfanato de Atlanta, dois sobreviventes de abuso, negligência, abandono, tortura. Nem tudo isso viera das mãos do sistema. De todas as dores que Will sofrera na adolescência, nada se comparava com os tormentos que Angie causara. E ainda causava, porque fazia o mais cruel sentido que estivessem todos ali naquele prédio com uma poça de sangue endurecendo ao redor da última vítima dela.

Dale Harding era um dano colateral. Will sempre tinha sido o principal alvo de Angie, a quem ela sempre tentava atingir.

Seria finalmente o fim dela?

— Não pode... — Will parou. Os olhos dele percorreram a sala do crime. — Ela não pode estar...

Sara tentou diminuir sua raiva. Essa não era mais uma das tentativas de Angie de chamar atenção. Ela podia ver que Will estava fazendo algumas conexões: a luta violenta, as feridas fatais, a poça evidente de sangue.

Ferida. Perigosa. Desesperada.

Angie.

— Ela... Talvez esteja... — Ele se apoiou de novo na parede. Estava respirando com dificuldade. — Oh, Deus. Oh, Jesus. — Ele colocou a mão na boca. — Ela não pode estar... — Sua voz falhou. — É ela.

— Não sabemos disso. — Sara tentou fazer uma voz reconfortante. Ela lembrou que isso não tinha a ver com Angie. Tinha a ver com Will. Vê-lo sofrendo tanto era como se uma faca estivesse enfiada no peito dela. — Sua arma poderia ter sido roubada ou...

— É ela. — Ele virou de costas para eles e se afastou uns metros, mas não antes de Sara ver a expressão angustiada em seu rosto. Ela se sentiu tomada pela própria inutilidade. Eles queriam se livrar de Angie mais do que qualquer outra coisa, mas não

desse jeito. Pelo menos, Sara não falaria isso em voz alta. Ela precisava admitir que sempre soube que Angie nunca se afastaria tranquilamente. Mesmo na morte — ou na quase morte —, Angie tinha encontrado uma forma de arrastar Will com ela.

— Charlie, qual é o endereço do registro? — perguntou Amanda.

— O mesmo que está na carteira de motorista. — Charlie olhou para a tela do celular. — Baker...

— Noventa e oito — interrompeu Will, sem se virar. — É o endereço antigo dela. E o número do telefone?

Charlie leu o número e Will negou com a cabeça.

— Desconectado.

— Sabe onde ela está? — Amanda perguntou a Will.

Mais uma vez, respondeu que não.

— Quando a viu pela última vez?

Will parou um momento antes de responder:

— Sábado.

— Sábado? — Sara sentiu a faca em seu peito fazendo um giro final e violento.

Eles tinham dormido na casa dele. Eles transaram. Duas vezes. Então, Will falou que ia correr e secretamente se encontrara com a esposa.

A boca de Sara quase não conseguia formar palavras.

— Você a encontrou há dois dias?

Will não falou nada.

Amanda deu um suspiro rápido e agitado.

— Você tem um número de telefone? Um endereço de trabalho? Alguma forma de entrar em contato com ela?

Ele negou com a cabeça a cada pergunta.

Sara olhava para as costas dele, os amplos ombros que tinha abraçado antes. O pescoço que tinha beijado. O cabelo loiro e grosso por onde passara os dedos. As lágrimas se juntavam em seus olhos. Ele tinha se encontrado com Angie todo esse tempo? Todas aquelas noites trabalhando até tarde. Todas as reuniões mais cedo. Todas as corridas de duas horas e jogos de basquete.

— Certo — Amanda bateu as mãos pedindo atenção. Sua voz se levantou para alcançar todo o edifício. — Pessoas da cena do crime, descanso de quinze minutos. Vão se hidratar. Ficar no ar refrigerado.

Houve um murmúrio de apreciação e os técnicos com roupas brancas começaram a sair. Eles provavelmente começariam a fofocar assim que pisassem do lado de fora.

Sara enxugou os olhos antes que as lágrimas pudessem rolar. Estava trabalhando. Tinha de manter o foco no que estava na frente dela, no que podia controlar.

— Podemos examinar o sangue no laboratório móvel — disse para Amanda. — Os resultados são quase instantâneos. — Ela tentou em vão engolir o nó que tinha na garganta. — Não é DNA, mas podemos usar o sistema ABO para descartar Angie. Ou para incluir, dependendo do tipo de sangue.

Ela precisou parar para engolir de novo. Não conseguia saber se o que falava fazia sentido.

— Podemos estabelecer uma narrativa aberta. O tipo de sangue dos borrifos nas escadas combina com o tipo de pegadas ensanguentadas que vão para a sala? Essas amostras combinam com o tipo de sangue dentro da sala? É o mesmo tipo de borrifo arterial? A marca da mão? — Sara apertou os lábios. Quantas vezes ela ia falar a palavra “tipo”? Alguém poderia começar um desses jogos de bêbados. — Vou precisar do tipo de sangue de Angie. E vamos precisar sustentar tudo isso com o DNA. Mas o tipo de sangue poderia pelo menos contar algo.

— Faça isso — concordou Amanda. — Angie foi policial por dez anos. Vou pegar a informação sobre o sangue do arquivo dela. — Ela parecia perturbada, algo pouco comum. — Faith, comece a pesquisar. Precisamos do endereço atual, telefone, emprego, qualquer coisa que puder encontrar. Collier, suas ordens e as do Ng não mudaram. Quero que estabeleça equipes para procurar nos galpões...

— Vou fazer isso. — Will começou a caminhar para a plataforma, mas Amanda o segurou pelo braço.

— Fique aqui. — Ele tentou se soltar, mas as unhas dela seguraram forte a camisa dele. — É uma ordem.

— Ela poderia estar...

— Eu sei, mas você vai ficar aqui e responder às minhas perguntas. Entendido?

Collier tossiu na mão, como se estivesse diante de um professor dando uma bronca em um estudante. Faith deu um tapa no braço dele para que calasse a boca.

— Charlie, leve Collier e Faith para baixo, depois venha me pegar — pediu Amanda.

Faith apertou a mão de Sara antes de descer. Elas tinham uma regra de nunca falar sobre Will, apenas em linhas gerais. Sara nunca quis romper essa regra tanto quanto agora.

— Amanda... — Will não esperou a saída da plateia. — Simplesmente não posso...

Amanda levantou um dedo para que ele ficasse quieto. Pelo menos alguém se importara com que Sara não se sentisse humilhada. Novamente.

Sábado.

Há dois dias.

Sara não tinha ideia de que Will havia escondido algo dela. O que mais não sabia? Ela tentou se lembrar das últimas semanas. Will não tinha agido estranho. Ao contrário, ele

fora mais atencioso, até romântico, o que poderia ser o maior sinal de todos.

— Amanda... — Will tentou de novo, a voz mais baixa, fazendo um enorme esforço para parecer razoável. — Você ouviu o que Sara falou. Angie poderia estar sangrando até a morte. Ela poderia ter umas poucas horas antes de... — Não conseguiu mais falar. Todos sabiam o que aconteceria se Angie não recebesse ajuda. — Tenho de procurá-la. Sou o único que sabe os lugares em que ela se esconde.

Amanda lançou a Will um de seus olhares glaciais.

— Juro pela minha vida, Willbur, que se você sair deste lugar vou mandar algemá-lo antes de chegar à rua.

Os olhos dele queimaram de ódio.

— Nunca vou perdoá-la por isso.

Amanda pegou o celular.

— É só adicionar à lista.

Will ficou de costas para ela. Não olhou para Sara. Em vez de falar com ela, ou mesmo reconhecer o que estava acontecendo, caminhou até a escada. Sara esperava que ele descesse, mas ele voltou caminhando pela sacada como um leopardo em uma jaula. Os dentes estavam tão trincados que Sara conseguia ver o maxilar dele trabalhando. Os punhos estavam apertados. Ele parou de novo no alto da escada, balançou a cabeça, murmurou algo baixinho.

Sara conseguia ler a palavra nos lábios dele. Não era um pedido de desculpas. Nem uma explicação.

Angie.

Ele não amava Angie. Pelo menos não como marido. Pelo menos não pelo que tinha dito a Sara. Por quase um ano, Will procurou a esposa para que assinasse os papéis de divórcio. O casamento deles era uma mentira, de todas as formas, algo que fizeram como um desafio, literalmente. Will prometera a Sara que ia fazer o máximo possível para terminar. Ela nunca havia questionado como um agente especial da AIG não conseguia encontrar uma mulher que aparentemente estava bem na frente dele há pelo menos dois dias.

Ele a encontrara em um restaurante? Um hotel? Sara sentia que as lágrimas ameaçavam voltar. Ele estivera com Angie todo esse tempo? Ele a enganara?

— Certo. — Amanda havia esperado até a plataforma chegar no térreo. — Sábado. Onde você viu a Angie?

Lentamente, Will se virou. Cruzou os braços. Olhava para algum ponto acima da cabeça de Amanda.

— Do lado de fora da minha casa. Ela estacionou na rua. — Ele parou, e Sara esperava que ele se lembrasse do que ela havia feito com ele antes de sair, porque aquilo

nunca mais ia acontecer. — Estava indo correr e vi o carro dela. É um Chevy Monte Carlo SS, 1988, preto com...

— Faixas vermelhas. Eu já dei um aviso nacional. — Amanda fez a Will a pergunta que estava queimando na mente de Sara. — Por que ela estava na sua casa?

Ele balançou a cabeça.

— Não sei. Ela me viu, voltou para o carro e...

— Ela não falou com você?

— Não.

— Ela não entrou?

— Não. — Ele parou. — Não que eu saiba. Mas ela já entrou algumas vezes.

Sara olhou para os sacos de provas que Faith tinha deixado no chão.

O batom.

Rosa cashmere da Sisley com um risco na lateral do estojo. Não era um defeito de fabricação. Era o batom de Sara. Ela tinha deixado na casa de Will no mês anterior. No banheiro dele. Ao lado da pia. Eles saíram para jantar e, quando ela procurou depois, não encontrou.

Na bolsa de Angie. Na mão dela. Entre seus dedos. Na boca.

Sara se sentiu enjoada.

— Sabe por que ela estava estacionada na frente da sua casa? — Amanda perguntou a Will.

Ele balançou a cabeça.

— Não.

Sara fez um esforço para conseguir falar.

— Ela deixou um bilhete no meu carro?

— Não — disse Will.

Mas como ela poderia confiar nele? Eles tomaram café da manhã depois da corrida dele. Passaram o dia juntos no sofá, pediram pizza e namoraram, e ele teve um milhão de oportunidades para contar a ela que a mulher que passara um ano tentando localizar tinha estacionado na porta da casa dele naquela mesma manhã. Sara não teria ficado brava. Irritada, talvez, mas não com Will. Ela nunca o culpava pelas besteiras de Angie. Ele sabia disso porque Angie tinha causado problemas para os dois, incontáveis vezes.

O que significava que o único motivo para Will esconder a visita era porque havia algo mais. Que Angie tinha entrado na casa dele. Que ela roubara o seu batom. Do que mais ela sentia falta? Uma escova de cabelo. Um vidro de perfume. Sara tinha se culpado por perder suas coisas entre seu apartamento e o de Will, e nunca pensara que Angie estivesse roubando as coisas dela.

E que Will sabia.

— Repasse aqui comigo — disse Amanda. — Você saiu pela porta da frente. Viu Angie dentro do carro dela.

— Estava parada ao lado dele — emendou Will com cuidado, como se precisasse pensar antes de responder. — Ela me viu, percebeu que eu a vi, mas entrou no carro e... — Ele olhou para os sacos de provas. A chave do Chevy. Do tipo antigo que poderia caber em um Monte Carlo 1988. — Corri atrás do carro, mas ela foi embora.

Sara tentou bloquear a imagem de Will correndo atrás de Angie pela rua.

Amanda se virou para Sara.

— Por que você perguntou sobre um bilhete?

Ela deu de ombros, como se não fosse nada, mas era tudo.

— Às vezes ela deixa bilhetes no meu carro. O que eles dizem você pode imaginar.

— Recentemente?

— O último foi há três semanas. — Sara estava em seu último turno como pediatra no Hospital Grady. Uma criança de quatro anos confundiu um saco de metanfetamina com doces. O menino tinha parada cardíaca quando os paramédicos o trouxeram. Ela tentou salvá-lo durante horas. Nada tinha funcionado. E, então, saiu de lá, foi até o carro e encontrou as palavras “FILHA DA PUTA ESCROTA” escritas com delineador escuro no vidro.

Não havia dúvida alguma de que o recado tinha vindo da esposa do Will. Angie tinha um problema na escrita de algumas letras que fazia com que os “F” parecessem “J” e os “E” parecessem três ao contrário. As duas letras apareciam em quase todo o bilhete que ela deixara, um ano antes, na manhã depois da primeira noite que Will passara no apartamento de Sara.

— Angie nunca deixou bilhetes para você? — Amanda perguntou a Will.

Will passou a mão pelo rosto.

— Ela não faria isso.

Sara olhou para o chão. Ele a conhecia tão bem.

— Certo — Amanda parecia ainda mais confusa que antes —, vou dar aos dois cinco minutos para conversar, depois, voltem ao trabalho.

— Não — Will quase gritou a palavra. — Preciso procurá-la. Precisa me deixar procurá-la.

— E o que vai acontecer se encontrá-la morta, Will? Sua ex-esposa de quem você está tentando se divorciar para poder ficar com sua nova namorada? E a legista responsável pela cena do crime que é, por acaso, sua nova namorada? E sua parceira e sua chefe estão trabalhando no caso, também? Como isso vai aparecer nos jornais? Ou precisa que eu desenhe para você?

Sara conseguira perceber pela expressão de Will que ele não tinha pensado em nada daquilo.

— Sua esposa assassinada — continuou Amanda — ou não assassinada, de acordo com sua namorada, um policial que era empregado de Kip Kilpatrick, a serviço de Marcus Rippy, que você acabou de assediar com uma falsa acusação de estupro nos últimos sete meses e, ah, por falar nisso, essa mesma esposa estava perseguindo sua namorada. — Ela estava com as mãos na cintura. — Até aqui estou certa?

— Só quero encontrá-la.

— Sei que quer, mas vai ter de me deixar cuidar disso. — Amanda disse para Sara. — Cinco minutos.

Os saltos baixos de Amanda faziam um som forte quando caminhou até a plataforma. Sara não tinha percebido que Charlie trouxera a plataforma de volta.

Will abriu a boca para falar, mas Sara o impediu.

— Por aqui — disse ela, indicando que eles deveriam se afastar da sala onde havia acontecido o assassinato. Não importava como Dale Harding vivera, ele merecia algum respeito na morte.

Os pés de Will, envoltos nos protetores, deslizaram pelo chão. Seus ombros estavam caídos, dando-lhe um ar de criança sendo levada para o castigo. Ele parou atrás de uma pilha de placas de gesso. Esfregou o rosto com as mãos, eliminando qualquer expressão.

Sara estava parada na frente dele. Esperou que ele dissesse algo, qualquer coisa. Que pedisse desculpas por ter mentido, ou que estivesse triste ou bravo, ou que a amava e que eles iam superar isso, ou que ele nunca mais queria vê-la.

Will não falou nada.

Ele olhou por cima do ombro dela no espaço onde a plataforma iria voltar. Os punhos se fecharam de novo. O corpo dele estava tenso, pronto para pular no segundo em que a plataforma aparecesse.

— Não vou prendê-lo aqui. — Sara sentia que as palavras estavam grudadas em sua garganta. Seu tom tendia a ser calmo quando estava brava. Ela quase não conseguia levantar a voz, era apenas um sussurro. — Você pode ir lá e esperar. Tenho um monte de trabalho para fazer.

Will não se moveu. Os dois sabiam que Charlie não ia voltar antes que terminassem os cinco minutos deles.

— O que você quer que eu fale?

O coração dela estava batendo forte. A boca tinha ficado seca. Ele parecia bravo. Não tinha direito de ficar bravo.

— Por que não me contou que tinha visto Angie?

— Não queria que ficasse chateada.

— Normalmente quando as pessoas dizem isso, na verdade, querem dizer é que não tiveram a coragem de ser honestas.

Ele deu uma risada que a tirou do sério. Ela nunca teve tanta vontade de dar um tapa nele.

— Olhe para mim.

A relutância dele era palpável, mas ele finalmente a olhou.

— Sabe que ela pegou meu batom. Que mexeu nas minhas coisas.

Sara sentiu que as lágrimas estavam de volta, dessa vez de raiva. Tudo começou com o batom, porque Angie não era o tipo de pessoa que parava em apenas uma violação. Sara pensou em todas as coisas particulares que tinha deixado na casa de Will. Imaginar que Angie as tinha encontrado, tocado nelas, a deixava com muita raiva.

— Você acha que ela invadiu meu apartamento?

— Não sei. — Ele abriu as mãos como se nada disso fosse problema dele. — O que você quer que eu...

— Cale a boca. — A garganta de Sara se esforçava para liberar as palavras. — Ela mexeu nas minhas coisas. *Nossas* coisas.

Will coçou o queixo. Olhou de volta para a sacada.

— Você trocou a fechadura das portas no ano passado. — Pelo menos Sara sabia que isso era verdade. Ele dera a ela uma chave nova. Tinha visto as novas fechaduras. — Você deu uma chave para ela também?

Ele balançou a cabeça.

— Há quanto tempo sabe que ela entrava na sua casa?

Ele deu de ombros.

— Vai me responder?

— Você me mandou calar a boca.

Sara sentiu o gosto de bile na boca. Havia deixado o laptop na casa de Will. Toda a sua vida naquela coisa — arquivos de pacientes, e-mails, contatos, agenda, fotografias. Será que Angie tinha adivinhado sua senha? E revistado a bolsa com as roupas? Usado suas roupas? O que mais ela havia roubado?

— Olha — disse Will. — Não tenho nem certeza se ela esteve na casa. É só que algumas vezes as coisas estavam mexidas. Talvez você tivesse mexido. Ou fui eu. Ou...

— É mesmo? Foi isso que você pensou? — Will era extremamente organizado. Ele sempre colocava tudo de volta em seu lugar e Sara fazia o mesmo quando estava na casa dele. — Por que não mudou as fechaduras de novo?

— Para quê? Acha que é fácil impedi-la? Que eu consigo controlá-la? — Ele parecia desconcertado com a pergunta, e talvez estivesse, porque por mais cabeça-dura e forte que Will fosse, Angie sempre ditava os termos da relação. Ela era como uma irmã mais

velha que queria protegê-lo. Como uma amante louca que usava o sexo para controlá-lo. Como uma esposa odiosa que não queria se casar, mas não queria abandoná-lo. Angie o amava. Ela o odiava. Ela precisava dele. Ela desaparecia, às vezes por dias, às vezes por semanas, meses, mais de uma vez ao ano. O fato de ela sempre voltar tinha sido a única coisa constante na vida de Will por quase três décadas.

— Você realmente esteve procurando por ela? — perguntou Sara.

— Mostrei a você os papéis do divórcio.

— Isso é um sim?

Houve um princípio de raiva nos olhos dele.

— É um sim.

— Você a viu antes sem me contar? — Havia um pânico amargo na boca de Sara. — Você esteve com ela?

A raiva era controlada, como se ela não tivesse o direito de perguntar aquilo.

— Não, Sara. Não estive trepando com ela sem você saber.

Ele estava falando a verdade? Poderia confiar nele? Sara mudou a vida por aquele homem. Silenciou seus instintos. Abriu mão de seus princípios. Aceitou aquele emprego. Pareceu uma tonta completa na frente de todo mundo com quem trabalhava. Sem mencionar o que sua família iria pensar, porque não havia maneira de esconder aquele horror dela sem virar uma mentirosa ainda maior do que Will.

— Você acha que ela está viva? — perguntou ele.

— Não sei.

A verdade tinha o benefício de uma cruel incerteza.

Will olhou para o relógio. Ele estava realmente contando, esperando pelo segundo em que a rampa voltaria a subir para poder pular em seu cavalo branco e salvar Angie mais uma vez.

Eles tinham olhado casas à venda no dia anterior, um dia depois de ele ter visto a esposa. Deram uma volta e brincaram sobre visitar casas com ar-condicionado ser uma boa desculpa para sair do calor. Sara tinha começado a pensar que seria bom descer aquelas escadas para beijar Will ou plantar flores naquele jardim enquanto ele cortava a grama, ou ficar na cozinha tomando sorvete tarde da noite com Will, quando o que ela deveria ter pensado é que tipo de fechadura deveria colocar na porra do criado-mudo.

— Meu Deus. — Sara cobriu o rosto com as duas mãos. Ela queria se lavar com soda cáustica.

— Angie não ia desistir. — Will levantou a sobrancelha, um tique nervoso que Sara tinha notado desde que se conheceram. — Ela não ia desistir. Mesmo se estivesse machucada.

Sara não respondeu, mas ele estava certo. Angie era uma barata. Deixava doença aonde fosse e nada podia destruí-la.

— O carro dela não está aqui — disse Will. — Mas a chave está. E ela podia ter outra. Outra chave. — Ele deixou a mão cair. — Ela já foi policial. Era a garota mais durona do orfanato. Mais que os meninos. Mais do que eu, às vezes. Ela sabe como se virar. Tem pessoas, uma rede, que a ajudariam se estivesse com problemas. Se estivesse machucada.

Toda palavra que ele falava era como uma adaga.

— Certo? — continuou. — Se alguém pode sobreviver a isso, é a Angie, certo?

Sara balançou a cabeça. Ela não podia ter aquela conversa.

— O que devo fazer aqui, Will? Confirmar o que está falando? Confortá-lo? Dizer que tudo bem você ter me enganado? Saber que ela estava violando minha privacidade, nossa privacidade, mas deixar isso acontecer mesmo assim? — Sara colocou a mão sobre a boca, porque falar alto não ia ajudar a resolver aquilo. — Sei que uma parte de você sempre vai sentir algo por ela. Ela foi uma parte importante da sua vida por quase trinta anos. Aceito isso. Entendo que esteja ligado a ela por causa do que você passou, mas nós dois estamos juntos. Pelo menos, achei que estávamos. Preciso que você seja honesto comigo.

Will fez que não com a cabeça como se isso fosse um simples equívoco.

— *Estou* sendo honesto. Ela tinha estacionado na rua. Não conversamos. Acho que deveria ter contado.

Sara se sentiu bem desanimada com o *acho*.

Novamente, ele olhou para a abertura onde deveria aparecer a plataforma.

— Já passaram mais de cinco minutos.

— Will, por favor. — O pouco de orgulho que tinha sobrado nela havia desaparecido. — Diga apenas o que você quer que eu faça. Por favor. — Sara segurou a mão dele sem pensar. Ela não conseguia aguentar a sensação de que ele estava se afastando. — Eu deveria dar um tempo para você? Se for isso que você precisa, é só me dizer.

Ele olhou para as mãos deles.

— Fale comigo. Por favor.

O dedão dele tocou os dedos dela. Ele estava tentando pensar em uma forma de deixá-la? Havia algo mais que ele não tinha confessado?

Ela sentia que seu coração chacoalhava todo o seu peito.

— Se precisar resolver isso sozinho, é só me contar. Eu aguento. É só me falar o que quer que eu faça.

Ele continuou tocando a mão dela. Sara lembrou a primeira vez que Will tinha segurado sua mão assim. Estavam no porão do hospital. A sensação da pele dele contra a dela tinha causado uma explosão dentro do seu corpo. Seu coração palpitara no peito da

mesma forma que estava fazendo agora. Exceto que, daquela vez, ela estava cheia de esperança. Agora, estava tomada pelo medo.

— Will?

Ele pigarreou. Apertou a mão dela. Sara segurou a respiração enquanto esperava as palavras dele, perguntando-se se era o fim da relação deles ou apenas outra montanha íngreme que deviam escalar.

— Pode pegar Betty? — pediu ele.

O cérebro de Sara não conseguiu processar o pedido.

— O quê?

— Ela está no veterinário e... — Ele respirou fundo. Segurou forte a mão dela. — Não sei se vou demorar muito. Pode pegá-la?

Sara sentiu a boca abrir, depois fechar, e então abrir de novo.

— Disseram que ela ia... — Ele fez uma pausa. Ela viu como o pomo de adão dele se movia enquanto engolia a saliva. — Disseram para ir às cinco, mas talvez você possa ligar para ver se pode pegá-la mais cedo, porque disseram que iam terminar ao meio-dia, mas a anestesia...

— Posso. — Sara não sabia o que fazer a não ser ceder. — Vou cuidar dela.

Ele soltou um longo e lento suspiro, como se resolver o que fazer com Betty fosse a parte mais difícil da conversa.

— Obrigado.

Charlie Reed subiu a escada, com passos bem duros para anunciar sua chegada. Ele carregava dois sacos pesados de lona, um em cada mão.

— As escadas estão ok, então, não precisamos mais usar o elevador da morte — disse ele e deu um sorriso forçado debaixo do bigode curvo. — Will, Amanda está esperando no carro.

A mão de Will soltou a de Sara. Ele desceu a escada dois degraus por vez, desviando de Charlie enquanto descia.

Sara olhou para ele, sem ter certeza do que tinha acontecido ou como deveria se sentir. Apertou a mão contra o peito para se certificar de que o coração ainda estava batendo. As batidas eram tão rápidas que parecia ter corrido uma maratona.

— Nossa! — Charlie tinha chegado ao alto da escada. Ele deixou cair os dois sacos. Juntou as mãos quando se aproximou de Sara. — Estou tentando pensar como deixar isso mais desconfortável. Devo tirar minhas calças? Começar a cantar?

Sara tentou rir, só que saiu mais como um choro.

— Desculpa.

— Não peça desculpas para mim. — O sorriso de Charlie era realmente gentil. Ele tirou uma garrafa de água de um dos muitos bolsos de sua calça. — Você precisa beber

tudo isso. Está oficialmente duzentos graus aqui.

Sara se forçou a sorrir pela tentativa dele.

— Opção um — começou Charlie. — Uma bebida logo cedo. Tem seus prós e contras.

Sara só conseguia pensar nos prós. Ela não tinha bebido nada alcoólico em mais de um ano. Will odiava o gosto.

— Opção dois? — quis saber ela.

Ele indicou o prédio, que ainda era uma cena do crime ativa.

— A bebida é tentadora — disse Sara, sentindo realmente cada palavra. — Mas vamos falar sobre o que precisamos fazer. O corpo de Harding pode ser removido. Vamos precisar de pelo menos quatro pessoas.

— Pedi seis por causa da escada. O técnico vai chegar em quarenta minutos.

Sara olhou para o relógio. Seus olhos estavam embaçados. Ela só conseguia adivinhar a hora.

— Vão precisar de algumas horas para se preparar. Vou começar a autópsia depois do almoço. — O veterinário de Betty não a liberaria antes das cinco, especialmente para Sara. O homem parecia estar sempre irritado por não ser médico de gente. — Acho que o teste de ABO está no topo da minha lista. Já temos o tipo de sangue de Angie?

— Amanda falou que mandaria por mensagem assim que descobrisse. Enquanto isso, pedi a um dos técnicos para coletar amostras do sangue. Ele deve demorar uma meia hora. Como pode ver, as paredes estão praticamente pretas com o grafite, então falei para ele coletar o que está visível e verificar as etiquetas três vezes. Ele é lento, mas meticuloso. — Charlie parou para respirar. — Até lá, você pode me ajudar a armar as luzes negras e fotografar as reações ao luminol ou pode se sentar no frio da van e esperar as amostras para depois fazer sua mágica.

— Eu vou ajudá-lo — respondeu Sara, apesar de querer ficar sozinha na van.

Ela bebeu um gole de água. Seu estômago deu um nó com o líquido frio. Era o batom. Ela não conseguia deixar de pensar em Angie parada no espelho no banheiro de Will, usando sua maquiagem, pegando o que queria. Era o que Angie Polaski fazia. Pegava coisas que pertenciam a outras pessoas.

— Você está bem? — perguntou Charlie.

— Claro. — Sara fechou a garrafinha de água com cuidado. — O que mais?

— Ainda estamos catalogando as provas. Isso vai demorar três, talvez quatro, dias. O carro de Harding esfriou o suficiente para processarmos, apesar de eu duvidar que consigamos encontrar algo. Aquilo está torrado. — Ele se virou quando um técnico subiu. O jovem estava vestido com uma roupa branca sem capuz. Usava uma redinha para o cabelo, e seu rabo de cavalo parecia uma flecha atrás da cabeça. Havia uma cruz

vermelha e azul tatuada na lateral do pescoço. O queixo mostrava um punhado de pelos e tinha um piercing na sobrancelha.

— Gary Quintana — apresentou Charlie. — Veio direto para nós ao sair da faculdade. Superinteligente, realmente quer aprender. Não se deixe enganar pela aparência estranha dele. Ele cuida de gatos resgatados. E é vegano.

Sara sorriu e assentiu enquanto acompanhava o que Charlie falava. Ela podia sentir o coração pulsando na garganta. Seu estômago tinha ficado azedo. Rezava para não passar mal.

Charlie juntou as mãos.

— Então, tenho todo o meu equipamento fotográfico caro e luzes e...

— Desculpa — interrompeu Sara. Ela colocou a mão no peito de novo, certa de que Charlie conseguia ver seu coração batendo. — Tudo bem se eu descansar um minuto?

— Claro. Vou começar montando na primeira sala. Venha quando se sentir bem.

Sara quase não conseguiu falar um “obrigada”. Cruzou a sacada até a escada mais distante. Passou pela sala em que Dale Harding tinha morrido, sentindo como se estivesse cometendo o pior tipo de pecado por deixar sua vida desmoronar enquanto aquele homem estava ali morto. Ela parou na frente do unicórnio com olhos de arco-íris no alto da escada. Seu estômago balançava como um pequeno barco no meio do oceano. Fechou os olhos. Esperou pela náusea. Então pegou o celular, porque era a única desculpa socialmente aceitável para ficar parada em silêncio com a cabeça abaixada.

Havia uma mensagem de sua irmã. Tessa era missionária na África do Sul. Tinha mandado uma foto da filha construindo um castelo de barro com a ajuda de algumas crianças locais.

Sara começou a digitar a mensagem ANGIE ESTÁ DE VOLTA, mas não a mandou. Olhou para as palavras. Apagou as três últimas e escreveu: ANGIE PODE ESTAR MORTA. Seu dedão passou por cima do ENVIAR, mas ela não se convenceu a apertar.

Sara tinha testemunhado em vários julgamentos de assassinato em que dados de celulares foram uma parte importante. Imaginou-se no banco de testemunhas explicando a um júri por que sua irmã menor enviara um emoticon de sorriso em resposta à notícia de que a esposa de Will poderia estar morta. Apagou a mensagem não enviada e olhou para a foto da sobrinha, até que seu estômago se acalmou e ela não sentia mais vontade de descer correndo a escada.

Sara nunca havia entendido bem o relacionamento complicado entre Will e Angie. Era algo que aceitara como uma dessas coisas que você tolera quando está apaixonado por alguém, como o fato de que ele se recusava a comer salada ou que era incapaz de perceber que o rolo de papel higiênico tinha acabado. Angie era um vício. Era uma doença.

Todo mundo tinha um passado.

Sara já tinha se casado antes. Apaixonara-se profunda e totalmente por um homem com quem iria passar, feliz, o resto da vida. Mas ele morreu e ela se forçou a seguir em frente. Depois de um tempo. Devagar. Deixou a pequena cidade onde nascera. Deixou a família. Deixou tudo que conhecia para se mudar para Atlanta e começar de novo. E então apareceu Will.

Tinha sido amor à primeira vista? Conhecer Will fora mais como um despertar. Na época, Sara era viúva havia três anos. Estava trabalhando em turnos duplos no Hospital Grady. Do trabalho para casa, essa era sua vida. E então Will entrou na sala de emergência. Sara sentiu algo se mexer dentro dela, como uma flor de inverno aparecendo no meio da neve. Ele era bonito. Era inteligente. Era divertido. Também era muito, muito complicado. Will seria o primeiro a admitir que tinha bagagem suficiente para encher um avião inteiro. E Angie era apenas parte disso.

Durante a maior parte de sua vida profissional, Sara tinha trabalhado ou como pediatra ou como legista. Entre os dois empregos, viu incontáveis vezes as formas como as pessoas descontavam sua raiva nas crianças. Só quando conheceu Will ela entendeu o que acontecia com essas crianças quando cresciam. As cicatrizes dele eram emocionais e físicas. Ele não confiava nas pessoas — pelo menos não muito. Conseguir que ele falasse de seus sentimentos era como arrancar um dente. Na verdade, conseguir que ele falasse sobre qualquer coisa realmente importante era como tentar tirar o Titanic do fundo do mar. Com um cadarço.

Eles estavam juntos havia três meses quando ele falou pela primeira vez das cicatrizes em seu corpo. Quase um ano se passou antes de contar a Sara alguns dos motivos, mas não os detalhes e, sem dúvida, não as emoções por trás delas. Sara aprendeu a entender as dicas dele e não fazer perguntas. Passava as mãos pelas costas dele e fingia que a marca perfeita e quadrada de uma fivela de cinto não estava lá. Beijava sua boca e ignorava a cicatriz onde seu lábio tinha sido dividido em dois. Ela só comprava camisas de manga comprida porque sabia que ele não queria que ninguém visse a cicatriz de navalha no antebraço dele.

Por causa de Angie.

Ele tinha tentado se matar por causa dela. Não por ter sido rejeitado por ela, mas porque, quando eram crianças, os dois foram colocados em um lar adotivo com um homem que não tirava as mãos dela. Angie já havia feito denúncias falsas antes. A polícia não ouvia garotas como ela. Aos catorze, já tinha histórico policial. Então, Will pegou uma navalha e abriu uma linha de quinze centímetros no braço a partir do punho, porque sabia que um pronto-socorro era o único lugar em que não poderiam ignorá-los.

Essa não foi nem a primeira nem a última vez que ele arriscou a vida por Angie Polaski. Havia levado anos para que Will conseguisse se livrar do poder que ela exercia sobre ele. Mas será que tinha se livrado mesmo? Ele estava certo ao ficar triste, pois alguém que conhecia por toda a vida provavelmente estava morta?

Sara não conseguia parar de pensar no batom. Era a única coisa em que conseguia focar, porque as violações além do batom significavam que havia muita coisa para resolver. Will sabia que Angie entrava na casa dele. Ele podia sacrificar sua vida por ela, mas deveria ter protegido a privacidade de Sara.

Ela balançou a cabeça. Pelo menos, ela sabia que posição ocupava na lista de prioridades dele: logo atrás de Betty.

Sara enfiou o telefone de volta no bolso. Pegou os óculos pendurados no pescoço. As lentes estavam embaçadas. O prédio estava horrivelmente quente. Tudo estava coberto de suor. Ela encontrou um lenço no bolso e esfregou as lentes com vontade.

Pensou que uma coisa boa de pegar Betty era que Will teria de passar no apartamento dela. O que era engraçado. Por que Sara deu tanto poder para ele? Ela era uma mulher adulta. Não deveria se sentir como se estivesse esperando algum rapaz responder sim ou não ao bilhete enfiado dentro do armário dele na escola.

Sara olhou as lentes. Viu uma mancha e estava prestes a se xingar por arruinar outro par de óculos quando percebeu que a mancha não estava na lente. Estava no unicórnio por trás dela.

Colocou os óculos. Olhou mais de perto. O unicórnio era de tamanho real — supondo que seja do tamanho de um cavalo. A cabeça dele estava um pouco de lado, pois olhava na direção da escada, para baixo. O olho de arco-íris da criatura estava na altura do ombro dela. No meio da faixa verde e azul da íris havia um buraco que era do tamanho de uma moeda. Havia uns pontinhos cinzentos de concreto, que eram a mancha que tinha visto em suas lentes. Sara olhou para o chão. Pó de concreto cobria bitucas de cigarro e cachimbos de crack. A poeira tinha caído havia pouco tempo.

— Charlie? — chamou ela.

A cabeça dele apareceu de uma das salas.

— Quê?

— Pode vir aqui com sua câmera e algumas pinças?

— Essa é a proposta mais interessante que recebi a semana toda.

Ele voltou para a sala e saiu com a câmera em uma das mãos e um kit da Unidade de Crimes na outra.

Sara apontou para o olho do unicórnio.

— Aqui.

Charlie deu de ombros.

— Duas coisas que sempre me deram medo: unicórnios e globos oculares. — Ele tirou uma lente de aumento do kit e se abaixou para olhar melhor. — Oh, estou vendo. Grande descoberta.

Sara se afastou enquanto Charlie fotografava o olho furado, usando uma pequena régua de metal para mostrar a escala. Ele fez o mesmo com a poeira debaixo do unicórnio, depois mudou de lente para ter uma visão mais ampla. Quando terminou de documentar a criatura, entregou a Sara um par de pinças.

— Faça as honras.

Sara sabia que poderia estragar tudo se não tomasse cuidado. Também sabia que nunca tinha perdido em um jogo de Operação. Colocou a base da mão bem debaixo do olho do unicórnio. Abriu a pinça o suficiente para conseguir enfiá-la no buraco na íris. Lentamente, enfiou as lâminas até sentir algo sólido. Em vez de abrir a pinça, ela fechou, certa de que havia algo para agarrar. Estava certa. A ponta das lâminas agarrou a beirada achatada do que acabou sendo uma bala.

— Eles atiram em unicórnios, não é? — comentou Charlie.

Sara sorriu.

— Trinta e oito especial?

— É o que parece — respondeu Charlie. — O G43 não foi usado. O clipe e a câmara tinham American Eagle 9 mm, Full Metal Jacket. — O bigode de Charlie se inclinou, pensativo. — Isso poderia ser de um revólver.

— Poderia — concordou Sara. Um policial da idade de Dale Harding poderia preferir um revólver a uma 9 mm. — Você não encontrou outra arma?

— Talvez tenha derretido no carro dele. Vou avisar os técnicos para procurarem.

Sara cheirou o cartucho usado, sentindo os odores remanescentes de serragem, grafite e nitroglicerina.

— Parece que foi usado recentemente.

Charlie cheirou também.

— Acho que sim. Mas não tem sangue.

— A bala teria ficado quente o suficiente para cauterizar qualquer sangramento, mas haveria traços microscópicos.

— Kastle Meyer?

Sara balançou a cabeça. O teste de sangue em campo era conhecido por seus falsos positivos.

— Deveríamos deixar o laboratório dar uma lavada. Odeio quando me dizem que usamos a única amostra viável e por isso não conseguimos testar o DNA.

— Você está certa. — Charlie olhou para o chão. — Não sou médico, mas, se a bala acertou algo grande, como uma artéria, conseguiríamos ver sangue em algum lugar dessa

área.

— Concordo. — Sara pegou um pequeno saco plástico de provas no kit da Unidade de Crimes. Charlie rotulou porque a letra dele era melhor.

— Só para que você saiba, Amanda autorizou rapidez em tudo, inclusive no DNA — avisou ele.

— Vinte e quatro horas é melhor que dois meses. — Sara estudou o buraco de bala no olho do unicórnio. — Esse buraco não está mais oval?

— Vi isso quando estava tirando as fotos. Vamos chamar os nerds para fazer a renderização, calcular trajetória, velocidade, ângulos. Vou avisar sobre a pressa. Devemos ter alguma resposta em alguns dias.

Sara pegou uma caneta do kit da Unidade de Crimes e enfiou no buraco. A tampinha apontava para a sacada em um ângulo baixo.

— Tem dois niveladores e um pouco de fio?

Charlie riu.

— Você é uma MacGyver.

Sara esperou Charlie tirar um bolo de fio de uma das sacolas de lona. Ele amarrou na ponta da caneta. Tirou o celular do bolso e abriu o aplicativo nivelador.

— Boa ideia. — Sara pegou o celular. Navegou por seus aplicativos até encontrar o nivelador. — O outro lado da sacada está a quantos metros?

— Vinte e cinco.

— Um projétil viajando pelo ar está sujeito às forças da resistência do ar, do vento e da gravidade — disse Sara.

— Nenhum vento aqui dentro. A resistência seria insignificante a essa distância.

— Então a gravidade — Sara colocou o celular no alto da caneta. O aplicativo mostrava um nivelador Stanley antigo com um número digital em cima da bolha. — Tenho 7,6 graus.

Colocou o celular ao lado da caneta para uma segunda leitura. O número ficou pulando de cima para baixo.

— Vamos dizer que é 32.

— Ótimo. — Charlie começou a caminhar para trás, desenrolando o fio, mantendo a linha esticada. De vez em quando, ele parava e verificava o nivelador em seu celular comparando com o alto e a lateral do fio para ter certeza de que ainda estava correto. Enquanto mantinha os ângulos consistentes, o fio indicava o ponto em que a bala tinha deixado a boca da arma.

Charlie olhava para trás enquanto caminhava, desviando dos marcadores de plástico amarelos. Sua mão estava muito alta para imitar o melhor possível uma pessoa de altura média segurando uma arma e atirando daquele nível. Passou pela área do assassinato, as

placas de gesso empilhadas. Sua mão começou a baixar. Ele não parou antes de atingir o alto da escada.

— Espere. — Sara verificou o nível em seu celular. — Está indo muito para a esquerda.

— Tenho uma teoria — Charlie desceu um degrau, depois outro. Olhou de novo para Sara. A mão segurando a bola de fio desceu cada vez mais. Sara manteve a caneta reta. O fio se afastou da sacada, ficando tenso no ar aberto como uma corda bamba, até que a mão de Charlie estava na altura de seu tornozelo. Ele usou o nivelador para fazer um ajuste. Sua mão deslizou de volta até estar pressionada contra a parede. Ele verificou os ângulos uma última vez. — Esse é o fim da linha.

Sara estudou o caminho do fio. A teoria de Charlie era bastante boa. Quem tivesse atirado com a arma deveria estar parado em algum ponto da escada. Ou caído. A mão de Charlie estava baixa, uns sete centímetros de distância do chão. Dois degraus abaixo foi o ponto de impacto onde a mulher — provavelmente Angie — tinha batido a cabeça.

— Eles lutaram pela arma ali — disse Sara.

— Angie e Harding — Charlie acompanhou o pensamento dela. — Angie tem uma arma. Ela sobe correndo a escada. Harding a agarra, bate a cabeça dela contra o chão. Ela vê estrelas. Ele pega a arma. Talvez tenha batido a mão dela no concreto e um tiro escapou.

— Angie é destra. — Sara odiava saber disso. — Se estivesse de costas, para sua teoria funcionar, a arma deveria estar na mão esquerda dela, o que significa que a bala estaria daquele lado da escada, não aqui.

— Ela poderia estar de lado?

Sara deu de ombros, porque não havia muitas certezas considerando que estavam usando fio e um aplicativo gratuito.

— Vamos pensar nisso. — Charlie começou a enrolar o fio. — Angie está fugindo de Harding, o revólver está na mão dela porque sua Glock, por algum motivo, ficou no estacionamento. Ela está quase no alto da escada. Harding a ataca. A arma dispara. Angie escapa. Ela vai para a sala. Fecha a porta. Intervalo. — Ele levantou o dedo. — O problema é: como a arma dispara? Um policial não poderia estar com o dedo no gatilho enquanto sobe os degraus correndo. São treinados para deixar o dedo longe do gatilho até estarem prontos para atirar. Você não desaprende isso quando deixa o distintivo.

— As pegadas me incomodam — comentou Sara. — Por que o pé dela estaria ensanguentado quando sobe os degraus?

— Estava descalça? — chutou Charlie. — Tem um monte de vidro quebrado lá embaixo, alguns deles com sangue. O que me faz lembrar que encontramos uma

pequena quantidade de sangue seco no chão lá embaixo. Parece um sangramento bem feio de nariz.

— Isso poderia combinar com a parafernália de drogas, mas deveríamos pegar uma amostra de qualquer forma.

— Com licença, senhor. — Gary, o técnico que resgatava gatos, estava atrás de Charlie. — Não pude deixar de ouvir e estava pensando sobre a luta pela arma. Tipo, se ela virasse de lado quando estavam brigando na escada, a ponta da arma não estaria virada para o alto, mais para o teto? — Ele tentou se aproximar da posição, as mãos no ar como Farrah Fawcett em uma série de TV que passava muitos anos antes de ele ter nascido.

— Mais parecido com isso — disse Charlie, sobre sua própria posição. — Então, a arma poderia virar assim... — Ele girou a mão. — Pareço de borracha, não?

A risada de Sara foi mais verdadeira dessa vez, porque os dois pareciam bem ridículos.

— Talvez devêssemos chamar os nerds aqui.

Gary pegou uma bandeja de frascos.

— Tirei amostras de todo lugar em que vi sangue. Também coletei os pingos de sangue no pescoço de Harding. Dra. Linton, posso olhar como você verifica o tipo de sangue? Nunca vi fazerem isso antes.

De repente, Sara se sentiu velha. Esqueça a Farrah Fawcett. Gary provavelmente usava fraldas quando os advogados de O.J. Simpson deram uma aula de DNA aos Estados Unidos.

— Seria ótimo.

Gary praticamente deslizou pela escada. Sara seguiu a um ritmo mais cauteloso. Ela tentou não pensar em como Will estava quando subiam pela plataforma elevada. A estranha raiva que sentia por Collier, como se Sara fosse dar bola a outro homem.

— O que você sabe sobre tipos de sangue? — perguntou ela a Gary.

— Há quatro grupos principais — respondeu ele. — A, B, AB e O.

— Correto. Em geral, todos os humanos pertencem a um desses grupos, que estão fundados em antígenos geneticamente determinados que se juntam aos glóbulos vermelhos. Os testes ABO determinam se o antígeno está presente ou não ao usar um reagente que aglutina quando entra em contato com o sangue.

— Sim, senhora — Gary parecia perdido. — Obrigado.

Ela tentou de novo.

— Você basicamente coloca uma gota em um cartão pré-preparado, mistura e ele vai mostrar que tipo é.

— Ah! — Ele pegou a prancheta do policial parado na porta e assinou. — Isso é legal.

Gary abriu a porta. Sara ficou cega pelo excesso de luz e não conseguiu saber se ele estava realmente interessado ou apenas estava sendo educado. Ela rabiscou uma assinatura embaixo da dele. Os olhos demoraram para se ajustar enquanto caminhavam pelo estacionamento. Gary tirou a redinha do cabelo e apertou o elástico ao redor do rabo de cavalo. Ele já tinha aberto seu macacão Tyvek. A camiseta azul da AIG tinha as mangas enroladas até os ombros. Mais tatuagens cobriam seus braços. Ele usava uma corrente de ouro grossa com um medalhão que refletia a luz solar como um espelho.

Sara olhou ao redor do estacionamento e prédios adjacentes, dizendo a si mesma que não estava procurando Will ou Amanda, mas mesmo assim se sentiu desapontada por não encontrar nenhum dos dois. Olhou para o celular vendo se Amanda tinha mandado o tipo de sangue de Angie. Ainda não, o que era estranho. Amanda geralmente era rápida. Sara passou o dedo pelo ícone de telefone. Seria um bom motivo para ligar. Ela podia perguntar a Amanda sobre os registros de Angie e depois sondar, como quem não quer nada, se estava tudo bem, se Will tinha encontrado Angie e a carregado nos braços até o hospital.

Sara enfiou o telefone de volta no bolso.

Levantou a cabeça, depois abaixou rapidamente. O sol estava brilhando direto em seus olhos. Achou que eram umas dez horas, se ainda se lembrava do treinamento das bandeirantes. A luz do sol estava tão forte que começou a lacrimejar. Ela não quis olhar para o Kia queimado de Harding. O carro era examinado minuciosamente por dois técnicos que estavam de joelhos com lentes de aumento. A estrutura escurecida tinha esfriado um pouco. Sara ainda conseguia sentir o calor vindo do metal quando passou perto.

O Laboratório Móvel do Departamento de Ciências Forenses da AIG foi criado dentro do ônibus que fora confiscado de um cara que fraudava o Medicare. Os bancos foram tirados para acomodar uma longa mesa com computadores e armários para vários kits de coletas e sacos de provas. O mais importante, o ar-condicionado, tinha sido deixado intacto. Sara quase sentiu seus joelhos aliviados quando o ar frio tocou sua pele.

Gary colocou a bandeja de amostras na mesa. Puxou uma cadeira para Sara, depois pegou uma para si. Ela tentou não olhar para a corrente com o medalhão.

— Dá para saber o sexo ou a raça com o kit? — quis saber ele.

Ela usou papel-toalha para limpar o suor do pescoço e do rosto.

— Para saber o sexo, você precisaria do teste de DNA, para detectar a presença ou ausência do cromossomo Y.

Ela começou a procurar as pinças e abriu as gavetas para pegar os kits de EldonCard que tinha comprado pela Amazon, porque estavam mais baratos do que no fornecedor local.

— Para a raça, você pode usar as estatísticas, mas não é nada definitivo. Há um número relativamente mais alto de A entre caucasianos. A maioria dos hispânicos são O. Asiáticos e afro-americanos, B.

— E as pessoas que são de raças misturadas?

Ela ficou imaginando se estava perguntando isso por causa de Angie, que tinha traços mediterrâneos — pele cor de oliva e cabelo castanho luxuriante, e era curvilínea. Na única vez que Sara tinha ficado ao lado de Angie, tinha se sentido uma criança ruiva desajeitada.

— Raças misturadas é um pouco mais complicado. Os pais nem sempre combinam com o tipo de sangue dos filhos, mas seus alelos ditam o tipo de sangue. Os pais tipo AB e tipo O podem ter uma criança tipo A ou B, mas não O ou AB. Dois O só podem ter um AB, nada mais.

— Uau! — Gary coçou o cavanhaque. — A maioria das coisas que nos ensinaram sobre sangue na escola tinha a ver com DNA. Coletar, processar. Isso é muito legal.

Sara não tinha certeza se ele estava sendo verdadeiro. As coisas ficaram mais fáceis para os nerds. Na idade de Gary, ela era vista como uma extraterrestre.

— Vou fazer o primeiro tipo. Você faz o segundo. Vejo se está tudo bem e aí você faz os outros — propôs Sara.

— Legal! — Ele deu um sorriso. — Obrigado, dra. Linton.

— Sara — Ela abriu o envoltório de metal do EldonCard. — Esse é o cartão de teste.

Ela mostrou para ele o cartão branco com uma impressão em preto. No alto havia quatro círculos vazios, ou poços, cada um com uma gota de reagente no centro. Embaixo dos círculos havia rótulos: anti-A, anti-B, anti-D e um controle.

— Anti-D? — perguntou Gary.

— D testa o fator Rh. — Sara deu outra longa explicação. — A ausência ou presença de *rhesus* mostra o positivo ou o negativo depois do tipo de sangue. Então, se vir o sangue coagular no círculo A e no D, isso significa que seu tipo de sangue é A positivo. Se não coagular no D, então é A negativo.

— *Rhesus*?

Ela enfiou um par de luvas.

— Chama-se assim por causa dos macacos *rhesus*, porque foram usados, no início, para criar o antissoro para as amostras de tipo de sangue.

— Oh! Pobres macacos... — disse Gary.

Sara dispôs alguns papéis-toalha limpos e esvaziou o kit na sacada. Ela deixou o álcool e o bisturi de lado, pois não estavam testando um espécime vivo. Separou quatro bastões de plástico e a pequena garrafa de água que vinha com o kit.

— Escreva no cartão de onde vem a primeira amostra — orientou a Gary.

Gary pegou uma caneta do bolso e escreveu ESCADA ESQUERDA, DOIS IMPACTOS, depois o endereço do prédio, data e hora. O medalhão de ouro bateu na mesa. Sara supôs que ele ainda não tinha conhecido Amanda. Uma vez, ela colocou uma régua na nuca de Will para ter certeza de que seu cabelo estava a um centímetro do colarinho, como dizia o regulamento.

Sara colocou os óculos. Depositou o cartão sobre o papel-toalha. Deixou cair uma gota de água sobre os quatro reagentes separados em cada círculo. Gary abriu um dos frascos de testes, que continha um pedaço de pele, provavelmente escalpo. Sara usou uma pipeta de vidro para retirar um pouco de sangue. Colocou o sangue no espaço de controle e usou os bastões para misturá-lo ao reagente dentro das margens do círculo impresso.

— Já deveria estar coagulando? — perguntou Gary.

— Não no controle. Sempre deve ficar normal.

Sara colocou mais sangue no primeiro círculo, marcado anti-A, e espalhou com um bastão novo. Então, fez o mesmo com anti-B e anti-D.

— Em seguida, você vira o cartão de lado, segura por dez segundos, depois mais dez segundos de cabeça para baixo e assim por diante até conseguir misturar bem o sangue com o reagente.

— Parece que o B está coagulando — disse Gary.

Ele estava certo. Havia uns torrões vermelhos dentro do círculo B.

— Não está coagulando no círculo D — observou Gary. — Isso significa que é B negativo, certo?

— Certo — disse Sara para ele. — Muito bom.

— Sabemos qual é o sangue da sra. Trent?

O nome veio como um soco na garganta de Sara.

— Ela se chama Polaski.

— Ah, desculpe. Erro meu.

— Não mandaram o tipo de sangue dela ainda. — Sara verificou seu celular para ter certeza de que Amanda não tinha mandado mensagem alguma. Ela se perguntou de novo se algo tinha acontecido. Will tinha o hábito de concordar com Amanda, depois fazer o que queria. Sara costumava achar isso atraente.

— O DNA da sra. Polaski está no arquivo de quando era policial? — quis saber Gary.

Ela poderia falar que encontrariam uma amostra intacta do DNA de Angie no batom de Sara, mas não.

— É pouco provável, a menos que ela tenha sido descartada em uma cena de crime. Ela trabalhava em Costumes, então há poucas chances de que tenha sido necessário. — Sara se forçou para manter a atenção na tarefa que estava fazendo. — DNA é o padrão

ouro, mas o tipo de sangue é uma descoberta importante. B negativo só acontece em dois por cento dos caucasianos, um por cento dos afro-americanos e bem menos que meio por cento dos outros grupos étnicos.

— Uau. Obrigado. É uma ciência meio louca, dra. Linton. — Gary pegou a caneta e preencheu o próximo cartão sem que ela pedisse. As letras dele eram organizadas e de forma que preenchiam todo o quadrado. ESCADA ESQUERDA, PEGADA ENSANGUENTADA A.

— Então, água primeiro, certo? — disse ele.

— Só uma gota.

Ela ficou quieta enquanto Gary processava o próximo kit. Ele realmente aprendia rápido. Quando misturou o sangue, suas margens dentro dos círculos estavam melhores que as dela. Começou a virar o cartão, segurando no lugar por dez segundos antes de virar outra vez, depois mais uma vez. Como antes, o sangue coagulou em B negativo.

— Tente a amostra do pescoço de Harding — instruiu ela.

Gary tinha usado um cotonete porque não havia muito sangue. Ele teve que usar uma tesoura para cortar a ponta de algodão, depois usar água para liberar o sangue. Fez a mesma coisa com o cartão. Dessa vez, só o D coagulou.

— Fiz algo errado? — ele perguntou.

— Ele é O positivo, o tipo de sangue mais comum de caucasianos, mas a parte importante é que dá para descartar definitivamente Harding para a pegada e o sangue esguichado na escada. — Ela entregou outro kit a ele. — Vamos tentar a amostra do sangue da sala onde Harding morreu.

Houve uma batida forte na porta. Tanto Sara quanto Gary deram um pulo.

— Meu Deus! — Charlie segurava sua câmera enquanto subia no ônibus e passava pela porta. — Achei que ia pegar fogo dentro daquela sala. — Ele fechou os olhos e respirou o ar frio por alguns segundos.

Gary começou o próximo kit. Sara entregou a Charlie um papel-toalha para limpar o rosto. Estava tomado pelo suor. Eles precisariam colocar alguns ventiladores no prédio antes de continuarem. Era agosto. Mesmo à noite, quando o sol baixava, a temperatura só ia cair alguns graus.

— Certo. — Charlie jogou o papel no lixo. — Usei o luminol dentro das outras salas.

Sara assentiu. O luminol era ativado por uma luz negra que fazia as enzimas no sangue brilharem com um azul etéreo. A reação durava alguns segundos, e só acontecia uma vez, por isso era importante ter uma câmera para gravar o processo.

— Algo bom? — perguntou ela a Charlie.

— Ah, sim. Tenho algo bem aqui. — Charlie ligou a tela na parte de trás da câmera e começou a navegar pelas fotos. — Por falar nisso, encontrei um pouco de sangue no unicórnio, o que poderia significar que a bala passou por alguém.

— Um pouco ou muito?

— Mais como um espirro.

— Não é suficiente para testar com EldonCard. Teremos de testar o DNA. — Por causa de Gary, ela acrescentou: — Não há marcação de tempo para o sangue. Alguém nessas festas pode ter sangrado há uns três meses.

— Ninguém sabe as coisas que aquele unicórnio já viu — brincou Charlie.

O dedão de Charlie mexia na barra da câmera. Marcas de borrifos azul-claros e iluminados por flash cruzavam a tela.

— Dra. Linton? — Gary levantou o cartão que tinha acabado de processar. — Mais B negativo.

— Por algum acaso, você tirou uma amostra da segunda sala à esquerda da escada? — perguntou Charlie.

— Sim, senhor. — Gary verificou os frascos. — Encontrei sangue no chão, no canto direito, atrás. E verifiquei três vezes o rótulo antes de passar para o próximo, como você falou.

— Bom garoto — disse Charlie. — Teste para mim, por favor.

Gary esperou que Sara o autorizasse a continuar.

— O que foi? Encontrou algo? — perguntou ela a Charlie.

— Ah, encontrei.

Sara não gostava de suspense, mas deixou Charlie se divertir. Em geral, o trabalho forense era a parte menos glamorosa da investigação policial. Não era como na televisão, onde técnicos impecavelmente vestidos e bonitos encontravam pistas do nada, usavam armas, interrogavam os bandidos, depois levavam todos para a cadeia. Cinquenta por cento do trabalho de Charlie era papelada e os outros cinquenta por cento era ficar com o olho ou em uma câmera ou em um microscópio. Ele provavelmente tinha encontrado um padrão incomum de borrifo no teto ou o Santo Graal forense: uma marca de dedo viável deixada no sangue fresco.

— Aí está! — Charlie pareceu triunfante levantando a câmera para que Sara pudesse ver.

A tela marcava a conhecida quimioluminescência — um azul brilhante contra o fundo escuro e grafitado, quase como um raio-X. Em vez de um padrão incomum de sangue ou uma digital clara, havia duas palavras escritas em sangue: ME AJUDE.

— Dra. Linton? — Gary tinha terminado o cartão de teste. — É B negativo, como os outros dois.

— Gary, tem certeza de que o sangue foi tirado da segunda sala, que é onde encontrei esta mensagem? — verificou Charlie.

— Sim, senhor. Positivo. Triplo positivo.

— Sara? — Charlie esperou. — Amanda já mandou o tipo sanguíneo de Angie?

Ela não respondeu. Seus olhos não abandonavam a imagem brilhante na câmera. Olhava aquelas palavras, absorvendo a conhecida letra manuscrita como se fosse radiação consumindo seu cérebro.

Os dois “E” estavam escritos como três ao contrário.

Amanda abriu a porta de trás. Esticou a mão para que Charlie a ajudasse a entrar no ônibus. Gary ofereceu a cadeira em que estava. Amanda olhou suas tatuagens e a corrente de ouro, e fechou a cara.

— Jovem, espere por mim do lado de fora.

Gary rapidamente seguiu as ordens, fechando a porta com gentileza depois de sair.

Amanda se sentou na cadeira vazia.

— Will está procurando no prédio comercial do outro lado da rua. — Ela avisou Sara. O tom dela era acusador, como se Sara tivesse o poder de impedi-lo. — O engenheiro estrutural disse que a maldita coisa está a ponto de cair, mas Will não quis escutar. Não posso mandar ninguém atrás dele sem arriscar um processo se o prédio desmoronar.

Sara entregou a câmera para Amanda.

— O que é isso? — Amanda olhou para a tela. Ficou lendo as palavras por um momento. — Reconhece a letra?

Sara assentiu. Ela havia recebido tantos bilhetes horríveis no ano passado que conhecia a letra de Angie quase mais do que a própria.

— Por enquanto, vamos garantir que essa mensagem não saia daqui — ordenou Amanda. — Will não precisa de mais nada na cabeça.

— Sim, senhora — assentiu Charlie.

Sara não conseguiu responder.

— O pessoal de Registros finalmente me mandou o arquivo de Angie — continuou Amanda.

Ela colocou a câmera no colo. Os ombros caíram. Parecia, de repente, cansada, mais velha do que seus 64 anos.

— Por favor, me digam que nenhum sangue encontrado é B negativo.

CAPÍTULO TRÊS

A PORTA DA FRENTE DO PRÉDIO comercial tinha sido trancada com correntes, mas os drogados tinham quebrado uma janela. A porta do porão e as portas para os elevadores eram outra história. O metal tinha sido soldado no batente. Mas isso não tinha impedido a festa. O hall de entrada estava cheio de vidro quebrado e pedaços de aço de mesas e cadeiras quebradas. O prédio era tão velho que nem era de concreto, mas de madeira. Incrível como não foi destruído pelas chamas. O incêndio tinha começado nos pisos de asbestos, e a fumaça escureceu os tetos. Havia manchas de urina nas paredes. Tudo de valor tinha sido quebrado ou roubado há muito tempo. Até os cabos de cobre foram arrancados das paredes.

A estrutura tinha dez andares, quase perfeitamente quadrada. Will viu que cada um dos andares estava dividido em vinte escritórios, dez de cada lado, com uma comprida área de cubículos abertos no centro e dois banheiros no fundo. O esboço parecia mais um desenho de Escher do que um labirinto. Em algumas salas havia escadas temporárias, feitas de caixotes e mesas empilhadas, que levavam a buracos apodrecidos no teto. Essas escadas vacilantes levavam a portas trancadas ou a salas menores em outros andares acima, que precisavam ser examinados por Will um de cada vez. Ele se sentia como uma bola de fliperama indo de um lado para o outro, subindo em caixotes velhos empilhados, descendo algumas cadeiras empilhadas instáveis, espiando armários abertos e levantando estantes caídas, chutando pilhas de papel que foram deixadas para apodrecer por décadas.

Angie.

Ele tinha de encontrar Angie.

Amanda havia desperdiçado quase uma hora da vida de Will, fazendo com que ele esperasse do lado de fora do gabinete, enquanto ela relatava ao governador o pouco que sabiam sobre o assassinato de Dale Harding. Will tinha passado o tempo se convencendo de que ela estava certa. Ele não podia procurar por Angie. Não podia ser ele a encontrá-la. A imprensa aproveitaria a história, e Will não apenas veria o fim de sua

carreira, mas também o interior de uma cela de prisão. E poderia arruinar a vida de Amanda no processo. De Faith. De Sara. O dano seria irreparável.

A menos que encontrasse Angie viva. A menos que ela fosse capaz de contar a história do que tinha realmente acontecido dentro da boate de Rippy.

Foi quando Will deixou a sede do governo e pegou um táxi.

Quarenta minutos tinham se passado desde então. Se Sara estivesse certa, se Angie só tivesse poucas horas, então poderia ser tarde demais.

Mas não conseguiu parar de procurar.

Will abriu a última porta da última sala no terceiro andar. Não havia tábuas nas janelas. A luz do sol invadia a pequena sala. Ele afastou uma mesa da parede. Um rato saiu correndo, e Will pulou para trás. Seu pé atravessou o piso apodrecido e ele sentiu a pele da perna se abrir como um zíper. Rapidamente a tirou do buraco, torcendo para não ter sido infectado por uma seringa ou um pedaço de vidro. Sua calça estava rasgada. O sangue corria para o sapato. Não podia fazer nada sobre aquilo naquele momento.

Havia um conjunto de escadas no fim do corredor. Os degraus de concreto corriam pela estrutura como uma coluna, as janelas quebradas em cada patamar lançavam luzes que o cegavam. Will agarrou o corrimão e arremeteu-se para o próximo andar. O joelho quase bateu no patamar. A perna poderia estar mais machucada do que ele imaginava. Podia sentir o sangue se acumulando no calcanhar. A meia fazia um barulho de molhado enquanto ele subia para o andar seguinte.

— Ei.

Collier estava esperando por ele. Usava o capacete amarelo e estava encostado no batente, com os braços cruzados no peito.

— Fim da linha, amigo. Você precisa sair daqui.

— Sai da frente — disse Will.

— Sua chefe ficou muito brava quando falei que você estava aqui. Vi com meus próprios olhos como o meio das pernas dela piscava. — Collier sorriu. — Acho que vai piscar de novo quando descobrir que estou aqui também.

Collier não se moveu, então Will o empurrou.

— Vamos, amigo. Esse lugar não é seguro. — Collier teve de correr para manter o ritmo de Will. — Sou o responsável pelas equipes de busca. Se você atravessar o chão e quebrar o pescoço, é minha responsabilidade.

— Eu já atravessei o chão.

Will avançou pelo corredor. Entrou na primeira sala. Tapete lúgubre. Cadeiras quebradas. Mesa de metal enferrujado. Collier o seguiu, parado na entrada, olhando como Will revirava a sala.

— Qual é o seu problema, cara?

Will viu a ponta de um colchão. Jornais cobriam a superfície. Ele conseguiu ver uma forma embaixo. Usou o pé para chutar os jornais, respirou fundo quando viu que a forma era um cobertor, não Angie.

— Isso é uma loucura, cara — disse Collier.

Will se virou. Collier ainda estava bloqueando a entrada.

— Onde está seu parceiro? — perguntou Will.

— Ng está revendo os relatórios de pessoas desaparecidas, e esperando nossa vítima de violência doméstica de ontem à noite sair da cirurgia. Não vai ver a luz do sol por alguns dias.

— Por que não vai ajudá-lo?

— Porque estou ajudando você.

— Não está, não. — Will parou na frente dele. — Saia ou eu vou tirar você.

— Tem a ver com sua namorada? Amante? Sei lá o quê. — Collier sorriu. — Olha, cara, você deveria ter me contado que era sua namorada. Resolver isso como um homem.

— Você está certo. — Will deu um soco na lateral do rosto de Collier, não apenas por Sara, mas por ser um estúpido e ficar no caminho.

As mãos de Collier se levantaram um segundo atrasado. O golpe foi mais forte que Will queria, ou talvez Collier fosse um desses caras que não aguentam um soco. Ele virou os olhos. A boca abriu e ele caiu como um saco de merda jogado de seja lá onde for que se empilhem os sacos de merda, desmaiado antes de chegar ao chão.

Will experimentou cinco segundos de felicidade antes de pensar no que tinha feito. Olhou para a mão, espantado com o próprio ato de violência. Flexionou os dedos. A pele tinha se cortado em duas de suas juntas. Pingos de sangue deslizavam pela mão. Por um momento, começou a pensar se a mão tinha agido por vontade própria, algum tipo de possessão que não conseguia controlar. Ele não era assim. Não saía por aí socando pessoas, mesmo gente como Collier, que merecia.

Esse era o verdadeiro poder de Angie sobre Will: ela conseguia despertar o pior lado dele.

Will tirou a camisa de dentro da calça. Limpou o sangue da mão. Arrumou a camisa de novo. Aí se agachou. Agarrou Collier pelos ombros e o encostou na porta. Continuou andando pelo corredor à procura de Angie.

Outro escritório. Outra mesa. Outra estante caída. Um carrinho de compras com uma velha IBM Selectric. Ele se virou. Havia um armário de metal perto da porta. Parecia ter um em cada escritório. Um metro e oitenta de altura. Um metro de largura. Quarenta e cinco centímetros de profundidade. Ao contrário dos outros, as portas estavam fechadas.

Will limpou o suor da palma das mãos. Pôs os dedos ao redor da maçaneta. Tentou virar o trinco. A ferrugem impedia. Empregou toda a força, praticamente levantando o armário do chão. Houve um barulho forte. A porta abriu.

Vazio.

Ela poderia se esconder dentro de um armário. Angie gostava de lugares escuros. Lugares onde podia ver, mas sem que pudessem vê-la. O porão do orfanato era o esconderijo favorito dela. Alguém tinha arrastado um futon para lá e deixado sobre o frio chão de tijolos. As crianças iam fumar lá embaixo. Fazer outras coisas. A sra. Flannigan, a mulher que dirigia o orfanato, não conseguia descer. Seus joelhos eram velhos. Ela era muito pesada. Não tinha ideia do que acontecia lá embaixo. Ou talvez tivesse. Talvez entendesse que conforto físico era tudo o que podiam oferecer um ao outro.

Will tirou o lenço. Passou a mão pela nuca.

Nunca se esqueceria daquele porão com Angie. Sua primeira vez. Ele não estava tremendo, era mais uma vibração com tesão, medo e terror, pois não queria errar, ir muito rápido ou recuar, e se ela risse ele teria de se matar.

Angie era três anos mais velha que Will. Tinha feito muitas coisas com muitos garotos, e mais outras com muitos homens, nem sempre por vontade própria, mas o fato era que ela sabia o que estava fazendo, e ele, não.

Apenas o toque das mãos dela fazia com que ele tremesse. Ele era desajeitado. Esquecia coisas, tipo como desabotoar as calças. Àquela altura da vida, as únicas pessoas que tinham tocado nele estavam tentando machucá-lo ou cuidar dele. Will não conseguiu evitar. Começou a chorar. Chorar de verdade. Não aquelas lágrimas quentes que escorreram pelo rosto quando o nariz estava quebrado ou quando ele cortou o próprio braço com uma navalha.

Soluços fortes e humilhantes.

Angie não riu dele. Ela o abraçou. Os braços dela tocaram suas costas. As pernas dela o envolveram. Will não sabia o que fazer com as mãos. Nunca tinha recebido um abraço antes. Nunca estivera fisicamente próximo de outro ser humano até aquele momento. Eles ficaram no porão por horas. Angie abraçando-o, beijando-o, ensinando o que fazer. Ela tinha prometido que nunca ia abandoná-lo, mas a verdade era que as coisas entre eles nunca mais foram as mesmas. Ela nunca mais conseguiu olhar para ele de novo sem ver aquelas lágrimas.

A próxima vez que Will se sentiu tão próximo de uma mulher foi quase trinta anos depois.

— Trent! — Collier estava no final do corredor, tonto como um boneco João Bobo. Ele fez uma careta quando seus dedos tocaram o ouvido. Escorria sangue pela lateral do

rosto e pelo pescoço.

Will colocou o lenço no bolso. Abriu outra porta, procurou em outra sala.

“Angie”, era só o que pensava. “Onde você se escondeu?”

Não fazia sentido chamá-la, porque ele sabia que ela não queria ser encontrada. Angie era um animal selvagem. Não demonstrava fraqueza. Ela se escondia para lamber suas feridas sozinha. Will sempre soube que, quando chegasse a hora, ela se esconderia em algum lugar e morrer sozinha. O mesmo que a mulher que a criara tinha feito.

Ou pelo menos que tinha tentado criá-la.

Angie tinha nove anos quando Deidre Polaski injetou sua superdose de heroína final, mas não fatal. A mulher passou os 34 anos seguintes em um coma vegetativo dentro de um sanatório público. Angie contou a Will que ela não sabia o que era pior: viver com o cafetão de Deidre ou viver no orfanato.

— Trent! — Collier encostou as mãos na parede e cuspiu no chão. — Nossa senhora. Com o que você me acertou, um martelo?

Will lutou contra a culpa, forçando-se a não pedir desculpas. Abriu a porta seguinte. Sentiu o estômago revirar quando seus olhos viam o que tinha sido um banheiro. O chão estava podre. Toaletes quebrados, pias e canos caídos no andar de baixo.

Havia mais um armário de metal do outro lado do buraco. As portas fechadas. Angie poderia estar ali dentro? Ela se agarraria à parede, cruzando para o outro lado da sala para poder se trancar e esperar até morrer?

— Você não vai entrar aí — disse Collier. Ele estava parado atrás de Will, cobrindo a orelha ensanguentada com a mão. — De jeito nenhum, cara. Vai cair e morrer.

Will tirou o lenço e entregou a ele.

Collier sussurrou um palavrão quando colocou o lenço na orelha.

— Esse armário tem trinta centímetros de largura, cara. Essa garota é tão magra assim?

— Ela caberia ali.

— Sentada?

Will imaginou Angie sentada no armário. Os olhos fechados. Ouvindo.

— Ela está ferida, certo? — disse Collier. — Bastante mal. Ela tinha todas essas outras salas para escolher, mas foi nessa que entrou, a que tem um buraco gigante. Como ela ia chegar do outro lado?

Fazia sentido. Angie não era muito chegada a atividades físicas. Odiava suar.

Will se virou. Foi até o banheiro do outro lado do corredor.

Novamente, Collier ficou olhando da porta, os braços cruzados, encostado no batente.

— Eles me contaram que você era um cabeça-dura — comentou Collier. Will chutou a porta dos lavabos. — Acho que tomou uma dura da doutora, não?

— Cale a boca. — Will ouviu o eco de Sara falando as mesmas palavras poucas horas antes. Ele nunca a tinha visto tão brava antes.

— Qual é o segredo, cara? — quis saber Collier. — Quer dizer, sem ofender, mas você não é nenhum Brad Pitt.

Will agarrou a camisa de Collier e o tirou do caminho.

Angie não estava naquele andar. Faltavam seis. Will foi na direção da escada e começou a subir para o próximo andar. Estava indo na direção errada? Deveria ter começado no último andar em vez de no primeiro? Havia um porão ali? Um loft no último andar com visão panorâmica?

Estrategicamente, os andares mais altos eram sempre melhores. O prédio comercial estava bem do outro lado da rua da boate de Rippy. Angie poderia estar espionando o tempo todo. Ela poderia ter visto a chegada da patrulha, dos bombeiros, das vans dos técnicos, dos detetives, todos eles tentando entender o que tinha acontecido enquanto ela estava lá no décimo andar o tempo todo, rindo deles.

Ou sangrando até a morte.

Will passou pelo quinto e pelo sexto andares. Estava sem fôlego quando viu um grande oito pintado no alto do andar seguinte. Ele parou, as mãos nos joelhos para poder se apoiar e recuperar o fôlego. O calor era muito intenso. O suor pingava no chão. Os pulmões pareciam gritar. Os tendões estavam doendo. O sangue escorria pela lateral do sapato. Os cortes nas juntas tinham aberto de novo.

Era um erro?

Angie não subiria essas escadas em um dia bom, muito menos com uma ferida que podia ser fatal. Ela odiava fazer esforço físico.

Will se sentou na escada. Passou as mãos pelo rosto para secar um pouco do suor. Tinha certeza de que Angie estava no prédio. Mas onde estava o carro dela? Will não deveria tentar descobrir onde ela estava vivendo em vez de arriscar sua vida procurando em um edifício condenado?

E Sara?

— Santa Mãe de Deus! — Collier tinha parado alguns degraus abaixo. Estava arfando como uma locomotiva. — Acho que preciso de pontos na orelha.

Will encostou a cabeça na parede. Ele tinha perdido Sara? Será que Angie tinha, com esse ato final e violento, conseguido fazer o que não conseguiu no último ano?

Betty era sua tábua de salvação. No começo do relacionamento deles, Sara se ofereceu para cuidar de Betty enquanto Will trabalhava até tarde. Primeiro, ele pensou que ela fazia aquilo porque queria acompanhar os casos dele, mas então foi percebendo aos

poucos que Sara estava usando a cachorra para atraí-lo ao apartamento dela. Tinha demorado para Will aceitar que uma mulher como Sara queria ficar com ele.

Ela não teria concordado em pegar Betty se quisesse terminar com tudo agora.

Ou teria?

— Trent! — Collier era como um disco quebrado. O pé dele se arrastava quando chegou ao patamar abaixo do que Will estava. — Qual é o sentido disso, cara? Você acha que ela está escondida debaixo de uma máquina de escrever?

Will olhou para ele.

— Por que está aqui? — perguntou Will.

— Parecia uma boa ideia quando eu estava do lado de fora. Qual é a sua desculpa? — Collier parecia realmente interessado. — Cara, você sabe que ela não está aqui.

Will olhou para o teto. O grafite olhava para ele.

Por que ele estava ali?

Talvez a melhor pergunta fosse: onde mais ele poderia estar? Não havia pistas a seguir. Nenhuma pista para acompanhar. Ele não tinha ideia de onde Angie estava vivendo. Onde estava trabalhando. Por que estava no prédio de Rippy. Como ela se envolveu em um caso de estupro que Will não conseguiu provar contra o homem que ele desprezava?

Bom, talvez ele soubesse a resposta para a última pergunta. Angie sempre se metia nos assuntos de Will. Ela era sorrateira, como um gato atrás da presa, depois deixava a pobre criatura morta como um troféu na porta de Will, e ele tinha de se virar para resolver o que fazer com o corpo.

Havia tantas tumbas sem nome no passado de Will que ele tinha perdido a conta.

— Andei fazendo umas ligações para saber sobre sua esposa — informou Collier.

Ele encostou o ombro na parede. Cruzou novamente os braços. A boa notícia era que o sangue da orelha estava secando. A má notícia era que o sangue tinha colado o lenço de Will na pele dele.

— E? — indagou Will, apesar de poder adivinhar o que Collier tinha descoberto.

Angie transava com todos. Com frequência e sem discriminação. Era o pior tipo de policial. Não dava para confiar nela. Era uma solitária. Tinha uma conduta temerária.

Collier foi estranhamente diplomático.

— Ela parece ser uma peça e tanto.

Will não discordou dele.

— Conheço garotas assim. Dá para se divertir muito com elas. — Collier ainda estava distante. Não queria receber outro soco. — A coisa é que elas sempre têm alguém que podem usar quando estão encrencadas.

Will tinha dito a mesma coisa para Sara, mas parecia muito pior saindo da boca de Collier.

— Você acha que ela ia cruzar a rua e entrar nesse lixo? — Collier deslizou pela parede até se sentar. Ainda estava sem fôlego. — Olha, nunca conheci a garota, mas conheço várias como ela. — Ele olhou para Will, provavelmente para ter certeza de que ele não estava descendo as escadas. — Sem querer ofender, cara, mas elas sempre têm um plano B. Entende o que estou falando?

Will sabia sobre o que ele estava falando. Angie sempre tinha um cara a quem podia recorrer. Esse cara nem sempre tinha sido Will. Ela tinha homens diferentes para usar em diferentes momentos de sua vida. Quando não era a vez de Will, ele ia trabalhar, reformava o banheiro, consertava o carro e se convencia o tempo todo de que não estava esperando que ela voltasse à vida dele. Temendo. Antecipando. Sofrendo.

— Minha opinião é que deu merda ontem à noite, ela se feriu, pegou o celular, e por isso não o encontramos, e ligou para algum cara que veio ajudá-la — sugeriu Collier.

— E se Harding fosse esse cara?

— Acha que ela só tinha um cara?

Will respirou fundo. Ele segurou o máximo que conseguiu.

— Podemos ir embora agora? — perguntou Collier.

Will se levantou. O calor o deixou tonto. Ficou parado por um momento. Limpou o suor dos olhos. Virou-se e voltou a subir pela escada.

— Jesus Cristo... — murmurou Collier. A sola dos sapatos parecia lixa nos degraus. — Se me permite, acho que você deveria voltar correndo por essa escada e pedir desculpas para sua ruiva.

Collier estava certo. Will devia desculpas a Sara. Ele devia bem mais do que isso. Mas tinha de continuar em frente, pois dar um passo para trás, começar a pensar no que estava fazendo e por que, era uma linha que ele não poderia seguir.

— Você tem uma mulher muito linda — disse Collier.

— Cale a boca.

— Só um comentário, cara. Simples observação.

Do alto, Will viu um nove pintado marcando o próximo andar. Continuou subindo. O calor intensificava a cada passo. Encostou as mãos na parede. Repassou a lista de novo: não sabia onde Angie vivia. Não sabia onde ela trabalhava. Não sabia quem eram os amigos dela. Se ela tinha amigos. Se queria amigos. Ela estivera no centro de sua vida, mas Will não sabia nada sobre aquela mulher.

— Você tem carne de primeira em casa — continuou Collier. — Não precisa correr para o McDonald's para comprar um McLanche Feliz. Quer dizer, desde que a carne de

primeira não fique sabendo. Porque, porra, cara, todos gostamos de um cheeseburger engordurado de vez em quando, não é mesmo?

Will virou em um canto no nono andar. Olhou para o patamar seguinte.

Seu coração parou.

Um pé de mulher.

Descalço. Sujo.

Cortes de sangue cruzavam a sola.

— Angie? — Ele sussurrou o nome, com medo de falar em voz alta, porque ela poderia desaparecer.

— O que você falou? — perguntou Collier.

Will subiu correndo os degraus. Quase não conseguia aguentar o próprio peso. Estava de joelhos quando chegou ao andar.

Angie estava deitada no chão, de barriga para baixo. O cabelo castanho despenteado. As pernas abertas. Um braço embaixo do corpo, o outro sobre a cabeça. Estava usando um vestido branco que ele já tinha visto antes. De algodão, transparente, e era por isso que estava usando um sutiã preto por baixo. O vestido estava levantado, mostrando uma calcinha também preta.

O sangue se espalhava por baixo do corpo caído, criando uma auréola ao redor da cabeça.

Will tocou o tornozelo dela. A pele estava fria. Ele não sentiu nenhum pulso.

Abaixou a cabeça desalentado e fechou os olhos para que as lágrimas não viessem.

Collier estava atrás dele.

— Vou fazer o chamado.

— Não.

Will precisava de um minuto. Ele não podia ouvir o chamado pelo rádio. Não conseguiu tirar a mão da perna de Angie. Estava mais magra que da última vez que a tinha visto — não no sábado, que foi apenas de relance, mas dezesseis meses antes. Foi a última vez que ficaram juntos. Deidre tinha finalmente morrido, sozinha na casa de repouso porque Angie não ia mais visitá-la. Will estava em um caso quando aconteceu. Ele tinha voltado de carro para Atlanta com Angie. Sara já estava em sua vida, como alguém que poderia ser algo ou nada, dependendo de como as coisas se desenvolvessem.

Will falou que deveria dar uma última chance a Angie, mas ela soube, no minuto em que olhou para os olhos dele, que todo o peso entre eles fora retirado, aquela caixa de Pandora de horrores compartilhados que os dois carregavam nas costas.

Will pigarreou.

— Quero ver o rosto dela.

A boca de Collier se abriu, mas ele não falou o que deveria falar: que eles precisavam deixar o corpo *in situ*, e chamar os legistas, Amanda e todo o restante das pessoas que iam tratar o corpo inerte de Angie Polaski como carniça.

Em vez disso, Collier subiu as escadas e foi até onde estava a cabeça de Angie. Ele nem se preocupou em colocar as luvas antes de passar as mãos por baixo dos ombros magros dela.

— No três? — perguntou ele.

Will se levantou sem vontade. Ficou de joelhos. Passou as mãos ao redor dos tornozelos de Angie. A pele era macia. Ela raspava as pernas todo dia. Odiava que tocassem seus pés. Gostava de leite fresco no café. Adorava as amostras de perfume que vinham em revistas. Adorava dançar. Adorava conflito e caos, e todas as coisas que ele não aguentava. Mas ela cuidava de Will. Amava-o como um irmão. Um amante. Um inimigo jurado. Ela o odiava, pois foi abandonada. Ela não o queria mais. Mas não podia deixá-lo.

Ela nunca o abraçaria como tinha feito naquele porão de novo.

Collier contou.

— Três.

Sem falar nada, eles levantaram o corpo e a viraram de costas. Ela não estava dura. O braço que estava sobre a cabeça se moveu, passando sobre os olhos como se ela não pudesse encarar o fato de que estava morta.

Seus lábios inchados estavam rachados. Havia sangue seco em seu queixo. Havia um pó branco em seu rosto e no cabelo.

A mão de Will tremia quando moveu o braço. Havia sangue — não só da boca e do nariz, mas de marcas de agulhas. No pescoço. Entre seus dedos encardidos. Nos braços.

Will sentiu que seu coração começou a pular. Ele estava aturdido. Seus dedos tocaram a pele fria dela. O rosto dela. Tinha de ver o rosto dela.

O braço se moveu.

— Você fez isso? — perguntou Collier.

Sozinho, o braço da mulher deslizou do rosto dela, caindo no chão.

A boca um pouco aberta, com os olhos vidrados.

Ela olhava para Will.

Ele também olhava para ela.

Não era Angie.

CAPÍTULO QUATRO

FAITH ESTAVA SENTADA DENTRO do carro na entrada do dúplex de Dale Harding, fugindo do calor implacável. Estava suando como uma porca, parafraseando um post que seu filho publicou no perfil do Facebook — o mesmo perfil que um dia futuros potenciais empregadores acabariam encontrando.

Talvez ele pudesse viver com a avó. Faith recebeu uma carinha sorridente de óculos escuros quando enviou a Evelyn a foto de Jeremy com o cachimbo. Era realmente uma mudança radical das técnicas de criação anteriores de sua mãe, que tinham saído diretamente das páginas da *Revista do Fascista*. Mas é preciso dizer que Jeremy não estaria aqui se bancar o Mussolini fosse uma estratégia de sucesso em educação dos filhos.

Faith bebeu um gole de água e olhou para o dúplex de Dale Harding, um bangalô bonito e térreo que estava dentro de um conjunto habitacional.

Algo não batia.

Faith odiava quando as coisas não batiam.

Depois de dar de cara com uma série de becos sem saída para localizar alguma informação sobre Angie Polaski, ela passou o resto da manhã e parte da tarde tentando encontrar a casa de Dale Harding. Duas informações erradas a enviaram aos bairros mais violentos do leste de Atlanta, onde vários vizinhos e donos de edifícios disseram que Dale Harding era um safado que lhes devia dinheiro. Ninguém pareceu surpreso ou triste ao ficar sabendo que estava morto. Vários ficaram chateados por não terem sido testemunhas.

Como Amanda tinha previsto, havia lojas de bebidas, clubes de strip-tease, lojas de empréstimos e todo tipo de pés-sujos onde se espera encontrar caras como Dale Harding e, na verdade, muitos dos trabalhadores desses negócios reconheceram a fotografia do morto, apesar de ninguém se lembrar de tê-lo visto nos últimos seis meses. Era a mesma história em todo lugar que Faith ia: Dale ia ao bar todo dia até seis meses antes. Estava atrás de qualquer rabo de saia todo dia até seis meses antes. Estava comprando cigarros a varejo e uísques baratos todo dia até seis meses antes.

Ninguém soube dizer o que tinha acontecido seis meses antes.

Ela estava a ponto de desistir quando encontrou uma stripper que contou que Harding tinha prometido cem dólares ao filho dela se o ajudasse a fazer uma mudança. Faith não teria encontrado o pequeno duplex tranquilo no norte de Atlanta se Harding não tivesse enganado o moleque.

Tudo isso fazia sentido, dos donos de pocilgas às strippers e até um menino de quinze anos a quem prometera dinheiro e não pagara. O que não fazia sentido era o lugar que Harding tinha finalmente chamado de lar.

Ele não vivera com elegância, era mais um limbo. De acordo com seu site, o Mesa Arms era uma comunidade para aposentados ativos com mais de 55 anos. Faith tinha navegado pelos modernos mapas do lugar postados no site. Tudo estava em itálico com um ponto de exclamação, como se já não fosse muito excitante viver em uma comunidade que não permitia visitas de menores de dezoito anos mais de três dias seguidos.

Banheiros estilo spa!

Suíte no andar principal!

Piso de madeira!

Aquecimento central!

O lugar era o sonho da geração *baby boom*, se pudesse pagar meio milhão de dólares. Jardins com grama. Calçadas ligeiramente inclinadas. Bangalôs bonitos e bem-feitos se espalhavam em três ruas cheias de árvores. Havia salão de festas, academia, piscina e quadra de tênis que, naquele momento, estava ocupada por dois jogadores de idade, apesar de a temperatura estar acima dos 38 graus.

Faith usou a manga do terno de Will para limpar a nuca. Àquela altura, o termômetro poderia estar marcando INFERNO.

Ela terminou a água e jogou a garrafinha vazia no banco de trás. Ficou se perguntando se Harding tinha encontrado uma mulher para sustentá-lo, depois concluiu que era improvável, a não ser que ela tivesse padrões realmente muito baixos. Era possível. Cortinas cor-de-rosa de algodão apareciam nas janelas da frente. Havia três gnomos e um coelho de cerâmica no jardim da frente, todos vestidos com casacos cor-de-rosa grandes, o que parecia muito incongruente com o hábito de jogo de Harding ou as fotos de mulheres peladas de BackDoorMan.com.

Considerando que Harding tinha deixado o jogo, literal e figurativamente, Faith achou estranho que ele tivesse escolhido o Mesa para viver seus últimos dias. Além disso, era estranho que o lugar permitisse que ele fosse viver ali. A taxa de 1.200 dólares por mês para a associação divulgada no site estava bem acima das possibilidades de um homem que recebia uma pensão miserável.

Talvez Harding soubesse que não ia viver muito tempo para receber o benefício completo, então ele seria mais inteligente do que ela acreditava. Melhor morrer no Mesa Arms que em alguma casa de repouso pública.

Era ironia ou apenas sorte ele ter terminado em uma boate abandonada com uma maçaneta enfiada no pescoço?

Não em qualquer boate. A boate de Marcus Rippy.

Ela não ia ignorar que a boa sorte de Harding parecia estranha. Marcus Rippy foi acusado de estupro sete meses antes. Harding tinha recebido um bom dinheiro aproximadamente um mês depois. E Angie Polaski estava no meio. Ela foi enviada à boate para acabar com Harding ou foi o contrário?

Faith ainda não tinha uma resposta, mas sabia que o raciocínio era aquele.

Ela procurou no banco traseiro a garrafa de água que sua mãe tinha insistido que levasse aquela manhã. Ficou assando no carro desde as seis e meia. O líquido quente desceu pela garganta como óleo de cozinha, mas a cidade estava sob um alerta de nevoeiro forte e ela não podia ficar desidratada.

Não tinha desperdiçado tempo em clubes de strippers e lojas de bebidas, afinal. Passou uma boa hora caminhando por Mesa Arms, batendo nas portas que nunca se abriam, espiando por janelas que mostravam casas bem-arrumadas, mas vazias. A placa do lado de fora do escritório do gerente dizia que voltaria às duas da tarde, e estava atrasado. Os jogadores de tênis resistentes ao calor apareceram há dez minutos. Faith caminhara até as quadras quando uma onda de tontura a trouxe de volta para o carro. Ela havia testado o nível de açúcar no sangue dentro do ar refrigerado do Mini Cooper porque a palestra de Sara sobre diabetes mal tratada lhe trouxe preocupações.

Pobre Sara.

— Certo... — murmurou Faith, preparando-se mentalmente para voltar ao calor.

Ela desligou o motor. Antes que pudesse abrir a porta, seu telefone vibrou. Ligou o motor de novo para poder se acomodar no ambiente refrigerado.

— Mitchell.

— Will encontrou uma mulher não identificada no prédio do outro lado da rua — informou Amanda. — Drogada. Sem-teto. Overdose em um saco gigante cheio de coca. Parece que foi de propósito. O nariz e a garganta destroçados. Está no Grady. A cirurgia deve ser em duas horas. Faça o que puder na casa de Harding, depois vá para lá. Boto a mão no fogo que ela viu algo.

Faith repetiu tudo em sua cabeça para entender direito toda a informação.

— Sabemos por que ela quis se matar?

— É uma drogada — disse Amanda, como se isso fosse uma boa explicação. — Recebi sua mensagem com o endereço de Harding. O mandado de busca será enviado

ao gerente da propriedade.

— Não tem ninguém lá. Liguei para o número de emergência, bati nas portas. Não há muita gente em casa, o que é estranho, porque é algum tipo de comunidade de aposentados. É realmente bem bonito. Mais bonito do que Harding poderia pagar, acho.

— É propriedade de uma empresa de fachada. Estamos tentando rastrear, mas sabemos que Kilpatrick possui um monte de imóveis caros que coloca bem abaixo do valor de mercado.

— Inteligente. — Faith teve de reconhecer aquilo sobre o cara que resolvia os problemas de Marcus Rippy. O cara sabia como apagar rastros em um emaranhado de operações financeiras legais. — Não é uma forma ruim de esconder dinheiro. Harding vive no Shangri-lá de velhos, mesmo com o salário que Kilpatrick o paga oficialmente, que não paga este lugar.

— Uma coincidência: Harding comprou um carro novo há seis meses. Pagou em dinheiro.

— Harding fez muitas coisas novas com o dinheiro há seis meses.

— Diga que você tem uma pista.

— Ainda não. — Faith economizou palavras para não dar falsa esperança. — Quer dizer, não sei o que tenho, além de uma sensação de que as coisas não batem.

Amanda suspirou, mas, para seu crédito, ela nunca reclamava quando eles seguiam a intuição.

— Collier recebeu notícias dos hospitais. Todas as vítimas de facadas foram registradas. Duas brigas domésticas. Uma briga em bar. Outra foi autoinduzida, disse que se cortou quando estava cozinhando.

Faith não mostrou surpresa alguma no número de facadas não relacionadas. Já trabalhava nisso há muito tempo.

— Acho que terei as contas bancárias e os registros telefônicos de Harding em uma hora. Vou começar a repassar tudo assim que entrar no e-mail. Enquanto isso, acho que posso interromper os jogadores de tênis. Até agora, são as únicas pessoas que vi.

— O sangue de Angie está por toda a cena do crime.

Faith mordeu o lábio. Isso estava ficando cada vez pior.

— Como Will recebeu a notícia?

— Ele não sabe. E nem vai saber. Espera. — O telefone fez um barulho quando Amanda atendeu outra ligação.

Faith agarrou o volante. Pensou em Will, a expressão devastada em seu rosto quando Charlie disse que a arma estava registrada em nome de Angie. A única coisa pior que a expressão dele era a de Sara. Amanda tinha mandado todos embora para dar a eles dois

um pouco de privacidade, mas havia uma longa fila para assinar na saída da cena do crime, e Faith conseguiu escutar algo da discussão deles.

Sara era uma mulher muito melhor que ela. Se Faith tivesse descoberto que a ex do seu namorado estava mexendo em suas coisas — não só mexendo, mas roubando —, ela teria queimado a porra da casa dele.

— Faith? — Amanda voltou para a linha. — Você falou com Will?

— É, tivemos uma longa conversa sobre os sentimentos dele enquanto ele fazia uma trança no meu cabelo.

— Não estou no clima para suas piadinhas.

Amanda deixou transparecer em seu tom uma ponta de preocupação, o que era pouco comum. O estranho e doentio relacionamento de Will com Angie era até meio normal em comparação com o que ele tinha com Amanda. Ela era o mais perto que ele já teve de uma mãe — ainda mais para alguém que viveu sempre sentindo medo de que a mãe o asfixiaria enquanto ele estivesse dormindo.

— Will saiu depois que encontrou a mulher não identificada — continuou Amanda. — Simplesmente desapareceu. Não tenho ideia de onde está. Não está em casa. Não atende ao telefone.

Faith sabia que ele não tinha ido de carro para a cena do crime.

— Ele pegou carona com Sara?

— Ela já tinha ido embora quando encontraram a mulher.

— Acho que é uma pequena bênção.

— É, bem, tenho certeza de que ele está arrumando um jeito de estragar tudo.

Infelizmente, Faith concordava.

— Você acha que Angie está morta?

— Só podemos torcer que não. — Amanda parecia estar falando sério. — Mandei Collier para ajudar você a procurar a casa de Harding.

— Não preciso da ajuda dele.

— Não me importa. Vai ter de aguentar. — A voz de Amanda ficou abafada enquanto dava uma ordem a um subalterno. Ela falou a Faith: — Consegui forçar uma reunião com a equipe do Kip Kilpatrick às quatro horas. Deixe Collier na casa de Harding e depois vá para o hospital. Não quero que passe muito tempo com ele.

Faith sentiu os pelos eriçarem.

— O que isso significa?

— Significa que ele é seu tipo.

Faith ficou muito surpresa para rir.

— Ele dirige um caminhão de sessenta mil dólares e vive no trailer da mãe?

Amanda riu. O celular fez outro barulho. Ela havia desligado.

Faith olhou para o telefone. Não era muito recomendável ter sua madrinha como chefe. Na verdade, havia muitos argumentos contra.

Ela programou o alarme em seu celular para tocar uma hora depois. Pela sua experiência, os cirurgiões do hospital eram sempre mais rápidos que o previsto, e Faith queria estar ao lado da cama da mulher quando ela saísse da cirurgia. Só se tem uma chance de surpreender uma testemunha e, considerando como aquele caso envolvia gente conhecida, Faith não queria perder essa chance.

Colocou a mão na chave do carro, mas não desligou o motor. O ar refrigerado era muito precioso para desperdiçar um segundo. Olhou para a quadra de tênis que, ao contrário do resto do lugar, estava sobre uma colina no final de uma escadaria. Olhou para a porta da frente da casa de Harding, que estava bem mais perto. Havia uma pedra que parecia falsa no jardim malcuidado que provavelmente continha uma chave reserva. Era provável que o mandado de busca estivesse no fax dentro do escritório do gerente. Ela podia começar.

Faith estava saindo do carro quando Collier parou em um Dodge Charger preto. Dava para ouvir Aerosmith saindo das janelas fechadas. Havia a imagem de uma havaiana seminua com saia de grama grudada no vidro. As rodas fizeram um ruído forte no asfalto quando ele breiou, colocou a marcha à ré e parou ao lado do Mini Cooper de Faith.

Collier olhou para Faith quando desceu do Charger da mesma forma que tinha feito aquela manhã. Pareceu gostar do que viu, apesar de ela estar usando o uniforme da AIG — camiseta azul-escura, calça cáqui e um coldre na coxa para piorar ainda mais.

— O que foi isso? — Ela apontou para o curativo ao redor da orelha direita. Tinha um pouco de sangue seco ao redor da ferida.

— Eu me cortei fazendo a barba.

— Com um machado?

— Meu barbeador elétrico quebrou. — Ele olhou para o banco de trás do carro dela, vendo a cadeirinha de bebê e o monte de cereais espalhados.

— Tenho um bebê de um ano e um filho de vinte — contou ela.

— Ah, sim. Você foi do DPA por quinze anos antes de pular do barco. Nunca se casou. Sua formação foi na Tech. Sua mãe também era policial. Seu pai era agente de seguros, que descanse em paz. Você mora a duas ruas da sua mãe em uma casa que herdou da avó e é por isso que vive em um bom bairro com o salário que recebe. — Ele levantou os óculos escuros. — Vamos, Mitchell. Você sabe que policiais fofocam como garotinhas. Eu já sei tudo sobre você.

Faith começou a caminhar pela calçada.

— Sou o segundo de nove filhos.

— Nossa... — murmurou Faith, pensando na pobre mãe dele.

— Meu pai é policial aposentado. Dois irmãos estão no DPA, outros dois trabalham para Fulton County, outro está no McDonough. Tenho uma irmã que é bombeira, mas não falamos dela.

Faith pegou a pedra falsa, só para descobrir que era uma pedra de verdade.

— Vamos, Mitchell — Collier era como uma marionete seguindo-a —, sei que você me pesquisou também. O que sua mãe falou?

Faith inventou algo educado.

— Que você é convencido e geralmente comete erros.

Ele sorriu.

— Eu sabia que ela se lembrava de mim.

Faith pensou em algo.

— Onde você levou Will?

Ele parou de sorrir.

— Como é?

— Will desapareceu depois que encontrou a mulher não identificada no prédio comercial. Onde você o levou?

— Isso é trabalho de detetive classe A, parceira. Mas ele não a encontrou. Bem, ele encontrou, mas eu estava lá também. Então, podemos dizer que nós dois encontramos.

— Não sou sua parceira. — Faith se ajoelhou e estudou as pedras. Todas elas pareciam falsas. — Vai me responder?

— Levei até a casa dele. — Collier enfiou as mãos no bolso. — Não me pergunte o motivo, pois não posso contar. Minha irmã diz que deveria ser bombeiro porque sou o tonto que corre para o prédio em chamas em vez de fugir.

— Sabe por que a desconhecida tentou se matar?

Ele deu de ombros.

— Ela é viciada.

Faith pegou uma pedra suspeita. Essa era realmente falsa. Ela tirou a capa de plástico, esperando encontrar uma chave.

Vazia.

— Sua mãe disse que tive um acidente de luta no colégio? — perguntou Collier. Estava encostado no batente, os braços cruzados. — Torção do testículo.

Faith jogou a pedra vazia de volta no jardim.

— Tragédia, realmente.

Ele passou os dedos pelo cabelo enquanto olhava à distância.

— Nunca poderei ter filhos — disse, piscando para ela, porque isso obviamente estava no roteiro. — O que não me impediu de tentar.

— Oi? — Uma mulher com jeito de hippie usando chinelo e um vestido amarelo com cinto estava andando pela calçada. Seu longo cabelo grisalho estava solto ao redor dos ombros. Ela tinha uma pilha de papéis em uma das mãos e uma corrente no pescoço. — Você é a policial que ligou?

— Sim, senhora. — Faith tirou sua identidade do bolso. — Sou a agente especial Faith Mitchell. Esse é...

— Oh, não preciso ver isso, querida. Vocês dois têm camisetas escrito POLÍCIA nas costas.

Faith guardou a identidade, sem explicar como era fácil colocar a palavra POLÍCIA em qualquer camiseta hoje em dia.

— Não posso dizer que estou surpresa por ter acontecido algo ruim com Dale — comentou a mulher. — Ele não gostava de fazer amigos.

Os chinelos faziam barulho na varanda. Primeiro, ela bateu na porta de Harding. As chaves na corrente batiam em seu pulso.

— Olá? — Ela bateu de novo. — Olá?

— Ele estava morando com alguém? — perguntou Faith.

— Não. Desculpe, força do hábito. Faço muitas verificações de estado das pessoas e nunca entro em uma casa sem bater. — Ela esticou a mão. — Sou Violet Nelson, por falar nisso. Gerente da propriedade. Desculpe a demora. Estava na biblioteca.

— Você esteve envolvida no aluguel desse lugar para Harding?

— Isso seria responsabilidade do dono, e os documentos mostram que são uma corporação com sede em Delaware. Supus que era para não pagar impostos. — Ela procurou as chaves, verificando os rótulos coloridos e bem organizados. — Argh, preciso dos meus óculos. Algum de vocês...

Faith olhou para Collier, porque ele estava muito mais perto de precisar de óculos de leitura que ela.

Ele deu um daqueles sorrisos apertados.

— Sou mais jovem do que pareço.

— Logo vão precisar. Os dois. — Violet riu, mas não era engraçado.

Ela ficou repassando as chaves. Havia pelo menos umas cinquenta. Faith não ofereceu ajuda porque Violet parecia alguém que gostava de jogar conversa fora.

— Vou destrancar a porta e vocês podem olhar quanto quiserem. Só precisam devolver a chave por baixo da porta do meu escritório quando forem embora.

Faith trocou outro olhar com Collier, porque essa não era a atitude mais comum de um gerente de propriedade. Por outro lado, a maior parte dos gerentes com que lidavam trabalhava atrás de grades ou vidros à prova de bala.

— Bati na porta de alguns vizinhos — disse Faith. — Parece que não tem ninguém em casa hoje.

— É mais movimentado nos fins de semana. — Violet tentou enfiar uma chave na fechadura. — Ninguém mais se aposenta. Todos têm empregos de meio período. Alguns dos mais sortudos são voluntários. Venha às quatro horas, vai encontrar a maioria no clube tomando um coquetel.

Faith poderia desmaiar se tomasse uma bebida às quatro da tarde.

— Você conhecia Dale Harding? — perguntou Faith.

— Eu o conhecia muito bem. — Violet não parecia muito feliz com isso. — Ele era uma pedra no meu sapato, vou te contar.

Faith fez um gesto com a mão, dizendo à mulher que ela deveria continuar.

— Vamos dizer que não era a pessoa mais limpa do mundo.

— Mulheres? Bebida? — Collier tentou adivinhar.

— Lixo — respondeu ela, depois se recuperou. — Não estou falando dele. Era realmente lixo, coisas que deveriam ser jogadas fora, mas não eram. Eu não o chamaria de acumulador. É mais como se ele fosse muito preguiçoso para andar até a lata de lixo. Barbara, a vizinha de porta, reclamava do cheiro. Comida podre, ela falava, o cheiro passava pelas paredes e chegava na casa dela. Eu mesma senti. Nojento. Escrevi umas dez cartas para a empresa em Delaware e não tive retorno. Conversamos com os advogados da Associação de Moradores por meses sobre o que fazer.

— Isso é horrível — comentou Faith, lembrando que as pessoas em geral nunca pensavam que o cheiro de comida podre era parecido demais com o cheiro de um corpo em decomposição. — O que mais?

— Estavam sempre discutindo. — Violet tentou outra chave. — Barb e Dale. Bom, Dale e todo mundo, mas especialmente Barb. Eles simplesmente não se davam bem. — Ela tentou outra chave, sem sucesso. — Tive de intervir algumas vezes para pôr panos quentes. Odeio falar mal dos mortos, mas Dale era... — Ela estava tentando encontrar a palavra.

— Um idiota? — sugeriu Faith, porque isso parecia ser unanimidade.

— Sim, um idiota — concordou Violet. — Então, se fosse como a série de TV *Midsomer Murders* e estivesse perguntando se Dale tinha algum inimigo, a resposta é que ele procurava fazer inimigos. — Ela apontou para as janelas. — Essas cortinas horríveis são um exemplo perfeito. O regulamento diz claramente que todo mundo deve ter cortinas brancas. Quando mandei uma carta falando das cortinas cor-de-rosa, ele respondeu com um papel timbrado falso de um escritório de advocacia falso dizendo que era discriminatório contra ele porque era homossexual. Como se um gay daquela idade comprasse cortinas de poliéster.

Faith ficou olhando enquanto a mulher tentava outra chave. Estava tentando todo o molho de chaves.

— E Barb, a vizinha? Contou que brigaram feio?

— Ele implicava com ela. Sem motivo. Só enchia o saco, sem parar, o tempo todo.

— Por exemplo?

Violet apontou para o jardim da frente.

— Estes gnomos eram dela, e o neto dela deu o coelho. Todos sabíamos disso. Ela vestiu todos eles com roupas combinando. Vermelho do Dia dos Namorados. Xadrez no Dia do Armistício. — Ela deu de ombros. — Cada dia uma roupa. Mas, um dia, Barb me procurou para dizer que tinha acontecido uma coisa muito estranha. Todos os gnomos e o coelho desapareceram do jardim. Pensamos que tinham sido crianças. Alguns dos netos por aqui são um bando de delinquentes juvenis. “Sangue vai rolar”, como eles dizem. Mas aí, dois dias depois, Dale colocou os gnomos e o coelho no jardim dele com roupa cor-de-rosa. E nem eram roupas do tamanho certo. — Ela tentou outra chave. — Na verdade, havia quatro gnomos, mas ele tinha pintado o rosto de um deles de preto, o que é expressamente proibido pelas regras. — Ela abaixou a voz, explicando: — Se não tivéssemos as regras, todo o lugar terminaria cheio de estátuas de jóqueis.

Que Shangri-lá.

— Harding tinha algum visitante regular?

— Nenhum que eu tenha visto.

— Ele tinha horários? — perguntou Collier.

— Ele estava quase sempre em casa, o que era algo bastante irritante, posso afirmar. Tinha tempo para incomodar as pessoas. Por mais preguiçoso que fosse, ele caminhava duas ruas para gritar para algum neto que estava se divertindo na piscina.

— Quando ele se mudou?

Violet tentou outra chave.

— Há seis meses, talvez? Tenho a papelada em algum lugar. Me dê seu e-mail e mando tudo escaneado. Ele está atrasado com as mensalidades. — Ela finalmente encontrou a chave correta. — Isso é do dono...

Collier segurou a mão dela, que estava na maçaneta.

Faith estava com a Glock nas mãos antes que pudesse processar completamente o que estava acontecendo.

Havia um barulho dentro da casa.

Um murmúrio, como se alguém tentasse fazer silêncio.

Faith olhou para a pedra falsa. A chave não estava ali. Para que ter uma pedra falsa se você não tem uma chave?

A menos que alguém já tivesse usado a chave para entrar.

Collier levou o dedo indicador aos lábios, pedindo silêncio, antes que Violet pudesse pedir uma explicação. Ele mandou que ela se afastasse um pouco mais, até ficar parada do outro lado do carro dele.

O barulho voltou. Mais alto daquela vez.

Collier pegou o celular e sussurrou um pedido de ajuda, depois fez um movimento para que Faith fosse na frente. O que significava que cinquenta anos de feminismo provavelmente fariam com que Faith levasse um tiro.

Ela colocou o dedo na lateral da sua Glock, pouco acima do gatilho, como foram treinados para fazer até tomarem a decisão de atirar. Ela pensou em seu colete à prova de balas no carro. A cadeirinha de bebê de sua querida filha. A garrafa de água que sua atenciosa mãe lhe dera naquela manhã. A foto de seu lindo filho no celular.

Então, levantou o pé e chutou a porta.

— Polícia! — gritou Faith, deixando a palavra explodir de sua boca.

Ela girou, verificando a sala. Cozinha. Mesa. Sofá. Cadeiras. Desordem. Caos. Todos os seus sentidos estavam desligados, exceto um. Sua visão afunilou para portas e janelas, procurando mãos segurando armas. Collier verificou o armário fechado. Vazio. Ele ficou de costas para ela e a tocou na perna. Eles se moveram juntos, os dois abaixados, girando a cabeça como torres de artilharia.

Ela se lembrava do site de Mesa Arms. Harding vivia no Tahoe. Espaço aberto. Dois quartos. Um banheiro.

Portas.

Um toalete separado para seus convidados!

Portas.

Uma lavanderia bem mobiliada com armários opcionais!

Cantos.

Faith se posicionou em um ângulo que a deixava em um canto escondida de qualquer pessoa parada no corredor com uma arma. Se ela não conseguia vê-los, eles tampouco conseguiam vê-la. Colocou a arma à frente, as pernas bem abertas. Sem nenhum pensamento consciente, seu dedo deslizou da lateral da arma e foi para o gatilho. Ela se forçou a colocar o dedo de volta no cano da arma, para ter aquele segundo a mais de hesitação caso fosse uma criança ou um velho surdo parado no final do corredor.

Agora ou nunca.

Bem devagar, um centímetro por vez, ela girou seu tronco e olhou ao redor do canto.

Vazio.

Faith avançou pelo corredor.

Portas.

Banheiro central com chuveiro e privada confortável!

Portas fechadas.

Quartos iluminados no térreo para você e seu convidado!

Os quartos estavam do lado oposto do corredor, cada um ocupando a parte posterior da casa.

Faith deixou Collier olhar o quarto da direita. Novamente, ela se posicionou em um ângulo que dava cobertura a ele e, com a outra porta fechada assim, teria as costas protegidas enquanto ele verificava o quarto. Com uma lentidão quase dolorosa, ele agarrou a maçaneta e abriu a porta. Empurrou com força, para o caso de ter alguém parado atrás dela. Cortinas cor-de-rosa nas janelas que davam para o quintal. Um colchão inflável no chão. Uma cortina aberta onde deveria estar a porta do closet.

Vazio.

No corredor, Collier se posicionou na frente do quarto esquerdo e acenou para ela.

Faith chutou a porta tão forte que a maçaneta ficou presa na parede de gesso. Mais janelas. Mais cortinas cor-de-rosa. Outro colchão no chão, esse com lençóis sujos. Caixa de papelão como criado-mudo. Fio pendurado. Uma lâmpada. O closet tinha uma porta com fechadura e chave.

Faith se obrigou a respirar, porque estava segurando a respiração por tanto tempo que ia desmaiar. Seus pulmões só se encheram pela metade. O coração parecia um cronômetro. O suor escorria de suas mãos quando ela relaxou a que segurava a Glock para que o recuo não quebrasse seu pulso se ela tivesse de atirar.

Collier ficou de costas para a parede, cobrindo o closet. Avançou, bloqueando o filme que ficava se repetindo em sua cabeça: a porta do closet se abre, sai uma arma, seu peito em pedaços.

Com extremo cuidado, Faith afastou a mão esquerda da Glock. Os ossos de seus dedos pareciam estalar. Sentiu uma dor no ombro quando abaixou o braço. Alcançou a maçaneta em forma de ovo. Sua pele registrou o metal frio. As juntas do pulso começaram lentamente a girar a mão.

Trancada.

Faith abriu a boca. Respirou.

Espaçoso closet no quarto principal!

As dobradiças estavam do lado de fora. Não dava para chutar a porta.

Ela olhou para Collier. Ele ainda estava tenso, mas olhava para outro lado, para o corredor. O peito dele se movia com uma respiração pesada. Sua Glock estava apontada para o teto.

O sótão.

Uma opção para guardar suas preciosas lembranças!

No corredor, havia uma corda para abrir a escada dobrável que levava ao sótão.

Faith começou a mover a cabeça, negando. Ela não subiria naquele sótão com apenas uma pessoa de cobertura.

Um barulho.

O mesmo som de antes, dessa vez mais forte, como se alguém estivesse se arrastando no sótão.

Collier entrou no corredor, os joelhos ainda dobrados. Faith fez o mesmo, parando na entrada do quarto. Ele olhou para ela, que assentiu, apesar de cada centímetro de seu corpo dizer que aquilo ia terminar mal. Collier se levantou. Agarrou a corda que estava pendurada na escada. Ela desceu fazendo tanto barulho que o coração de Faith quase explodiu. Collier desdobrou os degraus com uma das mãos, a Glock ainda em punho na outra.

Os dois ficaram completamente parados, esperando que o outro se movesse.

Não tinha tanto a ver com medo. Os dois estavam igualmente aterrorizados. Era uma questão de confiar que alguém ia protegê-lo quando você enfiasse a cabeça em uma zona de tiro.

Faith murmurou um xingamento e tirou o celular. Melhor tomar um tiro na mão do que no rosto. Ela ligou a câmera de vídeo e o flash, assim os legistas teriam uma gravação clara que explicasse os dois policiais mortos no corredor.

Forçou o cérebro a fazer os músculos da perna se moverem para que pudesse subir a escada. Seu pé ia pisar no degrau quando Collier tirou o celular da mão dela. Olhou para ela como se Faith estivesse louca. Colocou o tênis preto no primeiro degrau da escada. As molas grunhiram sob o peso dele quando subiu no segundo degrau.

Faith repassou o filme em sua cabeça, daquela vez com Collier: acontece um tiro, o peito dele em pedaços.

Collier parou no segundo degrau. As duas mãos estavam na altura do peito, uma com a Glock dele, a outra com o celular dela. Estava ouvindo o som, tentando descobrir de qual direção vinha, pois só teria uma chance de usar a luz do celular para iluminar o sótão escuro. Faith não conseguia ajudá-lo a descobrir a direção. Só sentia o sangue pulsar em suas veias. Ela abriu a boca buscando mais ar. A língua parecia algodão. Ela podia sentir o gosto do próprio medo, como carne podre, suor e ácido.

Collier olhou para trás, esperando uma confirmação. Ela assentiu. Os dois olharam para a escuridão do sótão. Os ombros caíram. Ele abaixou a cabeça o máximo que pôde, retraindo-a. Levantou a mão, usando o celular como periscópio digital. Os dois olharam para a tela. Apareceu uma imagem.

Faith sentiu o estômago bater no peito.

Collier suspirou com um “porra” baixinho.

Um rato do tamanho de um gato olhava para o celular, seus olhos brilhavam vermelhos com a luz. Estava sentado sobre uma cadeira. A mandíbula dele estava mastigando algo. Havia alguma coisa em suas patas, o que era ainda mais horrível, porque Faith não queria pensar em um rato com patas que pudessem agarrar algo.

Collier girou o celular ao redor do sótão antes de colocar a Glock no coldre. Usou a mão livre para dar um zoom no rato, depois olhar por trás dele. Havia duas caixas de arquivos encostadas na parede. Elas estavam encostadas precariamente em vigas separadas porque o chão do sótão não ia tão longe. Um pacote aberto de carne podre estava mais perto da escada. Larvas brancas passavam pela superfície como ondas quebrando na praia. Havia moscas voando ao redor. Enquanto olhavam, as patas do rato levaram a bandeja para uns centímetros mais distantes da escada. Aquele som de arrastar parecia estar acontecendo dentro da cabeça de Faith.

O rato olhava para eles com cuidado, como se bisbilhotasse um pedaço de carne com seus dedos finos e angulares. Levou a carne podre de volta ao peito, deu uns pulinhos para longe, aí abaixou a cabeça e olhou para eles enquanto mastigava.

— Certo. — Collier desceu a escada. Ele entregou o celular para Faith. — Vou vomitar agora.

Ela achou que era brincadeira, pois ele parecia bem, mas, dois segundos depois, ele estava no banheiro botando para fora tudo o que havia em seu estômago.

— Não se esqueça de cancelar o apoio — disse Faith.

Collier respondeu afirmativamente.

Faith passou as mãos pela maçaneta empoeirada do closet. Não havia chave. Ela tirou uma caneta do bolso da calça e ficou mexendo na caixa que Harding tinha usado como criado-mudo. Olhou no peitoral da janela e na porta do corredor. Não havia chave.

Collier parecia que tinha se derretido no banheiro, mas aí começou a engasgar tão alto que os ouvidos dela doeram. Faith sentiu um calafrio, não por causa do som, mas porque a escada que ia para o sótão ainda estava aberta. Imaginou o rato descendo, pequenas patas sem polegares se segurando no fino corrimão. Ficou de costas para a parede enquanto passava pela escada aberta. Esperou até estar segura na sala para repassar o vídeo em seu celular.

O rato era acinzentado com orelhas redondas e um rabo branco grosso como um fio de tampão. A criatura olhava para ela através da tela, mastigando. Não havia som, mas ela jurava que ouvia o barulho de uma boca mastigando. Um fio de sangue fazia um caminho por trás da bandeja para onde o rato tinha levado a carne, para longe da escada e na direção de algo. Provavelmente um ninho gigante.

Todo seu corpo tremeu ao pensar naquilo.

Faith apertou PLAY de novo. Ela se lembrou de um livro pop-up que alguém dera para sua filha no Natal. Emma ficou aterrorizada com os zilhões de moscas que apareceram na página central, mas sempre queria abrir o livro e gritar. Faith se sentia da mesma forma enquanto via o vídeo de novo. Ela sentia nojo, mas não conseguia parar de olhar.

Ouviu a descarga. Collier limpava a boca com as costas da mão quando se juntou a ela na sala.

— Então — disse ele, limpando um pouco de vômito de sua camisa —, alarme de rato contra ladrão?

Faith afastou os olhos do celular. As únicas palavras que pensou foram as que tinha ouvido sobre Dale Harding o dia todo.

— Que idiota.

— Conseguiu ver se aquelas caixas de arquivo tinham rótulo?

Faith entregou o celular para que ele pudesse ver com os próprios olhos.

— Ops — Ele levantou o dedo, como se precisasse de um momento para decidir. — Certo, passou.

— Tem certeza?

A cara dele estava branca como papel.

— Não.

Ele caminhou até a pia da cozinha e abriu a torneira. Teve de mover uma pilha de pratos para poder enfiar a cabeça debaixo da torneira. Fez gargarejo e depois cuspiu na pia, o que era nojento, mas Faith tinha a sensação de que Harding havia feito coisas piores naquela pia.

— Policiais?

Faith tinha se esquecido de Violet.

— Meu Deus, tem cheiro de amoníaco e lixo aqui dentro. — A mulher estava parada na porta, do lado de fora, tampando o nariz com os dedos. — Está tudo bem?

— Tem uma ratazana lá em cima — avisou Collier. — Grande. Talvez prenha.

— É cinza com orelhas brancas?

Faith mostrou o vídeo pausado no celular.

— Que droga — Violet balançou a cabeça —, o neto de Barb trouxe o rato dele no fim de semana passado. Jurou que tinha colocado de volta na gaiola. Procuraram por esse bicho idiota em todos os cantos.

— Tenho certeza de que não é um animal de estimação. — Collier afastou uma mosca. — Quer dizer, é enorme. Tipo, nada natural.

— Posso mostrar a vocês o pôster de PROCURA-SE que Barb colocou no quadro de avisos — disse Violet.

Collier fechou a boca e fez que não com a cabeça.

Faith pensou no pacote de carne perto da escada do sótão.

— O rato estava na casa de Barb quando desapareceu?

— Não. O menino colocou a gaiola na varanda dela por uma meia hora. Aparentemente, eles gostam de ar fresco. Ele voltou, e a gaiola estava aberta. O rato tinha desaparecido. — Violet franziu a testa quando entrou na sala. — Tenho certeza de que o sr. Nimh se sentiria mais confortável nessa imundície.

— Barb está sempre em casa? — perguntou Faith.

— Agora que você mencionou, sim, ela está. Vai ficar devastada por perder tudo isso. Adora se meter em tudo.

Faith adorava gente assim. Entregou um cartão para Violet.

— Poderia pedir para ela me ligar? Gostaria de ter uma ideia geral sobre Harding.

— Não sei se ela pode falar muita coisa, apenas como ele era insuportável.

— Pode ficar surpresa de como as pessoas se lembram de coisas.

Violet enfiou o cartão no sutiã.

— Como falei antes, só precisam devolver a chave por baixo da porta do meu escritório quando forem embora.

Faith ouviu o som de seu chinelo se afastando na calçada.

— Um animal de estimação. — Collier afastou outra mosca.

— Isso explica por que não ficou com medo da gente.

— Ainda quero que morra. Tipo, imediatamente. Com fogo.

— Procure uma chave — disse Faith para ele. — Precisamos entrar naquele closet.

— Precisamos chamar o controle de animais — respondeu ele. — O cara mantinha um rato no sótão. Vai saber o que tem naquele closet.

Faith não ia esperar pelo controle de animais. Ela começou a olhar a sala e a cozinha sujas, pensando em que lugar alguém como Harding esconderia uma chave. Não pensou em nada, apenas sentiu um nojo muito grande. Imundície era uma palavra que descrevia bem a forma como Harding vivia. Havia pratos e copos de isopor por toda a área aberta que era sala de estar/de jantar/cozinha. O sofá de veludo marrom parecia úmido, e a mesinha de centro estava cheia de marcas e embalagens abandonadas do KFC. Ossos de galinha mastigados com mofo verde, copos de refrigerante sujos, colheres marrons com resto de batata.

Também havia o cheiro, que a atingiu de repente como um martelo na ponta do nariz. Não apenas amoníaco, mas podridão, provavelmente pelos maus hábitos de Dale Harding, se a análise de Sara sobre os últimos dias dele estivesse correta. Faith não tinha notado o fedor quando eles entraram pela porta da frente. A adrenalina fazia com que mantivesse o foco nas prioridades, e sua principal prioridade era não morrer. Agora que

o terror tinha diminuído, seus outros sentidos tinham voltado, e foram imediatamente atacados pelo cheiro.

E pelas moscas, porque havia pelo menos umas vinte delas aproveitando todo o lixo.

— Com esse calor, as larvas podem aparecer entre oito e vinte horas — comentou Faith. — Demora de três a cinco dias para elas fazerem a pupa.

Collier riu.

— Desculpa, “pupa” é uma palavra engraçada.

— Estou dizendo que isso mostra que a carne foi colocada no sótão neste fim de semana, provavelmente para alimentar o rato. Ou mantê-lo ali. — Faith abriu uma das janelas para ajudar a dissipar o cheiro. Então, abriu a cortina para as moscas.

Collier arrotou alto.

— Tem bala? — perguntou ele logo em seguida.

— Não.

Faith se afastou de Collier. Pensou nas balinhas que tinha no carro, e como seria bom sair e ficar cinco minutos longe da casa nojenta de Harding. Seu olfato tinha voltado, com certeza. Sentia o cheiro rançoso no fundo da boca e do nariz. Ela apostaria todo o dinheiro que tinha que a carne podre no sótão não era nada comparada com o que havia debaixo das pilhas de jornais e revistas, aparentemente molhadas, que Harding havia espalhado pelo chão. Violet estava certa. O lixo vinha de pura preguiça. Se Harding tivesse acabado de comer uma tigela de macarrão com queijo ao entrar pela porta da frente, simplesmente deixaria a tigela por ali e continuava com sua vida.

— É estranho, não? — Collier olhava para ela. — A forma como o medo tira seu olfato.

— Como você pode não sentir esse cheiro? — Faith abriu outra janela. Ela não ia virar amiga desse otário. — Onde está a TV?

Collier passou o dedo por uma mesa de console baixa, separando a poeira como o Mar Vermelho.

— Havia uma TV aqui, mas desapareceu. Parece que era grande.

— Sem computador. — Faith abriu uma gaveta na mesa ao lado do sofá. Usou sua caneta para olhar os folhetos de entrega de restaurantes. — Nenhum iPad. Nenhum laptop. — Abriu outra gaveta. — Mais lixo. Nenhuma chave para abrir o closet.

— Harding me parece um cara que gostava de papéis — disse Collier.

Faith tossiu quando um novo cheiro entrou pelo nariz. Abriu outra janela.

— Havia carregadores ao lado da cama no quarto principal.

— Imagino que eram para os celulares. — Collier estava com os braços cruzados de novo.

Ele ficou parado com os pés separados, provavelmente porque estava acostumado a carregar 23 quilos de equipamento ao redor da barriga quando era patrulheiro.

— Então, essa coisa que você tem com Trent. Você é a esposa dele no trabalho ou tem mais alguém na sua vida? — quis saber ele.

Faith viu um patrulheiro da polícia de Atlanta parar atrás do Mini Cooper dela. Eles já estavam a caminho quando Collier cancelou a chamada de apoio e decidiram vir dar uma olhada mesmo assim. Os dois homens eram jovens e impetuosos. O pescoço deles se esticou quando olharam para a casa. O motorista abaixou a janela.

Faith acenou para eles.

— Estamos bem! — gritou ela da janela.

O motorista desligou o carro mesmo assim.

— Mantendo a positividade — comentou Collier. — Vamos mandar um deles ao sótão para pegar as caixas, não mencione o rato e vamos ver o que acontece.

— Duas semanas de injeções contra a raiva, isso é o que acontece. — Que era exatamente o que Dale Harding estava querendo quando enfiou as caixas no sótão com o pacote de carne e o rato roubado de algum moleque estranho. Só mais uma forma de o cara limpar a bunda no papel higiênico que era a vida dele. Harding sabia que estava perto da morte, seja pelas mãos de alguém, seja pelas escolhas estúpidas que tinha feito na vida. Ele também sabia que alguém teria de limpar sua casa e que seria legal botar um rato no caminho.

Faith saiu pela porta da frente. O sol fez seus olhos fecharem. Ela não tinha certeza se eram lágrimas ou sangue escorrendo pelo rosto. Não se importava. Harding foi policial. Sabia como era arriscado puxar uma arma e entrar em uma casa. E ele tinha criado essa armadilha mesmo assim.

Faith levantou a mão para bloquear o sol. Os policiais estavam ao lado do carro, as cabeças abaixadas, olhando para os telefones.

— Dê sua chave de roda — disse ela para o motorista.

— Minha chave de roda? — perguntou ele.

Faith se inclinou para o carro e abriu o porta-malas. A chave de roda estava presa em um kit dentro da parte de trás do porta-malas. Ela sentiu o peso da comprida barra de metal com a mão. Era do tipo mais simples, em forma de L, com um encaixe na ponta para soltar os parafusos.

Perfeito.

Collier estava olhando pela janela quando ela voltou para a casa. Faith agarrou uma cadeira do conjunto de jantar barato e a arrastou pelo corredor. Collier a seguiu.

— O que está fazendo? — perguntou ele.

— Vou vencer esse idiota. — Ela subiu na cadeira e enfiou a chave de roda no teto. A ponta com encaixe enfiada no gesso. Enfiou mais a barra, girou o ângulo e puxou. Um pedaço do teto caiu no chão. Ela enfiou de novo a chave. Pensou no site do Mesa Arms, que dizia que havia melhorias para economizar energia, como spray de espuma no sótão, que possibilitava quebrar o teto sem ficar com a cara toda cheia de isolamento térmico cor-de-rosa.

Faith deixou cair a chave de roda, feliz por sua estimativa estar certa. As duas caixas de arquivo estavam ao seu alcance. Tudo que tinha de fazer era espantar as moscas para pegá-las.

— Ei, senhora — um dos policiais chamou do corredor —, sabia que tinha uma escada bem aqui?

— Tem um rato — avisou Collier. — Tipo, o irmão do Godzilla.

— Está falando do Rodan?

— Chibi, cara. Rodan era um substituto. Chibi era o irmão de sangue.

— Goro — corrigiu Faith, porque vira filmes do Godzilla todos os sábados por três anos, quando Jeremy passara por essa fase. — Collier, me ajude com essas caixas.

— Ela está certa — disse Collier. — Realmente parecia um Gorossauro. — Ele mostrou os dentes e fechou as mãos como garras. — Queria nosso sangue.

Faith deixou a primeira caixa cair sobre a cabeça.

Collier conseguiu pegá-la. Colocou a caixa no chão e esperou que ela passasse a segunda.

— Precisam da gente para outra coisa, cara? — perguntou um dos policiais.

Collier negou com a cabeça.

— Acho que não, irmão.

— O closet. — Faith lembrou.

— Ah, é verdade.

Collier fez um gesto para que o seguissem até o outro quarto. Faith desceu com cuidado levando a segunda caixa pesada nas mãos. Colocou-a no chão ao lado da primeira. Do outro quarto, ouviu a discussão sobre a melhor forma de tirar os pinos das dobradiças, como se nunca tivessem visto um martelo e uma chave de fenda antes.

Faith limpou a poeira dos braços e passou os dedos entre os cabelos para se livrar do pó. O cheiro de carne podre era tão forte que ela teve de abrir as janelas do quarto e as cortinas, porque as moscas estavam começando a se espalhar. Derrubar o teto provavelmente não havia sido a melhor ideia, mas a lógica tendia a desaparecer quando ela ficava brava, e ela estava realmente brava com Dale Harding.

Na AIG, Faith tinha investigado uma boa quantidade de maus policiais, e um traço que todos tinham em comum era pensarem que ainda eram caras legais. Roubo, estupro,

assassinato, extorsão, contrabando, lenocínio — não importava. Eles ainda achavam que os crimes que tinham cometido eram para o bem comum. Estavam cuidando de suas famílias. Protegendo seus irmãos da força. Tinham cometido erros. Nunca mais fariam aquilo. Era irritante como eram todos iguais na insistência de que continuavam sendo bons seres humanos.

Harding não só tinha assumido sua má conduta, mas também havia forçado outros a fazer o mesmo.

E agora ela precisava investigar todo o lixo dele.

Faith arrastou a cadeira para perto da janela. Chutou as caixas na mesma direção e se sentou. Tentou não pensar por que a tampa da primeira caixa parecia úmida, mas sua mente ainda a lembrava o fato útil de que os ratos deixavam uma trilha de urina onde quer que fossem.

Sentiu um calafrio antes de começar a mexer nos arquivos.

Dale Harding fora detetive particular, e a primeira caixa continha o tipo de trabalho glamoroso feito por detetives no mundo todo: fotos de cônjuges traidores em motéis baratos, fotos de cônjuges traidores em carros estacionados, fotos de cônjuges traidores em becos e postos de gasolina na estrada e dentro de uma casa de boneca no quintal.

Os arquivos de Harding eram meticulosos. Recibos de abastecimento de combustível, refeições e revelação de fotos estavam grampeados para os relatórios de gastos. Registros diários seguiam os movimentos de seu alvo. Escrevia com uma letra pequena e de forma, e sua ortografia era exatamente o que se esperava de um cara que provavelmente foi do colégio para a academia de polícia. Não que Faith não tivesse feito o mesmo, mas pelo menos ela sabia a diferença entre “agente” e “a gente”.

Collier parou na entrada.

— O closet está limpo.

— Você deveria mandar o esquadrão antibombas dar uma olhada.

Finalmente, ele registrou algo além da autoconfiança petulante quando os dois perceberam que, sendo Harding, não era exatamente uma piada.

— Algo esteve no closet em algum momento — avisou ele. — Tem uma marca no tapete. Redonda, como um balde gigante.

Faith se levantou para olhar. Os dois policiais estavam de volta aos celulares, as cabeças abaixadas, os polegares trabalhando. Ela poderia assassinar Collier com a chave de roda, bem na frente deles, e ninguém ia perceber.

A porta do closet estava encostada na parede. Faith usou o aplicativo de lanterna do celular para examinar a parte de dentro de 1,5 por 3 metros. Era como Collier tinha dito. No canto traseiro, havia uma marca circular no tapete marrom. Ela verificou o resto do closet. As barras foram removidas. Havia fios pendurados onde deveria estar a lâmpada.

As paredes brancas estavam raspadas na parte de baixo. O espaço fechado tinha um cheiro de esgoto.

— Vemos muito isso — disse Collier. — Mulas de drogas vêm do México com bolas ou heroína em pó no estômago. Cagam em um balde, pegam o dinheiro, aí voltam ao México para encher de novo.

— Acha que um lugar como esse, em que especificamente baniram estátuas de jôqueis nos jardins, não chamaria a emergência se vissem um bando de mexicanos entrando e saindo da casa de Harding? — Ela pediu aos policiais: — Virem a porta.

— Temos de ir. Fomos chamados.

Nenhum dos dois tirou os olhos dos celulares quando saíram do quarto.

Collier parecia impressionado.

— Caras bons, não?

Faith passou as mãos ao redor da porta. Claro que era madeira sólida. Inclinou-se para o canto e girou a porta. Perdeu o controle no último minuto. A ponta mais alta da porta bateu na parede, deixando uma marca. Faith deu um passo para trás para olhar. Havia marcas na parte de baixo da madeira. Ela verificou de novo as dobradiças, para garantir que estava olhando a parte de dentro.

— O rato? — sugeriu Collier.

Faith tirou uma foto das marcas.

— Precisamos chamar os técnicos aqui.

— Os meus ou os seus?

— Os meus.

Faith mandou a foto para Charlie Reed, que aceitaria uma mudança de cenário depois de processar a boate de Marcus Rippey nas últimas sete horas. Mandou uma mensagem com o endereço e pediu que visse o closet assim que pudesse. Ela não era cientista, mas um balde de dezoito litros e um closet trancado com marcas no fundo significavam que uma pessoa tinha ficado presa ali.

Ou poderia ser mais uma palhaçada de Harding para que perdessem tempo.

— A porta do closet estava trancada quando chegamos aqui — disse Collier. — Por que trancar a porta quando não tem nada aí?

— Quais os motivos de Harding?

Faith voltou ao outro quarto. Ela se sentou na cadeira e começou a colocar os arquivos de cônjuges traidores de volta na primeira caixa. Collier parou na entrada de novo.

— Não tem nada aqui, pelo menos não o tipo de coisa que seria preciso ser vigiada por um rato.

— Não me interessa o que Violet falou. Aquela coisa parecia preinha. — Collier se sentou no colchão. Fez um som de flatulência. Olhou para Faith exatamente como ela esperava que olhasse. Puxou a tampa da segunda caixa. Não havia pastas de arquivo, só uma pilha de páginas com muitas fotos de mulheres nuas.

Collier pegou as fotos. Entregou os papéis para Faith.

Ela repassou tudo rapidamente. Registros de entrada em hospitais. Pedidos de captura. Reabilitação. Histórico policial. Eram todos de uma pessoa. Delilah Jean Palmer, 22 anos, endereço atual Cheshire Motor Inn, um conhecido ponto de prostitutas. Não havia nenhuma família. Desde o nascimento, Palmer tinha sido cuidada pelo Estado.

Também era modelo da BackDoorMan.com. O ensaio mais recente de Palmer mostrava a mesma mulher das fotos sensuais que Sara tinha encontrado dentro da carteira de Dale Harding. Seu cabelo era diferente em cada foto, às vezes loiro platinado, às vezes castanho natural, às vezes roxo ou rosa.

— É ela.

Collier se inclinou, o ombro dele pressionando o braço de Faith. Ele mostrou uma imagem maior das fotos que estavam na carteira: Delilah Palmer se inclinando sobre uma pia de cozinha, a cabeça virada para a câmera, a boca aberta, fingindo estar excitada.

— Acho que ela não é loira natural — comentou ele. — Veja, eu aprendo rápido, Mitchell. Você deveria me adotar como aluno.

Faith sabia que o departamento de informática da AIG já estava investigando o site BackDoorMan.com, mas não se conteve.

— Por que não dá uma olhada no site?

— Boa ideia. — Ele pegou seu celular. Com alguma sorte, passaria a hora seguinte olhando pornografia para deixá-la trabalhar.

Basicamente como toda relação romântica que Faith tivera em sua vida.

Ela voltou aos documentos para reler com cuidado. Percebeu que estava lendo os registros de adolescência de Delilah Palmer, o que era estranho, porque esse tipo de registro normalmente ficava selado. A primeira prisão de Palmer acontecera aos dez anos por vender Oxy na escola John Wesley Dobbs Elementary, na parte leste de Atlanta. Faith tinha passado um bom tempo na Dobbs enquanto ajudava o Estado a montar um caso contra o sistema de educação pública de Atlanta por corrupção generalizada nos exames. Alguns dos professores organizaram um jantar no qual apagavam e mudavam as respostas dos testes dos estudantes. Enquanto isso, 99,5% do corpo estudantil lutava para se classificar.

Faith estudou a primeira foto da prisão de Palmer, de doze anos antes. As mãos da garota eram tão pequenas que não conseguia segurar a placa com os números para a

câmera. O alto da cabeça dela não chegava à primeira linha das marcas pintadas na parede atrás. Havia cicatrizes no rosto. Seu cabelo castanho curto estava sujo. Tinha olheiras escuras, seja por falta de sono, de comida ou de um lar.

Delilah seria alguém estranho na Dobbs, e não só porque entrou no mundo do tráfico de drogas com aquela idade. No mês anterior, quando Faith estava preparando documentos para o julgamento, teve de explicar ao promotor que não cometera um erro em suas planilhas. Em 2012, Dobbs não tinha um corpo estudantil de cinco por cento de jovens brancos; eles tinham um total de cinco estudantes brancos. Se a demografia fosse ao contrário, a cidade nunca teria permitido esse nível de corrupção por tanto tempo sem uma investigação.

Faith virou a página para ver a próxima prisão de Delilah. Mais vendas de Oxy aos doze e, de novo, aos quinze. Aos dezesseis, Delilah tinha deixado a escola e estava injetando heroína, o que acontecia quando a pessoa não tinha mais dinheiro para Oxy. Uma única pílula de oitenta miligramas poderia custar entre sessenta e cem dólares, dependendo do mercado. O mesmo dinheiro por um saquinho de heroína poderia manter uma pessoa drogada por dias.

Ela passou os olhos pelas folhas da prisão. Condicional. Tratamento. Mais condicional. Reabilitação.

Apesar de sua ficha criminal, Delilah Palmer nunca tinha passado mais do que uma noite na cadeia.

Sua primeira prisão por prostituição aconteceu ainda aos dezesseis anos. Houve mais quatro prisões por solicitação, duas outras por vender maconha e heroína, todas acompanhadas por uma noite grátis na prisão do Fulton County.

Faith olhou os nomes dos policiais que a prenderam. Alguns deles eram conhecidos. A maioria era da zona seis, o que fazia sentido, pois os criminosos eram como todo mundo: tinham tendência a ficar nos próprios bairros.

Dale Harding também havia trabalhado na zona seis. Ele obviamente tinha ficado de olho em Delilah Palmer a maior parte da vida dela. Nas entrelinhas, Faith achou que ele teve de pedir muitos favores para manter a garota longe de uma sentença mais longa.

— Vai contar o que achou ou vou ter de adivinhar? — perguntou Collier.

— Você tem cheiro de vômito.

— Acabei de vomitar. Não me ouviu no banheiro? Fez até eco.

Faith entregou a ficha de Delilah Palmer.

— Dois quartos, duas camas. Alguém estava aqui com Harding.

— Acha que era essa garota? — Ele franziu a testa. — Ela não é muita coisa, mas podia encontrar alguém melhor que Harding.

Faith pensou no closet fechado, no balde, no cheiro de esgoto. Harding poderia estar fazendo a própria reabilitação. Síndrome de abstinência em um closet era bem mais barato do que quinze mil em um tratamento. Novamente. Isso poderia explicar melhor a sujeira. Parecia que havia um drogado vivendo ali.

— Viu aquilo ali? — Collier apontou para um aparelho de contenção dentária no chão. — Todas as minhas irmãs usaram um desses depois que tiraram o aparelho fixo. Não os mesmos, mas eram todos pequenos, como esse aí. Quero dizer que parecem ser de uma garota.

Faith não conseguia entender por que ele estava usando tantas palavras para dizer apenas uma coisa.

— E o site?

— Não mostrou nada. — Ele riu, com segundas intenções. — Sou um cara mais interessado na “porta da frente”. Especialmente as “maçanetas”.

Faith sentia a tensão em seus olhos.

— Sabe de uma coisa, Mitchell? Quando vi você pela primeira vez, imaginei que íamos terminar em um quarto vendo pornografia.

Faith começou a se levantar.

— Espera! — Ele agarrou uma pilha de fotografias da caixa. — Olha estas. Delilah tira fotos já faz algum tempo; as do BackDoorMan.com eu diria que começaram quando ela estava com uns dezesseis. As primeiras não têm endereços de site ou de identificação, mas eu diria que está mais perto dos doze, talvez treze.

Faith colocou as fotos lado a lado com as tiradas pela polícia quando Delilah foi presa. A estimativa de Collier estava errada alguns anos. Faith achava que as primeiras fotos eram de quando ela tinha dez anos. A imagem ilícita era devastadora. Delilah estava vestida com calcinha de laço e um sutiã que devia ter sido preso nas costas para que não deslizasse até seus pés. Não tinha cintura ainda, nem curvas, nada mais que uma gordura infantil que a heroína iria acabar consumindo. Faith olhou para seus olhos vazios e sem vida. Tudo na menina cheirava a abandono.

Por que Harding, que até onde eles sabiam não ligava para ninguém nem para nada, estava tão interessado nessa garota abandonada? O que ela significava para ele?

— E agora, Kemosabe? — perguntou Collier.

— Já volto. — Faith se levantou.

Ela voltou para a cozinha. Novamente Collier a seguiu. Ele era como uma criança, sempre atrás dela. Faith sentia falta da autossuficiência quieta de Will.

— Podemos ficar distantes por mais de dois segundos.

— Mas aí como vou saber o que você está fazendo?

Ela abriu a porta da geladeira. Sorvete e álcool enchiam as prateleiras, mas no fundo havia também um saco Ziploc cheio de papéis enfiados. O gelo tinha grudado o saco em uma caixa de salgadinhos de peixe. Faith precisou bater com a caixa na lateral da geladeira para soltar o saco.

As pessoas dizem que gente com doenças crônicas ou em estágio terminal deve deixar documentos importantes, como exames médicos, no congelador para que os paramédicos os encontrem com facilidade. Por mais horrível que Harding fosse, ele havia seguido o conselho. Exceto que suas ordens diziam que todas as medidas possíveis deveriam ser tomadas para preservar sua vida.

— Jesus! — disse Collier, porque, claro, ele estava lendo por cima do ombro de Faith. — O cara está sentenciado à morte, mas quer que os paramédicos o mantenham vivo o máximo possível?

— Isso foi preenchido há dois anos. Talvez tenha esquecido. — Faith achou a informação de contato na segunda página.

Parente próximo: Delilah Jean Palmer.

Relação: filha.

— Era a filha dele — disse Collier, porque, aparentemente, tinha esquecido que Faith também possuía olhos. — A ficha criminal dela dizia que era órfã.

Havia três números de telefone ao lado do nome de Delilah, dois estavam riscados. Todos com tintas diferentes. Faith usou o telefone fixo de Harding e discou o número mais recente. Foi direto para uma mensagem pré-gravada da empresa de telefonia informando que o número tinha sido desconectado.

Ela tentou os outros dois números só para ter certeza.

Desconectados.

Collier pegou seu celular.

— Minha vez de tentar um pouco de mágica?

— Fique à vontade.

Collier começou a segui-la para o quarto, mas Faith levantou a mão e o impediu.

— Não precisamos fazer tudo juntos.

— E se o rato voltar... com seus bebês?

— Eu grito muito alto.

Ela voltou a caminhar pelo corredor, olhando para a escada que levava ao sótão, porque o rato ainda estava lá em cima, possivelmente tendo um monte de ratinhos, porque esse era o tipo de dia que ela estava tendo. Graças a Deus, Faith fizera mais buracos no teto, caso a coisa decidisse que queria expandir seu território.

Ela se sentou na cadeira e se obrigou a olhar para as fotos de Delilah mais uma vez.

Deixando de lado o terrível fato de um pai ter fotos de sua filha nua, aos doze anos, se inclinando sobre um cavaleiro de brinquedo, havia algo estranho com a garota. Faith não conseguia articular o que fazia as fotos serem diferentes das centenas de outras parecidas que vira durante sua carreira na polícia, mas havia algo.

Exploração tinha um tema comum: miséria. Os olhos de Delilah estavam vidrados, provavelmente pela heroína que tinha recebido ou iria receber para que posasse para a câmera. Suas coxas estavam vermelhas; alguém tinha pegado pesado com ela. Uma fina camada de maquiagem quase escondia as marcas ao redor do pescoço. Havia batom nos dentes. Nada disso era novo ou especialmente surpreendente.

Era a mesma sensação que Faith sentira o dia todo: algo não estava batendo.

Faith odiava quando as coisas não batiam.

— É estranho que sejam fotos, não? — Collier estava parado na porta de novo.

— Você quer dizer que alguns pais guardam fotos de seus filhos na escola, só que Harding guardava fotos da filha nua? — perguntou Faith.

— Não, quero dizer por que ele não tem vídeos? Pornô é a única razão para a existência da internet. Arruinou a indústria de fotos de nudez. Até a *Playboy* desistiu.

— Está se perguntando por que Harding estava olhando para fotos nuas de sua filha em vez de vídeos com ela nua?

— Basicamente. Merda. — Bateu a mão na garganta. Tossiu. — Acho que engoli uma mosca.

— Tente ficar de boca fechada.

— Ha-ha. — Ele se sentou no colchão de novo. Fez o som de novo. Lançou o mesmo olhar para ela. De novo. — Pedi que minha garota em Registros faça uma pesquisa prioritária sobre a pequena Delilah. Vamos ver o que ela esteve fazendo ultimamente. Com Harding morto, ela vai terminar na prisão logo e não terá ninguém para tirá-la.

— Ela poderia saber algo — comenta Faith. — Temos de descobrir o que Harding estava fazendo na última semana de vida. Isso vai nos dizer por que ele estava na boate de Rippy. — Ela tentou colocar em palavras o que a incomodava. — Ele era pedófilo ou um mau pai?

— Voto nos dois.

— Ele deve ter usado todo favor que tinha para impedir que ela fosse condenada. — A moeda de troca de um policial era saber a quem pedir favores e também saber que quando essa pessoa pedia outro, você fazia o que ela queria sem perguntas. — Isso não é pedir a um policial para perder uma multa por excesso de velocidade. São favores de alto nível, tenentes e oficiais de condicional e até juizes. Ele não poderia pagar todos esses favores. Trabalhava com crimes de colarinho. Não tinha muito crédito. Talvez não houvesse ninguém na força que atendesse a seus pedidos.

— Conhece a história do pai que parou de ir trabalhar? Não conseguia largar sua garotinha.

Faith balançou a cabeça, desejando que Collier calasse a boca. O senso de humor de Will poderia ser irreverente, mas ele nunca brincaria com um homem molestando a própria filha.

Por um milagre, Collier finalmente entendeu seu limite com ela.

— Harding não tem nem computador ou impressora.

Faith verificou o papel das fotos.

— Não foram impressas em um laboratório. Foi uma impressão particular.

— Acha que alguém imprimiu para ele?

— Para quê? Chantagear? — Ela lembrou que Harding melhorou de vida de repente há seis meses. Mudou-se para Mesa Arms. Comprou um carro novo. — Teria de ser ao contrário. Harding é quem recebeu algum dinheiro. Tenho vontade de ligar para o pessoal da loteria e verificar se ele ganhou algo.

O telefone de Collier fez um ruído. Seu dedo deslizou pela tela.

— Anexo. — Ele esperou o download. — Puxa vida. Isso vai ficando cada vez melhor.

Ele levantou o telefone. A tela mostrava uma certidão de casamento digitalizada.

Faith olhou as palavras. Teve de ler duas vezes antes de conseguir entender.

Há cinco meses e meio, Vernon Dale Harding tinha se casado com Delilah Jean Palmer. Era o quinto casamento dele e o primeiro dela.

Faith colocou a mão na boca, depois pensou no que estava fazendo.

— Merda — disse Collier. — O cara casou com a própria filha.

— Não pode ser verdade.

— Dá para ver bem aqui. Processado e tudo.

— Ele a marcou como filha há dois anos. Você viu nos formulários.

Collier não parecia tão confuso quanto ela.

— Os formulários com Ordem Para Não Ressuscitar não são oficiais, pelo menos não antes de alguém encontrar e levar ao hospital.

Faith se viu meneando a cabeça, negando, diante daquela confusão. Ela queria voltar e olhar de novo os papéis, mas sabia que não tinha lido errado.

— Como isso aconteceu? Não se pode casar com um parente. Precisa preencher uma licença. Eles fazem o...

— Ela sempre foi órfã no sistema. Harding provavelmente nunca teve direitos paternos. Eles poderiam fazer todas as verificações que quisessem e a relação não ia aparecer.

Faith deixou as fotos pornográficas caírem no chão. Olhou para as imagens espalhadas e tentou não pensar no motivo pelo qual Dale Harding as tinha guardado por todos aqueles anos.

— Meu Deus, essa pobre garota nunca teve uma chance na vida.

— Ele não estava dormindo com ela. — Collier impediu o protesto de Faith. — Não recentemente, pelo menos. Não há Viagra no banheiro e, considerando o que acontecia com aquele cara, não havia mais semente nele. — Ele riu. — O trator não estava arando os campos.

— Precisamos encontrar essa garota. — Faith começou a digitar uma mensagem para Amanda divulgar. — Ela é a esposa legal de Harding. Ele foi encontrado morto ou assassinado em uma sala cheia de sangue. Se fosse o assassino dele, estaria procurando alguém em quem Harding pudesse confiar. Seja esposa ou filha, ela deve saber de algo. Simplesmente pelo fato de estar vivendo com ele.

— Percebeu que ela não está aqui? — O tom de Collier tinha mudado. Ele estava entendendo agora. — A TV desapareceu. Não tem computador. Talvez ela tenha descoberto que ele estava morto, sabia que havia um alvo em suas costas, então vendeu essa merda e deu o fora.

— Violet, a gerente do lugar, nunca viu Delilah. Tem essa coisa estranha no closet. Por que manter uma garota escondida de todo mundo no bairro? A menos que houvesse um motivo para escondê-la.

— Ela é prostituta, então conhece as ruas — disse Collier. — Provavelmente estava enganando Harding tanto quanto ele a enganava. Talvez ela tenha matado Harding. Consigo imaginar isso: garota cruza com o cara errado, Harding investe para protegê-la e ganha uma maçaneta no pescoço por suas preocupações.

— De qualquer forma, ela está em perigo. Registros mandou o último endereço conhecido dela? — perguntou Faith.

Collier voltou a olhar o celular.

— Renaissance Suites, na I-20. Minha parceira já ligou para o gerente, mandou a ele uma foto da última prisão de Delilah. Ele diz que não sabe nada de nada.

Faith ouviu o celular vibrar. Ela leu a mensagem.

— Amanda emitiu um comunicado sobre Delilah. Você precisa usar seus canais no DPA para conseguir informações sobre a garota. Bater em cada porta de cada prédio ou casa onde ela já morou. Verificar seu registro de adolescente, ir até a escola dela, o que puder nos levar aos amigos que ela teve.

Collier tinha uma expressão estranha.

— Mais alguma coisa, chefe?

— Sim, ela foi presa por prostituição, então deve ter um cafetão. Encontre-o. Fale com ele. Dê uma dura se for preciso. — O alarme do celular tocou. Faith começou a enfiar os arquivos e as fotografias de volta nas caixas. — Precisamos encontrar Delilah antes que seja tarde.

— O que vai fazer enquanto eu gasto meu sapato em tudo isso? — perguntou ele.

— Tenho de ir ao hospital e conversar com a mulher não identificada que Will encontrou. Ela pode ter visto algo na noite passada.

— Ah, tecnicamente nós encontramos, Will e eu.

Ela levantou as caixas. Eram mais pesadas do que havia pensado.

— Devo ter as informações bancárias e de telefone quando chegar ao hospital. Vou repassar esses arquivos e cruzá-los com...

— Espere. — Collier a seguia pelo corredor. Novamente. — Sua não identificada, ela me conhece. É mais provável que converse com alguém conhecido.

Faith parou. Collier, que vinha atrás, esbarrou nela.

— Charlie Reed, nosso técnico de cena de crime, chegará a qualquer minuto — disse ela. — Espere por ele, depois vá procurar Delilah. Se ela estiver por aí, precisamos conversar com ela. Se Angie e Harding foram assassinados por alguma razão, ela poderia saber qual é, e essa razão poderia levar ao seu assassinato também.

— Você realmente acha que ela está em perigo?

— Você, não?

— Você não é muito feminista, é? — Collier riu para o que deve ter sido uma expressão de choque no rosto dela. — Pode ser que Delilah tenha ido atrás dos dois. Angie e Harding. Já pensou nisso? As mulheres também são capazes de matar, parceira.

— Se me chamar de parceira de novo, vai descobrir exatamente do que uma mulher é capaz.

Pela primeira vez, Collier a levou a sério.

— Vou mandar Ng começar, e vou lá me encontrar com ele assim que seu cara chegar aqui. Devo ligar para você depois?

— Se tiver encontrado Delilah ou tiver alguma informação valiosa, deve.

— E se eu quiser ver mais um pouco de pornô com você?

Faith saiu pela porta da frente. Ficou com a cabeça baixa para que suas retinas não pegassem fogo. No carro, equilibrou as caixas em um joelho e se atrapalhou com o puxador até quase deixar cair tudo. Finalmente, conseguiu segurar o puxador e pressioná-lo com a ponta do dedinho. Usou o pé para abrir a porta. Jogou as caixas no banco do passageiro. Sentou-se atrás do volante. Enquanto isso, Collier ficou parado na porta, sem oferecer ajuda alguma. Ele a importunava quando ela não precisava e não movia um músculo quando precisava.

— Maldição — murmurou Faith.
Amanda estava certa.
Ele era exatamente o tipo dela.

CAPÍTULO CINCO

WILL ESTAVA NO HALL de entrada do brilhante prédio comercial Tower Place 100. O arranha-céu de 29 andares era parte do complexo Tower Place, que estava na esquina da Piedmont com a Peachtree, e só era em parte responsável pela densa fila de jaguares e maseratis que entupiam Buckhead manhã, tarde e noite.

Ele não tinha planejado estar ali, apenas tinha seguido as migalhas que Angie deixara. Primeiro, foi para casa mudar de roupa e tirar alguns documentos do cofre, depois fora ao banco de Angie, o que o levou à agência em que mantinha sua caixa postal, o que o trouxe a esse prédio, onde entrou como um caipira porque tinha trocado o terno e a gravata do dia a dia por algo mais confortável. Ele não podia fingir que era um bilionário da tecnologia. Seus jeans eram Lucky, não Armani. Sara tinha comprado uma camiseta polo de manga comprida de uma loja que ele nunca tinha ouvido falar. Seus velhos tênis de corrida estavam manchados com a tinta azul com que havia pintado o banheiro.

Pintou as paredes de uma cor mais clara porque percebera uma mancha que o marrom-escuro de sua casa era muito masculino para Sara.

Sara.

Will sentiu o peito subir e descer com um suspiro profundo e calmo. Só pensar no nome dela aplacava um pouco sua ansiedade. Ele se permitiu um momento para lembrar como era bom acordar no meio da noite e encontrar o corpo de Sara perto do dele. Ela se encaixava nele como a última peça de um complicado quebra-cabeça. Ele nunca tinha conhecido alguém como ela antes. Ela o acordava às vezes só para estar com ele. As mãos juntas. Querendo ficar com ele. Angie nunca demonstrou algo assim.

Então, por que ele estava ali?

Will olhou para o envelope grosso e cinza em suas mãos. O logo multicolorido da empresa de gerenciamento de Kip Kilpatrick estava no canto. O nome de Angie estava digitado acima de uma caixa postal. A caixa estava localizada em uma agência da UPS no centro. Na verdade, havia dois envelopes dentro da caixa, mas o que tinha o logo colorido foi o que Will viu primeiro, e seu coração parou como se estivesse em um trem indo de encontro a um muro.

Ele ficou parado no hall da agência, olhando para o envelope, sem tocá-lo, tentando superar o choque. Ali havia uma ligação concreta entre Angie e Kip Kilpatrick, e, por extensão, com Marcus Rippy. Ele deveria ter ligado imediatamente para Amanda, chamado uma equipe forense para verificar as digitais e as câmeras de segurança. Mas Will não tinha feito nada disso, porque, entre outras coisas, Amanda ia querer saber como ele tinha chegado à caixa postal, para começar.

O banco de Angie lhe deu cópias de seus extratos mostrando o endereço postal dela. Ele mostrou à gerente sua certidão de casamento para provar que ainda estava legalmente casado com Angie. A mulher não precisou ver. Tudo que precisava era um documento dele. O nome de Will ainda estava na conta de Angie, a mesma dos últimos vinte anos.

Ele não tinha contado a Sara sobre a conta.

O último extrato de Angie mostrava um saldo alto, o que era pouco comum. Ela sempre tinha vivido de um salário ao outro. Will era quem economizava, quem ficava aterrorizado de ficar sem dinheiro e viver nas ruas de novo. Angie gastava assim que o dinheiro chegava ao seu bolso. Ela dissera a Will que ia morrer jovem, então o melhor era se divertir.

Ela morreu jovem? Ter 43 era considerado meia-idade?

O tempo de duas a três horas para encontrar Angie viva já havia passado. Sara era uma boa médica. Ela sabia como ler uma cena de crime e sabia quanto sangue deveria haver dentro de um corpo. Mesmo assim, Will não podia aceitar que Angie estivesse morta. Ele não acreditava em sinais cósmicos, mas algo lhe dizia que, se algo realmente ruim tivesse acontecido com ela, ele saberia.

Will dobrou o envelope no meio, depois enfiou no bolso traseiro enquanto caminhava para os elevadores. Deixou passar dois elevadores antes de perceber que não havia como pegar um que já não estivesse lotado com pessoas que vinham do estacionamento. Olhou para o relógio. Às três e meia da tarde, os trabalhadores dos escritórios estariam contando o tempo para ir para casa, não voltando do almoço. O elevador em que finalmente conseguiu entrar estava tomado pelo cheiro de álcool e cigarro. Botões foram apertados. Will olhou para o painel. Eles iam parar em quase todos os andares.

Will só tinha ido uma vez ao escritório de Kip Kilpatrick, durante a breve e rotineira entrevista com Marcus Rippy. Ele ainda podia se lembrar dos detalhes opulentos dentro do escritório, porque era o tipo de lugar especificamente criado para ficar em sua cabeça.

A 110 Sports Management ocupava os dois últimos andares do prédio, por isso puderam construir uma escada bonita, flutuante e de vidro conectando os dois níveis. Havia adesivos Fathead de tamanho real por todas as paredes mostrando jogadores

fazendo cestas, dando cortadas e marcando *touchdowns*. Camisetas com números conhecidos formavam uma fila do lado de fora da sala de conferência com fotos de antigos CEOs, o que era apropriado porque o esporte era um negócio de bilhões de dólares. Ser um grande atleta não era suficiente para pagar as contas. Era preciso ter o apoio de marcas de tênis e a própria linha de roupas para provar ser um verdadeiro sucesso.

Por trás de todos esses negócios de bilhões de dólares também havia uma equipe de advogados, gerentes, agentes e corretores que ficava com uma parte. O que era ótimo, mas também criava problemas. A Coca-Cola também era uma indústria de bilhões de dólares, mas havia muitas latas e garrafas e a empresa poderia fazer muito mais. Se uma lata de Coca explodisse, você poderia pegar outra da geladeira. Se um atleta fosse preso dirigindo a mais de 160 km/h na estrada enquanto cheirava cocaína com uma prostituta no colo, então todo o negócio estava morto no segundo em que a imprensa postasse a foto.

Só havia uma Serena Williams. Só havia um Peyton Manning. Só havia um Marcus Rippy.

Will quis esquecer a imagem quando pensou em Marcus Rippy. Era uma das muitas fotos do atleta parado ao lado de seu carro de trezentos mil dólares, ou a bordo de seu Gulfstream particular, ou com a mão na cabeça de seu husky siberiano, ou com sua família, agindo como um pai feliz e um marido carinhoso, enquanto Keisha Miscavage, a mulher que Rippy tinha violentado brutalmente, precisava de proteção por causa das ameaças de morte dos fãs dele.

Uma palavra do jogador poderia impedir esses caras. Uma linha em uma entrevista ou um post em sua conta de Twitter permitiriam que Keisha Miscavage fosse para casa e começasse a reconstruir sua vida.

E Rippy deveria estar feliz ao saber que ela ainda era prisioneira.

Um som de sino. Quinto andar. As portas do elevador se abriram. Um punhado de gente desceu. Will ficou encostado na parede. Colocou a mão no pescoço, lembrando-se um segundo atrasado de que não estava usando gravata.

Depois que Collier o deixou em casa, Will supôs que estava de folga, se já não estivesse desempregado. Concluiu que homens desempregados não precisavam usar terno e gravata. Essa era a coisa boa de não ter emprego. Naquele momento, ele se arrependia de suas escolhas, mas, quando saiu de casa algumas horas antes, achava que ia seguir as pistas de Angie, não enfrentar Kip Kilpatrick.

O elevador parou no 12º andar. Metade das pessoas saiu. Ninguém entrou. Will continuou encostado na parede. O elevador subiu mais dois andares e parou. Uma pessoa entrou e pegou uma carona até o andar acima. Quando o elevador deixou o 15º

andar, Will estava sozinho. Ficou olhando o marcador piscar enquanto o elevador subia até o último andar.

Cada vez que o número mudava, ele pensava: “Angie. Angie. Angie.”

Estava se iludindo? Ela estava mesmo morta?

Várias vezes Will avisou familiares sobre a morte de algum parente, endurecendo-se para bater em uma porta, oferecendo um ombro para alguém ou aguentando um grito quando contava a uma mãe, um pai, um marido, uma esposa, um filho que seus entes queridos nunca mais voltariam para casa.

Como era estar do outro lado? Will receberia uma ligação em uma hora, um dia ou uma semana? Contariam que um carro da polícia tinha encontrado o Monte Carlo de Angie e visto seu corpo sem vida caído sobre o volante?

Will teria de identificá-la. Ele precisaria ver o rosto dela antes de acreditar que estava morta. No calor implacável do verão, como ela estaria depois de todo esse tempo? Inchada, irreconhecível. Ele tinha visto corpos assim antes. Teriam de fazer o teste de DNA, mas, mesmo assim, o cérebro de Will sempre se questionaria se aquele rosto inchado e descolorido pertencia a sua esposa ou se Angie conseguira enganar a morte da mesma forma que sempre enganou todo o resto.

Era uma sobrevivente. Ela ainda podia estar por aí. Collier estava certo. Angie sempre tinha um cara. Talvez um desses caras fosse médico. Talvez ela estivesse se recuperando naquele exato momento, muito fraca para pegar o telefone e avisar a Will que estava viva.

Não que ela fosse ligar enquanto Sara estivesse por perto.

Will apertou os olhos com os dedos.

O elevador parou no 29º andar. A porta se abriu. O mármore branco brilhava em toda a superfície. Uma loira maravilhosa, muito magra, levantou os olhos de seu computador na recepção. Will a reconheceu, mas tinha certeza de que ela não se lembraria dele.

Estava errado.

— Agente Trent. — Seu sorriso desapareceu. — Sente-se, por favor. O sr. Kilpatrick ainda está em uma reunião. Ele vai demorar uns cinco ou dez minutos.

Kip Kilpatrick era esperto, mas não era clarividente. A última coisa que Will tinha ouvido era que Amanda ia falar com o agente/advogado de Marcus Rippy na manhã seguinte. Até meia hora atrás, nem Will sabia que iria até ali. Ou talvez Kilpatrick não estivesse esperando que Will aparecesse, mas sabia que isso ia acontecer. Fazia sentido. Marcus Rippy era o maior cliente de Kilpatrick, sua única lata de Coca-Cola. O agente detestável já tinha escapado de uma acusação de estupro. Explicar um cadáver era coisa simples, em comparação.

— Ali. — A mulher apontou para uma área com cadeiras.

Will seguiu a ordem dela, cruzando o hall, que era do mesmo tamanho que toda a sua casa. Havia uma porta de vidro fosco que levava aos escritórios e uma que levava ao banheiro, mas, além disso, o hall estava completamente separado do resto da empresa.

Pela decoração simples, ninguém poderia saber que estava do lado de fora de uma das maiores agências de esportes do país. Will achava que era de propósito. Nenhum cliente prospectivo queria se sentar no hall olhando para o rosto sorridente de um rival. Por outro lado, se sua estrela estivesse se apagando, não queria ver a foto de algum juvenzinho promissor tomando seu lugar na parede.

Will afundou em uma das cadeiras confortáveis ao lado de uma enorme janela que ia do chão ao teto. Tudo ali era cromado e de couro azul-escuro. A vista se estendia até o centro da cidade. As paredes em cinza-claro foram pintadas muitas vezes com um verniz brilhante como papel de parede. Havia uma placa que não estava lá da última vez: letras gigantes folheadas a ouro montadas no que parecia uma folha de metal fina que estava mais alta que Will.

Ele observou as letras. Havia três linhas de texto, cada uma com pelo menos 45 centímetros de altura. Ele ficou olhando como as letras flutuavam como anêmonas do mar. Um “M” cruzava com um “E”. Um “E” se transformava em um “Y”.

Will sempre teve problemas de leitura. Ele não era analfabeto. Sabia ler, mas demorava um pouco e ajudava se as palavras estivessem impressas ou bem escritas. O problema o atormentava desde a infância. Ele quase não conseguiu se formar no colégio. A maioria dos professores acreditava que ele era vagabundo ou burro, ou os dois. Will estava na faculdade quando um professor mencionou a dislexia. Ele não contou para ninguém, porque as pessoas presumiam que leitura lenta significava ter uma mente lenta.

Sara foi a primeira pessoa que Will conheceu que não tratou sua incapacidade como uma deficiência.

Geren.

Cia.

Mento.

Em silêncio, Will leu as três linhas da placa uma segunda, depois uma terceira vez.

Ouviu o som de uma descarga, depois uma torneira aberta, depois um secador de mãos. A porta do banheiro se abriu. Uma mulher afro-americana mais velha e bem-vestida saiu. Ela se apoiava em uma bengala enquanto caminhava até as cadeiras.

A recepcionista abriu um sorriso.

— Laslo virá em um minuto, srta. Lindsay.

Will se levantou porque foi criado por uma mulher velha o suficiente para ser sua avó, e a sra. Flannigan ensinara os bons modos de uma geração mais antiga.

A srta. Lindsay pareceu apreciar o gesto. Ela sorriu docemente enquanto se sentava no sofá em frente.

— Ainda está um calor terrível lá fora? — perguntou ela.

Ele se sentou.

— Sim, senhora.

— Que Deus nos ajude.

Ela sorriu de novo para ele, depois pegou uma revista *Sports Illustrated*. Marcus Rippy estava na capa segurando uma bola de basquete. Will olhou pela janela porque ver o rosto daquele homem lhe dava vontade de jogar sua cadeira do outro lado da sala.

A srta. Lindsay rasgou um cartão de assinatura e usou-o como leque.

Will cruzou as pernas. Encostou na cadeira funda. Sua panturrilha estava latejando. Havia um ponto de sangue na perna de seu jeans. Parecia que tinha passado uma vida desde que seu pé havia quebrado o chão podre de um prédio comercial condenado. Em casa, ele envolveu a panturrilha ensanguentada com gaze, mas aparentemente isso não tinha resolvido o problema.

Olhou para o relógio. Ignorou o sangue seco na mão. Verificou o celular, que estava cheio de mensagens ameaçadoras de Amanda. O único som na sala era a srta. Lindsay virando de vez em quando uma página da revista e os esporádicos toques das unhas compridas da recepcionista no teclado. *Tap. Tap. Tap.* Ela era pouco proficiente. Will não conseguiu evitar repetir o mantra do elevador.

Angie. Angie. Angie.

Ela desaparecia o tempo todo. Meses se passavam, às vezes um ano inteiro, e então um dia Will estava jantando na pia da cozinha, ou deitado no sofá assistindo à TV, e Angie entrava na casa e agia como se tivesse passado uns poucos minutos desde a última vez que se viram.

“Sou eu, querido. Sentiu minha falta?”

Ela sempre falava isso.

Era o que estava fazendo naquele momento. Ela havia desaparecido e voltaria, porque sempre voltava em alguma hora.

Will descruzou as pernas. Inclinou-se para a frente, as mãos cruzadas entre os joelhos. Girou o anel de casamento barato em seu dedo. Tinha comprado o anel de ouro por 25 dólares em uma casa de penhora. Ele quis parecer legitimamente casado para a gerente do banco. Will poderia ter economizado o dinheiro. A mulher nem tinha olhado direito para sua identidade antes de mostrar toda a vida financeira de Angie.

Pegou o anel. O ouro estava lascado. Era mais bonito que o anel que Angie tinha dado a ele.

Will deixou as mãos caírem. Queria se levantar e caminhar, mas tinha a sensação de que a recepcionista não ia gostar disso. Nem, ele imaginou, a srta. Lindsay. Não havia nada pior que olhar alguém andando de um lado para o outro. Além disso, seria uma grande pista de que ele estava nervoso com algo e Will não queria que Kip Kilpatrick soubesse que ele estava nervoso.

Ele deveria estar nervoso? Estava em vantagem. Pelo menos achava que estava, mas Kilpatrick já havia armado umas surpresas para ele antes.

Pegou uma revista. Reconheceu o logo de Robb Report. Havia uma Bentley Bentayga na capa. Will foi direto ao artigo. Números nunca foram um problema para ele. Encontrou as especificações do carro e passou o dedo pelo texto. Aquelas palavras eram mais fáceis de entender por ele já ter lido outras especificações em outras revistas, pois amava carros. Twin-turbo 6.0 litros, W12 600 hp e 988 kg-m de rotação. Velocidade máxima de 300 km/h. As fotografias do interior mostravam bancos com couro costurados à mão e delicadas palhetas ao redor dos indicadores de cromo.

Will dirigia um Porsche 911 de 37 anos, mas o carro não era um clássico. Seu primeiro veículo foi uma bela moto Kawasaki — boa se você pudesse trabalhar suado ou molhado de chuva. Um dia, Will viu um chassi queimado em um terreno baldio perto de sua casa. Pagou para uns moradores de rua ajudá-lo a carregar o que sobrara do Porsche de volta para sua garagem. Dava para usar o carro depois de seis meses, mas a falta de dinheiro e um esquema técnico desencorajador fizeram com que Will demorasse quase dez anos para terminar de restaurá-lo.

Sara o levava para fazer um test drive em um 911 novinho no Natal. A viagem até a concessionária foi uma surpresa. Will se sentiu um impostor parado no showroom, mas Sara estava se sentindo em casa. Ela estava acostumada a ter dinheiro. Seu apartamento era um loft que custava perto de um milhão de dólares. Seu BMW X5 tinha todos os acessórios mais modernos. Ela tinha aquela confiança que nasce da certeza de que pode comprar o que quiser. Como quando parava naquelas casas à venda para exposição, olhando os espaços abertos, pensando nas coisas que iria mudar de acordo com seu gosto, ignorando completamente o fato de que as mãos de Will estavam tremendo quando ele pegava o folheto e via o número de zeros no valor.

O número do seguro social de Will foi roubado por um pai adotivo quando ele tinha seis anos. Ele só descobriu aos vinte anos, quando tentou abrir sua primeira conta bancária. Seu crédito era praticamente zero. Ele teve de pagar tudo em dinheiro até os 28 anos, e depois o único cartão de crédito que ele podia usar era o vinculado à sua conta. Teve de pagar em dinheiro até mesmo a casa em que mora. Ele a comprou em um leilão de tomada de casas no tribunal. Nos primeiros três anos, dormiu com uma arma ao lado

da cama porque viciados em crack continuavam aparecendo querendo comprar algumas pedras da gangue que morava ali antes.

Will ainda não conseguia ter um cartão de crédito. Por causa de sua política de usar somente dinheiro, ele passou de crédito ruim a não ter crédito algum. Não aparecia em nenhuma das agências de avaliação, literalmente. Se Sara achava que seriam capazes de comprar uma casa juntos, era melhor estar preparada para trocar seu loft de um milhão de dólares por uma caixa de fósforos. Depois de ignorar Amanda o dia todo, Will provavelmente não tinha mais emprego.

— Você é jogador de basquete?

Will tirou os olhos da revista. A srta. Lindsay estava falando com ele.

— Não, senhora — respondeu ele, porque, até onde sabia, isso ainda era tecnicamente verdade. — Sou agente especial da Agência de Investigação da Geórgia.

— Que interessante! — Ela brincava com as pérolas ao redor do pescoço. — E a AIG é a polícia estadual?

— Não, senhora. Somos uma agência estadual que fornece assistência com investigações criminais, serviços de laboratório forense e informação computadorizada de justiça criminal.

— Meio que o FBI, mas para o estado?

Ela entendeu mais rápido que muita gente.

— Isso, senhora, exatamente.

— Todos os tipos de casos?

— Sim, senhora. Todos os tipos.

— Que interessante. — Ela começou a mexer na bolsa. — Você está aqui a trabalho? Espero que ninguém esteja com problemas.

Will negou com a cabeça.

— Não, senhora. Só umas perguntas de rotina.

— Qual é o seu nome?

— Will Trent.

— Will Trent. Um homem com dois primeiros nomes. — Ela tirou um pequeno caderno com um desenho de vitral na capa. Pegou a caneta que estava na espiral.

Will se inclinou para pegar sua carteira. Ele tirou um de seus cartões.

— Esse sou eu.

Ela leu o cartão.

— Will Trent, agente especial, Agência de Investigação da Geórgia. — Ela sorriu ao enfiar o cartão em seu caderninho e colocá-lo de novo na bolsa. — Gosto de me lembrar das pessoas que conheço. Há quanto tempo está casado?

Will olhou para o anel da casa de penhora em seu dedo. Ele era viúvo. Como se chama se sua esposa morre quando você não queria mais estar casado com ela?

— Desculpe — disse a srta. Lindsay. — Estou sendo bisbilhoteira. Minha filha sempre me diz que sou muito curiosa.

— Não, senhora. Está tudo bem. Eu também sou meio bisbilhoteiro.

— Espero que sim, levando em conta seu emprego. — Ela riu e Will também. — Fui casada por 51 anos com um homem maravilhoso.

— A senhora se casou quando era criança?

Ela riu de novo.

— Você é muito gentil, agente especial Trent, mas não. Meu marido faleceu há três anos.

Will sentiu um nó na garganta.

— E você tem uma filha?

— Tenho.

Foi tudo que ela disse. Segurava a bolsa no colo. Continuou sorrindo para ele. Ele também sorria.

Então, viu como o lábio inferior dela começava a tremer.

Os olhos estavam úmidos.

Will olhou para a recepcionista que ainda estava digitando em seu computador.

— Está tudo bem? — perguntou ele, em um sussurro.

— Ah, sim! — Os dentes apareceram em um sorriso amplo, mas o lábio não parava de tremer. — Tudo está maravilhoso.

Will notou que a recepcionista tinha parado de digitar. Ela estava falando ao telefone. O lábio da srta. Lindsay não tinha parado de tremer. Ela estava chateada com algo, isso era óbvio.

Ele tentou continuar conversando.

— A senhora vive por aqui?

— No final da rua.

— Buckhead — disse Will. — Minha chefe vive na estrada, naquelas casas perto de Peachtree Battle.

— É uma área bonita. Estou no prédio mais velho, na curva passando as igrejas.

— Jesus Junction — completou Will.

— O Senhor está em todos os lugares.

— É bom ter alguém cuidando da gente — disse Will, apesar de não ser religioso.

— Você está certo. Sou realmente abençoada.

Will sentia que estava preso dentro de um balão de plasma com pequenas faíscas de eletricidade viajando entre ele e a srta. Lindsay. Ficaram olhando um para o outro por

pelo menos uns dez segundos antes que a porta atrás da mesa da recepcionista abrisse.

— Srta. Lindsay? — Um careca grosseiro usando uma camisa preta muito apertada e uma calça preta ainda mais apertada estava parado na porta. Seu sotaque de Boston era tão forte quanto seu pescoço grosso. — Vamos entrar, querida.

A srta. Lindsay agarrou sua bengala e se levantou, e Will também se levantou.

— Foi um prazer conhecê-la.

— Igualmente.

Ela esticou a mão. Ele a apertou. A pele dela era pegajosa. A mulher mordeu o lábio para parar de tremer. Inclinou-se sobre a bengala para começar a andar e cruzou a porta aberta sem olhar para trás.

O homem grosseiro olhou feio para Will antes de fechar a porta. Will ficou imaginando se esse era Laslo e se trabalhava para Kip Kilpatrick. Atrás de cada cara desses sempre tinha um estúpido louco para sujar as mãos. Will achava que caras como Laslo já nasciam meio sujos.

— O sr. Kilpatrick deve demorar cinco ou dez minutos — avisou a recepcionista.

— Mais.

Ela pareceu confusa.

— Porque você falou cinco ou dez minutos antes, então agora são... — explicou Will.

Ela começou a digitar no computador de novo.

Will enfiou as mãos no bolso. Olhou para o sofá, sentindo que a srta. Lindsay poderia ter deixado algo para ele. Uma migalha de pão, talvez.

Nada.

Ele foi até a porta do banheiro, se virou e caminhou de volta até a placa da bebida. Estava certo sobre ficar caminhando. A recepcionista olhou aborrecida para ele enquanto digitava no teclado do computador. Ele ficou imaginando se ela estava atualizando o perfil no Facebook. Qual era o trabalho de uma recepcionista se não estava atendendo o telefone? Will pensou nisso enquanto caminhava, pois as outras coisas que tinha para pensar eram demais para ele. Estava na sexta volta quando ouviu um *ding* alto cortando o ar.

A porta do elevador se abriu. Amanda apareceu.

Sua expressão rapidamente mudou de surpresa para fúria até assumir sua máscara usual de indiferença.

— Você chegou cedo — disse ela, como se o fato de Will estar parado no hall de entrada não a tivesse chocado. Ela virou para a recepcionista: — Pode descobrir quanto tempo o sr. Kilpatrick vai demorar?

A garota pegou o telefone. As unhas marcaram os números.

— Obrigada.

O tom de Amanda era educado, mas seus sapatos a entregavam. Os saltos tocavam o chão de mármore como facas. Ela se sentou na cadeira que Will tinha abandonado. Seus pés não tocavam o chão. Vacilou um pouco enquanto tentava manter o equilíbrio. Will nunca tinha visto Amanda com problemas para sentar em uma cadeira, mas aquela cadeira em especial havia sido feita para alguém com as pernas compridas como a de um jogador de basquete. Não era à toa que Will se sentira tão confortável.

— Desculpe por chegar cedo — respondeu ele.

Ela pegou a *Robb Report*.

— Acho que prefiro você sem testículos.

A recepcionista desligou o telefone.

— O sr. Kilpatrick disse que vai demorar cinco ou dez minutos. — Olhando para Will, ela acrescentou: — Ou mais.

— Obrigada. — Amanda olhou para a revista com um súbito interesse em relógios de luxo.

Will pensou que não poderia deixar Amanda mais brava do que ela já estava. Retomou sua caminhada entre o banheiro e a placa. Pensou no segundo envelope que tinha encontrado na caixa postal de Angie. Branco, sem nome, mais chocante que o primeiro. Não havia selo. Angie o deixou para ele e Will o deixou no carro. O envelope de Kilpatrick era uma prova. O segundo não interessava a ninguém.

— Encontraram algo? — perguntou a Amanda. Ela olhou para ele com uma expressão vazia. — Na cena do crime? — Amanda se virou para a recepcionista. — Com licença? — Ela esperou que a garota levantasse a cabeça. — Da última vez que estive aqui, me serviram um delicioso chá de menta. Poderia trazer uma xícara de novo? Com mel?

A recepcionista forçou um sorriso. Bateu as mãos na mesa e rolou a cadeira para trás para se levantar. Abriu a porta que dava para os escritórios e bateu forte depois de passar.

— Sente-se. — disse Amanda para Will.

Ele se sentou no sofá.

— Você tem até a garota voltar para me explicar por que eu não deveria demiti-lo agora mesmo — disse ela.

Will não conseguiu pensar em uma boa razão, então decidiu falar a verdade. Tirou o envelope do bolso traseiro. Jogou na mesa de vidro.

Amanda não tocou no envelope. Leu o endereço do retorno, que era para o escritório em que estavam sentados. Como no papel de parede do hall, a marca 110 estava repetida por todo o envelope.

— Como você chegou à caixa postal de Angie? — questionou ela, em vez de perguntar o que havia dentro do envelope.

— Fui até o banco. Temos uma conta-corrente. A caixa dela está dentro de uma agência da UPS em...

— Spring Street. — Ela o olhou com raiva. — Seu celular pertence à AIG, Will. Poderia segui-lo ao banheiro se quisesse. — Ela fez um movimento para que ele continuasse. — Então, você foi à agência e...

Will ignorou a informação sobre ser rastreado.

— Mostrei à gerente a declaração do banco com nossos nomes e meu documento e ela me deu acesso à caixa postal.

Ele deixou de lado os cem dólares que trocaram de mãos e as ameaças veladas feitas ao dono do lugar sobre a divisão de investigação de fraudes da AIG, mas algo no olhar de Amanda mostrou que ela sabia.

Amanda estudou o envelope de novo, ainda sem tocar nele.

— Quem você socou?

Ele olhou para o corte na sua mão.

— Alguém que provavelmente não merecia — respondeu ele.

— Isso vai ser um problema?

Will não achava que Collier era do tipo.

— Não.

— Precisa tirar esse anel de casamento antes de ver Sara. E eu não contaria que você ainda tem uma conta bancária com Angie, porque ela poderia se questionar como conseguiu encontrar a caixa postal em duas horas quando não havia conseguido encontrar nenhuma pista sólida sobre Angie no último ano.

Will não ouviu uma pergunta, então não deu nenhuma resposta.

— Por que ainda tem a conta com ela?

— Porque ela precisa de dinheiro às vezes. — Ele olhou pela janela. A verdade era que não sabia por que não tentou rastrear Angie através da conta bancária antes. — Ela me manda uma mensagem quando precisa de ajuda.

— O que significa que tem o número de telefone dela?

— A última vez que ela me mandou mensagem foi há pouco mais de um ano pedindo uns duzentos dólares. — Na verdade, quinhentos, mas Will não queria falar demais. — O número de telefone que Charlie encontrou é o mesmo que ela usou para me mandar a mensagem. Foi desconectado. E é o mesmo número que o banco tem.

Amanda finalmente pegou o envelope. Tirou o cheque de cinco mil dólares da conta pessoal de Kip Kilpatrick. Prova de que Angie tinha trabalhado para Kilpatrick. Amanda deixou a mão cair sobre o colo.

— É por isso que ela não precisava pedir dinheiro emprestado. Se é que dá para chamar de empréstimo. Suponho que ela nunca devolveu o dinheiro para você.

Novamente, ele não respondeu à questão que não foi perguntada.

— Nos últimos três meses, Angie fez um depósito de cinco mil dólares a cada duas semanas, a mesma quantia que está no cheque. Ela estava trabalhando para Kip Kilpatrick.

— Por que motivo você acha que Kilpatrick estava pagando dez mil dólares por mês de sua conta particular?

Will deu de ombros, mas podia imaginar muitas coisas ilícitas que Angie poderia fazer. Angie tinha problemas com drogas desde a infância. Não via nada errado em fazer coisas ruins ou ignorar quando as pessoas faziam coisas ruins por ela. Também se envolvera em empreendimentos legais, e Will ficava com seus pecados menos mortais.

— Ela estava registrada como detetive particular no Estado. Talvez Kilpatrick a tenha contratado para investigar pessoas, fazer verificação de antecedentes de clientes potenciais. Ela trabalhava meio período como segurança quando era policial. Talvez fizesse isso para ele também. — Ele perguntou de novo: — O que encontraram na cena do crime?

Amanda ignorou a pergunta pela segunda vez.

— Conte-me a razão pela qual não me ligou há meia hora, quando encontrou esse cheque.

Will olhou para suas mãos. Estava girando o anel de casamento de novo. Não sabia por que tinha desenvolvido uma afeição por aquele objeto. O anel significava tanto quanto o que Angie havia colocado em seu dedo no cartório.

— O sangue no quarto é B negativo, que é um tipo bem raro — contou Amanda. — Angie é tipo B negativo. É tudo que tenho para você.

— Todo o sangue era B negativo?

— A maioria do sangue era. O volume.

Will ouviu as palavras de Sara ecoando em sua cabeça.

O volume de sangue perdido é o perigo verdadeiro.

— A mulher não identificada ainda está em cirurgia — continuou Amanda. — Temos uma pista sobre uma garota chamada Delilah Palmer. Já ouviu falar dela?

Will fez que não com a cabeça.

— Mulher branca, 22 anos. Foi presa oito vezes por prostituição e porte de drogas. Harding era seu anjo da guarda. Ela está nessa vida faz algum tempo.

— Angie trabalhou na Divisão de Costumes quando era policial.

— É mesmo? — Amanda era ruim fingindo surpresa. — Colocamos alerta máximo. Essa Delilah Palmer deve saber por que Dale e Angie foram mortos, o que a torna nossa maior suspeita ou nossa próxima vítima.

Will girou o anel no dedo. Ele se forçou a não olhar para o relógio, fazer a conta de quanto tempo tinha se passado desde que Sara dissera que Angie não tinha muito tempo.

Ela ia voltar. Angie sempre voltava. Era assim que ele ia resolver tudo. Ele trataria essa vez como todas as outras vezes, e se passaria um ou dois anos até encontrar uma forma de aceitar que vira Amanda fingir ler uma revista enquanto Angie estava morrendo sozinha. Como sempre falou que ia fazer. Assim como Will tinha desejado que ela fizesse, porque queria facilitar as coisas com Sara.

Ele olhou pela janela. Tentou engolir. Sentiu aquele conhecido aperto no peito. A última coisa que disse a Angie era que não a amava mais.

Aí voltou para Sara.

Amanda largou a revista e se levantou. Deu a volta na mesinha e se sentou na ponta do sofá. Arrumou a saia. Olhou para a parede na frente dela. Seu ombro tocou o dele e Will teve de fazer um esforço para não se inclinar.

— Sabe que minha mãe se enforcou em nosso quintal quando eu era criança — disse ela.

Will olhou para o alto. A verdade é que ele não sabia nada daquilo.

— Sempre que eu lavava os pratos, olhava pela janela para aquela árvore e pensava: “Você é a última pessoa que vai me fazer sentir dessa forma de novo” — continuou ela.

Will não perguntou como ela tinha se sentido.

— Então, apareceu o Kenny. Tenho certeza de que Faith contou sobre o tio dela.

Will assentiu. Kenny Mitchell era um piloto aposentado que tinha feito testes para a NASA.

— Kenny era um pão, como costumávamos falar. — Ela deu seu sorriso secreto. — Não conseguia entender por que ele me escolheu. Eu era uma garota simples e tonta. Muito ingênua. Desesperada para agradar meu pai. Não assustava ninguém.

Will não conseguia imaginar Amanda como alguém assim.

— Kenny era como uma droga. No começo excitante, depois ruim como a forma que levou a mulher não identificada que você encontrou a cheirar até cinquenta gramas de cocaína. — O tom de Amanda revelava que ela não estava exagerando. — Eu me rebaixei por ele. Fazia coisas que nunca achei que ia fazer, nunca.

Will olhou para a porta do escritório fechada. Quanto tempo a água demorava para ferver e fazer um chá?

— A pior parte foi que lá no fundo eu sabia — contou Amanda. — Sabia que ele nunca se casaria comigo. Sabia que ele nunca me daria um filho. — Ela fez uma pausa. — Posso perceber um bandido mentiroso a cinquenta metros, mas preferi acreditar em

tudo que saía da boca de Kenny. Investi tantos anos da minha vida nele que não podia admitir que estivesse errada. Estava aterrorizada de ser vista como uma tonta.

Will se encostou no sofá. Se ela achava que sua relação com Angie era assim, estava errada. Will sabia desde o começo que Angie era a pessoa errada para ele. Quanto a parecer um tonto, todo mundo sabia que ela o traía.

Sempre o traiu.

— Kenny e eu estávamos juntos havia quase oito anos quando conheci Roger. — A voz dela ficou mais suave quando disse o nome. — Vou pular os detalhes, mas digamos que ele chamou minha atenção. Queria me dar tudo que eu não tinha com Kenny, mas eu falei não, porque não sabia como era ficar com um homem que queria ficar comigo.

A suavidade tinha desaparecido.

— Eu estava viciada na incerteza de Kenny, aquela insignificante dúvida no meu interior que me fazia pensar se eu podia sobreviver sem ele. Pensei que podia curar a dor que havia dentro dele. Levou um bom tempo para eu perceber que a dor estava dentro de mim.

Will esfregou o queixo. Aquela tinha chegado mais perto dele.

Amanda se virou para ele, a mão descansando nas costas do sofá.

— Tínhamos uma gatinha quando eu era pequena. Buttons. Ela ficava arranhando o sofá, então meu pai me comprou uma pistola de água e falou para atirar sempre que ela chegasse perto. E lembro a primeira vez que esguichei nela, como ficou em pânico e correu para mim. Eu a confortei até que se acalmou. Eu era assim com Kenny. Você é assim com Angie. — Amanda falou isso com convicção. — É a maldição da criança sem mãe. Procuramos conforto nas mesmas pessoas que nos machucam.

As palavras dela o tocaram como uma lâmina.

— Acho que nunca verificou o extrato bancário de Angie porque tinha medo de que ela tivesse fechado a conta, que ela tivesse cortado essa ligação final com você.

Will olhou para suas mãos, a pele ferida do soco em Collier, o anel falso que representava seu casamento falso.

— Estou certa?

Ele deu de ombros, mas sabia que ela estava certa.

Angie tinha deixado uma carta para ele. Estava no segundo envelope dentro de sua caixa postal. A que tinha o nome de Will escrito do lado de fora em letras de forma, bem claro para que ele pudesse ler facilmente. A carta era diferente. Angie tinha escrito deliberadamente um bilhete com sua letra malfeita porque sabia que Will não conseguiria ler. Ele teria de encontrar alguém que lesse para ele.

Sara?

Will pigarreou.

— O que fez você finalmente desistir de Kenny?

— Acha que eu desisti? — Ela soltou um riso que veio lá do fundo. — Oh, não. Kenny me deixou. Por um homem.

Will ficou espantado.

— Eu sabia que ele era gay. Não era *tão* ingênua. — Ela deu de ombros. — Eram os anos 1970. Todo mundo achava que os gays podiam mudar.

Will tentou superar o choque.

— Era tarde demais com Roger?

— Um meio século atrasado. Ele queria uma esposa dona de casa e eu queria uma carreira. — Ela olhou para seu relógio, depois para a porta fechada. — Pelo menos, ele me mostrou o que era um orgasmo.

Will colocou as mãos na cabeça e rezou por autoimolação.

— Ah, pare com isso. — Amanda se levantou, indicando que o momento de intimidades tinha terminado. — Wilbur, eu o conheço há mais anos do que quero admitir, e você sempre foi um idiota delirante em sua vida pessoal. Não estrague tudo com Sara. Ela *é* boa demais para você e é melhor encontrar uma forma de dar certo antes que ela perceba isso.

Amanda agarrou a mão de Will e tirou o anel do dedo dele.

Ele ficou olhando como ela se levantava e jogava o anel no lixo. O metal fez um som forte, como um martelo batendo no sino no final do primeiro *round*.

— E não conte nada disso para Faith. Ela não tem nem ideia que o tio dela é gay.

A porta se abriu.

— O sr. Kilpatrick vai ver vocês agora — informou a recepcionista.

— Obrigada. — Amanda esperou Will se levantar e seguiu-la.

Will colocou as mãos nos joelhos e se levantou do sofá. Sua cabeça estava girando pelos slides de tudo que Amanda tinha acabado de contar, mas forçou o carrossel a parar e colocou tudo em uma estante em sua mente. Nada do que ela dissera importava. Angie não estava morta. Estava ali fora em algum lugar, o mesmo lugar de sempre, e algum dia sua porta da frente se abriria e ele ouviria aquelas palavras conhecidas.

“Sou eu, querido. Sentiu minha falta?”

Um grito rebelde chamou a atenção de Will de volta para o presente. Dois caras jovens com ternos caros se cumprimentavam comemorando alguma façanha. O silêncio do hall ficou para trás. Telefones estavam tocando. Secretárias murmuravam em seus fones de ouvido. Os degraus de vidro flutuante estavam cheios de pessoas que pareciam ter saído das páginas de uma revista. No alto, uma placa de LED gigante contava os milhões que a empresa ganhara para seus jogadores até o momento.

Tirando o número absurdamente alto, nada mudara desde que Will tinha estado ali, quatro meses antes. Os adesivos em tamanho real ainda estavam nas paredes. Na frente de todo escritório ainda havia uma linda jovem sentada em sua mesa de secretária. Ainda havia fotos de agentes que pareciam o Tattoo perto do sr. O'Rourke quando apareciam junto aos seus jogadores assinando contratos multimilionários.

A recepcionista mal-humorada entregou os dois a outra loira, que era alguns anos mais velha, provavelmente com um MBA de Harvard, porque loiras gostosas que trabalhavam em escritórios como aquele precisavam ter conteúdo também.

— Coloquei seu chá de menta na sala de conferência, mas Kip queria conversar com você primeiro — disse a nova loira para Amanda.

Will percebeu que deveria ter perguntado a Amanda o que ela esperava conseguir ali. Fazia parte do procedimento-padrão conversar com o dono do prédio quando um corpo era encontrado nele, mas essa não era a primeira vez de Kip Kilpatrick. Ele nunca deixaria que interrogassem Marcus Rippy, mesmo não oficialmente.

Já era tarde para perguntar para Amanda. A loira bateu na porta do escritório, depois deixou que entrassem.

Kip Kilpatrick estava sentado atrás de uma gigantesca mesa de vidro no centro de sua sala cheia de luz. O teto se elevava a seis metros de altura. O mármore no chão estava dividido com pesados tapetes de lã unidos por fios de seda. Os sofás e cadeiras na área de estar foram criados para gigantes. Kilpatrick não era gigante. Seus pés pequenos descansavam na ponta da mesa, arranhando a parte de trás de seus mocassins de couro. Ele estava sentado na cadeira, jogando uma bola de basquete no ar com as duas mãos, falando pelo fone bluetooth preso no ouvido, pois nunca ia ser um desses otários que falam em um telefone normal.

Kilpatrick tinha outros clientes — um jogador de tênis que estava no topo do ranking, uma jogadora de futebol que ajudou os Estados Unidos a ganhar a Copa do Mundo, mas era evidente por seu escritório quem era a verdadeira estrela. Não era só a tabela oficial de Marcus Rippy montada no alto da parede. Eles poderiam estar parados em um museu de Marcus Rippy. Kilpatrick tinha mandado enquadrar camisetas desde os dias de Rippy na liga juvenil. Bolas autografadas estavam alinhadas na prateleira da janela. Havia dois bonecos de Rippy, um em cada canto da mesa. Os troféus de campeonatos estavam em uma estante especialmente criada para isso, que tinha uma luz sobre o ouro. Havia até um par de tênis em bronze tamanho 46, que Rippy usou quando ajudou seu time da faculdade a ganhar a Final Four.

Will sempre imaginou que Kilpatrick fosse um jogador frustrado. Ele não era muito baixo, nem muito alto, o tipo de cara que fazia qualquer coisa para ser amigo dos

jogadores, mesmo sendo ignorado por eles. A única diferença, então, era que ele era pago para fazer isso.

— Pense rápido — disse Kilpatrick, e jogou a bola para Will.

Este deixou que a bola o acertasse no peito e quicasse pela sala. O som ecoou no escritório frio. Ficaram olhando a bola parar em uma quina.

— Acho que você não é jogador — comentou Kilpatrick.

Will não falou nada.

— Já nos conhecemos?

Will tinha passado sete meses abordando Kilpatrick e seu pessoal por causa da investigação de Rippy. Devia haver um alvo na cozinha com o rosto dele. Mesmo assim, se Kilpatrick ia fingir que eles nunca se encontraram, tudo bem para Will.

— De repente me deu um branco — respondeu ele.

— Em mim também. — Kilpatrick bateu na mesa de vidro quando se levantou. Os bonecos mexeram a cabeça. — Sra. Wagner. Não posso dizer que estou feliz em vê-la de novo.

Amanda não disse que o sentimento era mútuo.

— Obrigada por adiantar nossa reunião. Tenho certeza de que todos queremos que isso seja resolvido o mais rápido possível.

— Claro! — Kilpatrick abriu uma pequena geladeira cheia de garrafas de BankShot, uma bebida energética que tinha gosto de xarope para tosse. Abriu uma. Deu um gole e passou com o líquido pela boca antes de engolir. — Diga, o que é “isso” mesmo?

— “Isso” é uma investigação sobre assassinato que está acontecendo nesse momento na boate de Marcus Rippy. — Ele não respondeu, e Amanda continuou: — Como falei pelo telefone, preciso de informações sobre o local.

Kilpatrick deu outro gole na bebida. Will olhou para Amanda. Ela estava estranhamente paciente.

— Ah! — Kilpatrick jogou a garrafa vazia no lixo. — O que posso dizer no momento é que nunca ouvi falar desse tal Harding.

— Então, o nome Triangle-D Holdings LTDA. não significa nada para você?

— Nada. — Kilpatrick pegou a bola de basquete do chão. — Nunca ouvi falar.

Will não tinha ideia de onde Amanda queria chegar com seu questionamento, mas, para ajudá-la, explicou a Kilpatrick:

— O ataque dos triângulos ficou famoso com o Chicago Bulls de Michael Jordan dirigido pelo técnico Phil Jackson.

O “ataque dos triângulos”, uma tática que revolucionou o jogo de basquete, em que a movimentação e o passe são as bases para um ataque rápido e dinâmico, foi usado pela primeira vez pelo técnico Sam Barry, na USC. Porém, os responsáveis pelo seu

desenvolvimento e popularização foram Phil Jackson e seu assistente Tex Winter no time do Chicago Bulls das décadas de 1980 e 1990.

— Jordan, hein? — Kilpatrick sorriu enquanto girava a bola. — Acho que já ouvi falar desse cara. Era tipo um Marcus Rippy bem velho.

— Dale Harding estava vivendo em uma casa muito bonita que era da Triangle-D Holdings — disse Amanda.

Kilpatrick jogou a bola no aro. Acertou a tabela e pegou o rebote para tentar de novo.

— Direto na rede — disse, como se não conseguisse simplesmente caminhar e tocar o fundo das redes com a ponta dos dedos.

— Triangle-D Holdings está registrada em Delaware e é de uma empresa que está registrada em St. Martin, e em St. Lucia, até chegar a uma corporação em Copenhague — continuou Amanda.

Will se lembrou de algo. A placa de construção na frente da boate de Rippy tinha uma bandeira dinamarquesa no logotipo.

Amanda tinha notado o mesmo detalhe antes, mas guardou para quando pudesse servir ao propósito dela.

— Tenho o Departamento de Estado fazendo uma investigação oficial dos nomes dos diretores e acionistas dessa corporação. Você poderia facilitar tudo e simplesmente me contar.

— Não tenho ideia. — Kilpatrick tentou girar a bola na ponta do dedo. — Gostaria de poder ajudar.

— Você poderia permitir que a gente falasse com Marcus Rippy.

Ele riu.

— Sem chances, senhora.

Will olhou para Amanda de novo, tentando imaginar qual era o jogo dela. Ela deveria saber que não havia como chegar a Marcus Rippy.

— E o nome Angie Polaski? — perguntou.

Kilpatrick conseguiu girar a bola.

— O que tem?

— Já ouviu falar dela?

— Claro! — Ele deu um tapa para girar a bola mais rápido.

— O que ouviu sobre ela?

— É, digamos que ela fornecia um serviço.

— Verificação de antecedentes? Segurança?

— Sexo. — Kilpatrick olhou com uma cara que fez Will ter vontade de jogá-lo pela janela. — Ela fornecia garotas para algumas das minhas festas. Não esperávamos nada delas. Eu só pedia que fossem experientes. — Ele parou e acrescentou: — Para

conversar. Experientes em conversas. Como falei, nada sexual era esperado delas. Eram todas adultas. Eram pagas para conversar. Qualquer outra coisa era escolha delas.

— Escolha — repetiu Will, porque sabia com certeza que Marcus Rippy preferia mulheres que não tinham escolha.

— Então, está dizendo que Angie Polaski fornecia acompanhantes para suas festas? — resumiu Amanda.

Kilpatrick assentiu, olhando para a bola que girava.

Will teve de admitir que poderia ter algo de verdade no que ele estava falando. Angie adorou trabalhar em Costumes. Ela sempre se sentia mais confortável andando na linha tênue entre policial e criminosa. Também conhecia muitas prostitutas e nunca teve problemas com mulheres ganhando dinheiro dessa forma.

— Meus clientes são celebridades de alto nível — disse Kilpatrick. — Às vezes querem uma companhia um pouco discreta. É difícil conhecerem mulheres.

— Quer dizer, além das esposas? — perguntou Amanda.

Will pensou nas garotas que Angie conhecia. Eram garotas que trabalhavam nas ruas, viciadas em drogas, algumas delas sem dentes, todas desesperadas, nenhuma delas estava a mais de poucos anos da prisão ou de um túmulo. Will conseguia visualizar Angie virando cafetina de algumas garotas acreditando que estava fazendo um favor a elas, mas as garotas que ela conhecia não eram o tipo de damas que os clientes de Kilpatrick iriam querer conhecer.

— Então, o que você queria saber? — perguntou Kilpatrick. — O que Polaski estava fazendo para mim?

— Você tem o endereço atual dela?

— Caixa postal.

Ele pegou o telefone e discou alguns números.

— Meu escritório — disse antes de desligar o telefone. — Laslo pode passar os detalhes.

Novamente Laslo. Will estava certo ao supor que o capanga careca de Boston era um par extra de mãos sujas.

— Como você conheceu a sra. Polaski? — questionou Amanda.

Kilpatrick deu de ombros.

— Da forma como conhecemos esse tipo de pessoa, elas estão aí. Sabem o que você está procurando e oferecem uma solução por certo preço. Fácil.

— Como subornar testemunhas em um julgamento de estupro — disse Will.

Kilpatrick olhou para ele. Algo como um espirro saiu de seu nariz.

— Ah, agora lembro quem é você.

— E um número de telefone? — perguntou Amanda.

— Laslo deve ter. Não lido diretamente com essa gente.

— Certo — disse Will. — Você só manda os cheques de sua conta bancária pessoal.

Amanda olhou para Will, seus olhos pareciam duas adagas.

— Encontramos um cheque emitido para Angie Polaski, de sua conta bancária — disse ela para Kilpatrick.

— A agência só paga por bebida e comida. Todo o resto é por nossa conta — explicou Kilpatrick. — Desenvolvimento de negócios é como chamamos na declaração de imposto.

— Vamos conversar sobre outro desenvolvimento — sugeriu Amanda. — Aquele em que encontramos um corpo morto essa manhã.

Ele começou a girar a bola de novo.

— Vou deixar que alguém à frente do negócio fale sobre isso.

— Isso significa que tudo que nos contou até agora veio de trás? — retrucou Amanda.

Kilpatrick a olhou como se não entendesse.

Alguém bateu à porta.

— Chefe, está pronto — avisou Laslo.

Kilpatrick batia a bola no chão enquanto caminhava pelo escritório.

— Passe para essas pessoas os contatos de Polaski. São policiais. Estão procurando por ela.

— Que surpresa! — Laslo agarrou a bola e jogou na direção da tabela na parede.

Kilpatrick quis pegar o rebote.

Amanda pegou a bola antes e colocou na cadeira ao lado dela.

— Estamos prontos quando você estiver, sr. Kilpatrick.

Ele olhou para a bola, mas achou melhor deixá-la ali.

— Por aqui — disse, apontando para o corredor. — O projeto está agendado para começar na semana que vem. Vamos chamar de All-Star Complex.

— Vamos? — perguntou Amanda.

— É, graças a vocês.

Kilpatrick os levou por um corredor cheio de portas de escritório fechadas.

— Uma coisa engraçada sobre aquela acusação exagerada de estupro que fizeram contra Marcus. Os outros investidores estavam procurando mais alguém para entrar e percebemos que estávamos perdendo uma oportunidade maior.

— E o que isso quer dizer?

— Apresentamos o investimento para alguns dos nossos melhores clientes. Percebemos que poderíamos expandir o complexo em uma comunidade de moradia/trabalho.

— Ah, como Atlantic Station, mas em uma área que é historicamente muito mais violenta — disse Amanda.

Will sorriu. Ela tinha razão. Atlantic Station tinha sido apresentada à cidade como uma construção idílica que transformaria uma área deteriorada em algo próspero. Como a maioria dos sonhos, a realidade desabou sobre ele na forma de um aumento de ataques sexuais, assaltos, roubos de carro e vandalismo. Chegando ao ponto de ladrões de bancos mais empreendedores colocarem uma corrente ao redor de um caixa 24 Horas e o arrancarem da parede com um caminhão.

Kilpatrick tinha obviamente respondido a perguntas sobre Atlantic Station antes.

— Foram as dores do crescimento. Isso acontece. As coisas mudaram, como tenho certeza de que você sabe. E também os desenvolvedores não tiveram o benefício de oito dos mais talentosos e incríveis atletas que o mundo já viu prontos para promover o projeto e garantir seu sucesso. — Ele levantou as mãos para cima como se estivesse fazendo propaganda do lugar. — Pense nisso. Só Marcus Rippy tem mais de dez milhões de fãs no Facebook. Seus tweets e o Instagram alcançam o dobro disso. Ele coloca um post sobre um clube estúpido ou uma loja em que compra algo e em uma hora o lugar está lotado. É um criador de tendências.

Kilpatrick virou e lá estavam eles em frente a uma sala de conferências enorme, com paredes de vidro e uma mesa que poderia acomodar cinquenta pessoas. Will se forçou para não mostrar seu desagrado ao ver os quatro advogados dentro da sala. Kilpatrick deve ter ligado para eles assim que Amanda pediu uma reunião.

Will reconheceu todos eles da investigação de estupro de Rippy. Os vilões de um filme de James Bond: dois velhos brancos, cada um com uma mulher linda de trinta e poucos anos ao lado. Kilpatrick fez as apresentações, mas Will já tinha designado apelidos de vilões para cada um. Auric Goldfinger estava na ponta da mesa, seus tufo de cabelo castanho-claro e forte sotaque alemão foram o que inspiraram o apelido. Obviamente, sua loira subalterna era Pussy Galore. Também estava o Dr. Julius No, um homem que por alguma razão sempre mantinha as mãos debaixo da mesa. Sua ajudante era Rosa Klebb, não por seu visual, que era fantástico, mas porque seus sapatos de salto alto pontudos pareciam do tipo que tinham facas envenenadas dentro deles.

— Vice-diretora, agente Trent, obrigado por virem — disse Goldfinger. — Sentem-se, por favor.

Ele indicou uma cadeira com uma xícara de chá na frente, a duas cadeiras de distância de Rosa Klebb.

Will puxou duas cadeiras no lado oposto da mesa, a meio quilômetro do quarteto Bond, porque sabia que era assim que Amanda ia querer jogar. Ela olhou para Will

quando eles se sentaram, os olhos pararam em seu pescoço nu, e ele sentiu que sua chefe estava brava por não ter uma gravata ali.

Will estava incomodado também. Ele poderia pelo menos ter colocado sua arma na cintura. Precisava de alguma proteção contra aquelas pessoas. Eles não saíam da cama por menos de três mil por hora. Cada um. A conta combinada daquela reunião era provavelmente mais do que o salário de Will.

Ele olhou para Kilpatrick, mas era óbvio que ele não mandava mais. Tinha sentado em uma cadeira, com uma garrafa fechada de BankShot vermelha nas mãos.

— Então — Amanda preferiu esquecer a sutileza —, estou tentando entender por que são necessários quatro advogados para responder a uma simples pergunta.

Goldfinger sorriu.

— Não é uma simples pergunta, vice-diretora. Você pediu detalhes sobre a propriedade na qual a vítima foi encontrada. Estamos aqui para dar uma visão mais ampla da situação.

— Pela minha experiência, sempre há uma visão mais ampla no que diz respeito a um assassinato, mas, repito, nunca foi preciso tantos advogados para mostrá-la — retrucou Amanda.

Will ficou olhando os quatro. Nenhum falou. Nenhum se moveu. Apesar de sua pergunta, Amanda não parecia incomodada por estar no meio daqueles advogados. Se alguém tivesse pedido a opinião de Will, ele teria falado que ela, de alguma forma, tinha tramado para colocá-los todos naquela sala.

A única pergunta era: por quê?

Amanda deixou de lado o saquinho de chá e bebeu um pouco.

Finalmente, Goldfinger olhou para Dr. No, que por sua vez assentiu para Rosa Klebb.

Klebb se levantou. Ela juntou algumas pastas. Deu a volta na mesa de reunião, que era da largura de uma sequoia. Will conseguia ouvir a meia-calça dela raspando contra a saia apertada. Olhou para os sapatos com saltos extremamente altos. As solas eram tão vermelhas que podiam fazer o coração de um homem parar. Sara tinha um par da mesma marca. Ele preferia os de Sara.

— Esta é a documentação sobre o projeto — disse Goldfinger. — É a mesma apresentação que mostramos ao prefeito e ao governador no mês passado.

Amanda já devia ter ouvido falar do projeto. Ela havia conversado com o prefeito naquela manhã e estava falando com o governador quando Will escapou, mas ela não lhe passara aquela informação. Em vez disso, olhou para a pasta, que tinha um grande logo de estrela no centro. Entregou o pacote para Will. Ele colocou em cima de seu envelope e os dois debaixo do cotovelo.

Dr. No se inclinou, as mãos ainda embaixo da mesa.

— Teremos de pedir que mantenham essa informação em sigilo. Há um embargo à imprensa até o anúncio oficial. Você pode ler os detalhes sobre o projeto no pacote.

Amanda esperou.

— O All-Star Complex terá dezesseis cinemas, um hotel de trinta andares, uma rede de condomínios de vinte andares, um mercado, um shopping ao ar livre com butiques de alto nível e redes de lojas, casas exclusivas, uma boate só para membros e, claro, uma quadra de basquete tamanho oficial adjacente ao que estamos chamando de All-Star Experience, um museu interativo exibindo todas as maravilhas do basquete da NCAA — explicou Goldfinger.

— Como isso será financiado? — questionou Amanda.

— Temos vários investidores particulares cujos nomes não posso divulgar agora.

— E investidores estrangeiros? — cutucou Amanda.

Goldfinger sorriu.

— Um projeto com esse escopo exige muitos, muitos investidores, alguns deles querem permanecer anônimos.

— Inclusive vocês mesmos?

Ele respondeu com um sorriso.

— A empresa construtora é LK Totalbyg S/A, com sede na Dinamarca — comentou ela.

— Isso mesmo. Como você sabe, Atlanta é uma cidade internacional. Procuramos investidores internacionais. É uma situação em que todas as partes envolvidas saem ganhando.

Will pensou nas pessoas que realmente viviam em Atlanta, que estariam investindo quisessem ou não. As vantagens que o governo entregava àquele tipo de projeto eram fenomenais. Iniciativas de bônus financiados pela cidade, adiamento de pagamento de impostos estaduais e municipais por décadas, novas ruas, nova infraestrutura, novos semáforos e policiais para manter a área segura — basicamente todo o dinheiro que sempre fazia esses projetos possíveis para caras ricos que defendiam as glórias das empresas privadas e falavam que conseguiam tudo com o próprio esforço.

O sonho americano.

— Vice-diretora — Dr. No se inclinou na direção de Amanda como se não estivessem separados por um oceano de madeira —, como o prefeito e o governador falaram repetidamente, tanto a cidade quanto o estado estão muito animados com o projeto. A proximidade com Georgia Dome, Georgia Tech, Centennial Village e SunTrust Park significa que o complexo será uma meca para turistas.

Will pensou que a avenida Chattahoochee era um pouco longe para ser a meca de qualquer coisa, mas ele supunha que esses caras tinham visto o mapa.

— Esperamos que o All-Star Experience seja o rival do Hall da Fama da College Football no centro — completou Goldfinger. — Não preciso dizer o que significaria para a economia da cidade se pudéssemos assegurar mais pontos no March Madness.

— Parece impressionante. — Amanda não precisava saber nada sobre esportes para entender que era um grande negócio. Ela olhou para a mesa, na expectativa. — E?

Dr. No continuou.

— E esperamos que você entenda que é um empreendimento delicado.

— Não é só toda a dificuldade de construir um complexo tão impressionante — completou Pussy Galore. — Investimos muito tempo e esforço para fazer o anúncio sobre a existência do projeto. Só temos uma oportunidade para fazer um grande primeiro evento. Temos todos nossos grandes investidores prontos para participar. Estamos trazendo jornalistas de Nova York, Chicago e Los Angeles. Reservamos suítes e restaurantes. Temos planejada uma festa gigante de dois dias, que vai culminar com a apresentação do lugar. Deixamos a imprensa frenética. É importante que nada disso seja contaminado com dúvidas persistentes sobre algum dos investidores.

— Ou sobre o lugar — acrescentou Goldfinger.

— Se isso significa que estão preocupados se vamos acusar seu cliente por estupro de novo, podem ficar tranquilos — comentou Amanda e sorriu. — É um caso de assassinato, então, se fizermos alguma acusação, será por assassinato.

A sala pareceu ficar sem ar.

Goldfinger sorriu e depois o sorriso virou uma risada.

Dr. No fez o mesmo, as mãos ainda embaixo da mesa. Assim ele parecia um roedor preso em um liquidificador.

— Para quando a festa está planejada? — perguntou Amanda.

— Para este fim de semana.

— Ah — soltou ela, como se finalmente tivesse entendido, mas Will apostaria a vida que ela sabia sobre o lançamento antes de cruzar a porta. O prefeito e o governador devem ter pressionado muito mais que os advogados para enrolar a investigação, assim o projeto poderia continuar. A cidade precisava dos empregos. O estado precisava do dinheiro.

— A questão de que um homem morto foi encontrado dentro da boate se mantém — disse Amanda. — Temos uma enorme cena do crime para processar. Mesmo com hora extra, vai demorar pelo menos até sábado para catalogar e fotografar todas as provas.

Não era a primeira vez que Will admirava as habilidades de Amanda para mentir, porque não havia como demorar tanto para limpar aquela cena de crime. Ela estava querendo enrolar. Ele só não conseguia entender o motivo.

— Esse é o problema que temos aqui — disse Goldfinger. — Sábado é um pouco difícil para nós.

— Não só um pouco — completou Galore. — Prometemos mostrar a boate mais cedo para o *LA Times*. Eles estão agendados para ir conhecer na manhã da sexta-feira. Querem uma coisa antes-e-depois com Marcus, tirar umas fotos dele atrás do bar, talvez parado na sacada, e as outras fotos vão mostrar os mesmos lugares depois que a boate terminou.

— Não podem adiar isso? — indagou Amanda.

Galore franziu o nariz.

— A palavra “adiar” deixa os jornalistas loucos. Ficaríamos com uma imagem ruim.

— Entrei naquela boate essa manhã — disse Amanda para eles. — Parecia muito mais um antro de crack que a base para um projeto de 2,8 bilhões de dólares.

Nenhum deles parecia notar que ela tinha o preço na ponta da língua.

— Tínhamos pessoal de limpeza agendado essa manhã para começar a deixar o lugar mais apresentável — retrucou Galore. — Obviamente, isso seria depois que o pessoal da cena de crime chegasse. — E acrescentou: — Mas, mesmo assim, precisaríamos de pelo menos dois dias, no mínimo, para deixar o lugar decente.

— Vocês entendem que a imprensa já ficou sabendo do assassinato? — disse Amanda. — Eles sabem que um corpo foi encontrado dentro da boate.

— É, eles sabem que um corpo foi encontrado — comentou Galore. — Mas acham que o homem era um vagabundo.

— Tanto a AIG quanto a polícia de Atlanta estavam na cena. A mídia vai supor que não iríamos nos esforçar tanto para resolver o assassinato de um vagabundo. — Ela sorriu para eles. — Não que toda morte não seja uma tragédia, mas a polícia local normalmente não pede ajuda do estado nessas circunstâncias.

— Então, foi uma negociação de drogas que deu errado ou dois sem-teto brigando por uma cerveja — sugeriu Galore. — Isso só serviria para mostrar outro aspecto positivo do empreendimento All-Star, que escolheu uma área que está tomada pelo crime para transformá-la em uma vizinhança segura, limpa e familiar.

— Mas não era um vagabundo. Era um detetive aposentado da polícia de Atlanta.

Ninguém tinha resposta para aquilo.

— Desculpe, gente, entendo o dilema, mas não posso apressar uma investigação de assassinato para seu grande lançamento — avisou Amanda. — Preciso pensar na família da vítima. O detetive tinha uma esposa. Ela só tem 22 anos.

Will fez o possível para não demonstrar surpresa. Por causa da idade, ele supôs que a esposa era Delilah Palmer. Não tinha ideia por que Amanda não havia compartilhado aquele detalhe com ele. Havia uma grande diferença entre Harding ser o anjo da guarda

de Delilah e ser o marido dela. Esposas sabiam de coisas. Tinham acesso a informações. Se Harding havia morrido por saber muito, então Delilah seria a próxima da lista.

— Harding e a garota estavam casados há poucos meses — continuou Amanda. — Já tive de contar a ela que é viúva. Devo voltar e falar que a morte de seu marido é menos importante que um evento para a imprensa? — Amanda balançou a cabeça como se apenas pensar naquilo a deixasse triste. — E, falando em imprensa, a sra. Harding é incrivelmente fotogênica. Loira, olhos azuis, muito bonita. A imprensa vai amá-la.

— Não, não — disse o Dr. No. — Nunca iríamos querer isso, vice-diretora. Não estamos tentando impedir sua investigação. — Ele olhou para Goldfinger, porque, claro, eles estavam tentando impedir a investigação.

E Amanda já sabia daquilo, então Will mais uma vez ficou pensando o que ela queria.

— Vice-diretora — começou Goldfinger —, só queremos pedir que você faça todo o possível para acelerar as coisas. Não acelerar, claro, no sentido de fazer às pressas. Só peço que, se for possível, resolva isso com agilidade.

Ela assentiu.

— Claro. Vou fazer o que puder. Mas não posso terminar o trabalho lá antes de sábado. Simplesmente não há horas suficientes no dia.

— Há algo que podemos fazer para agilizar o processo? — perguntou Dr. No.

Will sentiu o golpe saindo de Amanda. A pergunta do Dr. No era exatamente o que ela estava esperando.

— Eu me pergunto se... — Ela parou. — Não, esqueçam. Vamos fazer o que pudermos. — Ela começou a se levantar. — Obrigada pelo tempo de vocês.

— Por favor. — Goldfinger fez um movimento pedindo que se sentasse. — O que podemos fazer?

Ela se sentou de novo. Deu um suspiro pesado.

— Infelizmente tudo volta a Marcus Rippy.

— Nem fodendo! — Kilpatrick tinha pulado na cadeira. — Você não vai falar com Marcus. Nem fodendo, nem fodendo.

— Olhe tudo isso da minha perspectiva — disse Amanda para Goldfinger. — Tenho um ex-detetive policial condecorado e muito respeitado encontrado morto dentro de um prédio que está em construção. No curso da investigação normal, a primeira coisa que faria é falar com o dono do prédio para eliminá-lo como suspeito e gerar uma lista de pessoas que teriam acesso ao prédio.

— Posso dar a porra da lista — disse Kilpatrick com rispidez. — Você não precisa falar com Marcus.

— Infelizmente, preciso. — Amanda levantou as mãos como se não tivesse outro jeito. — Preciso de alguns minutos do tempo dele, e uma promessa de que terá uma

conversa aberta e honesta conosco. Ajudaria muito a reparar sua reputação se ele aparecesse ajudando uma investigação policial. Com uma declaração oficial.

— Está brincando? Declaração oficial? — Kilpatrick tinha ficado de pé. Ele falou para Goldfinger: — Uma pessoa pode pegar de cinco a dez anos neste estado por mentir para um policial.

— E seu cliente está pensando em mentir? — perguntou Amanda.

Kilpatrick a ignorou.

— Essa maldita está tentando criar uma armadilha para que Marcus fale algo que... — continuou Kilpatrick para Goldfinger.

— Kip — disse o Dr. No, e a boca de Kilpatrick se fechou como uma truta.

— Vice-diretora, talvez nós dois pudéssemos conversar em particular? — Goldfinger pediu a Amanda.

Os outros três advogados se levantaram ao mesmo tempo.

Amanda tocou o braço de Will, liberando-o. Ele foi para a porta.

Kilpatrick levantou as mãos para o ar.

— Isso é uma merda, cara. Uma merda.

O trio de advogados já tinha desaparecido. Will ficou olhando Kilpatrick do corredor. Ele falou “merda” mais duas vezes antes de sair da sala. Tentou bater a porta de vidro ao sair, mas tinha uma fechadura pneumática.

Como mágica, Laslo apareceu atrás de Will. Kilpatrick apontou o dedo na direção dos dois, com o rosto vermelho, furioso.

— Leve esse merda para o hall e volte para meu escritório. Imediatamente. — Kilpatrick deu um soco na parede de gesso, que chegou a se mover, mas não furou. Ele deu um chute antes ir embora.

— Ei, merdinha. — Laslo indicou o longo corredor até o hall. — Por aqui.

— Laslo. — Will olhou por cima da cabeça do cara, aproveitando os quinze centímetros de diferença. Ele não ia sair sem Amanda, e havia algo naquele cara que ele não tinha gostado. — Você tem sobrenome?

— Tenho, é Vai Se Foder. Agora, comece a andar.

— Laslo Vai Se Foder. — Will não se moveu. — Você tem um cartão?

— Tenho um chute na sua bunda se não se mandar daqui, companheiro.

Will forçou uma risada. Ele colocou as mãos no bolso como se tivesse o dia todo.

— Do que é que você está rindo, porra?

Will não conseguia impedir a vontade de perturbar o cara. Pensou na velha senhora no hall, a forma como seus lábios inferiores tinham tremido. Era por causa de Laslo? Kip Kilpatrick? Will sentia que havia algo ali.

— A srta. Lindsay me avisou que você era meio louco — disse, por fim.

A expressão de Laslo se fechou, o que significava que Will tinha acertado o alvo. Will pensou como seria a ficha criminal do cara em Boston. Imaginava que era longa. Ele tinha uma tatuagem estilo prisão no pescoço e o visual de um homem que poderia tomar uma surra e ainda assim ganhar a briga.

— Fique longe da velha ou vou foder você — avisou Laslo.

— É melhor subir em uma escada.

— Não pense que não vou por ser policial.

Laslo colocou as mãos nos quadris e Will pensou que aquele gesto era algo apropriado apenas para um homem parado olhando um jogo. A camisa apertada de Laslo se abriu. O material era tão fino que ele poderia ter economizado e pintado o peito.

— O que está olhando, sua bicha? — perguntou, encarando Will.

— É uma camisa bonita. Vende em tamanho para adulto?

A porta da sala de conferência se abriu.

— Obrigada — disse Amanda para Goldfinger.

Ela sorriu para Will, o triunfo brilhava em seus olhos. Marcus Rippe era importante, mas não tanto quanto um negócio de 2,8 bilhões de dólares do qual todo mundo queria um pedaço.

— Pronto? — Amanda perguntou a Will.

Laslo apontou com o dedo para o corredor.

— Por aqui.

— Obrigada, sr. Zivcovik — Amanda avançou pelo corredor. Ela perguntou a Laslo: — Você conseguiu encontrar o telefone da sra. Polaski?

Ele não parou de olhar para Will enquanto passava o pedaço de papel dobrado para ela.

Amanda olhou para o número, depois entregou o papel a Will.

Era a mesma linha desconectada que já tinham.

Laslo abriu a porta do hall.

— Posso fazer algo por “oces”? — Ele fez um sotaque caipira que, junto com seu sotaque de Boston, fez parecer que estava se recuperando de um infarto.

— Jovem, certamente você viveu aqui tempo suficiente para saber que “ocês” já é um pronome de segunda pessoa do plural — comentou Amanda.

O comentário deveria ser o último, mas Will tinha uma pergunta para Laslo.

— Você conhecia Angie?

— Polaski? — Um sorriso se espalhou por todo o rosto. — Claro, eu a conhecia. — Ele deu a Will uma piscadela maliciosa. — Angie tinha uma boceta que parecia uma jiboia.

— Tinha? — perguntou Amanda.
Ele bateu a porta na cara deles.

CAPÍTULO SEIS

FAITH SE SENTOU NA CADEIRA de plástico desconfortável em frente à sala das enfermeiras na UTI do Hospital Grady. Havia guardas armados em cada ponto do corredor. A ala estava cheia. O Grady era o único hospital público de Atlanta, um centro de trauma nível 1 que recebia a maioria dos casos ruins que a cidade tinha a oferecer. A qualquer hora, pelo menos um quarto dos pacientes estava algemado à cama.

Ela olhou para a lousa branca atrás da mesa. Olivia, a enfermeira responsável, estava atualizando o status de um dos pacientes. O hospital admitia muitas mulheres de identidade desconhecida, mas Faith só se preocupava com sua potencial testemunha, que ainda estava em situação crítica. A cirurgia da viciada tinha demorado quatro horas a mais que o planejado. Tiveram de reconstruir o nariz e a garganta. Foi necessária tanta transfusão de sangue que eles basicamente fizeram uma rápida desintoxicação nela. E agora estava cheia de morfina. Ela ficaria desacordada por pelo menos mais uma hora, no mínimo.

Pelo menos Faith não ia perder tempo. Ela trouxera os documentos financeiros de Dale Harding e os registros telefônicos. Não que isso a aproximasse de uma solução, muito menos de uma pista a seguir. As ligações telefônicas de Harding eram todas para entrega de pizza ou comida chinesa, então ele devia usar um celular pré-pago para fazer negócios. Quanto a seu registro bancário, não era preciso um contador forense para entender os números. Harding mantinha menos de cem dólares em sua conta, uma quantia que não tinha mudado muito nos últimos seis meses porque ele tinha usado um MasterCard Ouro para pagar tudo, de suas gorditas no Taco Bell até as meias de compressão que ajudavam a circulação em suas pernas. O balanço acumulado no cartão dos últimos seis meses era 46 mil dólares. Harding parou de pagar a conta. Faith supôs que ele fez isso de propósito. Parou de fazer diálise, basicamente assinando o próprio atestado de óbito. Era óbvio que ele planejou ferrar o máximo de pessoas antes de partir.

A pergunta era: uma dessas pessoas tinha sido Delilah Palmer? Faith não conseguia parar de pensar nas fotos pornográficas, no olhar morto da garota. Mesmo com dez anos, Delilah parecia mostrar resignação de que seu destino era ser usada por todo

homem que cruzasse seu caminho. Não qualquer homem, mas Dale Harding. Um policial. O pai dela. A pessoa em quem ela deveria ser capaz de confiar, e ele guardava fotos nojentas dela em seu sótão e se casou com ela porque... Por quê?

Delilah deveria ser a chave para o assassinato tanto de Harding quanto de Angie. Faith não tinha acreditado na teoria feminista de Collier de que a garota estava por trás das mortes deles. Harding sempre cuidou de Delilah. Ela sabia que ele não tinha muito tempo de vida. Por que matar o cara quando poderia esperar alguns dias e dançar sobre seu cadáver?

Faith podia pensar em muitas pessoas que gostariam de ver Angie Polaski morta, então manteve o foco em Dale Harding. Ele gostava de apostar. Corria riscos. Deve ter corrido algum risco antes de sua morte, algo com um bom retorno, o que significava que Delilah, sua esposa legal, seria a beneficiária. A menos que houvesse algo ilegal no retorno. Isso faria mais sentido. E também explicava por que a vida de Delilah estaria em perigo.

Faith tinha encarregado aquele imbecil do Collier de encontrá-la.

Ela repassou as dezesseis mensagens que Collier mandou para ela desde que saíra de Mesa Arms. Se ele falava demais pessoalmente, era uma maldita Bíblia por escrito. Ele enchia suas mensagens com tanta informação inútil sobre o tempo, as músicas no rádio e sua dieta que Faith sentia a necessidade de resumir o que servia em tópicos antes que sua cabeça explodisse.

Ela pegou um caderno e uma caneta no bolso da calça. Abriu em uma página em branco. No alto, escreveu quatro títulos: PALMER, HARDING, POLASKI, RIPPY.

Bateu a caneta nas colunas em branco embaixo dos nomes. Conexões. Era o que precisava enxergar. Delilah estava casada com Dale Harding, possivelmente sua filha. Harding trabalhava para Rippy. De acordo com o resumo que Faith tinha recebido de Amanda, Angie trabalhava para Kip Kilpatrick, o que significava que, na verdade, ela trabalhava para Rippy.

Faith bateu a caneta de novo. Angie devia conhecer Harding há muito tempo. Policiais corruptos sempre se juntam. Eles se diziam incompreendidos porque eram os únicos que faziam seu trabalho, mas a verdade era que bons policiais não queriam ter nada a ver com eles.

Faith virou a página e escreveu PERGUNTAS no alto.

1. Por que Angie e Harding se encontraram na boate de Rippy?
2. O que Delilah sabe?
3. Quem ia querer matar Harding?
4. Quem ia querer matar Angie?

Se Harding e Angie se conheciam de antes, fazia sentido que um indicasse o outro para um trabalho com Kip Kilpatrick. Harding tinha se mudado para Mesa Arms há seis meses, então Faith poderia supor com razoável precisão quando ele tinha começado a trabalhar para Kilpatrick. Angie começara a depositar cheques gordos há quatro meses, o que significava que ela trabalhava para Kilpatrick naquele período.

Faith voltou para a primeira página.

Todas as flechas apontavam para Marcus Rippy.

O telefone dela vibrou. Outra mensagem longa de Collier. Faith pulou as linhas procurando sentido, pulando um informe sobre a indigestão que ele tivera por comer um cachorro-quente em um posto de gasolina. No sábado, o dia antes do assassinato, Delilah Palmer alugou um Ford Fusion preto de uma locadora Hertz, na Howell Mill. Não havia vídeo da transação. Ela usou seu cartão Visa. Collier deu um alerta de furto no carro alugado. Também repetiu sua teoria da mula de heroína, afirmando que traficantes alugavam carros porque sabiam que os seus eram vigiados por policiais.

Mais uma vez, Faith bateu a caneta no caderno. Ela não concordava com a teoria de Collier sobre as drogas. Ele era um martelo procurando um prego.

Delilah tinha alugado o carro no sábado, não no domingo ou na segunda, logo, foi antes do assassinato de Harding. O que também poderia significar que ela sabia antecipadamente que Harding estava em perigo e que talvez precisasse escapar. Mas ela usara sua carteira de motorista e seu cartão de crédito para alugar o carro. Delilah estava nas ruas há anos. Era muito esperta para usar o próprio nome para uma fuga.

O celular de Faith vibrou de novo. Outra mensagem de Collier, estranhamente curta.

GAROTA DIZ SOUZA OVERDOSE 6 MS ATRÁS. SEM SAÍDA. MORTA, ENTENDEU?

Faith teve de olhar outras mensagens para lembrar quem era Souza. Ela encontrou a mensagem enviada duas horas antes. De acordo com algumas das fontes de Collier na zona seis, Virginia Souza era outra prostituta protegida de Harding. Ela trabalhava na mesma área de Delilah. Era bem violenta, e fora presa duas vezes por atacar uma menor. Faith ficou imaginando se a menor tinha sido Delilah Palmer.

Olhou para a mensagem de novo. Collier tinha escrito que ia conversar com as prostitutas mais jovens que poderiam saber algo ou alguém que poderia indicar a localização de Delilah Palmer. Ou ele estava conversando com jovens prostitutas porque era Collier. Ele assinou com uma série de emojis de berinjelas que, de acordo com o Facebook de Jeremy, representavam um monte de pênis.

Faith voltou às anotações. Muitas flechas apontavam para Rippy. Muitas perguntas. Nenhuma resposta. Ela deveria ter deixado Collier apodrecendo ali no hospital enquanto seguia a pista de Delilah Palmer. Esse era o problema com casos de assassinato. Você nunca sabia que pista levaria à solução e qual terminaria em um buraco

negro. Faith sentia que dera a Collier a pista boa. Ela se jogaria do alto daquele prédio se ele terminasse prendendo o assassino.

O celular vibrou de novo. Não queria ler outra dissertação do incrível detetive Collier, mas não podia se dar ao luxo da ignorância. Ela olhou para a tela. LIGAÇÃO DE WANTANABE, B.

Faith se levantou e foi até o corredor para ter alguma privacidade.

— Mitchell.

— É a agente especial Faith Mitchell? — perguntou uma mulher.

— Sou.

— Meu nome é Barbara Wantanabe. Violet me disse que você queria conversar comigo.

Faith quase tinha se esquecido da vizinha de Harding.

— Obrigada por me ligar. Estava pensando se podia me contar algo sobre Dale Harding.

— Ah, poderia contar muitas coisas — disse ela, e começou a fazer exatamente isso, reclamando do cheiro da casa dele, da forma como às vezes ele estacionava o carro com as rodas sobre a grama, seus palavrões, o volume alto da televisão e do rádio.

Faith acompanhou como pôde. Barb falava mais que Collier. Ela falava uma coisa, depois se contradizia, depois reafirmava a primeira coisa que dissera, depois voltava atrás, e já era a quinta vez que se enfiava em uma confusão retórica. Faith começava a entender por que Harding a odiava tanto.

— E nem me fale da música.

Faith ouvia enquanto ela começava a reclamar da música de Harding. O mesmo disco de rap, dia e noite. O neto dela disse que era Jay Z, algo chamado *The Black Album*. Faith conhecia o disco, que o filho ouvira muito alto a portas fechadas em seu quarto porque era o contraponto perfeito para seus privilégios de homem branco que estudava em uma das universidades de maior prestígio do país.

Faith voltou a prestar atenção em Barb, procurando uma chance de falar. Finalmente, a mulher precisou parar para respirar.

— Ele recebia visitas?

— Não — disse Barb, depois corrigiu. — Sim. Quer dizer, acho que sim. Ele pode ter tido *um* visitante.

Faith cobriu os olhos com a mão.

— Senti alguma incerteza.

— Bom, sim. É verdade. Não tenho certeza.

Ela teve de voltar à teoria das mulas de drogas de Collier.

— Você viu pessoas entrando e saindo? Muitas pessoas que não pareciam ser daqui do bairro?

— Não, nada disso. Eu teria chamado a polícia. É só que achei que poderia haver mais alguém, outra pessoa, em algum momento.

— Em que momento?

— Recentemente. Bom, não, não é verdade. No mês passado.

— Você achou que havia alguém visitando a casa de Dale no mês passado?

— Achei. Bom, talvez morando lá? Visitar pode não ser a palavra certa.

Faith rangeu os dentes.

— Quero dizer que poderia ter alguém morando lá. Acho. Quando Dale saía. Ele não estava lá no dia em que se mudou, mas ultimamente ficava lá o tempo todo. E foi quando o problema começou. Quando ele estava lá. Parece maldade, mas foi assim.

Faith tentou processar toda a informação.

— Então, quando Dale se mudou há seis meses, ele nunca estava em casa, mas aí você notou que isso mudou no mês passado?

— Exatamente.

— E, na época que essa mudança aconteceu, você ouvia sons da casa dele que indicavam que poderia haver mais alguém além de Dale vivendo lá?

— Isso.

Faith esperou pelo contraditório não, mas ele não veio.

— Ouvia barulhos, sabe? — Barb fez uma pausa antes de prosseguir. — Não barulhos, exatamente. Quer dizer, poderiam ser da televisão. Mas quem assiste à televisão e toca um disco de rap ao mesmo tempo? Mas algumas pessoas podem fazer isso.

— Podem — concordou Faith. Especialmente se queriam abafar um barulho, como uma drogada batendo na porta do closet exigindo que a deixassem sair. — Você ouviu algum barulho de batidas?

— Batidas?

— Alguém batendo na parede ou em uma porta?

— Bom... — ela demorou pensando na pergunta.

Faith criou uma imagem mental dos chalés Tahoe em Mesa Arms. O quarto de hóspedes dava para a casa ao lado. A suíte principal era virada para fora, o que dava espaço para mais janelas, e também permitia mais privacidade.

Closet grande no quarto master para as mulheres!

— Acho que posso dizer que o barulho parecia um martelo — disse Barb.

— Como um martelo batendo em algo?

— Sim, mas repetidamente. Talvez estivesse pendurando quadros. — Ela fez uma pausa. — Não, teriam sido muitos quadros. Não era constante, o barulho, mas ficava por muito tempo. Acho que ele poderia estar montando algum móvel. Meu filho faz isso para mim. Mas só quando tem tempo. Minha nora, sabe? Mas, na verdade, com Dale, o excremento era o verdadeiro problema.

Faith sentiu sua mente girar.

— Como é?

— Excremento. Sabe — ela abaixou a voz —, cocô?

— Resíduos?

— Humanos.

Faith precisou repetir as duas palavras juntas.

— Resíduos humanos?

— Isso. No quintal. — Ela suspirou. — Sabe, Dale lavava aquele balde toda noite, e no começo achei que estava pintando a casa, o que faria sentido, porque uma pessoa poderia ouvir música enquanto pinta, não?

Faith levantou a mão.

— Claro.

— Aí, imaginei que estivesse pintando as paredes, e com uma cor muito feia, mas aí meu neto foi até o quintal um dia procurando galhos para o sr. Nimh mastigar. Os dentes deles crescem o tempo todo, sabe? Oh! — Ela parecia animada. — Obrigada, por falar nisso, por encontrá-lo. Eu era *persona non grata* para minha nora por esse crime em especial. Acredite em mim, ela tem uma lista. Claro que eu não sou uma grande fã da minha nora, mas você faz o que precisa fazer, não é? Isso se chama respeito.

Faith tentou colocar Barb de volta nos trilhos.

— Vamos voltar ao excremento. — Eram quatro palavras que Faith nunca pensou que iria dizer. — Você via Dale limpando o balde toda noite?

— Isso.

— Quando começou?

— Há duas semanas? Não. — Ela estava em dúvida. — Dez dias. Eu diria há dez dias.

— Um balde grande, não do tipo que você usaria para limpar o chão?

— Certo. Isso. Para pintar. Ou acho que para solventes, mas daquele tamanho. Grande.

— E um dia seu neto foi até o jardim e encontrou algo? Sentiu algum cheiro?

— Isso. Não. Os dois. Ele sentiu um cheiro e depois caminhou até perto. Era um lodo, tipo assim. Não sei o que era, mas ficou grudado na sola do tênis dele.

O rato deve ter ficado louco.

— Tive de lavar a sola com a mangueira — completou Barb. — Foi nojento. E a mãe dele ficou furiosa comigo. Bom, ela é minha nora e sei que tenho de seguir as regras dela, mas sinceramente...

— Você perguntou a Dale sobre o excremento?

— Ah, não. Não conseguia falar nada com ele. Não faria sentido. Ele só me xingava e ia embora.

Faith entendia o motivo.

— Você já viu um carro diferente na casa de Dale além do Kia branco dele?

— Não que me lembre. — Ela mostrou uma certeza incomum. — Não, tenho certeza de que nunca vi.

— Você fica muito tempo em casa? — Faith tentou tratar tudo com cuidado, porque muitas vezes mesmo pessoas bem-intencionadas distorciam a verdade. — Estou perguntando porque você não estava em casa essa tarde.

— Estou fazendo mais trabalho voluntário na ACM. Dobro toalhas, ajudo a manter as coisas organizadas. Sou muito limpa, sabe, por isso tinha alguns problemas com Dale. Não gosto de bagunça. Não tem por que não pegar algo e colocar de volta no lugar onde encontrou, não é mesmo?

— Claro. — Faith cobriu os olhos com a mão de novo. A mulher sempre encontrava uma tangente para sair. — Então, você começou a trabalhar mais para ficar longe de Dale?

— Correto. No começo, ser voluntária era uma forma de sair de casa por algumas horas. E ajudar as pessoas. Claro, ajudar pessoas. Mas aí se tornou a única forma de me afastar do barulho. E do cheiro. Você sentiu o cheiro, não? Não dava para viver com aquilo o dia todo, sabe. Era insuportável.

Faith ficou pensando se a ausência de Barb tinha sido o objetivo de Harding. Se ele estava mantendo Delilah trancada no closet para livrá-la das drogas, queria ter certeza de que ninguém ouviria seus gritos e chamaria a polícia.

— Quando você começou a passar mais tempo fora? — perguntou Faith.

— Na semana passada.

— Então, há sete dias.

— Isso.

O que significava que Dale conseguiu tirá-la de casa depois de três dias de tortura implacável.

— Eu simplesmente desisti — disse Barb. — Estava ficando cada vez pior. O cheiro. Os barulhos. Não aguentava mais e não sou do tipo que reclama. Violet pode comprovar isso.

Faith tinha a sensação de que Violet não faria aquilo.

— Bom, sinto muito que tenha passado por isso, sra. Wantanabe. Obrigada por ter falado comigo. Se lembrar de algo mais...

— É triste — interrompeu ela. — Quando ele se mudou, achei que era apenas um solteirão solitário. Obviamente tinha problemas de saúde. Ele não parecia muito feliz. E pensei comigo: “Esse é um bom lugar para ele.” Somos uma comunidade aqui. Todos temos nossas diferenças. Como Violet diria, alguns estão à direita de Genghis Khan e o resto está à esquerda de Platão. Mas nos cuidamos, sabe?

Faith sentiu o celular vibrar.

— Sim, senhora. Parecia um lugar legal. Preciso...

— Você chega a certa idade, aprende a ignorar as esquisitices e as idiossincrasias das pessoas. — Ela deu um longo suspiro. — Mas vou dizer uma coisa, querida. Não dá para ignorar cocô humano no seu quintal.

— Certo, claro. — O celular de Faith vibrou de novo. Havia uma mensagem de Will. — Obrigada, senhora. Ligue se lembrar algo mais.

Faith desligou a chamada antes que Barb pudesse falar mais alguma coisa. Ela abriu a mensagem de Will. Ele tinha enviado uma foto da frente do hospital, sua maneira de dizer que estava lá procurando por ela. Faith respondeu com um emoji de um prato e uma pilha de merda fedida, o que significava que se encontraria com ele no refeitório.

Ela verificou o quadro da paciente quando passou pela sala das enfermeiras. A mulher ainda estava em estado crítico. Nem quis perder tempo pedindo novas informações para as enfermeiras. Elas tinham o cartão dela. Prometeram avisar assim que a paciente estivesse consciente.

Faith começou a descer a escada. Bateu nos bolsos da calça para ter certeza de que seu kit de teste sanguíneo ainda estava lá. Ainda tinha duas injeções de insulina. Tinha usado a terceira há meia hora, então precisava comer. O problema era que naquele hospital só havia restaurantes fast-food. Isso era ótimo para a nova ala cardíaca deles, mas era horrível para quem estivesse tentando controlar a diabetes. Não que ela sentisse vontade de controlar qualquer coisa agora. Faith sentia saudades dos dias em que podia comer até cair numa moleza que afogava seu estresse.

Will já estava no refeitório, sentado em uma mesa tranquila no fundo. Ela não o reconheceu a princípio porque estava de calça jeans e uma camisa polo bonita de manga comprida que, obviamente, Sara tinha comprado para ele. Era um cara bonito, mas tinha o hábito de se camuflar, o que o tornava diferente de todo policial que ela já conheceu.

— Está bom para você? — perguntou Will.

Ele apontava para a salada que tinha pedido para ela. Faith olhou para a alface murcha e as tiras de frango brancas que pareciam os dedos de um morto. A bandeja de Will tinha dois cheeseburgers, uma batata grande, um milk-shake grande e uma Coca-Cola.

— Parece bom. — Faith se sentou, lutando contra a vontade de abrir a boca e engolir tudo que estava na bandeja dele. — Obrigada.

— Amanda agendou um interrogatório oficial com Rippy amanhã — avisou ele.

— Eu sei. Ela me contou tudo.

— Tudo?

— Sei sobre a conta bancária que você tinha com Angie. E concordo que você não deveria contar nada disso para Sara.

Will não respondeu. Ele nunca pedia conselhos.

— Pedi a ficha criminal de Laslo Zivcovik em Boston. Ele tem alguns delitos menores: beber em via pública, velocidade, um ataque contra uma mulher e um homicídio involuntário em uma briga de bar. Esfaqueou um cara 28 vezes e o deixou sangrando para morrer. Passou um tempo na prisão.

— Homicídio involuntário? Ele deve ter tido um bom advogado.

— Suponho que estava em uma gangue ou trabalhando para a filial de Kip Kilpatrick em Boston.

— Incomodou o que ele falou sobre Angie?

— Estou mais preocupado por ele saber como é a vagina de uma jiboia.

Faith olhou para ele.

Ele deu de ombros.

— É como viver com um alcoólatra. Você não fica surpreso quando alguém diz que ele está no bar.

Faith tinha namorado um alcoólatra por anos. Ficar com medo de o namorado se engasgar com o próprio vômito ou matar alguém dirigindo bêbado não era o mesmo que saber que ele estava por aí fodendo com qualquer coisa que passasse na frente.

O que, pensando bem, também deveria ser algo preocupante.

— Conheci uma mulher no hall da empresa de Kilpatrick — contou Will. — Srta. Lindsay. Negra, muito bem-vestida. Tinha pérolas no pescoço. Provavelmente uns setenta anos. Ela me falou bastante sobre si. Fiquei com a sensação de que estava com problemas.

— Poderia ser a mãe de um dos jogadores, preocupada com a carreira do filho.

— Ela falou sobre uma filha, mas muito pouco. Não da forma como se fala com orgulho do filho por ele jogar bem.

A intuição de Will era muito superior à de Faith.

— O que o incomodou nela?

— Os lábios dela tremiam. — Ele tocou os próprios lábios. — Ela parecia nervosa. Chateada.

— Ela sabia que você era policial?

— Sabia.

— Conseguiu o nome dela?

— Não, mas ela me contou que vive naquele complexo de apartamentos em Jesus Junction.

— Já é algo.

— Não tanto. Liguei para o prédio. Não há nenhuma srta. Lindsay lá.

Faith achou interessante ele ter se preocupado em ligar.

— Uma mulher dessa idade frequenta uma igreja. Você deveria tentar a AME, em Arden.

Ele assentiu.

— Quem ela ia ver lá?

— Acho que Kilpatrick. Laslo veio buscá-la. Chamou-a de “srta. Lindsay”.

Isso causou estranheza. Chamar uma mulher dessa idade de senhorita era uma grande falta de educação. A não ser que...

— Lindsay podia ser o primeiro nome dela. Uma mulher mais velha, sulista, do tipo que poderia usar “senhorita” como uma forma de respeito, tipo *Conduzindo Miss Daisy*.

— Não tinha pensado nisso. — Will deu de ombros. — Provavelmente não é nada.

— É mais do que eu tenho. Você deveria ter feito algumas ligações de manhã. — Faith tinha consciência de que o recado parecia uma forma de mantê-lo longe do caso de Angie, então tentou dar uma cara melhor à tarefa. — Harding aparece morto na boate de Rippy. Angie está trabalhando para Kilpatrick. Laslo é o cão de guarda de Kilpatrick. Srta. Lindsay aparece poucas horas depois do assassinato. Laslo a leva para os escritórios, provavelmente para Kilpatrick. Já percebeu aonde estou querendo chegar com isso? Não existem coincidências.

— Ela não estava no escritório dele — disse Will. — Não a vi em nenhum lugar, na verdade. Ela poderia ter ido embora. Ela poderia ter visto qualquer outra pessoa.

— Ou eles poderiam tê-la escondido de você.

— É, talvez. — Ele voltou a tomar o milk-shake. — Conte sobre seu dia.

— Foi como aquele jogo dos sapinhos sem o martelo.

Faith comeu sua salada enquanto contava o que tinha descoberto sobre a vida de Harding: as batalhas com Barb Wantanabe, o rato, o cheiro, o excremento, as fotos nuas de Delilah Palmer e a certidão de casamento.

A última parte chamou a atenção de Will.

— Ele escreve que ela é sua filha, mas, dois anos depois, ela é a esposa?

— Isso.

— E é a mesma jovem das fotos nuas na carteira dele?

— Ele tem fotos nuas dela desde a escola.

Ele colocou o milk-shake na bandeja.

— Harding era pedófilo.

— Era. Talvez. — Ela estava parecendo Barb Wantanabe. — Isso é o que está me incomodando: em sua maioria, os pedófilos possuem grupos etários. Se gostam de pré-adolescentes, essa é a tara. Se gostam delas durante ou depois da puberdade, essa é a tara. Sei que acontece, mas é muito raro que continuem com uma vítima enquanto envelhece.

— É raro ficar com apenas uma vítima, ponto final. Um cara da idade de Harding teria atacado centenas de vítimas. Não encontrou nenhuma outra foto?

Faith balançou a cabeça enquanto se forçava a engolir um pedaço do frango de plástico.

— Havia uma segunda garota que Harding protegia. Virginia Souza. Harding não tinha foto dela, nada em seus arquivos. Ela está morta. Teve uma overdose há seis meses.

— Os mágicos seis meses — comentou Will. — Está pensando que Harding estava mantendo Delilah em sua casa para reabilitá-la?

— Trancada em seu closet com apenas um balde para fazer xixi, ao que parece. — Ela pensou em algo. — Talvez Angie estivesse trancada ali?

— Impossível. Ela teria subido pela parede e matado ele.

Faith sabia que ele não estava falando metaforicamente.

— Collier acha que Harding estava organizando mulas para levar drogas.

Will olhou com ceticismo.

— Cartéis mexicanos não usam maçanetas de portas para enviar mensagens.

Ela riu, principalmente porque ele fazia Collier parecer um idiota.

— Certo, então, vamos supor que Delilah era a única mulher que Harding mantinha no closet. Por que ele a trancou?

— Porque gostava dela. — Will levantou suas mãos para impedir os protestos dela.

— Harding decidiu parar com a diálise. Sabia que ia morrer, e logo. Foi assim que planejou passar o resto de sua vida: fazendo uma reabilitação nela.

— Talvez se sentisse responsável por ferrar com a garota. — Ela se lembrou do aparelho para os dentes ao lado da cama no quarto de convidados. — Alguém também a levou a um ortodontista. Estava dormindo com um aparelho para os dentes.

— Poderíamos mandar o parceiro de Collier verificar isso. Ligar para os ortodontistas na região para ver se ela era paciente.

Faith pegou o celular e começou a digitar.

— Vou passar isso para Amanda — disse ela, mas sugeriu que Collier e Ng fizessem o trabalho de merda juntos.

Will esperou até que ela mandasse a mensagem.

— Você falou que a primeira prisão importante de Palmer foi vendendo Oxy. Onde você acha que ela conseguia os comprimidos?

Faith pensou na pergunta.

— Ela estava vivendo no bairro, ia à escola. Adderall, Concerta, Ritalina, isso era o que se poderia esperar que estivesse à mão. Drogas para déficit de atenção ou transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. Valium e Percocet aparecem nos primeiros anos. Oxy é mais para ensino médio, um problema mais comum entre brancos suburbanos.

— Então, quem fornecia o Oxy que Delilah vendia quando tinha dez anos?

— Harding trabalhava com crimes de colarinho branco. Não teria acesso. — Faith ficou pensativa. Sua mãe tinha dirigido o esquadrão de drogas na zona seis. A caixa de evidências teria parecido uma farmácia. — Ele poderia conhecer alguém que tivesse acesso. Talvez tivesse encontrado um policial com problemas com os comprimidos e pressionado para dividir o que ele conseguia.

— Da mesma região?

Ela assentiu.

A atitude de Will mudou.

— Conhece alguém que trabalhou lá e tinha um problema com comprimidos que poderia estar ligado a Harding?

— Conheço — disse ele e não precisou dizer que era Angie. — Ela cuida de meninas como essa. Pelo menos, era o que fazia.

— Meninas como Delilah? — Faith sentiu o estômago gelar. Uma coisa era Angie ser cafetina de mulheres para festas da alta sociedade, mas explorar garotinhas órfãs era outra.

— Angie trabalhou em Costumes — disse Will. — As jovens eram do tipo de garotas que ela colocava debaixo da asa.

— E dava comprimidos para vender?

Will esfregou o queixo.

— Angie sabe como é estar presa nesse tipo de situação sem ninguém cuidando de você.

— Não entendi — confessou Faith. — Não vejo como transformar uma garota de dez anos em uma traficante de drogas possa ser uma ação solidária.

— O que é pior: vender Oxy ou vender sexo?

— Essas são as únicas alternativas?

— Para crianças como essas, presas no sistema, mudando de escolas e de casas adotivas cinco vezes por ano, sem saber onde vão dormir na noite seguinte? — Ele foi muito enfático. — É, essas são as escolhas.

O lado materno de Faith queria discutir. O lado cínico, o que tinha sido policial por dezesseis anos, conseguia ver a lógica. Crianças como elas não viviam as vidas que queriam. Sobreviviam às vidas que tinham.

— Quantas cordas Harding teve de puxar para manter Delilah longe de problemas? — perguntou Will.

— Mais do que um harpista.

— Quem fez os favores?

— Não é assim que funciona. Você não fala sobre os favores. Essa é a questão. — Faith ouviu sua voz ecoar no refeitório. Ela parecia brava e talvez estivesse. Claro, crianças como Delilah Palmer tinham sofrido, mas ensiná-las a ter sucesso no submundo do crime não era a solução. — Nossa, Will. Você acha mesmo que Angie estava dando comprimidos para as garotinhas venderem?

Will bateu os dedos na mesa. Olhou sobre o ombro dela, que era provavelmente uma das táticas mais chatas e recorrentes dele.

Faith espetou um pedaço de frango. A tensão sobre as possíveis más ações de Angie estava parada bem no meio deles. Às vezes, Faith esquecia como a vida de Will foi complicada. Isso era inteiramente culpa dele. De fora, parecia um cara normal. Aí, você notava as cicatrizes no rosto dele. Ou o fato de que nunca arregaçava as mangas, mesmo com um calor de dez mil graus. Ele nunca falava sobre nada disso. Na verdade, nunca falava sobre nada. Como, por exemplo, os cortes na mão indicando que ele tinha dado um soco em alguém. O fato de a esposa estar provavelmente morta. Ou o coração de sua namorada estar em frangalhos.

— Faith? — Will esperou que ela levantasse a cabeça. Ele tentou sorrir. — Acho que preciso ver o rato.

Ela soltou o longo suspiro que nem percebeu que estava segurando. Abriu o vídeo em seu celular e entregou para ele.

— Collier vomitou. Epicamente. O Poderoso Chefão dos vômitos.

Will riu com vontade. Viu o vídeo duas vezes. Faith conseguia ouvir a respiração de pânico de Collier pelo alto-falante. Cada vez ficava melhor. Will finalmente terminou de ver.

— É um Russian blue.

— O rato?

— Eu já dei uma batida em uma loja de animais. O cara estava vendendo animais exóticos nos fundos, mas a frente estava cheia de ratos. Amanda me obrigou a catalogá-los. — Ele deslizou o celular para ela. — Dale poderia ter ido atrás de Angie para proteger Delilah. Limpar a bagunça antes de morrer.

Ela deu de ombros, mas a teoria fazia sentido.

— Se tiver algo a ver com drogas, pode ter sido isso — disse ele.

— Quer dizer que teremos de falar com Amanda.

Will assentiu.

— Maldição — murmurou Faith. — Collier queria seguir as marcas de gangues no clube. Vou ter de me matar se ele estiver certo.

— Não vamos nos adiantar — disse Will. — É uma teoria, certo? Não sabemos com certeza o que Angie estava fazendo.

— Exceto receber dez mil por mês de Kilpatrick.

— Talvez ela estivesse fornecendo drogas para ele.

— Eu acreditaria se fossem hormônios para crescimento ou esteroides.

— Ele não precisaria de Angie para isso. Teria médicos lhe dando receitas legais. — Will se encostou na cadeira. — Digamos que encontramos Delilah e ela nunca ouviu falar em Angie. E aí?

— Aí, ela nos conta que diabos está acontecendo. — Faith não deu tempo para Will rir na cara dela, porque os dois sabiam que era pouco provável. Garotas como Delilah não falavam com policiais. Elas esperavam pela hora certa e aí desapareciam.

Faith pegou seu caderno. Ele não conseguia ler os rabiscos, mas ela apontou os cabeçalhos.

— Palmer estava casada e provavelmente se relacionava com Harding. Harding vivia em uma casa que era de uma empresa que deve estar conectada com Kip Kilpatrick. Angie estava trabalhando para Kip Kilpatrick. Harding recebeu uma bolada há seis meses. Angie começou a receber seu salário há três meses. — Ela apontou o último nome. — Todos estão ligados a Rippy.

Will pegou o caderno. Examinou os nomes. Faith via seus olhos se moverem, mas não sabia com que velocidade ele conseguia entender. Sabia que era mais fácil identificar palavras que ele já tinha visto antes, mas havia nomes novos no papel.

Will soltou o caderno.

— E se estivéssemos construindo um caso agora mesmo? — perguntou ele. — Palmer está desaparecida por alguma razão. Rippy é inatingível. As únicas duas pessoas que conhecemos com certeza são Harding e Angie. Os dois estavam no mesmo local, a boate. Um deles morreu ali. O outro morreu por causa de algo que aconteceu ali. Provavelmente morreu.

Faith deixou passar o “provavelmente”.

Ele continuou:

— Essas flechas para Rippy parecem boas no papel, mas não temos uma conexão direta, pois todas elas passam por aqui... — Ele bateu o dedo em cima do nome de Kilpatrick. — Ele é o intermediário, quem está entre Rippy e todo o resto. Digamos que

por algum milagre temos uma acusação de assassinato consistente, com provas e tudo o mais, e o juiz nos dá um mandato de prisão. Não será contra Rippy. Será contra Kilpatrick. É para isso que Rippy o paga. E, se você está pensando em montar uma acusação de conspiração, está sonhando. Harding está morto. Angie provavelmente está morta. Rippy se safa como sempre.

Ela não conseguia aceitar que ele estivesse certo, apesar de cada palavra fazer perfeito sentido.

— A mulher não identificada pode ter visto algo. Ela estava no prédio comercial do outro lado da rua. Precisaria ter olhos de águia... — Faith olhou a hora no celular. — Ela deve ficar consciente logo. Podemos conversar com ela.

Will não parecia muito otimista.

Faith fechou o caderno. Não conseguia mais olhar para aquilo.

— Por que você acha que ela tentou se matar?

— Talvez estivesse solitária? — Ele esticou o braço nas costas da cadeira vazia ao lado dele. — É difícil viver nas ruas. Não se sabe em quem confiar. Nunca se consegue dormir direito. Não tem ninguém para conversar.

Faith percebeu que Will era a primeira pessoa que realmente tentou responder a pergunta.

— Quanta cocaína ela tinha cheirado?

— Acho que uns cinquenta gramas.

— Jesus Cristo. Isso custa quase três mil. Onde ela conseguiu tanto?

— Podemos perguntar quando ela acordar. — Ele colocou a mão no peito. Piscou, com dor. — Acho que estou tendo um ataque cardíaco.

O pânico a forçou a agir. Ela começou a se levantar, mas ele a impediu.

— Não de verdade. Só que estou sentindo um aperto. — Ele esfregou o peito com os dedos. — Quase como um formigamento. Você sente isso, quando seu coração treme dentro do peito?

Faith sentia isso o tempo todo.

— Parece estresse.

Will esfregou o peito.

— Sara me mandou uma foto de Betty. Está na cama da casa dela. Isso é bom, certo?

Faith assentiu, mas não tinha ideia. Will tinha uma forma própria de se comunicar com as pessoas.

— Olhei na internet — comentou ele. — Aquele batom custa sessenta dólares.

Faith quase engasgou com um pedaço de alface. A coisa mais cara que ela já tinha colocado em seu rosto era uma faixa de Nova York depois que um bandido tinha dado um soco no rosto dela.

— Todas as cores pareciam iguais para mim — continuou Will. — Consegue pegar o número do produto das provas?

— Will — Faith largou o garfo —, Sara não liga para o batom.

Ele balançou a cabeça, como se ela não tivesse ideia do que estava falando.

— Ela estava brava de verdade.

— Will, ouça. Não tem a ver com o dinheiro. É porque foi Angie que roubou.

— Essa é Angie... — A desculpa parecia fazer sentido para ele. — Quando éramos crianças, não tínhamos nada, nenhum dos dois. Se via algo que queria, você roubava. Ou nunca teria nada. Especialmente as coisas bonitas.

Faith fez o possível para encontrar uma forma de explicar.

— E se um dos ex-namorados de Sara entrasse no apartamento dela e roubasse a camisa com que você dormiu?

— Não faria mais sentido para ele roubar a camisa de Sara?

Faith grunhiu. Era muito mais fácil para os homens. Quando eles ficam bravos, eles brigam. As mulheres se cortam e sofrem com distúrbios alimentares.

— Lembra aquele suicídio no ano passado no centro de detenção feminina? — perguntou ela.

— Alexis Rodriguez. Ela cortou os pulsos.

— Certo. E, quando perguntamos às outras presas por que ela fez isso, disseram que havia garotas roubando as coisas dela. Não só a comida. Ela deixou uma caneta em um lugar e logo depois desapareceu. Ela tirava as meias e elas desapareciam. Roubavam até o lixo. Por que acha que faziam isso?

Ele deu de ombros.

— Por maldade.

— Para que ela entendesse que nada pertencia a ela. Que não importava se era importante ou não, podiam tirar o que quisessem a qualquer momento, e ela não podia fazer nada.

Ele parecia duvidar.

— Por que outra razão Angie deixaria aqueles bilhetes no carro de Sara?

— Ela estava louca.

— Claro, ela estava louca, mas estava querendo ferrar com Sara.

Will se mexeu na cadeira. Ainda não estava entendendo.

— Angie gostava de provocar, Will. E queria que Sara soubesse que poderia tomar você de volta quando quisesse. Por isso ela roubou o batom. Por isso deixava os bilhetes. Estava marcando o território dela — Faith tinha de falar a próxima parte. — E você deixou isso acontecer.

Will se encostou na cadeira. Ele não se levantou e foi embora. Ele não mandou que ela cuidasse da vida dela. Esfregou a lateral do queixo. Olhou para o lixo ao lado da porta.

Faith esperou. E esperou. Tentou terminar a salada. Verificou o celular para ver se havia alguma mensagem nova.

— Ela me deixou um bilhete — confessou o Will. — Angie.

Faith continuou esperando.

— Amanda não sabe. Pelo menos, acho que não. Estava na caixa postal. — Ele olhou para as próprias mãos. — Angie imprimiu meu nome na parte de fora, mas a carta está escrita à mão.

Faith sabia que Will teria dificuldades para ler. Angie saberia disso também, o que, para Faith, fazia dela uma filha da mãe ainda pior que antes.

— Não posso deixar Sara ler — continuou ele. — A carta.

— Não, não pode.

— É o que ela queria. Que Sara tivesse de ler. Em voz alta. Para mim.

— É.

— Então...

Faith engasgou. Ele nunca tinha pedido que ela lesse algo. Sempre fora uma questão de orgulho. Ele demorava o tempo necessário escrevendo os relatórios. Era o único homem com quem ela já tinha trabalhado que não tentava transformá-la em sua secretária particular.

— Certo — concordou Faith.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma folha de caderno dobrada. A ponta estava rasgada por ter sido arrancada de uma espiral. Ele desdobrou a carta e esticou na mesa. Palavras de ódio enchiam a página, cruzando as margens, transbordando para a parte de trás. Coisas estavam sublinhadas. A caneta até tinha rasgado o papel.

Os olhos de Faith notaram a palavra “Sara” e ela se encolheu.

— Tem certeza?

Will não falou nada. Só ficou esperando.

Faith não sabia o que fazer, a não ser virar a carta e começar a ler.

“Oi, querido. Se alguém está lendo isso para você, então estou morta.”

Will segurou a cabeça com as mãos.

“Espero que seja Sara, porque quero que aquela put...”, Faith xingou Angie baixinho. “Quero que aquela puta saiba que você nunca vai amá-la da forma que me ama.” Ela olhou para Will. Ele ainda estava segurando a cabeça.

Faith voltou para a carta.

“Lembra o porão? Quero que conte à sua preciosa Sara sobre o porão porque isso vai explicar tudo. Ela vai entender que você só está trepando com ela porque está me substituindo, e bem mal. Você mentiu para ela sobre tudo.” Faith forçou a vista, tentando decifrar as palavras seguintes. “Você gosta dela porque ela te dá segurança e porque vai...”, Faith parou. Seus olhos estavam lendo o que vinha. Ela disse a Will:

— Não acho...

— Por favor. — A voz dele estava abafada pelas mãos. — Se você não ler, nunca vou saber.

Faith limpou a garganta. Ficou com o rosto vermelho de vergonha. Por ela e por Sara.

“Você gosta dela porque ela te dá segurança e porque vai te chupar e você nunca vai ver como ela cospe porque isso faz parte da fraude. Ela é sua cadelinha por um motivo.” Faith ficou olhando o resto, torcendo para que não piorasse.

Piorava.

“Putas carentes como Sara querem a cerca branca e crianças no jardim. Como seria ter um monte de monstros com seus genes fodidos dentro deles? Retardados fracassados como você que não conseguem ler nem a porra do próprio nome.”

Faith teve de parar de novo, daquela vez para acalmar a própria fúria.

“Faça esta pergunta a si mesmo: você arriscaria sua vida por ela?”, continuou ela. “Sara Linton é uma puta chata. É por isso que você não pode me abandonar. É por isso que encontrou essa porra de carta. Ela nunca vai deixá-lo excitado como eu. Você nunca vai querê-la como me quer. Ela nunca vai entender quem é você de verdade. A única pessoa na Terra que já entendeu você fui eu, e agora estou morta, e você não fez nada para impedir que isso acontecesse.” Faith sentiu verdadeiro alívio quando leu a última linha. “Com amor, Angie.”

Will ficou segurando a cabeça com as mãos.

Faith dobrou a carta de novo em um quadrado. Isso era uma prova. Angie tinha suspeitado que ia morrer, o que significava que seu assassinato foi premeditado. Faith ficou pensando nisso. Se e quando eles pegassem o assassino, haveria um caso nos tribunais. A carta para Will se tornaria parte do registro público. Era o último ataque de Angie contra Sara. O golpe seria um nocaute.

— Você precisa destruir isso — disse Faith.

Will levantou a cabeça. Seus olhos brilhavam com as luzes.

Faith rasgou a carta em dois. Aí rasgou de novo, mais uma vez até que as palavras de ódio de Angie estivessem em milhares de pedaços.

— Você acha que ela está morta? — perguntou Will.

— Acho. Você viu o sangue. Ouviu o que Angie escreveu, que ela sabia que logo estaria morta. — Faith juntou os pequenos pedaços de papel em uma pilha. — Não

conte nada sobre essa carta para Sara. Vai destruir tudo. Exatamente o que Angie queria.

Ele começou a esfregar o peito de novo. O rosto estava pálido.

Faith tentou se lembrar dos sinais de um ataque cardíaco.

— O braço dói?

— Estou tonto — disse ele, e parecia tão surpreso quanto Faith de ter admitido isso.

— Como as pessoas superam isso?

— Não sei. — Faith derrubou a pilha de papéis rasgados, depois refez a pilha. — Quando meu pai morreu, meu mundo virou de cabeça para baixo. — Ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas porque quinze anos ainda não foram suficientes para superar aquela perda. — No dia do funeral, não pensei que ia conseguir. Jeremy estava destroçado. Meu pai trabalhava em casa. Eles eram muito próximos. — Faith respirou fundo. — Então, fomos ao enterro e Jeremy não aguentou. Chorava como eu não tinha visto desde que era bebê. Ele não me soltava. Tive de abraçá-lo o tempo todo.

Ela olhou para Will.

— Lembro-me de estar parada na escada para a capela e sentir um clique, tipo: “Certo, sou a mãe. Seja forte na frente do seu filho e lide com isso quando estiver sozinha e puder resolver.” — Faith sorriu, mas a verdade é que ela nunca estava sozinha. Se tivesse sorte, tinha trinta minutos de manhã antes de Emma acordar, e depois o telefone começava a tocar e ela precisava se preparar para o trabalho e o mundo começava a desabar. — As pessoas superam isso porque não têm escolha. Você se levanta da cama. Veste sua roupa. Vai trabalhar e simplesmente continua.

— Negação — disse Will. — Ouvi falar sobre isso.

— Isso me fez a mulher que sou hoje.

Ele bateu os dedos na mesa. Examinou o rosto dela como fazia quando tentava descobrir o que estava errado.

— Delilah Palmer. Está preocupada porque deu a Collier a pista boa.

Ouvir como ele descobria o que estava errado fez com que ela percebesse o que estava errado.

— Não é porque quero o mérito. Quero dizer, claro que quero o mérito, mas há algo em Collier que...

— Também não confio nele.

Seu celular vibrou. Enfim, a enfermeira mandou uma mensagem.

— Ah, que merda. — Faith precisou ler a mensagem duas vezes antes de acreditar. — A mulher foi levada de volta para cirurgia. Se sobreviver só poderá falar amanhã de manhã.

Will riu, mas não porque era engraçado.

— E agora?

— Vou para casa. — Faith arrastou a carta rasgada de Angie para a palma aberta. Entregou os pedaços para Will. — Jogue isso na privada e vá conversar com Sara.

CAPÍTULO SETE

SARA ESTAVA DEITADA NO SOFÁ com Betty no travesseiro ao lado dela. A cadelinha tinha conseguido enrolar todo o corpo ao redor da cabeça de Sara. Seus dois galgos, Bob e Billy, estavam enrolados nas pernas.

Sara começou a noite na mesa da sala de jantar pesquisando neve urêmica enquanto bebia uma xícara de chá de ervas. Aí, passou para uma taça de vinho na pia da cozinha enquanto editava um trabalho para uma revista. Olhou para o apartamento e decidiu que precisava de uma limpeza. Sara sempre limpava o apartamento quando estava nervosa, mas aquela era uma das raras ocasiões em que estava brava demais para limpar. E é por isso que terminou deitada no sofá, bebendo uísque e coberta de cachorros.

Ela bebia enquanto olhava o laptop apoiado em um travesseiro sobre a barriga. Como no resto da noite, seus demônios menores venceram. Começou com um documentário sobre Peggy Guggenheim e terminou assistindo a episódios de *Buffy, a caça-vampiros*. Ou tentando. O enredo não era tão complicado — obviamente, Buffy ia matar o vampiro —, mas com o álcool e seus outros problemas, Sara não conseguia manter o foco.

Will não tinha ligado. Não tinha mandado mensagem alguma, mesmo depois que ela enviou uma foto de Betty. Ele passou o dia todo procurando Angie e, mesmo naquele momento, quando ela estava quase com certeza morta, Will ainda não tinha feito esforço algum para entrar em contato com Sara.

Se ela fosse do tipo que se forçava a fazer uma escolha, tomaria a falta de comunicação de Will como uma resposta.

Apertou a pausa no computador. Tirou os óculos. Fechou os olhos.

Sara deixou sua mente voltar para sábado de manhã, ignorando a parte em que Will tinha visto Angie. Sexta à noite, eles decidiram ficar na casa de Will porque ele tinha um quintal com cerca e uma portinha de cachorro na cozinha, o que significava que os animais poderiam se virar enquanto os humanos dormiam.

Sara tinha acordado às quatro e meia. A maldição do médico plantonista. Seu cérebro não queria desligar para que ela pudesse voltar a dormir. Pensou em trabalhar um pouco

ou ligar para a irmã, mas ficou olhando Will dormir, o que era uma bobagem que só acontecia nos filmes.

Ele estava de costas, a cabeça virada. Um raio de luz passava por baixo da persiana e iluminava seu rosto. Sara tocou o rosto dele. A pele áspera tinha despertado o interesse de explorar mais. Ela deixou seus dedos viajarem pelo peito. Em vez de continuar para baixo, colocou a palma sobre o coração dele e sentiu as batidas.

Isso era o que se lembrava daquela manhã: a incrível alegria de tê-lo. O coração dele que pertencia a ela. A mente dele. O corpo dele. A alma dele. Estavam juntos há apenas um ano, mas a cada dia ela o amava mais. Seu relacionamento com Will era uma das conexões mais significativas que já tivera em sua vida.

Não que Sara tivesse passado por muitos relacionamentos. Seu primeiro namorado, Steve Mann, conseguiu toda a excitação possível para um terceiro trombonista na banda do colégio. Mason James, que ela conhecera durante a faculdade de medicina, estava mais apaixonado por si mesmo do que por qualquer mulher. A primeira vez que Sara o levava para apresentar à família, sua mãe brincou: “Esse homem precisa construir um castelo para guardar o ego.”

Depois veio Jeffrey Tolliver, seu marido.

Sara abriu os olhos.

Tomou outro gole de sua bebida, que era mais água do que uísque àquela altura. Olhou a hora. Muito tarde para ligar para a irmã. Sara queria falar com alguém, analisar a grande explosão que abalou sua vida, e Tessa era o único porto seguro. Faith precisava estar do lado de Will porque era a parceira dele e a inquestionável lealdade deles era o que mantinha os dois seguros. Ligar para sua mãe não era uma opção. A primeira coisa que sairia da boca de Cathy Linton seria: “Eu avisei.”

E Deus sabe como sua mãe tinha avisado. Muitas vezes. Incontáveis vezes. Não saia com um homem casado. Não se apaixone por um homem casado. Nem pense em confiar em um homem casado. Sara pensou que havia mais nuances na história deles que sua mãe era capaz de entender, mas agora ela questionava isso. As únicas palavras piores que “eu avisei” eram: “É, mãe, você estava certa.”

Sara olhou a hora de novo. Não tinha passado nem um minuto. Ela pesou as consequências de acordar a irmã. Tessa estava na África do Sul. Eram duas da manhã naquela região do mundo. Ela entraria em pânico se o telefone tocasse tão cedo. Além disso, Sara sabia como seria a conversa. A primeira coisa que sairia da boca de Tessa seria: “Mostre a ele como você se sente.”

O que ela queria dizer com isso era que Sara deveria ter um ataque na frente de Will, mostrar a ele que era um caso perdido e que não podia viver sem ele. O que era uma

mentira, porque Sara podia viver sem ele. Ela ficaria triste, devastada, mas aguentaria. Perder seu marido ao menos tinha ensinado isso.

Mas Tessa não deixaria Sara se esconder atrás da morte de Jeffrey. Ela diria algo sobre cavalgar ao pôr do sol solitário. Sara lembraria que uma das coisas que Will gostava nela era sua força. Tessa diria que ela estava confundindo ser forte com ser cabeça-dura e depois faria o que sempre faz: mencionar o que sua família chamava de “incidente do Bambi”. Na primeira vez que a família viu o filme, Tessa tinha chorado incontrolavelmente. Sara murmurou uma desculpa sobre precisar estudar para uma prova de ortografia porque não queria que ninguém a visse chorar.

O argumento final de Tessa seria em um tom que lembrava a mãe: “Só um idiota pensa que pode enganar outras pessoas.”

Ao contrário, Sara fizera uma carreira enganando os outros. Se você fosse um pai com um filho doente, a última coisa que precisaria era de um médico que não conseguia parar de berrar. Se fosse um paciente aterrorizado, não gostaria de ver seu médico perder o controle ao lado da cama. Habilidades transferidas. Ela não tinha nada a ganhar perdendo o controle na frente de Will. Era uma forma fajuta de ganhar um argumento. Ele iria confortá-la, e ela se sentiria horrível por manipulá-lo, e de manhã nada teria mudado.

Ele ainda estava apaixonado pela esposa.

Sara encheu a boca de uísque e segurou antes de engolir.

Essa era a verdade? Will amava Angie da forma como um marido ama sua esposa? Ele havia mentido para Sara quando viu Angie no sábado. Ele devia estar mentindo sobre outras coisas. A morte tinha uma forma de colocar as emoções em foco. Talvez perder Angie fez com que Will percebesse que não amava Sara.

Não era preciso ligar ou mandar mensagens se ele não tivesse nada para falar.

Os cães mudaram de posição. Bob desceu do sofá. Billy o seguiu. Sara ouviu uma batida fraca na porta. Ela olhou, como se pudesse explicar como alguém tinha entrado no prédio sem usar o interfone. Sara estava no último andar. Ela só tinha um vizinho, Abel Conford, que estava de férias.

Ouviu outra batida leve. Os cachorros correram para a porta. Betty ficou no travesseiro. Ela bocejou.

Sara colocou o laptop na mesinha de centro. Fez força para se levantar. E para não ficar brava, porque a única razão pela qual os cachorros não estavam latindo era porque reconheceram quem estava batendo à porta.

Ela dera uma chave a Will no ano passado. Era fofo que ele ainda batesse à porta na primeira semana. Agora, era irritante.

Sara abriu a porta. Will estava com as mãos no bolso. Usava jeans e a camisa polo Ermenegildo Zegna cinza que ela tinha enfiado no meio das camisetas Gap dele.

Ele viu o laptop.

— Está vendo *Buffy* sem mim?

Sara deixou a porta aberta e voltou para pegar sua bebida. O loft era todo aberto, a sala de estar, de jantar e a cozinha ocupavam um grande espaço único. Sara estava feliz de ter tanta distância entre eles. Ela se sentou no sofá. Betty se levantou do travesseiro, se esticou e bocejou de novo, mas não foi até Will.

Ele não se aproximou da cachorra também. Nem de Sara. Ficou parado de costas para a pia da cozinha.

— Tudo bem com ela? — perguntou ele. — No veterinário.

— Tudo.

As mãos estavam unidas como ele costumava fazer quando girava a aliança no dedo. A pele sobre as articulações de seus dedos indicador e médio estava cortada.

Sara não perguntou sobre a ferida. Tomou outro gole.

— Tem uma garota — contou ele. — Ela poderia saber o que Harding sabia. Por que foi morto. E que poderia matá-la também.

Sara fingiu interesse.

— Essa é a não identificada que você encontrou no prédio comercial?

— Não, outra garota. A esposa de Harding. Filha, talvez. Não sabemos.

Sara bebeu seu uísque.

— Eu me cortei. — Em vez de levantar a mão, ele virou e mostrou a parte de trás da perna direita. Havia uma mancha escura de sangue. — Fiz um buraco em um chão de madeira. — Ele esperou. — Tinha umas lascas.

— Se faz mais que seis horas, é tarde demais para suturas.

Will esperou.

Sara também esperou. Ela não ia facilitar as coisas para ele. Se ia romper com ela, então tinha de ser homem para isso.

— Já tomou muita? — Fez uma pausa. — Bebida?

— Não o suficiente.

Sara se levantou do sofá. Passou por Will a caminho da cozinha. Seu estômago não ia gostar de um segundo copo de uísque por cima da taça de vinho de antes, mas ela se serviu mesmo assim.

Will ficou parado do outro lado da pia. Olhando enquanto ela enchia o copo. Ele tinha uma aversão física ao álcool. Seus ombros se retraíram. O queixo se levantou. Ela não tinha certeza se ele percebia. Tinha de supor que era memória muscular de todos os

bêbados que abusaram dele quando era criança. Como na maioria das vezes, Will não falava sobre isso.

— Quer um? — perguntou ela.

Ele assentiu com a cabeça.

— Tudo bem.

Sara tinha visto Will beber uma vez, mas foi sob coação. Ela forçou uma gota de uísque em sua garganta porque ele não conseguia parar de tossir.

— Você tem gim? — quis saber ele.

Ela se abaixou para procurar no armário, que não tinha aberto por meses. A poeira cobria a rolha do vinho. Havia uma garrafa cheia de gim no fundo, mas algo a fez pensar que gim era a bebida de Angie, e Sara não ia brindar pela esposa morta do namorado em sua cozinha.

Ela se levantou.

— Não tem gim. Tem vinho na geladeira, ou você quer uísque?

— Foi o que bebi antes?

Ela pegou um copo e serviu uma dose dupla. Como ele não se moveu para pegar, Sara deslizou o copo pela pia. Ele continuou sem agarrar.

— Amanda me mandou não contar, mas havia uma mensagem de Angie — disse ela.

A cor desapareceu do rosto dele.

— Como ela...

— Você já sabia?

Ele abriu a boca de novo, mas não saiu nada.

— Fico feliz que todos saibam — comentou Sara. — Não ia mentir ou fingir que não sabia. Isso me faria ser o pior tipo de hipócrita.

— Como... — Ele hesitou. — Como Amanda sabe?

— Ela é a responsável pela investigação, Will. É dever dela saber tudo.

Ele apoiou as mãos na pia. Não olhava para ela.

Sara pensou de novo no ônibus da cena do crime, a felicidade de Charlie quando mostrou a ela o pedido de socorro brilhante na parede. As feridas de Angie foram graves, até mortais, mas ela havia parado para escrever as palavras com o próprio sangue, sabendo que Will iria vê-las. Que Sara iria vê-las. Que todo mundo saberia que Angie sempre teria suas garras sobre ele. Ela também poderia ter escrito: “Vai se foder, Sara Linton.”

— Você leu? — perguntou Will. — A mensagem?

— Li. Eu reconheci a letra dela.

Will ficou olhando para as mãos.

— Desculpa.

— Pelo quê? Você falou antes: não pode controlá-la.

— O que ela falou... — A voz dele perdeu forças de novo. Ele parecia consternado. — Não importa. Não para mim.

Sara não acreditava nele. O fato de que ainda não tinha compreendido totalmente a morte de Angie.

— Importava para ela. É provavelmente a última coisa que ela escreveu antes de morrer.

Ele levantou o copo de uísque. Engoliu todo o conteúdo de uma vez e depois cuspiu quase tudo de volta.

Sara pegou um pedaço de papel-toalha do rolo e entregou para ele.

Os olhos dele estavam lacrimejando. Ele limpou a sujeira na pia. Estava suando. Parecia abalado. E deveria estar. Angie está morta. Ela pedira ajuda. Ele não conseguiu salvá-la, não daquela vez, quando realmente precisava. Trinta anos da vida dele desapareceram. Ele devia estar em choque. Álcool era a última coisa de que ele precisava.

Sara tirou o copo dele. Jogou o que sobrava na pia.

— Espere por mim no seu banheiro.

Ela não deu a ele tempo para responder. Encontrou os óculos no sofá e foi até o escritório. Pegou a mala médica do armário. E se virou.

Não queria deixar o quarto.

Ficou parada ao lado da mesa, segurando a maleta, tentando se acalmar.

Não havia como consertar aquilo. Ela não podia costurar a relação deles como podia fazer com a perna dele. Conversar sobre o problema era apenas atrasar o inevitável. E ela ainda não estava segura para confrontá-lo. Estava paralisada, aterrorizada com o que poderia acontecer se eles falassem sobre o que tinha acontecido, sobre o que fariam. Sara não conseguia adivinhar o futuro. Havia apenas um longo caminho desconhecido. Tudo que ela podia fazer era ficar parada naquele escritório escuro sentindo sua própria pulsação. Contou até cinquenta, depois até cem, e se obrigou a caminhar.

O corredor parecia mais longo do que nunca. Mais como uma árdua viagem do que um passeio. O banheiro de Will ficava no quarto de hóspedes. Sara tinha designado uma área separada para ele, para o bem do relacionamento. Quando ela entrou no quarto, ele estava esperando na porta.

— Tire a calça — mandou ela.

Will olhou para ela.

— É mais fácil do que tentar enrolar a calça jeans. — Sara esvaziou a maleta na pia. Tirou os instrumentos que iria precisar. — Tire a calça. Tire as meias. Entre na banheira. Preciso limpar a ferida.

Will obedeceu às ordens, dando um gemido leve quando desgrudou os jeans da perna. O sangue tinha atravessado a gaze, que era pouco mais que um Band-Aid gigante. Ele ficou de pé na banheira.

— Tire a faixa. — Sara procurou um par de luvas, depois achou que não era preciso. Se Angie tinha passado alguma doença para Will, Sara já estava contaminada. Colocou os óculos. — Vire de lado.

Will obedeceu. A perna estava pior do que ela esperava. Havia sido mais do que algumas lascas. Ele tinha uma laceração profunda, de uns seis centímetros na lateral da panturrilha. Havia uns fragmentos grudados pelo sangue. Era tarde demais para suturas. Ela poderia estar costurando uma infecção.

— Você lavou?

— Tentei no chuveiro, mas dói.

— Vai doer mais.

Sara abriu a garrafa de Betadine. Abaixou a tampa do vaso para poder se sentar. Não deu nenhum aviso antes de colocar o antisséptico frio direto na ferida.

Will agarrou o bastão da cortina do banheiro, quase o arrancando da parede. Ele soprou o ar entre os dentes.

— Tudo bem?

— Sim.

Sara arrancou um fragmento. Ele tinha feito um péssimo trabalho ao limpar a região. Sangue coagulado caiu na banheira de porcelana branca. Will levantou os dedos. Tinha agarrado a parte de cima do boxe e o chuveiro. Os dentes estavam apertados. Esqueçam o Juramento de Hipócrates. Sara passou de ser uma médica cuidadosa a uma desgraçada passiva-agressiva. Ela largou a garrafa. A perna de Will estava tremendo.

— Quer uma anestesia?

Ele balançou a cabeça. A camisa estava levantada. Estava segurando a respiração. Ela conseguia ver todos os músculos esticados no abdome dele.

Sara sentiu o peso de sua transgressão.

— Desculpa. Não quero machucar você. Quer dizer, obviamente, eu queria, mas...

— Tudo bem.

— Não está tudo bem, Will. Não está tudo bem.

As palavras dela ecoaram no banheiro. Ela parecia nervosa. Ela estava nervosa. Os dois sabiam que Sara não estava falando sobre a perna dele.

— Sei por que Angie pegou seu batom.

Sara esperou.

— Ela estava tentando intimidá-la. Eu deveria ter impedido isso.

— Como? — Sara realmente queria saber. — É como a mensagem que deixou para você na parede da boate. Ela sabia que Charlie ou alguém iria jogar luminol na área. Que eu iria ver. Que seria algo público. Ela faz o que quer.

— A parede — assentiu Will, como se isso explicasse tudo. — É.

— É — concordou Sara, o que os levou de volta ao início.

Ela molhou uma gaze na torneira da banheira e usou para limpar o Betadine. Will abaixou o calcanhar. Sara jogou água quente na perna e no pé dele, esfregando a mancha de iodo. Aquilo estava uma bagunça. Até a toalha de mão que tinha usado para secá-lo tinha manchas amarelo-escuras do antisséptico.

— A pior parte passou — avisou Sara. — Ainda posso aplicar anestesia. Alguns dos pedaços estão profundos.

— Eu estou bem.

Sara tirou uma lanterna de uma gaveta. Encontrou as pinças na maleta. Havia vários pedacinhos pretos abaixo da superfície da pele. Ela contou três que eram mais profundos, que mais pareciam pedaços de madeira. Deveriam machucar cada vez que ele dava um passo.

Ela dobrou a toalha de mão, colocou-a no chão e se ajoelhou em cima dela para retirar os fragmentos.

Will se retraiu antes que ela o tocasse.

— Tente relaxar o músculo.

— Estou tentando.

Ela fez a oferta de novo:

— Tenho um pouco de lidocaína aqui. É uma injeção rápida.

— Eu estou bem. — A forma como agarrava o boxe dizia outra coisa.

Daquela vez, Sara tentou ser gentil. Como residente pediátrica, ela passou horas costurando suturas em pêssegos para treinar um toque mais suave em suas mãos. Mesmo assim, não havia como fazer isso em alguns tipos de machucados. Will continuava estoico, mesmo quando ela tirava um pedaço de madeira do tamanho de um palito de dente da ferida aberta.

— Desculpe — repetia ela, porque odiava pensar que o estava machucando. Ao menos odiava agora. — Esse está realmente fundo.

— Tudo bem. — Ele soltou a respiração, mas só para poder dizer: — Seja rápida.

Sara tentou, mas não ajudou a batata da perna de Will estar como um bloco de concreto. Ela se lembrava da primeira vez que o viu de short. Sentiu uma onda de calor ao ver aquelas pernas esguias e musculosas. Ele corria oito quilômetros por dia, cinco dias por semana. Na maioria das vezes, entrava no colégio do bairro, onde subia e descia os degraus do ginásio. Havia esculturas em Florença menos definidas que aquele corpo.

— Sara?

Ela olhou para ele.

— Eu poderia ter colocado fechaduras mais fortes nas portas. Uma trava. Um alarme. Desculpa por não ter feito isso. Fui negligente com você.

Sara trabalhou com cuidado no último fragmento. Agora que ele estava falando sobre aquilo, Sara não queria ter aquela conversa. Ela se sentou sobre os calcanhares. Largou as pinças. Deixou os óculos pendurados no pescoço. Will estava parado na frente dela de cueca. Os braços ainda estavam levantados acima da cabeça. O álcool dentro dela sugeria que havia uma forma fácil de continuar com a noite.

— Todo mundo me fala como é perder alguém — confessou Will.

Sara pegou o rolo de faixa e um pouco de gaze nova.

— Faith me contou sobre o pai dela que morreu. Amanda me contou sobre sua mãe. Sabia que ela se enforcou?

Sara negou com a cabeça enquanto amarrava a faixa ao redor da perna de Will.

— Vou dizer a mim mesmo que Angie está aonde ela sempre vai quando me deixa. Onde quer que seja.

Sara se levantou. Lavou as mãos.

Will começou a colocar a calça.

— Acho que vou ficar bem se conseguir fazer isso. Só falar para mim mesmo que ela não morreu de verdade. Dessa forma, quando ela não voltar, não vai importar. Será como todas as outras vezes.

Sara fechou a torneira. Havia um tremor em sua mão, mais como uma vibração que estava correndo por todo o corpo, como se um alfinete tivesse tocado seus nervos.

— Quer saber como foi quando meu marido morreu? — Sara levantou a cabeça. Havia contado a história, mas não os detalhes. — Sentia como se alguém tivesse enfiado a mão dentro do meu peito e arrancado meu coração.

Will fechou o zíper da calça. Estava com a expressão vazia. Ele realmente não tinha ideia do que a morte de Angie ia fazer com ele.

— Eu me senti vazia — continuou ela. — Como se não houvesse nada dentro de mim. Eu queria me matar. Eu *tentei* me matar. Sabia disso?

Will parecia espantado. Ela havia contado sobre as pílulas, não sobre suas intenções.

— Você falou que foi um acidente.

— Sou médica, Will. Sabia o que fazer. Ambien. Hidrocodona. Tylenol. — As lágrimas começaram a cair. Agora que as palavras estavam saindo, ela não conseguia pará-las. — Minha mãe me encontrou. Ela chamou uma ambulância e eles me levaram ao hospital, e as pessoas que trabalhavam comigo, pessoas que me conhecem há muito tempo, tiveram de fazer uma lavagem em meu estômago para que eu não morresse. —

Os punhos dela estavam fechados. Ela queria agarrá-lo, dar uma chacoalhada e fazer com que entendesse que a morte não era o tipo de coisa que você fingia que não existia. — Implorei para que me deixassem morrer. Eu queria morrer. Eu o amava. Ele era minha vida. Era o centro do meu universo. Quando ele morreu, foi o fim. Não havia mais nada para mim.

Will enfiou os pés nos tênis. Ele estava ouvindo, mas não escutando.

— Angie está morta. Foi brutalmente assassinada.

Ele nem piscou com as palavras dela. Há quatro anos, se alguém tivesse falado a mesma coisa sobre Jeffrey, Sara teria desmaiado.

— Ela foi a pessoa mais importante da sua vida por trinta anos. Não pode simplesmente falar que ela está de férias, que vai voltar da praia bronzeada. Não é assim quando se perde alguém. Você vê a pessoa nas esquinas. Ouve sua voz no outro quarto. Quer dormir o tempo todo, assim pode sonhar com ela. Não quer lavar suas roupas ou seus lençóis para conseguir sentir o cheiro dela. Fiz isso por três anos, Will. Todo dia durante três anos. Eu não vivia. Eu estava atravessada pelas emoções. Queria estar morta como ele até que...

Sara parou no último segundo.

— Até que o quê?

Segurou a garganta com a mão. Sentia que estava se equilibrando sobre um penhasco.

— Até que o quê? — repetiu ele.

— Até que passou tempo suficiente.

O pulso dela pulava abaixo dos dedos. Ela estava brava. Estava aterrorizada. Estava sem ar por aquelas palavras cruas e se sentia uma covarde por não contar a ele exatamente o que tinha transformado sua vida.

Ela não conseguia.

— Você vai precisar de um tempo para se recuperar. — O que ela estava falando era: “Você vai precisar de um tempo longe de mim e não acho que meu coração vai conseguir aguentar isso.”

Will arrumou as meias com cuidado. Ele as dobrou em dois.

— Sei que você nunca vai me amar da forma como o amou.

Sara foi pega de surpresa.

— Isso não é justo.

— Talvez. — Ele enfiou as meias no bolso da calça. — Acho que eu deveria ir.

— Também acho. — As palavras saíam sem filtro da boca dela. Sara reconhecia sua voz. Simplesmente não sabia por que tinha dito aquilo.

Will esperou que ela saísse do caminho para passar.

Ela o seguiu até a sala. Tinha perdido o equilíbrio interno. Tudo tinha mudado, mas ela não conseguia entender como.

— Não sei se tenho emprego. — Ele estava conversando como se nada tivesse acontecido. — Mesmo se tiver, Amanda não vai me deixar nem chegar perto do caso. Faith está seguindo a pista de Palmer com Collier.

Will pegou Betty.

— Provavelmente ficarei com o trabalho de preencher relatórios.

Sara fazia de tudo para manter o autocontrole.

— Só vou receber o exame toxicológico de Harding daqui a uma semana.

— Não deve ser importante. — Ele pegou a correia de Betty e prendeu na coleira dela. — Certo. A gente se vê depois.

Will fechou a porta ao sair.

Sara encostou um ombro na parede para ter algum apoio. Seu coração estava batendo no peito. Ela se sentia tonta.

O que tinha acabado de acontecer?

Por que ele tinha ido embora?

Por que ela havia deixado que ele fosse embora?

Sara colocou as costas na parede. Deslizou para o chão. Olhou para o relógio. Ainda era muito tarde para ligar para a Tessa. Sara nem sabia o quealaria. Tudo tinha avançado de forma tão rápida. Will estava tendo algum tipo de colapso nervoso?

E Sara?

Ela falou muito sobre Jeffrey. Sara sempre ficava balançada quando se tratava das lembranças de seu marido. Ela não queria negar o tempo deles juntos, mas não queria esfregar na cara de Will também. Will realmente achou que ela estava dizendo que não conseguia superar a morte do marido? Há quatro anos, Sara teria acreditado que era verdade.

Até ter encontrado Will.

Foi disto que ela não quis falar no banheiro: que Will tinha mudado tudo. Que ele tinha feito com que ela vivesse de novo. Que era a vida dela e a ideia de perdê-lo que a deixava aterrorizada. A vergonha de sua covardia era igual ao seu arrependimento. Tinha ficado com medo porque não havia sentido em falar que ela o amava se ele ia deixá-la.

Sara encostou a cabeça na parede. Olhou para o céu escuro pela janela. Havia visto a morte muitas vezes para acreditar que existiam anjos, mas, se houvesse demônios depois da morte, Angie Polaski estava aí fora cacarejando como uma bruxa.

Foi isso que a fez se mover; não o amor ou a necessidade, nem o desespero, mas a absoluta convicção de que não podia deixar Angie vencer.

Sara se levantou. Pegou a bolsa. Os cachorros se levantaram, querendo uma caminhada, mas ela os deixou de lado quando saiu do apartamento. Não se preocupou em trancar. Apertou o botão do elevador. Apertou de novo. Olhou para o painel iluminado no alto. O carro estava parado no térreo. Ela se virou para a escada e o viu.

Will estava parado ao lado da porta dela.

Betty estava ao lado dele.

— O que foi? — perguntou ele.

De todas as perguntas mais idiotas...

— Achei que você tinha ido embora.

— Achei que você queria que eu fosse.

— Eu só falei aquilo porque você falou. — Ela balançou a cabeça. — Sei que parece estúpido. *É* estúpido. Foi estúpido.

Ela queria se aproximar dele. Queria abraçá-lo. Fazer com que os últimos dez minutos desaparecessem.

— Por que ainda está aqui?

— É um país livre.

— Will, por favor.

Ele deu de ombros. Olhou para sua cachorra.

— Não tenho muita experiência com términos, Sara. Você deveria saber disso.

— Você ia esperar aqui fora a noite toda?

— Eu sabia que você ia levar os cachorros para passear antes de dormir.

Um som de sino. As portas do elevador se abriram.

Sara ficou parada no lugar. Sentiu um formigamento de novo. Estava de volta ao penhasco, os dedos balançando. Ela respirou fundo.

— Não amo você menos do que amei Jeffrey, Will. Amo você de uma forma diferente. Eu amo você. — Ela não conseguia descrever. Não havia palavras. — Eu amo você.

Ele assentiu, mas ela não conseguia saber se tinha entendido.

— Temos que conversar sobre isso — falou ela.

— Não temos, não. — Ele se aproximou dela. Segurou seu rosto. O toque dele era como um bálsamo. Acariciou a testa dela. Enxugou as lágrimas. Mexeu em suas bochechas. Ela perdeu o fôlego quando o dedo dele passou por seus lábios. — Quer que eu pare?

— Quero que faça isso com a sua boca.

Eles se beijaram com delicadeza. Não havia paixão, só a necessidade absurda de reconexão. Will a puxou para perto. Sara enterrou o rosto no aconchego do pescoço dele. Passou os braços pela cintura dele. Sentiu como ele relaxava. Eles ficaram

abraçados, parados do lado de fora da porta aberta do apartamento dela, até que o celular dela fez um barulho.

Fez outro barulho.

E outra vez.

Will se separou dela primeiro.

Relutante, Sara pegou a bolsa no chão.

Os dois sabiam que Amanda enviava mensagens uma atrás da outra, assim como sabiam que só havia uma razão para que ela procurasse Sara depois das oito da noite.

Ela encontrou o celular. Passou o dedo pela tela.

AMANDA: PRECISO VC AGORA CARRO ANGIE ENCONTRADO SOMMERSET 1885

AMANDA: CÃO POLICIAL ENCONTROU CHEIRO PORTA-MALAS

AMANDA: NÃO CONTE P/ WILL

Sara contou para ele.

CAPÍTULO OITO

WILL SE SENTOU AO LADO de Sara na BMW dela. Ela estava sendo forte para ele. Silenciosa, mas forte. Eles só falaram sobre logística desde que ela tinha lido as mensagens de Amanda.

Sabe onde fica isso? Quer que eu dirija?

Sara entrou na rua Spring. A noite já tinha caído. O painel do carro lançava uma luz branca no rosto dela. Will agarrou a mão dela o mais forte que era possível sem quebrar osso algum. Ele ainda se sentia meio entorpecido, exceto em alguns lugares. Parecia haver um elefante em seu peito. A dor era física, sufocante. O braço estava doendo. Ou talvez só doesse porque antes Faith tinha perguntado se doía. Ou talvez ele estivesse começando a compreender, porque era isso o que todo mundo ficava falando que ia acabar fazendo.

Cães policiais eram treinados para detectar o odor de decomposição. Eles encontraram o cheiro no porta-malas de Angie. Isso significava que todo mundo estava pensando que Angie estava morta.

Era verdade? Angie estava morta?

A pessoa mais importante da sua vida por trinta anos.

A *única* pessoa em sua vida por trinta anos.

Esse era o único fato irrefutável.

Will tentou se concentrar naquele momento no porão, em todos os anos que Angie o tinha abraçado e confortado. Nada. Ele tentou lembrar a vez que eles viajaram de férias juntos. Eles discutiram sobre que caminho tomar. Discutiram sobre onde comer. Discutiram sobre quem era mais briguento.

“Seu idiota” foi a última coisa que ela falou para ele naquela noite, e na manhã seguinte tinha ido embora.

Era terrível viver com Angie. Ela estava sempre quebrando algo, pedindo coisas emprestadas, nunca colocava as coisas dele no lugar certo. A mente de Will se esforçou para conseguir uma única memória boa, mas só via aquela estática das televisões antigas quando a estação saía do ar.

Sara apertou a mão dele. Ele olhou para os dedos intercalados. Uma das primeiras coisas que notou em Sara era como seus dedos eram compridos e graciosos. Ele não sabia se isso era por ser cirurgiã ou simplesmente porque tudo nela era lindo.

Ele observou o rosto dela. O queixo fino. O narizinho de boneca. O longo cabelo ruivo que estava preso em um redemoinho no alto da cabeça.

Ela normalmente soltava o cabelo ao chegar do trabalho. Will sabia que era por causa dele, que ela se irritava com o cabelo caindo nos olhos. Sara tinha de ficar colocando o cabelo para trás, e ele nunca falava para ela prender, porque era um egoísta.

Todo relacionamento, romântico ou não, tinha certo nível de egoísmo. Aumentava ou diminuía dependendo de quem era mais forte ou de quem mais precisava. Amanda absorvia o egoísmo como uma esponja. Faith abria mão dele rápido. Angie enfiava a mão na sua garganta, agarrava e depois dava um chute no seu saco por pensar que poderia ter ficado com o que era dela.

Will sempre pensou que ele e Sara compartilhavam uma equivalência emocional, mas será que ele era o egoísta da relação? Ele tinha mentido para ela sobre o que acontecera com Angie no sábado anterior. E sobre a carta que Angie deixara na caixa postal para ele. E sobre a conta conjunta com Angie. E sobre não fazer tudo que poderia para encontrá-la.

“Angie. Angie. Angie.”

Ela estava morta. Talvez. Provavelmente. Ele poderia recomeçar do zero. Pela primeira vez em trinta anos, a confidente, a torturadora, a fonte de apoio e de dor de Will desaparecera.

Ele tremeu.

Sara desligou o ar-condicionado.

— Você está bem?

— Estou.

Will olhou pela janela, assim ela não poderia ver o rosto dele. O elefante imaginário pareceu se mexer em seu peito. Will quase conseguia sentir suas costelas dobrarem com a pressão. Sua visão começou a falhar. Ele abriu a boca e tentou puxar o ar.

Estavam em Midtown. As luzes do lado de fora machucavam os olhos dele. Seus ouvidos zumbiam com o ventilador soltando ar frio. Havia música. Vozes femininas suaves em harmonia ao som de um violão. Sara nunca desligava o rádio, ela só abaixava o volume.

Soltou a mão dele para ligar o pisca-alerta. Chegaram a Sommerset, 1885. Em vez de um prédio, encontraram uma casa, uma grande casa estilo Tudor que ocupava meio quarteirão da cidade. O jardim chegava quase até a rua, com grama bem-cortada e flores bem-cuidadas que chegavam aos degraus de pedra.

O carro de Angie foi encontrado em uma funerária.

Sara parou no estacionamento. Uma velha picape com um labrador amarelo no banco do passageiro estava deixando a cena. O cão farejador. Havia uma patrulha estacionada na grama. O policial estava sentado atrás do volante digitando em um laptop montado no painel. Will reconheceu o Suburban de Amanda e o Mini Cooper vermelho de Faith. Charlie Reed estava com sua van branca, mas por alguma razão permanecia sentado atrás do volante em vez de processando o carro de Angie. O Dodge Charger preto pertencia a Collier e Ng. A AIG estava no comando, mas o carro de Angie fora encontrado nos limites da cidade de Atlanta e havia uma investigação por assassinato ainda em andamento.

Os dois detetives estavam sentados na capota do carro como naquela manhã. Ng ainda usava os óculos escuros. Ele mexeu o queixo quando Will saiu do carro. Collier acenou, mas Amanda deve ter dado ordens restritas para que ficassem longe, porque nenhum deles se aproximou.

O Monte Carlo SS de Angie estava estacionado em uma vaga para deficientes na frente do prédio. Ela estacionava na vaga de deficientes, simplesmente porque fazia esse tipo de coisa. Havia uma fita amarela isolando a área do crime. O porta-malas estava aberto. A porta do motorista estava aberta. Mesmo a vinte metros de distância, Will conseguia sentir o doce cheiro da morte. Ou talvez fosse como a dor no braço. Ele só sentia o cheiro porque alguém tinha enfiado esta ideia na mente dele.

Amanda saiu de uma porta lateral. Era estranho que não tivesse seu BlackBerry na mão. Tinha muitos motivos para gritar com Will naquele momento, mas não gritou.

— Uma patrulha viu o carro de Angie há uma hora. A funerária fechou às seis, mas há um estagiário que dorme aqui para atender chamadas noturnas.

— Um estagiário? — Will tentou fazer as perguntas de um policial.

— Da escola mortuária daqui. — Amanda cruzou os braços. — Ele estava pegando um corpo em um asilo quando a polícia encontrou o carro de Angie. Faith está conversando com ele na capela.

Will examinou a casa. Imaginou que a grande estrutura de dois andares no final era a capela.

— O policial sentiu um cheiro — continuou Amanda. — Abriu o porta-malas usando o trinco de dentro do carro. Chamou o cão policial, que sentiu o cheiro imediatamente.

Will olhou para o carro de novo. Estava atravessado. Abandonado às pressas. As janelas estavam abertas. Visualizou uma imagem em sua mente: Angie caída sobre o volante. Ele piscou e a imagem desapareceu.

— Will? — chamou Sara.

Ele olhou para ela.

— Por que está esfregando o peito?

Will não tinha percebido que estava fazendo aquilo. Ele parou.

— Há radares de placas na Spring e na Peachtree — disse ele para Amanda.

Ela assentiu. Radares por toda a cidade seguiam o movimento do trânsito e procuravam placas de veículos roubados ou suspeitos.

— Os dados estão sendo enviados para a análise da TI.

Will olhou para a rua. A Sommerset com a Spring era uma esquina movimentada. Midtown era muito monitorada, todo grande cruzamento tinha uma câmera.

— Pedimos as gravações do Departamento de Trânsito e do DPA — avisou Amanda.

— Vamos repassar tudo assim que chegar. Há equipes de busca a caminho.

Will falou o que ela já sabia.

— Alguém deixou o carro aqui. Eles teriam de estar em outro carro ou...

— Todo mundo no estado está procurando Delilah Palmer.

Will tinha esquecido a esposa ou filha (ou as duas coisas) de Dale Harding. Palmer era uma jovem prostituta com problema com drogas. Crescera no sistema. Foi explorada pelo único pai que havia conhecido. Ela poderia ter sido Angie há vinte anos, exceto que Angie tinha conseguido se virar. Ou pelo menos era o que parecia. Will não tinha certeza se ela conseguira escapar de nada.

A mão de Sara estava nas costas dele.

— Você está bem?

Will caminhou até o carro. O cheiro ficava mais forte quando se aproximava. Não era preciso um cachorro para saber que algo ruim tinha acontecido ali. Ele parou na frente da fita amarela de isolamento. O porta-malas do carro estava forrado com o tapete colorido áspero e escuro que ele tinha comprado em rolo na Pep Boys. Tinha passado horas inclinado forrando o porta-malas, alinhando as costuras, colando tudo no lugar certo.

Amanda iluminou o porta-malas com uma lanterna. Havia uma mancha escura no carpete, um pouco fora do centro. A única coisa que tinha ali era uma garrafa plástica vermelha de fluido de transmissão.

Will se ajoelhou. Examinou o chão embaixo do carro. A transmissão estava pingando. O carro era dele agora. Teria de consertá-lo antes de vender.

— Will? — Sara colocou a mão no ombro dele. Ajoelhou-se ao seu lado. — Olhe para mim.

Ele olhou para ela.

— Acho que deveríamos ir. Não tem nada aqui.

Will se levantou, mas não foi embora. Foi até o lado do motorista. A porta estava aberta. Havia meia garrafa de tequila no chão. Um baseado no cinzeiro. Papel de bala. Chiclete. Angie adorava doces.

— Estava assim quando o policial encontrou? — perguntou ele para Amanda.

Ela assentiu.

A porta aberta chamaria a atenção de quem passasse, o que significava que o carro tinha sido abandonado para ser encontrado mais cedo ou mais tarde. Will pegou a lanterna de Amanda. Iluminou o carro. O interior era cinza-claro. O câmbio manual sobressaía do chão entre os bancos da frente. Ele viu sangue no volante. Sangue no banco do motorista. Sangue no círculo branco no alto do câmbio preto. Era uma bola de sinuca. Angie tinha se inspirado em uma revista. Aquilo foi antes da internet. Will fora a três lojas diferentes antes de encontrar um adaptador para conseguir prendê-la no ferro.

Ele virou a lanterna, examinando o banco de trás. Mais sangue, quase preto por ficar torrando ao sol o dia todo. Havia uma mancha na maçaneta da porta. Pequena demais para uma digital. Talvez um punho fechado empurrando. Talvez um último movimento desesperado para escapar. Alguém tinha deitado sangrando no banco traseiro. Alguém tinha deitado sangrando no porta-malas. Alguém tinha estado sangrando ou coberto de sangue quando levaram o carro.

— Dois corpos e o motorista? — questionou ele.

É claro que Amanda pensara naquilo.

— Ela poderia ter sido levada do banco traseiro para o porta-malas.

— Ainda sangrando? — indagou ele. Isso significava que ela ainda estaria viva.

— Gravidade — disse Sara. — Se havia uma ferida no peito e ela estava de lado, dependendo de como estivesse posicionada, essa quantidade de sangue pingando no *post mortem* seria esperada.

— Ela — disse Will — e Delilah Palmer?

— Mandei alguém ao hospital para verificar o tipo de sangue. Ela teve uma overdose no ano passado. É O positivo. Angie é B negativo. — A mão de Amanda estava no braço dele. Tinha tentado deixá-lo trabalhar sozinho, mantendo Charlie em sua van, afastando Collier e Ng, mas agora ela ia falar a verdade. — Wilbur, sei que é difícil ouvir isso, mas tudo aponta para Angie. O tipo de sangue dela estava espalhado por toda a cena do crime. Encontramos a bolsa dela, a arma dela. Esse é o carro dela. Charlie já processou o tipo de sangue para mim. O banco de trás, o porta-malas e o banco da frente são todos B negativo. Vamos verificar o DNA o mais rápido possível, mas pela raridade do tipo de sangue, o mais provável é que seja de Angie. E é muito sangue, Will. Sangue demais para que uma pessoa possa sobreviver.

Will refletiu sobre as palavras dela. A mancha no porta-malas estava na área que se esperaria de uma ferida no peito. Borrifos arteriais marcavam as paredes da sala em que Dale Harding morreu. As artérias estavam no coração. O coração estava no peito.

Ele tentou imaginar um cenário possível. Angie estava no banco traseiro, sangrando até a morte. O motorista, algum cara que ela chamara — porque sempre tinha um cara para quem ela podia ligar —, estaria tentando ajudá-la, desesperado, até perceber que era tarde demais. E aí a teria colocado no porta-malas porque não podia dirigir pela cidade com uma mulher morta no banco de trás do carro. Então, esperara até o pôr do sol e trouxera o carro ali.

— O gerente está a caminho. — Faith veio andando por um caminho iluminado. Tinha um caderno espiral aberto na mão. Ela olhou para Will, depois voltou a olhar para o caderno.

— E? — perguntou Amanda.

Faith olhou suas anotações.

— Temos Ray Belcamino, vinte anos, homem, branco, sem passagem pela polícia. Estudante em Gupton-Jones. Ele bateu o ponto aproximadamente às 17h15 para um turno de cinco horas e meia. Seus registros dizem que saiu daqui três vezes, uma para ir ao hospital Piedmont às 18h43, outra para o asilo Sunrise às 19h02, e uma terceira, um alarme falso, às 20h22. — Faith levantou a cabeça. — Aparentemente, é comum que outros estagiários façam ligações de brincadeira.

— Claro que é — comentou Amanda.

— Todas as três vezes, Belcamino usou a entrada comercial perto da capela, atrás da cerca. Há um elevador de serviço que desce até o porão. Ele não consegue ver o estacionamento pela cerca. Dirigiu para o oeste todas as vezes, então não passou pelo estacionamento e não viu o carro.

— Câmeras de circuito interno? — indagou Amanda.

— Seis, mas estão voltadas para as portas e janelas, não para o estacionamento.

— Você verificou o lixo? — quis saber Will.

— A primeira coisa que fiz. Nada.

— Havia alguma porta arrombada? — perguntou ele.

— Não, e há um sistema de alarme. Todas as portas e janelas estão conectadas.

— Como o elevador é acessado?

— Há um teclado numérico.

— Dá para ver o teclado numérico por trás da cerca? — quis saber Will.

— Dá. E desliga o alarme também.

— Aonde você quer chegar? — perguntou Amanda.

— Por que trazer um carro com um corpo no porta-malas para uma funerária?

Todos olharam para o prédio.

— Eu vou — disse Faith. — Esperem aqui.

Will não esperou. Não correu também, mas a largura de seus passos era o dobro da de Faith. Chegou à capela antes dela. Abriu a porta antes dela. Passou os bancos, caminhou até o altar e encontrou a porta que levava ao fundo da funerária antes dela.

A parte de trás era feia. O teto estava descascado, o piso também. Havia um longo corredor que percorria toda a parte de trás do imóvel. Duas grandes portas de elevador vigiavam no final. Will sabia que deviam existir portas idênticas do lado de fora, e por ali os corpos eram transportados para o porão. Ele foi até o elevador, supondo que havia uma escada. Faith estava logo atrás dele. Ela corria para alcançá-lo, então Will começou a correr para que ela não conseguisse.

A escada de metal era velha e barulhenta. Os passos dele estremeciam o corrimão. No fundo, havia um patamar com uma porta dupla. Will entrou em um pequeno escritório, mais parecido com um vestibulo. Então, viu outra porta dupla atrás de uma mesa de madeira, e sentado à mesa um jovem que só poderia ser Ray Belcamino.

O rapaz pulou. Seu iPad caiu no chão.

Will tentou abrir a porta dupla. Trancada. Sem janelas.

— Quantos corpos você tem aqui?

Os olhos de Belcamino se viraram para Faith quando ela passou pela porta.

Ela estava sem ar.

— Preciso dos seus registros. Temos de combinar cada corpo com um nome.

O rapaz parecia em pânico.

— Está faltando algum?

Will queria agarrá-lo pelo colarinho.

— Precisamos saber quantos corpos.

— Sete — respondeu ele. — Não, oito. Oito. — Ele pegou o iPad. Começou a tocar na tela. — Os dois dessa noite, mais três dessa semana, um que está sendo processado, dois esperando cremação.

Faith agarrou o iPad. Ela olhou a lista.

— Não reconheço nenhum dos nomes — disse para Will.

— Que nomes? — Belcamino tinha começado a suar. Ou ele sabia, ou suspeitava de algo. — Qual é o problema?

Will o empurrou contra a parede.

— Com quem você está trabalhando?

— Ninguém! — O pânico era evidente em sua voz. — Aqui! Eu trabalho aqui!

A porta dupla se abriu. Amanda, depois Sara, depois Charlie entraram no pequeno cômodo.

— Onde você guarda os corpos? — questionou Amanda.

— Tem um botão para abrir. — Ele olhou para a mesa. Will o largou. Belcamino enfiou a mão embaixo da mesa e encontrou o botão. As portas do fundo se abriram.

Paredes verde-claras. Chão de linóleo verde-escuro. Cheiro de produtos químicos. Luzes ofuscantes. Teto baixo. Do tamanho de uma sala de aula. Havia um corpo na frente da sala. Um homem velho. Pele enrugada. Tufos brancos de cabelo. Um pano cobria seus genitais. Tubos saíam de seu pescoço e o conectavam a uma máquina com uma vasilha.

O freezer estava no fundo. Portas grandes de aço inoxidável. Janelas de vidro reforçadas. Amanda apertou um botão verde iluminado para abrir a porta.

Will cruzou a sala. Era a segunda vez naquele dia que ele ia em direção ao desconhecido, pensando que ia encontrar o corpo de Angie. Sua visão ficou aguçada. Os ouvidos percebiam cada som.

A porta do freezer fez um som alto de metal. O ar frio começou a sair das bordas. Um braço automático abria a porta bem devagar. Will tinha trabalhado em um mercado antes. A geladeira onde mantinham as comidas congeladas não era diferente. Prateleiras para todo lado. Seis fileiras do chão ao teto. Cerca de 4,5 metros de profundidade, talvez três metros de altura. Em vez de sacos de ervilhas, havia sacos pretos com corpos.

Quatro de um lado. Quatro do outro.

— Que merda! — Belcamino arrancou uma prancheta da parede. Correu para o freezer. Verificou as etiquetas nos sacos com a lista. Estava no último corpo quando parou. — Este não tem etiqueta.

Will começou a ir na direção dele. Sara o segurou pelo pulso.

— Você sabe que não pode encontrá-la.

Ele *tinha* encontrado. Tinha descoberto por que o carro estava na funerária. Tinha levado todos eles ao porão. Não podia parar agora. O saco estava a menos de três metros. As prateleiras eram apertadas. O nariz de Angie devia estar a menos de trinta centímetros do cadáver acima dela. Ela era claustrofóbica. Tinha pavor de espaços apertados.

— Will — a mão de Sara segurou o braço dele —, você precisa deixar que eles cuidem dela, está bem? Deixe Charlie fazer o trabalho dele. Ele precisa tirar fotografias. O saco precisa ser preservado por causa das digitais. Pode haver traços de evidências no chão. Temos de fazer do jeito certo ou nunca seremos capazes de descobrir por que ela foi deixada aqui.

Ele sabia que tudo aquilo era verdade, mas não conseguia sair dali.

— Vamos. — Ela puxou o braço dele.

Ele deu um passo para trás, depois outro.

Charlie abriu a maleta que carregava. Tirou um par de protetores de sapatos, depois luvas. Colocou um cartão novo na câmera. Verificou a bateria, confirmou a data e a hora.

Começou do lado de fora do freezer, entrando lentamente. Fotografou o saco de todos os ângulos, ajoelhando-se, inclinando-se sobre os outros corpos. Usou sua régua para ter uma noção da escala. Deixou cartões marcados no que parecia interessar.

— Pegue uma maca. O espaço é muito apertado. Vamos precisar tirá-la daqui para abrir o saco — disse ele para Belcamino, depois do que pareceu uma hora de trabalho.

Belcamino desapareceu na outra sala. Voltou com uma maca. Um lençol branco estava dobrado no centro. Chutou as rodinhas para ficarem retas e forçou a maca para subir a pequena rampa que levava ao freezer.

Charlie entregou um par de luvas para ele.

Obviamente, transportar corpos era um trabalho que Belcamino fizera sozinho antes. Ele levantou o saco preto para a maca como se estivesse movendo um tapete enrolado. Will não conseguiu olhar, porque ia ter de dar um soco no garoto se tivesse de olhar para ele mais um segundo.

Ouviu a maca rolando, a porta do freezer se fechando com um barulho. *Tunk*.

— Obrigado, sr. Belcamino — disse Amanda. — Pode esperar lá fora.

Belcamino saiu da sala sem falar nada.

Charlie tirou mais fotografias. Arrastou uma escadinha que estava encostada na parede. Subiu e tirou mais fotos. Usou a régua novamente para documentar a escala.

Will olhou para os contornos do saco preto. Não conseguia entender bem o que havia dentro. Percebeu, então, que o corpo estava de lado, que quem o tirou do porta-malas o deixara na mesma posição em que tinha morrido.

Angie sempre dormia de lado, perto dele, mas sem tocá-lo. Às vezes, à noite, sua respiração fazia cócegas no ouvido dele, e ele tinha de se virar para continuar a dormir.

— Faith? — Charlie estendeu um par extra de luvas. Os dedos ficaram parados no ar por um segundo antes de Faith finalmente agarrá-la.

As mãos dela estavam suadas. Teve dificuldade para colocar as luvas. A boca estava fechada. Ela odiava cadáveres. Odiava estar em um necrotério. Odiava autópsias.

Agarrou o zíper e começou a puxar.

O som era como se algo se rasgasse. Algo se dividindo em dois. Algo se rompendo. O corpo estava de costas para ele. Will viu o cabelo escuro. Castanho, a mesma cor do de Angie. O ombro desnudo da mulher foi revelado. A curva de sua coluna. O arco do quadril. Suas pernas estavam dobradas. As mãos entre os joelhos. Os dedos dobrados, as solas dos pés cortadas.

Faith sentiu-se sufocada. O cheiro era terrível, pútrido. O corpo tinha ficado no porta-malas durante horas, assando no sol. O calor acelerou a decomposição. A pele

estava dessecada. O corpo humano é feito da mesma fibra e do mesmo tecido que qualquer outro mamífero. Libera fluidos quando exposto ao calor.

Charlie abriu o restante do saco. Uma gota de sangue cor-de-rosa, por causa do colesterol, se espalhou pelo chão.

Faith sentiu ânsia de novo. Tampou o nariz com as costas da mão. Entrecerrou bem os olhos. Estava parada do outro lado da maca. Tinha visto o rosto. Ela balançou a cabeça.

— Não dá para dizer que é ela. Ela...

— Apanhou muito — completou Charlie.

Will olhou para a parte de trás do corpo, as costas com manchas que pareciam fuligem. O mesmo padrão aparecia nas pernas. Nas solas dos pés.

— Água sanitária — disse Sara.

O cheiro saía do saco.

— Mas não a limpavam. Parece que jogaram água sanitária sobre ela. Quase esguichada.

— Está sem as roupas — notou Amanda. — Alguém estava preocupado em não deixar rastros.

— Ela esteve em outro lugar, além do carro — observou Faith.

— Parece que alguém bateu com um bastão no rosto dela. — Charlie fez um exame superficial. — Contusões e lacerações no rosto e no pescoço. Arranhões de unhas. Parece que ossos foram quebrados. — Ele se ajoelhou com a câmera, deu um zoom na cabeça, no pescoço, no peito, no torso. — Múltiplas feridas de faca. Ela tem alguma marca que a identifique? Tatuagens? — perguntou a Will.

Will fez que não com a cabeça.

Então se lembrou.

O tempo avançava aos saltos, como se alguém tivesse apertando o botão de *fast forward* em sua vida. Will estava se afastando de Sara. Caminhando até a maca. Empurrando Charlie de lado. Estava olhando o corpo, as manchas escuras, os cortes, a pele escura e lá estava: uma pinta em seu peito. Era o mesmo lugar? Por que não conseguia se lembrar de onde deveria estar a pinta?

Ele ficou de joelhos. Olhou para o rosto dela.

Inchado. Irreconhecível.

A cabeça estava o dobro do tamanho normal, marcas pretas e vermelhas por todo o rosto. Os lábios soltavam fluido. O nariz estava de lado. Mais como uma máscara de Halloween do que um rosto.

Era Angie?

Ele *sentia* que era Angie?

O vazio dentro de Will nunca tinha desaparecido de verdade. Ele não sentia nada ao olhar para aquela mulher. Percebeu as coisas que notaria em qualquer caso. Homicídio doméstico. Violência. Ataque. Boca aberta. Dente quebrado. Lábios rachados e inchados como uma fruta muito madura. Suas pálpebras eram grossas, consistência de pão molhado. Veias azuis e artérias vermelhas por toda a pele quase transparente. Sua bochecha foi cortada com uma faca muito afiada ou uma navalha. A pele se abria como a página de um livro. Ele viu o tecido, os tendões, o branco dos ossos.

Olhou para as mãos. Estavam unidas entre os joelhos dobrados. O calor rachou os dedos. A decomposição rachou a pele. Um líquido claro parecia sair pelas articulações. O anel ao redor do dedo tinha quebrado.

A aliança de Angie.

Plástico verde com um girassol amarelo brilhante. Will tinha comprado três quartos de uma máquina de chiclete antes de conseguir o anel. O desafio era que Angie se casaria com ele se conseguisse o anel antes de esvaziar a máquina. Ela sempre cumpria suas promessas. Ela se casara com ele. Eles ficaram juntos por dez dias até que um dia ele voltou do trabalho e descobriu que todas as roupas dela tinham desaparecido.

Will abriu a boca. Respirou fundo.

— Will? — chamou Amanda.

Will fez que não com a cabeça. Isso não estava certo. Alguém tinha plantado o anel. Ele saberia, por intuição, se fosse Angie. Ele se levantou.

— Não é ela — afirmou.

— E o anel? — perguntou Faith.

Will continuou negando com a cabeça. Mais olhares foram trocados. Todos achavam que ele estava em negação, mas estavam errados. Talvez, quando estava do lado de fora olhando para o carro ensanguentado, ouvindo Amanda repassar as provas, tinha se permitido pensar que poderia ser Angie, mas ao estar na mesma sala com aquele corpo, aquela estranha, tinha certeza de que ela ainda estava viva.

Foi o que Sara disse. Ele não sentia o vazio. Não sentia uma ausência no coração.

— Tenho um scanner de impressões digitais portátil — disse Charlie.

— Os dedos dela estão rachados. Vai ser difícil conseguir uma impressão.

— Ainda podemos tentar, mas teremos de ir para cima e conseguir sinal.

— Ela está em *rigor* completo.

Will olhou para o rosto da mulher de novo. Era como tentar ler. Ele conseguia ver pedaços, mas não o todo. As pálpebras estavam fechadas. O lábio, cortado. A mandíbula parecia presa como um cabo em uma ponte suspensa. *Rigor mortis*. A coagulação das proteínas do músculo. Começou nas pálpebras, no pescoço, na mandíbula. Todos os músculos do corpo endureceram, mantendo o cadáver imóvel.

— Isso significa que ela está morta há três ou quatro horas? — perguntou Faith.

— Mais tempo — disse Sara, mas ela não informou quanto tempo mais.

— Como vamos conseguir impressões se as mãos estão fechadas? — questionou Amanda.

— Teremos de quebrar os dedos dela.

— Seria mais fácil se estivesse de costas?

— Vou precisar de ajuda para virá-la.

Will se afastou e foi até o outro lado da sala. O velho ainda estava deitado na primeira maca. Will tentou entender o que eram aquelas máquinas. O fluido amarelo se movendo dentro da caixa. Um tubo laranja saía do fundo. Havia algum tipo de bomba funcionando. Ele ouviu o motor girando, o chiado de um movimento de ar por baixo. Um líquido estava sendo drenado. Outro líquido estava sendo injetado. Ele seguiu o tubo até a carótida do homem. O líquido passava por uma agulha grossa. Havia outro tubo do outro lado da mesa que terminava em um ralo no chão rústico.

Creck.

Como um galho sendo quebrado.

Creck.

Will ficou de costas para eles. Não queria saber quem quebrou os dedos.

Creck.

— Certo — disse Charlie. — Acho que está bom.

— Os dedos dela estão um caos — disse Sara. — Não acho que o scanner vai conseguir capturar os sulcos.

— Tentem — ordenou Amanda.

Houve um som baixo, um clique, três bipes rápidos. O scanner de impressões digitais portátil. Biométrico. Havia um módulo de injeção com um conector estilo iPhone. O módulo tinha uma base prateada. Essa base escaneava a digital. Um aplicativo no telefone processava o scan em uma imagem cinza de 256 bits e 508 dpi, depois transmitia os dados para servidores Live Scan da AIG, onde a impressão era comparada com centenas de milhares de impressões guardadas no sistema.

A única coisa necessária era o módulo e um celular com sinal.

Charlie estava segurando os dois em uma das mãos ao se encaminhar ao vestíbulo.

— É duvidoso por causa das feridas, mas podemos encontrar algo — comentou ele com Will.

Will não sabia por que essa informação fora dirigida especificamente a ele. Olhou para o relógio. Crimes violentos tendiam a aumentar por volta das dez da noite. Os servidores estariam processando milhares de pedidos. Mesmo em um dia calmo, os resultados poderiam demorar entre cinco minutos a 24 horas, e depois a AIG exigia que

as impressões fossem revisadas por um grupo de pessoas que podiam chegar a um consenso sobre se a combinação do computador estava de acordo com o nível legal de certeza necessário.

— Sara? — chamou Faith.

Algo no tom de voz dela fez Will se virar.

Faith estava parada aos pés da maca. Olhava para baixo. Os pés da morta estavam fora da mesa, congelados pelo *rigor mortis*. Suas mãos entre os joelhos tinham aberto as pernas e suas pernas abertas davam uma clara visão do que havia entre elas.

“Estupro”, pensou Will. A mulher que poderia não ser Angie não fora apenas estrangulada, surrada e esfaqueada. Sara ia dizer que ela tinha sido estuprada.

— Will? — Sara esperou que ele olhasse para ela. — Angie já teve filhos?

Ele não conseguia entender a pergunta.

— Essa mulher tem uma cicatriz de episiotomia.

Will nunca tinha ouvido a palavra antes.

— De algum ataque?

— De ter tido um bebê.

Ele fez que não com a cabeça. Angie já tinha ficado grávida antes, mas não de Will.

— Ela fez um aborto há oito anos.

— Não é assim que se consegue essa cicatriz — comentou Faith.

— É uma incisão cirúrgica no períneo durante o parto normal — explicou Sara.

— Eles cortam lá embaixo para o bebê poder sair — traduziu Faith.

Will não entendia. Era como olhar para o rosto da mulher morta. Ele reconhecia as palavras, mas não o sentido.

— Sente o peito apertado? — perguntou Sara.

Will olhou para baixo. Estava esfregando o peito de novo.

— Ele não estava se sentindo bem antes — disse Faith.

— Vocês estão erradas — afirmou Will. — Não acho que seja ela.

Sara o empurrava para trás. As portas duplas se abriram. Eles estavam bem próximos. No cômodo. Will estava sentado sobre a mesa de metal. As três mulheres estavam em cima dele, como em um pesadelo.

— Respire fundo para mim — pediu Sara.

— Tenho um pouco de Xanax — disse Amanda. Havia um frasco de comprimidos na mão dela. Rosa, com flores na tampa. Era o tipo de coisa que uma velha senhora usaria para seus saís de cheiro.

— Coloque isso embaixo da língua — mandou Sara.

Will concordou sem nem pensar. O comprimido tinha um gosto amargo. Consequia senti-lo derreter debaixo da língua. A boca se encheu de saliva. Ele teve de engolir.

— Vai demorar uns minutos.

Sara começou a esfregar suas costas como se ele fosse uma criança no hospital. Will não gostou. Odiava ser o centro das atenções.

Ele se inclinou para frente, colocando a cabeça entre os joelhos, fingindo que estava com tontura. Sara esfregou as costas dele mais um pouco. Ele cuspiu o comprimido.

— Respire. — Os dedos de Sara tocaram a mão dele. Ela estava checando a pulsação. — Você está bem.

Will se sentou.

Sara estava observando cada movimento dele. Amanda ainda tinha o frasco aberto na mão. Faith desaparecera.

— Tudo bem? — quis saber Sara.

— Não acho que seja ela — repetiu Will, mas dizer as palavras pela segunda vez fez com que se questionasse se era ou não verdade. — Ela nunca teve um bebê.

— Teve, sim — disse Amanda. Will ficou olhando a boca dela se mover. O batom estava manchado. — Há 27 anos, Angie desapareceu da casa de sua família adotiva. Três meses depois, ela apareceu no hospital. Em trabalho de parto. Teve uma menina. Ela foi embora antes que os assistentes sociais pudessem chegar.

A notícia deveria ter atingido Will como um raio, mas nada em relação a Angie poderia surpreendê-lo mais.

— Com quantos anos? — perguntou Sara.

— Dezesseis.

1989.

Will estava no orfanato. Ninguém queria um adolescente, especialmente um que era mais alto que todos os professores. Angie estava morando com um casal que vivia de cuidar de crianças. Eles tinham entre oito e quinze crianças ao mesmo tempo, empilhadas em beliches, quatro em um quarto.

— Como você sabe disso? — perguntou Will.

— Da mesma forma que sei tudo.

A voz de Amanda era dura. Eles nunca conversaram sobre o fato de que ela o seguira desde a infância e que durante toda a vida dele ela fora a mão invisível que o redirecionava sempre que ele saía da linha. Ela também havia corrigido Angie, afastando-a de Will?

— O que você fez? — quis saber ele.

— Eu não fiz nada. — Amanda guardou o frasco de novo no bolso. — Angie desapareceu. Abandonou a criança. Nada daquilo deveria surpreendê-lo.

— A bebê sobreviveu? — questionou Sara.

— Sobreviveu. Nunca descobri o que aconteceu com ela. Perdeu-se no sistema.

O formulário de casamento deles.

Angie tinha preenchido o formulário. Estava sentada na frente do cartório. O anel de girassol já estava no dedo. Angie lera as perguntas em voz alta. “Mais de dezesseis anos? *Claro*. Já tinha sido casada antes? *Não que você saiba*. Nome do pai? *Quem sabe*? Nome da mãe? *Não importa*. Parente do cônjuge pretendido? Não.” A caneta riscava o papel enquanto ela rabiscava as respostas. “Filhos? *Eu não, querido*.” Ela riu profundamente. “*Não que eu saiba, pelo menos...*”

— A menina nasceu em janeiro — informou Amanda. — Ela teria 27 anos agora. Delilah Palmer tem 22.

Sara pigarreou.

— Sabe quem é o pai?

— Não é você, Will — disse Amanda.

Will ficou pensando se seria verdade. Aquela vez no porão. Eles não tinham usado camisinha. Angie não tomava pílula. Mas, claro, Will não era o único rapaz que ela levou para o porão.

Os dedos de Sara tocaram o braço dele de novo.

— Seu pulso ainda está fraco.

Will tirou a mão e se levantou. Olhou para as portas duplas fechadas. Não precisava ver o corpo de novo para saber a verdade.

O anel de girassol. O carro. O sangue.

O anel dela. O carro dela. O sangue dela.

O bebê dela.

Angie abandonaria um bebê. Por alguma razão inexplicável, Will aceitou isso como prova de todo o resto. Angie não tinha a capacidade ou o desejo de se importar com algo todo dia pelo resto de sua vida. Sobrevivência, não empatia, era seu princípio orientador. Will tinha visto isso no sábado anterior e poderia ver isso acontecer há 27 anos com facilidade. Angie foi ao hospital. Teve o bebê. Foi embora o mais rápido possível.

E agora estava morta.

— Podemos ir para casa? — Will perguntou a Sara.

— Claro. — Ela colocou as chaves na mão dele. — Espere por mim no carro. Eu já vou.

Amanda mexia em seu BlackBerry.

— Vou falar para Faith esperar com ele.

Will entendeu que uma conversa aconteceria entre Sara e Amanda, e que ele seria o assunto, mas não tinha forças para evitar. Ainda sentia um peso enorme no peito. Havia uma pedra em seu estômago.

Ele subiu os degraus da escada. Esfregou a mão no bolso para limpá-la. O que sobrava do comprimido tinha se derretido. Um pouco do Xanax tinha entrado em seu sistema. Ele estava tonto quando chegou ao final do corredor. A boca estava seca. Tentou três portas antes de encontrar a capela. As luzes estavam apagadas, mas, entre as grandes janelas e o brilho da cidade, era fácil ver as fileiras de bancos.

Will olhou para o teto em forma de arco. Enormes candelabros desciam como joias. Tapetes cinza se entendiam pelo corredor entre os bancos. O altar era simples, um púlpito na lateral. Ele achou que era uma capela não confessional. Will tinha ido duas vezes à igreja com Sara, uma vez na Páscoa e outra, no Natal. Ela não era religiosa, mas adorava a pompa. Will ainda se lembrava de como havia ficado surpreso quando ela acompanhou a música. Ela sabia todas as palavras de cor.

Angie desprezava religião. Era uma daquelas estúpidas arrogantes que achava que todos os crentes tinham problemas mentais. Ela fora trazida aqui no porta-malas do carro. Carregada até o freezer. Sua aliança ainda estava no dedo. Estaria viva quando o anel foi colocado? Tinha pedido para ficar com o anel mesmo depois de morta?

Will sentiu uma queimação no peito. Estava esfregando a pele com força. Quais eram os sintomas de um ataque de pânico? Ele não queria perguntar para Sara porque ela enfiaria outro comprimido em sua boca.

Por que ela tinha feito aquilo? Sabia que ele odiava qualquer coisa mais forte que uma aspirina. Odiava ainda mais que ela o tivesse visto transtornado. Ele agira como uma criança patética. Ela nunca mais ia querer fazer sexo com ele.

Will se sentou nos degraus do altar. Tirou o celular do bolso traseiro. Em vez de procurar no Google por “ataques de pânico”, deitou no tapete. Olhou os cristais brilhando no candelabro. O peso começou a deixar seu peito. Seus pulmões se encheram de ar. Ele estava flutuando. Era o Xanax. Will não gostou daquilo. Perder o controle não era nada bom.

Delilah Palmer. Ela poderia estar na boate de Rippy quando Harding morreu. Poderia ter tentado salvar Angie. Poderia ter trazido o corpo de Angie até ali. Poderia ter ligado o alarme falso para que Belcamino saísse e ficou olhando o que ele digitava no painel de segurança do elevador. Uma ida até o porão. Outra de volta. Ela deixaria o carro de Angie ali. Iria até seu carro alugado e não olharia para trás.

Os olhos de Will não ficavam abertos. Ele percebeu que sua mente estava aonde levavam o caixão durante o funeral. Ele teria de planejar o funeral de Angie. Seria mais fácil fazer ali. Ela queria ser cremada. Belcamino podia cuidar disso — preencher o formulário, prepará-la para o crematório.

Quem iria ao funeral? Amanda e Faith, porque se sentiriam obrigadas. Sara? Ele não podia pedir, mas ela iria por vontade própria. E os pais dela? Eram pessoas boas do

interior. Cathy provavelmente prepararia um guisado. Ou não? Will sabia que a mãe de Sara não confiava nele. Não estava errada. Ele não tinha contado para Sara sobre sábado. Não tinha contado muitas coisas para ela.

Policiais iriam ao funeral. Era o que se fazia quando outro policial morria, não importava se era um bom ou mau policial, ou um aposentado. Amantes iriam — vários deles. Velhos amigos — não tantos. Inimigos, talvez. O pai da filha dela. Talvez a filha dela. Vinte e sete anos. Furiosa. Abandonada. Querendo respostas que Will não poderia dar.

Ele sentiu as pálpebras relaxarem. O rosto. O ombro. Um estranho silêncio começou a crescer.

Ele estava em uma capela silenciosa. Estava no meio da noite. Angie estava morta. Naquele momento, ele deveria sentir a enorme perda, o vazio que Sara descrevera. Ela havia ficado tão nervosa por ele não estar mais devastado. Talvez algo tenha se quebrado dentro dele. Talvez esta fosse a última parte da vingança de Angie: desligar o mecanismo dentro dele que era capaz de sentir.

O celular vibrou em sua mão. Faith estava procurando por ele.

— Estou na capela — respondeu Will.

— É mesmo? — Não era Faith, mas outra mulher, com a voz baixa e calma.

Will olhou para a tela. Não dava para reconhecer aquele número.

— Quem é?

— Sou eu, querido. — Angie deu sua risada profunda e áspera. — Sentiu minha falta?

UMA SEMANA ANTES

SEGUNDA-FEIRA, 19h22

Angie Polaski estava parada na frente de sua mesa. Fechou a porta do escritório. Dava para ouvir vozes abafadas, algum agente estúpido se vangloriando com outro agente estúpido por causa de dinheiro. Sua mão ficou agarrando a maçaneta, apertando. Ela odiava aquele lugar com aqueles riquinhos idiotas. Ela odiava as secretárias perfeitas. Odiava as fotos na parede. Odiava os atletas que tinham construído o lugar.

Ela podia ficar cega se ficasse listando todas as coisas que odiava.

Sentou-se em frente à sua mesa. Olhou para a tela do seu laptop, sentindo que havia fogo saindo dos olhos. Se o maldito computador não tivesse custado tanto, ela teria jogado no chão e o destruído com o salto alto.

“Ela tem o passado dele. Eu tenho ele.”

Angie verificou a data do e-mail que Sara tinha escrito para a irmã. Oito meses antes. Pelos seus cálculos, Sara estava transando com Will havia apenas quatro meses quando escreveu aquelas palavras. Bastante arrogante de sua parte pensar que Will já era dela.

Angie releu o parágrafo.

“Nunca pensei que poderia me sentir assim de novo por outro homem.”

Sara parecia menos uma médica e mais uma adolescente estúpida. Fazia sentido. Sara Linton era o tipo exato de garota tonta e sem noção que você encontraria em um romance juvenil — a que olha, melancólica, através da janela salpicada pela chuva e não consegue decidir se deve namorar o vampiro ou o lobisomem. Enquanto isso, a chamada garota má, aquela que era a animada nas festas, que dava a melhor trepada da vida, era relegada em um canto, limitada a ver o erro que foi ser a garota má pouco antes de receber uma estaca no coração.

“Eu tenho ele.”

Angie fechou o laptop com força.

Ela não deveria ter hackeado o laptop de Sara. Não por ser errado — que se foda —, mas porque era uma tortura ler como Sara ia se apaixonando lentamente por Will.

Havia, literalmente, centenas de e-mails dos últimos dezoito meses. Sara escrevia para sua irmã mais nova quatro ou cinco vezes por semana. Tessa respondia com a mesma frequência. Elas conversavam sobre suas vidas com um detalhamento cansativo. Reclamavam da mãe. Zoavam o pai meio desligado. Tessa fofocava sobre as pessoas vivendo em Dirt Town ou sei lá onde era missionária. Sara falava sobre suas pacientes no hospital e novas roupas que comprara para Will, ou como tinha experimentado um novo perfume para ele, ou que tinha de pedir uma receita a uma amiga médica por causa de Will.

Além de tudo, Angie a detestava porque tivera de procurar no Google o que era “cistite de lua de mel”.

Angie não teve estômago para acompanhar essa bobagem romântica por muito tempo. Ela tinha avançado pelos e-mails, procurando algo que levasse ao tédio da relação. Will estava longe de ser perfeito. Ele tinha o hábito de pegar tudo o que alguém largava, guardando antes mesmo que a pessoa terminasse de usar. Ele precisava consertar tudo que estava quebrado, não importava que horas fosse. Limpava até demais os dentes com fio dental. Deixava uma folha de papel higiênico no rolo porque era muito mão de vaca para gastar.

“A noite passada foi perfeita”, Sara escrevera no mês anterior. “Meu Deus, que homem.”

Angie Polaski se levantou da cadeira. Foi até a janela. Olhou para a rua Peachtree. Hora do *rush* da tarde. Os carros andavam lentamente na rua congestionada. Sentiu uma dor nas mãos. Olhou para baixo. As unhas estavam machucando as palmas.

Isso era sentir ciúmes?

Angie não esperava pelo surgimento de Sara. Mulheres assim não gostavam de complicações, e Angie tinha deixado claro várias vezes que a vida de Will era um caos. O que ela não tinha imaginado era que Will iria lutar por Sara. Angie tinha imaginado que outra mulher era uma bobagem, algo que Will fora obrigado a tentar mas que nunca iria gostar, como aquela vez em que os dois conversaram sobre comprar sandálias.

Aí, ela viu os dois juntos na Home Depot.

Era o começo da primavera, então fazia cinco meses. Angie estava na loja comprando lâmpadas. Will e Sara entraram e por pouco não a viram, a 1,5 metro de distância. Estavam de mãos dadas, balançando os braços em um arco amplo. Angie os seguiu até a seção de jardinagem. Ela ficou no corredor ao lado, ouvindo os dois conversarem sobre adubo, pois assim era a vida deles, tediosa.

Sara tinha se oferecido para pegar um carrinho de compras. Will tinha pegado o saco de adubo e apoiado-o sobre o ombro.

“Querido”, disse Sara. “Olha como você é forte.”

Angie achou que Will ia mandar aquela mulher se foder, mas ele não fez isso. Ele riu. Passou o braço ao redor da cintura dela. Sara cheirou o pescoço dele como uma cadela. Eles se afastaram para olhar as flores e Angie quebrou todas as lâmpadas que tinha na cesta.

— Polaski? — Dale Harding estava parado na porta. O terno dele estava enrugado. Os botões da camisa, esticados ao redor da barriga. Ela sentiu o nojo que sempre sentia quando estava perto dele, não por causa do sobrepeso ou do desleixo, nem por ter vendido a própria filha para alimentar seu vício em jogo, mas porque Angie nunca poderia odiá-lo tanto quanto queria. — A festa está a ponto de começar.

— Seus olhos estão amarelos.

Ele deu de ombros.

— É o que acontece.

Dale estava nas últimas. Os dois sabiam. Não falavam sobre aquilo.

— Como está Dee?

— Está tudo bem. Saiu do armário.

Os dois riram do duplo sentido. Delilah tinha fugido da última reabilitação, então Dale decidira que a forma mais rápida de recuperá-la era trancando-a no armário dele.

— Preciso encontrar um médico que dê uma receita legítima de Suboxone para ela.

— Bom — disse Angie.

A droga de manutenção era a única coisa que evitava que Delilah usasse heroína. Por causa de regulações do governo, era difícil encontrá-la. Angie havia conseguido com um traficante em quem ela não confiava muito, apostando que Dale iria morrer logo, assim ela poderia parar de ajudá-lo e de ser cúmplice da filha viciada e inútil dele. Esposa. Qualquer coisa.

— Você falou com aquele advogado?

— Falei, mas eu...

A resposta dele foi interrompida por gritos. Rolhas de champanhe estouraram. O som do rap pulsava em todos os alto-falantes do escritório. A festa havia começado.

Os dois sabiam que Kip Kilpatrick estaria procurando por eles. Dale ficou de lado para que Angie passasse primeiro. Ela arrumou a saia enquanto caminhava. Os saltos altos estavam acabando com seus pés, mas ela nunca se perdoaria se não estivesse em pé de igualdade com as putas jovens do escritório. Eram todas sem noção, seus rostos lisinhos e lábios carnudos se contorciam, confusos, quando Angie tinha de se debruçar sobre a pia no banheiro para chegar perto o suficiente do espelho e passar o delineador. Não havia felicidade em dizer a elas que teriam 43 anos algum dia, porque, quando esse dia chegasse, ela já estaria em um asilo.

Ou morta.

Talvez Dale estivesse certo. Era muito mais fácil ir embora quando se decidisse. Ele provavelmente teria feito isso antes se não fosse aquela filha inútil. Não ter filhos tinha suas vantagens.

— Aí está minha garota! — Kip Kilpatrick estava parado no alto da escada de vidro. Como sempre, tinha uma bola de basquete nas mãos. O cara não ia para lugar algum sem aquela maldita bola. — Preciso de você depois disso. No meu escritório.

— Vamos ver. — Angie passou por ele. Ela olhou a sala, procurando um rosto familiar. Nenhum dos famosos tinha chegado ainda. A maioria era jovem, de vinte e poucos anos, em ternos apertados bebendo champanhe como se fosse água.

Ela viu uma maquete grande debaixo de uma placa em LED. Aquele era o motivo da festa. As últimas peças do acordo do All-Star Complex tinham finalmente se encaixado. Começariam a construir em exatamente duas semanas. Angie olhou para a maquete dentro do vidro. Galpões reformados. Shopping ao ar livre. Mercado. Cinema. Mercado orgânico. Restaurantes chiques. A boate abandonada de Marcus Rippy.

Não mais abandonada. A equipe, em uma semana, daria um trato no lugar. A boate era a âncora do All-Star Complex, um empreendimento de quase três bilhões de dólares no qual todas as grandes estrelas da agência investiram. E algumas das pequenas também. Kilpatrick tinha colocado dez milhões. Dois outros agentes, metade disso. Também havia uma equipe de advogados, uma procissão internacional de sanguessugas que, até onde Angie podia ver, valiam cada maldito centavo.

Will tentou quebrar os advogados há um mês e não conseguiu. Angie torceu por ele. De verdade. Ele havia encarado todos por cima daquela estranha e enorme mesa de reuniões, fazendo o melhor para conseguir algum tipo de resposta. Marcus e LaDonna Rippy eram quase secundários. Sempre que Will abria a boca, Marcus olhava para os advogados e eles transformavam a resposta em um tipo de bobagem maquiada que só um marciano ou um político poderia entender.

Angie viu a coisa toda do seu escritório, um andar abaixo. Will não tinha ideia de que tudo na sala de reunião fora registrado. Claro que ele não sabia que ela estava por perto. Na sua tela, podia vê-lo ficando cada vez mais frustrado com os obstáculos que os advogados iam criando. Tudo que Angie podia fazer era balançar a cabeça de um lado para outro. Pobre Will. Estava fazendo perguntas a Marcus quando deveria estar falando com LaDonna.

— Ei, boneca. — Laslo estava debruçado sobre a mesa. Uma taça de champanhe na mão. Estava usando a calça preta e a camisa apertada de sempre. Não era feio. Tinha um corpo fantástico. E muito bom gosto para moda. Olhou para os sapatos dela. — Quanto?

— Cinquenta — respondeu ela, incomodada pelo fato de ele ter notado que eram imitação. Graças àquele emprego, ela finalmente tinha dinheiro para comprar coisas autênticas, mas aqueles sapatos eram mais confortáveis que os originais e suas costas não aguentavam muito tempo antes de começarem a doer.

— Temos uma coisa mais tarde — disse ele.

— Kip já me contou.

Laslo deu um gole no champanhe. Os dois olharam para Kip jogando a bola de basquete no ar. Os olhos dele estavam na porta do hall. Era como uma adolescente apaixonada. Como Sara Linton esperando que Will chegasse em casa.

“Meu coração pula no peito sempre que ouço a chave dele na porta.”

— Alô! — Laslo estalou os dedos. — Tem alguém aí dentro?

Ela tirou a taça da mão dele e bebeu o champanhe.

— O que Kip quer?

Laslo colocou os dedos nos lábios e se virou.

— Senhora? — Um garçom bonitão oferecia uma bandeja com taças de champanhe.

Angie não era tão velha para ser chamada de senhora. Ela pegou uma taça de champanhe. Começou a andar pela sala, passando pelos esnobes branquelos que formavam a equipe da 110 Sports Management.

Cinco meses atrás, ela ligara para Dale Harding pedindo um trabalho. Ele tinha sido o babaca de sempre, mas Angie também sabia ser babaca. Ela disse que precisava do dinheiro para pagar o traficante. Ele acreditou nela porque a vida de Dale era repleta de traficantes e corretores de apostas que cobravam os juros com os punhos. Angie nunca teve problemas com traficantes. O que Angie tinha era um problema com Kip Kilpatrick. Precisava encontrar uma forma de fazer parte das relações do agente, e Dale era capaz de entender a expertise que Angie poderia levar para a mesa.

Muitos dos clientes de Kip vinham das ruas. Sentiam saudade das garotas com quem costumavam se divertir. Angie conhecia aquelas garotas. Entendia como o estilo de vida delas destruía a deles. Deixar de lado um pouco o cachimbo ou a seringa, ficar limpo por um tempo e se divertir com um jogador de basquete rico era uma forma bem mais gentil de tratar o corpo do que se deitar no banco de trás de vinte carros diferentes todos os dias. E se isso colocasse um pouco de dinheiro no bolso de Angie, melhor ainda.

Essa tinha sido a parte fácil. Foi bem mais difícil conseguir fazer parte das relações de Kip. Ele mantivera Angie sob controle. Tinha Laslo. Tinha Harding. Não precisava de alguém se metendo onde não devia. Tudo isso mudou no dia em que Angie conheceu o lado obscuro de LaDonna Rippy.

O encontro foi um acidente fortuito. Angie estava sentada do outro lado da mesa de vidro que Kip usava. Estavam discutindo a compensação para uma garota que tinha

sofrido um pouco nas mãos de um dos jogadores de Kip. A negociação estava terminando quando LaDonna abriu a porta com toda a violência. A esposa de Rippy era uma amazona, o tipo de mulher que não tinha medo de usar a arma que levava na bolsa. Estava nervosa por algo que Angie já nem conseguia se lembrar mais. LaDonna ficava nervosa por diversos motivos. Angie sugeriu uma solução, LaDonna foi embora menos brava, e Kip perguntou no ato se Angie queria um emprego fixo.

Angie não queria nada fixo, mas sabia que Marcus Rippy tinha sido acusado por estupro e que Will estava trabalhando no caso.

Vamos falar de romantismo. Sara podia elogiá-lo por levantar um saco de adubo idiota, mas não podia entregar provas em uma bandeja de prata para resolver o caso dele.

Esse tinha sido o plano inicial de Angie, pelo menos. Gostaria, de todo o coração, de ajudar Will. Mas percebeu como seria muito mais lucrativo ajudar a acabar com o caso. Cuidar de Will não colocava comida na mesa. Subornar algumas testemunhas não era nada novo. Se ela não estivesse disposta a fazer isso, Harding estaria, e se Harding não estivesse, então Laslo entraria na jogada. Olhando dessa forma, era um dever patriótico de Angie garantir que o trabalho fosse feito por uma mulher.

A sala ficou em silêncio. Marcus Rippy havia chegado. LaDonna estava ao lado dele. O cabelo castanho comprido dela era bem enrolado, caía pelos ombros. Ela devia ter injetado botox naquela manhã. Dava para ver os pequenos pontos vermelhos através do pó quase branco que ela usava para cobrir as cicatrizes de acne. Parecia brava, mas a causa poderia ser a cirurgia plástica. Ou poderia ser sua disposição geral. LaDonna tinha muitos motivos para ficar brava. Marcus era seu namorado desde a adolescência. Eles se casaram aos dezoito anos, e ela ficou grávida aos dezenove. Naquela época, ele já a traía com mulheres atraídas pela fama dele.

Claro, LaDonna não sabia nada sobre as outras mulheres. Pelo menos, não naquele momento. Ela começou a trabalhar em um hotel quando Marcus foi aceito na Universidade Duke com uma bolsa integral. Por causa das regras estritas da NCAA, o salário dela era a única coisa que mantinha a família. Houve muitos altos e baixos naqueles primeiros anos, incluindo um machucado que quase acabou com a carreira dele e que custara sua bolsa, eliminando-o da primeira escalação do time.

LaDonna o apoiara. Ela conseguiu um segundo emprego, depois um terceiro. Marcus havia treinado muito e voltado ao que foi considerado uma das piores temporadas de um jogador na história. Ele quase foi cortado do time, mas algo aconteceu. Ele encontrou o próprio ritmo. Foi crescendo aos poucos. Teve outro filho no mesmo momento, e uma mãe doente que precisava ser internada, e um pai que queria se reaproximar. Marcus Rippy se tornara uma superestrela e finalmente o trabalho duro de LaDonna dera resultado.

Sua dança da vitória tinha durado uma temporada. Foi o tempo que Marcus levou para voltar ao topo. As capas das revistas e os patrocínios vieram junto, e toda aquela merda. Durante todo esse tempo, LaDonna se manteve firme ao lado do seu homem. Ela apoiou Marcus quando o TMZ publicou fotos dele com várias atrizes jovens. Apoiou quando ele foi acusado de estupro — a vez que Will sabia e a outra, que não soube. E estava naquele momento ao lado dele de novo, enquanto a recepcionista loira se pendurava no braço dele como um balanço no parque.

Angie tirou os óculos ao cruzar a sala. Passou a mão pela cintura da loira, as unhas enfiadas no braço da garota, antes que LaDonna pudesse notar.

— Olhe de novo para ele e vai para a rua — avisou Angie. — Entendeu?

A garota entendeu.

— Com licença, por favor? — Ditmar Wittich bateu seu anel cor-de-rosa na lateral da taça de champanhe. Olhou para a sala, esperando por silêncio, que logo veio. O advogado tinha livrado Marcus Rippy de uma séria acusação de estupro. Sua empresa tinha montado o empreendimento All-Star. Ele ganhara mais dinheiro do que poderia ser colocado na placa de LED e, através da bondade do Senhor Jesus, ia deixar aquelas pessoas reunidas ficarem ainda mais ricas. — Gostaria de propor um brinde, por favor.

Todo mundo levantou as taças. Angie cruzou os braços.

— Primeiro, devo dizer que estamos contentes pelo fim dos problemas de Marcus. — Ele sorriu para Rippy, que sorriu de volta. LaDonna olhou para Angie e girou os olhos. — Mas hoje é o momento de celebrar nossa nova colaboração entre One-Ten, nossos sócios internacionais e alguns dos maiores atletas que o mundo já viu.

Ele continuou falando, mas Angie não estava interessada. Seu olhar percorria pela sala. Harding continuava bebendo champanhe porque ainda não estava bêbado o suficiente. Laslo estava se esgueirando no canto. Kip brincava com sua bola de basquete. Mais duas grandes estrelas chegaram. Estavam no fundo, mais altas que todos os outros mortais na sala, com suas maravilhosas esposas ao lado.

Foi quando Angie os viu.

Reuben e Jo Figaroa. Fig não era a maior estrela, mas era o único que lhe interessava. Com dois metros, era fácil vê-lo no meio do resto. Era mais complicado ver a esposa, principalmente porque ela gostava de ficar escondida. Jo era pequena comparada com a maioria das esposas de jogadores. Tinha o corpo de uma bailarina. Não como Misty Copeland, mas as bailarinas das antigas, que eram tão magricelas que poderiam ficar de lado e desaparecer.

Isso era o que Jo estava tentando fazer agora. Ela estava ao lado do marido, sem tocá-lo, o corpo virado em um ângulo que o deixava de frente para a porta.

Angie aproveitou a rara oportunidade para estudar a garota. O cabelo castanho encaracolado. Traços perfeitos. Pescoço gracioso e ombros elegantes. Jo tinha porte. Era o que chamava atenção nela. Ela estava tentando desaparecer, mas não entendia que era o tipo de mulher que atraía os olhares.

— Jesus, Polaski! — Harding deu uma cotovelada em Angie. — Por que não pede o número dela?

Angie sentiu o rosto ficar quente.

— Puta doente. — Ele lhe deu outra cotovelada. — Ela é um pouco mais jovem do que o normal para você.

— Vai se foder! — Angie cruzou a sala para se afastar dele. Ainda conseguia ouvir a risada pervertida mesmo com umas cinquenta pessoas entre os dois.

Ela se encostou na parede. Ficou olhando Ditmar terminar seu brinde. Ele fez aquela coisa alemã em que tinha de olhar nos olhos de todo mundo. Fez isso com Marcus. Fez isso com LaDonna. Fez isso com Reuben Figaroa. Não conseguiu fazer com Jo. Ela estava olhando para sua taça de champanhe, sem beber. Tinha a mão no pescoço, os dedos brincavam com uma corrente de ouro simples. Havia algo trágico na beleza dela que deixou Angie triste.

Talvez Dale Harding quisesse trepar com a própria filha.

Angie só queria ter certeza de que a dela estava bem.

SEGUNDA-FEIRA, 20h

Angie se sentou sozinha no sofá gigante do escritório de Kip. As luzes estavam apagadas. A festa no andar de cima estava acabando e as pessoas saíam para jantar. Os sapatos dela estavam no chão. Tinha um copo de uísque na mão. Ela podia ouvir o ruído do trânsito na Peachtree. Segunda-feira à noite. As pessoas ainda queriam sair. Ir a clubes, shoppings, restaurantes. Os ricos e famosos querem ver e ser vistos.

A 110 Sports Management estava localizada no centro de Buckhead. Um quilômetro ao norte estava uma das áreas mais caras do país. Enormes mansões com casas para convidados e piscinas olímpicas. Segurança particular. Pesados portões de ferro. Atletas megaestrelas. Estrelas do rap. Gente da música. Traficantes vivendo ao lado de grandes acionistas e cardiologistas.

Desde os anos 1970, Atlanta tinha sido a meca dos afro-americanos de classe média. Médicos e advogados formados em faculdades historicamente de maioria negra que decidiram ficar. Muitos atletas profissionais que jogavam em outras cidades tinham casas

ali. Queriam que os filhos estudassem em escolas particulares que entendiam que a única cor que importava era a do dinheiro. Essa era a melhor coisa de Atlanta. Você podia fazer o que quisesse desde que tivesse dinheiro.

Angie tinha muito dinheiro, pelo menos em relação ao que tinha em sua conta bancária antes. Nela, ela depositava os cheques que recebia de Kip a cada duas semanas e os trocos que ganhava das garotas.

Nada daquilo a deixava feliz.

Até onde ele sabia, Angie só se preocupava com o futuro. Nada poderia ser feito sobre o passado e, com certa frequência, o presente era uma merda e não havia nada a contemplar. Ter de aguentar o cafetão de sua mãe? Temporário. Enfiada em outro lar adotivo? Por enquanto. Vivendo dentro do carro? Não por muito tempo. Tempo é o que a levava a avançar. Próxima semana, próximo mês, próximo ano. Tudo que tinha de fazer era continuar correndo, continuar olhando para frente e, no final, daria a volta por cima.

Só que daquela vez, quando deu a volta, descobriu que não havia nada lá.

O que as mulheres normais queriam e que Angie ainda não tinha?

Uma casa. Um marido. Uma filha.

Como todo o resto, ela já teve uma filha, que havia ignorado. Josephine Figaroa tinha 27 anos. Como Angie, ela poderia passar por branca, negra ou latina, até mesmo árabe, se quisesse assustar pessoas em um avião. Era magra. Muito magra, mas talvez tivesse puxado à mãe. As esposas dos outros jogadores sempre estavam em alguma clínica de reabilitação, fazendo dieta, indo a aulas de spinning, ao cirurgião plástico para aspirar algo e preencher, ou operar algo para conseguirem competir com as fãs que rondavam seus maridos. Elas não tinham de se preocupar tanto. Os maridos não se sentiam atraídos pelas fãs porque eram mais gostosas que suas esposas. Eles se sentiam atraídos porque eram fãs.

Era muito mais divertido ficar com alguém que achava você perfeito do que com uma mulher que não aguentava suas merdas.

Angie não sabia que tipo de esposa Jo era. Só havia ficado duas vezes na mesma sala com a filha, as duas em escritórios da 110, e de longe, porque Reuben estava junto. Ele era muito mais alto que a esposa, irradiando uma confiança silenciosa. Jo parecia gostar daquilo. Ela era a sombra dele. Mantinha os olhos baixos, era quase transparente. A melhor palavra para descrevê-la seria “obediente”, o que deixava Angie irritada, pois aquela garota tinha seu sangue, e esse sangue nunca recebera ordens de ninguém.

“Kate.”

Era o nome que Angie tinha pensado para a filha. Como Katharine Hepburn. Como uma mulher que sabia se virar. Como uma mulher que conseguia o que queria.

O que Jo queria? Julgando por sua atitude, parecia que não queria nada mais do que já tinha. Um marido rico. Um filho. Uma vida fácil. A dolorosa verdade era que Jo era alguém comum. Estudou em um pequeno colégio na periferia de Griffin, na Geórgia. Inteligente, conseguiu entrar na Universidade da Geórgia, mas não chegou a se formar. Angie queria acreditar que Jo tinha desistido porque era um espírito livre, mas a matemática não fechava. Ela deixou a faculdade por um homem. Há oito anos, tinha se casado com Reuben Figaroa. Ele era dois anos mais velho e já estava na NBA. Sua reputação era a de um jogador com mira a laser. Fora da quadra, era descrito como reservado e cerebral. Não gostava dos flashes. Preferia fazer o trabalho direito e ir para casa ficar com a família. Aparentemente, era aquilo o que Jo queria. Ela o seguiu até Los Angeles e Chicago, e agora voltara com ele para seu estado natal. Tinham um filho, um menino de seis anos chamado Anthony.

Era aí que terminavam as informações públicas sobre Jo Figaroa. Apesar da idade, Jo não estava nas redes sociais. Não tinha uma vida social muito animada. Não havia grupos em que estivesse envolvida. Não ia a festas a não ser que tivessem a ver com o trabalho do marido. Não se misturava com as esposas. Não saía para almoçar. Não ia passear em shoppings nem frequentava academias. A única forma que Angie tinha para acompanhar a filha era através marido.

Um ano antes, um alerta do Google tinha aparecido no feed de Angie. Reuben “Fig” Figaroa ia ser contratado pelo time de Atlanta. De acordo com o artigo, ele jogaria na mesma posição, o tipo de coisa que poderia prolongar a carreira de Reuben por mais alguns anos.

Como Angie se sentiu quando leu a notícia? Incomodada, no começo. Ela não queria aquela tentação. Só uma puta maldita apareceria na vida de Jo 27 anos depois de descartá-la. E foi por isso que Angie tinha prometido deixá-la em paz. Meter-se na vida de sua filha não teria trazido nada de bom.

Mas apareceu um segundo alerta do Google: os Figaroa se mudaram para Buckhead.

E um terceiro: Reuben Figaroa assinara com a 110 Sports Management.

Foi quando Angie conseguiu um trabalho através de Dale Harding, prometendo alguns favores porque sabia que favores era algo de que Dale precisava.

“Por quê?”

Angie não era muito introspectiva. Reagir era mais a sua cara.

E curiosidade.

Ela seguiu a vida de Jo por quase vinte anos. Verificava antecedentes, fazia buscas na internet e até usou alguns detetives particulares. No começo, Angie quis saber quem havia adotado sua filha. Era uma curiosidade natural. Quem não iria querer saber? Mas, como era de se esperar, aquilo não bastava para Angie. Ela queria ter certeza de que os

pais de Jo eram boas pessoas. Aí, quis saber mais sobre o marido dela. Aí, quis saber quem eram os amigos dela, como Jo passava o tempo, o que fazia durante o dia.

Gananciosa. Essa era uma palavra melhor. Angie fez tudo aquilo porque era gananciosa. A mesma razão pela qual ela não conseguia tomar só um comprimido, uma bebida, um homem.

Ela não ia destruir a vida de Jo. Era uma promessa. Por enquanto, naquela noite, tudo que Angie queria era ouvir a voz da filha. Ela queria ver se o tom era o mesmo. Se Jo tinha o mesmo senso de humor negro. Se era feliz como deveria ser porque teve a grande sorte de Angie ter saído correndo da cama do hospital.

Duas vezes na mesma sala. Por duas vezes, Jo tinha ficado em silêncio ao lado do marido.

A garota não olhava muito para Reuben Figaroa e aquilo incomodava Angie. Depois de oito anos de casamento, claro que não haveria um olhar arregalado, mas algo estava errado. Angie sabia. Ela não trabalhava há muito tempo para Kip, mas não era preciso uma apresentação de PowerPoint para entender as esposas dos atletas. Tudo que elas tinham era o que os maridos faziam com uma bola de basquete. LaDonna sempre se gabava quando Marcus fazia algo extraordinário na quadra, assim como ficava louca se ele perdia uma cesta importante.

Não era igual com Jo e Reuben. Quanto mais atenção o marido recebia, mais parecia que Jo queria desaparecer.

E a coisa mais estranha era que Reuben Figaroa estava recebendo muita atenção. Angie não entendia de basquete, mas aparentemente a posição de Reuben no time não era a de maior glória: era mais um armador do que um jogador de destaque. De alguma forma, ele conseguiu se manter indispensável na quadra, o cara que estava disposto a fazer uma falta, quebrar algumas cabeças ou o que fosse para garantir que Marcus Rippy fizesse a cesta.

Todo mundo ganhava quando Marcus Rippy marcava uma cesta.

Reuben era a peça do quebra-cabeça que Angie precisava entender. Não havia muitas peças para juntar. Normalmente, ele não procurava atenção. Não ia a boates ou inaugurações de restaurantes. Evitava a imprensa. Os entrevistadores sempre atribuíam sua timidez a uma gagueira da infância. Seu passado era tão inócuo quanto o de Jo. Colégio em uma cidade pequena no Missouri, direto para Kentucky, chamado mais tarde para a NBA, carreira média até ser tocado pela mágica de Rippy. Nada chamava muita atenção. A única coisa que fazia Reuben se destacar era o fato de ser branco em um esporte dominado por negros.

Angie não gostou muito de saber que Jo tinha se casado com um homem que parecia o pai dela.

Ela colocou a taça na mesa. Estava olhando pela janela para o céu escuro. Dez bolas de basquete estavam alinhadas na prateleira. “Bolas que decidiram campeonatos”, pensou, mas ela não ligava para nenhum tipo de esporte. Todo o conceito de homens correndo atrás de uma bola só a entediava. Ela não achava os jogadores especialmente atraentes. Se quisesse trepar com um cara alto e magrela com abdome perfeito, poderia ir para casa e pegar seu marido.

Pelo menos, sempre pensou que podia fazer. Will tinha esperado por ela. Ele era assim. Angie era quem sempre ia embora. Ela se divertia um pouco, depois um pouco mais, aí um pouquinho mais, até precisar voltar para Will e se recarregar. Ou se esconder. Ou o que fosse necessário para recomeçar. Para isso existia Will. Ele era o porto seguro dela.

Ela nunca havia imaginado que uma boneca inflável ruiva safada iria jogar sua âncora nas águas calmas que eram dela.

Angie percebeu. Ela viu a atração. Sara era uma boa garota. Era inteligente, se isso fizesse diferença. Foi bem criada por uma boa família. Se uma mulher como aquela amasse um homem, significava que esse homem era normal também. Angie conseguia ver por que Will se sentia atraído por ela. Ele sempre foi um cara certinho. Oferecia-se para ajudar a sra. Flannigan em casa. Cortava a grama dos vizinhos. Queria ir bem na escola. Estudava muito. Sempre tentava conseguir créditos extras. Se não fosse retardado, provavelmente teria sido um estudante modelo.

“Fico triste que ele tenha tanta vergonha de sua dislexia”, Sara escrevera para Tessa. “A ironia é que ele é um dos caras mais inteligentes que já conheci.”

Angie ficou pensando se Will sabia que Sara havia contado o segredo dele para a irmã. Ele não ficaria feliz com isso. Tinha vergonha por uma boa razão.

As luzes piscaram. Angie olhou para o teto. Viu as lâmpadas fluorescentes ganharem vida. Harding caminhou até a geladeira e tirou uma garrafa de BankShot. Ele se jogou do outro lado do sofá. Seus olhos estavam mais amarelos que brancos. Sua pele tinha a textura e a cor de um lençol seco.

— Jesus! — disse Angie. — Quanto tempo você tem?

— Tempo demais — respondeu ele e agarrou o copo de uísque dela. Ela ficou olhando enquanto ele preenchia o copo com a bebida energética que parecia radioativa.

— Essa coisa vai matar você — comentou ela.

— Vamos esperar que sim.

Os dois ouviram uma bola de basquete batendo no chão de mármore. Os dois fizeram uma careta.

— Onde está Laslo? — perguntou Kip.

— Aqui.

Laslo estava bem atrás dele. Tinha uma expressão amarga. Angie pedira um favor a um conhecido e conseguira a ficha do cara. Laslo Zivcovik era pequeno e compacto, mas era bom com a faca e não hesitava em usá-la. Passou um tempo na cadeia por cortar o rosto de uma garota, mas o pior foi uma briga de faca na frente de um bar. Alguém havia terminado no hospital. Alguém havia terminado no necrotério.

E então Laslo estava em Atlanta com sua faca.

— Certo, senhores... — Kip colocou a bola debaixo do braço. Pegou uma pasta preta que estava em sua mesa. — Temos um problema.

Dale se inclinou para frente e pegou uma tigela de amendoim.

— Rippy estuprou outra gatinha?

Kip olhou irritado, mas não mordeu a isca.

— Não sei se todos notaram essa noite, mas LaDonna estava mais nervosa que o normal.

Laslo grunhiu. Ele se sentou na cadeira em frente a Angie.

— Qual é o problema dela dessa vez?

— O marido está colocando novos chifres nela? — tentou adivinhar Angie.

— A conta bancária tem um custo — disse Harding.

Todos riram, menos Angie. Eles nunca entendem, esses caras. Achavam que as esposas só queriam o dinheiro.

— Você treparia com Marcus Rippy pelo dinheiro de LaDonna? — perguntou Angie para Harding.

— Esse não é o trabalho de Kip?

— Cale a boca, idiota! — Kip estava tão dentro do armário que praticamente vivia em Nárnia. — Lembre-se de onde estamos.

Harding assentiu.

— Certo. Entendi.

Todos entenderam. Os atletas da 110 eram todos muito ricos, mas eram garotos de cidades pequenas arrastados pelas mães para a igreja todo domingo. A religião deles aceitava adultério em série e maconha, mas não aceitaria nunca dois caras transando.

— Qual é o problema dela? — quis saber Laslo. Estava falando de LaDonna, tentando colocar a conversa nos trilhos. — Descobriu sobre a garota?

— Qual garota? — Harding estava prestando atenção agora.

— Marcus teve uma aventura em Vegas. Não é isso. — Kip jogou a pasta preta no sofá ao lado de Angie.

Ela não pegou.

— É Jo Figaroa — disse Kip.

O coração de Angie bateu de uma forma estranha. Ela nunca havia visto alguém falar o nome de Jo em voz alta antes. Tinha certa musicalidade.

— Polaski? — chamou Kip.

Ela se forçou para manter a expressão neutra quando pegou a pasta. A primeira página era uma fotografia de Jo. O cabelo estava mais curto. Segurava um menino nos braços. Sorria. Angie nunca tinha visto a filha sorrir antes.

Harding limpava pedaços de amendoim da gravata.

— Ela está tomando comprimidos de novo?

— Ela é viciada? — Angie sentiu uma navalha cortar o coração. — Há quanto tempo?

— Foi parada pela polícia quando estava no colégio. Encontraram um monte de receitas no porta-luvas. Valium, Percocet, Codeína.

Angie verificou os antecedentes de Jo. Encontrou um registro de prisão juvenil. Não havia menção alguma a receitas ilegais.

— O pai dela tinha conhecidos na polícia — explicou Harding. — Ele conseguiu evitar. Ela fez um pouco de serviço comunitário. Todo mundo saiu ganhando.

— Como você sabe?

— Conversei com o OR.

OR, oficial responsável. Angie verificou o endereço no relatório. Thomaston. Um policial de cidade pequena poderia esconder provas, mas seria preciso mais do que uma propina.

— Tanto faz. O problema dela não são as drogas. — Kip tinha trocado a bola por uma BankShot. Tirou a tampa e a jogou no lixo. — É Marcus.

— Marcus? — Angie ergueu os olhos do arquivo. Ela tentava manter um tom normal, mas o pensamento de Marcus Rippy atrás de sua filha fazia com que tivesse vontade de arrancar a cabeça dele. — O que ele tem a ver com ela?

— Eles cresceram juntos. Foi por causa dele que Jo conheceu o marido. — Kip disse aquilo como se todo mundo já soubesse. — Porra, Polaski, você nunca lê nada?

— Não se tiver a ver com esportes.

— Rippy cresceu em Griffin — explicou Harding. — Ele e Jo tiveram alguma merda de namorico no acampamento da igreja. Durou até o último ano do colégio. Todo mundo estava de olho nele. Alguns times mandaram jogadores para cortejá-lo. Coisa informal, nada ilegal. Foi quando Jo perdeu a cabeça.

— Reuben Figaroa era um dos jogadores que foram cortejar Marcus — adivinhou Angie.

Ela sempre se perguntou como Jo conhecera o marido. Agora sabia. E entendeu que Harding sabia bem mais sobre sua filha que ela. Fazia sentido. Kip quis verificar Jo com

seriedade antes de aceitar Reuben Figaroa como cliente. Esposas e namoradas eram sempre pontos fracos.

— Você perguntou a Marcus se ainda existe algo entre ele e Jo? — perguntou ela.

Houve uma gargalhada coletiva. Ninguém questionava Marcus Rippy. A 110 tinha uma relação paternal com todos os seus atletas, sabendo que havia a possibilidade de que, a qualquer momento, suas crianças travessas podiam pegar seus brinquedos e ir embora.

— Deixa eu entender — continuou Angie. — Colégio, Marcus e Jo foram namorados. Termina o verão. Eles se separam. Alguns anos depois, LaDonna começa a namorar Marcus. Ela deve saber sobre as ex-namoradas dele. Não entendo como pode não saber de tudo, mesmo sendo adolescente. Qual é o problema agora?

— Porque Jo está aqui, bem debaixo do nariz dela — respondeu Laslo. — Parece que LaDonna não teve problemas no começo. Trouxe Jo para o grupo. Deu uma festa para ela. Levou a garota para almoçar. Mas, ultimamente, ela mudou de ideia.

Angie sabia que aquilo não terminaria bem para Jo. LaDonna era doida de pedra quando se tratava de seu marido. A lenda do escritório dizia que ela dera um tiro em uma animadora de torcida que havia se aproximado muito de Marcus em uma festa.

— E Reuben? Ele suspeita?

— Quem sabe? O cara é uma esfinge. Ele deve ter me dito dez palavras desde que eu o conheço. Nenhuma delas foi “bom trabalho” ou “obrigado”, por falar nisso.

Kip bebeu o resto de sua bebida energética. A garganta parecia a de um ganso sendo engordado para fazer patê. Angie não sabia o que era pior, vê-lo jogar com a bola ou ouvir como bebia BankShot. Noventa por cento do dia dele era desperdiçado fazendo uma coisa ou a outra. Quando terminou, seu lábio estava vermelho como uma bola de natal.

— Ei! — Harding bateu no ombro de Angie. — Ninguém o chama de Reuben. É Fig. Não leu a bio dele?

— Por que eu leria a bio dele?

Kip arrotou.

— Porque ele é o parceiro de Marcus. Porque traz milhões de dólares para a empresa. Porque, quando o joelho dele melhorar, tem o potencial para trazer ainda mais.

— O que tem o joelho dele? — quis saber Harding.

Kip olhou de soslaio para Laslo.

— Não tem nada de errado com o joelho dele.

Angie fechou a pasta.

— Certo, qual é o problema que temos de resolver?

— O problema é que Marcus está se reaproximando de Jo, e LaDonna não gosta disso. E quando LaDonna não está feliz, ninguém está feliz.

Angie não conseguia entender. Reuben parecia do tipo possessivo e Jo parecia gostar daquilo.

— O que faz vocês pensarem que eles estão se reaproximando?

— Porque tenho olhos na minha cara. — Kip abriu outra BankShot. O líquido vermelho espirrou no chão. — Dá para sentir quando estão juntos. Onde você esteve essa noite?

— Não estava tentando sentir coisas entre dois adultos.

— Eu vi também. — Laslo começou a andar. Estava levando aquilo bem a sério. — Marcus tocou o ombro dela quando entregou uma bebida. De forma bastante íntima.

— É uma situação estilo Tiger Woods? — perguntou Harding.

— O que quer dizer? — retrucou Angie.

— Diga que sabe que Tiger Woods joga golfe — disse Kip.

— Sei quem é ele — afirmou Angie, apesar de não ter ideia de como sabia daquilo.

— Tiger estava no ponto mais alto da carreira — explicou Laslo —, aí sua vida familiar desmoronou e agora está no fundo do poço. Nem consegue dar mais uma tacada.

— Por que sua vida familiar desmoronou?

— Não importa — respondeu Kip. — O que importa é que Marcus está no mesmo caminho. Se as coisas estão mal em casa, estão mal na quadra. O jogo dele está amarrado com LaDonna.

Angie ainda não entendia. LaDonna era errática como uma bola de pingue-pongue, mas Marcus estava em sua melhor temporada.

— Como?

— Toda vez que ela menciona divórcio, pode contar com cinco pontos a menos no placar — disse Kip. — Menos pontos ainda, se ela liga para um advogado.

Angie queria rir, mas eles estavam falando sério.

— Cinco pontos. — Harding assentia, planejando como ia explorar aquela informação com seu agente de aposta. — Marcus não consegue jogar sem ela.

— LaDonna sabe que tem esse poder? — perguntou Angie.

— O que você acha? — Kip olhou para Laslo com incredulidade. — Se LaDonna sabe? — Ele agarrou a bola de basquete. — Ela usa isso como uma maldita guilhotina sobre a cabeça da gente.

Harding colocou a tigela vazia na mesa. Limpou as mãos.

— Quer que a gente plante algum Oxy na mulher de Fig, chame a polícia e deixe que ela passe uma noite no xadrez?

O coração de Angie pareceu subir até a garganta.

— Isso parece extremo.

Harding não parecia pensar assim.

— Por que usar um martelo quando se pode usar um machado?

Ela fez um esforço para encontrar um motivo.

— Porque Reuben, Fig, está casado com a mulher. Porque ela tem um filho, o filho dele. Porque ela pode não estar trepando com Marcus.

— Todo mundo está trepando com Marcus. — Kip falou como se fosse uma verdade bíblica.

— Olha — Angie se inclinou para frente. Ela conversava com Kip porque a decisão era dele —, você me mandou lidar com LaDonna, mas fazer isso significa lidar com todas as esposas.

Ela abriu a pasta como se precisasse se lembrar de algo, mas a verdade era que ela não sabia o que fazer naquele momento.

— Para manter as esposas felizes é preciso não chamar muita atenção. Enviar — ela fingiu olhar o nome da garota — Josephine para reabilitação é se colocar sob os holofotes. É uma coisa que aparece na mídia. Vai chamar muita atenção. Vai ter entrevistas e paparazzi. Sabe o que acontece quando aparecem as câmeras. As esposas ficam doidas tentando aparecer. E também tem a questão: essa Jo está ou não usando drogas?

Ela olhou para Harding esperando a resposta. Ele deu de ombros.

— Vamos pensar — continuou ela. — Você planta as drogas, chama a polícia, ela se apresenta a um juiz que a coloca em reabilitação. O que acontece quando descobrem que ela não está usando? Exames de sangue vão mostrar que está limpa. Ela nem passa pela síndrome de abstinência. E se ela contar essa história, que foi tudo armado?

— Há uma questão racial? — questionou Laslo. — Nem sei dizer o que ela é. Negra? Branca? Latina?

— Ela é bonita — comentou Kip. — É o que importa. Ninguém está nem aí quando uma puta feia reclama.

— A mãe de Jo — sugeriu Harding.

— O que tem ela? — perguntou Kip.

— Ela se mudou para cá depois que o pai morreu. Tem algum tipo de problema cardíaco, então queriam que estivesse perto de um bom hospital. A mãe vive do dinheiro de Fig.

— Fácil — disse Laslo. — Ameaçamos a Jo com a mãe. Vamos dizer que a mamãe vai acabar comendo comida de gato se ela não terminar com Marcus.

— Se Jo tem algo com Marcus, a mãe poderia querer que ela tirasse uma sorte ainda maior — comentou Angie. — Ele tem muito mais dinheiro que Reuben. Poderia colocar a mãe dela em uma cobertura no Ritz. Comprar um coração novo. O que ela quisesse.

— Angie não está errada — concordou Harding.

Angie olhou para ele. Não tinha dito que estava certa também.

— Certo — disse Kip. — Qual é a solução, seus merdas?

Angie respondeu rápido antes que alguém falasse algo.

— Vou seguir Jo e ver o que aparece. — Ela pensou em algo mais. — Se ela não está trepando com Marcus, então, o que está acontecendo entre os dois?

Kip bateu a bola.

— O que mais ela poderia querer dele se não está tentando subir na cadeia alimentar?

— Ela poderia estar passando comprimidos para ele. Fazendo chantagem por algo do passado dele. Poderia ser um monte de coisas. — Angie tinha parado para engolir. Não podia deixar que aquilo escapasse das mãos dela. — Não podemos encontrar uma solução sem saber qual é o problema.

— Gosto mais da minha ideia — disse Harding. — Jo é o problema. Jo desaparece, o problema desaparece.

— E se Jo não for o único problema? — sugeriu Angie. — E se ela está conversando com alguém? E se está trabalhando com alguém?

Harding deu de ombros, mas ela conseguia ver que a mente dele estava trabalhando.

— Não seja estúpido. — Angie se levantou. Ela sabia que Kip respondia melhor à agressividade. — Vou descobrir o que está acontecendo. Tudo de que preciso é tempo.

— Tempo é exatamente o que não temos — respondeu Kip. — A pressão está aumentando. Temos o lançamento do All-Star em duas semanas. Tive de cortar minha bola direita e entregar a Ditmar para manter Marcus. Isso precisa ser resolvido rápido.

Todos ficaram quietos de novo.

Angie arrumou as páginas na pasta. Ela precisava sair dali antes que Harding fosse para o outro lado.

— Vou investigar mais antes de usarmos o machado.

— Você tem dois dias — disse Kip.

— Vou demorar isso só para entrar na história. — Angie listou as coisas que ela já havia feito. — Vou precisar segui-la, verificar suas impressões digitais, ver os lugares aonde ela costuma ir.

— Clonar seu telefone, ler suas mensagens, hackear os e-mails de seu computador. — Harding piscou para Angie. Ele estava do lado dela. — Angie está certa, Kip. Posso

acionar meu contato da eletrônica o mais rápido possível, mas para separar as coisas vai demorar pelo menos duas semanas.

— Não temos tanto tempo. — Kip jogou a bola no ar. — Você tem uma semana, Polaski. Sabe como isso funciona. Ou desaparece o problema ou a esposa.

TERÇA-FEIRA, 7h35

— Você vai ter de sair. — Uma mulher insistente com roupa de ginástica avisou a Angie. Ela estava com um bastão fluorescente em uma das mãos e um copo de plástico verde na outra. — Esta é a faixa para quem vai deixar as crianças.

Angie olhou para a escola. Ela havia estacionado no meio-fio. Não havia placa alguma indicando que não podia parar ali.

— Vai ter de tirar o carro — repetiu a mulher.

Um carro buzinou atrás de Angie. Ela olhou o espelho. Uma Mercedes SUV preta, um caixote. Exatamente o que toda mãe precisava para levar o filho à escola.

— *Habla inglés?*

Angie engoliu as facas que queria soltar pela boca. Só porque estava em um carro de merda com uma transmissão vazando não significava que era uma maldita empregada.

— *Habla* vai se foder — murmurou ela, tirando o carro do meio-fio. O copo de café preso entre as pernas derramou sobre a calça. — Droga.

Angie virou o volante, saindo do estacionamento da escola. Virou à esquerda mesmo sendo proibido. Mais buzinas. Ela estava fazendo um fantástico trabalho disfarçada.

A avenida Peachtree Battle se dividia em duas, uma área gramada separava o norte do sul. Angie não sabia como voltar. Passou por cima da grama e estacionou na entrada ampla de uma mansão. Não era exatamente um bom lugar para se esconder, mas melhor do que seu ponto anterior, que a tinha deixado muito longe da escola para ver Jo deixar o filho.

Kip estava ficando impaciente. Duas noites antes, ele deu a Angie uma semana para descobrir o que Jo estava fazendo. Depois de um dia inteiro de vigilância sem revelação alguma, ele queria que Dale assumisse.

Angie nunca deixaria que Dale assumisse.

Ela observou o trânsito do outro lado da rua. Mais SUVs pretas, algumas BMWs e um ocasional Lexus. A escola E. Rivers era o Taj Mahal comparado com as escolas públicas de merda que Angie frequentara. As crianças eram tão brancas que praticamente brilhavam.

Angie tinha ido à escola muitas vezes antes, mas nunca tão cedo. Normalmente, estacionava do outro lado da rua e ficava na calçada vendo as crianças do outro lado da cerca do playground. Ela queria ver como estava o filho de Jo. Sabia o que procurar porque havia muitas fotos dele no perfil do Facebook de Reuben Figaroa. Jo não estava em nenhuma delas, mas não era por isso que Angie não gostava das fotos. Não importava o quanto Reuben evitava a fama, ele ainda era uma figura pública. Não deveria mostrar o rosto do filho para todo mundo. Havia doidos por aí. Qualquer um deles poderia descobrir em que escola o menino estudava, a que horas ele estaria no playground, como Angie tinha feito.

“Esse é meu neto”, pensava. Tecnicamente, não na realidade. Claro que Angie não era velha o suficiente para ser avó. Especialmente de um menino como Anthony Figaroa.

O nome era desajeitado para um menino de seis anos, mas parecia combinar com ele. Anthony era como um pequeno adulto. Sua testa estava sempre franzida, os ombros encurvados, a cabeça abaixada como se quisesse se dobrar. Em vez de brincar com as outras crianças no recreio, ele se sentava de costas para a parede da escola e ficava olhando triste para o playground. Angie se lembrava de Will. A aura solitária, a ansiedade misturada com a coisa que sempre o impedia de agir.

Will era ótimo nos esportes, mas não tinha nenhum pai para levá-lo aos jogos ou comprar equipamentos. Também havia a questão das cicatrizes em seu corpo. Se ele trocasse de roupa no vestiário, alguém iria notar as óbvias marcas de violência e um professor se envolveria, o diretor e as pessoas do serviço social também e, de repente, ele voltaria ao centro das atenções, o que Will mais odiava na vida.

Anthony Figaroa tinha o mesmo ódio de ser o centro das atenções. A mãe dele também. Angie viu o Range Rover cinza de Jo entrar na faixa rápida. Aconteceu a mesma cena que vira no dia anterior. Jo não cumprimentou as outras mães que traziam os filhos. Não falou com a nazista que segurava a placa que tinha espantado Angie. Ela estava igual a Anthony. Ficava com a cabeça abaixada. Ficava na fila. Deixava o filho. Ia embora de carro. Considerando o dia anterior, ou qualquer outro dia que Angie tenha visto sua filha, Jo ia para casa e não voltava a sair antes da hora de pegar Anthony.

A menos que fosse quinta ou sexta, os dias em que ela ia ao mercado e à lavanderia, respectivamente. Angie imaginou muitas coisas sobre a filha, mas nunca que iria se tornar uma ermitã.

O carro de Angie estava do lado errado se quisesse seguir Jo. Quando cruzou de novo, por cima da área gramada, ficou dois carros atrás do Range Rover, que havia parado no sinal vermelho. A seta de Jo não estava ligada, o que poderia significar que ela estava indo direto para o shopping de Peachtree Battle. Angie olhou o shopping no final da colina. Não era dia de fazer compras, e mesmo se fosse, ela ia ao Kroger, na Peachtree. A

lavanderia estava na Carriage Drive. A única loja na rua que estava aberta tão cedo era a Starbucks.

O sinal abriu. Jo passou o cruzamento e entrou no estacionamento da Starbucks.

Angie seguiu de longe, mantendo um carro entre elas. O estacionamento estava cheio. Angie esperava que Jo entrasse na fila do drive-thru, mas ela deu algumas voltas e encontrou uma vaga.

— Vamos lá! — Angie teve de esperar uma mulher que mexia no celular antes de conseguir sair do estacionamento da Starbucks e encontrar um lugar na frente do banco, do outro lado da rua.

Angie saiu do carro e correu para a Starbucks. Não percebeu o que estava a ponto de acontecer até ver Jo abrindo a porta de vidro. Ela ia entrar na cafeteria. Fazer seu pedido no balcão. Agradecer a mulher atrás da caixa registradora. Haveria algum tipo de conversa. Angie finalmente ouviria a voz de Jo. Era para isso que quis o emprego com Kip desde o começo — aquele momento, aquele espaço no tempo. Ela ouviria sua filha falar. Saberia, pelo seu instinto maternal há muito esquecido, se Jo estava bem ou não, e então poderia voltar à sua vida normal e nunca mais pensar na filha perdida.

Angie abriu a porta.

Chegou tarde demais.

Jo já tinha feito o pedido. Estava parada na fila, esperando que a mulher atrás do balcão chamasse seu nome.

Angie murmurou um palavrão quando entrou na fila para fazer o pedido. O cara na frente dela aparentemente nunca tinha estado em uma Starbucks antes. Perguntava sobre os tamanhos. Angie pegou uma garrafa de suco de maçã muito cara da geladeira. Olhou para Jo e a ficou encarando.

Não era a única pessoa apreciando sua filha. Todos os homens do lugar tinham notado. Jo era linda. Ela atraía os olhares. O intrigante era que ela ou não notava, ou não ligava. Aos 27 anos, Angie tinha usado seu visual como um aríete. Tinha arrombado todas as portas.

— Josephine? — chamou a barista. — Seu latte de soja.

Josephine, não Jo.

Ela pegou o copo. Não falou nada. Abriu um sorriso muito artificial. Levou o latte para o fundo da loja e sentou-se no longo balcão que dava para o estacionamento. Havia um banco vazio por perto. Ela percebeu que a garota da registradora não estava olhando. Saiu da fila e se sentou no banco vazio antes que outra pessoa o ocupasse.

O balcão era estreito, não mais que trinta centímetros. Do lado de fora, passavam carros pela faixa do drive-thru. O cara entre Angie e sua filha estava digitando algo em

seu computador. Ela olhou para a tela e supôs que ele estivesse escrevendo o grande romance norte-americano. Dentro da Starbucks. Como Hemingway.

Angie abriu seu suco. Ela já havia trabalhado como detetive particular alguns anos antes. Havia uma mochila em seu porta-malas com os instrumentos necessários. Fita adesiva, uma pequena lona caso chovesse, uma boa câmera, um microfone direcional, quatro pequenas câmeras que poderiam ser escondidas em vasos e passagens de ar. Nada disso podia ajudar agora. Ela viu um jornal alguns bancos ao lado. Cutucou a mulher ao lado dela, apontou para o jornal. A mulher o passou para ela em silêncio.

Hemingway, conheça Sam Spade.

Angie repassou as manchetes da primeira página. Deu outra olhada na filha. O copo chamou a atenção dela. JOSEPHINE estava escrito com tinta preta. Angie sabia que havia muitas coisas naquele nome. O cafetão da mãe de Angie lhe dera o nome de Angela. Mesmo depois de tanto tempo, se alguém falasse o nome, sentia vontade de vomitar.

Angie respirou fundo. Deixou seus olhos viajarem.

Jo estava olhando pela janela. Angie seguiu o olhar dela até a parede branca do shopping. A garota estava esperando algo. Pensando em algo. Incomodada com algo. Os olhos dela não desgrudavam da parede. Estava sentada sobre as mãos. Saía um vapor de sua bebida intocada. O celular estava no balcão à sua frente. Estava tensa. Angie sentia que podia passar por cima do Hemingway e tocar a ansiedade da filha.

Mas ela não estava ali para aquilo.

Angie abriu o jornal. Fingiu estar interessada nas notícias internacionais. Então, ela realmente ficou interessada nas notícias, porque nada mais estava acontecendo. A mulher perto dela se levantou e foi embora. A fila no caixa diminuiu até desaparecer. O estacionamento começou a esvaziar. Finalmente, o Hemingway se moveu para uma cadeira enorme a algumas mesas de distância.

Angie virou a página do jornal. FINANÇAS.

Olhou para Jo.

Sua filha não movera um dedo. Ainda estava sentada sobre as mãos. Ainda olhava para a parede vazia. Ainda quase tremia de tanta ansiedade.

Havia somente duas pessoas no balcão. Angie se levantou e sentou-se em um dos bancos mais afastados, pois era o que uma pessoa normal faria. Abriu bem o jornal. Não era Meryl Streep. Não podia fingir que estava interessada em finanças. Foi para a seção VARIEDADES. Pegou seu suco, mas fazia tempo que a garrafa estava quente.

A visão de Angie estava começando a embaçar por causa das letrinhas. Ela olhou pela janela e piscou. Viu um carro parar na rua. Ouviu o Hemingway digitando no laptop.

Pelo canto do olho, viu a filha pular. O movimento foi quase imperceptível. Meio segundo depois, Angie ouviu o celular de Jo tocar. Não um toque exatamente, mais um

barulho que se ouviria de um filme de ficção científica dos anos 1950.

FaceTime.

As mãos de Jo estavam tremendo quando aceitou a chamada de vídeo. Segurou o celular baixo na frente do rosto. Angie não conseguia ver a imagem de quem estava ligando ou ouvir a voz da pessoa. Jo tinha colocado os fones de ouvido.

— Estou aqui — falou, o pequeno microfone perto da boca.

Angie tirou seu celular da bolsa. Apertou alguns botões. Fingiu jogar o celular de volta na bolsa, mas o movimento tinha sido calculado. O celular caiu com a câmera voltada para Jo. Angie não podia olhar o que estava acontecendo, mas poderia ver o vídeo depois.

— Sim — disse Jo. — Está vendo?

A visão de Angie se voltou para o jornal. Sentiu uma dor em seu ouvido. Estava doida para ouvir a voz da filha, mas era pouco mais que um sussurro.

— Sim — repetiu Jo. — Entendi.

Angie virou a página do jornal. Passou o dedo por uma linha de texto que não conseguia ler. A voz de Jo ainda estava baixa, mas ela parecia em pânico, com medo.

— Entendo.

Quem poderia deixar Jo tão assustada? Pensou em Marcus Rippy. Ele gostava de mandar. Jo era o tipo dele. Assim como Angie, mas, mesmo quando tinha 27 anos, Angie conseguia lidar com caras assim. Ela não achava que a pequena Josephine Thomaston conseguiria.

— Eu vou — disse Jo. — Obrigada.

Houve uma mudança no ar. O estresse desapareceu. A chamada tinha terminado. Jo desligou o telefone. Colocou os cotovelos no balcão. Segurou a cabeça. O alívio irradiava de seu corpo magro.

A voz dela. Angie estava tentando muito entender o sussurro para analisar o som.

Jo começou a chorar. Angie nunca tinha sido muito boa com emoções. Suas opções sempre foram esperar ou ir embora. Ficou tentando pensar como uma pessoa normal se comportaria em uma Starbucks com uma mulher chorando por perto. Angie poderia perguntar se a garota estava bem. Isso parecia apropriado. Os ombros de Jo estavam tremendo. Era óbvio que ela estava chateada com algo. Então, Angie poderia falar as palavras: “Você está bem?” Era uma pergunta simples. As pessoas faziam perguntas assim o tempo todo para completos estranhos. Em elevadores. Em banheiros. Na fila para o café.

“Como você está?”

Angie abriu a boca, mas era tarde demais.

Jo se levantou. Pegou a bolsa que estava no encosto da cadeira. Ou pelo menos tentou. A alça estava presa. O banco caiu. O som foi como uma explosão no pequeno lugar. O Hemingway correu para ajudá-la.

— Está tudo bem — disse Jo.

— Eu posso...

— Sei como levantar a porra de um banco!

Ela tirou o banco das mãos dele. Colocou-o no lugar. O som ecoou como um tiro. Cabeças se viraram para ver qual era o problema. A barista começou a dar a volta no balcão.

— Desculpe — disse o Hemingway. — Eu só estava tentando ajudar.

— Ajudar?! — gritou Jo. — Cuide da própria vida. Assim você pode ajudar.

Jo abriu a porta de vidro. Cruzou o estacionamento. Jogou a bolsa no carro. Seus pneus queimaram o asfalto quando saiu do estacionamento.

— Nossa — disse o Hemingway. — O que foi isso?

Angie sorriu.

Aquela era mesmo a filha dela.

TERÇA-FEIRA, 10h27

Angie dirigia pela avenida Chattahoochee devagar, como uma velhinha. Sua transmissão estava falhando. Ela não tinha tempo para trocar o óleo. Não tinha tempo para trocar a calça manchada de café. Estava atrasada para encontrar Dale e o cara da eletrônica. Havia muitas coisas que para ela não faria diferença se atrasassem, mas tudo mudara meia hora antes, dentro da Starbucks.

— Droga! — Angie estava lutando para enfiar a quarta marcha. A coisa soltou um barulho de ferro torcido que fez a embreagem tremer.

Talvez ela pudesse pedir que o cara de Dale trocasse o óleo para ela. Ou talvez ela pudesse colocar fogo no carro e deixá-lo queimando na frente do prédio de Sara Linton. Por culpa dela, Angie tinha de comprar óleo para o câmbio. Em geral, Angie passava umas semanas com Will, deixava que ele consertasse o carro e depois voltava para sua vida, mas isso não era mais uma opção desde que Chapeuzinho Vermelho começou a dormir na cama dela.

“O nome dele é minha palavra favorita”, Sara escrevera para a irmã.

— Merda — sussurrou entredentes, uma das suas palavras favoritas. Ela não poderia desenterrar sua raiva por Sara Linton. Estava muito preocupada com Jo.

Tinha de assistir ao vídeo da Starbucks novamente. A bateria do celular tinha quase acabado de tanto repetir. Angie mantinha as mãos no volante e equilibrava o celular entre os dedos. Ela apertou a setinha de PLAY.

— Está vendo? — sussurrava Jo, segurando seu iPhone, provando a quem tinha ligado que estava dentro da Starbucks. — Entendi... Vou... Obrigada...

Antes de ser detetive, Angie tinha trabalhado como policial. Fazia o horário noturno porque pagava mais. Cada turno era basicamente dez segundos de adrenalina em meio a oito horas de trabalho social. Os caras da antiga chamavam de “ossos de galinha”, porque você recebia uma chamada para ir ao apartamento de merda de alguém para encontrar dois caipiras brigando por algo estúpido, como um osso de galinha. Não que sempre fosse fácil de resolver. Nunca se sabia quando dois vizinhos discutindo sobre um churrasco poderia se transformar em um bêbado apontando uma arma carregada contra seu peito.

Chamados de violência doméstica eram iguais, e ao mesmo tempo diferentes. Sempre se presumia que algo realmente ruim ia acontecer. Até Angie, que gostava de confrontos, odiava se meter em um chamado de violência doméstica. Os homens sempre tentavam enrolá-la. As mulheres sempre mentiam. As crianças sempre choravam. No final, tudo que Angie podia fazer era prender o cara, fazer o relatório e esperar até receber outra chamada da mesma casa, isso tudo várias vezes.

Jo não tinha marca ou cicatriz visível. O rosto estava perfeito. Ela caminhava tranquila, não na postura encurvada de uma mulher que tinha apanhado.

Mesmo assim, Angie percebia que sua filha estava sofrendo algum abuso.

A forma como ela nunca olhava para o marido. A forma como ficava grudada nele, nunca falava com ninguém, nunca ousava levantar os olhos do chão. Nunca saía de casa a não ser para ir à escola, ao mercado ou à lavanderia. O ar obediente que assumia perto do marido, como se ela não fosse uma pessoa, mas um apêndice.

Há duas noites, quando Kip estava fazendo uma reunião para dizer que Jo era um problema, Reuben Figaroa era levado em um jato particular até um local desconhecido onde o melhor ortopedista do mundo iria realizar uma microcirurgia no joelho dele. Essa era toda a informação que Angie conseguiu tirar de Laslo. Um jogador machucado era o tipo de notícia que poderia atrapalhar toda a temporada seguinte de basquete. Jo tinha ficado em casa porque as coisas precisavam parecer normais. Ela precisava levar o filho para a escola. Tinha de fazer as pessoas acreditarem que não havia nada de errado com o marido.

Angie não dava a mínima para a cirurgia de Reuben. O que importava era o que a ausência dele estava fazendo com sua filha.

Jo estava aterrorizada. Isso era evidente. Angie segurava a prova em suas mãos.

Quando Jo falou “Está vendo?”, o que quis dizer foi “Está vendo onde estou? Exatamente onde mandou que eu estivesse”.

Quando falou “Entendo”, o que quis dizer foi “Entendi que você é quem manda e não posso fazer nada sobre isso”.

Quando falou “Eu vou”, estava dizendo “Eu vou fazer exatamente o que você mandou, exatamente como quer”.

A pior parte estava no final do vídeo. As lágrimas escorrendo pelo queixo e pelo pescoço dela. Os dedos tremendo ao segurar o microfone. Mesmo assim, ela falou “Obrigada”.

Reuben Figaroa. Angie poderia vê-lo no iPhone de Jo e também quando ela virou a câmera para mostrar a loja quase vazia.

Kip tinha dito que Jo estava se aproximando muito de Marcus. Talvez fosse por alguma razão. Jo conheceu Marcus no colégio. Obviamente, eles ainda eram amigos. Ele era rico. Ela estava desesperada. Se Marcus fosse o paraquedas de Jo, então o plano não era tão ruim. O momento mais aterrador para uma mulher vítima de violência era quando ela tentava deixar seu abusador. A única coisa que mudava a situação era ter outro homem por perto para protegê-la. Se Jo estava se aproximando de Marcus, era porque estava se afastando de Reuben. Angie tinha abandonado sua filha para isso? Para não ser nada mais que uma mulher cativa?

Angie jogou o telefone de volta na bolsa. Limpou os olhos. O suco da Starbucks deve ter lhe feito mal. Suas mãos estavam suando. Sentia o estômago revirar.

Quando tinha uns vinte anos, Angie havia saído com um cara que dava uns tapas nela. Depois, uns socos. E fazia outras coisas que, ela achava, mostravam como ele estava desesperadamente apaixonado. A violência funcionava como um ímã. Isso e ver um homem grande chorando como um bebê por estar muito arrependido por tê-la machucado e que nunca, nunca mais faria aquilo.

Até fazer de novo.

— Jesus... — sussurrou Angie. Qual era o sentido de ficar longe da vida de Jo? Primeiro os problemas com comprimidos e agora aquilo. Ela herdara todas as péssimas escolhas da mãe. — Merda! — Ela bateu a mão no volante, mas não por causa de Jo. Tinha deixado passar a entrada do estacionamento.

Angie lutava com o câmbio, tentando engatar a ré. A embreagem estava dura. Ela ouvia os sons do carro. O estômago ainda estava revirado.

— Porra! — gritou de novo. — Porra! Porra! Porra! — E batia os punhos no volante até a dor chegar às suas costas e seus ombros.

Ela parou. Aquilo era loucura. Surtou por ter perdido uma entrada.

Dedo a dedo, colocou as mãos ao redor do volante. Respirou fundo e reteve o ar o máximo possível.

Com cuidado, forçou para engatar a primeira. Dirigiu até o fim da rua, depois fez uma ampla curva em U. Tinha colocado a terceira marcha quando entrou em um estacionamento abandonado. Engatou a ré só para provar que conseguia e entrou em uma das vagas de estacionamento.

Angie dobrou a mão. Bater no volante não tinha sido uma das coisas mais inteligentes que já fizera. O lado das mãos já estava doendo.

Ela não podia fazer nada sobre aquilo naquele momento.

Angie olhou para o enorme bloco de concreto que era a boate de Rippy. O prédio parecia a cabeça mumificada de um robô. Uma equipe de limpeza deveria dar um trato no lugar na próxima semana, mas Angie não sabia como conseguiriam. O mato crescia através do chão quebrado. Havia grafite por todos os lados. Ela não tinha ideia da razão de Dale sempre querer marcar os encontros ali. Ele deve ter sido um policial horrível. Tudo que queria era rotina. Talvez era isso o que acontecia quando se ficava mais velho. Ou talvez era porque não importava se Dale continuasse aparecendo no mesmo lugar muitas vezes. Ele havia parado com a diálise uma semana antes. Se o que Angie leu na internet fosse verdade, ele tinha uma semana, talvez duas, o que significava que ia morrer antes de alguém perceber seu padrão de comportamento.

Ele já poderia estar morto. Angie olhou a hora no celular. Dale estava quinze minutos atrasado. Sam Vera, seu contato da eletrônica, nem estava ali. Por que ela era a única pessoa que chegava na hora?

Ela abaixou o retrovisor e conferiu a maquiagem. O delineador estava derretendo. Os lábios pediam um retoque. Ela encontrou o batom de Sara na bolsa. Girou o estojo dourado. Havia um risco na lateral. Por sessenta dólares, a coisa deveria ser banhada em ouro de verdade.

Angie olhou para o batom achatado. Ela cortara a ponta. Poderia ser uma chantagista perigosa, mas higiene era importante.

Ela era realmente perigosa?

Alguns bilhetes deixados na janela de um carro nunca machucaram ninguém. Mexer nas porcarias de Sara era estranho, mas não foi de propósito. Ou melhor, não foi planejado. Angie foi à casa de Will porque queria vê-lo. Não falar com ele, só vê-lo. Como sempre, ele estava na casa de Sara. Isso tinha acontecido muitas vezes antes. Ela usava a chave que Will deixara em cima da porta do quintal. A primeira coisa que Angie viu foi a cachorra estúpida. Betty não parou de latir. Angie empurrou-a com o pé até o quarto vazio e fechou a porta. Estava passando pelo banheiro quando viu a maquiagem de Sara espalhada pela pia.

O primeiro pensamento de Angie foi: “Will não vai gostar disso.”

O segundo pensamento foi: “Mas que merda essa Sara Linton está fazendo, deixando as coisas dela aqui?”

Aqui.

No banheiro de Will. No quarto de Will. Na casa de Will.

O marido de Angie.

Angie levantou o para-sol. Não precisava de espelho para passar batom. Usava desde que tinha doze anos. Sua mão conhecia bem os movimentos. Mesmo assim, ela se inclinou e olhou no espelho retrovisor. Tinha de admitir que a coisa valia o preço. A cor não desbotava. Durava o dia todo. Rosa cashmere não combinava muito com ela, mas também não era perfeito para Sara.

Angie se encostou no banco. Esfregou os lábios. Pensou nas outras coisas que Sara havia deixado na casa de Will. Manolo Blahniks originais. Eram grandes demais para os pés de Angie, um número que parecia ser feito para uma drag queen. Roupa íntima de renda preta, que era um desperdício porque Will ficava excitado até com um saco de papel. Prendedores de cabelo, que Angie poderia usar, mas tinha jogado fora porque foda-se Sara Linton. Perfume. Outro desperdício. Will não conseguia sentir a diferença entre Chanel nº 5 e sabão de coco.

E também havia as coisas no criado-mudo.

O criado-mudo de Angie.

Ela pegou a bolsa e encontrou um lenço. Tirou o batom. Abaixou a janela e jogou o lenço no chão. Ela podia comprar o próprio Sisley agora. Podia consertar o próprio carro. Podia comprar os próprios Manolos, o próprio perfume.

Por que ela só queria as coisas que não podia ter?

Apareceu um lampejo em seu espelho retrovisor. O Kia de Dale Harding surgiu na lateral do edifício. O carro diminuiu a velocidade até parar a quatro vagas de distância. Dale estava comendo um hambúrguer do McDonald's. A porta se abriu. Ele enfiou o resto do lanche na boca e jogou o papel no chão. Bateu a mão engordurada no teto. O carro balançou quando ele saiu.

— Onde está ele? — perguntou a Angie.

Angie fez um gesto exagerado para mostrar que não sabia quando Dale se virou para a rua.

Sam Vera circulou pelo estacionamento, fazendo um oito preguiçoso com a van. O idiota devia achar que estava despistando alguma vigilância, mas na verdade estava chamando mais atenção. Sua van estava pintada com um cinza fraco e tinha um adesivo no para-choque que dizia FEEL THE BERN, em apoio ao político Bernie Sanders. O cinza

era uma camada nova, mas havia vários remendos amarelos. O que Angie só sabia por causa de Will.

Ela saiu do carro.

— Descobriu algo? — perguntou Dale.

— Fig bate na esposa.

— Grande merda! — Ele obviamente já sabia. — Falei com um cara do time em Chicago. Eles tiveram de fazer umas ligações para a polícia desaparecer.

— Não achou que devia me contar isso?

— Nada de mais. Ele não a estrangulou.

— Que cavalheiro. — Policiais aprendiam que um abusador que estrangulava uma mulher tinha maior probabilidade, estatisticamente, de matá-la. — Está escondendo algo mais?

— Talvez. E você?

Angie mexeu na bolsa para que ele não visse a expressão dela. Dale fizera um bom trabalho examinando Jo Figaroa, mas sua certidão de nascimento teria sido um beco sem saída. Angie não tinha falado seu nome verdadeiro no hospital.

A van finalmente parou. Os freios cantaram. Ela conseguia sentir o cheiro de maconha. O rádio tocava Josh Groban no último volume.

Dale deu um soco na lateral da van.

— Abra, idiota.

Ouviu-se um pop alto quando Sam Vera puxou a porta da van para trás. Seus óculos redondos e grandes brilharam ao sol. Ele tinha vinte anos no máximo, com um cavanhaque que parecia pelo de esquilo. Os olhos se entrecerraram por trás dos óculos.

— Rápido. Odeio o sol.

Angie subiu na parte traseira da van. O ar-condicionado estava no máximo, mas a van ainda era uma caixa de metal gigante assando no sol. O suor ácido de Sam misturado com o cheiro adocicado da maconha. Ela se sentia como se estivesse em uma república universitária.

Angie se sentou em um balde de plástico virado. Ficou com a bolsa no colo porque o chão estava todo sujo. Dale ficou no banco do passageiro, de lado, para poder vê-los. Entregou a Sam um envelope de dinheiro. Sam começou a contar as notas.

Angie ficou olhando o espaço apertado. A van era uma loja de eletrônicos móvel. Cabos, caixas de metal e várias porcarias que ela não sabia o que eram saíam do sistema Dewey que funcionava no fundo. Ele era especialista em vigilância remota, mas não do tipo legal. Havia um Sam Vera em todas as capitais norte-americanas. Ele era totalmente paranoico. Não tinha pudores de fazer coisas ilegais. Falava de jogar duro, mas entregaria

a própria mãe se os policiais se voltassem contra ele. Angie já teve o próprio Sam Vera, mas ele fora pego pela NSA hackeando algo que não deveria.

— Milady. — Sam ofereceu a Angie um celular verde brilhante com fita elétrica negra. — É um clone do iPhone de Jo Figaroa.

— Foi rápido.

— Para isso que me pagam. — Ele se virou para Dale: — Colocou os grampos no lugar?

— Coloquei enquanto ela estava levando o filho na escola. — A respiração de Dale era difícil. Ele parecia pior do que o normal. — Também conectei aquela coisa que você falou para colocar no laptop dela. Estava na cozinha. Não encontrei nenhum outro computador. Nenhum iPad. Nada. Estranho, não?

— Muito estranho. — Sam se virou para Angie: — O programa que Dale colocou no laptop se chama Shadow Tracker, como um spyware, mas melhor. Eu já fiz o download do HD e passei para este tablet.

Sam esticou o braço para uma prateleira e tirou um iPad arranhado. Duas antenas antigas saíam da parte de trás, e Angie pensou que eram orelhas de coelho em uma televisão.

— Carreguei um aplicativo para rastrear o GPS do carro dela. É esse botão aqui com um carrinho. Funciona exatamente como o modelo da polícia. Você conhece?

— Conheço.

— Pode segui-la para qualquer lugar desde que não esteja no subsolo. — Ele começou a girar e bater na tela. — O spyware no laptop dela age em tempo real. Tudo que ela digitar no computador a partir de agora vai aparecer nesse iPad, mas como já fiz o download de todos os dados, você pode também fazer buscas no HD dela. É basicamente o laptop dela. Não apenas uma cópia datada.

— Quer dizer, não como o que deu a Polaski antes — comentou Dale.

Os olhos de Sam se abriram muito.

— Eu não...

— Eu falei para ele — interrompeu Angie. Dale não daria o contato de Sam para ela a menos que Angie falasse o motivo. Ela foi pouco criativa sobre de quem era o laptop que ela queria hackear. — Tudo bem. Só continue o que estava fazendo.

— Certo. — Sam tocou mais algumas vezes na tela. Depois, entregou o iPad para Angie. — Só para que saiba, o código hacker diz que você não pode entregar seus clientes. Pode confiar.

— Claro, garoto. — Dale tirou um Snickers derretido do bolso.

Angie virou o rosto para não ter de ver como ele mastigava. Ainda não tinha certeza do motivo de ter hackeado o laptop de Sara. Os arquivos dos pacientes dela estavam ali,

por isso o hospital Grady instalara algum tipo de software de encriptação que exigia um nível mais alto de espionagem do que Angie possuía. Sam dera a ela um dispositivo que quebrava senhas e fazia download de todos os arquivos. Ela sabia que isso significava ultrapassar um limite — não com Sara, mas com ela mesma. Aquele era o momento em que tinha deixado de ser alguém chata ou obcecada para passar a ser uma chantagista completa.

Ela era perigosa?

Angie ainda não tinha uma resposta para uma pergunta daquela.

— Saia da van. — Dale estava falando com Sam. — Preciso de um minuto com Polaski.

Sam se recusou.

— Na luz do sol?

— Você não vai derreter, Elphaba.

Angie riu.

— Como é que você sabe o nome verdadeiro da Bruxa Malvada do Oeste?

— Olha — Sam tentava raciocinar —, tenho material sensível aqui. De outros clientes. Não posso dizer o que é, mas é coisa ultrassecreta.

— Você acha que qualquer um de nós sabe como mexer nessa merda toda? — Dale se virou e abriu a porta. — Cai fora.

Sam fez cara de magoado ao sair da van. Dale bateu a porta. Angie sentiu os olhos doerem com a súbita mudança na luz.

Dale pescou um baseado do cinzeiro. Usou um isqueiro de plástico para acender. Deu uma longa tragada e segurou.

— Levei Delilah para ver *Wicked* — disse ele, com a fumaça saindo de sua boca.

— Pai do ano.

Dale ofereceu o baseado.

Angie fez que não com a cabeça. Ela já havia tomado três Vicodin.

Dale deu outra tragada. Olhou para a parafernália eletrônica em volta.

— Se eu soubesse como usar metade dessa merda, seria bilionário.

Angie sabia que ele estaria no mesmo lugar em que estava agora, e não só pelo seu histórico de merda. Homens como Dale Harding só sabiam se agarrar a uma coisa: desespero.

— Olha, preciso de um favor — confessou ele.

Angie conhecia os pedidos de Dale. Todos tinham o mesmo tema.

— Delilah deu uma deslizada?

— Não, nada disso. Ela está firme. — Ele olhou duro para ela. — Ela vai ficar limpa, certo?

O cara estava delirando.

— Certo — respondeu ela mesmo assim.

— É outra coisa. Meu apostador.

Angie deveria ter esperado aquilo. Nem a ameaça de morte poderia impedir um viciado de tentar ganhar uma bolada. A diferença nos vícios entre Delilah e Dale era só no tamanho.

— Preciso pagar quinze mil para o Iceberg Shady — disse ele.

— Sei que você tem a grana. — Angie sabia que Dale guardava tijolos de dinheiro debaixo do estepe no porta-malas do carro dele. — É só pegar um pouco de cima.

Ele balançou a cabeça.

— Tudo aquilo vai para Delilah. Ela vai precisar de dinheiro para se manter enquanto não resolve toda a papelada. Você prometeu que ia cuidar dela.

Angie se encostou na parede da van. Havia fios nas costas dela, mas estava sentindo uma forte claustrofobia e não conseguia se mexer. A carência de Dale estava sugando todo o ar. Ele fizera algum tipo de acordo por baixo dos panos com Kip Kilpatrick, sua última tentativa de fazer algo direito por Delilah. Havia 250 mil dólares escondidos em alguma conta. Em duas semanas, quando o All-Star Complex fosse lançado, o dinheiro automaticamente passaria para um fundo que Dale abria para a filha. Ele estava querendo usar a promessa do fundo como sua última chance de redenção. Como se um monte de dinheiro pudesse apagar as milhares de vezes que Delilah teve de abrir as pernas para pagar as dívidas de jogo do pai.

Angie não estava interessada na redenção de Dale, e não queria ter o encargo de cuidar de uma puta viciada. A única razão pela qual dissera sim era porque Dale poderia tirar o emprego dela na 110. Se ela quisesse ser responsável por uma filha, teria ficado com Jo.

Dale jogou o baseado de volta no cinzeiro.

— Peguei isso com o advogado. — Ele tirou um envelope dobrado com papéis do bolso de dentro da jaqueta. Um jornal de apostas caiu no chão da van. — Só preciso da sua assinatura.

Angie fez que não com a cabeça.

— Sou a pessoa errada, Dale.

— Consegui um emprego para você com Kip. Não fiz nenhuma pergunta. Você concordou em fazer isso para mim, e agora vai fazer.

Ela tentou ganhar algum tempo.

— Preciso ler antes de assinar, talvez conversar com um advogado.

— Não precisa, não. — Ele tinha uma caneta na mão. — Vamos. Duas cópias. Uma para você, outra para o arquivo do advogado.

Ela não pegou a caneta.

— Quer que eu comece a fazer perguntas? Talvez sobre seu marido? Ou por que precisa hackear a encriptação de um software médico?

— Aquele viado — xingou Angie. Sam a traiu, afinal. Ela tentou ganhar tempo. — Como isso vai funcionar? O fundo?

— O executor, que é você, está autorizado a pagar por coisas básicas, como um apartamento, serviços, gastos com saúde. Quero ter certeza de que ela sempre terá um teto. Coloco aqui que você recebe mil por mês para cuidar disso.

Não era um trocado, tampouco era uma aposentadoria. Aqui estava o maior problema: Angie conhecia Delilah Palmer. Era uma garota egoísta e mimada, mesmo sem as drogas. O primeiro centavo que a garota conseguisse ia terminar derretido em uma colher e enfiado na primeira veia que conseguisse encontrar.

E foi o motivo pelo qual Angie pegou a caneta e assinou o acordo.

Dale riu da assinatura dela.

— Angie Trent, hã?

— Qual é o outro problema? — Ela enfiou sua cópia na bolsa. — Deixe-me adivinhar: seu apostador, Iceberg Shady, também é cafetão?

— Ele tem umas prostitutas em Cheshire Bridge. É seu velho reduto, certo?

Durante seus dias de detetive, Angie trabalhara com garotas disfarçadas no Cheshire Motor Inn.

— Isso foi há anos. Aquelas garotas estão todas mortas.

— Não precisa saber os nomes delas. Só precisa prendê-las.

— Quer que eu consiga que o DPA dê uma batida em Cheshire Bridge? — Ela já estava negando com a cabeça. Também poderia pedir que revirassem toda a areia de Daytona Beach. — Isso vai precisar de montanhas de papelada. As garotas vão sair em algumas horas, denunciadas em uma semana. Eles não vão fazer isso de jeito nenhum.

— Denny vai fazer se você pedir com jeitinho.

Angie odiava que as digitais nojentas de Dale estivessem em toda a sua vida.

— Vamos, Polaski. Dê um pouco de paz a um moribundo. Denny treparia com uma mula se você pedisse.

— Denny treparia com uma mula porque gosta. — Ela pegou o celular, relutante.

Angie só usava celulares pré-pagos, pois assim podia controlar quem entrava em contato com ela. Tinha o número de Denny de cabeça e começou a digitar.

— Imagino que queira que isso aconteça agora? — perguntou a Dale.

— Hoje é bom. Metade do banco de Iceberg está em Cheshire. Se Denny o mantiver ocupado pagando as fianças de suas garotas, isso me daria pelo menos uma semana.

Angie examinou os olhos aquosos dele. Riscos vermelhos cruzavam a parte branca.

— Só uma semana? É só isso que você tem?

— Tenho tudo organizado. Se meus rins não me pegarem, isto vai fazer o trabalho. — Ele pegou um saquinho de pó branco do bolso de sua jaqueta. Cocaína. — Cem por cento pura.

— Todo traficante do planeta diz que sua cocaína é cem por cento pura. — Ela terminou de digitar o texto. — É provavelmente um laxante.

— É verdadeira — argumentou Dale, porque, óbvio, ele tinha testado. — Imagino que tanta cocaína depois de todos esses anos vai fazer meu coração explodir e bater no teto.

— Parece ótimo. — Angie enviou a mensagem para Denny e enfiou o celular na bolsa. — Não quero encontrar seu corpo.

— Juro por Deus. Mas, olha, quero que me prometa de novo, Polaski. Você pode ficar com sua parte do dinheiro, mas precisa garantir que Delilah fique bem, certo? Nada exagerado, mas em um lugar legal, com bons vizinhos. Não perto daquela puta asiática que tenho de aguentar. Muita comida saudável e xampu orgânico, toda essa merda.

— Claro. — Outra promessa que Angie não tinha certeza se manteria. — Mas por que está organizando isso agora? Você pode ganhar outra semana, ter certeza de que tudo deu certo.

Ele balançou a cabeça.

— Não aguento mais outra semana. Estou cansado. Cansado de viver. Quero acabar com isso.

Ela imaginou que ele estava sendo honesto, mas a outra parte era que Dale sabia que Delilah ficaria furiosa quando descobrisse que o dinheiro não iria para as mãos dela de uma vez. Tudo que tinha de fazer era armar um escândalo e Dale cederia, o que significava que Angie teria de aguentar tudo depois da morte dele.

— Por que eu? Você se casou com Delilah, então suas ex-esposas não podem colocar as mãos na sua herança-surpresa. Problema resolvido. Poderia contratar um advogado para mantê-la sob rédea curta. Por que tenho de cuidar dela?

— Porque um advogado iria gastar metade do dinheiro antes de descobrir como ela o estava enganando. Você não liga para ninguém, principalmente para ela. Delilah vai implorar e chorar por mais dinheiro e você vai mandar ela se foder.

Angie não tinha como discordar.

— E porque ela vai gastar tudo — continuou ele. — Ela é estúpida demais para fazer planos para o futuro. Quer tudo agora, o máximo que puder, o mais rápido que puder.

— Imagino com quem ela aprendeu isso...

Dale preferiu não entrar no assunto.

— Jovens como ela não entendem o valor de um dólar. Ela enfrentou dificuldades a vida toda e tenho culpa nisso. Os comprimidos. A heroína. E depois Virginia com a merda toda...

Dale tirou um lenço. Assoou o nariz. As lágrimas que saíam dos olhos dele pareciam escuras.

— Jesus — disse ele. — É a coisa.

Ele queria dizer que estava morrendo, que estava perdendo o controle de suas faculdades. O site WebMD listava isso como um efeito colateral. Sonhos vívidos. Alucinações. Perda de memória. Falta de coordenação.

Dale assoou o nariz de novo. Enxugou as lágrimas.

Angie ficou olhando o esforço dele para dominar as emoções. Ela sentia frio, apesar de a van estar assando. A dor poderia ser contagiosa. Ela não podia deixar que a infectasse.

— Só quero ter certeza de que esteja tudo certo — confessou Dale.

Angie nunca foi um exemplo de alguém que faz as coisas direito.

— O que vai me impedir de pegar todo o dinheiro e deixar Delilah sem nada?

— Há um controle dos advogados. Você só pode fazer cheques para aluguel, para luz e empresas assim, mas não para Macy's ou McDonald's.

Angie assentiu, mas podia pensar em milhares de formas de evitar a restrição. Passo um: virar dona de um apartamento.

— Você me prometeu, Angie. Tenho sua palavra. Não estou dizendo que isso signifique algo, mas vou dizer que vou descer bem mais rápido que você, e se sacanear minha filha, estarei esperando por você no inferno.

Ela não queria admitir que o aviso a deixou assustada.

— Você não acha que tenho uma chance de ir para o céu?

Ele jogou o lenço usado no chão.

— Por que está tão interessada na esposa de Fig?

— Porque estou sendo paga para isso.

— Não é um interesse novo, no entanto.

Angie sorriu.

— Por que nunca usou esse cérebro quando estava na polícia?

— Eles não me pagavam o suficiente. — Ele limpou o nariz com a mão. — Assédio pode render dez anos na prisão para você.

Angie ficou pensando quem ele achava que ela estava assediando. Sara, claro, mas ela tinha seguido Jo também.

— O que faz você pensar que estou assediando alguém?

— Não sou tão idiota quanto pareço, Polaski. Você veio implorando por um emprego. Seu marido estava tentando montar um caso contra Marcus Rippy. Eu pesquisei um pouco.

Angie sentiu os cabelos em sua nuca se eriçarem. Ela sempre ficava de olho em tudo por causa de Will. Não tinha esperado isso de Dale.

— O que acha que sabe sobre mim?

— Que você fodeu com o único cara no mundo que não acha que você é uma puta sem valor e sem coração.

— Sem valor — repetiu Angie, porque foi o único golpe que a acertou.

Destruir o caso de Will contra Rippy só teve a ver com dinheiro, nada mais.

— Mais alguma pérola de sabedoria? — perguntou ela.

— Resolva essa coisa com a mulher de Fig. Precisamos de Rippy sólido por mais duas semanas. Meu advogado disse que a conta de custódia é totalmente legítima. Daqui a duas semanas, quando essas pás estiverem cavando o chão, os 250 vão entrar no fundo de Delilah e ela vai estar bem pelo resto da vida. Se essa pá atrasar, mesmo que seja só um dia, então não haverá nada e toda a minha vida não terá valido nada.

Dale abriu a porta. O sol dividiu a van em dois.

— Não posso ir para o túmulo me preocupando com o fracasso do meu acordo porque aquele merda do Rippy não consegue manter o pinto dentro das calças.

— Vou cuidar disso — disse Angie, mas ela não tinha certeza.

— Ótimo.

A van balançou quando Dale tentou sair. Ele estava tonto. Angie não sabia se era pelo calor ou pela coisa que o estava matando. Ela não estava nem aí. Tudo que sabia era que, assim que Dale morresse, ela estaria livre de sua curiosidade e de sua doença e de todas as coisas nojentas dele que pesavam sobre ela.

— Eu de novo. — Sam se sentou no outro caixote. — Tem mais alguma coisa?

Ela levantou o celular verde que ele tinha colado com fita adesiva.

— Quando isso vai funcionar?

— Ela precisa receber uma mensagem por Wi-Fi ou pela rede. Quando responder, o celular vai ativar.

— Por que não manda uma mensagem para ela?

— Porque ela vai ter de responder ou o programa não pode ser descarregado. Interface do usuário, cara. É uma merda.

— Posso ouvir as ligações dela?

— As pessoas falam pelo celular? — Ele parecia assombrado. — Nunca pensei realmente em fazer código para isso. Quer dizer, tem as mensagens e tudo o mais. Não está bom?

Angie estava cansada de se sentir velha.

— E FaceTime? Skype?

— É, isso é complicado. Então, com VOIP você...

— Vou enfiar essa coisa na sua bunda se não usar palavras que eu consiga entender.

— Achei que estava entendendo... — Ele parecia triste de novo. — FaceTime, Skype, isso tem um atraso. Tem um programa que subi remotamente através de um aplicativo no celular dela. Registra qualquer chamada de vídeo que entra, mas você precisa esperar que a chamada termine para poder ver.

— Como eu acesso isso?

Gentilmente, ele tirou o celular dela. Tocou na tela. Apertou em um aplicativo que mostrava um gramofone antigo.

— Aperte isso e vai dar uma lista. Aperte na chamada de vídeo que quiser ver e ela carrega. Mas só depois que a ligação terminar.

— E se eu quiser ver uma chamada que aconteceu essa manhã?

— Não tem como. Não está salvo no celular. Tudo que posso acessar é o que já está salvo e o que acontecer depois, como no laptop. Posso mostrar alguns recursos no tablet se precisar... — ofereceu ele.

Nossa, ele estava falando como se ela fosse a avó dele.

— Funciona como um iPad normal?

— Bom, claro.

— Então, tudo bem. — Angie começou a sair da van.

— Não contei a ninguém — disse Sam. — Sobre a outra coisa que fiz por você.

Angie olhou para ele.

— Então, quando Dale disse que sabia sobre o software de decifração médica que você me deu, foi apenas um chute dele?

O coração de Sam parecia que ia sair pela boca.

Angie olhou dentro da van. Cabos pendurados. Caixas de eletrônicos. Monitores de computador. Tablets. Laptops.

— Está procurando algo? — perguntou Sam.

— Só estou imaginando como ficaria essa van se eu desse um tiro na sua cara.

Sam deu uma risada desconfortável.

Angie tirou a arma da bolsa. Colocou em cima do iPad, segurando o cabo. O dedo ao lado da trava, como tinha aprendido. Ou talvez não. Olhou para baixo. Seu dedo estava no gatilho.

— Senhorita, por favor. — Sam não estava mais rindo. Suas mãos estavam no alto. — Desculpa, certo? Por favor, não me mate. Por favor.

— Lembre-se de como está se sentindo agora da próxima vez que achar que deve contar meus negócios por aí.

— Eu vou lembrar. Prometo.

Angie enfiou a arma de volta na bolsa. Aquilo foi um exagero.

— Passa tudo que tiver aí.

Ele abriu uma das latas e tirou um saco de maconha.

— Isso é tudo que tenho.

Angie pegou o saco. Pegou os equipamentos e desceu da van. Sam não se importou com a porta. Acelerou para sair do estacionamento antes que ela pudesse mudar de ideia.

Ela voltou para seu carro. Colocou o iPad e o telefone verde no banco ao seu lado com cuidado. Enfiou a chave na ignição. O motor ganhou vida. A engrenagem fez um barulho.

Sam era o cara de Dale. Ela quase atirou no garoto. Talvez. Quem sabia o que ela estava pensando? Angie tirou a Glock da bolsa. Tirou o carregador. Tirou a bala da câmara. Saiu como uma pipoca pulando e desapareceu debaixo do banco dela. Tratou de deixar a arma descarregada. Com isso, pelo menos ganharia algum tempo se decidisse puxar a arma da próxima vez.

Por enquanto, ela precisava sair dali.

Angie lutou com o câmbio e a embreagem. Conseguiu engatar a marcha e saiu do estacionamento. Não conseguia decidir para onde ir. O celular verde não estaria ativo enquanto Jo não respondesse a uma mensagem. Angie tinha de supor que Reuben era a única pessoa que mandava mensagens para ela. De acordo com Laslo, ele passaria o dia em cirurgia. Não havia como descobrir quando ele sairia da anestesia, mas Angie sabia que a primeira coisa que ele faria era falar com Jo. Ou ela falaria com ele.

O iPad de Sam estava com a antena presa atrás. Angie tinha de supor que, independentemente do programa que Laslo plantara no computador de Jo, não haveria muito o que mostrar. Reuben não ia deixar Jo sair para tomar um café sem exigir provas de suas ações. Era claro que ele estava monitorando os e-mails dela e as buscas na internet também.

O que deixava apenas uma opção: Jo tinha um plano. Ela ia fazer algo que envolvia Marcus Rippey. Angie não tinha dúvida. A garota que mandara o Hemingway se foder na Starbucks era alguém que estava guardando segredos.

Josephine, não Jo.

O nome que ela dera à barista.

Angie reconheceu o sinal de uma mulher tentando se reinventar. Quando Angie foi expulsa do orfanato, ela deu um soco na primeira pessoa que a chamou de Angela em

vez de Angie.

Angela era como seu cafetão a chamava. Angie era como *ela* se chamava.

Reuben chamava sua esposa de Jo. Quando estava sozinha, quando conseguia ter uma pequena fatia de liberdade, *ela* se chamava Josephine.

Ela estava planejando fugir, provavelmente logo. Reuben voltaria no domingo. Isso dava a Angie menos de cinco dias para descobrir o que sua filha estava planejando. Olhou para o relógio. Meio-dia.

Havia uma fonte que ela não tinha tentado ainda: LaDonna Rippy.

Se queria saber alguma merda sobre uma mulher, tudo que tinha a fazer era perguntar à mulher que estava fingindo ser amiga dela.

TERÇA-FEIRA, 12h13

Angie pisou no freio tentando fazer a coisa parar e recomeçar na Piedmont Road. Por causa das novas casas e da geografia, não havia momento durante o dia em que a rua estreita não estivesse entupida. Engatou a primeira marcha. Entrou fácil graças a uma parada em um posto.

Olhou o celular verde para ver se Jo tinha respondido a alguma mensagem. Nada. Sempre havia o iPad com as orelhas de coelho, mas Angie supôs que Reuben policiava o laptop da mesma forma que policiava a vida de Jo. Ela não seria idiota para deixar algo incriminador ali.

Além disso, Angie aprendeu sua lição sobre olhar arquivos pessoais dos outros. Sara tinha milhares de fotografias armazenadas em seu HD, todas meticulosamente organizadas por data e local. Will e Sara na praia. Will e Sara acampando. Will e Sara escalando uma montanha. Era um saco ver como Sara sempre parecia feliz — não só nas fotos com Will, mas em fotos bem mais antigas com seu marido morto.

Angie ficou pensando se Will já tinha visto uma foto de Jeffrey Tolliver. As bolas dele iriam encolher. Tolliver era lindo. Alto, com cabelo ondulado escuro e um corpo que deixava o queixo de qualquer uma no chão. Jogou futebol em Auburn. Foi chefe de polícia. Só de olhar dava para ver que ele sabia como agradar uma mulher.

Angie tinha de admitir que Sara Linton tinha bom gosto para policiais.

Pena que não sabia quando afastar suas mãos gananciosas deles.

Angie passou o sinal vermelho, cruzando a Tuxedo Road em meio a uma sinfonia de buzinas. Deixou o carro ir parando. A mansão de LaDonna e Marcus Rippy estava no final de uma colina que descia com suavidade. Enquanto a maioria das casas tinha

arbustos ou árvores para bloquear a visão da rua, LaDonna quis que sua casa se destacasse. Havia um R dourado absurdamente grande sob os portões fechados. O logo foi criado por LaDonna e colocado em tudo, até nas toalhas de mão.

Angie parou na frente dos portões. Apertou o botão do interfone, deu seu nome e esperou o portão abrir. Já tinha ido à casa deles algumas vezes antes para que LaDonna assinasse alguns papéis do escritório de Kip. Marcus mantinha a esposa como parte do seu negócio, o que era inteligente ou estúpido, dependendo do ponto de vista de LaDonna ou Marcus.

O motor resmungou enquanto ela avançava pela entrada. Havia um cachorro latindo em algum lugar. Devia ser o husky da família, que cagava por todos os lados porque ninguém o levava para passear. Havia vários carros no final da entrada da casa. Dois Jaguares, um Bentley e uma Maserati amarelo neon.

— Merda — murmurou Angie. LaDonna tinha visitas.

Angie já tinha sido anunciada no portão, então não havia como dar a volta e ir embora. Ela entrou pela porta, passando por uma sala de monitoramento onde um expolicial entediado tirava uma soneca em vez de ficar olhando as câmeras espalhadas pela propriedade. Bateu na porta da cozinha. Esperou.

A casa tinha o formato de um U gigante ao redor de uma piscina de medidas olímpicas. Tudo de que a família precisava estava dentro da propriedade, o que parecia legal até perceber que podia passar um dia inteiro na própria casa e não ver ninguém. Exceto se precisasse de ajuda. Havia dezenas de empregados, todos vestidos com uniformes cinza e aventais brancos, apesar de LaDonna ter detestado seu uniforme quando limpava quartos de hotel. A merda sempre descia a colina.

Angie não saberia dizer se os empregados não falavam inglês ou se tinham medo de falar. Como todas as vezes que visitara LaDonna antes, a mulher que abriu a porta não falou uma palavra. Ela só fez um gesto com a cabeça para que Angie a seguisse por um longo corredor.

A decoração lembrava a herança grega de LaDonna — estátuas e fontes e muitas chaves gregas por todas as paredes. Tudo estava coberto de ouro. As torneiras nas pias eram cisnes gigantes com asas para água quente e fria. Os lustres no corredor eram de ouro. Angie olhou para as peças. Os braços formavam o logo dos Rippy, Rs encurvados com vidros pendurados que refletiam o sol como um laser. Precisou desviar o olhar para que suas retinas não queimassem. Quando a empregada apontou um salão para Angie, ela estava vendo pontos escuros.

— É você, garota? — LaDonna fez um gesto chamando Angie. Suas unhas estavam sendo pintadas de vermelho brilhante por uma asiática magra. Quatro esposas estavam

com os pés enfiados em saís de banhos, outras quatro mulheres asiáticas faziam as unhas. Usher tocava no rádio. A TV estava muda, na ESPN.

— Aproveite. Minha garota é uma ótima pedicure — ofereceu LaDonna.

— Não, obrigada. — Angie preferia arrancar as unhas antes de deixar uma estranha tocar em seu pé. Ela não entendia a vida daquelas mulheres. LaDonna não era uma intelectual, mas era esperta o suficiente para saber que podia estar fazendo mais do que pintar as unhas à uma da tarde. Chantal Gordon tinha sido jogadora profissional de tênis antes de pendurar a raquete para ter bebês. Angelique Jones, médica. Santee Chadwick, tesoureira particular do marido, era vice-presidente na Wells Fargo. Tisha Dupree era uma idiota. Isso era o melhor que ela poderia ter conseguido.

— Você trouxe alguns papéis para eu assinar? — perguntou LaDonna.

— Preciso fazer umas perguntas.

— É sobre aquela puta em Vegas? Essa merda já foi resolvida.

Angie esperou que ela parasse de rir.

— Não, é outra coisa.

— Sente-se, garota. Você parece cansada.

Angie se sentou. Deixou a bolsa cair no chão. Ela *se sentia* cansada. Não sabia o motivo. Basicamente, tudo que ela fazia o dia todo era se sentar em um lugar ou outro.

— Por que a mulher de Fig não está aqui? — perguntou Angie.

Chantal riu.

— A garota tem o nariz muito no alto para andar com essas vagabundas aqui.

— Ela vai tropeçar se não olhar para baixo em algum momento — comentou Tisha.

Houve uma pausa estranha e inevitável.

— Jo está com problemas? — quis saber Angelique.

— Não sei. — Angie prestou atenção em LaDonna. A mulher estava esperando por algo. Se fosse uma gata, seu rabo estaria balançando de um lado para o outro. — Jo parece muito fechada. Kip está preocupado de que algo esteja errado. Ele quer que ela fique feliz.

— Nunca troquei mais que duas palavras com ela — confessou Santee. — Ela é muito fechada para mim.

— É difícil entender a timidez das pessoas — comentou Angelique. — Elas parecem ser distantes.

— Ela é distante — rebateu Chantal. — Eu a convidei para tomar café. Falei para fazermos compras. Ela sempre respondia: “Vou ver com Fig e já respondo.” Isso foi há seis meses. Ainda estou esperando.

— Eu faço compras com você — ofereceu-se Tisha.

Chantal checkou como estavam suas unhas.

— Ela é muito magra. — Angelique era médica. Notava aquele tipo de coisa. — Imaginei que estivesse estressada por causa da mudança, colocar Anthony em uma nova escola. É muita responsabilidade se mudar para uma casa daquele tamanho.

— Principalmente quando seu homem não levanta um dedo — comentou Chantal. — Quando Jameel e eu nos mudamos para cá, aquele homem fez uma mala, e só colocou as merdas dele dentro. Perguntei o que eu devia fazer com as roupas e os brinquedos das crianças, e a cozinha e os banheiros, e ele só disse: “Estou pronto, querida. Você resolve isso.”

Houve reações de solidariedade pela sala. Angie não imaginava Chantal enfiando caixas em uma van alugada. Ela deve ter se vingado de Jameel contratando a empresa de mudança mais cara que pôde encontrar.

— Jo se casou jovem com Fig — contou Santee.

— E quem não casou? — questionou Chantal. — Eu tinha dezenove. LaD tinha dezoito. Parece que casou tarde.

Angie olhou para LaDonna. Ela ainda estava só observando, sem falar nada.

— Jo precisa ficar feliz por Fig estar jogando bem — disse Santee. — Marcus o ajudou muito.

— Jo não gosta muito de basquete — disse Chantal.

Houve suspiros não tão falsos ao redor da sala.

— Do que ela gosta? — perguntou Angie.

— Ela ama Anthony — disse Tisha. — A vida dela gira ao redor dele.

— E da mãe dela — completou Angelique. — Infelizmente, ela está nos primeiros estágios de uma insuficiência cardíaca.

— Talvez seja por isso que é tão fechada — sugeriu Tisha. — Perdi minha mãe faz alguns anos. Você não supera algo assim. Fica sempre com você.

— Jo e Fig estarão na festa no domingo à noite — Angelique contou para Angie. — LaD e Marcus vão dar uma festa antes do começo da temporada. Posso falar com ela se quiser.

— Isso seria ótimo. — Angie olhou para LaDonna. Nada de bom vinha do silêncio da mulher. — Ouvi dizer que você deu uma festa legal para Jo quando ela se mudou para cá — comentou Angie.

LaDonna soprou as unhas recém-pintadas. Tinha um brilho nos olhos.

— Conhecia Jo antes? — Angie tentou ir com cuidado. — Da época do colégio?

LaDonna afastou a manicure com um gesto.

— Não fomos do mesmo colégio. Ela vivia em outra cidade.

— Não sabia disso — disse Tisha.

— E a igreja?

— É, acho que ela ia à minha igreja.

Tisha abriu a boca, depois fechou.

Angie esperou. LaDonna nunca facilitava as coisas. O que ela não entendia era que Angie não estava preocupada com seu futuro na 110 Sports Management. Ela só se preocupava com Jo.

— Vamos evitar falar do fato de que Marcus já namorou Jo Figaroa ou você vai se abrir comigo e contar o que está acontecendo? — questionou Angie.

Os lábios de LaDonna ainda estavam assoprando as unhas.

— Não diria que andar de mãos dadas e falar sobre a Bíblia era um namoro.

— Como descreveria isso?

— Algo que não é da sua conta.

— Quer que a gente saia? — perguntou Santee.

— Não, vamos dar uma volta na piscina.

LaDonna se levantou. Enfiou os pés em um par de sapatos de salto alto fúcsia.

— Pele de ostra — explicou para Angie. — Saltos da minha marca. Feitos à mão em Milão.

— Coloque um pouco de filtro solar — lembrou Tisha. — O sol está forte.

LaDonna lançou um olhar duro para a garota.

— Por aqui — disse para Angie.

Angie não era do tipo que seguia. Andou ombro a ombro com LaDonna pelo corredor. Olhou para os sapatos italianos da mulher. Havia Rs de ouro presos nas pontas. Alguns fios tinham começado a se soltar. Havia uma pequena mancha no dedão. Ver aqueles defeitos deu a Angie a única sensação de prazer que teria o dia todo. LaDonna sempre pareceu o que os cafetões chamavam de Mãezona, uma puta mais velha que mantinha as garotas na linha pela força ou pela manipulação. Ela confortava ou cortava, dependendo do que fosse necessário para que continuassem a ganhar dinheiro nas ruas.

LaDonna colocou os óculos escuros. Abriu a porta. Do lado de fora estava ainda mais quente e iluminado do que antes. Ela respirou o ar úmido. Ainda tinha cheiro de esmalte no nariz.

— Mulher, o que você quer? — indagou LaDonna.

Angie sorriu, mas só para incomodar a outra.

— Como eu falei. Kip está preocupado com Jo.

— Ela não faz o tipo do meu homem, se é isso que você quer saber. — LaDonna balançou a cabeça para enfatizar o que estava dizendo. — Marcus gosta de mulheres lutadoras. Jo não assustaria nem um fantasma.

— Ela é capacho de Fig.

— Ela é saco de pancada dele. — LaDonna sorriu com a surpresa de Angie. — Acha que não sei como é? — Ela riu. — Marcus não levantaria a mão para mim, mas meu pai... Ele tirava o cinto e arrancava a pele da minha bunda. Jo tem a mesma cara que minha mãe tinha quando apanhava do meu pai. Um inferno, até quando não apanhava. Ele só olhava para ela e...

LaDonna se encurvou e levantou as mãos, mas não tinha o olhar amedrontado.

— Você falou com Jo sobre isso? — perguntou Angie.

— O que eu deveria falar? “Sei que seu homem bate em você. Por que diabos você não vai embora e leva metade do dinheiro dele?” Droga, ela já sabe disso. Ela já sabe disso por quase dez malditos anos. E o que ela fez?

LaDonna caminhou até a churrasqueira coberta. Pegou uma garrafa de água da geladeira.

— Não é como antes. Uma foto, um vídeo de um elevador e ela teria o mundo ao lado dela. — LaDonna riu. — Claro, sabe como isso funciona, certo? Apareceria na TV e as pessoas ficariam com pena dela e depois, uma semana mais tarde, todos a culpariam dizendo: “Olha aqui no vídeo quando ela está gritando” e “Olha aqui quando ela dá um soco nele” e “Por que ela o deixava bravo assim?” e “Ela só quer o dinheiro dele”.

Angie balançou a cabeça.

— Não sei se você está falando que ela deveria deixá-lo ou se é melhor ficar.

— Estou dizendo que a garota não tem determinação.

— Determinação tem um preço — disse Angie. — Fig perderia seu contrato se Jo dissesse o que ele está fazendo. Não haveria mais dinheiro entrando.

— Foda-se o dinheiro. — Ela jogou uma garrafa de água para Angie. — Se Marcus tentasse essa merda comigo, não haveria ouro suficiente em Fort Knox que me fizesse ficar aqui. Ainda sei como limpar um quarto de hotel. Meus filhos e eu viveríamos em uma caixa de fósforos antes que eu deixasse que me vissem apanhar como uma cadela.

Angie ficou pensando se seria verdade.

— Por que não a ajuda?

— Porra, não quero me envolver nas merdas daquela garota. — LaDonna bebeu um pouco de água. — Além disso, tenho minhas crianças para cuidar. Uma casa para botar ordem. Um marido que precisa de mim. Não vou desperdiçar meu precioso tempo tentando salvar alguém que nem quer ser salva.

Saiu um som da boca de Angie, quase um “huh”. LaDonna podia não estar gerenciando prostitutas, mas ela tinha a lógica da Mãezona.

— Olha para mim, irmã. — LaDonna tirou os óculos escuros. — Leia meus lábios. Ouça minhas palavras. Diga isso para Kip. Jo Figaroa gosta do que recebe.

— Ela gosta de apanhar?

— Por que ficaria com Fig se não fosse assim? Você não viu os dois juntos quando ele começa a ferver — acrescentou LaDonna. — Ela não levanta um dedo para acalmá-lo. Merda, ela incita. Reclama com ele. Dá tapas. Bem aqui nessa piscina, vi com meus próprios olhos. Festa da equipe alguns meses atrás. Estávamos todos descansando, bebendo coquetéis. Fig falou algo baixinho para ela, tipo “me traz algo para beber”. Jo não queria ir. Ela falou “vai pegar você mesmo”. Então, Fig não gostou. Todos vimos que ele tinha ficado irritado. Então, ele derrubou Jo da cadeira. Ainda assim, ela não foi pegar a bebida. Ela respondeu, deu um soco no peito dele, como se não tivesse medo. Sabíamos o que viria a seguir. Fig agarrou Jo pelo cabelo e a arrastou para dentro. Não sei o que fez, mas ela nunca mais respondeu para ele de novo.

Aparentemente, nenhum dos 1.300 quilos de músculos de jogadores de basquete que estavam no local fez nada para evitar que uma mulher de 45 quilos apanhasse.

— Tenho certeza de que Fig ficou aterrorizado quando Jo bateu nele.

— Não é? — disse LaDonna. — É exatamente o que estou falando, garota. Ela quer dar o fora? Tire uma foto dessa merda, as marcas e a boca inchada, o olho roxo. Coloca no TMZ. Liga para um advogado.

— Liga para um médico — sugeriu Angie.

— Talvez. — LaDonna terminou sua água. Ela jogou a garrafa no cesto de reciclagem. — Ele vai com tudo para cima dela se ela quiser deixá-lo. E nem pense no que Fig faria se ela tentasse tirar o filho dele. Aquele cara ama o menino. Vai explodir o mundo se Jo pensar em tirar o moleque.

— Achei que era fácil. Só tirar umas fotos e conseguir um advogado.

Ela olhou para Angie.

— Fala de novo por que está tão preocupada com Jo.

— É meu trabalho.

— Então, por que está trazendo essa merda para mim? — LaDonna continuava olhando para ela. — Por que *você* não ajuda Jo?

Angie deu de ombros.

— Diga o que eu posso fazer.

— Não conte a Kip, porque ele vai colocar Laslo na sua cola se você atrapalhar o time.

— Então, o que fazer? Esperar pelo enterro de Jo? — perguntou Angie.

LaDonna pensou um pouco. Pegou outra garrafa de água. Abriu a tampa. Finalmente, balançou a cabeça.

— Não importa o que fizermos. Mesmo se Jo se livrar de Fig, terminaria com outro canalha que faria a mesma coisa. Era o que minha mãe fazia. Ela deixou meu pai, conheceu esse homem que é todo doce com ela, cuidou dela e, no minuto em que eles voltaram da lua de mel, ele levantou a mão. É o que acontece desde que Jesus perdeu as

sandálias. Alguns homens nascem para bater e algumas mulheres nascem para apanhar, e elas têm esses ímãs dentro delas que sempre atraem esses caras. Gostam de apanhar. Algumas pessoas nascem com um buraco dentro delas. Passam a vida tentando preenchê-lo. Às vezes, tentam com comprimidos. Às vezes, com Jesus. E, às vezes, com um punho. — Ela jogou a tampa da garrafa na lata de lixo. — Terminamos por aqui?

Angie sabia que tinham terminado, mas não ia deixar a outra mulher ter a última palavra.

— Essa garota em Vegas. Precisa que Laslo limpe alguma coisa?

— Já cuidamos disso.

Ela parecia um chefão da máfia.

— Você fez a ela uma oferta que não poderia recusar?

— Arranquei um dente da boca da mulher.

Angie encarou LaDonna. Não seria a primeira a virar o rosto.

— Vou deixá-la em paz.

LaDonna olhou para a piscina.

— Faça isso.

Angie sabia quando estava sendo dispensada. Abriu a garrafa de água enquanto caminhava pelo corredor. As esposas estavam todas rindo no salão, mas Angie agarrou a bolsa e foi embora. Ela não precisava de acompanhante para levá-la até o carro. Estava de volta na entrada quando se lembrou do celular verde.

“Droga!”

Enquanto estava perdendo tempo brincando com LaDonna, Jo tinha recebido uma mensagem. Mais importante ainda: tinha respondido, fazendo o download para seu celular.

MR: 1TOWN SUITES1HR

Josephine: OK

O relógio mostrava que o texto tinha sido enviado há dez minutos.

Angie ligou o iPad. Abriu o software de GPS. Um ponto azul piscou no mapa, avançando devagar pela Cherokee Drive.

Jo estava se movendo.

TERÇA-FEIRA, 13h08

Angie estava atrás do gerente do motel OneTown Suites. Havia um monitor na mesa em frente a ele. A tela estava dividida em quatro perspectivas de várias câmeras de segurança

instaladas ao redor. O saguão. O elevador. O longo corredor. O estacionamento.

Por sorte, o motel estava a menos de quinze minutos da mansão de Rippy. Talvez houvesse um bom motivo. Angie não tinha dúvidas de que Marcus usara o lugar antes. Os quartos eram alugados por semana, só que pagar mais por algumas poucas horas garantia que ninguém faria perguntas. O lugar cheirava a discrição com preços de barganha. Tudo era limpo e bem conservado, mas barato. Era o tipo de lugar a que um homem rico poderia levar uma garota que tinha conhecido em um clube de strip-tease da área. Na mesma rua, o St. Regis e o Ritz eram para “encontros” mais sérios.

Angie olhou para o painel do monitor que mostrava o estacionamento. Jo ainda estava dentro de seu Range Rover estacionado, o mesmo lugar em que tinha ficado nos últimos vinte minutos. Ela estava sentada sobre as mãos, como na Starbucks. Olhava para a frente. Não se movia. Não tinha saído do carro. Angie olhou a hora. A mensagem de Marcus havia sido enviada cinquenta minutos antes. Anthony sairia da escola em uma hora. Se Marcus Rippy tinha agendado um encontro amoroso, teria de ser muito rápido.

O gerente digitou algo e olhou todos os ângulos do estacionamento e do motel.

— Quanto tempo mais? — perguntou ele.

— O tempo que for preciso.

— Acho que me pagou o suficiente — disse o homem. Uma piada, considerando os cinco mil que Angie tinha colocado no bolso dele.

Ele teria aceitado mil, mas Angie estava com pressa e não tinha tempo para negociar.

Havia dois quartos contíguos no fundo do motel, separados por uma porta privativa. Tudo que Angie precisava estava em sua mochila. O microfone direcional era fino o suficiente para passar por baixo da porta. O receptor plugado na parede. Os fones conectados. Como ela chegou ao motel bem rápido, teve muito tempo para plantar as câmeras, mas há meses não fazia esse tipo de trabalho. As baterias estavam descarregadas.

O telefone da recepção tocou. O gerente atendeu. Angie percebeu que um hóspede estava tendo problemas com a televisão.

Ela começou a andar pela sala. Não queria pensar nas formas como isso poderia dar errado. Encontrar-se em um motel não significava se encontrar em um quarto de motel. Marcus andava em um Cadillac Escalade. A parte de trás era mais do que adequada para acomodar duas pessoas.

O gerente desligou o telefone.

— É esse que você está esperando? — perguntou a Angie.

Ela olhou para o monitor. O Cadillac preto de Marcus Rippy parou ao lado do carro de Jo. Angie segurou a respiração, esperando que todo o seu plano desse errado. Jo continuou dentro do carro. Marcus desceu do dele. Angie o observou andando pelo

estacionamento. Seu andar era lento, descontraído, mas ele virava para a esquerda e para a direita como se quisesse garantir que ninguém estava olhando. Deu outra olhada antes de abrir a porta da entrada.

Tocou uma campainha.

— Hora do show. — O gerente se levantou e saiu da sala.

Angie procurou entre as câmeras de segurança para encontrar qual cobria a recepção. O gerente estava lá, enfiando a camisa polo dentro da calça. Marcus usava um boné de beisebol. Óculos escuros cobrindo os olhos. Suas roupas eram bem comuns e o relógio de três mil dólares não estava no pulso. Ele parecia saber onde estavam as câmeras. Ficou com a cabeça abaixada. Não olhou para cima. Entregou ao gerente um maço de notas, pois LaDonna monitorava cada centavo que entrava e saía das contas deles.

Angie ouviu o gerente falando, mas não conseguiu ouvir Marcus. Uma chave foi entregue pelo balcão. Mapas da cidade e a senha de Wi-Fi foram oferecidos. Marcus não aceitou nenhum dos dois. A câmera o perdeu quando ele foi para a porta.

A campainha tocou de novo.

Angie mudou para a câmera do estacionamento. Marcus estava parado do lado de fora. Acenou para que Jo entrasse.

Primeiro, Jo não se moveu. Ela parecia estar decidindo algo. Realmente ia fazer aquilo? Deveria entrar naquele quarto com Rippy? Deveria ir embora?

Finalmente, ela se decidiu. A porta se abriu. Ela saiu do carro. Enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans enquanto cruzava o estacionamento.

O gerente bateu à porta. Angie abriu.

— É quem eu penso que é? — quis saber ele.

— Por cinco mil dólares, não é, não. — Angie começou a mexer aleatoriamente em seus equipamentos. Ela já havia tirado o CD do gravador.

— Ei! — Ele levantou as mãos. — Sei como funciona suborno. Trabalho em um motel na estrada.

Angie pensou na arma em sua bolsa. Descarregada. Assim era melhor. Ela abriu a porta do escritório. Jo e Marcus estavam entrando no elevador. Angie se enfiou atrás do balcão quando as portas se fecharam.

Esperou até ouvir o motor do elevador. Foi subindo devagar pelas escadas porque não poderia chegar antes deles no segundo andar. Ouviu como os dois conversavam quando ia chegando perto. O barulho de uma chave na fechadura. Uma porta se abriu. Uma porta se fechou.

Angie foi para o corredor. Caminhou rápido para o quarto ao lado. Passou na fechadura o óleo que tinha na mochila. A chave entrou sem fazer ruído. As travas

abriram. Abriu a porta depois de colocar óleo nas dobradiças e segurou a maçaneta para a porta não fechar sozinha.

A porta entre os dois quartos era fina. Marcus e Jo já estavam conversando no outro quarto. A voz de barítono dele vibrava no ar. A voz de Jo era mais baixa, quase um murmúrio.

Angie se sentou no chão ao lado do receptor. Colocou o fone no ouvido.

— ... mais — disse Jo. — Estou falando sério.

Marcus não respondeu, mas Angie podia ouvir sua respiração. Ela ajustou o som. E se odiou por não ter deixado as baterias carregadas em todas as câmeras.

— O que quer que eu faça, Jo? — perguntou Marcus.

— Quero que veja isto.

Houve um som farfalhante, depois um pequeno gemido que Angie achou que era o retorno. Ela ajustou os controles do receptor. Não era retorno. Era a voz de uma mulher repetindo a mesma palavra várias vezes.

“— Não, não, não, não, não...”

Angie aumentou o volume. A voz era débil, distante, como se estivesse sendo filtrada por um alto-falante barato. Jo tinha ligado a TV?

— Nossa, Jo — disse Marcus. — Onde conseguiu isso?

— Só assista.

“Assista.”

Não era a TV. Talvez um vídeo. Angie fechou os olhos, focando nos sons ambientes. Um barulho de vento, alguém respirando, uma batida rítmica.

A voz da mulher de novo.

“— Não, não, não, não, não...”

“— Porra!” — Uma voz de homem, sem fôlego.

“— Não, não, não...”

“— Porra!” — O mesmo homem de novo, excitado.

“— Cale a boca dessa mulher.” — Um segundo homem, voz mais grave.

“— Estou tentando...” — respondeu o primeiro homem.

Angie deu um pulo quando entendeu o que estava ouvindo.

Jo tinha um vídeo de dois homens trepando com uma mulher que ficava dizendo “não”.

— Desliga isso — pediu Marcus.

O primeiro homem. Marcus Rippe era o primeiro homem.

— Por favor, desliga isso — repetiu ele.

Angie ouviu o silêncio, seu estômago doía. Que merda Jo estava fazendo? Estava sozinha. Ninguém sabia que ela estava ali. Tinha acabado de mostrar a um cara com

noventa quilos de músculo um vídeo em que ele forçava uma mulher que ficava dizendo “não” a fazer sexo.

— LaDonna viu isso? — perguntou Marcus. Jo deve ter negado com a cabeça, porque ele falou: — Bom para você.

— Não estou tentando causar problemas para você — disse Jo.

Angie ouviu passos cruzando o quarto. Ouviu mexerem em uma cortina. Silêncio. Mais silêncio. Angie colocou a bolsa no chão. Ela precisava carregar a arma. Precisava estar pronta.

— O que vai fazer com isso? — perguntou Marcus.

Angie congelou, esperando.

— Só quero ir embora. — A voz de Jo parecia frágil. — É tudo que quero. Não quero machucar você. Não quero machucar ninguém.

— Jo-Jo... — Marcus suspirou. Ele não disse mais nada. Estava tentando encontrar uma forma de lidar com a situação.

Angie tentou se colocar no lugar de Marcus Rippy. Era um cara inteligente. Já devia ter sido chantageado antes. Já usara o motel antes também. Sabia onde estavam as câmeras de segurança. Sabia que as imagens iam mostrar Jo, e ele sabia que o gerente tinha reconhecido o rosto dele.

Angie tirou a mão da arma. Ficou esperando.

— Fig não vai deixar que você leve o filho dele — comentou Marcus.

— Vai, se souber que tenho um vídeo mostrando como ele estupra uma garota.

“Não.” Angie murmurou a palavra através da porta fechada. Marcus estava no vídeo também. Jo não podia ser tão estúpida. Não podia mostrar o vídeo de como um homem violentava uma mulher junto com seu marido e esperar que os dois deixassem isso passar.

— Se Fig vir isso... — Marcus fez um ruído profundo. — Jo, ele vai matar você.

Jo não respondeu. Não precisava que ninguém falasse que o marido dela ia matá-la.

— Quer dinheiro? — Marcus parecia bravo. — É disso que se trata? Está me chantageando?

— Não.

— Mostra um vídeo em que Fig e eu estamos nos divertindo e...

— Aquela garota foi estuprada. Quase morreu de tanto apanhar. Ela colocou a AIG para investigar...

— Sabe que não sou assim. — Era óbvio que ele estava tentando controlar o temperamento. — Vamos, garota. Estávamos apenas nos divertindo. Só isso.

— Ela parece drogada.

— É uma viciada. Sabia o que estava fazendo.

Jo ficou em silêncio de novo. Os ouvidos de Angie doíam de tanto forçar para ouvir. Tudo que ela conseguia ouvir era o próprio coração batendo. Rápido. Com medo. Isso era muito perigoso. A garota no vídeo tinha de ser Keisha Miscavage. Era o caso de Will que Angie fizera desaparecer. Ela havia pagado centenas de milhares de dólares em suborno. Se existia um vídeo, então Jo estava sentada em uma mina de ouro.

Se ela continuasse viva.

— Eu posso dar dinheiro para você — disse Marcus.

— Não quero dinheiro.

— Quer o que então, porra?

— Meu filho. — A voz de Jo falhou. — Quero que minha mãe fique segura. Quero um emprego em algum lugar e ter uma vida honesta.

— Como vai fazer isso sem dinheiro?

Jo começou a chorar. Angie não podia saber se o choro era de verdade.

— Vamos... — disse Marcus.

— Você pode falar com Reuben. Dizer que está fora do time se não me deixar ir embora. — A voz de Jo tinha falhado na última palavra. — Por favor, Marcus. Temos um passado juntos. Temos amor entre nós. Eu sei disso. Não estou tentando te explorar ou me aproveitar. Estou pedindo como uma amiga. *Preciso* de você como amiga.

Silêncio.

— Marcus...

— Sabe que não sou eu quem decide.

Angie esperou que aparecesse a garota da Starbucks falando que ele era um merda, que Marcus Rippey era um imbecil, que podia fazer o que quisesse.

Jo não falou nada.

— Vamos lá — disse Marcus. — Sente-se, garota. Vamos conversar sobre isso.

Angie ouviu as molas da cama.

Merda. Ele poderia estuprá-la. A filmagem de segurança mostrava que Jo tinha ido por vontade própria ao motel. Marcus poderia falar em traição. Poderia ameaçar contar a Reuben Figaroa e Jo ficaria ainda mais enrolada do que já estava.

— Tudo que o vídeo mostra é que eu estava me divertindo — sugeriu Marcus.

— Eu vi o final. Ela estava implorando pela mãe dela.

Marcus não respondeu.

— Eu ouvi o que ela dizia, Marcus. “Mamãe.”

— Não é o que você está pensando. — A voz dele tinha um tom que Angie estava rezando para que sua filha notasse.

— Marcus...

— Eu nem consegui terminar, certo? Tinha bebido muito. Havia muita coisa acontecendo naquela noite. Simplesmente fui embora. Não tenho nada a ver com o que aconteceu depois.

Jo não respondeu.

— Essa é a única cópia? — perguntou ele.

Angie ficou tensa. Em silêncio, ela mentalizou as palavras que deveriam sair de Jo: “Fiz cópias. Enviei para uma amiga. Se algo acontecer comigo, a polícia vai receber.”

— A outra cópia está no laptop, em casa — respondeu Jo.

“Merda.”

— O laptop de Reuben. Ele deixa na cozinha. Queria que eu encontrasse.

Marcus murmurou algo que Angie não conseguiu entender. Ou talvez ela estivesse distraída. Ela tinha o iPad com antenas de coelho em seu carro com todos os arquivos do laptop da cozinha. Por que não tinha olhado antes?

— Reuben não se importa que eu veja, porque sabe que tenho muito medo de fazer algo — falou Jo. Ela deu uma risada triste. — Eu *estou* com muito medo. Estava aterrorizada ao vir para cá. Naquelas duas vezes em que estivemos juntos, só conseguia pensar nele entrando no quarto e atirando em nós.

Marcus ficou em silêncio.

— Não consigo tomar um café sem mostrar a ele onde estou pelo celular. Não posso tomar água à noite porque não tenho permissão de sair da cama e ir ao banheiro. Não posso sair de casa sem a permissão dele. Não posso comer nada que ele não aprove. Ele verifica os registros da esteira para ter certeza de que corro meus cinco quilômetros diários. Tem câmeras dentro da casa, do quarto, do banheiro. Eu me cortei depilando as pernas outro dia e ele sabia antes mesmo de eu sair do chuveiro... — A voz dela parecia desesperada. — Sou mantida como um animal em uma jaula, Marcus.

— Vamos. Não pode ser tão ruim, Jo-Jo. Ele ama você.

— Esse amor vai me matar.

— Não fale assim.

— Já estou meio morta. — O tom de Jo indicava que ela estava falando sério. — Esse vídeo é minha única chance de escapar com Anthony. Se não for embora logo, então vou terminar morta pela mão de Reuben ou pela minha.

— Ai, garota, não diga isso. Suicídio é um pecado.

Angie se conteve para não gritar.

— Aposto que contou isso para sua mãe, não contou? — perguntou Marcus.

Jo não respondeu. Estava confirmando com a cabeça?

— Há quanto tempo você esteve carregando tudo isso?

— Tempo demais.

— Jo...

Ela começou a chorar de verdade. Angie pressionou a mão pela porta. Conseguiu sentir a tristeza de Jo do outro lado.

— Começou na faculdade — contou ela. — Tive de desistir porque ele me batia muito. Sabia disso?

Nada de Marcus.

— Minha colega de dormitório denunciou e a polícia foi chamada. A única forma de evitar que Reuben fosse preso era me casar com ele. No minuto em que aquele anel foi colocado no meu dedo, acabou tudo. — Ela deu a mesma risada seca de antes. — Há oito anos estou caminhando para meu túmulo. A única coisa que posso controlar é quando pulo fora.

— Jo-Jo, vamos falar sobre isso — disse Marcus. — Podemos resolver.

— Preciso pegar Anthony na escola. Reuben me obriga a ligar para ele assim que Anthony entra no carro.

— Não vá embora. Não dessa forma.

— Se eu chegar atrasada...

— Você vai chegar na hora — disse Marcus. — Vamos conversar sobre o que você vai fazer.

— Não sei. — Jo parecia machucada. — Não posso mostrar esse vídeo a ninguém sem envolver você e não vou fazer isso, não importa o que tiver feito de errado.

— Pela minha vida, Jo, pela vida dos meus filhos, não é o que você está pensando.

No começo, Jo não respondeu. Obviamente ela estava em conflito. O que a ligava a Marcus Rippy era muito mais profundo do que LaDonna percebia.

— Quero fazer algo por essa garota — disse Jo. — Quero justiça para ela, mas tudo que vejo é uma forma de escapar. — Ela deu uma risada aguda. — O que isso diz sobre mim? Que tipo de pessoa sou eu, que está disposta a trocar a vida de uma mulher pela minha?

— Você me conhece, Josephine — disse Marcus. — Você me conhece mais que qualquer outra pessoa. Temos uma história, que começou quando eu era um menino e você, minha garota. Nunca peguei pesado assim. Nem com você. Nem com ninguém. Você me conhece.

— Não foi o que pensei quando vi o vídeo.

— Nunca fui assim com você — acrescentou ele. — Nem naquela época, nem no mês passado. Nem agora, se você quiser.

— Marcus...

Estavam se beijando. Angie reconheceu os sons. Sentiu a cabeça se mover de um lado para o outro. Que tipo de roleta-russa sua filha estava jogando?

— Não. — Jo tinha obviamente afastado Marcus. — Não posso fazer isso.

— Passe o vídeo de novo. — Ele desafiou. — Mostre quando machuquei aquela garota.

Angie esperou que Jo o lembrasse de que, mesmo dopada, a viciada no vídeo continuava falando “não”.

— Pegue meu celular. Destrua — pediu ela. — Não posso machucar você. Não dessa forma.

Angie sentiu sangue na boca ao morder a língua.

— O que acontece se Fig ligar e você não atender?

Jo não respondeu. Angie rezou para que sua filha estivesse entendendo. Marcus sabia que Fig a controlava através do celular. Também sabia que havia uma cópia do vídeo no laptop. Mandar Jo ficar com o celular construía confiança e só havia uma razão para que Marcus precisasse que Jo confiasse nele: ia ferrar com ela.

— O que você vai fazer, Jo? — indagou Marcus. — Quero ajudar.

— Ninguém pode me ajudar. Estava só descarregando a frustração. — Angie ouviu os passos de Jo cruzando o quarto. — Preciso ir pegar Anthony.

— Coloque esse problema nos meus ombros — pediu Marcus. — Sempre cuidei de você. Enfrentei aquele professor que estava tentando se aproveitar de você. Deixei claro para sua mãe que você era uma boa garota.

Ele parou e Angie esperava que Jo não estivesse concordando.

— Vou pensar em uma forma de cuidar de Fig para que você consiga o que quer.

— Não tem como, Marcus. Não sem machucar você, e não vou fazer isso.

— Agradeço por isso, mas você merece algo melhor. — Ele fez outra pausa. — LaD organizou uma festa no domingo. Fig já disse que vocês vão.

— Oh, Deus, não aguento festa alguma.

— Você precisa ir, garota. Fazer com que ele pense que está tudo bem.

— E depois?

— Dê algum tempo para eu armar um plano. Vou dar um jeito nisso e cuidar de você, mesmo se isso significar te levar com o Anthony para uma das minhas casas, colocar um guarda na porta, para você ter um tempo para pensar em tudo.

— Oh, Marcus. — Jo parecia tristemente esperançosa. — Faria isso mesmo? Poderia?

— Só me dê algum tempo — pediu ele. — Preciso meditar sobre isso um pouco, descobrir o que devo fazer.

— Obrigada! — A voz de Jo era melancólica. — Ai, Marcus, obrigada.

Mais beijos.

Novamente, Jo se afastou primeiro.

— Preciso pegar Anthony. Obrigada, Marcus. Obrigada.

A porta se abriu e fechou quando Jo saiu do quarto.

Angie ouviu seus passos leves no corredor.

— Meeeeerda — sussurrou Marcus no quarto ao lado. O colchão rangeu. Houve dez bipes enquanto ele digitava no celular.

Marcus Rippy poderia meditar sobre a situação, mas Angie sabia exatamente para quem ele ia ligar para resolver tudo.

— Kip — disse Marcus. — Temos um problema do caralho.

TERÇA-FEIRA, 15h18

Angie subiu pelo elevador até o 27º andar do escritório da Tower Place. Não o 28º ou o 29º, no qual ficava a 110, mas o de baixo, onde ela nunca esteve antes. Dale tinha mandado uma mensagem para que o encontrasse ali. Tinha mandado que viesse o mais rápido possível.

Sentia a paranoia subir pelo corpo enquanto via as luzes marcando os andares. Dale descobriu que Angie estava do lado de Jo? Ele tinha um estranho sexto sentido, especialmente em relação a ela. Angie não gostava de surpresas. Segurava a bolsa perto do corpo. Deveria ter carregado a arma. Nada daquilo parecia bom. Não havia nenhum motivo para Dale mandar uma mensagem para que se encontrassem em um andar diferente.

Nenhum motivo bom, pelo menos.

A porta do elevador se abriu. Angie hesitou antes de sair. O andar estava em construção. As lâmpadas estavam penduradas pelo fio. Pilhas de material de construção e baldes de tinta criavam um labirinto. Do lado de fora, as janelas mostravam um céu azul. Dentro, o clima era nefasto, cheio de sombras.

Se Angie fosse matar alguém, aquele seria um bom lugar.

Caminhou pelo lugar, passando as pilhas de latas de tinta e os andaimes. Pensou no iPad com orelhas de coelho, o que tinha o download de tudo que estava no laptop de Reuben Figaroa. Angie não teve tempo de procurar o vídeo que Jo tinha mostrado a Marcus Rippy. Ela supôs que Marcus contara a Kip sobre a cópia de segurança e adivinhava que Kip ia encontrar uma forma de limpar a máquina. Se isso significava limpar também o iPad, ela não tinha ideia. Angie não podia ligar para pedir a ajuda de Sam Vera. Ele era o cara de Dale, como todo mundo que ela conhecia. No final, só

conseguiu pensar em arrancar a antena, desligar a coisa e deixá-la no cofre da OneTown Suites.

Por cinco mil dólares, ela esperava que o gerente realmente soubesse como receber uma propina.

— Progresso — disse Dale.

O coração de Angie quase saiu pela boca.

— Você me assustou.

Dale pareceu gostar do efeito que provocou.

— Kip está no andar de cima com Rippy.

— Então, por que estamos aqui embaixo?

— Porque não tem câmeras de segurança aqui.

Angie engoliu para limpar a poeira da garganta. Caminhou até ele, mostrando que não tinha nada a esconder.

— Por que todo o mistério?

— Algo com Rippy. É tudo que sei.

Angie liberou um pouco da tensão. Claro que era por isso que estavam ali. Ela tinha ouvido Marcus ligar para Kip contando o problema. Deveria ter antecipado que Kip ligaria para Dale, que ligaria para Angie.

Ela olhou para o lugar, fingindo que já não tinha visto as saídas e os esconderijos.

— O que está acontecendo aqui?

— Progresso — repetiu Dale. — A 110 está crescendo. Agora que o acordo All-Star está avançando, eles precisam de mais gente para gerenciar a marca, ter certeza de que os atletas estão bem, manter todos os narizes limpos. Laslo vai dirigir isso.

Angie assentiu, porque fazia sentido. Gerenciamento de esportes não significava apenas negociar contratos. Eles gerenciavam tudo na vida dos atletas.

— Notícias de Denny?

Angie tinha esquecido o problema com o apostador de Dale. Ela olhou para o celular. Denny tinha enviado uma mensagem umas três horas atrás. Ela deu uma longa explicação sobre quanto trabalho ele ia ter para repassar todas as putas em Cheshire Bridge antes de chegar à única parte que importava.

— Ele diz que vai fazer isso esta noite.

— Ótimo. Dei ao advogado aquela papelada para o fundo — falou Dale. — É oficial.

— Já contou a Delilah?

Ele fez que não com a cabeça.

— Quero que você conte a ela.

A última coisa que Angie queria fazer era contar a uma viciada que ela havia atingido a veia principal. Mais uma vez, ele podia estar mentindo. Dale gostava de ferrar com as

pessoas.

— Como entro em contato com ela? Está na sua casa?

— Ela se mudou para a casa antiga da mãe dela. Imagino que Kip vai limpar minha casa em Mesa no minuto que eu morrer. — Ele tossiu. — Se for você que tiver de fazer isso, não vá ao sótão. Só tem papéis lá em cima. Casos antigos, essas merdas.

Angie não ia chegar nem perto da casa de Dale.

— Claro.

— Será melhor ficar longe do banheiro também. Por outros motivos.

O som do elevador. Kip e Marcus estavam conversando baixo e pararam quando viram Angie e Dale. Ela tentou não pensar na esperança na voz de Jo quando Marcus mencionou que poderia colocá-la junto com Anthony em uma das casas dele, protegendo-os de Reuben Figaroa com um guarda armado se fosse preciso.

A única pessoa que Marcus Rippy ia proteger era a si mesmo.

— Onde está Laslo? — perguntou Dale.

— Não está aqui. — Kip se virou para Marcus: — Você deveria voltar para cima, irmão. Eu resolvo isso.

Marcus fez que não com a cabeça.

— Isso não vai ser como as outras situações, cara. Não vou deixar que a machuque.

Angie reparou no rosto de Marcus Rippy. Ele parecia em conflito, o que até faria um pouco de sentido, se ela já não soubesse como isso ia terminar. Ela passou a maior parte de sua vida profissional persuadindo pessoas a fazer coisas que sabiam que estavam erradas, seja convencendo um suspeito a entregar seu parceiro ou subornando alguém para mudar seu testemunho antes de um julgamento. Sem exceção, o ponto fraco de todo mundo sempre terminava sendo alguma combinação de autopreservação e dinheiro.

— Quem devemos não machucar? — quis saber Dale.

Kip deu a Marcus outra chance para que fosse embora. Mas ele ficou.

— Jo Figaroa tem um vídeo — avisou Kip.

— De quê? — perguntou Dale.

— Não é problema seu — respondeu Marcus.

Dale olhou para Angie. Ela fez um grande esforço para ficar com a cara neutra.

— Não importa o que tem no vídeo. — Kip cruzou os braços. Angie percebeu que era uma das raras vezes que o via sem uma garrafa de BankShot ou uma bola de basquete. — Jo tem o vídeo no celular. É tudo que precisam saber.

— Há cópias? — Foi a vez de Angie perguntar.

— Estamos cuidando disso.

O que explicava a ausência de Laslo. Kip o mandou pegar o laptop antes que Jo pudesse voltar da escola com Anthony.

— Tem um computador... — disse Dale.

— A cópia não está no computador — interrompeu Kip. — Laslo está cuidando disso. Fim da discussão.

Angie ficou pensando na mentira. Marcus já teria contado a Kip que o vídeo incriminador veio do laptop de Reuben. A primeira pergunta que Kip teria feito era se havia cópias. Kip estava escondendo o máximo de informação possível de Dale e Angie, algo que, na verdade, era bom para Angie. Dale sabia que o laptop tinha sido clonado no iPad. Kip, aparentemente, não.

— Posso contratar um mané para roubar o celular dela — sugeriu Angie. — Problema resolvido.

— Não pode pegar o celular — disse Marcus, com a voz estridente.

Estava pensando em Jo e no fato de que Reuben a obrigava a avisar aonde ia o tempo todo. O que era louvável, mas, se ele estivesse preocupado de verdade com Jo, nenhum deles estaria aqui.

— Não é só o vídeo — continuou Kip. — É o que Jo viu. Não podemos confiar que ela não vai falar. Ela precisa receber uma lição para ficar na linha.

— Hora de usar o machado? — perguntou Dale.

Angie sentiu uma contração no estômago.

— Não. — Marcus pareceu alarmado. — Você não pode machucá-la. Não fisicamente.

— É um eufemismo. Não vamos machucá-la — disse Kip. — Temos um plano alternativo.

— Plano alternativo? — repetiu Marcus. — Como criou isso tão rápido? Com quem anda conversando sobre meus negócios?

— Somos sua equipe, Marcus — explicou Kip. — Sabemos faz algum tempo que Jo poderia ser um problema.

Angie esperou que alguém afirmasse que Reuben Figaroa era o problema.

— E o marido? — perguntou ela, ao perceber que ninguém o faria.

— Fig não pode saber sobre isso. Quando ele volta para casa? — Marcus perguntou a Kip.

— Ele só pode voltar amanhã à noite. — Kip levantou as mãos, como um policial de trânsito tentando parar um ônibus. — E entendo que Fig não pode saber sobre o vídeo ou sobre seus encontros com Jo. Confie em mim, Marcus, sei que o cara é esquentadinho. Não precisamos de uma acusação de assassinato contra ele quando estamos a menos de duas semanas da maior bolada das nossas vidas.

Marcus assentiu devagar, parecendo triste com o fato de que o dinheiro cobria tudo. Angie era a única pessoa na sala que não aceitava a troca. A vida de Jo valia mais do que uma bola de basquete ou outro shopping center glorioso.

— Qual é o plano alternativo? — perguntou Marcus.

— Há muito tempo, Jo foi presa com várias receitas no carro — respondeu Dale.

— Na época do colégio? — Marcus voltou a negar com a cabeça. Ele assumiu o papel de salvador de Jo novamente. — Não, cara, aquilo era meu. Machuquei as costas, tinha de continuar jogando. Jo levou a pior. Ela sabia que iam pegar leve com ela.

Angie pensou em Jo se sacrificando por Rippy. Essa era sua filha, sempre se sacrificando por um homem?

— Os detalhes da prisão ainda estão por aí — comentou Kip. — Podemos usar.

— Usar como?

— Vou colocar um pouco de Oxy no carro dela, ligar para um companheiro e ela vai passar uns dias na prisão — disse Dale. — Vai dar tempo para ela refletir sobre os próprios problemas.

— Não. — Marcus fez que não com a cabeça mais uma vez. — Não vai mandar Jo para a cadeia. Não vou permitir isso. Você trabalha para mim, cara. Todos vocês trabalham para mim, e digo que não.

Em qualquer outra situação, Angie teria rido da cara de Rippy. Ele se convenceu de que lá no fundo era um homem bom. Ela queria olhar para o relógio e marcar quanto tempo levaria para que capitulasse. Apostava em três minutos.

— Marcus — Kip suspirou fundo, fingindo frustração com aquele dilema terrível que ele também não queria enfrentar —, também não quero mandar Jo para a cadeia. Mas isso é sério. Precisamos descobrir uma forma de colocá-la em seu lugar sem alertar Fig. Ela precisa de um machado, não de um martelo.

— E o que isso quer dizer, porra?

— Significa que ela precisa entender que isso é um negócio — explicou Dale.

Kip assumiu.

— Os próximos dez dias são preciosos para todos nós. Você viu o que aconteceu com os investidores quando aquela puta da Keisha Miscavage apareceu. O que acha que vai acontecer se você e Fig se envolverem em um novo escândalo? Não estamos falando que Jo vai estragar sua carreira, sua vida, sua família. Isso poderia levar o projeto inteiro por água abaixo. — Ele deu de ombros, impotente. — Uma pessoa que tem todo esse poder... Você não pode simplesmente calá-la, precisa paralisá-la.

Marcus voltou a balançar a cabeça, mas Angie conseguia ver que ele estava perto de desistir.

— Isso não está certo, cara. Ela veio pedir minha ajuda.

Kip olhou desesperado para Dale. Angie virou a cara para não receber o mesmo olhar. Jo na cadeia por uns dias não seria nada mal. Ela estaria a salvo de Fig. Dois dias daria a Angie algum tempo para pensar em um plano. Se ela pudesse equilibrar as bolas certas no ar, Jo estaria em um avião para as Bahamas no domingo de manhã, em vez de sendo levada para reabilitação.

— Marcus, me diga quais são as outras opções — disse Kip. — Isso não é como Chicago. Não podemos molhar algumas mãos e soltar dinheiro por aí. Jo já chantageou você uma vez; vai tentar de novo. E as pessoas vão escutar o que ela tem a dizer, cara. Você quer uma capa da *Rolling Stone* sobre aquela merda? Ou pior, que ela vá até LaDonna com alguma história de merda sobre um vídeo ou outro?

Marcus se contraiu com a menção à esposa.

— Ela não envolveria LaDonna nisso.

— Tem certeza?

Marcus não tinha certeza de nada.

Kip viu uma abertura.

— Não dá para saber o que Jo está planejando. Precisamos deixar claro que ela não tem o poder. Não é que eu goste da ideia de fazê-la parar — ele deu de ombros, novamente impotente —, mas se dermos um bom susto nela, colocá-la em uma cela por alguns dias para comer merda em uma telha e ficar olhando o tempo passar sem ideia de quando vai parar, vai ser a melhor forma de resolver isso, Marcus. Você sabe disso.

— E o que Fig vai fazer quando chegar em casa amanhã à noite e descobrir que a esposa está trancada na cadeia? — perguntou Marcus.

— Eu cuido de Fig.

— Nem fodendo! — Marcus cuspiu as duas palavras. — Ninguém pode cuidar dele. O cara é um doido quando está bravo. Jo na cadeia? Ele não vai colocá-la em um hospital. Vai colocá-la no túmulo.

— Ele vai estar com um suporte no joelho — comentou Kip. — O médico falou que ele não vai conseguir dobrar a perna por uma semana.

Angie ficou vendo Marcus tentando criar um conto de fadas no qual Jo estava segura.

— O que mais o médico disse sobre Fig? — quis saber Marcus.

— Um mês de suporte, outro mês de terapia física — respondeu Kip. — Ele tem mais uns cinco anos de jogo. Mas a questão é: não temos nada com que nos preocupar nesse fim de semana. Quando Fig voltar do Texas, se Jo quiser se afastar dele, tudo que precisa é andar rápido.

Angie não sabia se Jo tinha pensado em ir embora sem que Anthony estivesse ao lado dela. Ela aproveitou.

— Mande Jo para a reabilitação. Vai parecer algo bom para o juiz. Vai ganhar trinta dias longe de Fig. Isso vai ajudar com a inauguração e vai ajudar Jo.

— Como isso ajuda Jo? — perguntou Marcus.

Angie não ia facilitar para ele.

— Ninguém vai dar uma surra nela na reabilitação. Isso vai acontecer quando ela sair.

— Reabilitação significa terapia — disse Dale. — E se um dos psicólogos a convencer a entregar Fig?

— Não podemos resolver o monte de “se” — comentou Kip, apesar de isso ser exatamente o que estavam fazendo. — Olha, gosto de Jo também, mas podemos fazer a credibilidade dela despencar com a prisão, certo? — Ele falou para Marcus. — Ninguém ouve uma viciada. É só perguntar para Keisha Miscavage. Além disso, você sabe que Jo não vai deixar Fig. Ela já tentou pelo menos cinco vezes antes, só até onde sabemos.

— Eu não sei... — Marcus estava convencido, mas tinha de fingir que precisavam pressioná-lo um pouco mais.

— Não sei se tenho tanta força para mantê-la presa depois do domingo — disse Dale. — Sábado é o máximo.

— LaD vai dar uma festa para o time no domingo à noite — contou Marcus. — Mesmo se Fig pudesse andar, ele não faria nada com ela antes da festa. As pessoas fariam muitas perguntas.

— Então, deixamos Jo na prisão por dois dias, ela vai para a festa no domingo, e aí a levamos à reabilitação na manhã seguinte — sugeriu Dale.

Marcus coçou o queixo. Ele não ia concordar tão fácil.

— Os tabloides vão adorar isso — disse Kip. — Você sabe que Fig odeia a imprensa. Ele vai se comportar direito. É completamente doido, mas não é idiota. Agora é diferente de cinco anos atrás. Não dá para ser filmado batendo em uma mulher e achar que vai continuar jogando.

Marcus não discordou.

— Não estou convencido sobre a cadeia, cara. Jo é sensível. Não é esse tipo de garota.

— Não vai ser nada de mais. É como ir a um spa. — Os olhos de Kip se iluminaram com a ideia. — Na verdade, isso poderia funcionar a favor dela. Vamos fazer publicidade sobre o assunto. Eles podem transformar em uma história sobre a recuperação de Jo, ficando limpa para o filho dela, algo assim. Ela vai ter uma sessão de fotos, fazer cabelo e maquiagem. Ela vai adorar.

— Não vai, não — disse Marcus. — Jo odeia ser fotografada. Ela nunca quer ser o centro das atenções.

— Melhor ainda — replicou Kip. — Ela vai fazer porque não vai ter escolha. Boa imprensa para Reuben. Boa imprensa para o time.

Marcus parecia realmente preocupado.

— Posso acreditar que Fig vai esperar alguns dias por causa do joelho, mas e depois? O cara é estourado. Ele tem uma AK perto da porta da frente.

— Ele tem armas há anos. Ainda não usou nenhuma delas. — Kip parecia achar que havia alguma segurança na lógica dele. — Jo vai ficar bem.

— Vou garantir que cuidem dela na cadeia. — disse Dale. — Vai ter a própria cela. Vai ficar na solitária. Nenhuma das outras presas vai falar com ela. Tenho uma garota que trabalha lá há muito tempo. Ela sabe como manter essas garotas seguras.

Marcus olhou para ele.

— Quem é você, cara?

— Ele resolve problemas — disse Kip. — Limpa as merdas.

— Ele parece uma porra de um cadáver ambulante. — Marcus respirou fundo. — Porra, cara, limpa sua cueca. Tem cheiro de mijo.

— Ele foi policial por 25 anos — comentou Angie. — Sabe como o sistema funciona. Se diz que pode manter Jo segura, então ela vai ficar segura.

Marcus olhou para Angie como se tivesse acabado de notar que ela estava na sala. Seus olhos viajaram subindo por suas pernas, seguiram a curva da cintura até os seios. Ela sabia que era o tipo dele, mesmo já não sendo nenhuma mocinha.

Angie tentou tirar proveito daquilo. Podia sentir pelo menos parte de um plano começando a entrar em foco, mesmo que fosse apenas para ganhar tempo para Jo.

— Jo vai ao mercado nas quintas. Isso é amanhã. Podemos plantar os comprimidos, garantir que o filho não esteja com ela. Isso vai deixá-la segura por dois dias enquanto estiver na cadeia. Marcus, você vai garantir que Jo esteja bem durante a festa. Então, na segunda de manhã, ela vai para reabilitação, e vamos ganhar trinta dias. Enquanto isso, o complexo All-Star é lançado. Tudo bem com a imprensa. Todo mundo ganha.

Marcus mordeu a lateral do lábio. Finalmente estava se convencendo.

— E o menino?

— Eles vão permitir uma ligação para Jo — disse Angie. — Ela pode pedir que a mãe pegue Anthony na escola e cuide dele até Fig voltar para casa. — Sua boca estava tão seca que ela quase não conseguia falar.

O plano parecia bom no papel, mas era bastante arriscado, principalmente porque dependia que um cara com um temperamento incontrolável se controlasse.

— Vocês precisam deixar claro para Fig que Jo precisa parecer bem para as câmeras. — Ela falou aquilo para Kip e Marcus. — Basta um machucado, ou que ela ande com dificuldade, e algum idiota com um blog vai dar a notícia. Se Fig odeia a imprensa tanto quanto você diz, é preciso deixar claro que vão estar observando Jo como gaviões, especialmente quando ela sair da cadeia.

— Isso funciona — disse Kip. — Dois dias na cadeia. Trinta dias na reabilitação. Jo vê com que facilidade podemos colocar a vida dela de cabeça para baixo. Fig vai estar bem quando ela sair. Sabe como o nervosismo dele esfria depois de um tempo.

Marcus já estava assentindo.

— Poderia acordar o cara, fazê-lo pensar que ela está tomando comprimidos porque talvez não aguento mais o que ele faz.

Angie se segurou para não xingá-lo.

— Certo, bom. — Kip se virou para Dale. — O vídeo no celular pode ser apagado quando Jo estiver na cadeia, certo? Algum tipo de engano do governo, blá-blá-blá.

— Tenho alguém que pode fazer isso remotamente — disse Dale.

— Bom — repetiu Kip. — Então, Dale planta o Oxy. Vou ver um cara do Ditmar para acompanhar Jo por todo o período, falar para eles não pisarem na bola enquanto ela for mantida até sábado.

— Não, cara. Deixe que ela plante o Oxy — Marcus apontou para Angie. — Parece que esse cara vai morrer antes de sairmos dessa sala.

Os lábios de Dale se tornaram uma linha fina e apertada. Ele estava morrendo, mas ainda tinha seu orgulho.

— Tudo bem. Feito. Vamos embora. Vamos subir de novo — disse Kip para Marcus. — Tenho de repassar uns últimos detalhes com você sobre o lançamento.

Marcus deu outra olhada em Angie antes de seguir Kip até o elevador.

Dale esperou até eles desaparecerem antes de falar.

— Seu merdinha filho da puta. — Ele chutou uma escada. — Quem acha que fez a acusação de estupro dele desaparecer? E as duas que nem chegaram a prestar queixa? — Chutou a escada de novo. — Sujei minha mão de sangue para que esse merdinha pudesse continuar jogando basquete.

Angie imaginou como Dale tinha juntado o dinheiro para o fundo.

— Eu pareço a porra de um cadáver? — perguntou ele.

— Parece que está gripado — mentiu ela. — E sempre pode voltar a fazer diálise.

Dale se encostou na parede. Tinha ficado sem ar por chutar a escada.

— Sentar naquela porra de quarto de hospital por quatro horas, três dias por semana, todo mundo falando que logo um rim vai aparecer.

Angie não podia ouvir a história triste dele. Ela precisava descobrir como ia cuidar de Jo.

— Preciso ir embora.

— Espera. Onde está aquele iPad? O clone? Não confio nessa merda de que não tem cópia no laptop.

— Não vi nenhum vídeo. Só um monte de fotos, e-mails para a mãe dela.

Dale olhou para ela, tentando perceber a verdade.

Angie revirou os olhos.

— Vou destruir aquele troço com um martelo. Problema resolvido.

— Tudo bem. Mas me traga os pedaços.

Merda, agora ela precisaria comprar outro iPad e destruir.

— Mais alguma coisa, sua majestade?

— Sabe que essa coisa da prisão e da reabilitação é só temporária. — Dale levantou as sobrancelhas. — Kip é paranoico, Marcus morre de medo de LaDonna. Você acha que eles vão se curar quando Jo sair do hotel para viciados em trinta dias?

— O que quer dizer?

— Consegui esse emprego para você. Se quiser mantê-lo, terá de me substituir.

— Quer dizer que tenho de sujar as mãos de sangue.

— Não venha com essa para cima de mim, Lady Macbeth. — Os dentes amarelos de Dale brilharam. — Escreva minhas palavras, mesmo se Jo ficar de boca fechada, esses caras vão ficar paranoicos. Eles vão começar a perder o sono. Vão começar a se preocupar com o que ela vai falar. Em algum momento, vão procurar você para resolver o problema de uma forma mais definitiva.

— O que quer dizer?

— Você sabe.

Angie sabia. Ele achou que Kip a chamaria para matar Jo, o que confirmava que Kip tinha contratado Dale para matar alguém antes. Ela esperava conseguir mais dinheiro do que os meros 250 mil que Dale estava deixando para Delilah.

— Ouça seu tio Dale — aconselhou ele. — Faça com que pareça um suicídio. Ela tem problemas com drogas. Prisão e reabilitação poderiam deprimir qualquer um. Uns comprimidos, um pouco de álcool, uma banheira cheia e ela cai e se afoga pacificamente enquanto dorme.

Angie começou a fazer que não com a cabeça, mas então lembrou que Dale nunca descobriria o que iria acontecer.

— Obrigada pelo conselho, tio Dale.

— Espere. — Ele impediu que ela fosse embora. — Parece estranho você saber que Jo vai ao mercado às quintas-feiras. Ainda mais se só começou a segui-la esta semana.

— Eu faço perguntas. Você não é a única pessoa que sabe como ser detetive.

— Certo.

— Isso é tudo? — Angie tentou ir embora, mas ele agarrou o braço dela.

— Vai precisar disto para amanhã.

Dale pegou algo no bolso. Tirou uma sacola Ziploc que continha uns doze comprimidos verdes. Oxycontin 80 mg. Suficiente para mandar Jo para a cadeia, mas

não o suficiente para acusá-la de tráfico.

— Sei que você prefere Vicodin — disse ele. Mostrou seus dentes amarelos por baixo dos lábios molhados. — Talvez um pouco demais.

— O que destruiu seus rins? Arco-íris e luz do sol? — Angie não ia deixar que ele usasse o vício dela. Dale tinha cheirado tanta cocaína por todos aqueles anos que poderia cobrir os Alpes de pó. — Pelo menos, eu sei quando parar.

— Os médicos conseguiram fechar esse buraco no seu estômago? — Dale tinha uma expressão amarga. — É o plástico dos comprimidos, certo? Vai comendo o revestimento do estômago?

Angie arrancou o saco de Oxy dele.

— Vai tomar um banho, Dale. Marcus estava certo. Você fede a mijo.

— Por que não vem me chupar?

Angie podia ouvi-lo rindo quando se afastou.

QUINTA-FEIRA, 10h22

Angie empurrava um carrinho vazio pelo mercado, procurando Jo. A loja era muito limpa. Seus olhos doíam por causa das luzes fluorescentes. Tudo estava tão arrumado que chegava a ser perturbador. A última vez que Angie tinha ido a um supermercado, estava com Will. A vida doméstica era o único fetiche dele. Comprava muitas coisas, sempre das mesmas marcas, com os mesmos logotipos porque era burro demais para conseguir ler algo que pudesse ser novo ou melhor. Angie odiava a vida doméstica. Ficava entediada com todo o processo, colocar porcarias no carrinho: algumas cervejas, sorvete de pêssego, aí um tipo diferente de margarina e, cinco minutos depois, ele ficava doido como o robô de *Perdidos no espaço*.

Sara devia fazer todas as compras. Passar as camisas dele. Preparar o jantar. Colocá-lo na cama à noite. Trocar a fralda.

Angie passava pela seção de frios e viu a filha na seção de hortifrúti. Jo segurava um pêssego na mão, vendo se estava macio. Tinha um olhar distante. Talvez estivesse pensando em seu plano de escapar do marido. Foi para isso que havia mostrado o vídeo a Marcus. Ela achava que ele cuidaria dela, faria todas as problemas desaparecerem. O que ela não entendia era que Marcus Rippe não arriscaria parte de sua vida para ajudá-la.

Mesmo se ele quisesse, Kip não permitiria.

O vídeo era o único problema deles. Angie tinha de copiar o arquivo do celular de Jo antes que a polícia apagasse. Ela não confiava no iPad de segurança, mesmo desligado e

trancado no cofre de um motel. Sam Vera era bom demais em seu trabalho, e Angie não estava disposta a arriscar a vida de Jo.

Dale não era adivinho, mas entendia como essas coisas funcionavam. Jo era uma incerteza. As pessoas odiavam a incerteza, especialmente quando havia dinheiro envolvido. Seria uma questão de tempo antes de Marcus ficar paranoico e Kip, desesperado. Laslo matou um homem a facadas em Boston. Ela sabia de outro trabalho sujo em Atlanta. O trabalho dele era manter os trens saindo na hora. Angie não os via tendo problemas para neutralizar Jo. O que significava que não havia muito tempo para salvar sua filha.

— Deixa eu ligar para minha mãe.

Angie sentiu o estômago apertar. Jo estava falando com ela. Estava parada a uns três metros. Tinha um pêssego nas mãos. A voz dela era alta o suficiente para que outros ouvissem.

— Meu filho está na escola — disse Jo. — Deixa eu ligar para minha mãe antes que você me leve.

Angie olhou ao redor, para garantir que ninguém poderia ouvi-las.

— O que...

— Eu sei que Reuben mandou que você me seguisse. — Jo soltou o pêssego. — Vi você na Starbucks. Estava na escola do meu filho no mês passado.

— Não é o que você pensa.

Jo tentava fingir não estar com medo, mas os músculos do pescoço estavam tensos.

— Não vou de boa vontade a menos que me deixe cuidar do meu filho. — Sua postura começou a ruir. Ela estava aterrorizada. — Por favor. Ele também é filho de Reuben.

Angie sentiu uma pontada forte no peito, uma resposta física à impotência que sua filha estava sentindo.

— Seu marido não me mandou. Estou aqui para ajudá-la a escapar.

Jo riu.

— Estou falando sério! — disse Angie.

— Vai se foder. Não me faça perder tempo.

Ela empurrou o carrinho para o corredor seguinte. Arrancou um saquinho e começou a escolher laranjas.

— Você está em perigo — avisou Angie.

— Grande merda.

— Marcus contou a Kip sobre o vídeo.

Jo riu de novo.

— Acha que não imaginei que isso aconteceria? O laptop quebrou hoje de manhã. Nem liga mais. Tudo no meu celular foi apagado. — Ela abriu a bolsa. Tirou o celular. Entregou para Angie. — Quer? Pode pegar. Não tenho nem fotos do meu menino mais.

Angie afastou a mão dela.

— Ouça bem. Estou tentando ajudar.

— Você não pode me ajudar.

Jo se virou. Empurrou o carrinho para a seção de sucos.

Angie a seguiu.

— Você vai ser presa.

Jo pareceu confusa, depois brava.

— Por qual motivo?

— Plantaram Oxy no seu carro. — Angie não contou que *ela* havia feito aquilo. — Os policiais estarão esperando do lado de fora. Vão manter você presa por dois dias.

— Mas... — Jo tinha aquele olhar que Angie já vira antes, quando pessoas ricas e bem-posicionadas descobriam que teriam de se dobrar à lei. — Eu não fiz nada.

— Isso não importa. Eles têm tudo planejado. Querem dar uma lição em você. — Angie deu um momento para que a ficha de Jo caísse. — Você vai sair da cadeia na noite de sábado, vai à festa de LaDonna com Fig no domingo à noite e na manhã de segunda-feira vai entrar na reabilitação.

— Não serei capaz de caminhar na manhã da segunda.

— O joelho de Reuben vai estar engessado. — Angie sentia que as palavras saíam de sua boca como se fossem jatos em uma cachoeira. Tinha de convencer Jo de que poderia garantir sua segurança. — Ele vai estar aleijado.

— Acha que isso importa? — Ela balançou a cabeça de novo. — Não dá para escapar de uma bala nas costas.

— A imprensa vai estar por todos os lados. Se ele bater em você, eles vão ver.

— Se ele deixar uma marca.

Angie fazia de tudo para convencê-la.

— Diga a ele que, se tocar em você, vai sair no jardim, tirar a roupa e deixar os fotógrafos registrarem o que ele tiver feito.

— Que fotógrafos? — Ela parecia ainda mais em pânico. — Reuben não gosta da imprensa.

— Eles vão segui-la no minuto em que você sair da cadeia.

— Oh, Deus! — Jo colocou a mão no pescoço. Quase não conseguia respirar. — Marcus contou a Reuben que me encontrei com ele? Sozinha?

— Não. Reuben não sabe sobre o motel, o vídeo, nada disso. — Angie viu o alívio atravessar o corpo de Jo como um relaxante muscular. — Marcus levou o problema para

Kip. É assim que Kip está resolvendo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Estava aterrorizada.

— Sabe o que meu marido vai fazer comigo por tê-lo colocado no centro das atenções?

Angie não aguentava mais o sofrimento dela.

— Vou ajudar você a escapar.

— O quê? — Jo parecia indignada. — Você é louca?

— Vou ajudar você — repetiu Angie e percebeu que nunca tinha dito palavras mais verdadeiras em toda a sua vida. Ela já abandonara Jo uma vez antes, mas faria tudo que podia dessa vez para deixar a filha em segurança. — Deixe-me ajudar você.

— Vai se foder! — Jo ficou furiosa, o mesmo que se poderia esperar de qualquer animal em uma armadilha. — Você arma uma emboscada no supermercado, diz que é minha salvadora, e devo acreditar em você, arriscar minha vida, arriscar a vida do meu filho? Que porra é essa que você está falando, sua puta? Que merda você acha que é?

Angie não teve coragem para falar. “Sou sua mãe. Sou a adolescente que não quis criar você. Sou a mulher que a abandonou.”

— Sou uma amiga — disse Angie.

— Sabe o que aconteceu com o último amigo que tentou me ajudar? Terminou no hospital. Provavelmente nunca mais vai andar.

— Sabe o que aconteceu com a última mulher que ameaçou Marcus Rippy?

Jo virou o rosto. Se ela não sabia, tinha uma boa ideia. O desespero voltou, a impotência.

— Por que arriscaria sua vida para ajudar uma estranha?

— Tive uma filha que passou pela mesma situação.

— Teve — repetiu Jo. — Ela morreu?

— Morreu — respondeu Angie, porque sabia que era assim que terminava a maioria daquelas histórias. — Morreu porque não a ajudei. Não vou deixar que isso aconteça de novo.

— Jesus! — Jo percebeu a mentira. — Acha que pode me convencer, me fazer confiar em você? Vi você na 110. Se não está trabalhando para Reuben, está trabalhando para Kip Kilpatrick.

— Você está certa. Trabalho para Kip — admitiu Angie. — E faço um monte de trabalhos sujos para ele, mas não vou fazer isso.

— Crise de consciência? — Jo deu uma risada forte. Ela sabia o que faziam os caras contratados para resolver problemas. Estava envolvida com esportes profissionais há muito tempo. — Reuben guarda uma faca ao lado da nossa cama. Sua arma está a dois centímetros da sua mão quando toma banho. Ele me espanca.

Jo percebeu que a voz estava muito alta. As pessoas estavam começando a olhar.

— Ele me espanca — repetiu ela, mais baixo. — Ele me estupra, me obriga a implorar para que continue fazendo isso. Tenho de pedir desculpas depois por fazer com que ele perca o controle. Ele me obriga a agradecer quando me libera para tomar a porra de uma xícara de café ou levar meu filho para se divertir.

— Então vá embora.

— Não acha que já tentei? — Ela virou o rosto, balançando a cabeça. — Na primeira vez, voltei para casa. Fiquei na casa da minha mãe. Três dias longe dele. Três dias de liberdade. Sabe o que ele fez? — Ela olhou para Angie. — Ele me arrastou da casa da minha mãe pelo cabelo. Quase me matou de tanto me espancar, me trancou em uma caixa e me deixou na garagem. Sabe o que os policiais falaram para minha mãe quando ela ligou, contando que sua filha tinha sido sequestrada por um louco? “Problemas domésticos.” É tudo que sou: um problema doméstico.

Angie não ficou surpresa. Os policiais da cidade pequena que tinham prendido Jo com aquelas receitas devem ter sido os mesmos que fizeram vista grossa para o sequestro dela. Se você está disposto a aceitar um suborno, então é só uma questão de tempo antes de aceitar outro.

Jo continuou:

— Há uma parede de dinheiro que protege esses homens. Eles não perdem coisas. Não perdem as esposas. Não perdem os filhos. Tentei na Califórnia. Tentei em Chicago. Todas as vezes, Reuben me arrastou de volta. Ele usou minha mãe contra mim. Usou Anthony.

Seu tom mudou ao mencionar o nome do filho.

— Minha mãe biológica me abandonou. Sei o que é isso. Não vou fazer o mesmo com meu filho.

Angie sentiu o estômago se contrair.

— Sabe algo sobre ela?

— Isso importa? Não posso pedir ajuda a ela, se é o que está pensando. Ela deve estar morta. Mesmo naquela época, era uma prostituta. Uma drogada. Exatamente o tipo de lixo que você espera que abandone um bebê.

Angie respirou fundo.

— Não vou deixar meu filho. Mesmo que Reuben fosse o pai do ano, eu ainda não deixaria Anthony. Isso faz uma alma apodrecer.

Angie tinha de se afastar daquele assunto.

— Qual era seu plano quando mostrou o vídeo a Marcus? O que achou que ia conseguir com ele?

— Dinheiro. Proteção. — Ela soltou o ar lentamente. — Sem o vídeo, não tenho nada.

— Não importa. É o que você viu. É só você abrir a boca.

— Ninguém se importa com o que tenho para falar.

— Você sabe muito. Para Kip e Marcus, sua boca é uma arma carregada.

Jo respirou fundo, como Angie tinha feito.

— Então aqui estou eu de novo, presa exatamente onde comecei.

Angie não suportava a resignação na voz dela.

— Tenho um plano para que você ganhe algum tempo e se afaste do seu marido.

— O que você vai fazer? — Os lábios de Jo se contraíram em uma expressão mal-humorada. — Acha que pode com Reuben Figaroa? Merda! Ele vai colocar uma arma na sua cara. Aquele cara não desiste e não abre mão do controle. — Ela foi contando nos dedos. — A conta bancária não está no meu nome. Os investimentos não estão no meu nome. A previdência não está no meu nome. A casa não está no meu nome. Nem o meu carro é meu. Assinei um acordo pré-nupcial antes de nos casarmos. — Ela riu, dessa vez de si mesma. — Eu estava apaixonada, querida. Não queria o dinheiro. Assinei minha escravidão.

— Eu posso tirar você disso — disse Angie. — Posso mantê-la segura.

Angie já tinha pensado em tudo. O fundo de Dale para Delilah. Angie estava autorizada a pagar por um apartamento e despesas. Podia usar o dinheiro para Jo.

— Posso conseguir outro nome para você. Ajudar você a se esconder. Quando estiver segura, encontro um advogado que possa negociar com Reuben.

— Como vai me tirar dessa? Essa é a parte difícil. Você poderia muito bem me dizer que vai me esconder em Marte e vamos descobrir como voar até lá mais tarde.

Ela estava certa. Reuben estaria esperando por Jo na porta da cadeia. Ele não a perderia de vista até começar a reabilitação. *Se* a deixasse entrar na reabilitação.

— Você não entende, não é? — Jo parecia perplexa de verdade. — Reuben não se importa com o basquete. Não se importa com Anthony. Ele não se importa comigo. Ele quer controlar. Faço tudo que aquele homem quer. *Qualquer coisa*, entende? É só ele falar. Estalar os dedos. E, mesmo assim, ele coloca uma faca no meu rosto. Ainda assim me agarra pelo pescoço. Ele não fica satisfeito enquanto eu não estiver aterrorizada.

Angie não podia pensar em todas as formas em que sua filha fora humilhada.

— Me conte, como vai ser quando Anthony ficar mais velho? Como vai protegê-lo?

— Reuben não machucaria o filho.

Angie imaginou se ela estava se ouvindo.

— Ele vai ver como o pai trata você. Ele vai crescer e se tornar esse mesmo tipo de homem.

— Não — insistiu ela. — Ele é doce. Não tem nada do pai nele.

— Reuben não era doce quando você o conheceu?

Jo apertou os lábios. Olhou para as próprias mãos.

— Qual é o plano? — perguntou ela, em vez de inventar outra desculpa.

— Você vai sair no sábado. Sei que Reuben vai estar esperando por você na porta da cadeia. E os fotógrafos também. Vou garantir isso. Você pode ir comigo, por outro lado.

— Esse é o plano? — Ela parecia mais desanimada do que antes. — O passo dois é que ou Reuben tira uma arma e me mata ou recebo uma ligação do advogado dele dizendo que sou uma viciada com antecedentes e nunca mais vou ver meu filho. E ele ainda assim me dá um tiro na cabeça.

Ela estava certa. Jo tinha passado anos tentando pensar em uma forma de escapar. Angie pensou por dois dias.

— E quando você for para a festa no domingo?

Ela começou a fazer que não com a cabeça, mas aí parou.

— Anthony vai ficar com minha mãe. Ela é a única pessoa que Reuben permite que cuide dele.

— Pode se afastar de Reuben na festa? — perguntou Angie. — Ir ao banheiro ou algo assim?

— Ele vai estar com os amigos. Com Marcus. Foi quando fizeram o vídeo — explicou ela. — Era aquela garota, a que acusou o Marcus de estupro.

— Keisha Miscavage?

— Isso. — Ela afastou as lágrimas dos olhos. Não conseguia afastar o medo. — Você deve saber o que vai enfrentar. O que fazem com mulheres que não importam. Aquela garota estava drogada. Sei que colocaram algo na bebida dela. Uma hora depois, ela estava naquele quarto, os braços caídos, sem saber o que acontecia, falando “não” para eles. E eles estavam rindo enquanto se revezavam com ela.

Angie sabia como era um estupro coletivo. Não ficou chocada com os detalhes.

— Domingo à noite, assim que estiver sozinha, saia da casa. Desça pelo caminho da entrada. Vire à esquerda. Há uma saída que dá para um beco que os jardineiros usam. Estarei estacionada ali esperando por você.

Jo não respondeu. Aquilo estava indo rápido demais.

— Por quê?

— Conte sobre minha filha.

Jo meneou a cabeça negativamente, mas ainda assim estava desesperada o suficiente para ouvir uma estranha.

— Encontro você nesse beco. E aí?

— Vou até a casa da sua mãe e pego Anthony — disse Angie. Ela ignorou o protesto de Jo. — Esse é o primeiro lugar em que vão procurar você. Posso lidar com eles melhor do que você.

— Por que não pegar Anthony primeiro e depois me encontrar na festa?

Angie podia ver que ela precisava ser convencida, fazer com que desse o primeiro passo.

— O que vai acontecer se você não conseguir sair e eu tiver seu filho no meu carro? Como explico isso? Como você explica isso?

Jo olhou para o chão. Os olhos iam de um lado para o outro. Ela mordida os lábios. Angie reconheceu os sinais de negociação. A fuga de Jo da festa iria colocar o plano em movimento. Esse era o ponto em que não haveria como voltar atrás. Se ela não fugisse, se mudasse de ideia no último minuto, Anthony ficaria na casa da mãe dela, Jo apanharia e tudo voltaria ao normal.

— O que devo fazer enquanto você sequestra meu filho? — perguntou Jo.

— Vou alugar um carro com um nome falso. — Angie teria de conseguir a carteira de motorista de Delilah, mas para isso só precisava de um pouco de heroína. — Domingo à noite, vou deixar o carro estacionado na rua dos Rippy. Quando você sair da festa, levo você até o carro. Você vai para o motel OneTown e espera por mim. Vou até a casa da sua mãe e pego Anthony. Quando levá-lo ao motel, você pega a estrada e vai para o oeste. Vou ficar aqui e garantir que ninguém descubra seu rastro.

— E depois?

— Encontramos um advogado para negociar com Kip e tirar você dessa confusão. — Ela impediu que Jo pudesse arranjar mais obstáculos. — Lembra que você pode testemunhar que viu Marcus naquele vídeo também.

— Testemunhar? — Ela ficou escorregadia de novo. — Não vou...

— Não vai ser preciso. Tudo que importa é a ameaça.

Jo apertou os lábios de novo.

— Por que deveria confiar em você?

— Em quem mais pode confiar? — Angie esperou uma resposta que ela sabia que nunca viria. — O que ganho enganando você?

— Estou tentando imaginar isso. — Jo segurou a corrente dourada ao redor do pescoço. — Pensei que Reuben tinha mandado você para me sequestrar. É o que ele sempre faz. Mas não deixa o sequestrador cuidar de mim. Ele mesmo faz isso.

— Quem ele manda sequestrar você?

— Um homem — disse ela. — Sempre um homem.

Angie deu tempo para ela pensar.

— Quer dinheiro? — perguntou Jo. — É o que você ganha disso, uma parte do que eu conseguir de Reuben?

— Você se sentiria melhor se eu pedisse algo?

— Não sei. — Ela ainda estava pensando naquilo, tentando encontrar as lacunas. — Minha mãe não pode viajar. Ela tem um problema de coração. Não pode ficar longe do hospital.

— Olhe para mim. — Angie esperou até seus olhos encontrarem os de sua filha. A mesma íris castanha. O mesmo formato amendoado. O mesmo tom de pele. O mesmo cabelo. Até a mesma voz. — Se eu fosse sua mãe, falaria para você pegar Anthony, ir embora e nem olhar para trás.

Jo engoliu em seco. O pescoço perfeito. Os ombros retos. Sua raiva. Seu medo.

— Certo — concordou ela. — Vou fazer isso.

SÁBADO, 4h39

Angie bocejou ao passar pela Ponce de Leon. Estava começando a amanhecer. Sentia-se exausta, mas não conseguia dormir. A prisão de Jo dois dias antes ainda era notícia. Como era previsto, a imprensa estava reunida ao redor da delegacia esperando que ela fosse liberada. Kip avisou Reuben para se controlar. A reabilitação foi planejada para segunda-feira. Marcus fez uma conferência com a imprensa na noite anterior em que comentou como o casamento de Jo e Reuben era forte, que eles iam superar aquilo, que só precisavam que as pessoas rezassem e enviassem pensamentos positivos aos dois. Uma foto desfocada de Jo com a cabeça abaixada, sentada no chão durante um dos jogos de Figaroa, era a única imagem que alguém tinha conseguido encontrar dela.

Ela estava em segurança por enquanto. Era o que Angie ficava repetindo para si mesma. Jo só precisava estar segura mais um dia e meio.

Vendo do lado de fora, parecia que Jo tinha uma boa chance de escapar. O plano não parecia complicado. Havia apenas um monte de peças móveis. Angie passara os últimos dois dias fazendo a parte dela. Roubou a identidade de Delilah. Alugou o carro. Mapeou rotas de fuga. Comprou um iPad usado. Destruiu-o com um martelo. Entregou os pedaços a Dale. Agiu como se estivesse tudo bem, assim ele não ficava muito próximo ou muito curioso.

Como sempre, dinheiro era a parte complicada. Angie tinha trinta mil dólares na conta bancária, mas ela não podia usar aquilo para ajudar Jo. Pelo menos não se Dale estivesse vivo. Ele podia acessar a conta dela. Não poderia haver uma quantidade como

essa sacada recentemente. A única opção de Angie era arrancar um pouco do dinheiro que Dale guardava no porta-malas do carro e esperar que ele não percebesse. Ele sempre mantinha debaixo do estepe algum dinheiro reservado para subornos, especialmente quando seus apostadores estavam atrás dele. Angie ia pegar o dinheiro no dia seguinte, pouco antes da festa. Ela não seria gananciosa. Jo não precisava ficar em hotéis cinco estrelas durante a fuga. Com pouco dinheiro, ela podia pegar a estrada para o oeste e encontrar um motel sujo com HBO para distrair o filho.

Roubar a identidade de Delilah até foi fácil. Angie espionou uma loja de conveniências perto de onde Delilah estava morando. Sabia que a garota iria aparecer em algum momento. Superar a abstinência era difícil, mesmo com Suboxone. Deixava a pessoa inquieta. E dava muita fome. Angie tinha pagado um menino para ficar de olho na loja. Quando Delilah apareceu, ele roubou a carteira da bolsa dela. Roubou a carteira de motorista, clonou um de seus cartões de crédito e desapareceu antes que Delilah chegasse à caixa registradora.

Angie estava na loja quando isso aconteceu, escondida atrás de um anúncio da Coca-Cola. Um movimento arriscado, mas ela não conseguiu evitar. Sempre foi fascinada por Delilah. Pelo menos, tão fascinada quanto dá para ser por alguém que você despreza. O que a tornava tão especial? Tinha de ser mais do que sangue. Dale tinha outra família, mas não dava bola. Então, o que o fez proteger Delilah por todos aqueles anos, tomar todas as providências para que ela ficasse bem depois da morte dele? Tinha de ser mais do que sexo. Dale podia conseguir isso em qualquer lugar.

Angie tinha de admitir que a garota não estava mal — se você gosta de coisas baratas e meio detonadas. Delilah conseguiu ganhar um pouco de peso. Não parecia mais um esqueleto. Tinha parado de pintar o cabelo e, aparentemente, ainda não tinha lavado. Mesmo a uns cinco metros, Angie conseguia ver que o castanho era mais um preto oleoso. As pontas espigadas caíram pelos ombros de Delilah quando ela descarregou as compras na caixa. Uma garrafa de licor. Dois sacos de Cheetos. Uma lata de batata Pringles. Chocolate. Balas. Pediu dois maços de Camel, porque ver o pai morrer de diabetes tipo 2 e falência dos rins não servia como uma boa advertência.

Delilah nunca levou em conta as consequências. Ela nem se preocupava com a próxima semana. O que importava era o hoje, o agora, o que podia ter nas mãos, quem podia explorar e como ia conseguir dinheiro.

Ela sabia sobre o fundo de Dale? Angie não tinha certeza, mas devia saber que Dale teria algo guardado. Outra pessoa devia saber sobre o fundo. Outra pessoa devia avisar à garota que Angie era a responsável.

Só havia outra pessoa em que Dale confiava, e Angie esperava nunca mais se encontrar com aquela maldita filha da puta outra vez.

Angie parou no sinal vermelho. Bocejou de novo. Esfregou o rosto. Sua pele parecia de borracha. Não tinha tomado Vicodin suficiente. Estava tentando se preparar para a noite do dia seguinte. As próximas horas seriam dolorosas, mas sua mente precisava estar afiada. Ela repassou o plano, tentando encontrar os pontos falhos, tentando antecipar os possíveis problemas.

O iPad era a chave. Estava dentro de sua mochila, trancado no porta-malas do carro. A coisa parecia radioativa. Também era uma questão em aberto. Jo tinha dito que o laptop de Reuben estava limpo. O iPhone tinha sido apagado remotamente também. Isso significava que o iPad seria apagado se Angie ligasse a coisa? Ela não entendia nada de tecnologia. Mas sabia o valor daquilo.

Angie não tinha contado a Jo sobre o iPad porque não confiava nela. Percebeu a dúvida da garota no supermercado. Jo só tinha concordado com o plano de Angie porque viu que haveria uma forma de parar com tudo no último minuto: não deixar Reuben na festa.

O que Jo decidiria?

Outra pergunta sem resposta. Angie não tinha certeza se a filha ia fugir. E mesmo se fugisse, não voltaria? Ela já deixara Reuben antes. Cinco vezes, pelo que Kip Kilpatrick disse. Angie sentiu a verdade embrulhar seu estômago. Mesmo se Jo fosse embora, ela voltaria para Reuben com tanta certeza quanto Angie estava sentada em seu carro. A única forma para evitar que isso acontecesse era garantir que não houvesse nenhum Reuben para voltar.

Will trabalhava na AIG. Eles tinham gente boa em informática. Se houvesse um vídeo no iPad, ele encontraria uma forma de acessá-lo. Colocaria Marcus e Reuben na cadeia, e Jo poderia trabalhar com um advogado para quebrar o acordo pré-nupcial. Ou não. A carreira de Reuben estaria terminada. Sua vida estaria terminada. Jo poderia desaparecer. Poderia pegar as retiradas mensais de Delilah e voltar à faculdade. Conhecer um cara legal. Ter outro filho.

Angie riu alto. O som ressoou dentro do carro. Quem ela estava enganando? Jo não gostava de caras legais, assim como a própria Angie. Havia um motivo pelo qual Angie não conseguira viver com o marido.

Ela não sabia se estaria viva depois do dia seguinte.

Dale Harding tinha sangue nas mãos. Laslo tinha matado antes. Kip não pensava duas vezes antes de puxar o gatilho atrás da segurança de sua grande mesa de vidro. Se algum deles descobrisse que Angie ajudara Jo, então não haveria para onde fugir.

Talvez fosse por isso que ela queria ver Will pela última vez. Ou, se não conseguisse vê-lo, espiar as coisas dele. Tocar suas camisas limpas e engomadas penduradas no guarda-roupa. Misturar suas meias perfeitamente organizadas na gaveta. Colocar sua

pasta de dentes no buraco errado do suporte de porcelana. Escavar um A em seu sabonete; assim, da próxima vez que ele tomasse banho, tocaria seu corpo e pensaria nela.

Angie engatou a primeira marcha. Quase tinha passado a casa de Will. Parou no meio-fio, estacionando do outro lado da rua, em frente a um hidrante.

Will vivia em uma casinha que antes era um ponto de venda de crack e que devia valer meio milhão agora, só o terreno. A parte de dentro foi meticulosamente restaurada, decorada com cores neutras. Sua mesa estava encostada em uma parede na sala de estar. Uma máquina de fliperama ocupava, com orgulho, a sala de jantar. O quarto vago estava lotado com todos os livros que ele tinha lido com sua lentidão penosa, determinado a ler os clássicos porque achava que isso era o que tornava uma pessoa normal.

No verão, ele cortava a grama a cada quinze dias. Limpava as calhas duas vezes por ano. A cada cinco anos, pintava os enfeites ao redor das janelas. Lavava as varandas com pressão. Plantou flores no pequeno jardim do lado de fora. Era um pai suburbano como outro qualquer, exceto pelo fato de que não vivia no subúrbio e não tinha filhos.

Pelo menos, não até onde ele sabia.

A entrada estava vazia, como sempre. Will passava a maior parte do tempo livre na casa de Sara. Angie não ia conseguir burlar o sistema de segurança do prédio dela sem gastar muito dinheiro, mas encontrou velhas fotos do apartamento arquivadas no site de uma imobiliária. Cozinha de chef. Dois quartos. Um escritório. Banheiro master com banheira e um chuveiro com ducha.

Aparentemente, ela gostava de guardar a ducha para si mesma.

“Segui o conselho da mamãe”, escrevera Sara três semanas antes. “Mande os pintores darem uma melhorada no banheiro dos convidados enquanto estávamos trabalhando. Mudei as toalhas para combinarem. Will ficou tão feliz por ter o próprio banheiro no meu apartamento, mas, para ser sincera, eu teria de matá-lo se continuássemos usando o mesmo banheiro.”

Angie ficou pensando se Will era tão idiota a ponto de cair no truque. Ela supôs que era. Caiu em muitas das besteiras de Sara. Ele devia ter uma camiseta que dizia: “Esposa Feliz, Vida Feliz.”

Ela sorriu, porque a única forma de Sara poder se casar com Will era se conseguisse arrancá-lo das mãos frias e mortas de Angie.

Só por esse motivo, ela iria sobreviver no dia seguinte.

Ela deu uma olhada nos vizinhos curiosos antes de dar a volta na casa. Se fosse qualquer outro dono, o portão do quintal faria um barulho, mas Will mantinha tudo bem lubrificado. Angie encontrou a chave extra em cima do batente. Enfiou na fechadura. Abriu a porta e encontrou dois galgos olhando para ela.

Estavam dormindo enrolados. Piscaram com o sol da manhã, parecendo mais surpresos que assustados. Angie não tinha medo. Os cachorros a conheciam.

— Vamos — sussurrou ela, estalando a língua. — Bons garotos — elogiou, fazendo carinho enquanto eles se levantavam e se esticavam. Deixou a porta aberta. Eles saíram.

Betty latiu.

A cachorra de Will ficou parada na porta da cozinha, protegendo seu território.

Angie levantou a vira-lata com uma das mãos, segurou o focinho dela com a outra e colocou-a de lado. Fechou a porta antes que Betty conseguisse se recuperar. A merdinha tentou voltar pela portinha de cachorro, mas Angie bloqueou com o pé até conseguir colocar uma cadeira na frente.

Betty latiu de novo. Mais uma vez. Então ficou em silêncio.

Angie olhou para a cozinha.

Se havia cachorros, havia pessoas ali.

Will e Sara estavam aqui. Eles devem ter vindo caminhando do apartamento dela. Estavam sempre andando, mesmo no calor do verão, como se os carros não tivessem sido inventados.

Angie tirou um momento para pensar no que tinha feito. O que ainda estava fazendo. Aquilo era uma invasão um pouco louca, um pouco mais perigoso do que o comum.

Ela era perigosa?

Deixou a bolsa no carro. A arma ainda estava descarregada. Sentia que devia deixar o carregador fora da arma, obrigando-se a cumprir aqueles passos a mais — enfiar o carregador, puxar para colocar a bala na câmara, passar o dedo ao redor do gatilho — antes que fizesse algo que poderia não ter volta.

Olhou para os pés. Os dedos estavam no alto, o calcanhar para baixo, a ponto de dar um passo. Balançou para frente e para trás. Ir embora? Continuar? Ficar aqui até alguém acordar?

“Ele bebe chocolate quente de manhã”, escrevera Sara. “É como beijar uma barra de Hershey quando eu acordo.”

O iPad estava no porta-malas também. No caminho, pensou em entregar o vídeo para Will. Um presente para retomar a acusação de estupro contra Marcus Rippy. Ele ficaria emocionado. Então, por que ela tinha deixado o iPad trancado no porta-malas se o plano era esse?

Ela olhou para os pés. Os dedos ainda levantados, indecisos.

Para falar a verdade, Angie nunca soube exatamente o que ela queria dar a Will. Tranquilidade. Problemas. Uma surpresa desagradável quando Sara entrasse na cozinha esperando chupar o chocolate dos lábios dele, mas a encontrasse ali.

Ela sorriu com o pensamento.

O relógio no forno marcava cinco da manhã. Will ia acordar para correr em meia hora. Tinha um alarme interno que não conseguia desligar, não importava o quanto pedissem que ele ficasse na cama.

Os dedos de Angie tocaram o chão. O calcanhar se levantou de novo. Os dedos abaixaram de novo. Ela estava andando. Na sala de jantar. Na sala de estar. No banheiro. No corredor. Na porta do quarto de Will.

A porta estava entreaberta.

Will estava deitado de costas. Os olhos fechados. Um raio de luz iluminava seu rosto. Estava sem camisa. Ele nunca dormia sem camisa. Tinha vergonha das cicatrizes, das queimaduras, das marcas. Aparentemente, isso tinha mudado. A razão para aquela mudança estava entre as pernas dele. Cabelo ruivo comprido. Pele branca. Sara estava apoiada sobre um dos cotovelos. Estava usando uma das mãos enquanto o chupava. Mas era a outra mão dela que Angie não conseguia parar de olhar. Os dedos de Will estavam enredados nos de Sara. Ele não estava segurando a nuca dela. Não estava forçando-a a chupá-lo.

Estava de mãos dadas com ela.

Angie pressionou o punho contra a boca. Queria gritar. Ela ia gritar. Virou-se, forçando-se a um silêncio antinatural. Estava na sala, na cozinha, no quintal, na entrada, no seu carro. Só quando se trancou no seu carro que liberou o grito. Angie abriu a boca e gritou o mais alto que conseguiu. Gritou tanto tempo que sentia o sangue na garganta. Socou o volante. Estava gritando, doía tanto que cada osso em seu corpo estava queimando de raiva.

Ela saiu do carro. Abriu o porta-malas. Agarrou a bolsa. Encontrou a arma. Estava sem o carregador. Ela o enfiou de volta. Começou a puxar, colocar uma bala na câmara, mas suas mãos estavam muito suadas.

Olhou para a arma. A Glock tinha sido um presente que ela tinha se dado quando conseguiu o emprego com Kip. Ela deveria ter limpado melhor. O metal parecia seco. Will costumava limpar a arma para ela. Ele se encarregava de abastecer o carro dela, de garantir que sua transmissão não estivesse vazando como uma peneira, que sua conta bancária tivesse dinheiro suficiente e que ela não estivesse sozinha no mundo.

Ele fazia aquelas coisas para Sara agora.

Angie voltou a entrar no carro. Colocou a arma em cima do painel. Aquilo não estava certo. Ela estava tentando fazer a coisa certa, ajudar Jo, ajudar Will com seu caso contra Marcus Rippey, arriscando a porra da vida dela para salvar a filha. Esse é o agradecimento que recebia? Poderia colocar um alvo nas costas, dava na mesma. Era claro que Dale suspeitava de algo. Sabia mais do que falava. Angie pensava que estava enganando todos eles, mas talvez ela estivesse sendo enganada. Ou Jo poderia ser a conexão fraca. Não

apareceria na frente da casa de Rippy na noite seguinte. Jo poderia já ter contado a Reuben o que estava acontecendo. Reação em cadeia. Reuben teria contado a Kip, Kip teria chamado Laslo e Angie teria uma faca enfiada no peito quando Jo estivesse saindo da cadeia.

Deixar Will identificar seu corpo. Deixar que ele veja a faca em seu coração. Deixar que experimente o horror de perceber que tinha fracassado com ela assim como todas as vezes que a decepcionara. Deixar que segurasse seu corpo sem vida, a mão ensanguentada enquanto chorava.

E deixar aquela puta da Sara Linton ver tudo isso.

Angie encontrou um caderno em sua bolsa, tirou a tampa da caneta. Começou a escrever em letras grandes:

Seu pedaço de...

Angie olhou para as palavras. A caneta tinha rasgado o papel. Seu coração estava batendo tão forte que o sentia subindo pela garganta. Arrancou a página do caderno. Tentou regular a respiração, impedir que a mão tremesse, se acalmar. Isso tinha de ser feito direito. Ela não podia machucar Will com suas palavras se não afiasse a língua como uma navalha.

Angie apertou a caneta contra a página em branco. Letra cursiva. Linhas tortas e inclinadas. Não para Will, mas para Sara.

Oi, querido. Se alguém está lendo isso para você, então estou morta.

Angie encheu a página dos dois lados. Sentia como se uma represa tivesse se rompido dentro dela. Trinta anos carregando aquilo nas costas. Cuidando dos problemas dele. Confortando-o. Deixando que trepasse com ela. Trepando com ele. Will poderia não encontrar a carta logo, mas acabaria encontrando. Ou Angie estaria morta ou Sara iria convencê-lo a finalmente se separar. Will iria ao banco. Encontraria a caixa postal de Angie. E, em vez de achar uma forma de rastreá-la, veria aquela carta.

— Foda-se — murmurou Angie. — Vai se foder, e foda-se sua namorada e foda-se a irmã dela e a porra da família e a porra da...

Ouviu uma porta se fechar.

Will estava parado na varanda da casa. Vestia uma roupa de corrida. Estava alongando os braços, inclinando-se para um lado, depois para o outro. A corrida das cinco e meia. Uma coisa que nunca mudaria. Angie esperou que ele visse o carro dela, mas, em vez de olhar para a rua, ele se ajoelhou na entrada e pegou uma flor do jardim. Entrou na casa. Passou quase um minuto antes que voltasse para a varanda, as mãos vazias, um sorriso no rosto.

Angie podia dar um jeito naquele sorriso besta. Ela saiu do carro. Olhou para ele, esperando que a visse.

No começo, ele não a viu. Alongou as pernas. Olhou a garrafa de água que carregava em um bolso. Amarrou de novo os tênis. Finalmente, levantou a cabeça.

Sua boca abriu.

Angie olhou para ele. Queria arrancar os olhos dele com as unhas. Queria chutar a cara dele.

— Angie? — perguntou ele.

Ela entrou no carro. Bateu a porta. Ligou o motor. Afastou-se do meio-fio.

— Espere! — gritou Will. Estava correndo atrás dela, movendo os braços, os músculos tensos. — Angie!

Ela conseguia vê-lo pelo espelho retrovisor. Aproximando-se. Ainda gritando o nome dela. Angie pisou nos freios. Agarrou a arma. Saiu do carro e apontou a arma para a cabeça dele.

Will levantou as mãos. Estava a quase cinco metros. Perto o suficiente para agarrá-la. Perto o suficiente para levar um tiro no coração.

— Só quero falar com você — disse ele.

O dedo de Angie estava descansando em cima do gatilho. Então, não estava mais. Ela sentiu a trava de segurança embaixo do dedo, depois o gatilho, então puxou forte.

Clique.

Will se encolheu.

A bala não saiu.

Disparo em seco. A câmara estava vazia. As mãos de Angie estavam suando muito para recarregar.

— Vamos a algum lugar para conversar — sugeriu Will.

Ela olhou para o marido. Tudo era tão familiar, mas diferente. Suas pernas definidas. A barriga firme debaixo da camiseta. As mangas compridas que cobriam as cicatrizes no braço. A boca que ela havia beijado. As mãos que tinham tocado o corpo dela. Que tocavam Sara agora. Que seguravam a porra da mão dela.

— Você mudou — acusou ela.

Will não negou.

— Preciso falar com você.

— Não temos nada para conversar. Nem o reconhecimento mais.

Ele esticou os braços.

— É assim que fico quando estou apaixonado.

Angie sentiu o frio metal da arma encostada em sua perna. Ficou sem ar. A bile destruía seu estômago.

Puxar a trava. Carregar a bala na câmara. Apertar o gatilho. Fazer o problema desaparecer. Deixar Sara viúva de novo. Apagar os últimos trinta anos porque não

importavam. Nunca importaram. Pelo menos, não para Will.

Angie voltou para o carro. Guardou a arma. Apertou o acelerador até o chão. Seu corpo doía. Sua alma doía. Sentia como se Will tivesse dado uma surra nela. Gostaria que tivesse. Feito sair sangue pela boca. Deixado seus olhos roxos. Detonado seus ossos. Xingado, gritado, fervido de tanta raiva...

Qualquer coisa que provasse que ele ainda a amava.

DOMINGO, 23h49

Angie acendeu um baseado. A lua estava cheia no céu, quase como um farol. Olhou pelo espelho retrovisor. Vazio. Ainda não era a hora de Jo sair da festa. Elas marcaram à meia-noite porque parecia uma boa hora. A festa de LaDonna tinha começado às nove. Ninguém importante chegava antes das dez. Duas horas para esperar. Duas horas para Jo conseguir se livrar de Reuben. Ou tomar a decisão mais covarde e ficar com seu marido.

Meia-noite.

Ou Jo ia virar abóbora ou virar a filha de Angie.

Angie assoprou a ponta do baseado. Ela não tinha ideia do que Jo ia fazer. A verdade era que ela não conhecia Jo Figaroa. Angie estava ali porque tinha feito uma promessa a si mesma de que continuaria naquilo até o fim. O que aconteceria a seguir ia depender de Jo. O único resultado certo era que Angie ia deixar a cidade de qualquer forma.

Olhou para o anel amarelo de plástico em seu dedo. As flores de girassol tinham se esmagado em sua bolsa. Todas as suas bolsas. Angie mudava de bolsa a cada dois dias, mas sempre transferia o anel porque... Por quê?

Por que significava algo?

Um brinquedo de criança, comprado em uma máquina de chiclete para simbolizar um relacionamento que começara há quase trinta anos. Angie sempre fingia que não se lembrava daquela primeira vez com Will. O porão cheio de porcarias da sra. Flannigan. Merda de rato no chão. O colchão manchado. O cheiro de sêmen. Ele estava tão vulnerável.

Vulnerável demais.

Como o medo, a vulnerabilidade era contagiosa. Naquele dia, Will estava triste, mas Angie era quem se sentia inconsolável. Ela mostrara a ele um lado dela que mais ninguém havia visto antes ou depois. Tinha contado sobre o cafetão da mãe. E o que havia acontecido depois. Will nunca mais olhou para ela da mesma forma. Ele assumiu o

papel de salvador. De super-herói. Arriscou a vida para protegê-la. Sempre a tirava de problemas. Dava dinheiro a ela. Dava segurança.

O que ele queria em troca?

Nada que Angie pudesse entender. Não era o tipo de transação que ela pudesse aguentar. De muitas formas, seria melhor se Will cobrasse algo ou a punisse. Uma sensação de pena era a única recompensa dele. Will nunca pedia as coisas que sabia que outros homens tinham pagado para fazer. Claro que ele queria, não era nenhum santo. Mas havia muitas experiências de vida, uma compreensão muito profunda do sofrimento, que uniram os dois naquele porão úmido e solitário.

Angie tinha dez anos quando Deidre Polaski enfiou uma agulha no braço e tirou uma soneca de vinte anos. Durante semanas, Angie se sentou ao lado do corpo em coma da mãe, assistiu a novelas na TV, embalou e banhou o corpo de Deidre. Penteou seu cabelo. Havia um bolo de dinheiro em um pote atrás do radiador. Angie usava o dinheiro para pizza e lanches. O dinheiro terminou antes que Angie pudesse ir embora. O cafetão de Deidre veio bater na porta dela querendo a parte dele. Angie contou que não havia sobrado nada, então, ele pegou uma parte dela em troca.

Sua boca. Suas mãos.

Não o corpo dela.

Dale Harding sabia bem que não devia cagar onde outro homem pagaria para comer.

Todo mundo sempre disse que Dale era um péssimo policial. Ninguém nunca descobriu até que ponto. Pensavam que estava metido com bebidas e jogo. Não sabiam que ele tinha um grupo estável de garotas menores complementando sua renda. Que tirava fotos. Que vendia as fotos para outros homens. Que vendia as garotas. Que ele mesmo usava as garotas.

Ele tinha feito isso com Delilah, a própria filha. Tinha feito isso com Deidre, a própria irmã. Tinha feito isso com Angie, a própria sobrinha.

Trinta e quatro anos antes, foi Dale quem bateu à porta. O tio de Angie. Seu salvador. Seu cafetão.

Era por isso que Angie sabia sobre os bolos de dinheiro que Dale mantinha debaixo do estepe no porta-malas. Dinheiro para fuga, ele sempre chamou assim, para o momento em que os detetives com quem trabalhava comesçassem a prestar atenção nele. Nunca o descobriram e, com o passar dos anos, Dale tinha ganhado e perdido fortunas. Sempre havia garotas abandonadas para explorar. Sempre havia dinheiro para ganhar. E sempre havia Angie em um canto, esperando que ele a notasse.

Era a coisa mais próxima a um pai que ela já tivera.

Em cada casa que o governo a colocava, não importava se era boa ou ruim, Angie sempre encontrava uma forma de voltar para Dale. Virou policial por ele. Cuidava dos

problemas dele. Cuidava de Delilah quando, na maior parte do tempo, tudo que queria fazer era colocar um saco na cabeça da garota e vê-la sufocar.

Will não tinha ideia de que um policial era o cafetão de Angie. Ele era tão bom quanto Dale Harding era ruim. Will fazia as coisas do jeito certo. Seguia as regras. Mas ele também tinha o mesmo lado selvagem dentro dele. Will podia se vestir de terno e manter o cabelo curto, mas ela conseguia ver além daquele disfarce. Ela sabia como despertar a fera que havia nele. Com os anos, Angie tinha brincado com a ideia de contar sobre Dale. Houve um tempo em que Will teria perseguido Dale, dado um tiro nele, se descobrisse o que o cara tinha feito com ela.

Angie ficou pensando o que ele faria se descobrisse agora. Provavelmente, contaria para Sara. Discutiria como a vida de Angie fora trágica. Então, sairiam para jantar. Depois iriam para casa e fariam amor.

Era o que mais incomodava Angie. Não a chupada, nem mesmo as mãos dadas, mas como tudo entre eles era tranquilo. A sensação que permeava o quarto.

Felicidade. Alegria. Amor.

Angie não tinha nenhuma lembrança de ter sentido isso com Will.

Ela devia deixá-lo em paz. Dar permissão para ter a normalidade que ele mereceu por toda a vida. Infelizmente, Angie nunca fazia a coisa correta quando se sentia atingida. Ela tendia a contra-atacar. Queria continuar machucando Will até ele finalmente revidar.

Angie apagou o baseado no cinzeiro. Tudo que ela odiava em Jo era tudo que estava dentro de si.

Olhou para o relógio; 23h52. Parecia que os ponteiros estavam se movendo ao contrário.

Angie saiu do carro. O calor sufocante quase a empurrou para dentro de novo. A temperatura não tinha caído com o por do sol. A camisa de algodão fino era pouco mais que um lenço, mas mesmo assim ela estava suando. Encostou-se no porta-malas. O metal ainda estava quente. Angie caminhou pela rua, com cuidado para não ir muito longe. Estava muito nervosa. O efeito do Vicodin tinha passado muito rápido. Estava preocupada com Jo. Estava com medo de Laslo. Estava aterrorizada com Dale. Temia que seu plano para neutralizar Kip Kilpatrick desse errado.

Dale sempre disse que era preciso usar um machado, não um martelo. Angie pensou que também poderia usar um machado para cortar o mal pela raiz.

Uma mulher gritou.

A cabeça de Angie virou para a rua. Para a entrada da mansão dos Rippey. Para o som de uma mulher pedindo ajuda.

— Por favor! — gritou Jo. — Não!

Angie abriu o porta-malas. Não pegou a arma. Encontrou o macaco. Chutou os sapatos de salto. Correu pela rua, os braços agitados, o pescoço tenso, a mesma coisa que Will tinha feito quando perseguiu seu carro na manhã de ontem.

— Socorro! — gritou Jo. — Por favor!

Angie virou a esquina para a entrada. Os portões estavam abertos. A casa brilhava repleta de luzes. A música tocava alto. Não havia seguranças. Ninguém estava olhando as câmeras.

— Por favor! — implorava Jo. — Ajudem!

Reuben Figaroa estava arrastando a mulher pelo cabelo. Os pés descalços de Jo se arrastavam pela grama. Ele a levava para o meio das árvores, longe da casa. Queria um pouco de privacidade.

— Socorro!

Angie não fez barulho. Não mandou que parasse. Levantou a barra de ferro enquanto corria para ele. Quando Reuben percebeu a presença dela, Angie estava acertando a cabeça dele com a barra. Sentiu o ferro tremer em sua mão, vibrar pelo braço até o ombro.

Reuben soltou Jo. A boca abriu. Ele virou os olhos. Caiu no chão, inconsciente. Angie levantou o ferro de novo, dessa vez apontando para o joelho dele. O que tinha o gesso. O que foi operado. O tempo estava passando devagar para que registrasse o fato de que o melhor ortopedista do mundo tinha dado a ele mais cinco anos de basquete e, com um simples movimento, Angie ia tirar isso dele.

— Não! — Jo parou a mão de Angie. — O joelho dele não! O joelho dele não!

Angie resistiu, tentando liberar o braço, para dar aquele golpe final.

— Por favor! — Jo implorava. — Não! Por favor!

Angie olhou para o macaco. Viu a mão da filha agarrando a dela. A primeira vez que Jo a tocava.

— Vamos — disse Jo. — Vamos embora. — Ela estava implorando. Os olhos pareciam selvagens. Saía sangue do nariz e da boca. Ela parecia não saber de quem sentia mais medo: de Angie ou do marido.

Angie forçou os músculos do braço a relaxarem. Ela correu pela entrada e saiu na rua. Os sapatos ainda estavam ali. Angie os agarrou enquanto caminhava. Estava colocando o macaco no porta-malas quando Jo se aproximou.

— Preciso que ele jogue — disse ela. — O próximo contrato dele...

— Entre no carro. — Angie jogou os sapatos no banco de trás. Ela não queria ouvir desculpas. Mesmo Jo tendo saído, ela estava planejando a volta.

O motor já estava ligado. Angie colocou o cinto de segurança. Jo entrou no carro. Angie acelerou antes que ela pudesse fechar a porta.

— Ele me viu — disse Jo. — Eu estava tentando...

— Não importa. — Reuben tinha reconhecido Angie. Ela pôde ver nos olhos dele. Sabia que ela trabalhava para Kip. Sabia que resolvia os problemas para ele. E agora sabia que Angie tinha levado sua esposa.

Jo pegou o cinto de segurança. O fecho fez o barulho de clique. Ela olhou para frente.

— Acha que ele está morto?

— Ele desmaiou.

Angie olhou para o relógio. Quanto tempo antes de Reuben se recuperar? Quanto tempo antes de ligar para Kip, Laslo e Dale?

— O que foi que eu fiz? — murmurava Jo. A ficha dela estava caindo, o preço que ela iria pagar por sua desobediência, o custo de voltar para sua vida. — Temos de parar. Não podemos fazer isso.

— Eu tenho o vídeo — contou Angie.

— O quê?

— Eu tenho o vídeo de Marcus e de Reuben estuprando aquela garota.

— Como? — Jo não esperou por uma explicação. — Você não pode usar. Eles vão terminar na cadeia. LaDonna...

— Não tenho medo da LaDonna.

— Pois deveria ter.

Angie entrou em um estacionamento. Ela parou em um espaço ao lado de um Ford Fusion preto.

— Aqui está a chave. — Angie baixou o para-sol e deixou a chave cair no colo de Jo. — Vá para o motel. Espere por mim.

— Não podemos fazer isso. O vídeo. Eles vão me matar. Vão matar você.

— Acha que não sei disso? — Angie tinha os punhos fechados. Estava se contendo para não dar um soco na filha. — É o fim, querida. Esse é o fim da linha. Não tem como voltar para Reuben. Não tem como voltar para nada daquilo.

— Não posso...

— Cai fora. — Angie se inclinou e abriu a porta. Ela lutava com o cinto de segurança. — Saia do meu carro.

— Não! — Jo agarrava as mãos de Angie. — Ele vai me encontrar! Você não entende! — Ela olhou para Angie, procurando compaixão. Quando não encontrou, seu rosto começou a se contorcer em agonia. Cobriu os olhos com as mãos. Soluços saíam de sua boca. — Por favor, não me obrigue.

Angie ficou olhando a filha chorar. Os ombros magros da garota estavam tremendo. Suas mãos tremiam. A cena poderia ser destruidora para alguém que tivesse um coração.

— Para com essa palhaçada — disse Angie. — Não acredito nisso.

Jo olhou para ela. Não havia lágrimas nos olhos dela, só ódio.

— Não pode me obrigar a fazer nada.

— Ele foi carinhoso com você? — perguntou Angie, porque era a única coisa que fazia sentido. — Você saiu da cadeia e, em vez de bater em você, ele disse que tudo ia ficar bem? Que tudo ia ser diferente a partir de agora?

Jo respirou fundo. Angie tinha colocado o dedo na ferida.

— Foi assim que ele a enganou de novo? “Oh, querida, amo você. Vou cuidar de você. Nunca vou deixá-la. Nunca vou abandoná-la como sua mãe.”

— Não jogue minha mãe na minha cara.

Angie agarrou o queixo de Jo e girou a cabeça dela.

— Ouça, sua tonta. Reuben me viu. Ele sabe que estou ajudando você. Acha que sua mãe não estava nem aí para você? Isso não é nem metade do que estou sentindo agora.

As lágrimas de Jo eram verdadeiras agora.

Angie segurou mais forte o rosto da garota.

— Você vai entrar naquele carro e vai dirigir até o motel, eu vou pegar seu filho e vamos dar o fora daqui. Está entendendo?

Jo assentiu.

Angie afastou o rosto da garota.

— Seu celular, me dê.

— Eu deixei cair quando...

Angie passou a mão por ela. Encontrou o iPhone enfiado no sutiã.

— Você disse para sua mãe que vou pegar Anthony?

Jo assentiu de novo.

— Se estiver mentindo para mim... — Angie parou porque não havia nada a fazer se ela estivesse mentindo. — Saia do carro.

Jo estava muito assustada para se mover.

— Ele vai me encontrar. Ele vai nos encontrar.

Angie agarrou a parte da frente de seu vestido e a empurrou contra o banco.

— Faça isso agora ou vou cortar seu filho em pedacinhos e mandar pelo correio para você.

— Reuben pode pagar o que você quiser. — Jo estava quase gritando. — Ele vai pagar o que...

— Anthony vai pagar.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Jo. Ela percebeu que não tinha opção. Lentamente, assentiu, como Angie sabia que iria. Mulheres como Jo só respondiam a ameaças.

— Não pare para usar o telefone público — disse Angie. — Não volte para a casa de Rippy. Entre no carro. Vá para o motel. Espere por mim.

Jo saiu do carro. Abriu a porta do carro alugado. Angie esperou que ela fosse embora, para ter certeza de que ia pegar a Piedmont em vez de voltar para a Tuxedo Drive.

Angie abaixou o vidro da janela. Jogou o iPhone de Jo na calçada. Resistiu à tentação de descer e pisar nele.

“Eu sabia”, murmurou para si mesma.

Sabia que a filha era fraca. Sabia que Jo tentaria voltar.

Angie passou por cima do celular três vezes antes de sair do estacionamento. Foi para a Peachtree. A mãe de Jo vivia em um apartamento chique perto de Jesus Junction, pago por Reuben Figaroa. Angie precisava estar calma quando a velha abrisse a porta. E precisava correr, porque não sabia se Reuben já tinha recuperado a consciência.

O primeiro lugar em que procuraria Jo era na casa da mãe dela.

Angie verificou seu reflexo no espelho. O cabelo estava um caos. Seu delineador tinha escorrido. Endireitou a linha com o dedo. Ela não podia parecer perigosa quando a mãe de Jo abrisse a porta.

Ela era perigosa?

Claro que sim, ela era perigosa.

O celular de Angie tocou. O som dominou o carro. Ela esticou o braço para o banco traseiro. Procurou sem olhar o celular na bolsa. Tarde demais. A ligação tinha caído. Olhou para a tela.

LIGAÇÃO PERDIDA DE HARDING, DALE

“Merda.” Tinha perdido muito tempo no carro com Jo. Dez minutos? Quinze? Reuben acordou. Kip foi notificado. Laslo foi à caça. Dale achou que podia convencê-la, que ela ainda era a garota de dez anos que ele podia enganar com balas enquanto forçava seu pinto na bunda dela.

O celular de Angie fez um som de assobio. Dale tinha mandado uma mensagem.

Ela abriu com o dedão. Carregou uma fotografia.

Anthony.

Os olhos bem abertos. Encostado contra uma parede branca. A ponta de uma longa faca de caça pressionada contra o pescoço dele.

A palavra embaixo dizia: NETO.

Angie perdeu a respiração. Precisou parar. Seu coração tinha parado de bater. O sangue gelou em suas veias. O filho de Jo. Seu neto. O que ela havia feito? Por que aquilo estava acontecendo?

Outro assobio. Outra mensagem. Outra foto.

As mãos de Angie tremiam tanto que ela quase não conseguia segurar o celular.

Jo.

Uma mão ao redor do pescoço dela. Encostada na janela de um carro. A boca aberta, gritando.

A mensagem de Dale dizia: FILHA.

Angie sentiu a garganta se encher de bile, até chegar ao nariz. Abriu a porta. Sua boca se abriu. A bile caiu sobre a rua. Seu estômago se revoltava. Ela sentia o gosto de sangue e veneno.

O que ela havia feito? O que poderia fazer para impedir aquilo?

Voltou a se sentar. Limpou a boca com as costas da mão.

“Pense”, ela falou para si mesma. “Pense.”

Dale tinha agarrado Jo. Tinha agarrado Anthony ou mandou outra pessoa. Tinha enviado duas fotos para Angie, prova de que estavam vivos. Os fundos eram diferentes. Jo estava em um carro. Anthony contra uma parede. Aquilo foi coordenado, planejado, porque Dale estava sempre dois passos à frente de Angie. Ele espionou Jo. E espionou Angie. Obviamente tinha dedicado bastante tempo para construir a rede em que ela se via presa.

Ela digitou em seu celular.

Já poderia adivinhar a resposta, mas ainda assim fez a pergunta:

O QUE VOCÊ QUER?

Dale respondeu imediatamente: IPAD

Dale nunca confiara em Angie. Nem mesmo para coisas pequenas. Ele deve ter levado as peças do iPad destruído para Sam Vera examinar. Sam havia descoberto que não era o clone. Dale se perguntou por que Angie teria se dado ao trabalho de trocá-los. Então, tinha percebido que um vídeo do qual Marcus Rippey queria se livrar valia muito mais que 250 mil dólares em um fundo qualquer.

Nada tinha mudado desde que Angie era criança. Ela achou que estava no controle, mas o tempo todo Dale estava mexendo os pauzinhos.

O celular assobiou de novo.

Dale tinha escrito: BOATE. AGORA.

SEGUNDA-FEIRA, 01h08

O Kia de Dale já estava estacionado na frente da boate. Delilah estava encostada no capô fumando um cigarro.

Angie saiu do carro antes mesmo de estacionar. O asfalto estava quente. Ela levantou o braço. Tinha a arma na mão. Apontou para Delilah e puxou o gatilho.

Havia uma bala na câmara dessa vez.

— Porra! — Delilah se dobrou, segurando a perna. O sangue escorria pelos dedos.
— Sua puta do caralho!

Angie estava se segurando para não puxar o gatilho de novo.

— Onde está Jo?

— Vai se foder! — gritou Delilah. — Ela vai morrer se você não fizer o que deve fazer!

— Onde ela está? — repetiu Angie.

— Está falando da sua filha? — Dale lutava para sair do carro. Sob a luz da lua, seu rosto parecia quase branco. Havia manchas de ressecamento ao redor da boca. Os olhos estavam dourados. Ele se inclinou pesadamente sobre o carro. Tinha um revólver apontado para ela por cima do teto.

— Mata! — gritou Delilah. — Estoura os miolos dela.

— É só uma ferida leve — disse Dale. Ele estava sem ar ao sair do carro. Sua pele estava brilhante, mas não com suor. — Pegue a arma dela.

Angie apontou a Glock para a cabeça de Delilah.

— Tente.

— Você atira nela, eu atiro em você, ainda consigo o que quero, pois tenho sua filha e você sabe o que posso fazer com seu neto — disse Dale para Angie.

A determinação de Angie vacilou. Jo. Ela precisava pensar em Jo. Ela nem queria pensar no que Dale faria com Anthony.

— Dee, tire a arma dela — ordenou Dale.

Delilah foi mancando. Esticou o braço, mas Angie jogou a Glock do outro lado do estacionamento.

— Merda — xingou Dale. — Vai pegar a arma.

— Não preciso de nenhuma arma. — Delilah abriu uma navalha e apontou para o peito de Angie. — Vê como é afiada, sua puta? Posso cortar seu rosto como uma melancia.

— Corte. — Angie olhou nos olhos da prima. A mesma cor de íris. O mesmo formato amendoado. A mesma bravata ardente, exceto que Angie tinha coragem para fazer o que ameaçava. — Se não me cortar agora, da próxima vez eu é que vou arrancar seus olhos com essa faca.

— Nenhuma das duas vai fazer merda nenhuma. Guarde essa porra. — O tom de voz de Dale deveria ser um aviso, mas Delilah sabia que ele nunca a machucaria. — Vasculhe

o carro — mandou ele. Quando ela não se moveu, repetiu: — Dee, por favor. Vasculhe o carro.

Delilah fechou o canivete.

— Ei — Dale bateu no teto, chamando a atenção de Angie.

Ela olhou para ele. Seu coração parou. Por um momento, tinha se esquecido por que estava ali. Dale estava morrendo. Não em algum momento. Não logo. Estava morrendo naquele instante. Ela conseguia ver os efeitos de seus órgãos parando de funcionar. Os lábios estavam azuis. Não estava piscando. Tinha parado de suar. A pele parecia uma cera grossa e amarelada de uma vela deixada para queimar por muito tempo, e que ela rasparia da mesa. Não havia vida em seus olhos, só uma aceitação cansada. A morte jogava uma sombra em cada fenda de seu rosto marcado.

Angie não quis olhar para que ele não visse as lágrimas em seus olhos.

— Deidre Will? — perguntou ele. O nome que Angie tinha escrito na certidão de nascimento de Jo como MÃE. — Não achou que eu começaria a espionar quando pediu um emprego na 110?

Angie secou os olhos com a mão. O anel de Will ainda estava em seu dedo. Ela o girou para que Dale não pudesse vê-lo.

— Onde está Jo?

— Morta. — Delilah estava olhando para bolsa de Angie. — Vou enfiar minha faca no peito dessa vagabunda.

— Onde está Jo? — Ela perguntou a Dale. — O que você fez com ela?

— Está segura por enquanto. — As pálpebras pareciam pesadas. A saliva se juntava nos cantos da boca. A arma em sua mão estava apontada em um ângulo. — Se ela vai ficar segura ou não depende do que você fizer.

— Onde ela está? — repetiu Angie.

Dale apontou para o clube. A corrente na porta tinha sido cortada. A única coisa que impedia que Angie saísse correndo era o revólver na mão de Dale. Ele atiraria. Não iria matá-la, mas conseguiria impedi-la.

— Droga! — gritou Delilah. Estava mexendo no porta-malas. Encontrou a mochila, a garrafa de fluido de transmissão. — Não está aqui, papai.

— É assim que você chama seu marido? — perguntou Angie.

— Cala a boca, sua puta.

— As duas, calem a boca. Onde está o iPad? — Dale perguntou para Angie.

— Em um lugar onde você nunca vai encontrar. — Angie tinha usado um pouco do dinheiro do porta-malas de Dale para subornar de novo o gerente do motel. Ela se lembrou de pensar que, se as coisas não dessem certo, queria ter certeza de que Will nunca encontraria o vídeo.

— Está esquecendo que tenho sua filha amarrada como um bezerro?

Angie não acreditou no blefe.

— Você não vai machucá-la. Ela é muito valiosa.

— Fig não a quer de volta. Bens contaminados. Ela tomou uma decisão.

Angie sabia que não era verdade. A própria Jo tinha falado isso. Reuben Figaroa não perdia.

— O que tem no vídeo? — perguntou Dale.

— Mais dinheiro do que você poderia imaginar — respondeu Angie. — Podemos fazer isso juntos, Dale. Ninguém precisa sair machucado.

Ele sorriu.

— Quer dividir.

— Vai se foder — disse Delilah. — Essa puta não vai ficar com meu dinheiro.

— Querida, cale a boca. — Dale não precisou levantar a voz. Delilah sabia que ela devia obedecer. — Vai pegar o iPad — disse ele para Angie. — Traga para mim. Aí conversamos.

Angie tentou barganhar com ele.

— Você está perto do fim. Dá para ver, Dale. Vai precisar da minha ajuda.

Ele deu de ombros, mas sabia que só tinha algumas horas de vida, talvez apenas minutos.

— Delilah não vai saber negociar com Kip — disse Angie. — Você mesmo falou isso. Ela vai aceitar um punhado de feijões mágicos.

Delilah começou a protestar, mas Dale a impediu só com um olhar.

— Ela não vai saber negociar com Kip Kilpatrick. Ele vai comê-la no almoço.

— Acha que é ela que vai negociar?

Angie sentiu a bile na boca.

— Quem está com Anthony?

— Seu neto? — Delilah riu. — Sua puta velha. Tem um neto de doze anos.

— Ele tem seis, sua idiota — Angie falou para ela. — Onde ele está?

— Não se preocupe com o menino — disse Dale. — Preocupe-se com você.

— Você não... — Angie sentia seu pulso na garganta, ressoando na sua cabeça. Havia somente outra pessoa que a assustava mais que Dale. — Quem está com ele?

— Quem você acha? — Delilah começou a rir de novo. Angie chutou o joelho dela. A garota gritou quando caiu no chão.

— Angela — disse Dale, mas era tarde demais.

Ela não se importava com a arma apontada para a cabeça dela. Angie correu para o prédio. Não conseguia correr rápido o suficiente. Cada passo parecia afastá-la mais.

Abriu a porta. A escuridão do prédio a absorveu. Não conseguia saber para onde deveria ir. Sombras cresciam do chão.

— Jo?! — gritou. — Jo, onde você está?

Nada.

Ela olhou por cima do ombro. Delilah tinha se levantado. Estava correndo de uma forma estranha, a perna machucada a impedia de se aproximar rapidamente.

Angie entrou ainda mais no edifício. Havia lixo por todos os lados. Cacos de vidro cortavam seus pés descalços. Sua bolsa prendeu em algum lugar. O couro rasgou. Seus olhos começaram a se ajustar. Uma pista de dança. Bar no fundo. Uma varanda acima. Duas janelas escurecidas filtravam a lua. Havia quartos no andar de cima.

A porta da frente se abriu. Delilah. Ela era um contorno contra as sombras. Tinha a navalha na mão.

— Dee! — A voz de Dale apareceu fraca atrás dela. — Precisamos dela viva.

— Foda-se — sussurrou Delilah, não para Dale, mas para Angie.

Angie se agachou. Procurou em vão por algo para usar contra a garota. Ela nem sentia suas mãos se cortando. Cachimbos de crack. Chupetas. Camisinhas. Pedacos inúteis de nada.

Os sapatos de Delilah faziam barulho no chão.

Angie olhou para o alto. A sacada. As salas. Todas com portas. Só uma fechada.

Angie correu para a escada. Tropeçou. Seu joelho bateu no chão de concreto, mas continuou subindo. Tinha de encontrar Jo. Precisava salvar a filha. Tinha de contar que ela nunca ameaçaria Anthony, que ele era precioso, que ela ia fazer tudo que pudesse para protegê-lo, que não abandonaria seu neto para ter o mesmo destino que Jo, abandonada pela mãe.

Ela estava quase no alto da escada quando seu pé escorregou. Angie desabou no concreto. A mão de Delilah estava ao redor de seu tornozelo, puxando-a para baixo. Angie se virou, chutando, gritando, tentando se livrar da garota.

— Puta! — gritou Delilah.

Ela se lançou sobre Angie. Um raio de luz iluminou a navalha. Angie agarrou os pulsos de Delilah. A ponta estava a centímetros de seu coração, comprida e afiada. Delilah pressionava seu peso sobre o cabo. Angie sentiu a ponta da lâmina tocar sua pele. Os braços começaram a tremer. O suor escorria das duas.

— Pare — disse Dale, a voz ainda fraca.

Elas não podiam parar. Aquele ódio vinha de muitos anos. Uma delas ia morrer. Angie faria tudo para que não fosse ela. Delilah era mais jovem e mais rápida, mas Angie tinha vinte anos a mais de ódio dentro dela. Ela empurrou as mãos de Delilah para baixo, afastando a lâmina de seu coração.

Não foi suficiente.

Delilah recuperou a força e enfiou a faca na barriga de Angie.

Ela gritou. Tinha conseguido girar no último minuto, levando a lâmina para o lado. Sentiu o cabo frio. Delilah torceu a lâmina e a levantou sobre a cabeça, apontando para o coração de Angie.

— Pare! — gritou Dale. — Precisamos dela viva!

Delilah parou, mas não tinha terminado. Bateu a cabeça de Angie contra o concreto, depois subiu correndo o resto da escada.

Angie não conseguiu segui-la. Viu estrelas. Literalmente. Elas explodiram por trás de suas pálpebras. Sentiu o vômito em sua boca. Sentiu quando ele voltou a descer pela garganta. Ia desmaiar. Não conseguiu evitar. Era assim que sua vida ia terminar. Delilah matando Jo. Anthony sendo levado por um monstro. E ela morrendo engasgada no próprio vômito.

Will. Queria que Will a encontrasse. O olhar angustiado no rosto dele. Sabendo que tinha morrido sozinha sem ele.

Um súbito e angustiante grito arrancou Angie de seu estupor.

— Não! — gritou Jo. — Pare!

O som era visceral, não da forma como ela havia gritado quando Reuben a espancava. Era o grito de alguém que sabia que estava morrendo.

Angie se virou. Ela se forçou a subir os degraus. A forte dor em sua barriga não a impediu. Os passos vacilantes de Dale na escada não a impediram. Ela pulou os últimos degraus. Correu pela sacada.

Ouviu um tiro. O som parecia um segundo atrasado. Angie sentiu a bala passar zunindo por sua cabeça. Ouviu um pedaço de concreto cair no chão. Ela se virou.

Dale estava sentado na escada. Sua arma estava no colo. Mesmo a uns vinte metros, Angie conseguia ouvir como ele tinha dificuldade para respirar.

— Pare — disse ele, mas Angie não tinha mais medo dele.

Só se teme pela vida quando se tem algo a perder.

Delilah saiu do quarto. Estava coberta de sangue. E ria.

— O que você fez? — perguntou Angie, mas ela sabia o que a garota tinha feito.

Delilah bateu as mãos como se pudesse limpá-las.

— Ela está morta, sua vagabunda. O que você vai fazer agora?

Angie olhou para as mãos vazias de Delilah. Tinha deixado a faca em Jo.

Sua única arma. Sua única defesa.

— Sua vagabunda estúpida! — Angie agarrou Delilah pelo braço e girou em direção à sacada aberta.

Não houve nenhum som.

Delilah estava muito aterrorizada para gritar. Ela vacilou, quase se recuperando, mas aí perdeu o equilíbrio. Suas mãos tentaram agarrar algo. Só havia ar. E só gritou quando despencou.

Seu corpo atingiu o chão com um barulho horrível.

Angie olhou para Dale. Ele ainda estava sentado. Segurava o revólver com as duas mãos, apontando com cuidado, pois daquela vez ele não ia avisá-la. Ia matá-la.

Angie saiu correndo para a sala. Fechou a porta depois de passar. A maçaneta saiu na mão dela. Ela empurrou a porta. Estava bem fechada.

— Angie? — chamou Dale. Ele tinha conseguido se levantar. Ela conseguia ouvir o pé dele se arrastando pelos degraus. — Não prolongue isso.

Angie fechou os olhos. Estava ouvindo. Ele estava sem fôlego, mas lúcido. Ela havia se trancado na sala. Ele tinha mais quatro balas no revólver. Mais quatro chances de acertar à queima-roupa um alvo que até um cego dormindo poderia acertar.

Só havia uma coisa a fazer.

O sangue envolvia o pé descalço de Angie, que procurava na sala sem ver nada. Encontrou Jo em um canto. Seu corpo estava encostado na parede. Gentilmente, Angie procurou a faca. Encontrou-a enfiada no peito de Jo.

— Angie — disse Dale.

Ele estava mais perto. Sabia que não precisava correr.

Angie se sentou ao lado da filha. O concreto frio estava tomado pelo sangue. Dale tinha matado Angie a cada dia desde que ela tinha dez anos. Ela não permitiria que desse o golpe final. A faca que tinha matado sua filha seria a que mataria Angie. Ia enfiá-la no próprio peito. Ia sangrar naquela sala escura e vazia. Dale abriria a porta e veria que tudo já tinha terminado.

Lentamente, Angie pegou a faca. Seus dedos agarraram o cabo. Ela começou a puxar. Jo resmungou.

— Jo? — Angie ficou de joelhos. Estava tocando o rosto da filha. Afagando seu cabelo. — Fale comigo.

— Anthony... — disse Jo.

— Ele está seguro. No meu carro.

A respiração de Jo era superficial. Suas roupas estavam molhadas de sangue. Delilah tinha dado várias facadas nela, mas, de alguma forma, Jo ainda estava respirando, ainda falava, ainda lutava para sobreviver.

“Minha filha”, pensou Angie. “Minha garota.”

— Posso levantar — disse Jo. — Só preciso de um minuto.

— Tudo bem. — Angie quis segurar a mão da filha.

Não a encontrou.

Sentiu um osso, a articulação cortada.

— Oh, meu Deus — disse Angie.

A mão de Jo quase tinha sido arrancada do pulso. Só tendão e músculo a prendiam ao corpo. Angie sentia o fluxo contínuo de sangue saindo da artéria aberta.

— Ainda consigo sentir — disse Jo. — Meus dedos. Consigo movê-los.

— Sei que consegue — mentiu Angie. Um torniquete. Ela precisava de um torniquete. Sua bolsa tinha sido arrancada do ombro. Não havia nada na sala. Jo iria sangrar até a morte se ela não fizesse nada.

— Não me deixe — pediu Jo.

— Não vou deixá-la. — Angie tirou a calcinha. Enrolou ao redor do pulso de Jo e apertou o mais forte que conseguiu.

Jo reclamou, mas a perda de sangue começou a diminuir.

Angie amarrou o nó. Ela tentou ouvir Dale. Tentou ouvir seus passos. Havia um som baixo. Angie não sabia se vinha de Jo ou da própria boca.

— Por favor... — Jo se inclinou para ela. — Só me dê um minuto. Sou forte.

— Sei que você é. — Angie a abraçou o máximo que a coragem permitiu. — Sei que você é forte.

Pela primeira vez na vida, ela segurou a filha nos braços.

Anos antes, a enfermeira do hospital perguntou se queria segurar o bebê, mas ela se recusou. Também havia se recusado a lhe dar um nome e assinar os papéis de adoção. Não quis se comprometer, porque era o que ela sempre fazia. Lembrava-se de ter vestido a calça jeans antes de deixar o hospital. Ainda estava molhada de quando a bolsa se rompeu. A cintura estava folgada onde antes apertava, e ela agarrou o tecido que sobrava enquanto descia as escadas dos fundos e corria para se encontrar com o cara que a esperava dentro do carro na esquina.

Denny, mas não importava o nome, porque podia ter sido qualquer um.

Sempre havia um cara esperando por ela, esperando algo dela, ansioso por ela, odiando-a. Tinha sido assim desde sempre. Aos dez anos: o cafetão de sua mãe ofereceu trocar uma refeição por sua boca. Aos quinze anos: um pai adotivo que gostava de cortá-la. Aos 23: um soldado que fazia uma guerra no corpo dela. Aos 34: um policial que a convenceu que não havia sido estupro. Aos 37: outro policial que a fez acreditar que a amaria para sempre.

Will.

Ele disse que era para sempre no porão da sra. Flannigan. Disse para sempre quando colocou o anel com girassol no dedo dela.

Para sempre nunca durava tanto assim.

Ela tocou os lábios de sua filha com os dedos. Frios. A garota estava perdendo muito sangue. O cabo da lâmina que saía do peito dela pulsava com seu coração, às vezes como um metrônomo, outras como o ponteiro dos segundos preso, perdendo força.

Todos aqueles anos perdidos.

Deveria ter segurado a filha no hospital. Pelo menos uma vez. Deveria ter deixado alguma lembrança do seu toque, assim a filha não recuaria como fazia agora, afastando a mão dela como se estivesse fugindo de alguém estranho.

Elas *eram* estranhas.

Angie balançou a cabeça. Não poderia entender tudo que tinha perdido e por quê. Tinha de pensar como era forte; que era uma sobrevivente. Tinha passado toda a vida correndo à beira de um abismo — fugindo das coisas que as pessoas querem: uma filha, um marido, uma casa, uma vida.

Felicidade. Alegria. Amor.

Todas as coisas que Will queria. Todas as coisas que Angie tinha pensado que nunca precisaria.

Percebia agora que tudo aquilo, tudo do que fugiu, a levou direto para aquela sala escura, presa naquele lugar sem luz, segurando sua filha pela primeira vez, pela última vez, enquanto a garota sangrava até a morte em seus braços.

Havia um barulho de arranhões do outro lado da porta fechada. A fresta de luz por baixo mostrava a sombra de dois pés passando.

O suposto assassino da filha?

Seu assassino?

“Abra a porta e deixe entrar.”

— Angela — dizia Dale, tanto antes quanto agora.

A porta fez barulho de novo. Havia um som de rangido. Metal contra metal. O quadrado de luz diminuiu, depois desapareceu quando uma chave de fenda foi enfiada na abertura.

Clique-clique-clique, como o barulho seco de uma arma vazia.

Com delicadeza, ela colocou a cabeça de Jo no chão. A garota gemeu de dor. Ainda estava viva, ainda estava aguentando.

Engatinhou pela sala escura, ignorando a mistura de areia e farpas de metal machucando seus joelhos, a dor da ferida em suas costelas, o fluxo regular de sangue que deixava uma trilha atrás dela. Encontrou parafusos e pregos, até sua mão tocar algo frio, redondo e metálico. Pegou o objeto. No escuro, seus dedos descobriram o que estava segurando: a maçaneta quebrada. Sólida. Pesada. O eixo de dez centímetros parecia uma picareta de gelo.

Houve um clique final do trinco se abrindo. A chave de fenda bateu no chão de concreto. A porta se abriu.

Angie se levantou. Pressionou as costas na parede ao lado da porta. Pensou em todas as formas que já tinha machucado os homens em sua vida. Uma vez com uma arma. Uma vez com uma agulha. Muitas vezes com os punhos. Com a boca. Com os dentes. Com o coração.

A porta se abriu mais alguns cuidadosos centímetros. A ponta de uma arma apareceu no canto.

Ela agarrou a maçaneta com a ponta aparecendo entre os dedos e esperou que Dale entrasse.

— Angela? Não vou machucar você.

Era a última vez que ele ia contar essa mentira.

Ela agarrou o pulso de Dale e o puxou para dentro da sala. Ele tropeçou, girando. A luz da lua iluminou o rosto cansado. Parecia surpreso. Deve ter ficado surpreso. Quarenta anos enganando garotinhas e nenhuma delas nunca o tinha enfrentado.

Até aquela hora.

Angie enfiou a maçaneta na lateral do pescoço dele. Sentiu a resistência enquanto o eixo enferrujado cortava cartilagem e tendões.

Dale começou a silvar. Ela sentia a podridão e a decadência daquele corpo moribundo.

Ele caiu no chão.

O sangue se espalhava.

Os braços caíram abertos. Os lábios separados. Os olhos estavam fechados. Respirou uma última vez, não como uma cobra sibilando, era mais como um pneu murchando aos poucos. A lua tinha se escondido do lado de fora. Uma longa sombra tomou a sala, acariciando o corpo de Dale na escuridão. O inferno tinha mandado alguém para reclamar aquela alma miserável.

— Angela.

O nome tirou Angie de seu atordoamento. Ela nunca havia dito a Jo seu nome. Jo a chamava assim por ter ouvido de Dale.

— Angela — repetiu Jo. Ela estava sentada. Segurava a faca com a mão. — Quero ver meu menino.

Anthony. Cristo, o que ela ia fazer com Anthony?

— Ajude-me a levantar. — Jo estava tentando se levantar.

Angie correu para ajudar. Ela não conseguia acreditar na força que a garota ainda tinha.

— Preciso ver meu menino — repetiu Jo. — Preciso falar para ele...

— Você vai falar... — Angie ignorou a própria dor enquanto ajudava Jo a se levantar. Elas duas deram uns poucos passos antes que Jo pudesse andar sozinha. Angie conseguia ver a faca agora, enfiada até o cabo. A mão de Jo estava pendendo de seu braço. O torniquete tinha deslizado. Havia sangue jorrando, caindo sobre o corpo de Dale. Mais sangue cobrindo o chão. Jo se encostou na parede.

— Preciso de um segundo — disse ela. — Eu consigo fazer isso.

Ela não ia conseguir. Deslizou para o chão. Angie correu para segurá-la, mas era tarde demais. Jo caiu. Fechou os olhos. O rosto ficou calmo. Os lábios ainda se moviam.

— Eu consigo fazer isso.

Angie usou seu treinamento de policial. Triagem básica. Não havia tempo para ambulância. Tinha de encontrar uma forma de diminuir o sangramento de novo ou Jo nunca conseguiria descer as escadas. Havia uma lona no carro. Fita adesiva. Ela deu um passo, depois parou. Era a cena de um crime. Dois conjuntos de pegadas, dois suspeitos. No carro, Angie tinha as botas Haix usadas pela polícia. Reuben Figaroa devia estar procurando pela esposa e pelo filho. Angie precisava cobrir as pegadas de Jo. O carro de Dale. Os tijolos de dinheiro no porta-malas. Os cartões de crédito de Delilah. O DPA. A AIG.

Will.

Rippy era o caso dele. Ele seria chamado ali. Ele encontraria Dale. Encontraria um lago de sangue. Angie o conhecia. Sabia como a mente dele trabalhava. Não ia parar de cavar até ter enterrado todos em uma sepultura.

— Angela — sussurrou Jo. — É Anthony?

Zzzt. Zzzt.

O celular de Dale estava vibrando no bolso dele.

— É meu filho? — perguntou Jo. — É ele ligando?

O menino de Jo estava com alguém que o empurrara contra uma parede, colocado uma faca de caça no pescoço dele.

Angie abriu o celular de Dale. Encostou no ouvido. Havia barulhos: uma criança chorando, desenho na TV, tudo muito alto.

— Ei, seu bosta — disse uma mulher —, estou perdendo a paciência aqui. Você quer esse menino ou devo vendê-lo em partes?

Angie sentiu o fogo subindo pelo estômago. Ela voltou a ter dez anos. Amedrontada, sozinha, disposta a fazer qualquer coisa para eliminar a dor.

— Dale? — A mulher esperou. — Você está aí?

— Mãe? — A voz da Angie de dez anos voltou à sua boca. — É você?

Ela deu uma risada profunda e rouca.

— Sou eu, querida. Sentiu minha falta?

DIA ATUAL

CAPÍTULO NOVE

WILL PRESSIONOU O CELULAR contra o ouvido. Ouviu as palavras de Angie ecoando em sua cabeça.

— Sou eu, querido. Sentiu minha falta?

Era o Xanax? Will olhou para o celular. NÚMERO DESCONHECIDO. Ele se sentou. Olhou para a capela como se Angie pudesse estar ali. Olhando para ele. Rindo dele. Sentiu sua boca se movendo. Não ouviu nenhuma palavra saindo.

— Will? — O tom provocador tinha desaparecido. — Está bem, querido? Respira fundo.

Respira fundo.

Sara tinha dito a mesma coisa para ele. Exceto que, daquela vez, ele não estava tendo um ataque de pânico. Estava tomado de uma raiva incontrolável que o cegava.

— Sua puta do caralho!

Ela riu.

— Assim que eu gosto.

A boate de Rippy. A bolsa de Angie. A arma dela. O carro dela. O sangue dela. E agora o corpo na funerária com seu anel de casamento.

Ela havia armado tudo para ele. Havia se metido em encrenca, e a forma como ela conseguiu se livrar também era uma oportunidade para que fodesse com a cabeça dele.

— Sua puta do caralho — repetiu ele.

Ela riu dele de novo.

Will lhe teria dado um soco na cara se Angie estivesse parada na frente dele. Ia encontrá-la. Faria o que fosse preciso para encontrá-la e estrangulá-la até arrancar a vida de seu corpo inútil.

A porta da capela se abriu. Faith veio caminhando.

Will respirou fundo várias vezes, tentando engolir a fúria. O insulto. O ressentimento.

Faith abriu a boca para perguntar o que havia de errado.

Ele fez um movimento para que ela ficasse quieta.

— Angie, por que fez isso comigo?

Faith deixou cair o queixo. Ela ficou paralisada.

— Por quê? — Will exigiu saber. — Você montou aquela cena na boate de Rippy, me fez pensar que estava morta, me fez pensar que era seu corpo no porão. Por quê?

Angie ficou em silêncio, apesar de ter tido um dia inteiro para pensar em sua resposta.

— Angie... — A voz de Will falhou. Ele estava louco, desesperado para ouvir uma explicação. — Fale comigo, droga. Por que fez tudo isso? Por quê?

Angie deu um suspiro longo e cansado.

— Por que eu faço qualquer coisa? — Ela repassou algumas das respostas conhecidas. — Sou uma puta do caralho. Quero arruinar sua vida. Faço você sofrer. Não sei como você fica quando está apaixonado, porque nunca estive apaixonado por mim.

Will se afastou de Faith, com medo de mostrar a ela quanto poderia odiar alguém.

— Isso não é suficiente.

— Vai ter de ser, por enquanto.

Ele não aguentava mais. Ia quebrar, terminar morto no chão, caso se permitisse sentir todas as coisas que estavam fervendo dentro dele. Tentou pensar como um agente, não um ser humano que tinha acabado de ser ferrado por uma psicopata.

— De quem é o corpo no porão?

— Ainda não — disse Angie. — Primeiro me diga como se sentiu quando achou que eu estava morta.

Will se segurou para não esmagar o celular.

— Como acha que me senti?

— Quero que você me conte. — Ela esperou que ele falasse. — Diga como se sentiu e conto quem está no porão.

— Eu mesmo posso descobrir — disse ele. — Estamos verificando as impressões agora.

— Pena que os dedos dela estão rachados.

— Podemos conseguir o DNA.

— Ela não vai estar no sistema. — disse Angie. — Você esteve trabalhando nesse caso. Outros casos também. E se eu disser que poderia contar tudo agora mesmo, e a única coisa que você tem de fazer é me falar como se sentiu?

— Não quero sua ajuda.

— Claro que quer. Lembra como ajudei você da última vez? Sei que ficou agradecido na época.

Will não podia ter aquela conversa na frente de Faith.

— Você matou Dale Harding? — perguntou ele.

— Por que confessaria um assassinato agora?

Will sentiu a exaustão tomar conta dele como se fosse uma doença.

— Agora, como não confessou das outras vezes?

— Cuidado, querido.

Ele cobriu o rosto com a mão. Aquilo não estava acontecendo. Ela havia machucado outras pessoas daquela maneira, mas não ele.

— Por quê? Por que fez isso? — Não conseguia parar de perguntar.

— Queria que você soubesse como era realmente me perder. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Vi você hoje. Não me pergunte onde. Sua cara quando pensou que eu estava morta. Aposto que não sentiria saudades de Sara dessa forma.

— Não fale o nome dela.

— Sara — repetiu Angie, porque ninguém mandava nela. — Eu vi você, Will. Conheço esse olhar. Vi quando você era criança. Vi no ano passado. Sei quem você é. Conheço você melhor do que qualquer outra pessoa na Terra.

A carta. Estava repetindo a própria carta.

— Quem está no porão?

— Isso importa?

Will não sabia o que importava. Nada importava. Por que ela havia feito isso com ele? Tudo o que fez foi ter amado aquela mulher. Cuidado dela. Feito tudo para que ficasse segura. Ela nunca tinha feito isso por ele. Nem agora. Nem nunca.

— Faith já conseguiu me localizar? — perguntou ela.

Will se virou. Faith estava falando no celular, provavelmente pedindo um rastreamento.

— Josephine Figaroa — disse Angie.

— O quê?

— A garota no porão. Josephine Figaroa. Minha filha. Sua filha. Nossa filha, juntos. — Ela fez uma pausa. — Morta.

Will sentiu a boca se abrir. O coração estava batendo tão forte que ele precisou se sentar. Uma filha. A filha deles. O bebê deles.

— Angie — chamou ele. — Angie.

Não houve resposta. Ela havia desligado.

Will colocou a mão na boca. Sentia a respiração fria na palma da mão. Angie o matara por dentro, cortando seu coração com uma precisão cirúrgica. Um bebê. Uma filha. A porra dos seus genes nela.

E agora ela estava morta.

Faith se ajoelhou ao lado dele.

— Will?

Ele não conseguia falar. Só conseguia pensar em uma menininha sentada no fundo de uma sala de aula fazendo de tudo para acompanhar o que a professora falava porque seu

pai burro não conseguia ensiná-la a ler.

Ela ficaria perdida no sistema, assim como Will. Abandonada, assim como Will.

Como Angie podia ser tão cruel?

— Will — repetiu Faith. — O que ela falou?

— Josephine Figaroa. — Ele precisou forçar para que o nome saísse. — No porão. A filha de Angie. Josephine Figaroa. Esse é o nome dela.

— A esposa do jogador de basquete? — Faith passou a mão pelas costas dele. — Vamos tratar disso em um minuto? Precisa que eu chame Sara?

— Não — respondeu ele, mas Sara já estava entrando. Amanda estava com ela. As duas pareciam preocupadas.

Então, Faith contou a elas sobre a ligação de Angie e as duas ficaram furiosas.

— O quê? — disse Sara. — O quê? — Ela não conseguia parar de repetir a pergunta. Amanda se agarrou na lateral do altar. Falou rangendo os dentes.

— Conseguiu rastrear a chamada?

— Não conseguimos — disse Faith. — Ela deve ter cronometrado.

— Droga! — Amanda olhou para o chão. Respirou de forma superficial. Quando olhou para cima de novo, estava com sua cara de caçadora. — Consequimos o número?

— Está bloqueado, mas podemos conseguir...

— Vou pedir isso. — Amanda pegou seu BlackBerry e começou a digitar. — Charlie conseguiu verificar as impressões digitais?

— Não — disse Faith. — Os dedos dela também estavam...

— Rachados — completou Will. — Angie sabia disso. Falou que o DNA não vai estar no sistema.

— O sangue de Angie estava na cena — disse Sara. Ela ficou balançando a cabeça, completamente assombrada. — A bolsa dela. A arma dela. Não entendo. Por que faria isso?

— A filha de Angie teria o mesmo tipo de sangue? — quis saber Faith.

Sara não respondeu. Estava traumatizada, da mesma forma que tinha ficado de manhã.

— Filha? — perguntou Amanda.

Will não conseguiu responder.

— Só por curiosidade, Angie mencionou por que fez tudo isso? — quis saber Amanda.

— Ela é um monstro — disse Will, as mesmas palavras que as pessoas tinham dito sobre ela durante quase trinta anos. No orfanato. Nas casas de adoção. Na delegacia de polícia. Will nunca discutiu, mas também nunca acreditou. Eles não conheciam Angie.

Não sabiam o inferno que ela havia enfrentado. Não sabiam que às vezes a dor era tão forte que a única coisa que a fazia se sentir melhor era descontar em outras pessoas.

Ela havia descontado em Will antes. Não dessa forma.

— Se é realmente Josephine Figaroa, teremos impressões recentes no sistema — comentou Faith. — Ela foi presa na última quinta-feira. Tinha Oxy no carro. Vi no noticiário.

— Angie falou que essa mulher era filha dela? — quis confirmar Amanda.

— Falou.

Will não conseguiu contar que Josephine era filha dele também. Precisava ter alguma certeza. Precisava de tempo para pensar. Angie tinha mentido sobre tantas coisas. Por que deveria confiar nela agora?

— Figaroa — disse Amanda. — Por que esse nome não me é estranho?

— O marido dela é Reuben Figaroa. Jogador de basquete.

— Marcus Rippy. — Amanda cuspiu o nome como se tivesse sentido um gosto ruim na boca. — O dia todo foi um círculo gigante que leva diretamente para ele.

Will se levantou.

— A patrulha pode acessar as filmagens das câmeras na rua.

Ele não esperou por uma resposta. Disparou pelo corredor. Estava do lado de fora no estacionamento quando elas conseguiram chegar à porta do prédio. Will abriu a porta do passageiro da patrulha e entrou no carro. O policial deu um grito de susto.

Will apontou para o laptop preso no painel.

— Preciso da filmagem de todas as câmeras na área.

— Eu estava fazendo isso para sua chefe. — O policial digitou algumas teclas. — Essas são as que você quer ver. Tenho dois ângulos diferentes, um da rua que está na frente da funerária, outro que mostra os fundos.

Faith abriu a porta de trás e entrou no carro.

Amanda se ajoelhou ao lado de Will.

— Dunlop, diga que encontrou algo — disse Amanda para o policial.

— Sim, senhora. — Dunlop apontou para a tela. — Isso é logo depois que a van funerária saiu, às 20h22.

O trote de um cadáver que não existia. Não era uma piada de outro estudante, mas um truque para tirar Belcamino do prédio.

— É quando o carro entra. — Dunlop girou o laptop. Will viu a esquina da rua, a entrada de serviço, pelos fundos. A visão noturna estava confusa. As luzes da rua não estavam ajudando. Às 20h24, o Monte Carlo SS preto de Angie entrou no beco que ficava atrás da funerária. O rosto do motorista estava borrado. Havia um brilho de cabelo

loiro debaixo de um gorro preto. O carro desapareceu da visão da câmera ao entrar no beco.

Will apertou a tecla de flechinha, avançando o vídeo para encontrar o carro de novo. Seis minutos se passaram antes que o Monte Carlo saísse daquele beco e entrasse na rua.

— Ela foi até a porta dos fundos onde está o elevador — disse Faith. — Depois saiu. Seis minutos é tempo suficiente para colocar um corpo no freezer.

Dunlop esticou o braço e tocou em algumas teclas.

— Ela aparece de novo na câmera da frente.

O Monte Carlo entrou no estacionamento, usando a entrada que estava a uns cinco metros de onde eles estavam. O carro de Angie foi direto para a vaga de deficientes. O motorista saiu. O teto do carro estava a 1,4 metro do chão. A mulher tinha cerca de 1,72 metro, perto da altura de Angie. Ela era gorda, não como Angie, ou talvez estivesse usando várias roupas. O moletom comprido deveria estar sufocando, mas ela mantinha o gorro, a cabeça baixa, as mãos nos bolsos quando saiu para a rua.

— É Angie? — perguntou Faith.

Will balançou a cabeça. Ele não queria mais identificar Angie.

— Poderia ser Delilah Palmer — chutou Faith. — Cabelo loiro, mas Delilah pintou muitas vezes o cabelo.

— Dunlop, onde ela aparece de novo? — quis saber Amanda.

— Em lugar nenhum. Ela ou tem sorte ou sabe onde estão as câmeras. — Ele digitou mais algumas coisas. Avançou e reverteu vários ângulos diferentes nas ruas antes de desistir. — Ela pode ter caminhado por baixo da ponte, pegado uma carona na interestadual. Ido para Tech. Para o centro. Há muitos pontos cegos nos quais poderia ter estacionado outro carro ou ter alguém esperando por ela. Droga... — Ele deu de ombros. — Poderia ter entrado em um ônibus.

— Verifique os ônibus — disse Will, porque parecia algo que Angie faria. Ou talvez não. Ele era a última pessoa que poderia prever o comportamento dela.

Os joelhos de Amanda estalaram quando ela se levantou.

— Fale mais sobre Josephine Figaroa.

— Esposa do jogador de basquete — disse Faith. — Oxy. É tudo que sei.

— O marido — continuou Will. — Reuben “Fig” Figaroa, uma das testemunhas que criaram o álibi de Marcus Rippy na noite do estupro. Ele joga de pivô. Muita força física. Recupera bem na defesa. Cliente de Kip Kilpatrick.

— Esse buraco parece não ter fim — comenta Amanda.

— Aqui está a carteira de motorista dela. — Faith mostrou o celular. Tinha encontrado o documento de Josephine Figaroa.

Will observou a foto com atenção. Cabelo escuro. Magra e alta. Olhos amendoados. Pele morena. Ela se parecia com a Angie de vinte anos atrás.

Ela se parecia com Will? Tinha a altura dele? Tinha os mesmos problemas que ele?

— Até onde vi, a foto se parece muito com a mulher no porão — disse Amanda.

— É uma cópia de Angie — comentou Faith.

Will não falou nada.

— Vocês dois. — Amanda acenou para Collier e seu parceiro. Eles tinham ficado tão em silêncio que Will havia esquecido que estavam lá. — Ng, tire esses óculos escuros ridículos. Você revisou as denúncias de pessoas desaparecidas. Josephine Figaroa. Ela apareceu?

— A esposa de Fig? — O rosto dele parecia pequeno sem os óculos. — Não, ela não apareceu em nenhuma das minhas buscas. Eu teria reconhecido o nome.

— Você vem comigo para conversar com o marido — disse Amanda para Faith. — Veja se podemos conseguir uma identificação, descobrir, para começar, se a esposa está desaparecida. Não confio nada em Angie.

— A esposa gosta de comprimidos — comentou Collier. — Ela ficou dois dias mofando em Fulton. Saiu no sábado. Deveria entrar na reabilitação essa manhã.

— E agora está em uma funerária com facadas no peito. — Amanda colocou as mãos na cintura. — Não acredito em nada disso. Angie está nos enganando por algum motivo. Está ganhando tempo para fazer sua jogada.

— Qual é a jogada? — perguntou Collier. — Há muitos corpos para ser só um jogo.

— Para *ela* é só um jogo — disse Amanda.

— Josephine tem um filho. — Faith levantou o celular de novo. — Encontrei a página de Facebook do marido. Anthony. Seis anos.

Anthony. O filho de Jo Figaroa. A filha de Angie. Neto de Will?

A foto mostrava um menino com um sorriso furtivo.

— Veja o formato dos olhos dele — disse Faith. — São genes realmente fortes.

Seriam os genes de Will também?

1989. Angie estava enfiada em um lar com dezenas de outras crianças.

Exceto que ela não estava.

— Não tem nenhuma ocorrência de um menino branco de seis anos desaparecido. Saberíamos imediatamente — disse Faith.

— Com certeza — afirmou Ng.

— Collier — disse Amanda —, qual é o seu progresso na localização de Delilah Palmer?

— Eu ia contar antes. Encontramos o carro dela abandonado em Lakewood. Limpo.

— Droga, Collier! — Faith bateu a mão no porta-malas da patrulha. — Você encontrou o carro dela? Tenho de saber sobre a bosta dos cachorros-quentes que você come em postos de gasolina, mas não me manda uma mensagem quando...

Will percebeu que Sara tinha desaparecido.

Ele olhou para a frente do prédio, a grama, o estacionamento. Caminhou para a rua. Ela estava atrás do BMW, encostada na para-choque, olhando ao longe. A luz sobre a cabeça dela colocava um halo ao seu redor. Era impossível ler a expressão dela. Ele não sabia se estava brava, preocupada, com medo ou furiosa.

Estavam terminando o dia exatamente da mesma forma que tinham começado.

Will afastou-se do barulho e da gritaria, talvez até do trabalho, porque ele não se importava com nada daquilo.

— Vamos para casa — disse ele.

Ela entregou as chaves. Will abriu a porta do passageiro para ela, deu a volta pela frente e se sentou no lado do motorista. Estava dando a ré para sair quando ela segurou a mão dele. Will sentiu seu coração dar um pulo no peito. Não era o Xanax. A presença de Sara o acalmava. Mais cedo, naquela mesma noite, ela esteve disposta a se afastar dele — não porque queria machucá-lo, mas porque só queria o melhor para ele.

— Não acho que posso falar sobre isso agora — disse ele.

Ela apertou a mão dele.

— Então, não vamos conversar.

TERÇA-FEIRA

CAPÍTULO DEZ

FAITH FOLHEAVA SEU CADERNO enquanto Amanda dirigia para a casa de Reuben Figaroa. Não valia a pena revisar suas colunas. Will estava certo quando disse que não havia um caso. Faith viu o que ele tinha visto: um monte de flechinhas, um monte de perguntas sem respostas. Não levava a nada, mesmo quando você colocava o nome de Josephine Figaroa. A mulher morta era apenas outra flecha que indiretamente levava de volta a Marcus Rippy.

Talvez ela devesse ligá-los a Angie.

Os olhos dela começaram a embaçar. Faith olhou para cima, piscando para limpar a visão. As ruas de Buckhead estavam desertas. Era quase uma da manhã. Faith estava dormindo na frente da televisão quando Amanda ligou para que ela fosse à funerária. Ela quase não se lembrava de ter deixado Emma na casa da mãe. Estava tão exausta que a cabeça doía, mas era seu trabalho. Não havia uma hora razoável para notificar um homem de que sua mulher estava morta.

Não que Faith estivesse cem por cento certa de que a mulher na casa funerária fosse Jo Figaroa. Sim, ela *poderia ser* a mulher na foto da carteira de motorista, mas o envolvimento de Angie distorcia tudo. A política de Faith em relação a mentirosas sempre foi duvidar de tudo que falavam, não importa se a história fizesse sentido. Não era fácil. O cérebro humano tinha uma necessidade irritante de dar às pessoas o benefício da dúvida. Especialmente pessoas de quem gostamos.

Por exemplo, Faith confiava em Will quando ele dizia que Angie não tinha contado nada mais importante, apesar de ter passado um bom tempo com ela no telefone só para esperar o nome da vítima.

— Sua mãe costumava pendurar as notas na parede para que pudesse visualizar todas as peças do quebra-cabeça — comentou Amanda.

Faith sorriu. Os furinhos de alfinete ainda existiam.

— Você acha que Jo Figaroa é filha de Angie?

— Acho.

— Quem é o pai? — Ela não tinha uma resposta, então sugeriu a mais óbvia. — Will?

— Não estou tão certa disso. — Amanda diminuiu a velocidade. Parou o carro na calçada. Colocou em ponto morto. Ela se virou para Faith. — Diga o que você sabe sobre Denny.

— Denny? — Faith balançou a cabeça. — Quem é Denny?

— Abreviação de Holden, Holden Collier — explicou Amanda. — Apesar de Denny ter duas sílabas. Holden também. Imagino que isso significa que não é uma abreviação, apenas parece menos pretensioso.

Faith estava muito cansada para discutir semântica.

— Vamos focar em Collier. Comece do começo. O que ele fez? Como se apresentou?

Faith teve de parar um momento para que pudesse repassar o dia. Parecia que uma eternidade havia se passado desde que pegou Will na veterinária naquela manhã, o que tecnicamente tinha sido no dia anterior, pois já tinha passado da meia-noite.

Ela contou a Amanda sobre o primeiro encontro com Collier e Ng na frente da boate de Rippy, a interminável quantidade de tempo que passara com ele na casa de Dale Harding, os textos que não diziam nada, as tediosas observações sobre a vida pessoal dele, as constantes insinuações sexuais, a relutância em manter uma conversa adulta sobre o caso.

— Não confio nele — admitiu Faith. — Ele continua falando sobre um cartel de heroína mexicano. Não avisou que tinha encontrado o carro de Delilah, mas contou sobre todas as inúteis prostitutas com quem conversou em Lakewood.

— Ng disse que estavam resolvendo uma chamada doméstica quando foram mandados para a boate? — lembrou Amanda.

Faith tentou se lembrar das palavras exatas dele.

— Disse que foi bem violento, o que significa que estavam provavelmente no hospital. Grady está perto da boate de Rippy, uns dez minutos de carro àquela hora da manhã. Faria sentido que eles respondessem à chamada.

— A ligação para a central de emergência foi às cinco da manhã — retomou Amanda. — Você seria voluntária para investigar um corpo em um galpão no final do seu plantão? Faith deu de ombros.

— Policial morto. Os agentes que chegaram primeiro reconheceram Harding. Você largaria seu turno por um policial.

— Verdade — concordou Amanda. — O que mais nele incomoda você?

Faith fez um grande esforço para tentar articular suas sensações.

— Ele fica se mostrando. Estava com Will quando encontrou a mulher desconhecida no prédio comercial. Levou Will para casa. Estava lá na funerária essa noite. O que estava fazendo lá?

— Collier e Ng são nossas conexões no DPA. São parte do caso. Faz sentido que tenha recebido a chamada sobre o carro.

— Acho que sim... — Faith tentou escolher a resposta óbvia. — Talvez Collier seja apenas um idiota que fica aparecendo em todos os lados. O pai dele era policial. É óbvio que ele sabe o que faz.

— Milton Collier trabalhou por dois anos — disse Amanda. — Ele recebeu um 51 de um 24, perdeu dois dedos antes de conseguir chamar um 63.

Faith tentou recuperar seu conhecimento obscuro dos códigos da sopa de números dos tempos de Amanda. O pai de Collier tinha sido esfaqueado por um cara louco e perdeu os dedos antes de o apoio chegar.

— E? — perguntou para Amanda.

— Milton bateu o ponto por causa de uma invalidez médica. A esposa era professora. Eles ganhavam uma grana extra recebendo crianças adotivas. Dezenas ao mesmo tempo. Collier foi uma delas. No final, acabou sendo adotado por eles.

— Huh — disse Faith.

Collier havia contado quase tudo, desde seu saco torcido no colegial, mas não mencionara que havia passado pelo sistema como Delilah Palmer.

Assim como Angie.

— Collier e Angie estiveram na mesma casa juntos quando ela estava com dezesseis anos e ficou grávida? — questionou Faith.

— É uma pergunta interessante, não é? — Ela não respondeu, mas Faith sabia que iria descobrir. — O que mais Angie disse no celular para Will?

— Foi breve — mentiu ela, porque a ligação tinha durado pouco menos de três minutos. — Tenho certeza de que ela passou algum tempo o provocando.

— Por que isso? O que você acha?

— Porque ela é um ser humano horrível.

Amanda olhou duro para ela.

— Ela é esperta, isso sim. Olhe nosso dia. Angie nos obrigou a andar em círculos. Leste de Atlanta. Lakewood. Norte de Atlanta. Will rodou toda Midtown. Você ficou presa na casa de Harding. Eu fui até Kilpatrick. O pior, Angie conseguiu tirar Will da parada, o que mostra uma estratégia brilhante. Ele a conhece muito bem. Poderia ser nosso melhor aliado na hora de descobrir o que ela está aprontando, mas o deixou completamente inutilizado. Você viu como estava no porão.

Faith viu como Will ficou, e o pior, ela não conseguiu ajudar. Ele ficava fazendo aquele estranho som de exclamação, como se não conseguisse respirar. Faith saiu da sala para não mostrar que estava chorando.

— Você acha que Angie ferrou tanto com ele que não seria capaz de perceber qual é o plano dela? — perguntou para Amanda.

— Se eu estivesse dando uma aula de manipulação, isso seria parte do meu currículo. Só Deus sabia como Amanda podia manipular.

— Certo, Angie está ferrando com ele. Com que objetivo?

— Está ganhando tempo.

— Para quê?

— Essa é a pergunta que vale sessenta mil dólares, não? Qual é o objetivo de Angie Polaski?

Faith não achava que ia encontrar a resposta. Estava tão cansada e estressada que duvidava que fosse capaz de amarrar os sapatos naquele instante, muito menos descobrir por que Angie Polaski havia feito aquelas coisas horríveis.

— Vamos pensar juntas — disse Amanda.

Contra sua vontade, Faith olhou para suas anotações de novo.

— Harding foi morto no domingo à noite. Angie montou a cena para parecer que ela, Angie, tivesse sido morta, mas na verdade foi Jo Figaroa, que provavelmente tem o mesmo tipo de sangue raro de sua mãe, B negativo.

— Hum... — pelo menos uma vez Amanda não estava à frente dela. — Você acha que Angie matou Jo?

Faith não tinha certeza.

— Ela é um monstro, mas não consigo imaginá-la matando a própria filha.

— Nem eu, mas Harding poderia ter matado Jo, então, Angie matou Harding. Ou tentou com a maçaneta. O que aconteceu em seguida? — perguntou Amanda.

— Angie tira o corpo da boate. Bota fogo no carro de Dale, o que parece algo que Angie faria se estivesse puta, e ela estaria puta se Dale tivesse matado a filha dela. — Faith não podia imaginar aquele cenário com a própria filha. — A ligação para a central de emergência aconteceu na manhã da segunda-feira, às cinco. Então, na segunda à noite, Angie nos entrega o corpo de Jo na casa funerária e liga para torturar Will.

— Sara avalia a hora da morte de Josephine entre meio-dia e uma da tarde.

— Não é bem a especificidade de Sara. — Faith escreveu a hora nas margens. — Se Josephine morreu entre o meio-dia e uma hora — percebeu ela —, isso significa que Angie a deixou no porta-malas do carro até colocar o corpo na casa funerária pouco antes das 20h30.

— Havia muito sangue no banco de trás, todo tipo B negativo, e um pouco de sangue no porta-malas, que Sara diz que poderia ser *post mortem* da ferida no peito.

Faith tremeu com a frieza que deveria ter sido dirigir por aí com a própria filha sangrando até morrer no banco de trás do carro.

— É uma questão de tempo — comentou Amanda. — Angie está arrastando o tempo. É por isso que ela esperou até tarde da noite para se livrar do corpo.

— Ou algo mudou no plano dela — chutou Faith, mas ela não tinha ideia.

Faith viu a lógica inicial de Amanda, porque Will era a pessoa que podia descobrir o que Angie estava pensando. Ele conhecia os motivos dela. Sabia do que ela era capaz. Mas ela não estava sacaneando só Will.

— Angie trabalhou em casos de assassinato antes. Ela sabe como é. Todo sangue e violência deixam qualquer um doido, não importa quantas vezes tenha visto tudo isso. A pessoa entra em pânico pensando que vai esquecer algo. Não consegue desligar o cérebro. Não consegue dormir, mesmo se tiver tempo. Acrescente o fator emocional e ela basicamente nos coloca numa fria.

— Vou repetir o que falei essa manhã: estamos deixando passar algo importante — disse Amanda.

— Talvez Reuben Figaroa possa dar uma explicação. — Faith fechou o caderno. Todo o sentido havia desaparecido. Suas notas pareciam um dos trabalhos de colorir de Emma. — Nunca mais vou conseguir dormir depois disso. Um dos seus Xanax cairia bem — Olhou para Amanda. — Por que você anda com Xanax por aí, por falar nisso?

— Apenas um dos meus antigos truques. — Amanda voltou-se para o volante. — Você tem um suspeito que está muito apreensivo para falar, esmaga meio comprimido no café dele. O cara fica um pouco tonto e você consegue fazer com que ele feche qualquer acordo.

— Posso me lembrar de dezesseis formas diferentes de mostrar que isso é ilegal.

— Só dezesseis? — Amanda riu enquanto voltava a colocar o carro em movimento. — Converse com sua mãe. Foi ela que inventou isso.

Faith podia imaginar sua mãe fazendo aquilo nos anos 1970, mas não Amanda agora, o que significava que ela tinha se esquivado de outra pergunta. Pressioná-la não era uma montanha que Faith estava preparada para escalar.

— Como vamos falar com Reuben? Isso é uma notificação de morte ou um interrogatório? A esposa dele está desaparecida pelo menos desde domingo à noite. Ele não deu queixa.

— Devemos tratar o assunto como lidamos com qualquer morte suspeita de uma esposa — disse Amanda. — O marido é o principal suspeito. Mais mulheres são mortas por seus companheiros do que por qualquer outro grupo.

— Por que acha que parei de namorar?

O comentário era para ser uma piada, mas Amanda a olhou de lado.

— Não deixe esse emprego afastá-la dos homens, Faith.

Faith estudou Amanda. Era a segunda vez em poucos dias que ela tinha tentado dar algum conselho sentimental.

— De onde vem isso?

— Experiência — respondeu Amanda. — Ouça uma mulher que está nesse trabalho há muito tempo. É simples estatística. Homens cometem os crimes mais violentos. Todo mundo sabe disso, mas nem todo mundo vê a coisa acontecer no mundo real todo dia como nós. Lembre-se de que Will é um homem bom. Pelo menos quando não é um cabeça-dura. Charlie Reed é excepcional, e você não deve repetir isso que falei por aí. O lance que você tinha com o pai de Emma não deu certo, mas ele ainda é um cara legal. Seu pai foi um santo. Seu irmão pode ser um merda, mas ele faria qualquer coisa por você. Jeremy é perfeito em todos os sentidos. Seu tio Kenny é...

— Um traidor e mulherengo?

— Não veja só um lado, Faith. Kenny adora você. Ainda é uma boa pessoa. Simplesmente não deu certo entre a gente. Mas tem alguém aí fora que poderia ser o cara certo para você. Não deixe esse emprego convencê-la do contrário. — Ela pisou no freio. — Qual era o número?

Faith não tinha percebido que já estavam em Cherokee Drive. Ela apontou para uma grande caixa de correio algumas casas depois do clube de campo.

— Ali.

Amanda entrou na casa. Um enorme portão preto bloqueava o caminho. Ela apertou o botão da campainha. Acenou discretamente para a câmera de segurança montada nos arbustos altos que bloqueavam a visão da casa.

Estava claro que os Figaroa levavam a privacidade a sério. Faith imaginou que havia um jardim grande o suficiente para um campo de futebol. Mesmo assim, ela podia perceber o brilho das luzes no andar térreo.

— Já estão acordados. Acha que a imprensa já sabe?

— Se sabem, existe um pequeno grupo de suspeitos que poderia ter vazado a notícia.

Collier novamente. Ele era um cara que cabia em todos os problemas. Se conhecia Angie, isso significava que conhecia Dale Harding? E se Harding e Angie fossem o tipo de policiais com quem Holden Collier andava, o que isso dizia sobre ele?

Faith acreditava que quem andava em más companhias também tinha culpa no cartório.

— Você já ouviu falar de uma mulher chamada Virginia Souza? — perguntou a Amanda.

Amanda fez que não com a cabeça.

— Collier a mencionou antes. — Faith encontrou o celular no bolso. Leu as mensagens de texto, procurando o nome da mulher. — Virginia Souza. Collier a

verificou porque trabalhava no ponto de Delilah, é provável que tivessem o mesmo cafetão. Costumes disse que ela teve uma overdose há seis meses, mas isso vem de Collier e não confio nele porque é um mentiroso.

— Você parece com sua mãe às vezes.

— Gostaria de saber se isso é um elogio ou não.

Faith procurou o prontuário de Virginia Souza nos bancos de dados do estado.

— Aqui vamos nós. Cinquenta e sete anos, o que é bastante para uma prostituta. Milhares de prisões por prostituição, começando no final de 1970. Risco para crianças. Negligência com crianças. Ajuda na exploração de uma criança. Nenhuma delas menciona Collier. — Faith sentiu o dedão doer enquanto repassava o sórdido histórico criminal da mulher. — Várias bebedeiras e desordens. Roubos. Nenhuma violação por drogas, o que é estranho já que as outras garotas disseram que ela teve uma overdose seis meses atrás. Ou Collier disse que as garotas disseram que ela teve uma overdose há seis meses. Duas agressões contra menores, Collier me falou dessas. Suspeita no sequestro de uma menor. Suspeita em outra exploração. Ela realmente gosta de crianças. Apelidos conhecidos: Souz, Souzie, Ginny, Gin, Mamãe.

— Mãezona — disse Amanda, usando a palavra mais comum para designar a mulher que é o braço direito do cafetão. — É a garota do cafetão.

— Faz sentido, considerando sua idade e sua folha corrida. Todas essas agressões contra crianças, poderia estar fazendo o trabalho para o cafetão, mantendo a linha.

— Por que essa gente demora tanto? — Amanda apertou a campainha no portão pela segunda vez, mantendo o dedo por tempo suficiente para deixar claro que ela não iria embora. — Você tem o número de telefone?

Faith ia procurar quando os portões começaram a se abrir.

— Finalmente — disse Amanda.

A entrada dava um giro à esquerda, levando-as para uma garagem separada com espaço para seis carros no canto de trás da casa. Amanda parou ao lado de um SUV Tesla. Listras tinham transformado o local em uma quadra de basquete em miniatura com uma tabela baixa o suficiente para indicar que Reuben Figaroa tinha construído o espaço para o filho de seis anos.

— Kip Kilpatrick — disse Amanda.

Faith viu o agente parado na porta. Seu terno era tão brilhante que atraía as luzes de segurança. Ele tinha uma garrafa de bebida energética vermelha na mão que agitava enquanto olhava as duas saírem do carro. Will tinha subestimado a canalhice do sujeito. Faith podia sentir o cheiro dela, como o mofo em um porão.

— Aqui vamos nós — disse Amanda.

As duas saíram do carro. Amanda caminhou até Kilpatrick. Faith olhou pela janela na porta da garagem. Duas Ferraris, um Porsche e na última vaga um Range Rover cinza, o mesmo tipo de veículo que estava registrado em nome de Jo Figaroa.

— Sr. Kilpatrick, que prazer vê-lo duas vezes no mesmo dia — disse Amanda.

Ele olhou para o relógio.

— Tecnicamente é outro dia. Algum motivo especial para visitar outro cliente meu tão tarde da noite?

— Por que não discutimos isso lá dentro com o sr. Figaroa?

— Por que não discutimos isso aqui fora comigo?

— Acho estranho que esteja aqui, sr. Kilpatrick. Está fazendo alguma visita de última hora?

— Você tem cinco segundos para explicar por que está aqui, ou sair da propriedade do sr. Figaroa.

Amanda parou um momento para a mudança de força.

— Estou procurando Josephine Figaroa, na verdade. Ela parece estar desaparecida.

— Está na reabilitação — disse ele. — Entrou essa manhã. Eu mesmo a levei no carro.

— Pode me dizer o nome da instituição?

— Não.

— Pode me dizer quando vai voltar?

— Não.

Amanda raramente ficava sem ação, mas Faith podia ver que ela tinha ficado assim com as negações de Kilpatrick. Então, ela contou a verdade.

— Há duas horas, um corpo foi encontrado e identificado como Josephine Figaroa.

Kilpatrick deixou cair a garrafa, que explodiu no piso. O líquido vermelho se espalhou por todo o chão, pelos pés, pela calça. Ele não se moveu. Nem notou a sujeira. Estava assustado de verdade.

— Precisamos que o sr. Figaroa identifique o corpo — continuou Amanda.

— O quê? — Kilpatrick começou a balançar a cabeça. — Como foi... O quê?

— Precisa de um minuto?

Ele olhou para o chão, notou a bebida derramada.

— Tem certeza? — Ele balançou a cabeça, e Faith quase conseguiu ouvir como ele tentava se convencer a se recompor e assumir a cara de advogado. — Eu posso fazer a identificação. Aonde devo ir com vocês?

— Temos uma foto, mas está...

— Mostrem.

Amanda já tinha pegado o BlackBerry. Ela mostrou a foto do rosto da mulher.

Kilpatrick recuou.

— Jesus Cristo. O que aconteceu com ela?

— É para descobrir isso que estamos aqui.

— Cristo. — Ele limpou a boca com a manga da camisa. — Cristo.

Uma sombra passou pela porta, sinistra como um monstro de histórias em quadrinhos.

Reuben Figaroa saiu, com cuidado para não molhar os sapatos. Estava usando um terno cinza bastante amassado com uma camisa azul e gravata preta. A cabeça raspada. Cavanhaque escuro. Era absurdamente alto, a cabeça quase batendo no marco da porta. Ele também tinha um coldre com uma Sig Sauer P320 preso ao cinto de couro preto. Carregava uma arma bem à vista e parecia mais do que capaz de usá-la.

— Sr. Figaroa, podemos conversar com o senhor? — quis saber Amanda.

Reuben estendeu a mão, que era três vezes maior que a de Amanda.

— Deixe-me eu ver a foto.

— Não, cara — avisou Kilpatrick. — Você não quer ver isso. Confie em mim.

Amanda deu o BlackBerry para Reuben. O celular parecia tão pequeno quanto um chiclete na mão enorme dele. Segurou a tela perto do rosto, a cabeça de lado enquanto observava a imagem. Faith estava acostumada com a altura de Will, mas, em comparação, Reuben era um gigante. Tudo nele era maior, mais forte, mais ameaçador. Ele só tinha falado cinco palavras com elas, mas Faith sentia todo o seu ser dizendo que aquele homem não era confiável. Ele estava olhando diretamente para a fotografia da esposa morta, mas não havia nenhuma emoção em seu rosto.

— É sua esposa, Josephine Figaroa? — perguntou Amanda.

— Jo. Sim, é ela. — Ele devolveu o celular para Amanda. Parecia convencido da identificação, mas não demonstrou preocupação alguma. — Por favor, entrem.

Amanda não conseguiu esconder a surpresa com o convite. Ela olhou para Faith antes de entrar na casa. Kip Kilpatrick indicou que entraria por último. Não estava sendo cavalheiro. Queria ficar de olho nela. Por Faith, tudo bem. Ela fez questão de mostrar que tinha visto a Ruger AR-556 encostada na porta. O rifle tinha todos os acessórios. Cabo aderente. Supressor de clarão. Mira militar. Laser. Carregador para trinta balas.

Reuben as levou por um corredor comprido e azulejado. Estava mancando. Havia um suporte de metal na perna. Faith apreciou o ritmo lento porque dava uma chance para que ela olhasse a casa. Não que houvesse muita coisa para ver. Não havia nada fora do lugar naquela casa — literalmente nada. Não havia nenhuma fotografia nas paredes brancas. Nenhum tênis perto da porta. Nenhuma roupa empilhada na lavanderia. Nenhum brinquedo espalhado pelos cantos.

Para Faith, não importava se uma pessoa vivia em uma megamansão ou numa caixa, se morava com uma criança de seis anos, tinha de conviver com todas as porcarias da criança. Não viu manchas engorduradas, rodapés arranhados ou a trilha de cereais que inexplicavelmente seguia toda criança como migalhas de pão.

A sala de estar também estava vazia. Não era uma área aberta. Não dava para ver a cozinha dali, somente uma série de portas fechadas que podiam levar a qualquer lugar. Nenhuma cortina cobria as janelas que iam do teto ao chão. Nenhuma obra de arte ou planta, para dar um pouco mais de vida ao espaço. Todos os móveis eram feitos de aço e couro branco, construídos para uma escala de jogador de basquete. O tapete felpudo era branco. O chão era branco. Se houvesse uma criança vivendo ali, ela estava hermeticamente selada.

— Por favor. — Reuben indicou o sofá.

Não esperou as mulheres se sentarem. Escolheu a cadeira que o deixava de costas para a parede. Sentado, ele era mais ou menos da altura de Faith. Os olhos eram estranhos, quase cinzentos. Havia um Band-Aid comprido na lateral da cabeça raspada, sobre um galo do tamanho de uma bola de golfe.

— O que aconteceu com sua cabeça? — questionou Faith.

Ele não respondeu. Só olhou para ela com o desinteresse que um leão olharia para uma formiga.

— Obrigada por nos receber, sr. Figaroa — disse Amanda. — Sinto muito por sua perda.

Ela se sentou no sofá ao lado dele. Teve de ficar na ponta, assim o pé conseguiria tocar o chão. Kilpatrick tinha caído em outra cadeira, os pés balançando como Lily Tomlin interpretando Edith Ann na *Vila Sésamo*. Ele parecia mais chateado que o marido de Jo. Seu rosto não tinha se recuperado do choque.

Reuben ainda estava olhando para Faith, esperando que se sentasse.

— Estou bem, obrigada. — Ela não queria ter de lutar para se levantar se algo desse errado.

Havia muitas coisas que podiam dar errado.

Tinha visto outro fuzil de assalto perto da porta da frente, um AK-47 que parecia ter sido customizado, o que fazia da arma uma metralhadora dentro da lei. Havia um segundo revólver dentro de uma caixa de vidro articulada que parecia pesada na mesa de centro, outra Sig Sauer, modelo Mosquito com duas cores.

Amanda tinha um revólver de cinco tiros na bolsa, que guardava dentro de um saquinho de Crown Royal. Faith tinha sua Glock no coldre da perna. Não eram páreo para Reuben Figaroa. Ele estava de lado na cadeira, com o cotovelo sobre a parte de trás, a mão a menos de cinco centímetros da Sig que levava no quadril.

— O que aconteceu com Jo? — perguntou Reuben.

— Não temos certeza — admitiu Amanda. — A autópsia ainda não foi realizada.

— Quando isso vai ser feito?

— Ainda esta manhã.

— Onde?

— No necrotério do hospital Grady.

Ele esperou mais detalhes.

— O legista do Departamento de Polícia de Atlanta vai realizar o procedimento, mas alguém da AIG acompanhará para oferecer ajuda.

— Quero ir também.

Kilpatrick se levantou.

— Ele está em choque. Claro que não quer estar lá quando fizerem a autópsia de sua esposa. — Lançou um olhar de alarme para Reuben. — Quando ela morreu?

— Talvez o sr. Figaroa possa nos contar primeiro o que fez ontem, segunda-feira?

— Não... — disse Kilpatrick, mas Reuben levantou a mão para impedi-lo.

— Fui ao consultório do meu médico logo de manhã. Como você pode ver, operei meu joelho recentemente. Tive uma consulta de acompanhamento. Depois, tive uma reunião de negócios com Kip, aí outra reunião com meu advogado, Ditmar Wittich. Então, fui a vários bancos onde tenho conta, pelo resto do dia. City Trust. Bank of America. Wells Fargo. Kip pode dar os telefones deles.

— Obviamente, nenhuma das pessoas com quem Fig se encontrou pode contar sobre o que conversaram, mas posso verificar os horários — disse Kilpatrick. — Os bancos têm imagens de segurança. Vocês precisarão de um mandado.

— Ainda falta dizer o que fez da segunda à noite até esta manhã — disse Amanda para Reuben. — Desculpe, mas parece estranho que seja duas e meia da manhã e você ainda esteja de terno.

— Por isso demorei para abrir o portão — disse ele. — Achei impróprio atender a porta de pijama.

Amanda assentiu, mas não falou que o terno parecia ter sido usado o dia todo.

— Onde ela foi encontrada? — quis saber Reuben.

Amanda não respondeu a pergunta.

— Esperava que pudesse nos ajudar com a linha do tempo. — Ela se virou para Kilpatrick. — Você disse que colocou Jo no carro dela na segunda-feira de manhã?

— Jeito de falar. — Kilpatrick viu que tinha se colocado em uma sinuca. — Coloquei tudo no carro dela na noite de domingo. Não sei a que horas ela saiu na manhã de segunda. — Os olhos de Kilpatrick se moviam nervosos para Reuben. — Então, a última vez que a vi foi na noite de domingo. Estávamos em uma festa.

— Jo foi sozinha para reabilitação no carro dela? — perguntou Faith.

Kilpatrick sabia que Faith tinha visto a Range Rover de Jo Figaroa na garagem.

— Não me lembro.

— E você? — Amanda perguntou para Reuben.

— Domingo à noite — respondeu Kilpatrick antes de seu cliente. — Reuben estava na festa também. Assim como Jo. Ela saiu mais cedo. Estava com dor de cabeça, queria juntar suas coisas, não sei. Reuben tomou uns analgésicos quando chegou. No domingo depois da festa. Acordou na manhã de segunda-feira e achou que Jo tinha ido para a reabilitação. Em um táxi, porque seu Rover ainda estava aqui. — Ele estava inventando aquilo na hora. — Sabe como é a reabilitação, não deixam os pacientes ligarem nas primeiras duas semanas, então não tínhamos como saber se ela havia chegado à clínica.

Amanda podia enfiar o dedo em muitos buracos naquela história, mas só assentiu.

— Quem a matou? — perguntou Reuben.

— Não temos certeza de que ela tenha sido assassinada.

— A foto — disse Reuben. — Alguém acertou o rosto dela. Deu uma surra. — Ele virou o rosto. Seus punhos fechados eram do tamanho de uma bola. Era a primeira vez que tinha registrado alguma emoção. — Quem a matou?

— Sra. Wagner — interveio Kilpatrick. — Acho que deveria saber que Jo tinha um vício em Oxy. Bastante sério. Fig não tinha ideia até ela ser presa. É por isso que está em reabilitação. Ia para a reabilitação. — Ele parou para engolir a saliva, claramente perdido. — Vocês deveriam estar procurando o traficante. Pessoas do submundo.

Faith lembrou que Will contou que Angie fornecia drogas para jovens garotas. Sua forma de ajudá-las a ficar longe das ruas. Ela tinha fornecido drogas para Jo Figaroa também?

— Você tem uma impressionante coleção de armas. — Amanda olhou pela sala, fingindo que não tinha reparado no arsenal antes. — É um hobby ou está preocupado com sua família?

Reuben fixou os olhos duros nela.

— Eu cuido muito bem da minha família.

— Sra. Wagner, tenho certeza de que conhece a lei da Geórgia — disse Kilpatrick. — Policiais não podem fazer perguntas a cidadãos que respeitam as leis sobre armas ou autorizações, ou qualquer outra arma, escondida ou visível. Especialmente dentro de uma casa particular.

— Jo se despediu de Anthony? — questionou Faith.

Os olhos de Reuben se entrecerraram de novo.

— Despediu.

Faith esperou, mas ele obviamente não ia falar mais nada.

— Anthony está aqui?

— Está.

— Podemos falar com ele? Talvez a mãe...

Um telefone tocou, um barulho tão agudo que por alguma razão a mão de Faith se moveu para a arma. A mão de Reuben se moveu também. Muito lentamente ele enfiou a mão no bolso e tirou um iPhone. Faith olhou para Kilpatrick. Ele estava na ponta do sofá, tenso, esperando. Os olhos de Reuben não estavam mais tão duros. Sua atitude quase de pedra rachou um pouco.

Todos ficaram olhando enquanto ele atendia o celular.

— Não — murmurou. Ele esperou. — Não — murmurou de novo.

Desligou. Balançou a cabeça uma vez para Kilpatrick. Ficou com o telefone na mão, o que era bom para Faith, porque ela preferia a mão dele ocupada.

— Desculpem — disse ele. — Assuntos pessoais.

— Reuben? — Uma mulher mais velha tinha aberto uma das portas. Era uma afro-americana, vestida impecavelmente, com um colar de pérolas ao redor do pescoço. — Gostaria que trouxesse chá ou café a seus convidados?

— Não, senhora. Estamos bem. — Reuben afrouxou um pouco a gravata. — Obrigado. Está tudo bem.

Ela hesitou, depois saiu da sala.

Foi uma troca de palavras de segundos, mas Faith tinha visto algo no rosto da mulher. O lábio inferior dela estava tremendo.

— É a mãe de Jo — explicou Kilpatrick. — Ela tem um problema no coração. Vamos esperar para dar a má notícia quando estiver bem.

— Desculpe — disse Amanda. — Mas Josephine foi adotada?

Reuben tinha recuperado a compostura. A frieza havia voltado.

— Foi. Era criança quando aconteceu. Nunca conheceu a mãe.

— Que triste... — Amanda tossiu. Bateu no peito e tossiu de novo. — Desculpe incomodá-lo. Posso tomar um pouco de água?

— Eu pego. — Faith caminhou para a cozinha.

Reuben começou a se levantar, mas Kilpatrick disse:

— Tudo bem.

Faith viu por que estava tudo bem quando entrou na cozinha. Cabeça raspada. Roupas pretas apertadas. Laslo Zivcovik estava sentado no balcão da cozinha. Tomava sorvete. A mulher que deveria ser a srta. Lindsay estava parada do outro lado. Enrolava uma toalha branca nas mãos, claramente preocupada pelo que acontecia na sala ao lado. As pérolas não tinham sido a única dica que Faith notara. Os lábios dela tremiam da forma como Will descrevera.

— Que linda cozinha — elogiou Faith, apesar do local parecer mais uma sala acolchoada de um hospício. Os armários eram brancos. Os eletrodomésticos estavam todos escondidos atrás de painéis brancos. A pia de mármore se unia ao chão também de mármore. Até a escada aberta no fundo da cozinha era extremamente branca.

— Obrigada. — A srta. Lindsay dobrou a toalha. — Meu genro a projetou.

Isso explicava muitas coisas. Reuben poderia ser, ele mesmo, um pedaço de mármore.

— Deve ser uma dificuldade deixá-la limpa, ainda mais com um menino pequeno. Sua filha deve ter muita ajuda.

— Não, ela faz tudo sozinha. Limpa a casa. Cozinha. Lava roupa.

— Quanto trabalho — repetiu Faith. — Ainda mais com um menino.

A colher de Laslo bateu na pia.

— Precisa de algo aqui? — perguntou para Faith. Parecia que tinha algodão enfiado na boca, pelo sotaque de Boston.

Encher um copo de água não demoraria muito.

— Eu me ofereci para ajudar com o chá — disse ela.

— Vou pegar a chaleira. — A srta. Lindsay abriu e fechou portas de armário, o que mostrou a Faith que ela não frequentava muito o local.

— Ei! — Laslo bateu a colher na pia para chamar a atenção. Apontou para um dispensador de água quente, o que significava que ele frequentara a casa muitas vezes.

— Todos esses aparelhos modernos... — A srta. Lindsay pegou xícaras. Brancas. Gigantes. Feitas para Reuben Figaroa, como todo o resto da casa.

Faith começou a encher as xícaras com água quente. A pia da cozinha era tão alta que ela precisava ficar na ponta dos pés.

— Veio aqui cuidar do seu neto? — perguntou ela para a srta. Lindsay.

Ela assentiu, mas não falou nada.

— Seis anos... ele deve estar na primeira série? — Faith encheu outra xícara. — É uma idade maravilhosa. Tudo é tão incrível. São tão divertidos e alegres. A gente queria que ficassem assim para sempre.

A srta. Lindsay errou a pia. A xícara atingiu o chão de mármore como um pedaço de gelo, cacos se espalhando para todos os lados.

Ninguém moveu um dedo. Eles se entreolharam como se estivessem congelados.

— Suba, querida. Eu limpo isso — disse Laslo.

A srta. Lindsay olhou para Faith. Seu lábio estava tremendo de novo.

— Acho que a senhora conheceu meu parceiro ontem — comentou Faith. — Will Trent.

Laslo se levantou. As botas dele esmagaram a cerâmica quebrada no chão.

— Suba e vá cuidar de Anthony. Todo esse barulho aqui embaixo. Não queremos que ele acorde e fique com medo.

— Claro... — Ela mordeu o lábio para que parasse de tremer. — Boa noite — disse para Faith.

Sua bengala batia no chão enquanto caminhava para a escada do fundo. Ela se virou para olhar Faith, depois começou a árdua subida. Pareceu que levou uma eternidade até os pés dela desaparecerem.

As botas de Laslo pulverizaram a xícara quebrada quando ele retomou seu lugar na pia da cozinha. Agarrou a colher. Enfiou um pouco de sorvete na boca e fez um ruído com os lábios. Estava olhando os peitos dela.

— Belas tetas — disse.

— As suas também — respondeu ela.

Faith usou os sapatos para abrir a porta vaivém, sabendo que deixaria uma marca. Amanda já estava de pé, a bolsa nas mãos.

— Obrigada, sr. Figaroa. Manteremos contato. Novamente, sinto muito por sua perda.

Kilpatrick as acompanhou. Ele deixou que as duas fossem na frente pelo corredor, como se tivesse medo que ficassem espionando e encontrassem algo que não conseguiria explicar.

— Se tiver mais alguma pergunta para Fig, ligue no meu celular — disse ele para Amanda, quando chegaram à porta. — O número está no meu cartão.

— Vamos precisar que ele identifique positivamente o corpo. Uma amostra de DNA seria útil também.

Kilpatrick sorriu com a sugestão. Nenhum advogado entregava por vontade própria o DNA do cliente.

— Tire outra foto quando ela estiver limpa. Começamos por aí.

— Maravilha — disse Amanda. — Espero vê-los daqui a algumas horas.

Kilpatrick não parou de rir.

— Aquele interrogatório oficial com Marcus sobre o qual você convenceu Ditmar ontem: não vai acontecer. Ligue para Ditmar se não acredita em mim.

Ele não bateu a porta porque não precisava.

Amanda apertava a bolsa como se quisesse estrangular alguém enquanto caminhava até o carro.

Faith caminhou atrás, olhando para as janelas do segundo andar. Não havia nenhuma luz acesa. A srta. Lindsay não estava olhando pelo meio das cortinas. Faith teve a mesma sensação que Will tinha descrito antes: algo não estava bem.

As duas entraram no carro. Ficaram em silêncio até que o carro saiu na Cherokee.

— Nada com a mãe? — perguntou Amanda.

— Laslo estava lá. E a ligação do celular? — perguntou Faith. — Kilpatrick quase pulou da cadeira.

— Cada vez mais curioso. Reuben Figaroa é um homem violento — disse ela.

Faith teria dito “dã”. As armas espalhadas pela casa. A sala de operações austera. Reuben Figaroa era o *check-list* humano do marido controlador. Se tinha ou não cruzado a linha da violência era uma pergunta em aberto. No mínimo, fazia sentido que sua esposa estivesse tomando comprimidos a caminho do supermercado.

O que não fazia sentido era por que ela tinha sido assassinada.

— O álibi dele vai bater, você sabe disso — disse Amanda. — E acho muito conveniente que todo o seu dia tenha sido preenchido com pessoas que estão conectadas profissionalmente com ele e por isso devem ficar de boca fechada.

— Angie a matou — disse Faith. — É disso que se trata. Não foi Marcus Rippy, Kilpatrick ou Reuben. Angie fez uma dessas aparições estilo Jerry Springer “surpresa, sou sua mãe!” e levou Jo a fazer alguma coisa que acabou a levando à morte.

— Não deixe que o rabo balance o cachorro — avisou Amanda. — Estou preocupada com o filho... Anthony. Até eu sei que deveria haver alguns brinquedos ou pelo menos algumas manchas na mesinha de vidro.

— Mochilas, sapatos, livros de colorir, canetinhas, carrinhos, sujeira. — Faith tinha esquecido quanta sujeira os meninos traziam para casa. Eram como panos que atraíam cada partícula de poeira na atmosfera. — Se um menino de seis anos vive naquela casa, então a mãe passa o dia todo limpando o que ele faz. E faz tudo sozinha, por falar nisso. A srta. Lindsay confirmou que Jo não tinha empregadas. Ela cozinha, limpa, lava roupa, como uma verdadeira dona de casa.

— Jo desapareceu no domingo à noite. E é terça-feira de manhã. Devemos supor que o marido não limpa banheiros. Foi a srta. Lindsay que cuidou da limpeza?

— Não vejo como. Ela quase não fica em pé sem a bengala. Mas você está certa de que algo não está bem com Anthony. Fiquei pressionando sobre o menino, e ela teria falado se Laslo não estivesse lá. Podemos ligar para a escola — disse Faith. — Eles vão dar informações sobre faltas. Suponho que esteja no E. Rivers. É basicamente uma escola privada, com financiamento público, para crianças brancas ricas.

— É muito cedo. Não deve ter ninguém antes das seis.

Faith bocejou involuntariamente à menção da hora.

— Quero falar com aquela mulher não identificada que Will encontrou no prédio — disse Amanda. — Ela deve ter visto algo. Onde conseguiu toda aquela cocaína?

Faith ainda estava bocejando. Era muita informação e muito rápido para ela. Seu cérebro estava girando.

— Figaroa parecia não ter dúvidas sobre a identificação da foto. Como podia ter certeza? A cabeça dela está do tamanho de uma melancia. Alguém bateu muito nela.

— Aqui temos outro problema. — Amanda apontou para o relógio no painel. — Chegamos lá pouco antes das duas e meia da manhã. Todos estavam acordados e arrumados. Kilpatrick estava de terno. Reuben estava de terno. Laslo estava lá. A sogra ainda estava com o colar de pérolas. Todas as luzes estavam acesas. Estavam acordados por algum motivo.

— Kilpatrick não sabia que Jo estava morta — lembrou Faith.

— Não — disse Amanda. — Ficou chocado quando contei. Não dá para fingir isso.

— Figaroa usava um suporte no joelho. Mas tinha aquele galo na cabeça. Alguém deu um golpe forte contra ele.

— Jo?

Faith riu, mas só por desespero.

— Angie? Delilah? Virginia Souza?

— A AK perto da porta da frente parece transformada em automática.

— A AR ao lado da porta dos fundos tem acessórios. Atira cem balas em sete segundos. — Faith bateu a mão na cabeça, tentando clarear as ideias. — Que merda está acontecendo naquela casa?

— Concentre-se. Kilpatrick é quem resolve problemas. Laslo também. Eles estavam ali para cuidar de qual problema?

— Se vamos acreditar que Kilpatrick não sabia que Jo estava morta, então não era esse o problema que estavam resolvendo. A srta. Lindsay estava com Kilpatrick na segunda-feira à tarde — lembrou Faith. — Foi quando ela viu Will. Estava preocupada com algo.

— Sua filha tinha sido presa por posse de drogas.

— É, mas na quinta-feira anterior. Jo tinha saído da cadeia no sábado. A mãe dela foi ver Kilpatrick com um novo problema. Um problema que apareceu na segunda-feira. Um problema depois que Harding tinha morrido. Um problema depois que sua filha desapareceu, mas estamos dizendo que ela está na reabilitação... — Faith viu outro problema. — Ela foi falar com Kilpatrick, não com Reuben.

— Aquela ligação que Reuben atendeu há poucos minutos. Aquilo foi estranho.

— Parecia que estavam todos esperando uma ligação, até a srta. Lindsay. Assim que o celular tocou, ela já veio saber o que estava acontecendo. — Faith virou-se para Amanda. — Se a ligação não era sobre Jo, então a única coisa que consigo imaginar que preocuparia tanto a srta. Lindsay é Anthony.

— Vamos juntar as peças, Faith. Reuben Figaroa foi até o escritório de Kilpatrick na segunda-feira de manhã. Em seguida, eles se encontraram com o advogado dele. Reuben

passou o resto do dia visitando três bancos diferentes e agora estão todos ali de madrugada, vestidos, esperando uma ligação. O que isso quer dizer?

— Resgate — disse Faith. — Angie sequestrou o neto.

CAPÍTULO ONZE

WILL ANDAVA DE UM LADO para o outro fora do quarto de hospital da mulher não identificada enquanto os médicos faziam os exames matinais. Tinha enfiado as mãos nos bolsos enquanto andava. Sentia-se estranhamente agitado, quase tonto, apesar de não ter dormido na noite anterior. Estava pensando com mais clareza agora do que nas últimas 36 horas. Obviamente, Angie pensou que podia atingi-lo com seus joguinhos, mas tudo que conseguiu foi deixá-lo com mais vontade de agarrá-la.

E ele ia derrotá-la, porque sabia exatamente o que ela estava fazendo.

— Will? — perguntou Faith. — O que está fazendo aqui?

Ele não parou para se explicar. Tudo que estava dando voltas em sua cabeça nas últimas sete horas saiu de sua boca de uma vez só.

— Repassei as minhas anotações da investigação de estupro contra Rippy. Reuben Figaroa era o principal álibi de Rippy na festa e Jo Figaroa era o principal álibi do marido. Angie sabia disso. Também descobriu que Jo era viciada e que era fácil controlá-la. Ela manipulou Jo para chantagear o marido. Se Jo destruísse o álibi de Reuben, isso acabaria com o álibi de Rippy e tudo iria desmoronar. Mas, em vez de aceitar e pagar, Reuben procurou Kilpatrick. Kip colocou Harding para resolver o problema. Harding chamou a polícia para dar o flagrante em Jo e, quando isso não a calou, ele resolveu matá-la. — Ele sentiu que estava sorrindo, porque todas as pistas estavam bem ali desde o começo. — Angie me ligou para limpar a bagunça porque é o que ela sempre faz.

Faith não disse nada por alguns segundos.

— Como Angie sabia das declarações das testemunhas? — questionou ela.

— Estavam nos meus arquivos em casa. Ela deve ter visto. Sei que viu. — Percebeu que estava falando muito rápido e muito alto. Fez um esforço para ir mais devagar. — Ela misturou as declarações das testemunhas. Conhece meu sistema, o código de cores, e misturou tudo para que eu soubesse que ela tinha visto.

— Onde está Sara?

— No andar de baixo acompanhando a autópsia.

Ele segurou o braço de Faith.

— Ouça bem. Angie perdeu sua vantagem quando Jo morreu. Está tentando que a gente...

— Achamos que Angie sequestrou o neto.

Will sentiu o braço vacilar.

— Ele não foi à escola ontem. Não apareceu hoje.

Will olhou para ela, tentando entender o que Faith estava falando.

— Ele podia estar resfriado ou...

— Venha aqui.

Ela o levou até as cadeiras em frente à sala das enfermeiras. Obrigou-o a se sentar, mas ficou de pé na frente dele e contou o que ela e Amanda tinham descoberto.

A alegria de Will por ter resolvido o caso foi pelos ares quando Faith mencionou o momento em que a srta. Lindsay apareceu de repente ao ouvir o celular tocar. Quando terminou o resumo do que tinha acontecido nas últimas horas, Will estava encostado na cadeira, as mãos apertadas entre os joelhos, completamente desanimado.

Tudo que ela falou fazia perfeito sentido. Os advogados e os banqueiros faziam sentido. A expectativa da ligação fazia sentido. Angie matando a filha e ainda tentando conseguir algum dinheiro fazia sentido.

O que havia de errado com ele? Como tinha amado uma pessoa tão desprezível?

— Você pode estar certo sobre o plano de chantagem ter dado errado, só que quando Harding pegou Jo...

— Angie viu Anthony como o perfeito substituto. — Will esfregou o rosto com as mãos.

Sobrevivência do mais apto. Angie sempre seguia em frente. Ela não se preocupava com as consequências porque nunca ficava para lidar com elas.

— Eu dei um soco em Collier — contou ele.

— Imaginei. Gostaria que tivesse sido um soco mais forte. — Ela cobriu um longo bocejo com a mão. — Vamos ter de retrabalhar a parte dele no caso. Ele mentiu sobre a morte de Virginia Souza por overdose. Ela está viva e bem, pelo menos até a semana passada. Temos vídeos dela pagando a fiança de uma garota de dezoito anos presa por prostituição. Delilah Palmer ainda é nossa pista mais consistente. Ela poderia ser uma vítima. Pode fazer parte do crime. De todas as formas, a primeira pessoa a quem ela pediria ajuda seria ao cafetão. Precisamos encontrar Souza. Se ela realmente é a Mãezona, então vai saber quem é o cafetão de Delilah. Se encontrarmos o cafetão, encontramos Delilah.

— Agente Trent — chamou o médico. — Pode falar com a paciente agora, mas seja breve e tente não a deixar ainda mais agitada.

— Por que ela estaria agitada? — perguntou por ela.

O médico deu de ombros.

— Comida grátis, lençóis limpos, enfermeiras cuidando dela, TV a cabo. Trocamos todo o sangue dela, então provavelmente é a primeira vez em décadas que ela está limpa. Está nas ruas há vinte anos. Para ela somos como o Ritz.

— Obrigada. — Faith se virou para Will. — Pronto?

Will queria se levantar, mas se sentia pesado como chumbo. O entorpecimento do dia anterior voltou. Cada minuto de sono perdido tinha sua carga.

— Não podemos fazer nada, podemos? Sobre Anthony. O pai dele não deu queixa. Não podemos exigir vê-lo porque não temos nenhuma prova de que há algo errado. Reuben tem um arsenal de advogados dizendo quais são os direitos dele e, se é um louco por controle como você diz, vai insistir em resolver isso sozinho.

— Amanda está tentando um mandado para grampear os telefones dele — comentou Faith. — Ela colocou quatro carros na porta da casa dele. Se alguém sair, será seguido. Mas você está certo, não podemos fazer nada agora, exceto continuar trabalhando no caso.

Will sentiu o elefante da noite anterior tentar dar um passo em seu peito. Ele o espantou. Não ia se humilhar novamente da forma como tinha feito na funerária.

— Angie disse que Jo era minha filha. Sara diz que pode ser, pelo meu tipo sanguíneo.

— Você acredita em Angie?

Ele disse a Faith a única verdade que conhecia.

— Só consigo pensar em esmagar a garganta dela até a traqueia aparecer, assim eu poderia ver o pânico em seus olhos enquanto ela morreria sufocada.

— Isso é bem específico, chega a ser perturbador. — Faith tinha aquela expressão no rosto que mostrava que tentaria cuidar dele. — Por que não vai para casa e descansa um pouco? Esses últimos dias foram difíceis. Posso interrogar a garota. Amanda deve chegar a qualquer minuto. Você nem deveria falar com uma testemunha em potencial...

— Já está complicado. Fui eu que a encontrei. — Will se levantou. Endireitou a gravata. Tinha de continuar tentando imaginar o que Angie ia fazer. Se ele deixasse o estresse dominá-lo, se tivesse outro estúpido ataque de pânico, nunca mais seria capaz de se controlar. — Vamos fazer isso.

Deixou Faith ir primeiro. Havia três garotas sem identificação no andar, a deles era a número dois. A número um estava em um quarto silencioso no final do corredor. A número três tinha um policial guardando a porta. O Grady era o único hospital público de Atlanta. Havia muitas pessoas não identificadas aqui.

A deles estava em um quarto sem janelas dividido por um vidro e uma pesada porta de madeira que não fechava completamente. Várias máquinas bombeavam ar e faziam barulho. Um monitor de coração acompanhava as batidas. As luzes estavam acesas. Os

olhos da garota estavam roxos, porque é isso que acontece quando o nariz afunda no rosto. Ataduras enormes estavam enroladas ao redor dos dois terços superiores de sua cabeça, deixando expostos apenas a boca e o queixo. O cabelo castanho engordurado escapava por entre as gazes. Dois drenos cirúrgicos, basicamente bolsas limpas que guardavam o fluido e o sangue em excesso das feridas, estavam pendurados dos dois lados do rosto. Ela fazia Will se lembrar do peixe-garra de *Star Wars*.

A mulher parou de comer sua gelatina quando Faith e Will entraram.

— Deixem essa porta aberta. Não quero terminar sendo outra mulher negra que morre misteriosamente sob a custódia da polícia.

— Primeiro, você não está sob a custódia da polícia. Segundo, você não é negra — retrucou Faith.

— Merda. — Ela coçou os braços brancos. — Como eu consegui foder minha vida assim, hein?

— Presumo que alguma escolha pessoal teve a ver com isso.

Ela largou o potinho da gelatina vazio. Ajeitou-se na cama. A voz era rouca. Era mais velha do que Will tinha pensado, mais perto dos cinquenta anos. Ele não soube dizer por que pensara que ela poderia ser Angie.

— O que vocês querem? — perguntou ela. — Tenho meu banho de esponja daqui a alguns minutos, depois vai começar o programa do juiz Mathis.

— Queremos falar com você sobre domingo à noite.

— Que dia é hoje?

— Terça-feira.

— Puta merda, foi uma porrada e tanto. — As bolsas de dreno bateram no seu rosto quando ela riu. — Droga, caralho. Domingo eu estava na lua.

Faith deu a Will uma olhada mostrando que não tinha paciência para aquilo.

— Sinto que começamos com o pé esquerdo — comentou Will. — Sou o agente especial Trent, da AIG. Essa é minha colega, Faith Mitchell.

— Pode me chamar de stra. Fulana de Tal, levando em conta que estou em um hospital.

Will duvidava que a mulher tivesse uma identidade e não poderia tirar as digitais dela sem prendê-la, o que levaria a outros problemas.

— Certo, srta. Fulana de Tal — disse ele. — Alguém foi assassinado no domingo à noite no prédio do outro lado da rua onde encontramos você na segunda-feira de manhã.

— Tiros? — perguntou ela.

— Não temos certeza. Você ouviu tiros?

Ela olhou para ele através da gaze.

— Sabe que, pelo menos uma vez por ano, um cachorro atira em alguém? — Ela parecia achar que isso era uma informação útil. — Minha opinião é que as pessoas deviam tomar muito cuidado ao criarem cães em casa. Ha-ha. — Olhou por cima de Will. Amanda estava na porta. — O capitão sempre comanda do fundo do navio.

Amanda aceitou o elogio com um movimento de cabeça.

— Agente Mitchell, por que essa suspeita não foi transferida para o quarto de prisioneiros no andar de baixo?

— Está falando do que não tem nem TV nem banho de esponja? — indagou Faith.

— Porra, suas vadias, vamos com calma. — A mulher fez um enorme esforço para se sentar. — Certo, sei de algumas coisas. O que ganho com isso?

— Você fica mais um dia na UTI, depois será transferida para o quarto normal dos pacientes — disse Amanda. — Posso conseguir mais uns dias no hospital. Depois disso, vai ser levada para um tratamento.

— Não, não preciso de tratamento. Vou voltar para o pó assim que sair daqui. Mas vou aceitar os dois dias a mais. E você vai me dar porque eu estava no prédio quando aconteceu.

— O prédio comercial? — perguntou Will.

— Não, aquele lá, o que tem a sacada. — Seus dentes marrons mostraram um sorriso debaixo dos curativos. — Agora tenho sua atenção.

Faith cruzou os braços.

— A que horas você chegou lá?

— Ah, merda. Roubaram meu Rolex. — Ela bateu no pulso. — A que horas? Como vou saber que horas eram, porra? Estava escuro do lado de fora. Tinha uma lua cheia. Era domingo. É tudo que sei.

Faith se afastou para Amanda liderar. Ela sabia quando uma testemunha não tinha gostado dela.

— Comece com o tiro — disse Amanda.

— Eu estava do outro lado da rua, no prédio, preparando a cama para dormir, certo? Aí, ouvi um tiro e pensei: “Que porra é essa?” Tipo, podia ser um escapamento? Podia ser uma dessas gangues e, puta merda, quero distância desses caras... — Ela tossiu para limpar um pouco de catarro da garganta. — De qualquer forma, estava deitada ali, pensando no que podia fazer. Então, decidi que precisava dar uma olhada, porque, se tinha algum problema de gangues lá embaixo, era melhor dar o fora dali, sabe?

Amanda assentiu.

— Estava no terceiro andar, enfiada nas minhas cobertas, então demorei um pouco para descer. O lugar é a porra de uma armadilha mortal. Antes de sair, ouvi um carro dar o fora, cantando pneu.

Will mordeu os lábios para não xingar. A srta. Fulana de Tal tinha chegado lá tarde demais.

— Você ouviu um carro deixando a cena? — esclareceu Amanda.

— Isso mesmo.

— Viu o carro?

— Mais ou menos. Parecia preto com umas coisas vermelhas atrás.

O carro de Angie era preto com listras vermelhas.

— Mas havia outro carro no estacionamento — contou a mulher. — Branco, parecia estrangeiro.

O Kia de Dale Harding.

— Aí, eu voltei para minha cama, certo? Não preciso me envolver com essa merda de carros saindo correndo. Estou há bastante tempo nas ruas, quando vejo algo assim sei que é problema.

Will ficou desapontado por um momento, mas a mulher continuou.

— Então, voltei para cima, estava deitada lá e fiquei pensando, bom, merda, sabe o que estou pensando... Talvez estivesse errada. Esse é o tipo de bairro onde rola todo tipo de transação. Tenho um pouco de grana no bolso. Tem um carro na porta daquele prédio, outro carro acabou de dar o fora, parece que tem um traficante lá dentro, certo? Economia básica. — Ela se ajeitou na cama de novo. — Então, voltei para o estacionamento, entrei no prédio e estava muito escuro. As janelas estavam pintadas, acho. Andei sem ver nada, aí meus olhos se acostumaram e vi que tinha uma garota no chão. No começo, achei que estava morta. Comecei a ver os bolsos dela, mas aí ela se mexeu e tomei um susto.

— No térreo, não no andar de cima? — perguntou Amanda.

— Corretíssimo.

— Onde ela estava caída, exatamente?

— Merda, não sei. Precisaria de um mapa, sabe? Eu nem estava prestando atenção. Só entrei no prédio e, bum, lá estava ela.

— Como ela era?

— Cabelo escuro. Pele branca. Estava deitada de lado. Não conseguia mover os braços e as pernas, quase não conseguia mover a cabeça, mas estava fazendo um som baixinho e eu pensei: “Tudo bem, é isso. Vou dar o fora daqui.” Mas não consegui porque outro carro parou no estacionamento.

— O mesmo carro?

— É, mas eu vi direito dessa vez. A frente quadrada, como um carro mais antigo. Mas não sou nenhuma especialista em carro, certo?

O Monte Carlo de Angie era preto com listras vermelhas atrás e a frente quadrada. Por que ela tinha voltado à cena? Por que tinha ido embora antes?

— Quanto tempo se passou desde que o primeiro carro tinha ido embora? — perguntou Amanda.

— Uns trinta minutos? Sei lá. Não preciso bater o ponto no meu ramo de trabalho. Então, o carro parou na frente e eu corri para trás. Fiquei escondida atrás do bar. Espionando, tipo... — Ela esticou o pescoço, reproduzindo o gesto que tinha feito. — E vi essa outra vagabunda entrar. Alta. Branca. Cabelo comprido como o da primeira. Mais magra. Não me perguntem como era a cara dela porque não dava para ver nada naquele lugar. Parecia a porra de um túmulo. — Ela apontou para o jarro na mesinha de cabeceira. — Pode me servir um pouco, querido?

Will estava mais perto, então serviu um pouco de água no copinho de isopor.

A srta. Fulana de Tal deu um gole, diminuindo a tensão com um gole alto.

— Certo, então, a segunda safada entra, e ela está furiosa, sabe? Chutando tudo. Xingando. Filha da puta isso. Filha da puta aquilo.

Definitivamente era Angie. Mas por que estava nervosa? O que tinha dado errado?

— Ela subiu como se estivesse marchando contra Hitler, sabe o que quero dizer? Pareciam golpes. — Ela largou o copo. — Ouvi coisas lá em cima, ela fazendo sei lá o quê. Jogando coisas de um lado para o outro. Entrando e saindo das salas. Colocando umas merdas. Mexendo em umas merdas.

Montando a cena do crime.

— Ela tinha uma lanterna. Falei isso?

— Não — disse Amanda.

— Uma daquelas pequenas, com a luz bem forte. Por isso, não deixei meu esconderijo, sabe? Não queria aquela luz em mim. Quem sabe o que a vagabunda ia fazer?

Ela ficou em silêncio.

— E? — disse Amanda.

— Ah, bem, ela acabou descendo. Disse mais um monte de “filho da puta”, chutou a garota no chão. Bem forte. E a garota, ela gemia baixinho: “uhhhhh”. Foi quando ficou interessante.

Novamente, a srta. Fulana de Tal ficou em silêncio.

— Não enrole — avisou Amanda.

— Certo, só estou querendo me divertir um pouco. Não costumo conversar. — Ela tomou outro gole de água. — Então, a puta estava ali ouvindo a outra gemer por uns minutos. Olhando para ela e falando “seu pedaço de merda”. Então, nossa, ela agarrou a mina pelas pernas e começou a arrastar para fora do prédio. E cara... — Ela balançou a

cabeça. — Aquela mina estava gemendo antes, mas quando a puta arrastou a perna dela foi quando a gritaria começou.

Will sentiu uma dor na mandíbula. Angie tinha arrastado a filha paralisada e mortalmente ferida para fora do prédio?

— Então, a vagabunda entrou de novo e começou a chutar tudo que encontrava pela frente.

Angie escondendo o fato de que tinha arrastado um corpo pelo chão.

— Ela foi embora de vez. Em seguida, ouvi algo como uma porta de carro batendo. Muitas portas de carro batendo.

— Poderia ser um porta-malas? — perguntou Faith.

— Não tenho, tipo, radares na orelha, garota. Era tipo um monte de coisas se fechando no carro. — Ela parecia nervosa. Não gostava que Faith fizesse perguntas. — Bom, aí, ouvi um barulho forte, tipo, sei lá o que era. Um barulho forte mesmo. E olhei pelas janelas, que estão escuras, é verdade, mas vi umas chamas subindo como se fosse um funeral viking. Por... — Ela girou o braço ao redor dela. — Por todos os lados. — Ela deixou a mão cair. — Foi isso. O carro foi embora.

— Viu mais alguém? — questionou Amanda.

— Não, essa é a verdade. Só a puta, a garota e o fogo.

— Nenhuma criança?

— Mas o que uma criança estaria fazendo ali, merda? Foi no meio da noite. Crianças devem estar na cama naquela hora.

— Você não subiu para ver o que a mulher fez lá em cima? — perguntou Amanda.

A srta. Fulana de Tal molhou os lábios.

— Bom, pode ser. Só por curiosidade.

Amanda fez um gesto com a mão, dizendo para a mulher que ela continuasse.

— Tinha um cara lá em cima. Não morto, mas quase. A luz era melhor por causa das janelas do outro lado da sacada.

— E?

— O maldito era uma porra de uma baleia. Dormindo bem profundo, mas, como eu falei, não estava morto. Mas estava quase. Dava para ver. Ou pelo menos eu vi. Já vi algumas pessoas morrerem. Já tinha se mijado. Tinha uma maçaneta no pescoço. Como aquele cara da TV. Lembra aquele programa? — Estalou os dedos duas vezes. — Como o cara da Família Addams.

— Tropeço. Mas acho que está falando do Frankenstein — disse Will.

— Esse mesmo! — Ela piscou para ele. — Sabia que você era inteligente, querido.

— Estou esperando para ouvir de onde veio o pó — disse Amanda.

— Do bolso da jaqueta do morto. — Ela bateu no próprio peito. — Eu me agachei e me estiquei bastante, então consegui pegar sem me sujar de sangue. Cinquenta gramas, caralho. Fazia tempo que eu não via tanto pó.

— Então, você cruzou a rua porque...

— Não podia ficar lá com aquele cara morrendo. Era muito estranho. E se a puta voltasse? Que merda, ela já tinha ido embora e voltado uma vez. — A mulher começou a arrancar pedaços do copo de isopor. — Então, cruzei de novo a rua, fiz uma festa até o sol nascer. Então, apareceram os policiais, aí eu pensei: “Merda, é melhor subir as escadas.” Quando comecei a subir, não consegui parar até chegar ao alto. Aquele pó era puro, cara, cem por cento.

Will viu que Faith girou os olhos. Todo traficante dizia que seu pó era puro.

— Só isso? — perguntou Amanda. — Você não esqueceu nada?

— Inferno, parece que não, mas nunca se sabe, certo?

Amanda digitou algo em seu BlackBerry.

— Vou mandar outro agente para ouvir sua declaração. Ele vai trazer um profissional para desenhar a pessoa que você viu, mesmo que demore a noite toda.

— Parece muito trabalho.

— Considere parte do seu acordo para escapar da prisão. — Amanda fez um gesto para que Will e Faith a seguissem para fora da sala. Ela se afastou uns metros do quarto da mulher, parando em frente à sala das enfermeiras.

— Acreditamos nela? — perguntou Faith.

— Charlie encontrou uma mancha de sangue no andar de baixo — disse Amanda. — Achou que vinha de um nariz sangrando.

— Angie sabe como armar uma cena de crime — disse Will.

— Estou tentando entender. — Faith tentava se convencer. — De alguma forma, Jo sangrou na parte de cima, desceu até o andar de baixo, onde caiu. Angie vai embora por alguma razão. Volta por outro motivo. Arrasta Jo de volta para o carro, bota fogo no Kia de Dale, depois vai embora de novo? E deixa a própria filha marinando no porta-malas por seis horas?

Will reprimiu seu impulso de dizer que Angie não faria algo assim.

— Estou com problemas para conseguir o mandado para o celular de Figaroa — disse Amanda. — Temos um para a vigilância da rua, mas só isso. Ninguém além de Laslo saiu da casa de Figaroa. Foi até o McDonald's para tomar café da manhã. Trouxe três copos de café e três refeições.

— Três, não quatro, o que significa que não levaram nada para Anthony. Vou pegar minhas anotações — disse Faith. — Preciso repassar isso de novo.

Will não queria ouvir outra recapitulação.

Ele olhou por cima do ombro de Faith, fingindo que estava ouvindo. Olhava a enfermeira digitando algo no tablet. Todos os arquivos de pacientes no hospital estavam digitalizados. A lousa branca atrás da estação de enfermeiras ainda era antiga. Elas escreviam o nome dos pacientes à mão e atualizavam a situação, assim podiam acompanhar da enfermaria. Quando Will estava olhando, a enfermeira foi até a lousa e apagou a mulher não identificada número um. Ela escreveu um novo nome com uma caneta vermelha. Todo em letra maiúscula, que era mais fácil para ler. E ajudou o fato de ele ter visto o nome várias vezes antes.

— Delilah Palmer — disse ele.

— O que tem ela? — perguntou Amanda.

Ele apontou para a lousa.

A enfermeira tinha ouvido o que ele falou.

— Abuso doméstico — explicou ela. — Não conseguiram encontrar o namorado. Ela entrou no pronto-socorro com uma faca enfiada no peito.

— Quando? — questionou Faith.

— Segunda-feira de manhã, pouco antes do meu plantão.

— Achei que tínhamos verificado as vítimas de facadas nos hospitais — disse Will.

— Nós, não. — Faith parecia furiosa. Ela disse para a enfermeira: — Olivia, a paciente estava sem identificação ontem à noite. O que mudou?

— O atendente verificou as roupas dela antes de levar para o incinerador. Encontrou a carteira de motorista. — Olivia tampou a caneta. — Ainda está em coma induzido, então, não podem interrogá-la. De qualquer modo, achei que isso era um caso do DPA.

— Quem pegou o caso? — perguntou Amanda.

— Vou verificar. — Olivia digitou algo no tablet. Seu rosto se abriu em um sorriso. — Ah, foi Denny. Denny Collier.

CAPÍTULO DOZE

— HEMORRAGIA SUBARACNÓIDEA — disse Gary Quintana. — Parece que está falando de aranhas.

— É uma área em forma de teia de aranha — explicou Sara. — Mas basicamente significa que ela sangrou naquela parte do cérebro.

— Oh, nossa. Estranho.

Gary continuou lendo o relatório da autópsia preliminar de Josephine Figaroa. O que Amanda tinha dito para o jovem na manhã anterior deixara uma marca nele, era claro. As mangas não estavam enroladas. Ele usava uma gravata no lugar da pesada corrente de ouro. Até seu rabo de cavalo tinha sido removido. Em vez de sobressair orgulhoso da parte de trás da cabeça, o cabelo tinha sido preso em um coque bem apertado.

Sara ficou triste pelo fim do rabo de cavalo.

— Certo. — Gary leu em voz alta a conclusão: — A causa da morte é uma hemorragia epidural. O que é isso?

— É outro tipo de sangramento intracranial. — Sara percebia que ele queria saber mais. — Ela sofreu um trauma externo na cabeça. O crânio foi fraturado, cortando a artéria meníngea média, que se ramifica na carótida externa e ajuda a fornecer sangue para o cérebro. O sangue preencheu o espaço entre a dura-máter e o crânio. O crânio possui um volume fixo, o que significa que não pode se expandir. Todo o sangue extra coloca muita pressão no cérebro.

— O que acontece?

— Em geral, o paciente perde a consciência temporariamente. Desmaia por alguns minutos no momento da ferida. Aí acorda e apresenta um nível normal de consciência. É por isso que esses sangramentos são tão perigosos. A dor de cabeça é forte, mas ficam lúcidos até o sangramento avançar o suficiente para apagar o cérebro. Se não tratado, a pessoa entra em coma e morre.

— Uau! — Ele olhou para a maca em que estava o corpo de Figaroa. Encontravam-se parados no corredor do lado de fora do necrotério do DPA, que estava localizado no

porão do hospital Grady. A maca estava encostada na parede, esperando transporte. Graças a um lote de metanfetamina ruim, o necrotério estava lotado.

— Ela sofreu um bocado — comentou Gary.

— Sofreu, sim.

Ele voltou ao relatório.

— E essa “fratura da vértebra cervical”? Isso é no pescoço, certo? Parece bem ruim, também.

— É. Ela provavelmente ficou paralisada.

— Seu coração estava machucado também. — Ele franziu a testa, perturbado pelas descobertas. — Alguém estava bem nervoso com ela.

— Não necessariamente — explicou Sara. — As fraturas de crânio estavam bem distribuídas. As costelas e vértebras cervicais estão fraturadas, como você falou, mas as vértebras torácicas e os ossos maiores não estão. Ela está machucada apenas de um lado. Você notou isso?

— É, o que quer dizer?

— É muito provável que ela tenha caído ou sido empurrada de uma boa altura. As fraturas cervicais são uma dica. Elas não acontecem com socos. Ela caiu de pelo menos seis metros. Bateu no chão de lado. Seu crânio fraturou, a artéria se rompeu e, algumas horas depois, ela morreu de hemorragia cerebral.

— Aquela sacada dentro da boate tinha uns nove metros. — Gary olhou para Sara com assombro. — Nossa, dra. Linton. Muito legal como você chegou a essas conclusões. — Ele entregou o relatório para ela. — Obrigado por me contar tudo isso. Realmente quero aprender.

— Fico feliz por Amanda ter indicado você para o meu departamento.

— É, ela mandou que eu melhorasse meu visual. — Ele endireitou a gravata. — Preciso ter uma boa apresentação, sabe? O foco deve estar nas vítimas, não em mim.

Sara achou que aquele era um bom conselho.

— Preciso encontrá-los para mostrar minhas descobertas. Você tem mais alguma pergunta?

— Tenho. Ela, tipo, está aqui no corredor. Acha que tudo bem se eu colocá-la de novo no freezer?

— Acho que seria ótimo.

Sara deu um tapinha no ombro dele antes de se dirigir à escada. A UTI estava seis andares acima, mas os elevadores do hospital pareciam funcionar quando queriam e ela precisava encontrar Amanda o mais rápido possível.

Claro, encontrar Amanda significava encontrar Will. Sara sentia certa relutância, contra sua vontade. Ela ainda não tinha certeza de como se sentia sobre a noite anterior.

Will não quis conversar no carro, mas depois não parou de falar quando chegaram em casa. Não estava apenas falando. Parecia quase um maníaco, criando teorias que não levavam a lugar nenhum. Ele estava furioso com Angie. Estava profundamente machucado, admitindo ou não. Tudo que saía da boca dele era sobre ela ou sobre algo relacionado com ela. Sara olhava para Will como médica e queria medicá-lo, e dessa vez ter certeza de que ele tomaria o comprimido. Ela olhava para ele como sua namorada, queria abraçá-lo e melhorar a vida dele. Olhava para ele como uma mulher que já havia se casado, que sabia como era um relacionamento saudável, e ficou se perguntando o que ela estava fazendo ali.

— E daí, porra? — gritou um homem quando Sara abriu a porta da UTI.

Holden Collier levantou as mãos para o ar. Seu jeito suave tinha desaparecido. Dava para saber o motivo. Amanda, Faith e Will estavam ao redor dele. Dois seguranças do hospital estavam próximos, parados, as mãos em suas armas.

— Por que eu iria informar uma questão doméstica quando estávamos procurando um esfaqueamento inexplicado? — exigiu saber Collier. Ele levantou as mãos de novo. — Está explicado. Foi o namorado. Ela não quis dar o nome. O que vou fazer?

— Conta de novo. — O tom de Amanda era duro. — Desde o começo.

— Inacreditável! — Collier levantou as mãos pela terceira vez.

Sara não tinha ideia do que ele estava sendo acusado, mas sua atuação para fingir inocência não estava convencendo ninguém.

— Eu já estava no pronto-socorro com um suspeito — começou ele. — Aí, chegou ela. Estava sangrando, mas ouvi sua história. O namorado a atacou com uma faca. Não quis me dizer o nome dela, onde mora, nada. A mesma merda de sempre. Entrou na cirurgia. Escrevi o relatório. Mandei que me chamassem se surgisse qualquer novidade. Esse é o meu trabalho. — Ele não tinha terminado. — Vocês são tão cabeça-dura que nem veem qual é a desse caso.

— Me diga então qual é.

— A boate de Rippy é uma galeria de tiro. Há marcas de gangues por todos os lados. Harding tem um balde de merda no armário. Estava trazendo mulas de drogas do México e morreu por isso, fim da história.

— E sua relação com Angie Polaski? — perguntou Amanda.

Sara mordeu o lábio. Angie. Ela daria tudo que tem para nunca mais ouvir o nome daquela mulher de novo.

— Entre domingo à noite e segunda-feira de manhã, você recebeu três ligações de um celular pré-pago — continuou Amanda. — Uma delas durou doze minutos.

— Estava falando com um informante. Ele usa pré-pago. Todos usam pré-pagos.

— Quem é o informante? Quero o nome dele.

— Não vou fazer isso aqui. — Collier tinha finalmente percebido que estava encrencado. — Se quiser me interrogar, tenho o direito de ter um representante do sindicato na sala.

— Ligue para ele, Denny. Isso vai acontecer.

— Posso ir?

— Entraremos em contato.

Ele saiu bravo, nem notando Sara quando abriu a porta para descer a escada.

Faith tinha as mãos na cintura. Estava furiosa. Amanda estava furiosa. Will não tinha mudado nas últimas 24 horas, parecendo um cervo surpreendido pelos faróis de um carro.

— Dra. Linton — disse Amanda. — O que você tem?

— Nada que você vá gostar. — Sara não gostava de trazer más notícias mais uma vez. — De acordo com o relatório de autópsia preliminar, a causa da morte de Josephine Figaroa foi hemorragia cerebral. As marcas de facadas em seu peito foram muito superficiais, *post mortem*, então não houve sangramento. O corte no rosto foi *post mortem*, então nada de sangue. Suas impressões digitais não racharam por causa do calor. Alguém raspou com uma navalha, provavelmente para esconder a identidade dela, o que não faz muito sentido, mas isso é com o seu departamento. Falando do meu departamento, posso falar que os cortes nos dedos foram *post mortem* também, porque não houve sangramento.

— Está dizendo que o sangue na cena do crime não veio da mulher que passou por autópsia lá embaixo — esclareceu Amanda.

— Exato. Todo o sangramento dela foi interno. Meu palpite é que ela caiu, provavelmente da sacada. Charlie disse que havia um pouco de sangue no térreo. Suponho que tenha vindo do nariz dela. Ela ficou viva por várias horas, provavelmente paralisada, antes de morrer pela hemorragia.

Amanda não pareceu surpresa, o que não era incomum, pois ela tinha uma boa cara de paisagem. O incrível era que nem Faith nem Will pareceram surpresos também.

— Pode ser possível que tenha havido uma segunda vítima na cena do crime? — perguntou Amanda.

— Claro. A boate foi muito frequentada nos últimos meses. Alguém só com um conhecimento primário sobre investigações de cenas de crime poderia ter nos enganado por algum tempo. Pelo menos até os exames de laboratório, digitais e análises voltarem, o que poderia levar semanas, até meses.

— Viu algum sinal de criança?

— Uma criança? — Sara ficou confusa. — Quer dizer um bebê? Pequeno?

— Seis anos — disse Faith. — Temos uma criança desaparecida. Achamos que Angie a levou.

Sara colocou a mão no peito. Ela se virou para Will, esperando que ele estivesse olhando para o chão, mas, em vez disso, estava olhando para ela. Havia uma dureza na expressão dele que ela nunca tinha visto antes. O jeito maníaco dele tinha desaparecido. A raiva tomava seu corpo e sua alma.

— Achamos que Angie estava chantageando Jo — contou ele. — Jo terminou morta, e Angie achou que podia usar o neto.

— Mas ela contou que Jo estava morta. Você nem tinha ideia de que Jo existia, muito menos que era a filha de Angie. Por que contaria algo assim?

— Algo deu errado com o plano. — Will estava dando um palpite, mas ele parecia certo de que Angie tinha arriscado a vida de mais alguém pela própria recompensa.

— Venha comigo — disse Amanda.

Ela levou Sara até o quarto que tinha um policial parado do lado de fora. As luzes estavam baixas. Sara olhou o equipamento ao lado da cama: monitor cardíaco, linha central, cateter, tubo de sonda, tubo de teste. O braço direito da paciente estava elevado, acomodado em travesseiros — não muito baixo para que o sangue corresse para os dedos, não muito alto para que não houvesse circulação suficiente. Gaze cirúrgica e drenos ao redor da mão. Medidores de pressão sanguínea estavam presos nas pontas dos dedos dela.

— A mão dela foi costurada de volta — disse Sara.

— Foi.

Sara reparou no rosto da mulher. Cabelo castanho. Pele morena. Os olhos estavam inchados, mas ainda tinham aquele formato diferente.

— Ela foi admitida sem identificação, descobriram sua identidade essa manhã — informou Amanda. — Delilah Palmer.

Aquele nome parecia familiar. Em vez de fazer mais perguntas a Amanda, Sara voltou à sala das enfermeiras e pediu emprestado o tablet. Ela ainda tinha seus privilégios no hospital. A enfermeira, Olivia, já a conhecia.

— A sala de espera deve estar vazia — disse Olivia.

Sara entendeu a dica. Quatro pessoas bloqueando o corredor da UTI nunca era uma boa ideia.

Todos foram à sala de espera vazia. Will ficou ao lado de Sara. Seu ombro tocava o dela. Ele estava tentando garantir uma conexão. Ela não conseguia achar dentro de si uma forma de sentir que aquilo era verdade.

Sara se sentou em uma das cadeiras. Logou no sistema e olhou tomografias, raios-X, ressonância magnética e notas cirúrgicas.

Finalmente, algo fez sentido.

— Então? — perguntou Faith.

Sara contou as informações que viu nos exames.

— Ela foi esfaqueada dezesseis vezes, principalmente no peito, duas vezes na cabeça. A ponta da faca quebrou em sua clavícula, minimizando o alcance da lâmina, o que provavelmente evitou que atingisse o coração e o fígado. O intestino foi perfurado. O pulmão esquerdo rompeu. O que sobrou da faca ficou incrustado no esterno. O primeiro corte deve ter sido no braço. — Sara levantou o próprio braço, como tinha feito na manhã anterior. — O atacante veio direto para ela, que assumiu uma postura defensiva. A faca cortou seu pulso, quase decepando a mão. Ela deve ter movido os braços, tentando impedir o ataque, o que faria com que espirrasse sangue para todos os lados, como uma mangueira. Felizmente para a vítima, a lâmina cortou a artéria radial e ulnar também. Digo felizmente porque as artérias se contraem quando são cortadas em dois. Por isso os suicidas tendem a fracassar. Você corta a artéria, ela enrola na direção do braço e para o sangramento quase como quando você pisa uma mangueira de jardim para diminuir a pressão.

— Foi de onde saiu todo o sangue, certo? — questionou Will.

— Aquele volume de sangue com certeza poderia vir desse tipo de ferimento. — Sara examinou os raios-X de novo. — Essa não é a primeira vez que ela foi atacada. Possui várias fraturas antigas, já curadas, no rosto e na cabeça. O braço foi quebrado duas vezes, provavelmente com alguns anos de diferença. São sinais clássicos de violência.

— Aparece o tipo sanguíneo de Palmer? — perguntou Amanda.

— Ingressaram quando ela entrou no pronto-socorro. É B negativo. O tipo é herdado. É preciso ou uma mãe ou um pai B para ter.

— Como Angie — disse Faith.

— Consegue puxar as entradas anteriores de Delilah Palmer? — quis saber Amanda.

Sara voltou à tela. Encontrou o histórico médico de Delilah Palmer, que não tinha sido carregado na tabela da UTI ainda.

— Palmer nasceu aqui há 22 anos. Órfã. Overdoses. Doença inflamatória pélvica cinco vezes. Bronquite. Infecções de pele. Abscessos por uso de seringa. Viciada em heroína. Teve um bebê há dois anos. Espera... — Sara voltou às tomografias da barriga de duas noites atrás. — Certo, de acordo com o histórico mais recente, aberto no domingo à noite, a Palmer deitada na cama no final do corredor tem uma cicatriz de cesariana.

Ela voltou a passar as telas.

— Mas o histórico antigo diz que Palmer teve um filho por parto normal há dois anos, o que combina com uma cicatriz de episiotomia, que é a mesma que aquele corpo

lá embaixo tem. O que Angie deixou na funerária. — Ela levantou a cabeça. — O corpo lá embaixo mostrou sinais de uso de drogas intravenosas por longo tempo, mas não há indicação de uso de drogas na mulher no final do corredor que, supostamente, é Delilah Palmer.

Sara demorou para concluir.

— O corpo lá embaixo é de Delilah Palmer. Jo Figaroa está aqui na UTI. Angie trocou as identidades.

— Foi o que pensamos. — Faith mostrou duas fotografias para ela no iPhone. — A da direita é Jo Figaroa. A da esquerda é Delilah Palmer.

Sara examinou as duas mulheres. Havia uma estranha similaridade.

— Elas são parentes?

— Quem sabe? — perguntou Faith. — As duas apanharam feio. O próprio marido de Figaroa confundiu as duas.

Sara não falou que Will também não conseguiu identificá-las.

— Temos uma testemunha que afirma ter visto Angie colocar Palmer no porta-malas do carro — contou Faith. — Tenho de supor que Angie mutilou o corpo para não conseguirmos identificar as impressões digitais.

— Por que Angie quer que a gente pense que Jo Figaroa está morta? — perguntou Sara.

— Ela está armando uma jogada — comentou Will. — Essa é a única explicação. A viciada que encontramos contou a noite do ataque para nós. Harding estava morrendo. Josephine estava sangrando e podia morrer. Angie trouxe Josephine correndo para o hospital e, em vez de deixar a cidade ou se esconder, ela voltou à boate para tirar Delilah e armar a cena. É muito trabalho para alguém que não gosta de meter a mão na massa. Garanto que tem algum lucro no final de tudo isso.

Sara foi tomada pelo desgosto. Ela deixou o tablet na cadeira ao lado. Estava cansada dos jogos de Angie e era a única no grupo que podia se dar ao luxo de ir embora.

Will parecia sentir que aquilo havia sido a gota d'água para Sara.

— Desculpa.

Sara não queria culpá-lo. Se havia uma vítima das maquinações de Angie, era Will.

— Têm alguma ideia de onde ela está? Onde poderia estar escondendo uma criança?

Ele fez que não com a cabeça e ela viu como sua pergunta era idiota. Se soubesse onde estava Angie, já teriam ido prendê-la.

— Só podemos esperar que, por ser o neto dela, vai... Puta merda... — Faith engasgou. — Ela está aqui.

Todos se viraram juntos.

Angie tinha saído do elevador. Ela levantou a cabeça. Estava de queixo caído, um perfeito reflexo do seu choque. Tentou voltar para o elevador, mas as portas se fecharam. Correu em direção à escada.

Não foi rápida o suficiente.

Will tinha fechado o caminho assim que a viu.

Em segundos, ele se aproximou dela. Os braços dele se esticaram. Os dedos seguraram a nuca dela. Angie foi puxada para trás pelo pescoço. Os pés saíram do chão. Ela caiu. Ele a levantou e a jogou para a sala de espera. Ela caiu sobre as cadeiras, que rolaram umas sobre as outras. Ele a levantou de novo. Um dos punhos foi para trás. A única coisa que evitou que a fizesse em pedaços foram os dois seguranças pulando nas costas dele como se estivesse domando um touro.

— Will! — gritou Faith, pulando no meio da confusão.

Ela o empurrou contra a parede.

— Chega! — Faith estava ofegando, sem ar. — Pare com isso! — exigiu, mais calma, até deixar claro que não ia permitir que ele fizesse o que obviamente queria. — Acalme-se, está bem? Ela não vale a pena.

Will fez que não com a cabeça. Sara sabia o que ele estava pensando. Valia a pena matá-la. Valia a pena machucá-la.

— Will... — disse Sara.

Ele olhou para ela, os olhos em fogo.

— Não — disse ela, apesar de querer que ele continuasse.

O fogo foi se apagando. O som da voz dela parecia relaxar um pouco da tensão do corpo dele. Ele levantou a mão rendendo-se.

— Estou bem — avisou ele a Faith.

Faith se afastou, mas preferiu ficar entre ele e Angie, caso Will mudasse de ideia.

— Merda, querido... — Angie estava caída no chão, rindo como se aquilo tudo tivesse sido muito divertido. Limpou o sangue da boca e do nariz. Havia mais sangue na camisa dela, mas não tinha vindo do rosto. — Da última vez que você veio assim para cima de mim, nós dois estávamos sem roupa.

— Prenda-a — ordenou Amanda.

— Por quê? — perguntou Angie. — Por ser espancada por um policial na frente de um monte de testemunhas? — Angie levantou a ponta da camiseta para olhar o estrago. A lateral da barriga dela tinha sido costurada, grosseiramente, para fechar uma ferida. Will tinha aberto as suturas. — Alguém conhece um médico?

— Não vou tocar nela — avisou Sara.

Angie riu de novo. Ela balançou a cabeça.

— Jesus.

— Onde está Anthony? — perguntou Will. — Quem está cuidando dele?

Angie pressionou as mãos no chão para se levantar. Sua bolsa caiu do ombro, outra bolsa barata.

— Quem é Anthony?

Will arrancou a bolsa de Angie do braço.

— Ei...

Ele a afastou com uma das mãos. Jogou a bolsa para Faith.

Angie esticou a mão, mas Will se afastou dela como se estivesse queimada com ácido. Era evidente que estava tentando controlar seu temperamento. A verdade era que Sara ainda não queria que ele se controlasse.

— Um iPhone, iPad. — Faith foi colocando o conteúdo da bolsa de Angie em duas cadeiras. — Outro celular. Revólver com cinco balas, uma foi disparada. Remédio. — Ela jogou o frasco para Sara. — Lenço. Protetor labial. Trocados. Cartões de visita. Sujeira.

Sara olhou para o frasco. Era de uma clínica veterinária em Cascade Road, prescrita para um animal chamado Mooch McGhee. Keflex, que era ótimo se você fosse um cachorro e tivesse SARM. Sara colocou o frasco de volta na cadeira. Angie poderia descobrir aquilo sozinha.

— Destrave. — Faith entregou o iPhone para Angie. — Agora.

— Vai se foder.

Will pegou o celular. Ele destravou na segunda tentativa. Entregou de novo para Faith, que imediatamente foi para o registro de chamadas.

— O número de Collier está aqui — informou ela. — Duas vezes na semana passada. Três ligações na manhã de segunda-feira que batem com os horários do celular dele.

Isso explicava Collier. Outro homem cuja vida Angie tinha arruinado.

— Ela tem um monte de ligações de um número da área 770 — disse Faith, e então apertou o botão de ligar. Deixou tocar por um minuto antes de desligar. — Sem resposta. Nem secretária. — Olhou de novo o registro. — São todas com o número 770. Feita à uma e quarenta da madrugada de segunda-feira. Desligada 32 segundos depois. Depois, outra desligada meia hora depois. Feita às quatro da manhã, depois outra chamada feita novamente à uma e quinze da tarde de ontem. E dezessete chamadas desligando ontem e hoje.

— Com quem você está tentando entrar em contato? — Will perguntou para Angie.

— Minha mãe.

Amanda tirou o próprio celular.

— Vou fazer uma tentativa reversa.

Faith repassou as mensagens.

— Isso foi entre o outro celular e o de Angie, meia-noite e vinte de domingo. Ela escreve: “O que você quer?” O outro responde: “iPad.” Aí, alguns segundos depois: “boate, agora.” — Faith desceu a tela e esperou o download de uma foto.

Sua boca se abriu. Faith mostrou o celular para eles.

À 0h15 do domingo, Angie tinha recebido uma foto mostrando Josephine Figaroa com as costas prensadas contra uma janela de carro. A mão de um homem agarrava seu pescoço. Ela parecia estar gritando. Debaixo havia a palavra “filha”.

Faith continuou rolando a tela. Havia outra foto, enviada 0h16 de domingo. Mostrava uma criança com uma faca grande de caça apertada contra a garganta. A palavra embaixo era “neto”.

Sara apertou o peito. O terror do menino a atingiu como se o estivesse segurando nos próprios braços.

— Onde ele está? — perguntou ela.

Angie levantou as sobrancelhas, como se isso fosse outro mistério.

— Onde... — Sara se obrigou a parar de falar. Angie se alimentava da dor.

Faith verificou o outro celular, passando as mensagens enviadas.

— A primeira foto que mostrei, a de Jo Figaroa, foi tirada com esse telefone. A segunda foto de Anthony foi enviada para este celular pelo mesmo número 770 que Angie esteve tentando ligar.

— O número 770 é de um pré-pago. — Amanda tinha conseguido pedir o rastreamento reverso. — Já estou em contato com a empresa telefônica para descobrir de que torre ele estava transmitindo.

— Quem enviou a foto de Anthony? — perguntou Will. — Foi Delilah Palmer? Foi Harding?

Angie o ignorou.

Faith pegou o iPad. Ela apertou o botão de ligar.

— Não — disse Angie, pela primeira vez mostrando preocupação. — Você não pode ligar.

— Por que não? É por isso que seu neto foi sequestrado, certo? Pelo que está nesse iPad?

Angie apertou os lábios. Ela viu o dedo de Faith no botão.

— Ligue — disse Will.

— Não. — Angie se aproximou para impedi-la, mas Will a afastou. — Se você ligar, os arquivos serão apagados.

— Que arquivos?

Angie não falou nada.

— Ela está mentindo — chutou Will. — Ligue.

— Vá em frente — desafiou Angie. — Os arquivos vão desaparecer e nunca mais vamos ver Anthony.

— Devemos arriscar? — perguntou Faith.

Amanda suspirou.

— É uma hora de trânsito até o laboratório de computação. Não sabemos onde está o menino. Não sabemos se ela está dizendo a verdade. Os arquivos podem já ter sido apagados. Ou ligamos e eles se apagam.

— O gato de Schrödinger — comentou Will.

Angie não entendeu a referência, o que deu a Sara uma sensação de vitória por ter entendido.

— Tudo que você precisa é de uma gaiola de Faraday — disse Sara. — Uma caixa de metal no chão que bloqueia os campos elétricos. É por isso que o celular não funciona no elevador. Vá para o porão, fique dentro do elevador e poderá ligar o iPad sem nenhuma interferência de sinal.

Angie bufou.

— É isso que excita você? — Ela quis saber de Will.

— É — respondeu ele. — Isso mesmo.

Angie revirou os olhos. Ela ainda apertava o estômago com a mão. O sangue escorria pelos dedos.

— O que você está olhando?

Sara não conseguiu responder. Estava tomada pela fúria que havia sentido desde que Charlie contou que a Glock estava registrada no nome de Angie. Todo bom momento que tinha com Will sempre teria a sombra de Angie sobre eles.

— Ai... — Angie fez um biquinho. — A pequena Sara está chateada. Vamos ter outro “incidente do Bambi”?

Sara deu um tapa na cara dela.

Angie levantou a mão para responder, mas Faith agarrou o pulso dela, girou seu braço nas costas e a forçou contra a parede.

— Não esqueça quantas pessoas ficaram felizes ao saber que você estava morta. — Não esqueça quantas não ficaram. — Angie puxou o braço. Esfregou o pulso. — Devolva minhas coisas. Vou embora.

— Você não vai a lugar algum — disse Will. — Quem está com Anthony? Sei que não está com você.

Angie balançou a cabeça, rindo como se ele fosse burro demais para entender.

— Você nunca ligou dezessete vezes para ninguém na sua vida. Você fodeu com tudo, certo? Perdeu Anthony e agora está tentando recuperá-lo. É por isso que me contou que era Jo na funerária e não Delilah. Queria que eu fosse falar com Reuben Figaroa para que

ele fosse obrigado a denunciar o sequestro. — Will estava parado perto dela, restringindo o espaço dela como faria com qualquer suspeito. — Seu plano deu errado e você precisava que eu descobrisse que o filho dele tinha sido sequestrado.

Ele se aproximou.

— Estamos aqui agora. Sabemos que Anthony está desaparecido. Sabemos que Reuben está sendo chantageado por isso. Diga o que você sabe. Deixe-me ajudá-la a resolver isso.

— E por que você se importaria, Will? — Ela o empurrou. — Eu posso resolver isso, certo? Posso cuidar de mim e da minha família da mesma forma como sempre fiz em toda a porra da minha vida sem a porra da sua ajuda.

A mandíbula de Will ficou dura como um vidro.

— A vida do seu neto está em jogo.

— É você que está me impedindo de fazer o que tenho de fazer.

— Angie, por favor. Deixa eu te ajudar. Quero ajudar. — Ele parecia desesperado. — Se é meu neto, então mereço uma chance de conhecê-lo.

— Bela tentativa. — Ela se afastou. — Jo não é sua filha. A menos que eu tenha ficado grávida pela mão. — Ela olhou para Sara. — E, se isso fosse possível, sua namorada teria um monte de fetos saindo pela boca.

Os músculos no corpo de Sara ficaram tensos, ela não queria perder o controle de novo.

— Você leu a mensagem que deixei para Will? — perguntou Angie.

— Li.

Angie ficou desconcertada pela resposta lacônica.

— Por favor, Angie — disse Will —, tem um menininho aí fora. Sua família. Talvez sua única família. Diga como podemos ajudá-lo.

— Desde quando você gosta de ajudar a família? — Ela soltou um suspiro debochado. — Eu sou sua família. Estou sangrando e você nem liga.

Will pegou seu lenço. Pressionou contra a barriga de Angie.

Sara começou a sentir o coração apertar ao vê-lo tocando-a tão gentilmente.

— Desculpa — disse ele para Angie. — Não queria que a coisa chegasse a esse ponto. Você está certa. A culpa é minha.

Angie olhou para Sara. Fosse de verdade ou não, ela queria ter certeza de que aquela atitude de Will tivesse uma plateia.

— Sei que machuquei você — admitiu Will. — Desculpa. Por favor, Angie.

Angie parou de olhar para Sara, mas só para poder se embeber com a tristeza de Will.

— Por favor — repetiu Will.

Sara queria arrancar a palavra da boca dele. Odiava que ele implorasse.

— Por favor.

Angie soltou um suspiro curto.

— Sabe pelo que tive de passar?

Angie cobriu as mãos de Will com as dela. Sara não conseguia saber se estava se entregando ou simplesmente jogando com ele, como sempre fazia.

— Sabe as coisas que tive de fazer? Não só essa semana, mas antes?

— Desculpa por não estar com você.

— Harding. Era ele, Will. Quando Deidre saía, Harding era o cara do outro lado da porta.

Will sentiu um golpe ao ouvir as palavras. Ela não estava fingindo.

— Você me falou que ele estava morto.

— Está agora.

O choque quase deixou Will sem palavras.

— Angie...

— O que ele fez comigo... — A voz da Angie estava baixa, perturbada. Ela conseguia ver como suas palavras estavam afetando Will. — Ele fez o mesmo com Delilah. Fez o mesmo com muitas garotas. Durante anos. Não consegui impedi-lo.

— Por que não me contou? — Ele levantou o braço. Afagou seu cabelo. — Eu poderia ter feito algo. Protegido você.

— Eu sacaneei muito você, querido. — Angie inspirou fundo. Estava chorando. — Sei que fodi com você, mas foi só para proteger Jo. Tive de ganhar tempo no hospital, algum tempo para ela melhorar, enquanto eu tentava recuperar Anthony.

— Sei isso agora — disse ele. — Entendo.

— Não sei como tudo isso deu tão errado... — Ela engoliu o choro. — Dale sempre foi mais esperto do que eu. Sempre foi mais forte. Ele entrou na minha cabeça de novo. Ele e minha mãe, como sempre fizeram. Não previ nada disso.

— Ainda podemos recuperar Anthony — disse Will. — Me deixe ajudar.

— Eu só precisava de mais seis dias. Aí eu poderia encontrar Anthony, cuidar de Jo, ter certeza de que ela teria seu final feliz. — Angie fungou. — Alguém merece um final feliz, não? Alguém precisa... — Sua voz sumiu. — Não posso perder Anthony, querido. Já abandonei Jo uma vez. Não posso perder o filho dela.

— Não vamos perdê-lo. — As mãos dele estavam no ombro dela. Olhou bem para ela. — Quando disse que sua mãe enviou a foto de Anthony, estava falando de Virginia Souza, certo?

Angie ficou tensa.

— Certo? — repetiu ele.

Angie se soltou.

— Seu merda.

O rosto de Will registrou uma profunda satisfação. Pela primeira vez, tinha conseguido manipulá-la.

— Dale Harding era o cafetão de Angie — contou ele para Amanda. — Virginia Souza era quem ajudava. — Ele passou as mãos na camisa como se estivessem sujas. — Virginia está com Anthony. Foi ela que tirou a foto. Está com ele.

Angie olhou para ele.

— Eu odeio você, seu merda.

Ele olhou para ela com desprezo completo.

— Ótimo.

— Onde está Virginia Souza? — perguntou Amanda a Angie.

— Vai se foder, sua velha bruxa seca.

— Certo. Você já me cansou — disse Amanda para Faith. — Leve-a para a área de prisioneiros. Que tomem conta dela lá.

— Não! — Angie entrou em pânico. — Me deixe aqui em cima. Pode me algemar na cama de Jo se precisar.

— Onde está Virginia Souza? — Amanda tentou de novo.

— Ela não vai machucá-lo. Ele vale muito para o pai.

Angie tinha os braços cruzados na barriga. Estava apertando a ferida, fazendo o sangue escorrer. Virou novamente para Will.

— Tem um vídeo naquele iPad. Algo que vale muito dinheiro. Virginia sabe que eu tinha isso. Disse que trocaria Anthony pelo iPad. Eu deveria me encontrar com ela ontem de manhã, mas ela me enganou.

Ele não se moveu.

— Virginia ligou diretamente para Reuben Figaroa. É por isso que você queria minha intervenção. Eu consigo Anthony de volta para você e depois? Você vende o que tem no iPad? — disse Will.

— Não me importa o dinheiro. Você sabe disso, querido.

— Onde está Virginia Souza? — Amanda perguntou pela terceira vez.

— Não acha que estive procurando por ela?! — gritou Angie. — Ela está escondida. Não aparece nos lugares de sempre. Ninguém quis me dizer onde ela está. Estão com medo dela. Deveriam. — Angie limpou os olhos. Ela sempre evitava chorar. — Não dá para confiar nela. É uma puta fria. Ela não está nem aí para quem vai se machucar, especialmente se for uma criança.

Sara engoliu a ironia.

— Tem mais uma coisa — perguntou Faith para Angie. — Por que você veio para cá?

— Para me despedir de Jo, caso... — Angie olhou para o corredor. — Estava esperando pelo alerta de sequestro, mas não foi dado.

— Reuben não vai dar queixa do sequestro — avisou Faith. — Ele está tentando resolver tudo sozinho.

— Eu imaginei. — Angie pegou um lenço da bolsa. — Eu ia até a casa dele dar um tiro na cabeça do cara.

A forma casual como detalhou seu plano de matar um homem fez com que Sara ficasse gelada.

Angie assoou o nariz, gemendo pela dor em sua ferida.

— Sem Reuben, o iPad fica importante de novo. Eu poderia fazer o que queria no começo. Trocar o iPad por Anthony.

— Com Kip Kilpatrick? — palpitou Faith.

Angie ainda estava tentando chamar a atenção de Will. Ele deliberadamente não queria olhar para ela.

— Sei que te sacaneei, querido. Só estava tentando ajudar minha filha. Ela nem sabe quem sou eu.

O rosto de Will era uma pedra. Angie não tinha ideia do que tinha feito com ele. A única esperança de Sara era que essa clareza recém-descoberta durasse mais tempo do que a crise atual.

O telefone de Amanda tocou. Ela atendeu e ficou ouvindo o que lhe diziam.

— Reuben Figaroa saiu de casa — avisou ela, logo após desligar. — Laslo Zivcovik está no carro com ele. Estão indo para o oeste na Peachtree. Acabaram de cruzar Piedmont. Temos três carros atrás deles. O outro ficou na residência.

— Ele está saindo do centro, indo para o shopping. Lugar público. Muitas pessoas. É onde eu faria uma troca — comentou Faith.

Amanda olhou para o relógio.

— O shopping acabou de abrir. Não vai ter uma multidão.

— Ele está indo fazer um reconhecimento — disse Angie. — Por isso está levando Laslo. Reuben é doido por controle. Acha que a esposa foi assassinada. Alguém levou seu filho e está exigindo dinheiro. É por isso que eu queria negociar com Kip. Falei para Virginia que Reuben iria dar um tiro na cabeça dela se tivesse a chance.

— Não sei quanto tempo vai demorar para uma equipe da SWAT chegar lá — confessou Amanda. — A delegacia de Buckhead pode dar cobertura. Temos três agentes em três carros. Estamos no final da hora do *rush*. Vai demorar uma hora para chegarmos a Buckhead. Podemos ir com sirenes em parte do caminho, mas...

— Tem um helicóptero no terraço — informou Sara. Uma vez tinha voado na ambulância aérea para transportes de emergência. — O Shepherd Spinal Center tem um

heliporto. Isso vai diminuir a viagem para quinze minutos.

— Perfeito — disse Amanda. — Faith, algeme Angie na cama, peça que alguém do DPA cuide dela. Que não seja alguém ligado a Collier. Will vai comigo no helicóptero. Ele é nosso melhor atirador e Reuben não viu a cara dele. — Ela jogou as chaves do carro para Will. — Meu fuzil está no porta-malas. As balas estão em uma caixa. Pegue meu carregador rápido e um pacote de munição.

Instintivamente, Sara segurou o braço de Will. Tudo estava acontecendo muito rápido. Amanda estava falando em atirar em pessoas. Pessoas atirando de volta. Sara não queria que ele fosse embora. Não queria perdê-lo.

Will colocou as mãos no rosto dela.

— A gente se encontra em casa quando isso terminar.

CAPÍTULO TREZE

WILL ESTUDOU O MAPA na parede dentro dos escritórios de segurança do Phipps Plaza. Havia milhares de formas pelas quais a troca entre Reuben Figaroa e Virginia Souza poderia sair do controle. Deshawn Watkins, o chefe de segurança, delineou algumas para Amanda.

— Há quatro possíveis pontos de aproximação diretamente no nível três. — Deshawn apontou três escadas rolantes diferentes e o elevador que levava a todos os três níveis do pátio principal. — Aí tem outro conjunto de escadas rolantes, se você atravessar a loja Belk. Uma para cima, outra para baixo. Então, temos esse elevador aqui dentro da Belk, e outro elevador aqui na entrada da rua. Nenhum dos elevadores vai até a garagem, exceto esses aqui e aqui.

— Então, estamos de fato dentro de uma peneira — disse Amanda.

Ela olhou para o relógio. Achavam que o encontro aconteceria em no máximo meia hora.

— São 11h16. — Ela se virou para Will. — Se passarmos do meio-dia, vamos ter de repensar tudo. Não dá para saber quantas pessoas teremos aqui para almoçar.

— A maioria das pessoas que trabalha nas lojas, além de muitos jovens — disse Deshawn. — Esse lugar estará lotado meio-dia e meia.

Will esfregou o queixo enquanto estudava o mapa na parede. O layout não lhe era estranho. Ele já tinha ido ao Phipps com Sara mais vezes do que gostaria. O shopping tinha três níveis, montados como um bolo de casamento com a parte superior, a menor, voltada para frente. Havia um pátio aberto e redondo que atravessava os três andares. A balaustrada era de vidro com madeira polida e corrimão dourado. O elevador tinha uma parede de vidro. Will não conseguia parar de pensar na boate de Marcus Rippy, apesar daquele ambiente ser o exato oposto. Os pisos brilhavam de tão limpos. Claraboias deixavam entrar a luz do sol.

Reuben Figaroa se sentou na praça de alimentação no terceiro nível, o mesmo lugar onde estava desde que chegou. Havia escolhido uma boa localização para fazer a troca. Ou talvez Virginia Souza tivesse escolhido o lugar. Mesmo em uma quarta-feira, o

último andar era a meca das crianças pequenas. A Legoland Discovery Center organizava a “hora das crianças” toda quarta-feira de manhã. O cinema tinha uma maratona de desenhos animados. As crianças não eram o único problema. Havia uma praça de alimentação grande e aberta com várias redes de fast-food. Pelo resto do shopping havia gente mais velha andando e consumidores vendo as vitrines das mais de cem lojas.

Se Will fosse trocar uma criança por dinheiro, aquele era o melhor lugar.

Mais uma vez, ele não sabia se Reuben Figaroa estava disposto a fazer uma troca.

Um lugar público. Um homem controlador que tinha muitas armas. Um garotinho aterrorizado. Uma mulher que tinha passado a vida machucando crianças.

Isso poderia funcionar muito bem ou terminar em caos.

Will caminhou mentalmente pelo melhor cenário: Souza entra no shopping com Anthony. Os policiais recuperam a criança e devolvem para o pai. Segundo melhor cenário: Souza consegue enganá-los antes de chegar à praça de alimentação, ela troca Anthony pelo dinheiro, os policiais a isolam no segundo andar, fazem a prisão.

Will não queria pensar no pior cenário, aquele em que Reuben, que não tem problemas em bater em mulheres, exigia vingança. Aquele em que Virginia Souza tinha uma arma ou uma faca e uma criança nas mãos. Aquele em que eles iam para outro local onde não havia controle algum.

E também havia Laslo.

Havia a possibilidade de que Souza tivesse um cúmplice.

Como Mãezona, ela podia escolher jovens garotas que viriam negociar no lugar dela. Qualquer uma delas — quaisquer duas ou três delas — poderia fingir ser uma das jovens mães na praça de alimentação.

As garotas de Souza tinham muita experiência nas ruas. Sabiam reconhecer um policial. Podiam avisá-la. Iam ganhar se a troca desse resultado. Eram todas bravas, como Angie, endurecidas, más e desesperadas para fazer o que fosse preciso para proteger a família.

— Ela não vai de elevador — comentou Amanda. — Não é bom para uma fuga rápida.

— Não faria sentido descer até o estacionamento. — Deshawn apontou para o mapa de novo, o elevador de vidro no pátio. — Ela teria de descer dois andares, aí essa seria a saída mais próxima. Mas podemos evitar que os elevadores desçam até a garagem se quiserem.

— Faça isso — disse Will. — Reuben está com um suporte de plástico no joelho. Ele não vai conseguir andar rápido.

— Vamos torcer para não precisarmos seguir Reuben para fora do shopping. Como você sairia daqui? — Amanda perguntou para Deshawn. — Desceria as escadas rolantes até o segundo andar e depois?

— O primeiro andar é a única saída. — Deshawn ainda apontava para o mapa. — Se formos para a garagem, há doze saídas para a rua. Belk, Saks e Nordstrom possuem três cada uma. Temos mais duas entradas na Monarch Court e mais uma na Avenida do Sul. Elas levam ou para Peachtree ou para a interestadual. Eu pegaria essa saída perto do caixa do estacionamento.

— Faz sentido — confirmou Amanda. — O carro de Reuben está estacionado na frente da Saks. Ele pega a direita, entra no carro e aí sai na interestadual.

— Indo para casa? — sugeriu Will, mas o olhar de Amanda dizia que não achava que aquilo era provável.

O rádio fez um barulho. Ela caminhou até o outro lado da sala, verificando como estava sua equipe. Doze policiais do DPA uniformizados, da delegacia de Buckhead, estavam espalhados pelo shopping. A SWAT estava no teto e posicionada nos prédios da esquina. A segurança do shopping fazia suas rondas normais para não levantar suspeitas. Os três agentes da AIG que seguiram o carro desde a casa de Reuben estavam espalhados perto dos elevadores. O quarto estava seguindo Laslo, que estava examinando o shopping durante uma hora e meia.

Angie estava certa sobre Reuben Figaroa. Ele havia chegado cedo para ganhar uma vantagem tática. O que era bom, porque dera a Amanda tempo para posicionar seu pessoal também.

A maior preocupação de Will era se Virginia Souza tinha feito o mesmo.

Tudo que eles tinham para identificar a mulher era sua última foto de prisão, que tinha acontecido há quatro anos. Seu cabelo comprido castanho e fibroso, com a maquiagem besuntada, lembrava os personagens de prostituta velha nos filmes. Se Souza fosse inteligente como Angie disse, sabia que não tinha como caminhar no Phipps Plaza assim. O shopping era muito chique para que ela passasse despercebida.

— Podemos chamar a manutenção, talvez interditar aquela escada rolante, para que pareça que está quebrada — sugeriu Deshawn.

— Acho que Reuben poderia desconfiar — disse Will.

— Ele não parece apreensivo.

— Não — concordou Will.

Mas isso não era necessariamente algo bom. Um homem controlado era um homem que já tinha se decidido.

Eles poderiam deter Reuben. Não era preciso uma razão para fazer isso. Mas aí Souza poderia ter alguém vigiando que a avisasse e, da próxima vez que vissem Anthony, ele

estaria em uma vala ou na internet.

Will olhou para os monitores de alta definição na parede. As telas eram coloridas. Não havia necessidade de ir passando pelas várias câmeras de segurança. Havia dezesseis telas. O maior monitor, o que estava no centro da parede, mostrava Reuben Figaroa.

Ele estava sentado no fundo da praça da alimentação, um andar acima de onde estava Will. O pátio aberto estava atrás dele. Não havia como Reuben escapar pela lateral. Nem mesmo uma estrela de basquete poderia sobreviver a uma queda de três andares. Felizmente, as mesas ao lado dele estavam vazias. As outras pessoas mantinham distância. As mulheres pareciam suspeitar de um homem sentado sozinho no lugar a que tinham trazido seus filhos.

Reuben tinha vindo disfarçado, um boné cobrindo a careca. Tinha um laptop na mesa na frente dele. Estava enfiado na cadeira em uma tentativa de esconder seu tamanho. Seu cavanhaque tinha crescido e agora a barba cobria todo o rosto, porque era um daqueles caras que precisam fazer a barba a cada quatro horas. Vestia camiseta e jeans pretos, não exatamente roupa de combate, mas bem perto disso. Havia uma sacola de lona grande nos pés. Por causa da camiseta, eles sabiam que não estava carregando sua arma, mas a sacola era grande o suficiente para acomodar um fuzil, uma metralhadora automática, um revólver ou os três.

Amanda desligou o rádio.

— Laslo acabou de sair do shopping — contou para Will. — Levou o carro para o Ritz Carlton. Deixou no estacionamento. Acho que vai acontecer agora.

— Ele vai sair pelo lado da Nordstrom para chegar ao Ritz — disse Deshawn.

— Vou avisar a SWAT. — Amanda deu o rádio para Will, depois foi até a porta. — Faith está subindo. Vou assumir meu lugar. Will, fique pronto para agir quando for preciso. Com calma e tranquilidade.

Deshawn pegou o telefone.

— Vou falar com a segurança da Nordstrom que achamos que vai acontecer alguma coisa — disse ele para Will.

Will olhava os monitores. O escritório de segurança estava bem ao lado de uma escada rolante que levava ao último andar. Amanda se segurou no corrimão enquanto subia. Como Reuben, ela estava disfarçada, vestida com um casaco azul e uma camiseta branca que tinha conseguido em uma das lojas. Não havia nada em sua bolsa grande além de seu revólver e três carregadores. Estava usando óculos. Um chapéu branco mole na cabeça. Como todo mundo da equipe, tinha um fone que funcionava como rádio, captando sua fala através da vibração do queixo.

Em vez de caminhar na direção de Reuben, ela se sentou em uma das mesas em frente à Belk, a uns vinte metros. Ficou de costas para ele. Phil Brauer, um dos agentes que veio

de carro atrás deles, já estava na mesa com dois copos de café. Eles combinavam, passando por um velho casal aposentado com tempo livre.

— Estamos posicionados — disse Amanda.

— Tem certeza de que não devemos tirar todo mundo daqui? — Deshawn perguntou Will.

— Ela vai perceber.

— É um grande risco.

— Temos alguém dentro da Legoland, outro no cinema. Vamos trancar tudo no momento em que houver algum sinal de problema.

— E as pessoas? — Ele apontou para o monitor mostrando a praça de alimentação. — Há pelo menos umas dez ali.

Will tinha contado nove, incluindo uma mesa de quatro jovens mães com bebês em carrinhos. Amanda tinha se colocado entre as mulheres e Reuben Figaroa.

— Se não agarrarmos essa criança hoje, a mulher que está com ela vai vendê-la para o pedófilo mais próximo.

— Jesus... — Deshawn tomou um tempo para processar aquilo. — Qual é o seu plano se ela tentar fugir com a criança? Levá-lo como refém ou algo assim?

Will bateu no fuzil que estava no seu ombro.

— Jesus — repetiu Deshawn.

Faith entrou na sala. Estava usando o terno preto que deixava no porta-malas do seu carro em vez da camisa azul e cáqui da AIG. Tinha a arma na cintura. Cumprimentou Deshawn.

— O que temos? — perguntou ela a Will.

— Amanda está aqui com Brauer. Ela se colocou entre Reuben e essa mesa. — Ele apontou para as quatro jovens mães. Estavam rindo. Uma delas amamentava seu bebê. Outra estava no celular.

— Elas podem se esconder dentro da Belk se algo acontecer — disse Faith.

— Temos um cara dentro da Legoland — avisou Will. — A segurança da loja sabe que deve fechar a porta se tiver algum problema. Estão mantendo as crianças no fundo, onde há uma festa de aniversário. A loja de presentes está na frente, então não há a possibilidade de problemas ali. O mesmo com o cinema. Os desenhos terminam ao meio-dia, mas temos alguém do DPA dentro, atrás do balcão da lanchonete e na saída do shopping, pronto para trancá-los no lugar. — Ele mostrou o mapa na parede. — Temos as escadas rolantes cobertas aqui, aqui, aqui e aqui. — Apontou para as áreas correspondentes. — Laslo está estacionado do outro lado da rua aqui. A SWAT está do lado de fora.

— Eles são bons. Não vi ninguém.

— Demos a todos os gerentes de lojas a foto de Souza. Dissemos para não tentarem se aproximar dela. Não queríamos que passassem as fotos para os vendedores e começassem um monte de fofoca.

— Ela não vai se parecer com a foto que temos.

— É a única que temos.

Faith olhou para Reuben Figaroa.

— Não estou gostando daquela sacola de lona. Mesmo com um milhão em dinheiro, não devia ser tão grande.

Will seguiu o olhar dela para os monitores. Reuben ainda estava sentado na mesa olhando para o laptop.

— Tínhamos um dos nossos caras sentado perto dele, mas Reuben se assustou, então mandamos que saísse.

— Ele não conseguiu ver o que havia na sacola?

— Não, mas Reuben está olhando para fotos da esposa e do filho no laptop, repassando todas elas muitas vezes.

— Quem é essa?

Will olhou para o monitor grande. Uma jovem estava caminhando na direção de Reuben. Ela se sentou a três mesas de distância. Sua cabeça estava inclinada para o celular. Fones brancos desapareceram no cabelo dela. Estava usando o mesmo que a maioria das outras mães, alguma variação de roupa de ginástica.

Reuben olhou para a mulher por um bom tempo antes de voltar ao laptop.

— Os sapatos dela não combinam — comentou Faith.

Will olhou para os sapatos vermelhos. Eram mocassins.

— Você está dizendo isso porque ela não está usando tênis?

— Uma mulher que pode se sentar em um shopping na quarta-feira de manhã com roupas de ginástica não compra sapatos no Walmart. E outra: por que está aqui se não tem uma criança?

Will reparou nas outras mulheres da praça de alimentação. Todas tinham alguma criança perto delas, seja por estarem segurando um bebê ou arrastando um mais velho da Legoland.

— São 11h28 — disse Deshawn.

— Jaqueta verde. — Faith se aproximou dos monitores. — É uma mulher, certo?

Uma mulher com jeito andrógino estava esperando na porta do elevador no primeiro andar. Usava óculos escuros e um boné de beisebol com a aba abaixada sobre os olhos. A calça jeans era azul-escura. A jaqueta verde-escura estava fechada até quase o pescoço. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos.

— Ela não trabalha aqui — informou Deshawn. — Pelo menos, eu nunca a vi.

— É Souza? — perguntou Faith. — Ela poderia ter deixado a criança em algum lugar, talvez em um carro do lado de fora.

Um segundo local. O pior dos piores cenários.

Will pegou o rádio.

— Precisamos dar uma busca na garagem. Procurar Anthony em um carro estacionado.

A mulher apertou o botão do elevador de novo. Suas mãos voltaram aos bolsos da jaqueta. Havia algo furtivo em seus movimentos. Estava nervosa.

— Podemos ter alguém no elevador — disse Will no rádio outra vez. — Jaqueta verde. Atenção.

— Entendido — disse Amanda.

— Ela não parece jovem demais? — Faith praticamente estava com o nariz tocando o monitor. — A forma como anda. Não está falando no celular nem ouvindo música. Está quente demais para essa jaqueta.

— Vamos ver o rosto dela quando entrar no elevador — disse Deshawn.

A porta se abriu. A mulher de jaqueta verde não olhou para cima quando entrou. Ficou com a cabeça abaixada, as mãos ainda enfiadas nos bolsos. As portas começaram a fechar, mas ela esticou o braço, para impedir.

— Merda — disse Faith.

Outra mulher entrou no elevador. Alta, rabo de cavalo loiro, vestida com uma camiseta gola V e short de corrida. Estava tentando entrar com um carrinho de dois lugares no elevador. Havia um bebê na primeira cadeira. Uma garotinha vestida como um personagem do filme *Lego* dormia na segunda.

— Não estou gostando disso — comentou Faith. — São duas crianças. Dois reféns.

Enquanto olhavam, a mulher de jaqueta verde se abaixou, agarrou a frente do carrinho e puxou para o elevador. Houve uma troca de gentilezas antes de a porta se fechar. Elas foram para o terceiro andar em silêncio.

— Ela ainda não está olhando para a câmera — observou Faith. — Ninguém fica com a cabeça abaixada por tanto tempo assim.

Will falou no rádio.

— Jaqueta Verde, saindo do elevador.

Phil Brauer se levantou da mesa. Ele estava com o copo de café na mão. Caminhou até o elevador e jogou o copo no lixo. As portas se abriram. A primeira mulher saiu e caminhou para o cinema. Brauer se sentou em outra mesa. Colocou o fone no ouvido. Will ouviu a voz dele no rádio.

— Não dá para ver com o chapéu. Ela tem cabelo escuro. Parece da idade certa.

Todos se aproximaram das telas. A mulher de jaqueta verde parou na frente da bilheteria. Levantou a cabeça para ver o cartaz que mostrava os horários dos filmes.

— É ela? — perguntou Faith. — Não consigo...

— Contato — disse Amanda.

Reuben Figaroa estava se levantando.

A loira com o carrinho duplo estava de pé do outro lado da mesa dele.

Virginia Souza.

A sacana tinha se arrumado bem. Tinha pintado o cabelo de loiro em vez de descolorir. Sua maquiagem era pouco chamativa. As roupas acentuavam seu corpo, mas não mostravam muito. O rabo de cavalo dava um ar mais juvenil. Ela já tinha estado ali antes, estudado as outras mulheres para ter certeza de que iria passar despercebida no meio delas.

— É Anthony — disse Faith.

Ela tinha razão. Anthony estava na parte de trás do carrinho, com uma roupa rosa. As pernas estavam dobradas, ele era muito grande para o assento. Os olhos estavam fechados. Tinham o mesmo formato dos de Angie. A cor da pele também era igual. O mesmo perigo.

Will falou no rádio.

— É ela. Tem Anthony e outra criança no carrinho. Há uma segunda mulher, provavelmente de apoio, a três mesas de distância, sapatos vermelhos.

— Time Alfa, time Delta, alvo à vista — disse Amanda.

Ela estava bloqueando Legoland e o cinema.

— O que eles estão conversando? — perguntou Faith. — Estão parados ali.

Havia obviamente uma curta troca de palavras acontecendo entre Reuben e Souza. Will viu os punhos do homem se fecharem com força. Ficou olhando para o filho, depois para Souza, como se não conseguisse decidir se perder Anthony valia a pena em troca do prazer de matá-la.

— Ela contou sobre o apoio — conjecturou Faith. — É o único motivo pelo qual ele não está em cima dela. A de sapatos vermelhos tem uma arma.

— O iPad — disse Will, porque sabia como essas mulheres trabalhavam. — Ela quer conseguir mais dinheiro dele. Acha que pode conseguir o iPad de Angie.

— Brauer enviou uma mensagem de texto — interrompeu Amanda. — Não consegue ouvi-los. Não consegue ver o que a de sapatos vermelhos está fazendo. Alguém consegue ver as mãos dela?

— Ela tem o celular no colo — disse Will para ela.

— A bolsa — disse Faith, porque como quase toda mulher ali, a de sapatos vermelhos tinha uma bolsa que poderia facilmente acomodar uma arma.

Phil Brauer moveu sua cadeira, ficando de lado. Estava segurando o celular como se precisasse de óculos para ler algo, usando sua visão periférica para olhar a mulher de jaqueta verde.

Ela ainda estava olhando os horários do cinema. As mãos ainda nos bolsos.

— Estão se sentando — disse Faith.

Reuben estava na cadeira dele. Ele não desmoronou como antes. Seus ombros estavam para trás. Suas pernas eram tão compridas que seus joelhos chegavam ao outro lado da pequena mesa. Souza teve de manter sua cadeira para trás para poder ficar de frente para ele. A boca da mulher continuava se movendo. Ela parecia não perceber o efeito que suas palavras estavam tendo.

— Isso está demorando muito. Ela lidou com homens praticamente a vida toda — disse Faith. — Por que não consegue ver que ele está a ponto de explodir?

— Entrem. — Deshawn parecia desesperado. — Por que vocês não estão se mexendo? Ninguém está armado.

— Você não precisa de uma arma para jogar um bebê por cima da sacada.

— Meu Deus!

Will olhou para a criança no assento dianteiro do carrinho.

— Consegue ver se o bebê está se mexendo?

Faith fez que não com a cabeça.

— Onde está a sacola de fraldas, os copinhos, os cobertores extras, as toalhas? — perguntou a Will.

— Acha que é um boneco?

— Por que ela traria um bebê? Dão muito trabalho. Isso está demorando muito — repetiu ela.

Reuben Figaroa parecia estar pensando a mesma coisa. Ele tinha as mãos unidas no colo. Não tinha pegado sua sacola de lona. Não estava falando. Olhava para Souza enquanto ela falava. Sua raiva era como uma terceira pessoa na mesa. Will quase conseguia ver uma manivela nas costas dele girando cada vez mais. Souza ou não tinha ideia do que estava fazendo ou achava que tinha todo o poder.

Reuben Figaroa não gostava de mulheres com poder.

— A de sapatos vermelhos está se levantando.

A jovem se levantou e caminhou até a escada rolante. Seu celular estava no ouvido.

Will ficou de olho em Virginia Souza. Ela estava avisando Reuben sobre algo, dando um ultimato. Tinha o dedo levantado. Ela não parecia perceber que a cadeira estava se movendo, aproximando-se da mesa.

— Ele colocou os pés ao redor das pernas da cadeira — alertou Will.

— O que ele está fazendo por baixo da mesa?

As mãos de Reuben estavam mexendo em algo, descascando algo.

Will encostou o rádio em sua boca.

Aconteceu tão rápido que ele não teve tempo de apertar o botão.

A cadeira de Souza foi puxada para frente, jogando-a para trás. Reuben enfiou uma faca longa direto na garganta dela. As mãos dela se levantaram. Ele agarrou os pulsos dela, segurando-os com uma das mãos enquanto com a outra esfaqueava várias vezes a barriga dela por baixo da mesa.

— Merda! — gritou Faith.

O sangue escorria da cadeira de Souza. Ela caiu para frente.

Reuben se levantou com a sacola de lona. Foi até Anthony.

— Cuidado! — gritou Deshawn.

A de jaqueta verde estava correndo em direção a Reuben. Uma Snake Slayer cano duplo. Dois tiros da pistola mandariam dez projéteis especiais voando pelo ar.

Phil Brauer correu para a mulher, mas não adiantou.

Reuben puxou uma Sig Sauer da sacola e atirou na cabeça da mulher.

— Avancem! — mandou Amanda. — Agora!

Will saiu correndo da sala, o fuzil nas costas. Faith estava atrás dele. Estavam a uns cinquenta metros do pátio, um andar abaixo da praça de alimentação. Sentia como se estivesse correndo em uma esteira quando circulou pela área aberta. Todo passo adiante parecia levá-lo dois para trás. Faith entrou no elevador para o terceiro andar. Will deu a volta do lado mais distante do local. Pegou seu fuzil, deslizou no chão de joelhos e assumiu posição atrás de onde estava Reuben Figaroa.

O cano do fuzil de Will estava descansado sobre a balaustrada. O olho na mira. A arma estava destravada. O dedo parado no gatilho.

Ele respirou fundo.

Trinta metros.

Podia acertar de olhos fechados, mas Reuben segurava Anthony no peito, o braço gigante apertando as costelas do filho. A ponta da Sig Sauer estava pressionada contra a têmpora de Anthony.

— Solta a arma — disse Amanda.

A postura dela era agressiva. Estava apontando o revólver, cinco metros do seu alvo. Faith tinha parado a escada rolante. Estava deitada nas escadas. Phil Bauer estava ajoelhado atrás de uma mesa. Eles tinham formado um triângulo, cercando Reuben. Como Will, estavam todos procurando a hora de atirar. Como Will, não estavam encontrando. Anthony cobria o coração do pai, os pulmões, a barriga, qualquer lugar que poderia pará-lo.

— Para trás, porra! — gritou Reuben.

Will olhou pela mira do fuzil. O dedo de Reuben estava ao redor do gatilho. Um simples movimento e a vida de Anthony estaria acabada. Will sabia que Amanda estava fazendo a mesma observação que ele. Se acertasse a perna de Reuben, ele ainda poderia apertar o gatilho. Se apontasse na cabeça e errasse, ele ainda poderia apertar o gatilho. Se acertasse a cabeça, ainda assim ele poderia apertar o gatilho. Se errasse o cálculo mesmo por uma pequena fração, poderia terminar matando uma criança de seis anos.

— Você está cercado — avisou Amanda. — Não tem saída.

— Saiam da porra do meu caminho.

Will ficou tenso. Reuben tinha reflexos de atleta. Em segundos, podia girar o pulso e atirar em Amanda e Will teria de tomar uma decisão.

Reuben caminhou na direção de Amanda. Ele mancava com o curativo no joelho.

— Para trás, vagabunda.

— Você não quer fazer isso. — Amanda se afastou. A visão de Will ficou obstruída quando ela passou na frente do elevador. — Abaixei a arma e vamos conversar.

Reuben continuou caminhando, Anthony bem preso ao peito dele. Will se aproximou dele, o fuzil no alto, torcendo por uma chance para atirar.

Reuben apertou o botão do elevador.

— Vou sair daqui.

— Largue o menino — pediu Amanda. — Largue e vamos conversar.

— Cala a porra da boca!

O som do pai gritando foi suficiente para acordar Anthony de seu estupor. Os olhos se abriram quando percebeu o que estava acontecendo. Ele começou a gritar, um som muito agudo como um animal pego em uma armadilha.

As portas do elevador se abriram. Reuben entrou. Will tinha uma linha reta através da porta de vidro do elevador. Mas ainda não conseguia atirar. Mesmo daquela distância, não tinha certeza se a bala atravessaria Reuben e mataria Anthony.

As portas se fecharam.

Will correu de volta pelo pátio. O elevador passou pelo segundo andar. Ele correu para a próxima escada rolante. Estava subindo. Will se jogou, pulando os degraus que subiam. Ele agarrou os corrimões, levantou as pernas e jogou o corpo pelo resto do caminho.

Os pés tocaram o chão bem quando as portas do elevador se abriram.

Anthony estava chorando. Ele lutava para sair dos braços do pai. Reuben fazia o possível para segurar o menino e a arma. Estava gritando para que o menino ficasse quieto. Will correu agachado, usando a parte de trás da escada como cobertura. A coronha do fuzil estava bem presa a seu ombro. Ele tinha um olho na mira.

Anthony continuava se debatendo, os braços abertos. Os pés se debatiam, acertando o joelho machucado do pai. Reuben o soltou.

Will mirou e apertou o gatilho.

O mundo parou de girar.

A coronha do fuzil deu um coice, batendo no ombro de Will. Houve um clarão no cano da arma. O cartucho foi ejetado do outro lado. A bala atravessou o ar denso como uma faca abrindo um saco de farinha.

O ombro de Reuben Figaroa foi jogado para trás. Ele se encostou nas portas do elevador e caiu no chão.

Will seguiu sua queda, apontando para um joelho. Começou a puxar o dedo no gatilho de novo, mas parou por causa de Anthony.

Reuben tinha a Sig apontada para as costas do filho. Sua pontaria estava firme. Will tinha colocado a bala no ombro errado.

— Venha aqui, garoto — disse Reuben.

Will estava a cinco metros de Anthony. Reuben a menos de um.

— Anthony — disse Will. — Corra.

Anthony não se moveu.

Will deslizou o joelho pelo chão, tentando conseguir um ângulo melhor. Os flancos de Reuben estavam protegidos pela profundidade do elevador. O único tiro que poderia acertá-lo tinha de vir de frente.

— Pare. — Os olhos de Reuben iam de Anthony a Will, depois para Faith.

Ela estava do outro lado da escada rolante. Outro triângulo, naquele momento com Reuben no centro. Will ouviu passos com a aproximação de mais policiais, mas não tirou os olhos de Reuben Figaroa.

— Anthony — mandou Reuben. — Venha aqui, garoto.

— Anthony, querido — disse Faith. — Vem comigo. Tudo bem.

Will deslizou um pouco mais. Seu dedo estava tenso no gatilho.

— Agora, droga! — gritou Reuben.

Anthony deu um passo para trás.

Will tirou o dedo do gatilho.

Reuben passou o braço machucado ao redor do filho. Anthony caiu sobre ele, a cabeça bloqueando o rosto do pai. A Sig pressionava a têmpora do menino. Anthony não lutou. Não falou nada. Tinha aprendido a ficar quieto quando seu pai estava bravo. Todo o seu medo se mostrava em seu lábio, que tremia como o da avó adotiva, e o olhar de resignação nos olhos que havia herdado de Angie.

Quando ela falava com Will sobre abuso e violência, nunca falava sobre aquilo. Só dava um conselho: “Tudo que você deve fazer é esperar até terminar.”

Anthony estava esperando pelo inevitável. Os gritos. Os golpes. O olho roxo. O lábio cortado. As noites sem dormir enquanto esperava a porta abrir.

— Afastem-se. — Reuben tinha de descansar sua mão no ombro do filho.

Ele estava respirando rápido. Saía sangue do buraco de bala logo abaixo da clavícula. Estavam no mesmo impasse do andar de cima, só que agora Reuben estava ainda mais desesperado.

— Abaixе a arma — disse Will. — Você não quer fazer isso.

— Merda. — A mão de Reuben começou a tremer. O sangue escorria pelo outro braço. Os músculos estavam se contraindo em espasmos, deixando o peito e os ombros tensos. — Com o que você me atingiu?

— Hornaday calibre 60 TAP Urban.

— Ações táticas. — As pálpebras dele pareciam pesadas. O rosto estava molhado de suor. — Penetração reduzida para ambientes urbanos.

Will usou o pé em que se apoiava atrás para empurrar o joelho para a frente. Ele não podia acertar de lado. Precisava se aproximar.

— Parece que conhece a munição.

— Viu aquela Snake Slayer que a vagabunda puxou?

— Provavelmente tinha cartuchos de .410 no carregador.

— Sorte que eu a parei. — O suor escorria pelos olhos de Reuben.

Will ficou imaginando se a visão do cara estava embaçando. Havia muitas coisas importantes perto da clavícula. Artérias subclávias. Veias subclávias. Sara saberia. Ela iria registrar tudo aquilo na autópsia de Reuben Figaroa, porque se o homem machucasse o neto de Angie, não sairia dali vivo.

— Vamos falar sobre isso — sugeriu Will. — Você vai precisar de cirurgia. Posso ajudá-lo.

— Chega de cirurgia. — Ele balançou a cabeça.

Piscava mais lentamente agora. O braço não estava tão apertado ao redor de Anthony. O cano da Sig estava para cima, mas Reuben ainda poderia colocar uma bala no cérebro do filho.

Will se aproximou.

Faith fez um barulho. Anthony olhou para ela. Will, não. Sabia que ela estava tentando chamar o garoto.

— Não. — Reuben ajeitou a arma.

— Qual é o repuxo do gatilho dessa Sig? — perguntou Will. — Dois quilos e meio, três?

Reuben assentiu.

— Por que não move seu dedo? Não quer cometer um erro.

— Não cometo erros.

Will se aproximou um pouco mais. Três metros. Se Reuben fosse um pouco mais para o lado... Will estava perto o suficiente para acertar a cabeça. Dar um. Receber um. Will não podia confiar na arma na mão de Reuben. Era a mesma situação do andar de cima. Ele podia virar a mão e matar Will. Podia virar de novo e matar Anthony.

— Você não está indo muito bem, cara — disse Will.

— Não estou — concordou ele.

O braço ao redor de Anthony começou a relaxar de novo. O menino podia se afastar, mas Reuben ainda podia atirar. Em Anthony. Em Will.

— Vamos falar sobre isso — repetiu Will.

Ele se aproximou mais um pouco. O fuzil estava bem na frente dele. Cem centímetros de arma. Uma das mãos no gatilho, a outra, no carregador. Will deslizou a mão um pouco mais pelo cano. Seu ombro poderia se deslocar se a arma disparasse. Ele curvou as costas, criando a ilusão de espaço extra.

— Não posso deixar meu garoto sozinho — comentou Reuben.

Will não conseguia olhar para a criança. Não conseguia ver os olhos de Angie o encarando.

— Não precisa levar Anthony com você.

— Não sobrou mais nada para ele — disse Reuben. — Jo está morta. Minha carreira está acabada. Esse vídeo é divulgado e minha liberdade acaba.

— Está vendo como estou perto? — perguntou Will.

As pálpebras de Reuben piscaram. Ele endireitou a Sig.

— Eu posso puxar o gatilho bem agora — explicou Will.

— Eu também. — A respiração de Reuben era superficial. Sua pele não tinha cor. Will conseguia ver cada poro em seu rosto, cada folículo de cabelo. — Não vou deixar meu filho sozinho. — Ele engoliu em seco. — Jo não iria querer isso. A mãe verdadeira dela a abandonou. Jo nunca iria deixar o filho.

Will se aproximou ainda mais. Pensou no motivo pelo qual Reuben estava fazendo aquilo, como a perda de controle tinha destruído sua vida.

— Como eu termino com isso, Reuben? Diga-me como salvar seu filho.

— Quem a matou?

Will tentou pensar na melhor mentira para contar para ele, a que evitaria que matasse seu filho. Que Jo ainda estava viva, que Reuben tinha algum motivo para viver? Que Jo estava morta, mas a mulher por trás do assassinato estava presa? Que era a mãe de Jo? Que tinha tentado resgatar o próprio neto?

Reuben estava ficando sem paciência.

— Quem, cara? Quem matou Jo?

— A mulher lá em cima. — Ele não sabia se tinha feito a escolha certa, mas tinha de continuar. — O nome dela era Virginia Souza. Uma prostituta que conheceu Jo na cadeia. Elas discutiram. Souza fez isso por vingança.

Para grande alívio de Will, Reuben começou a assentir, como se aquilo tivesse feito sentido.

— Foi por drogas? Por isso que brigaram?

— Foi. — Will se moveu outro milímetro, depois outro. Sua mão deslizou um pouco mais pelo cano da arma. Longe o suficiente para segurar o carregador. Ele não tinha como atirar com segurança. — Souza sabia que Jo era rica, que tinha dinheiro. Ela a seguiu até a festa. Sequestrou Jo. Levou Anthony.

Reuben assentiu de novo. O motivo era óbvio. Sua esposa tinha escondido seu vício. Esconderia outras coisas.

— A filha da puta está morta agora.

— É verdade — concordou Will.

— Jo também. — Ele parou para engolir. — Ela me traiu. Traiu tudo que tínhamos. Ela não me ouviu.

— É o que as mulheres fazem.

— Elas só tiram e tiram e cospem como se não fôssemos nada.

O cano da Sig estava para cima de novo, mas não muito longe da cabeça de Anthony. Reuben estava titubeando. Os músculos estavam se contraindo. Os nervos perdiam força. O dedo podia puxar o gatilho por um engano ou intencionalmente. Se estaria apontando para Will ou para Anthony quando acontecesse, seria uma dança delicada.

— Pare de se mover — ordenou Reuben.

— Não estou me movendo. — Will se aproximou.

A garganta de Reuben se mexeu.

— Ela escondeu de mim. Os comprimidos. Ela roubou aquele vídeo. Sei que foi ela que roubou. Arruinou minha vida e a do meu filho. — Ele engoliu de novo. — Meu filho.

Will estava perto o suficiente agora. Ele só podia agarrar uma coisa: a arma ou Anthony.

Anthony ou Will.

Tudo dependia do lado para o qual a arma estava apontando.

— Tudo bem. — Reuben estava olhando para Will, seus olhos estavam sem vida.

A boca estava aberta. Os lábios estavam azuis. Tinha dificuldade para respirar. Ele piscou, lentamente. Piscou de novo, ainda mais devagar. Piscou uma terceira vez e Will pulou, o braço avançando pelo ar, arrancando Anthony do caminho.

A cabeça de Reuben explodiu.

O sangue quente se espalhou pelo rosto e pelo pescoço de Will. Sentiu pedaços de osso na boca e no nariz. Os olhos estavam pegando fogo. Ele caiu para trás, derrubou o fuzil. Colocou a mão no rosto. Pedaços de músculo e tecido grudaram em seus dedos. Espirrou. O sangue se espalhou pelo chão. Quase não conseguia enxergar. Estava de pé, caminhando para trás como se pudesse se afastar da carnificina, mas ela estava toda sobre ele.

— Will! — Amanda o segurou pelo braço.

Ele tropeçou no próprio pé. Ela continuou empurrando, arrastando-o pelo pátio até um corredor onde ele se encostou na parede. Estava completamente cego. Estava pisando em um tapete. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. Lascas estavam machucando seus olhos — cacos dos ossos, dentes e cartilagens de Reuben Figaroa.

— Abaixese. — Amanda o puxou para baixo.

Água fria foi jogada sobre sua boca e seu rosto. Pedaços de matéria cinzenta deslizaram por sua pele. Ele viu uma luz. Piscou. Viu porcelana branca, uma torneira alta. Estavam em um banheiro. Ele estava abaixado sobre a pia. Will esticou a mão para o sabão. Arrancou o dispensador da parede. O saquinho estourou. Ele pegou muito sabão e esfregou o rosto e o pescoço. Arrancou a camisa. Esfregou o peito até a pele ficar vermelha.

— Pare — mandou Amanda. — Você vai se machucar.

Ela agarrou as mãos dele. Obrigou-o a parar antes que arrancasse a pele do corpo.

— Você está bem — avisou ela. — Respire fundo.

Will não queria respirar. Estava cansado de pessoas mandando que ele respirasse. Enfiou a cabeça debaixo de outra torneira em uma pia limpa. Bochechou. A água estava rosa quando cuspiu. Ele esfregou o rosto, arranhando a pele, para garantir que não havia mais nenhum pedaço de Reuben Figaroa nos olhos e no cabelo.

— Beba um pouco mais de água.

Ele tirou algo do ouvido. Parecia areia vermelha, parte de um molar.

Will jogou o dente contra a parede. Apoiou as mãos na pia. Sua respiração queimava os pulmões. A pele queimava. Gotas de água com sangue deslizavam pelo rosto e pelo pescoço.

— Está tudo bem — disse Amanda.

— Sei que está tudo bem.

Will fechou os olhos. Não estava tudo bem. Havia sangue para todos os lados. Nas pias. Em poças no chão. O banheiro estava congelando. Ele tremia de frio.

— Anthony? — Ele cerrou os dentes para que não tremessem.

— Ele está seguro. Está com Faith.

— Jesus... — murmurou Will. Ele tentou regularizar a respiração, conseguir controlar seu corpo novamente. Entrecerrou os olhos. — Não tinha certeza se Faith tinha linha de visão.

— Ela tinha. Eu tinha. Todos nós tínhamos. Mas ele foi mais rápido. — Amanda começou a tirar toalhas de papel do dispensador. — Reuben Figaroa se matou.

A cabeça de Will se levantou, surpreso.

— No segundo em que Anthony se afastou, Reuben colocou a arma debaixo do queixo e puxou o gatilho.

Will olhou para ela, não acreditando.

Ela assentiu.

— Ele se matou.

Will tentou repassar o filme em sua cabeça, mas tudo que lembrava era a preocupação passageira de que, ao tirar Anthony do caminho, o menino caísse e se machucasse.

— Você fez tudo certo, Will — disse Amanda. — Reuben Figaroa fez a escolha dele.

— Eu poderia ter salvado o cara.

Will enxugou o rosto com a toalha de papel. O papel áspero era como uma língua de gato. Olhou para baixo, esperando ver sangue, mas só encontrou a mancha escura da água.

Faith estaria lavando o rosto de Anthony em outro banheiro?

Quando a arma disparou, o menino estava tão perto de Reuben quanto Will. Por quantos anos o filho de Reuben sentiria as fibras nojentas do cérebro do pai pingando do seu rosto? Quantas noites ele acordaria gritando, com medo de que estivesse sufocando na matéria cinzenta e nos ossos que entraram em seu nariz?

— Will, como você poderia ter salvado ele?

Will balançou a cabeça. Ele tinha tomado a decisão errada. Sentiu isso quando a mentira saiu da sua boca.

— Reuben teria largado a arma se eu tivesse contado a verdade sobre Jo. Que ela estava viva. Que ele tinha algum motivo para continuar vivendo. — Fez uma bola com o papel. — Você ouviu ele falar que não queria deixar Anthony sozinho, que Jo não ia querer isso. Nunca teria puxado o gatilho se achasse que ainda havia uma chance de sua família ficar bem.

— Ou ele teria atirado em você. Ou teria atirado em qualquer um de nós, porque matou uma mulher a facadas dois andares acima da gente. Atirou na cabeça de outra. Bateu na esposa dele por quase uma década. Ameaçou matar o próprio filho. De onde você tirou essa ideia de que havia alguma ligação romântica entre Reuben Figaroa e sua esposa que poderia ser magicamente invocada e fazer tudo melhor?

Will jogou o papel no lixo.

— Se você ama alguém, não faz tudo que puder para machucá-lo. Não o tortura. Não o deixa aterrorizado ou faz com que viva em medo constante. Não é assim que o amor funciona. Não é como as pessoas normais agem.

Will não precisava que Amanda apontasse que não havia muita diferença entre Angie e Reuben.

— Obrigado, mas acho que não preciso da parábola do dia.

Amanda não respondeu. Estava olhando para o peito dele. Todas aquelas queimaduras redondas que os cigarros tinham deixado marcadas em sua pele. A tatuagem negra criada pelas queimaduras elétricas. As cicatrizes estilo Frankenstein pela pele que pareciam uma ferida que se recusara a fechar.

Antes de conhecer Sara, ele teria coberto seu corpo na mesma hora. Ali, só ficou intensamente desconfortável.

Amanda abriu sua jaqueta.

— Eu costumava ver você nos dias de visita.

Dias de visita. Ela estava se referindo ao orfanato. Will sempre ficava animado com as visitas até começar a ficar com medo delas. Todas as crianças tomavam banho e eram levadas para conhecer os possíveis adotantes. E crianças como Will sempre voltavam.

— Não pude adotá-lo. Eu era uma mulher solteira. Dedicada à minha carreira. Obviamente, não tinha condições de cuidar de nada. — Ela passou a jaqueta ao redor dos ombros dele. Suas mãos ficaram ali. Olhou para ele pelo espelho. — Parei de visitar porque não aguentava a ansiedade. Não a minha, que já era bem ruim, mas a sua ansiedade me deixava muito triste. Você queria tanto que alguém o escolhesse.

Will olhou para suas mãos. Havia sangue nas cutículas.

— Eu escolhi você. Faith escolheu você. Sara escolheu você. Deixe que isso seja suficiente. Aceite que você é muito valioso.

Ele usou o dedão para raspar o sangue. Sua pele ainda estava rosa. Tremeu de novo de frio.

— Ela vai ficar sozinha — disse ele.

Amanda o ajudou a vestir a jaqueta.

— Wilbur, mulheres como Angie sempre vão ficar sozinhas. Não importa quantas pessoas tiverem ao redor, elas sempre ficarão sozinhas.

Ele sabia disso. Tinha visto isso a vida toda. Mesmo quando Angie estava com ele, continuava sozinha.

— Você acha que temos um caso contra ela por deixar Delilah morrer no porta-malas do carro?

— Com a srta. Fulana de Tal como nossa única testemunha? Nenhuma filmagem, nenhum DNA, nenhuma impressão digital incriminadora, nenhuma arma, nenhuma

corroboração, nenhuma confissão? — Amanda riu com o despropósito de tudo aquilo. — Denny é quem vai sofrer. Posso evitar que seja preso, mas vai perder o emprego, a pensão, os benefícios.

Will não queria sentir pena de Collier, mas sentia. Sabia bem como era ser lançado aos lobos por Angie.

— Me deixe fechar isso. — Ela tentou subir o zíper da jaqueta. Não deu para subir mais quando chegou ao peito dele. Era muito curta. A cintura terminava acima do umbigo dele. — Vou ter de comprar outra camisa para você antes que possa sair. Você parece uma trabalhadora sexual filipina.

Falou isso pensando em sair, mas ele não queria que ela fosse ainda.

— Ela nunca vai pagar, não é? — disse ele. — Pelas pessoas que ela machuca. Pelos estragos que faz.

— Confie em mim, Will. A vida sempre obriga que você pague por suas atitudes. — Amanda deu um sorriso triste. — Ela vai pagar cada segundo do dia.

ONZE DIAS DEPOIS: SÁBADO

CAPÍTULO CATORZE

SARA ESTAVA NA COZINHA vendo as notícias do meio-dia enquanto comia uma tigela de sorvete. Depois de dez dias de especulação, Ditmar Wittich finalmente estava dando uma entrevista. Ele se sentou com um modelo em tamanho real do All-Star Complex atrás dele, tentando convencer que o projeto ainda era uma boa ideia. Poderia também estar falando qualquer besteira. O repórter só estava preocupado com frases que continham as palavras “Rippy” ou “Figaroa”.

— O complexo traria milhares de empregos para a cidade — disse Wittich.

Sara tirou o som da TV. Apesar do sotaque alemão, ela não tinha ideia de onde Will havia visto a referência a Goldfinger. Wittich era mais parecido com um Stromberg.

Ela jogou o resto do sorvete na pia. Não era a melhor escolha para almoço, mas era menos pior que beber álcool. Quando olhou de novo para a TV, a tela estava dividida entre Wittich e o vídeo que estava sendo chamado de “a violência Rippy”. Sara não queria olhar, mas não conseguia evitar. Quase ninguém no mundo conseguia. Alguém na AIG tinha vazado o arquivo do iPad de Angie. Amanda era quem tinha ficado muito brava, o que para Sara significava que ela se sentia culpada.

Angie estava certa, o vídeo era terrível, apesar de não ser pelas razões que tinha imaginado.

O vídeo que Reuben Figaroa tinha feito de si mesmo e de Marcus Rippy estuprando Keisha Miscavage drogada tinha estourado todos os recordes de visualização na internet. Infelizmente, as pessoas só falavam dos últimos três segundos de filmagem, quando, fora da câmera, uma porta se abre, uma mão agarra o iPhone de Reuben e uma mulher grita o começo do que é obviamente a expressão “filha da puta”.

O borrão rosa antes de o vídeo terminar quase não se vê a olho nu, mas, indo quadro a quadro, dá para ver o sapato de salto alto italiano feito sob encomenda acertando a cabeça de Keisha Miscavage. A cor do sapato é fúcsia brilhante. Há um R dourado enfeitando a parte de cima.

Will tinha reconhecido o sapato imediatamente. Gostava de sapatos. Ele lembrava que LaDonna Rippy tinha usado aquele modelo na única entrevista que seu marido dera

durante a investigação sobre o estupro.

Marcus Rippy estava dando entrevistas agora. Havia entregado sua esposa, insistindo que ele e Reuben estavam apenas se divertindo com Keisha Miscavage. O vídeo apoiava o que ele falava. Keisha estava drogada, mas não estava machucada antes de LaDonna entrar no quarto. De acordo com Marcus, foi LaDonna quem atacou a menina.

Então, aqui estava o novo caso de Will: LaDonna tinha dado uma surra em Keisha. LaDonna estrangulou, bateu e chutou a garota por mais de cinco horas. LaDonna causou marcas nas costas e nas pernas de Keisha e a colocou no coma que a deixou no hospital por uma semana.

As provas dos legistas comprovavam isso. O DNA de LaDonna tinha batido com o suor e a saliva encontrados no corpo da vítima. O DNA de Keisha foi encontrado em pontos de sangue nos sapatos cor-de-rosa de LaDonna. A promotoria não estava totalmente convencida — com o dinheiro de Rippy, não se podia ter certeza de nada —, mas havia também um padrão de comportamento documentado.

LaDonna Rippy era uma mulher ciumenta. Will encontrou três acordos fora dos tribunais anteriores em que as vítimas foram pagas para ficarem caladas. Uma mulher em Las Vegas ainda conseguiu contar sua história apesar de LaDonna ter quebrado seu queixo e arrancado alguns dentes. Outra mulher na Carolina do Sul, quinze anos antes, estava disposta a contar tudo. Talvez houvesse mais, porque sempre havia mais. Parecia que a esposa de Marcus Rippy estava querendo passar um longo tempo na prisão.

Se Marcus teria o mesmo era algo que dependeria do júri. O mundo poderia criar todos os tipos de desculpas quando um homem estuprava e surrava uma mulher. Mas não tantas quando era uma mulher que fazia isso.

Sara não podia se permitir cair naquele atoleiro depressivo de novo. Desligou a TV. Repassou sua playlist e colocou Dolly Parton. Chutou o aspirador de pó para a cozinha. Enrolou as mangas e começou a tirar tudo dos armários para poder limpá-los.

Isso era voltar ao seu nível normal de gerenciamento de estresse, apesar de ela ter passado muito tempo assistindo a *Buffy* na poltrona e bebendo muito álcool. Will passou muito tempo fechando o caso de Reuben Figaroa e abrindo novos contra LaDonna e Marcus Rippy. Voltar tarde do trabalho e retomar muito cedo o fizeram ficar na casa dele para não privar Sara de uma boa noite de sono. Eles estavam se privando muito mais do que isso. Outra coisa que estava dando errado. Sara sabia pelo seu primeiro casamento que essa era a forma mais garantida de parar de fazer sexo.

Mas sexo não seria mais que uma solução temporária. Havia questões maiores a se pensar, como o que aconteceu com Angie e Will, e o que houve entre Will e Sara. Ela não conseguiria resolver isso sozinha.

O telefone tocou. Ela bateu a cabeça em uma gaveta. Soltou uns palavrões enquanto pegava o celular na pia.

— Sou eu — disse Tessa. — Estou em um telefone público. Temos quatro minutos antes de o crédito acabar.

Sara desligou a música.

— Por que está me ligando de um telefone público?

— Porque sua preciosa sobrinha derrubou meu celular na privada.

Sara cobriu a boca para abafar a risada.

— É, é realmente engraçado que meu celular esteja enfiado na merda e que eu tenha de meter minha mão ali para pegar. — O trabalho missionário de Tessa tinha mais a ver com ajudar pessoas do que com não falar palavrão. — Estou literalmente no meio do nada. Não posso ir até uma loja e comprar um novo.

— Onde ela está agora?

— Provavelmente rabiscando meus livros e cortando minhas roupas. — Tessa suspirou. — Ela está com o pai, para que eu não a mate. E não me diga que eu também fazia essas coisas quando tinha a idade dela. Eu já ouço isso da mamãe.

Tessa foi mesmo bem bagunceira, mas mencionar a mãe era suficiente para acabar com qualquer vontade de provocar.

— Eu ouço muito também.

— Ela está preocupada com você.

Sara se levantou.

— Há uma linha tênue entre ficar preocupada e achar que sabe tudo.

— O que foi, Chaleira? A Panela não conseguiu ouvir. — Tessa mudou de assunto antes que Sara pudesse responder algo. — Você já teve a conversa com Will?

A conversa. Colocar tudo na mesa. Sara tinha tanto medo disso quanto Will.

— Dei um pouco de espaço para ele. Toda aquela coisa com Reuben Figaroa e Anthony e... — Ela não precisava lembrar os detalhes para Tessa. A história dos reféns no shopping tinha chegado até a África do Sul. — Eu não queria colocar mais pressão sobre ele. “Sinto muito por você ter testemunhado um horrível suicídio, mas vamos falar sobre nosso relacionamento.”

— Vai ter de falar sobre isso em algum momento.

— Para quê? O que vai acontecer é: vou falar o que tenho de falar e ele vai assentir e olhar para o chão ou para algum ponto atrás de mim e vai esfregar o queixo ou coçar a sobrancelha e, no final do dia, não vai me falar nada sobre como está se sentindo porque acha que pode fingir que nada aconteceu e que vamos ficar bem.

— Ohhh.... Não tinha me contado que Will era homem. Agora tudo isso de repente faz mais sentido.

— Ha-ha.

— Sissy, você fica repetindo o tempo todo que ele não fala, mas o que você fala para ele?

— Falei que estou dando espaço para ele.

— Sabe o que quero dizer. Estou vendo como você está sendo toda estoica e lógica, deixando que ele pense que isso é algum tipo de problema matemático que tem uma solução X ou Y quando, por dentro, você está a ponto de morrer, só que não fala isso para ele porque está preocupada em não parecer uma donzela em perigo. — Ela parou para respirar. — Olha, não tem nada errado em ser uma donzela. Não é uma coisa de homem/mulher. É uma coisa humana. Você gosta de cuidar dele. Gosta de sentir que ele precisa de você. Não é pecado deixar que Will sinta o mesmo.

Sara sabia o que Tessa ia falar em seguida.

— Você precisa mostrar como se sente.

— Tess, eu... — Ela tinha de falar a verdade, pelo menos para a irmã. — Sei que isso parece mesquinho, mas não quero sentir que sou a segunda escolha dele.

A resposta de Tessa não foi imediata.

— *Ele* é sua segunda escolha.

Ela estava falando de Jeffrey.

— Não é a mesma coisa.

— De muitas formas, é pior para Will. Não há nenhuma dúvida de que você ainda estaria com Jeffrey se ele estivesse vivo. Ponto para Will. Angie ainda está viva, mas ele escolheu ficar com você. Então, é muito mais como um divórcio, e você precisa aguentar a ex-esposa sacana dele, o que coloca você na mesma situação de exatamente metade da população feminina.

Sara encostou a cabeça nos armários. Olhou pela janela da sala de estar. O céu estava extremamente azul-claro. Ela ficou imaginando o que Will estava fazendo naquele sábado. A ligação da noite anterior havia sido bem superficial, um papo sobre planos futuros em que nenhum dos dois realmente parecia interessado.

— Toda pessoa tem questões — continuou Tessa. — Você tem toda sua questão com Jeffrey. Deus sabe que tenho as minhas. As pessoas têm bagagem. O próximo cara, se você decidir não continuar, terá bagagem. O papa tem bagagem. Jeffrey tinha bagagem. Não usou isso contra ele.

— Porque ele era meu — disse Sara e entendeu que era isso que mais doía.

Ela sentia ciúmes. Não queria ter de dividir nenhuma parte de Will com outra pessoa. A mente dele. O coração dele. O corpo dele. Ela queria tudo para ela.

— Sissy, não chore.

— Não estou chorando — mentiu Sara.

Gordas e estúpidas lágrimas estavam rolando por seu rosto. Ao pensar sobre isso, ela podia entender todas as razões pelas quais Will era o cara errado para ela. Mas aí pensava em perdê-lo e quase não conseguia encontrar um motivo para sair da cama.

O telefone começou a fazer um bipe, dando a elas o aviso de trinta segundos que o tempo estava acabando.

— Olha, você sabe quais são suas escolhas — disse Tessa. — Você pode se encontrar com Will e falar que o ama, que o quer na sua vida e que está triste sem ele.

— Ou?

— Você pode colocar Dolly Parton para tocar de novo e terminar de limpar seus armários da cozinha.

Sara olhou para a cozinha. Ela realmente deveria parar de ser tão previsível.

— Há uma terceira opção?

— Arrancar os pentelhos do saco dele.

Sara riu.

As duas ficaram esperando em silêncio os três bipes rápidos no telefone antes de a ligação cortar.

Sara desligou o celular. Olhou de novo para as janelas. Um pássaro flutuava no ar. Suas asas tremiam na brisa. Sara tinha saudades dos comedouros de passarinhos no quintal. Pensou nas casas para vender que olhara com Will no que parecia ser outra vida. Ela imaginou passar os fins de semana colocando comedouros de passarinho, lavando roupa e lendo na varanda enquanto Will trabalhava em seu carro.

Quando eles estavam parados na sala de espera da UTI do hospital, Angie tinha dito a Will que queria dar um final feliz para a filha dela.

Sara poderia dar isso a Will. Ela poderia dar tudo se ele deixasse.

Os cachorros se levantaram do sofá e foram até a porta. Os rabos balançavam alegremente, porque conheciam a pessoa que estava do outro lado.

Os primeiros pensamentos de Sara foram puramente instintivos. Seu cabelo estava preso como o de uma velha. Estava suada pela limpeza dos armários. O rosto estava vermelho de tanto chorar. Vestia uma camiseta e jeans rasgados. Até o sutiã dela era velho. Eles não estavam em uma relação há tanto tempo assim para Will vê-la daquele jeito.

Ela pulou da pia com a esperança de chegar ao banheiro antes que ele abrisse a porta. Só chegou até a sala de jantar.

— Oi.

Sara se virou.

Ele tinha um monte de menus de restaurante na mão.

— Estavam no corredor.

— Meu vizinho está viajando.

Will deixou os menus na mesa da sala de jantar. Levantou a chave do apartamento dela.

— Ainda posso usar?

— Claro. — Sara tentou esconder os rasgos no jeans. Arrumou a camiseta. Will tinha obviamente vindo da casa dele. Estava de jeans e com uma das suas camisetas de correr. A terceira opção de Tessa passou pela cabeça dela.

— Faith acabou de me ligar — contou ele. — Kip Kilpatrick morreu há vinte minutos.

Sara sabia que ele estivera no hospital nas últimas 24 horas. Estava realmente muito mal.

— Descobriram o que ele tinha?

— Ele ingeriu grandes quantidades de etilenoglicol. É encontrado em anticongelante e...

— Fluido de transmissão. — Sara se lembrava da garrafa vermelha diferente no porta-malas de Angie. — Ela vai se livrar dessa também, não vai?

— Não me importa. Quero dizer, eu me importo porque um homem morreu. Apesar de ser um safado. — Ele deu de ombros. — Faith diz que foi por causa da bebida isotônica. É vermelha, igual a fluido de transmissão e, aparentemente, o gosto é doce, então Kilpatrick não teria notado. Metade das garrafas na geladeira do escritório estava envenenada.

— Inteligente.

— É.

Os dois ficaram em silêncio.

Sara sentia que já tinha feito alguma variação daquela conversa na última semana e meia. Eles falavam sobre algo terrível que Angie tinha feito. Conversavam sobre o trabalho. Um deles dizia algo sobre comer, eles conversavam sobre algo ainda mais artificial, depois Will ia criar alguma desculpa de que precisava ir para casa terminar algum trabalho burocrático e Sara ia para o quarto ficar olhando o teto.

— Então, o que mais? — disse ele. — É hora do almoço. Está com fome?

— Eu poderia comer algo. Não tem nada em casa. Vou precisar tomar banho se formos sair.

— Senti saudade.

Sara estava chocada pela forma direta dele.

— Senti saudade da sua voz. Senti saudade do seu rosto. — Ele caminhou até ela. — Senti saudade de tocar em você. Conversar com você. Estar com você. — Ele parou a alguns metros. — Senti saudade de você rebolando quando estou dentro de você.

Sara mordeu os lábios.

— Estou tentando dar algum tempo para você, mas sinto que não está funcionando. Como se eu devesse começar a beijá-la até você me perdoar.

Se fosse assim tão fácil.

— Querido, sabe que não estou chateada com você.

Ele colocou as mãos nos bolsos. Não olhou para o chão. Não olhou sobre o ombro dela.

— Tenho uma data no tribunal no final do mês que vem. Existe algo chamado “divórcio sem consentimento”. Você coloca uma nota no jornal e, se não tiver uma resposta em seis semanas, o juiz pode conceder o divórcio.

Sara sentiu suas sobrancelhas se juntando.

— Por que não fez isso antes?

— Meu advogado disse que isso nunca iria acontecer. Juízes não gostam de trabalhar assim. Eles raramente concordam com isso. Pedi que Amanda cobrasse um favor e encontrasse um juiz que concordaria.

Sara sabia como era difícil para Will pedir ajuda.

— Desculpa se não contei tudo para você. Sei que não contar coisas para você é algo complicado. Desculpe.

— Obrigada. — Ela não sabia o que dizer, exceto isso.

Ele não tinha terminado.

— A forma como cresci... Era preciso esconder as coisas ruins. De todo mundo. Não tinha a ver só com pessoas que gostavam ou não de você. Se agisse ou dissesse algo errado, o comentário chegaria até a assistente social e ela ia colocar em um arquivo, e as pessoas, possíveis pais, queriam crianças normais. Não queriam problemas. Então, só havia uma escolha. Ou você assumia ser alguém ruim, deixando que eles soubessem que não se importava se fosse escolhido ou não; ou guardava os problemas para si mesmo e mantinha a esperança.

Sara não ousou responder. Ele raramente falava sobre a infância.

— Com Angie, qualquer coisa que eu contasse, ela encontraria uma forma de jogar na minha cara. Encontrava uma forma de me machucar ou me fazia sentir estúpido ou...

— Ele deu de ombros, provavelmente porque as possibilidades eram infinitas. — Então, eu escondia tudo, não importava se era importante ou inconsequente, porque era como eu me protegia.

Ele continuou olhando para ela.

— Sei que você não é Angie, e sei que não sou mais um menino vivendo no orfanato, mas o que estou dizendo é que isso é um hábito que tenho, de não contar as coisas. Não é um traço da minha personalidade. É um defeito. E é algo que posso mudar.

— Will... — Sara não sabia mais o que falar. Se ele tivesse falado aquilo duas semanas antes, ela teria se jogado nos braços dele.

— Eu trouxe isso para você. — Ele tirou uma chave do bolso. Deslizou-a pela pia. — Troquei as fechaduras. Instalei um alarme. Mudei a combinação do meu cofre. Tirei tudo que tinha a ver com ela. — Fez outra pausa. — Entendo que você precisa de tempo, mas precisa entender que nunca, nunca vou deixar você. Nunca.

Ela balançou a cabeça, pensando em como aquilo não fazia a menor diferença.

— Agradeço por isso, só que há mais coisas envolvidas.

— Na verdade, não há — insistiu ele, como sempre fazia. — Não precisamos discutir, porque o importante é como nos sentimos um em relação ao outro, e sei que você me ama, e sabe que amo você.

Tudo que Sara podia ver era um círculo gigante. Ele estava pedindo desculpa por não conversar sobre as coisas, depois dizia que não deveriam conversar sobre as coisas.

— De qualquer modo, vou embora agora, dar algum tempo para você pensar nisso. Talvez você comece a sentir saudades também. — Sua mão estava descansando na maçaneta. — Vou estar aqui quando decidir.

A porta se fechou atrás dele.

Sara olhou para a porta. Balançou a cabeça de novo. Não conseguia parar de balançar a cabeça. Era como um cachorro com um tique nervoso. Will tinha aquele jeito de não dizer as coisas diretamente que dava nos nervos.

“Vou estar aqui quando decidir.”

O que isso queria dizer?

“Aqui” de uma forma geral, como “estou aqui por você”, ou “aqui” como esperando agora mesmo ali no corredor que ela tomasse uma decisão?

E por que era uma decisão só dela, para início de conversa? O futuro da relação deles não deveria ser algo decidido juntos?

Isso nunca ia acontecer.

Ela se virou para a cozinha. Chaleiras e panelas estavam espalhadas no chão. O aspirador estava cheio de pelo de cachorro. Ela teria de limpá-lo antes de passar no armário. Ou poderia não fazer isso hoje, tomar um banho, sentar no sofá e esperar até uma hora razoável para começar a beber.

Os cachorros a seguiram até o banheiro. Ela ligou o chuveiro. Tirou as roupas. Ficou vendo a água cair, mas não entrou embaixo.

As palavras de Will ficaram se repetindo em sua cabeça em um *loop* infinito. As lembranças alimentavam sua irritação como um fósforo riscando a caixinha. Tudo que ele tinha oferecido foram vitórias de Pirro. Ele estava finalmente se divorciando de Angie, mas ela ainda estaria por aí. Trocou as fechaduras, mas ela encontraria uma forma

de entrar, como tinha feito antes. Colocou um alarme. Ela ia descobrir o código, como Will soube o código para destravar o celular dela. Disse que nunca ia deixar Sara. E daí? Nem Angie. Isso era um pouco mais do conto de fadas de Will, de que só precisava esperar e tudo se resolveria como mágica.

Sara desligou o chuveiro. Estava tão frustrada que suas mãos tremiam. Colocou o roupão quando voltou para o quarto e deitou na cama. Pegou o telefone para ligar para Tessa, mas aí lembrou que ela estava sem celular. Então percebeu que, se pudesse ligar, sua irmã só ia falar o óbvio: que, de sua maneira enrolada, Will tinha acabado de oferecer a Sara tudo que ela quis dele nos últimos dezoito meses e a resposta dela foi deixá-lo ir embora.

Sara se sentou na cama.

“Que estupidez”, pensou, mas ela não sabia se dizia isso para si mesma ou para Will.

Precisava analisar aquilo de forma lógica. As declarações de Will podiam ser interpretadas de duas formas. Uma: ele ia tentar ser mais aberto, mas preferia ter agulhas enfiadas em seus olhos do que conversar sobre o relacionamento deles. Duas: por que iriam falar sobre o que queriam quando já tinham tudo de que precisavam?

Um e dois. X e Y.

— Mas que droga — murmurou Sara. A única coisa pior que sua mãe estar certa era quando sua irmã mais nova estava certa.

Sara se levantou da cama. Fechou bem o roupão enquanto cruzava o corredor. Passou pela sala de estar. Os cachorros a seguiram até a porta. Suas orelhas se levantaram quando Sara colocou a mão na maçaneta.

Sua determinação começou a diminuir.

E se Will não estivesse parado ali quando abrisse a porta?

Muito tempo tinha se passado. Cinco minutos? Dez? Ele não estaria lá fora.

E se “aqui” significasse outro lugar?

A lógica dela tinha falhado, então, precisava se basear no destino. Se Will não estivesse no corredor, ela tomaria sua ausência como um sinal. Não era o destino deles. Ela era uma tonta. Angie tinha vencido. Sara deixou que ela vencesse porque estava ocupada demais repensando o que achava que queria em vez de parar e apreciar o que tinha.

“Mostre a ele como você se sente.” Tessa lhe disse que fosse mais vulnerável. Não havia nada mais vulnerável que abrir uma porta sem saber o que estava do outro lado.

Sara soltou o roupão.

Soltou o cabelo.

Abriu a porta.

Epílogo

ANGIE SE SENTOU EM UM BANCO de madeira no parque. As ripas estavam muito frias. Ela deveria ter colocado o casaco, mas o clima de janeiro era essa mistura estranha de frio de rachar na sombra e muito calor no sol. Angie escolheu de propósito um banco debaixo das árvores. Ela não estava se escondendo, mas não queria ser vista.

Sua posição oferecia uma clara visão de Anthony do outro lado do parque.

Seu neto. Não no papel, mas no sangue.

Ele estava no balanço, cercado por pelo menos dez outras crianças. Suas pernas estavam esticadas, a cabeça jogada para trás. Ele estava rindo, pois tentava ir cada vez mais alto. Angie não era nenhuma especialista, mas sabia que era assim que uma criança de seis anos deveria se comportar. Não sentado, encostado na parede, vendo como as outras crianças se divertiam, mas no meio delas, correndo, feliz como elas.

Ela esperava que o menino continuasse com essa felicidade por muito tempo. Seis meses se passaram desde que Reuben Figaroa tinha se matado. A mãe de Anthony quase tinha morrido. Ele foi prisioneiro de uma desgraçada sem coração por dois dias. Jo e Anthony se mudaram para Atlanta, de volta para Thomaston, onde vivia a família dela. Ele estava em uma nova escola. Teve de fazer novos amigos. O pai ainda estava nos noticiários, pois estavam sempre aparecendo novos pecados de Reuben Figaroa.

Mas ali estava Anthony, se balançando. Crianças eram como elásticos. Elas respondiam muito rapidamente. Só quando os anos comesçassem a passar que iriam reproduzir as lembranças.

Jo ainda era como um elástico?

Angie olhou do outro lado do balanço. Observou o grupo de mães na mesa de piquenique.

Jo estava sentada com elas, mas no canto. Seu braço estava em um gesso preso à cintura. Angie não sabia o prognóstico, mas achou que era um bom sinal que a mão de Jo ainda estivesse presa ao corpo. Também viu como bom sinal que Jo tivesse finalmente socializado com outras mulheres. O parque era um evento regular às tardes. Jo tinha se sentado distante por meses, sorrindo educada, assentindo sobre uma notícia ou um livro a várias mesas de distância. Estar sentada à mesa com elas agora, olhar para elas, conversar, tudo isso tinha de ser um progresso.

Angie não falou com a filha desde a noite que Delilah tentou assassiná-la. Pelo menos, não que Jo pudesse ouvir. A última coisa que Angie tinha dito para Jo quando a deixou no hospital foi uma lista de instruções. Angie já tinha ligado para Denny. Ele estava a caminho do hospital. Ng estava lá também, por isso tiveram de criar um roteiro para Jo que fosse crível: que ela foi atacada pelo namorado, ele desapareceu, ela não queria dar o nome dele, não queria prestar queixa e seu nome era Delilah Palmer.

Jo tinha feito bem sua parte, mas não sabia as outras coisas que Angie tinha feito, como limpar a bagunça na cena do crime, usar seu treinamento policial para esconder tudo e que levava Delilah para a última e mais miserável viagem de sua vida.

Angie ainda tremia ao pensar nas coisas que tinha feito com o corpo de Delilah. Não no fato de tê-la deixado morrer, porque a vagabunda merecia aquilo, mas nos machucados.

Claro, Angie era perigosa, mas não era doente.

O importante era que os fins justificavam os meios. Jo era a prova viva disso. Literalmente — ela estava viva. O resto, Angie não sabia. A mão de Jo ia se curar, ela esperava, mas suas feridas permaneceriam abertas não importava que bálsamo fosse usado.

Angie só podia adivinhar o que estava passando pela cabeça de sua filha no momento. Jo ainda se sentia culpada pelo que aconteceu com Reuben. Mais culpada ainda por se sentir aliviada com a morte dele. Estava preocupada com Anthony, os danos de curto prazo, os danos de longo prazo. Ela ainda não estava preocupada consigo mesma, mas se sentia exposta porque todo mundo sabia o que seu marido tinha feito com ela. Com Anthony. Com Keisha Miscavage. Com as outras mulheres. Porque, com o passar dos meses, começaram a aparecer outras vítimas. Marcus Rippey e Reuben Figaroa tinham levado o show para a estrada, drogando e estuprando mulheres por todo o país. Poderiam existir cerca de trinta vítimas.

Angie ficou imaginando se Jo sentiu algum conforto ao saber que Reuben nunca espancava as mulheres que estuprava. Isso era algo especial reservado para ela.

Se estivesse contando pontos, e Angie era o tipo que fazia isso, Keisha Miscavage era a verdadeira vencedora. O fato de que qualquer pessoa com um computador pudesse encontrar o vídeo de seu estupro no Google não tinha tirado a coragem da garota. Angie tinha acompanhado a história de Keisha nos noticiários. Voltara à faculdade. Estava livre de drogas. Ministrava palestras, falando com outras estudantes sobre estupro. As pessoas acreditavam nela agora, ou pelo menos mais pessoas acreditavam do que duvidavam. Uma mulher acusando um homem de estupro era uma puta louca. Duas mulheres, três mulheres, dezenas de mulheres poderiam estar certas.

Anthony pulou do balanço. Seu pé virou quando caiu no chão. Ele caiu de bunda. Jo se levantou, mas Anthony também. Limpou a areia das calças. Deu quatro saltos em ziguezague e já estava pronto para a próxima.

Jo só se sentou quando seu filho chegou à corda de escalar. Estava com a mão no peito. As outras mães estavam brincando com a preocupação dela. Jo sorriu, mas ficou com a cabeça baixa, cautelosa até com aquela pequena quantidade de atenção.

Angie queria que Jo fosse mais como Keisha. Enfrentasse o mundo. Mandasse todo mundo se foder, confrontasse, fosse forte como a mãe dela. Fizesse algo mais que se esconder.

Era timidez? Era medo?

Nos últimos meses, Angie estivera escrevendo mentalmente uma carta para Jo. Não estava sempre pensando no conteúdo. Não estava obcecada por isso. Ela só estava empacotando suas coisas para se mudar para um novo lugar ou estava dirigindo em seu carro novo e pensava em uma frase que funcionaria na carta:

Eu deveria ter ficado com você.

Nunca deveria ter abandonado você.

Eu a amei desde o momento em que gritou para aquele merda na Starbucks porque foi quando entendi que era minha filha.

Angie sabia que nunca iria escrever a carta. Não se quisesse dar a Jo seu final feliz. A tentação ainda estava presente. Angie era bastante egoísta, tinha o coração frio e, com certeza, tinha provado que não se importava em deixar algumas vítimas pelo caminho, mas, por enquanto, estava contente em fazer o que sempre tinha feito: olhar sua filha de longe.

Parecia que Jo estava bem. Ela saía mais. Às vezes ia até a cafeteria perto da escola de Anthony, onde ficava sentada por horas só porque podia. Outras vezes, ia até a igreja e sentava-se no último banco, as mãos cruzadas em seu colo enquanto olhava para os vitrais atrás do altar. Havia tias e primos e todo tipo de pessoas barulhentas e felizes, tanto que Angie não conseguia nem imaginar como seria passar o Dia de Ação de Graças e o Natal com elas. Anthony estava indo a uma escola particular em outro condado. Estavam seguros financeiramente. Jo não estava em nenhuma das contas de Reuben Figaroa, mas ainda estava casada com ele quando o maldito preferiu a saída dos covardes, e tinha herdado todos os seus investimentos, as propriedades, os carros, o dinheiro.

Angie tinha a própria herança também. De seu tio, o que era bastante irônico porque Dale nunca assumira a relação até a morte de Deidre, quando começou a enganá-la. O dinheiro que Angie tinha levado do Kia dele totalizava dezoito mil dólares. Junto com o

dinheiro na conta dela, tinha cerca de cinquenta mil para viver antes de descobrir o que fazer com o resto da sua vida.

Voltar a ser detetive particular? Voltar a dar golpes? Trabalhar com garotas? Vender comprimidos? Voltar para Atlanta?

Desde que Deidre morrera, ela não sentia que tinha tantas possibilidades. Desde os dez anos, Dale estava sempre ali, empurrando e puxando Angie, tratando-a mal. Mesmo quando ela conseguia escapar, Virginia sempre conseguia trazê-la de volta.

Em sua carta imaginária para Jo, Angie explicaria como Dale e Virginia tinham conseguido enganá-la. Que ela só tinha quatro anos a mais que Anthony quando isso aconteceu. Que estava vulnerável. Aterrorizada. Que fizera todo o possível para mantê-los felizes porque era tudo que tinha no mundo. Talvez ela até citaria LaDonna Rippy. A puta ia passar um bom tempo na prisão por causa dos seus sapatos, mas estava errada sobre a natureza dos danos. Algumas pessoas tinham buracos dentro delas que passavam a vida inteira tentando preencher. Com ódio. Com comprimidos. Com esquemas. Com ciúmes. Com o amor de um filho. Com o punho de um homem.

Angie criou o buraco dentro de Jo. Ela precisava aceitar essa verdade. Jo tinha seus pais adotivos. Teve uma vida normal. Mas no segundo que Angie deixara aquele quarto de hospital, Jo tinha começado a chorar. O velho ditado dizia que mulheres se casam com seus pais. Angie tinha a sensação de que Jo sentia atração por homens que eram mais como a mãe.

Não havia muitas desculpas para pedir, mas isso era o que Angie teria dito para a filha: a maldade não vem toda de uma vez. Os dominós vão caindo com o tempo. Você machuca alguém sem querer e ele o perdoa. Aí, você machuca de propósito e ele continua aceitando. Aí, você percebe que quanto mais o machuca, melhor se sente. Então, continua machucando e esse alguém continua por perto, e passam-se os anos e você se convence de que o fato de continuar ali significa que a dor que você causa é boa.

Mas você o odeia por isso. Pelo que faz com ele. Pelo que ele faz com você.

Uma brisa súbita e forte passou pela camisa fina de Angie. Ela olhou para a árvore. Plátano-ocidental, adivinhou, talvez com trinta metros de altura. Pequenos pontos de folhas mortas e ramos davam à cobertura a aparência de uma rede de cabelo. Um tronco enorme, raízes superficiais. O tipo de árvore que, por sua grandeza, iria acabar caindo durante uma forte tempestade.

— Anthony! — gritou Jo, bem alto.

Estava subindo pelo escorregador. Ele desceu com cara de culpado, pedindo desculpas. Jo voltou ao banco devagar. Ela balançou a cabeça. Estava sorrindo. Não um grande sorriso que mostrasse seus dentes, mas um sorriso que dizia que as coisas poderiam ficar bem.

Angie ficaria bem?

Ela estava pensando nessa carta quando a única carta que importava era a que Will tinha deixado para ela.

No minuto em que foi liberada da custódia policial, Angie correu até sua caixa postal. Precisava descontar seu último cheque de Kip Kilpatrick antes que a conta fosse fechada.

O cheque não estava lá.

Tinha encontrado uma carta de Will no lugar.

Não era uma carta, na verdade. Era mais um bilhete. Sem envelope. Só uma folha dobrada de uma página de caderno. Ele não tinha usado seu computador. Tinha usado uma caneta. Will nunca escrevia nada, só assinava. Ele tinha muita vergonha. A última vez que Angie viu sua letra havia sido no colégio, antes dos computadores, antes que alguém soubesse o que era dislexia e só pensasse que a letra infantil e rudimentar dele e os erros de ortografia significavam um baixo QI.

Típico de Will, seu bilhete era sucinto, tão breve quanto os que Angie tinha deixado no para-brisa de Sara.

“Está terminado.”

Duas palavras. Sublinhadas. Sem assinatura. Will sempre tinha evitado informalidades. Ela podia imaginá-lo sentado à mesa em sua casa, estudando o bilhete, suando com a ortografia, incapaz de saber se tinha escrito certo e orgulhoso demais para pedir que alguém revisasse para ele.

Sara não saberia nada disso. Era algo só entre eles.

— Mamãe! — O grito agudo fez com que ela pulasse. Três garotinhas começaram a correr, gritando o mais alto que podiam. Não parecia haver nenhum motivo, mas o som era contagioso. Logo todas as crianças estavam gritando.

Sua dica de que era hora de ir embora.

Angie caminhou até o estacionamento. O sol logo a aqueceu. Seu carro era um modelo antigo de Corvette que tinha comprado pela Craigslist. O dinheiro tinha vindo de um adiantamento que conseguira com o cartão de crédito de Delilah Palmer. Aquela safada não precisaria pagar a conta. Estranhamente, o carro fazia com que Angie se lembrasse de Delilah. Os pneus estavam péssimos. A pintura estava descascando. Mesmo assim, o motor fazia um barulho ameaçador quando ela virava a chave.

O interior tinha o cheiro persistente de um perfume. Não do dono anterior, mas de Angie. Ela ainda tinha meio frasco do Chanel nº 5 de Sara. O cheiro não combinava muito com ela, mas também não era perfeito para Sara.

Angie ainda estava de olho nela.

Tinha conseguido que Sam Vera conectasse as duas com a mesma tecnologia usada para clonar o computador de Reuben Figaroa. O conteúdo do laptop de Sara era atualizado em tempo real agora. Ela ainda escrevia e-mails doces e nauseantes sobre Will para a irmã.

“Quando ele me abraça, só consigo pensar que quero que isso dure para sempre.”

Angie tinha rido ao ler a frase.

Para sempre nunca durava tanto assim.

Sobre a autora

KARIN SLAUGHTER é uma das escritoras mais populares e bem-sucedidas do mundo, tendo alcançado o primeiro lugar em listas de mais vendidos em diversos países. Seus livros já foram lançados em mais de trinta idiomas, com mais de trinta milhões de exemplares vendidos. *Esposa perfeita* faz parte da série Will Trent, que já conquistou inúmeros fãs no mundo todo. Nascida na Geórgia, a autora mora em Atlanta, nos Estados Unidos.



PUBLISHER
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Clarissa Melo

PRODUÇÃO
Mariana Oliveira

COPIDESQUE
Fernanda Silveira

REVISÃO
Anna Beatriz Seilhe
Luana Balthazar
Isabela Sampaio

DIAGRAMAÇÃO E CONVERSÃO PARA E-BOOK
Abreu's System

CAPA
Maquinaria Studio